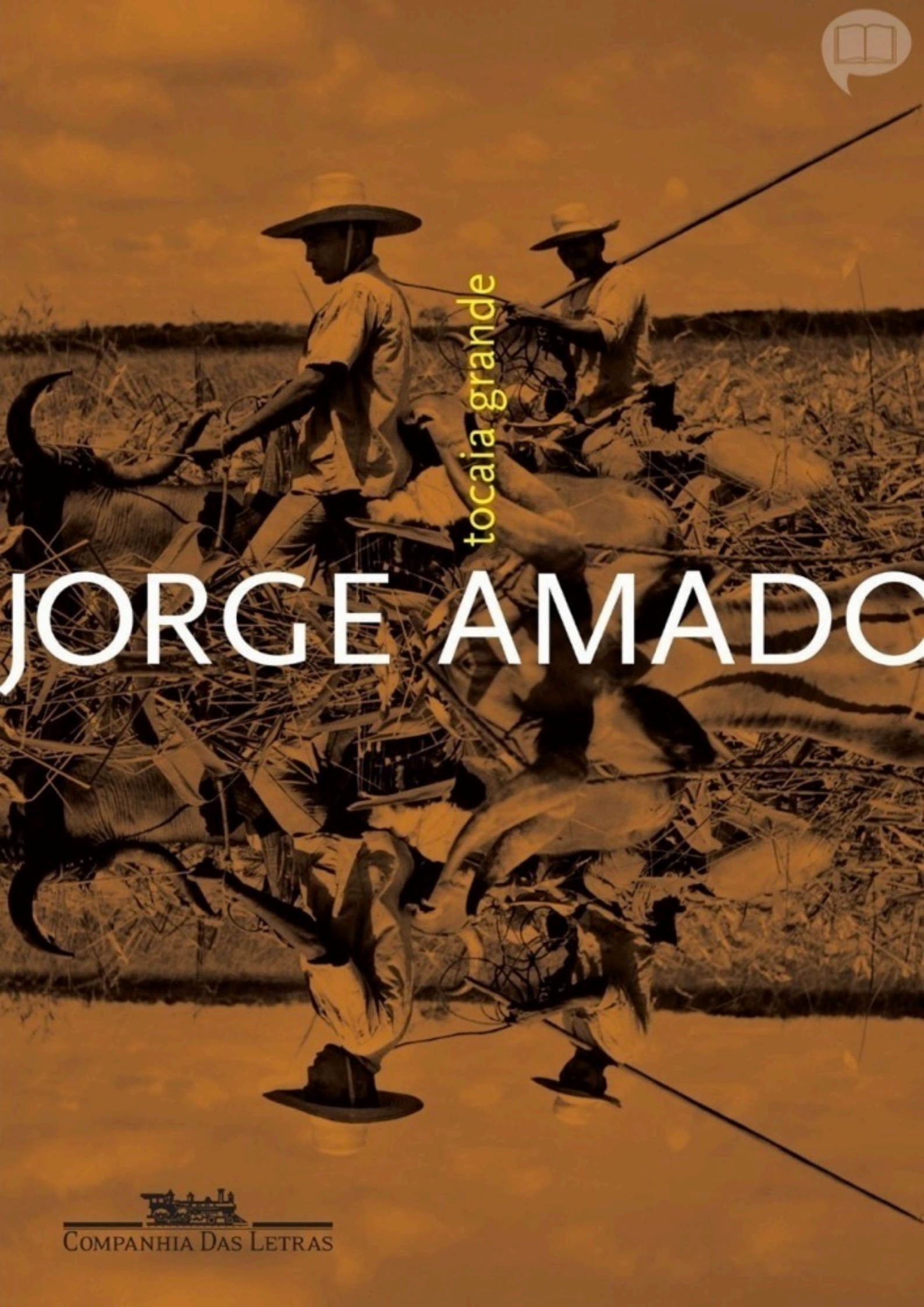

tocaia grande
JORGE AMADO
COMPANHIA DAS LETRAS

Depois de liderar uma tocaia sangrenta contra um inimigo de seu patrão, o jagunço Natário da Fonseca recebe alguns alqueires próximos ao palco da matança. Ali, passa a cultivar cacau. Agora proprietário de terras, Natário encomenda no Rio de Janeiro, então capital do país, patente de capitão. Assim, nos moldes de um coronel nordestino, começa a ampliar seus domínios e a impor sua autoridade.

O Lugar da Tocaia Grande cresce e de local de pernoite passa a lugarejo, depois a arraial. Recebe prostitutas, tropeiros, jagunços, ciganos e trabalhadores que perderam emprego nos latifúndios. Vários personagens compõem a história do povoado: Bernarda, afilhada e amante de Natário; Venturinha, filho do coronel Boaventura e bacharel em direito; a cafetina Jacinta Coroca; a feiticeira Epifânia; o negro Castor Abduim, conhecido como Tição, e o comerciante libanês Fadul Abdala. Aos poucos, de terra sem lei o povoado amplia-se até alcançar estatuto de cidade e receber o nome de Irisópolis.

Em Tocaia Grande, Jorge Amado descreve o processo de formação de uma cidade nordestina nascida sob o signo da violência e da disputa de terras. Romance caudaloso e panorâmico, revela a “face obscura” de um lugar em que a lei não vigora nem há presença formal do governo.

Na região cacaueira, a pequena cidade de Irisópolis é o microcosmo de uma sociedade de funcionamento tradicional e arcaico, que recebe os ventos da modernização sem perder a herança perversa. Apesar do progresso, da emancipação e dos elementos civilizatórios, o lugar vai conservar seus traços originais: o sangue derramado, a marca do pecado e a memória da morte.

“Alguns verbetes em dicionários e enciclopédias, certas notícias bibliográficas, fazem-me nascido em Pirangi. Em verdade sucedeu o contrário: vi Pirangi nascer e crescer. Quando por ali passei pela primeira vez, encarapitado no cavalete da sela de montaria de meu pai, existiam apenas três casas isoladas. A estação da Estrada de Ferro ficava longe, em Sequeiro de Espinho.”

(J.A. — “O Menino Grapiúna”)

“o cacau — fruto mor de teus abrolhos; o cacau
— vida vã e morte reta.”
(Hélio Pólvora — “Sonetos para o meu pai
morto”)

“A gente pôde com a enchente e com a peste; com
a lei não pôde não: sucumbiu.”
(Lupiscínio, sobrevivente)

Prefácio

As comemorações dos setenta anos da fundação de Irisópolis e dos cinquenta de sua elevação a cidade, cabeça de comarca e sede de município, alcançaram certa repercussão na imprensa do sul do país. Se para tanto o dinâmico Prefeito despendeu verba elevada, não incorre em crítica: tudo quanto se faça para divulgar as excelências de Irisópolis, o passado de epopeia, o presente de esplendor, merece aplauso e elogio. Além das matérias pagas, os jornais do Rio e de São Paulo divulgaram algum noticiário sobre os eventos principais que abrilhantaram os festejos, com destaque para as cerimônias, ambas solenes, da inauguração dos bustos do coronel Prudêncio de Aguiar e do doutor Inácio Pereira, erguidos um em cada praça, a da Prefeitura e a da Matriz.

A partir do revertério da situação política, com o fim do domínio da laia que assumira o mando após a morte dos Andrade, o pai e o filho, o fazendeiro mandou e desmandou na Intendência durante lustros, Intendente ele próprio ou preposto de sua escolha, parente ou compadre. Provas da capacidade administrativa do Coronel e de sua dedicação no exercício do poder ainda hoje são vistas e admiradas no perímetro urbano, inclusive a rua calçada com paralelepípedos ingleses — importados da Inglaterra, sim senhores! —, orgulho da população irisopolense, enquanto as acusações de desvio dos dinheiros públicos desvaneceram-se no passar do tempo.

Quanto ao esculápio, na qualidade de cunhado e conselheiro, de cidadão de aptidões singulares, exerceu os cargos mais elevados, assumiu as incumbências mais responsáveis, tendo presidido a comissão formada com o meritório objetivo de angariar fundos destinados à construção da Matriz, magnífico templo católico, outro orgulho da coletividade: símbolo da fé e do idealismo daqueles valentes que, empolgados com o denodo dos dois beneméritos pioneiros, colaboraram na colocação da primeira pedra da localidade. Administrador competente, o doutor encontrou maneira de erguer ao mesmo tempo a igreja e o elegante bangalô onde ainda hoje vivem descendentes seus; nem sequer, no auge das paixões políticas, se conseguiu provar qualquer dos múltiplos aleives assacados contra sua honestidade. Acusações fáceis, provas difíceis.

Foram escritos artigos laudatórios, recordando, com a ênfase e a retórica necessárias, os feitos do Coronel e do Doutor, páginas de civismo,

lições da História, exemplos para as gerações vindouras. Tudo como manda o figurino, para gáudio dos notáveis, da intelectualidade, da juventude — esperança da Pátria —, enfim de todos os que são capazes de reconhecer e aplaudir o heroísmo e o devotamento dos ínclitos antepassados à causa pública.

Assim, o Brasil inteiro, do Oiapoque ao Chuí, pôde contemplar, ao clarão do foguetório comemorativo, a refulgente face de Irisópolis, comunidade nascida do arco-íris em longínquo dia de bonança, de paz e fraternidade entre os homens conforme proclamou em poema de versos brancos o vate principal da região, cujo nome certamente já ouvistes pronunciar entre louvores.

Em seus textos comemorativos, literatos, políticos e jornalistas omitiram quase sempre o nome primitivo do burgo; razões óbvias relegaram-no ao esquecimento. Antes de ser Irisópolis, foi Tocaia Grande.

Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso.

O LUGAR

NATÁRIO DA FONSECA,
HOMEM DE CONFIANÇA,
ARMA UMA TOCAIA NUM LUGAR BONITO

1

Antes de existir qualquer casa, cavou-se o cemitério ao sopé da colina, na margem esquerda do rio. As primeiras pedras serviram para marcar as covas rasas nas quais foram enterrados os cadáveres no fim da manhã, hora do meio-dia, quando finalmente o coronel Elias Daltro apareceu cavalgando à frente de alguns poucos capangas — quatro gatos pingados, os que haviam permanecido na fazenda — e se deu conta da extensão do desastre. Não ficara um cabra sequer para contar a história.

O Coronel contemplou os corpos ensanguentados. Benito morrera com o revólver na mão, não tivera ensejo de atirar: a bala arrancara-lhe o tampo da cabeça, o Coronel desviou a vista. Compreendeu que aquela carnificina significava o fim, já não tinha meios para prosseguir. Trancou a aflição dentro do peito, não deu mostras, não deixou que os demais percebessem. Elevou a voz de comando, ditou ordens.

Apesar do temporal — chuva de açoite, nuvens negras, trovões espoucando na mata —, alguns urubus, atraídos pelo sangue e pelas vísceras expostas, sobrevoaram os homens ocupados no transporte dos corpos e na abertura das covas.

— Depressa, antes que a fedentina aumente.

2

Cavalgaram em silêncio até à entrada do pontilhão quando Natário, na vanguarda da escolta que fora buscar o Coronel no arraial de Taquaras, estação da Estrada de Ferro, retardou o passo da mula, colocou-se a par com o patrão, falou com voz mansa:

— Conheço um lugar muito conveniente, Coronel. Posso mostrar, se vosmicê quiser fazer um desvio, coisa de meia légua. Fica pouquinho mais adiante, subindo o rio.

Lugar conveniente? Conveniente, para quê? A informação do mameluco chegava tão a propósito que o coronel Boaventura Andrade sobressaltou-se. Dona Ernestina, sua santa esposa, entendida em espiritismo, afirmava que algumas pessoas tinham o dom de ler o pensamento dos outros. Em companhia do filho, Venturinha, estudante de Direito, o fazendeiro assistira num teatro da Capital a um espetáculo de prestidigitação e telepatia, ficara de boca aberta, bestificado com o tal de faquir e com a mulher dele, uma

louraça que merecia macho mais raçudo do que aquele magricela de barbicha espetada. Magricela, as faces cavadas, a tez de cera, ruim de carcaça mas um retado na adivinhação, lia os pensamentos ocultos nas cabeças alheias como se os lesse escritos numa folha de papel. Venturinha, pernóstico aprendiz de bacharel, garantiu que tudo aquilo não passava de truque mas não conseguiu provar, fornecer explicação convincente. O Coronel preferia não aprofundar essas incógnitas: de valentia quase legendária, nada nesse mundo o assustava; sentia porém um temor incontrolável ante as forças do sobrenatural. De um lugar conveniente estava precisado, como pudera Natário adivinhar?

Fitou o rosto do capataz, numa interrogação. Natário esboçou um sorriso. Face larga de índio, cabelos negros, escorridos, maçãs do rosto salientes, olhos miúdos e argutos. Ostentava o título de capataz e se bem exercesse o cargo a contento, responsável pelo trabalho nas roças de cacau, nos últimos tempos se ocupara sobretudo com a briga, entrevero mortal, que dividia os poderosos senhores. Tinha experiência, adquirida em situações anteriores, sempre a serviço do coronel Boaventura. De jovem fugitivo da justiça, Natário ascendera àquelas alturas: capanga, capataz, chefe de jagunços, homem de confiança, pau para toda obra. Pesava os fatos, tirava conclusões.

Atento às conveniências, o Coronel evitava falar em luta armada, referir-se a tiroteios, tocaias, encontros sangrentos com mortos e feridos. Por mais renhida fosse a desavença, para designá-la utilizava palavra que lhe parecia mais civilizada, menos violenta: política.

— A política está fervendo, seu Natário, temos de tomar providências senão acabam com a gente, política mais perigosa!

Pouco mais adiantara na conversa mantida com o capataz, uma semana antes, na varanda da casagrande da Fazenda da Atalaia, comentando as comprovadas notícias sobre os preparativos do coronel Elias Daltro, chefe político, senhor da Fazenda Cascavel, cujas plantações de cacau faziam divisa com as da Atalaia. Amigos e correligionários, os dois coronéis tornaram-se inimigos jurados, cada qual se considerando dono exclusivo daquela imensidão de terra devoluta, de mata cerrada, que se estendia da boca do sertão às margens do rio das Cobras.

— O vizinho perdeu a cabeça, mandou buscar jagunço até em Alagoas. Sergipano tem aos montes, nem dá pra contar. Seu Natário, preste atenção...

— Estou prestando, Coronel.

— Ou a gente se cuida, faz um plano, arma uma trampa bem armada,

ou se estrepa. Tenho de me precaver, em campo raso ninguém pode com o vizinho. — Dizia "vizinho" para não pronunciar o nome do desafeto,

Ficara nessas vagas referências, mesmo porque ainda não havia estabelecido o plano, imaginado a trampa, somente em Ilhéus concebera os detalhes. Como era possível então que o capataz se referisse a determinado lugar, respondendo à sua preocupação, à pergunta que ainda não lhe fizera?

Lugar muito conveniente, O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natário o dom de ler os pensamentos? Em se tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber. O capataz falara exatamente quando o Coronel refletia sobre a urgente necessidade de encontrar local adequado onde armar a trampa, operação principal do plano elaborado em segredo. Natário respondia diretamente a seu pensamento, antes que o Coronel abrisse a boca para anunciar a decisão tomada: — Conveniente, para que, Natário?

O sorriso se ampliou no. rosto tranquilo do mameluco. Não fossem os pequenos olhos penetrantes, passaria por indivíduo dócil e pacato, simplório. Apenas os que o conheciam de perto, os que o tinham visto em ação em momentos críticos, sabiam quanta capacidade de decisão e raciocínio, de valentia e comando se escondia sob a face estática.

— Para uma tocaia grande, Coronel. Melhor lugar, não conheço.

Coincidência, sem dúvida, não havia outra explicação. Ainda bem, pois se Natário adivinhasse pensamento alheio, não restaria escolha ao Coronel senão mandar liquidá-lo. O que seria uma lástima: cabra de tanta competência não se encontrava vagando nas estradas. Natário servia ao coronel Boaventura há mais de quinze anos, com uma lealdade repetidas vezes posta à prova: nas lutas passadas, por duas ocasiões lhe salvara a vida. Quando chegara à Atalaia pedindo couto — havia matado um comerciante numa casa de putas em Propriá — era um rapazola imberbe, ninguém daria nada por ele. Hoje, o nome de Natário corre mundo, respeitado, bem visto por uns, odiado por outros, temido por todos: quando abre a boca faz-se silêncio para ouvi-lo, quando saca da arma é um deus-nos-acuda, um salve-se-quem-puder.

Em troca da dedicação e dos bons serviços, o patrão lhe prometera um pedaço de terra, com escritura lavrada em cartório, no qual Natário plantasse roça de cacau, estabelecesse fazenda. Logo que o barulho terminasse, O Coronel não se arrepende da promessa: adivinho ou não, Natário era merecedor.

— Todo lugar serve para se armar uma trampa — o Coronel evitava

usar a palavra tocaia — basta uma árvore bem situada e um cabra bom na mira.

Natário abriu ainda mais o sorriso:

— Vosmicê está certo mas eu estou falando de uma tocaia grande que é do que nós precisa. Andam dizendo por aí que os homens que o coronel Elias contratou vão ir para Itabuna por esses dias, mais hoje mais amanhã. Pra cima de vinte homens... — reforçou a voz: — Com um pé de pau e um vivente não basta não senhor.

Estavam a par dos movimentos do coronel Elias, do recrutamento de jagunços, alguns vindos de longe, escolhidos a dedo para garantir a posse do advogadozinho de meia pataca, eleito Intendente com a caução do Governador. Por que diabo o Governador tomava partido naquela disputa que somente a eles interessava, aos senhores da região? Por que se metia a decidir se não tinha competência para tanto? O coronel Boaventura não desejava indispor-se com o Governador, mas a Intendência de Itabuna era assunto privativo, a ser decidido pelos coronéis, por bem ou por mal, por um acordo ou pelas armas, quem fosse mais forte ou mais sabido designaria o candidato. Necessária apenas para legalizar o fato consumado, a farsa da eleição devia suceder à decisão, jamais precedê-la. O vizinho, julgando-se sabido, antecipara a data, proclamara o advogadozinho vencedor e pretendia empossá-lo. Tricas de bacharel, o coronel Boaventura as odiava.

O remédio legal era a anulação do pleito — pleito, uma bosta!, nomeação a bico de pena, os capangas substituindo os eleitores — mas para obtê-la não bastava a petição ao juiz: igual à eleição, a anulação devia suceder aos fatos consumados. Nos dias passados em Ilhéus, de onde estava voltando, o coronel Boaventura ativara alianças, fizera promessas, proferira ameaças, azeitara molas emperradas nos cartórios, e, como de hábito, se locupletara no macio leito, no cálido colo de Adriana, rapariga que mantinha com aparente exclusividade na pensão de Loreta. Concebido o plano em todos os detalhes, tomadas as medidas indispensáveis para seu completo sucesso, faltava apenas descobrir um lugar a contento e certificar-se do dia em que os homens do vizinho tomariam o rumo de Itabuna. Para sabido, sabido e meio.

Passada a curva do rio, Natário sustou o passo da mula: — Não dá para subir montado, Coronel, não tem passagem.

Deixaram as montarias com os dois capangas, Natário puxou do facão; ia cortando galhos, abrindo uma picada, O corpulento fazendeiro segurava-se nos arbustos, escorregava nas pedras soltas: valeria a pena tanto

esforço? Mas, quando chegaram ao alto da colina, não pôde conter uma exclamação ao descortinar o imenso descampado, o vale se estendendo nas duas margens do rio, vista soberba, um deslumbramento — Lugar mais bonito!

Natário balançou a cabeça, concordando: — É onde vou fazer minha casa, Coronel, quando a peleja acabar e vosmicê cumprir o trato. Isso aqui ainda há de ser uma cidade. Tão certo, nem que eu estivesse vendo. — Fitava ao longe, parecia enxergar além do horizonte, além do tempo.

Mais uma vez o Coronel sentiu aguçar-se a dúvida: o mameluco seria vidente? Talvez o fosse, sem saber: havia casos, dona Ernestina conhecera mais de um. Também Adriana acreditava em telepatia e em vidência, nisso as duas se pareciam, a esposa e a amásia, no mais que diferença!

Natário prosseguiu: — Tive sabendo que os paus-mandados do coronel Elias vão vir por aqui para alcançar o rio sem cruzar pela Atalaia. Está vendo aquela trilha, Coronel? Não tem outra. Se vosmicê quiser, dê as ordens, me posto aqui em cima com um punhado de homens, lhe garanto que não vai chegar nem um cabra deles em Itabuna. Lugar mais conveniente que esse para uma tocaia grande não pode haver, Coronel. Daqui de cima é só fazer a mira e despachar os clavinoteiros para os quintos dos infernos. — Sorriu: — Parece que Deus fez este lugar de propósito, Coronel.

O coronel Boaventura sentiu que se aceleravam as batidas do coração. Além das forças sobrenaturais, igualmente Natário por vezes o assustava: com que tranquilidade fazia de Deus seu cúmplice, aliado do Coronel! Ainda bem que o tinha a seu serviço; valia por dez, no desassombro e no devaneio.

— Você nasceu para militar, Natário. Se tivesse se engajado na tropa e houvesse guerra, ia terminar com galões de oficial.

— Se assim lhe parece, Coronel, e se acha que mereço, então me compre uma patente de capitão.

— De Capitão da Guarda Nacional?

— Vosmicê não vai se arrepender.

— Pois a promessa está feita e vai ser para logo. Pode se considerar capitão desde hoje.

— Capitão Natário da Fonseca, para lhe servir, Coronel.

Lugar mais conveniente não podia haver.

3

Antes de deixar a fazenda, Natário examinara rifles e bacamartes, clavinotes e revólveres: armas de primeira, escolhidas a dedo, compradas a peso de ouro; bem azeitadas, em ponto de bala. Fizera e refizera cálculos, disposto a evitar qualquer imprevisto. Não podia permitir descuidos, tampouco depender de ajustes duvidosos; afirmara ao coronel Boaventura que nem um único jagunço saído da Fazenda Cascavel prosseguiria na viagem para Itabuna, estavam em jogo sua palavra e a patente de capitão. O fazendeiro fora aguardar a notícia em ilhéus.

A chuva se prolongava há mais de uma semana. Nos caminhos transformados em lamaçal, a marcha se tomava difícil, extenuante, cada légua valia por três. Na intenção de reduzir ao mínimo a demora na tocaia, Natário aguardara o anúncio da partida do bando armado pelo coronel Elias Daltro, para movimentar seus homens.

A notícia demorou a chegar pois os condenados abandonaram o couto na Fazenda Cascavel com atraso de dois dias, esperando em vão que o temporal amainasse. Tendo as chuvas redobrado, não lhes sobrou outro jeito senão enfrentar a jornada naquelas péssimas condições: levavam pressa, tinham data marcada para chegar. Impaciente — a manhã ia alta —, o coronel Elias assistiu à partida, deu as últimas instruções a Berilo: em Itabuna deveria se apresentar ao doutor Castro, colocar-se às ordens. Quanto ao percurso, Coroinha os guiaria: andarilho e caçador, vaqueano experimentado, conhecia aqueles cafundós palmo a palmo, passaria longe das divisas da Fazenda da Atalaia. A expedição fora preparada debaixo do maior sigilo para que dela não chegasse anúncio ou consta aos ouvidos do coronel Boaventura ou de sua gente. Excetuando-se Berilo e Coroinha, os demais não sabiam para onde viajavam. Jagunços pagos para combater, não eram confidentes nem comandantes, quanto menos soubessem, melhor.

— O que é que tu tem, homem de Deus? — Indagou Berilo a Coroinha quando, ao escurecer, se desviaram do caminho para enveredar pela trilha: — Tu tá vendo passarinho verde? Ou tá com medo? De quê?

— Tou pondo sentido para não perder o rumo.

Até podia ser. A lama desfazia o carreiro aberto pelo rastro dos animais em direção ao rio. Coroinha se abaixava, cheirava o chão, partia em frente. Cada passo custava esforço; no lombo, fardos de cansaço. Caititus e cutias atravessavam em disparada, cobras silvavam, jararacuçus e cascavéis. Berilo acertara com o coronel Elias o sítio para o pernoite, do lado de lá do pontilhão; ia ser difícil cumprir o trato: a noite caía e ainda estavam

perdidos naquela mata virgem, à mercê do tino do vaqueano, cada vez mais encagaçado. Berilo pôs-se de sobreaviso, de olho no fuinha.

Enquanto isso, os cabras do coronel Boaventura Andrade desceram pela estrada real; ainda assim a caminhada foi penosa. Chegaram porém a tempo e hora para armar a tocaia e ficar à espera.

4

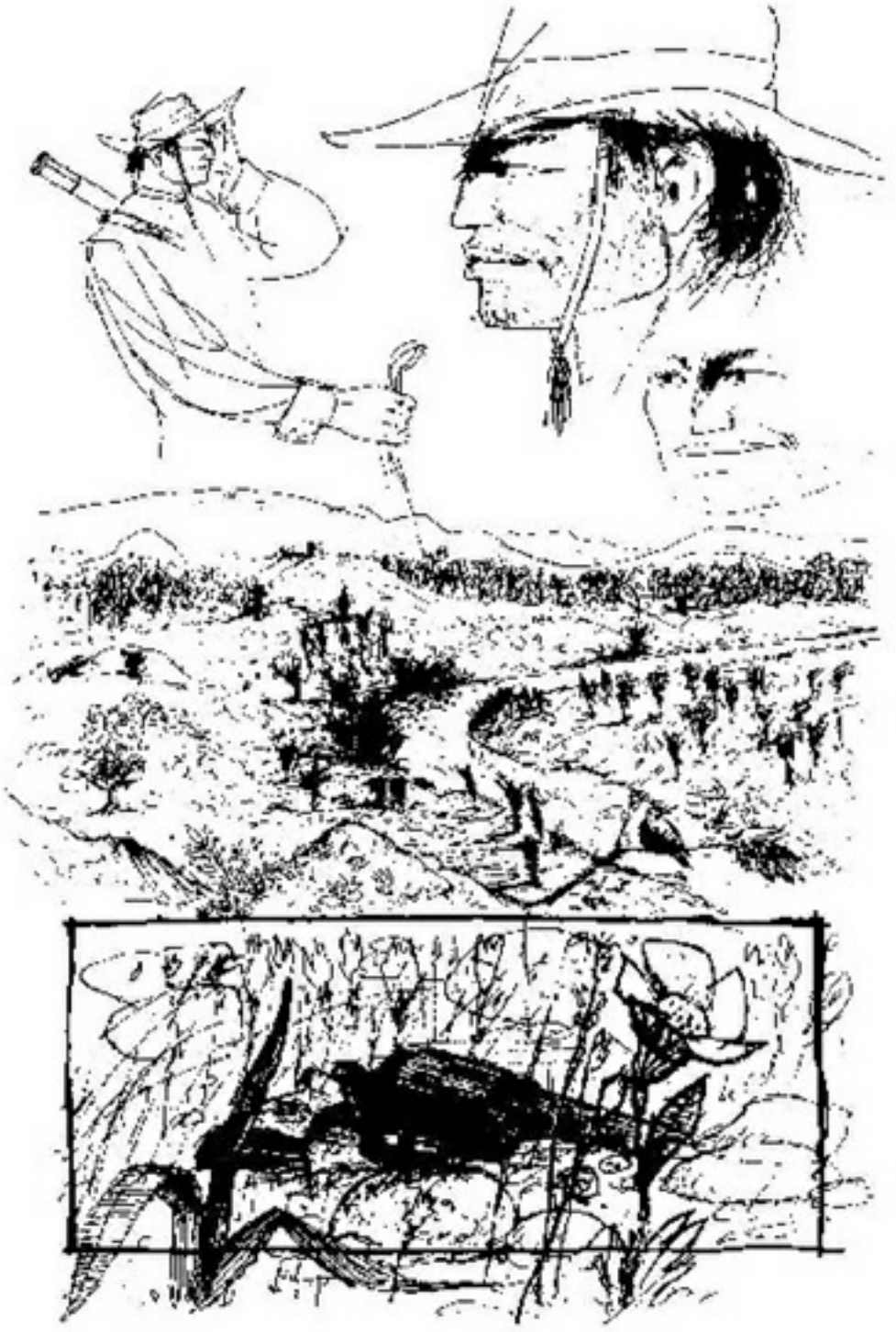
Ouvidos à escuta, tentando distinguir rumor de passos em meio à comoção da borrasca — o zunido do vento, o estrondo do trovão, o barulho medonho da queda de um pé de pau atingido pelo raio — encharcados, cobertos de lama, distribuídos por detrás das árvores, no alto da colina, os cabras esperam, tensos. Habituados ao tempo longo das tocaias, temperados no perigo e na luta, íntimos da morte, ainda assim não conseguem impedir incômoda sensação de agonia diante da fúria da natureza, o fim do mundo. Procuram manter a calma, controlar o sobressalto; medo maior sentem de Natário: da intempérie poderão escapar com vida, de bala do capataz nem por milagre.

Armada a tocaia, designado o posto de cada um, Natário determina como e quando entrar em ação, exige silêncio e acentua a responsabilidade da empreitada: ai daquele que errar a pontaria! Em seguida, ele próprio se coloca quase na beira do barranco, junto ao tronco do mulungu, de onde domina o vale inteiro.

Empunhando o parabelo, Natário permanece imóvel, à espreita. Cabe-lhe o primeiro tiro, sinal para os cabras abrirem fogo, sentença de morte para o tal Berilo, pistoleiro recrutado nas Alagoas, facínora famoso pela perversidade, comandante da expedição. Depois cuidará de Coroinha, o guia, se o desinfeliz escapar da primeira rajada ou se não tiver capado o gato. Não chega a ter dó de Coroinha apesar de conhecê-lo há um ror de anos: indivíduo que serve a dois patrões, que se vende, não merece compaixão. Nascido e criado nas roças do coronel Elias Daltro, pessoa de sua estima e confiança, o vaqueano fornecera ao inimigo informações preciosas por dez réis de mel coado: o número exato dos componentes da tropa, vinte e sete homens, um exército!, as armas que portavam, dia e hora da partida, e se comprometera a emitir o grito da coruja quando se aproximassem. Talvez cumpra o trato, talvez não.

Natário tenta perceber qualquer ruído suspeito: galho sendo quebrado para abrir passagem, escorrego na lama, uma voz, cicio de conversa — vindos pela trilha, os jagunços estarão descuidados, na certeza de que o perigo ficara para trás, nas distantes divisas da

Atalaia. Poderá escutar até mesmo, quem sabe, o pio da coruja, mas duvida. O mais certo é que Coroinha, ao chegar nas proximidades, ganhe o mundo; caçador inveterado, conhece esconderijos e desvios. Assim imagina, assim acontece. Houvesse confiado no judas, teria perdido o momento preciso para o ataque, o arrenegado não cumpriu o trato.



Ouvido fino, o mameluco distingue, quase adivinha o leve chocalhar de pés na lama, pisadas prudentes; com a mão faz um sinal aos cabras. Aguça a vista, no clarão do relâmpago enxerga Berilo. Ajeita a arma mas não se precipita, deixa o cafuzo avançar para que o resto da tropa se coloque sob

mira certa. Por que diabo o filho da mãe está de revólver em punho e pisa com tanta precaução, examinando os arredores?

Berilo levanta o olhar, perscrutando. Natário estende o braço, firma a pontaria — com sua licença, Coronel — atira para acertar na cabeça. O tiroteio irrompe no alto da colina e a confusão se estabelece no lodaçal, embaixo; os jagunços respondem a esmo, sem saber para onde dirigir as armas.

Uma carnificina, como comprovou o coronel Elias Daltro. Não se tinha notícia de tocaia de tal envergadura, nem nos tempos das primeiras lutas, as de Basílio de Oliveira e dos Badaró. Ia ficar na história, a tocaia grande.

5

Não escapou nenhum dos jagunços do coronel Elias, pistoleiros de renome, trazidos do sertão, de Sergipe d'El Rey, terra de valentes, alguns até das Alagoas, profissionais. Quando os cabras desceram a colina, seguindo Natário, pouco trabalho tiveram: acabar com os feridos; abater alguns que tentavam subir para buscar abrigo entre as árvores e dali cobrar preço caro pela vida; perseguir dois ou três que arriscavam a fuga por onde haviam chegado.

Caçando esses últimos, o negro Espiridião encontrou o corpo de Coroinha, próximo a um penedo atrás do qual certamente quisera se esconder: Natário entendeu então por que Berilo empunhava o revólver e andava com tanta cautela e vigilância.

Coroinha fora despachado à faca. Tinham-lhe arrancado o co-ração e os ovos, costume, ao que parecia, muito do agrado do falecido valentão das Alagoas. Natário achou correto que o tivessem liquidado. Se Berilo não o houvesse feito, ele próprio se encarregaria da tarefa. Concordou inclusive com a escolha da arma branca: leva-e-traz não vale o custo de uma bala de espingarda. Mas não aprovava malvadezas: aviar um infiel com tiro ou punhalada é uma coisa,judiar do desgraçado é outra, muito diferente.

Armas de segunda mão, de pouca serventia, Natário não permitiu que as recolhessem. Ainda com o negrume da noite deixaram o lugar. Obedecendo ao mando do negro Espiridião, os cabras regressaram à Fazenda da Atalaia. Natário atravessou o pontilhão, seguiu para a estação da Estrada de Ferro, de lá enviaria o telegrama, nos termos combinados. Com pequena alteração na assinatura: em vez de Natário, capitão Natário.

Ao atingir a curva do rio, Natário olhou para trás, relembrando; sorriu contente. Não recordava, no entanto, o tiroteio, os corpos caídos, Berilo de cabeça destampada, Coroinha capado, picado de faca, o coração fora do

peito. Conduzia nos olhos e na memória a visão da paisagem noturna, sob o temporal: as colinas e o vale varridos pela chuva, o rio de ventre crescido como se estivesse prenhe, quanta formosura! Lugar mais bonito, de dia ou de noite, com sol ou com chuva, não existia por aquelas bandas; melhor para se viver, nenhum.

O BACHARELANDO VENTURINHA
SE INICIA NA VIDA PÚBLICA

1

O rosto demonstrando entusiasmo, riso fácil e satisfeito, Venturinha — que viera passar as férias de São João — comentou, ao abraçar Natário na estação de Taquaras: — Então, o coronel Elias arriou as calças e pediu penico...

O mameluco corrigiu: — Um homem do porte do coronel Elias Daltro não pede penico, Venturinha, pede uma trégua.

Não se inibia diante do filho do patrão. Venturinha ainda não completara nove anos quando Natário se acoitou na fazenda e ficou agregado ao Coronel. O garoto apegou-se ao jovem capanga, viajava no cabeçote de sua sela, aprendia com ele as vozes dos pássaros e o manejo das armas. A primeira rapariga que Venturinha cobriu foi trazida por Natário: a sardenta Júlia Saruê, mulher-dama escoteira, exercendo de roça em roça, habituada a tirar cabaço de menino. Melhor do que ela, só a égua Formosa flor.

— Assim ou assado — prosseguiu o estudante após montar e ganhar a estrada —, como chefe político, Elias está liquidado. A sorte dele foi estar tratando com o Velho que tem o coração mole. Se fosse eu, tinha acabado de vez com esse canalha: arrasava a fazenda dele, punha fogo nas roças, deixava ele de cuia na mão, pedindo esmola. Mas Pai ficou com pena, afrouxou. Você não acha que o Velho devia ter ido até o fim, ter aproveitado a ocasião?

Natário não alterou a voz, conhecia os repentes do rapaz:

— Possa ser que sim, possa ser que não. Mas se tu pensa que o Coronel não acabou com ele por moleza, tu tá enganado: foi moleza não, foi sabedoria. Nós tamos precisados de paz para derrubar a mata e plantar a terra; é muito chão, Venturinha. Se o coronel Boaventura pusesse fogo nas roças do coronel Elias, hoje a gente tava brigando com meio mundo numa guerra de morte. Queimar cacau é o mesmo que queimar dinheiro vivo, esse tempo já passou. Seu pai sabe o que faz, é por isso que está por cima, mandando. Na hora de guerrear, não vacilou, não quis saber de conchavo. Mas a gente só deve brigar quando não encontra jeito de viver em paz.

— Logo você é quem me diz isso? Você que passou a vida com o dedo

no gatilho? O Natário do coronel Boaventura?

Natário sorriu, os olhos miúdos quase fecharam:

— Tu tá pra sair da Faculdade, doutor formado, mas tu ainda tem muito que aprender. Cada hora tem sua serventia: hora de tiro, hora de caxixe. O Coronel quer que tu seja o mediador com o pessoal de Itabuna. Me disse: "Venturinha está carecendo começar a se desasnar. Dessa vez é ele quem vai resolver tudo, quero ver como se sai." Tu precisa não esquecer que todo mundo em Itabuna lia pela cartilha do coronel Elias, um é compadre, outro é afilhado dele; tem gente que só aceitou recolher os paus furados porque ele mandou. Lá, tu não vai falar em tocar fogo nas roças do coronel Elias, senão tu bota tudo a perder. Tu é esquentado demais, deixa o calor pra gastar com as moças...

— Por falar em moça, Natário, nem lhe conto... — Começou a contar

Natário não explicou que o Coronel decidira mandar o filho, em lugar de ir pessoalmente, porque o mais difícil já estava resolvido, os pontos principais do acordo definidos e assentados. As medições seriam registradas, a eleição anulada, escolheriam novo prazo e novo candidato. Aliás, talvez o candidato viesse a ser o mesmo advogadozinho protegido do Governador. O Coronel pilheriava com Natário, comentando as possíveis candidaturas:

— Não quer ser Intendente de Itabuna, Natário? — Ria da ideia estapafúrdia.

Natário não ria, a voz mansa:

— De Itabuna, não quero não senhor. Quem menos manda em Itabuna é o Intendente; ontem, mandava o coronel Elias, hoje, manda vosmicê. Quando eu governar um lugar, nem que seja o derradeiro buraco do mundo, quem vai mandar nele sou eu. Eu e mais ninguém.

2

Encomendada no Rio de Janeiro, a patente ainda não chegara mas isso não impedira que ao desincumbir-se da missão de paz em Itabuna, durante todo o tempo e em toda parte, Natário fosse tratado por capitão. Atribuíram-lhe o título não apenas cabras e alugados; também comerciantes, fazendeiros e doutores, funcionários da justiça, a começar pelo Juiz de Direito. Com o respeito devido ao posto e à fama.

Na carta ao magistrado, redigida com a ajuda de Venturinha, o coronel Boaventura Andrade apregoara os merecimentos de seus representantes. Ia escrevendo e lendo, Venturinha e Natário escutavam: — "... meu filho, estudante de Direito..."

O rapaz interrompia: — Estudante de Direito, não, meu pai. Estou cursando o último ano da Faculdade, em dezembro me formo, sou bacharelando.

— "... digo bacharelando Boaventura Andrade Filho..."

— Filho, não, meu pai. Bote Júnior, é como eu assino, é mais moderno.

— Pra mim é filho e se acabou; já escrevi, não vou riscar, não gosto dessas estrangeirices: tu não é bastardo de inglês ou de suíço! — Encerrava a discussão, prosseguia na escrita e na leitura: — "... e o capitão Natário da Fonseca, proprietário rural, meu braço direito..."

Capitão e proprietário, o Coronel não se mostrava ingrato nem mesquinho. Na oportunidade da medição das novas terras para posterior registro no cartório competente, mandara colocar uns quantos alqueires em nome de Natário, o bastante para algumas roças de cacau. Não podia se comparar com a fortuna do Coronel, um dos maiores senão o maior fazendeiro da região, mas era um bom começo de vida. Não fora mesquinho, tampouco generoso, pois a medição e o registro daquela imensidão de mata virgem deram-se de fato na noite da tocaia grande e o verdadeiro escrivão tinha sido Natário, No cartório, em Itabuna, iriam apenas legalizar o ato de conquista, o fato consumado, obedecendo à sequência correta, tão ao gosto do Coronel. Primeiro a tocaia, depois o caxixe; melhor dito, primeiro a trampa depois a lei.

Parecia mais expedição de guerra do que missão de paz: quinze homens armados da cabeça aos pés, comandados pelo negro Espiridião. Em realidade, não faziam falta pois o coronel Elias Daltro se retirara da liça e, ao que diziam, da política, desobrigando velhos compromissos. Homens e armas não passavam de demonstração de força do senhor da Atalaia, exibição de riqueza e poderio. Necessária, segundo ele, para garantir a paz recém-negociada.

Capitão para cá, Capitão para lá, uma festança em Itabuna. Correu tudo na maciota, o juiz parecia uma seda, tratava Venturinha de colega, nas palmas das mãos. O advogadozinho, o mesmo doutor Castro a quem Berilo deveria ter-se apresentado, esse daria pena se não desse nojo, ia ser um intendente na medida justa e desejada. Venturinha conseguiu conter a língua, não arrotou demasiada grandeza nem se proclamou o valente dos valentes, não ameaçou céus e terras com a pistola alemã, arma de estimação, uma jóia. Nem sequer quando se embebedou no cabaré e quis agarrar a pulso a pernambucana Doralice, rapariga do coronel Hermenegildo Cabuçu, ausente na ocasião, graças a Deus. Natário o convenceu a desistir e o levou embora.

No cartório, cujas molas o Coronel azeitara com antecedência, não houve a menor dificuldade para o registro das medições e a entrega das escrituras dos títulos de propriedade que legitimavam a posse da imensa sesmaria do coronel Boaventura Andrade e do pedaço de chão do capitão Natário da Fonseca.

Nas pensões e casas de putas a animação permaneceu intensa, dia e noite. Os jagunços da Fazenda da Atalaia esbanjavam dinheiro; crescia o prestígio do novo chefe político, era Deus nas alturas e o coronel Boaventura na terra.

Ao ver Natário atravessar a Rua do Umbuzeiro, Maria das Dores, sentada no batente da porta da na, apontou-o com o dedo e esclareceu Zezinha do Butiá, novata vinda de Lagarto:

— Aquele é Natário, capanga do coronel Boaventura, cabra ruim, mais perverso não existe. Nem ele sabe a conta dos crimes que já cometeu. Pois bem, tu pode não acreditar mas tem mulher que é maluca por ele, Deus me livre e guarde. — Cuspiu com desprezo.

Mulata dengosa, de bunda redonda e peito de rola, Zezinha do Butiá, apesar de recém-chegada, parecia bem informada:

— Eu soube diferente. Que esse é o capitão Natário, endinheirado, danisco e bom decoração. Diz-que nunca maltratou mulher.

Suspirou, faceira, acompanhando Natário com a vista. Zezinha do Butiá estava, como se diz, na flor da idade e da formosura, os homens brigavam por ela. Gritou para o molecote ocupado em comer terra:

— Corre, Manu, atrás do moço que vai ali adiante. Pede a bênção a ele e diz que eu estou esperando ele, pode vir na hora que quiser. Não carece trazer dinheiro.

Para uns, criminoso, cabra desalmado, bandido sem entranhas; para outros, valente capitão, de natural bondoso, bemquerer das damas.

3

Antes de deixar a fazenda para passar em Ilhéus os últimos dias de férias com a mãe, dona Ernestina, padrão de todas as virtudes, Venturinha quis conhecer o lugar onde se dera a ocorrência. Desejava ver com os próprios olhos, saber de ciência certa, para poder contar aos colegas de Faculdade e de farra, na Capital, valorizando os detalhes. Natário o conduziu: — Tu vai avistar uma amostra do céu.

Entre as pedras do improvisado cemitério, o mato brotava impetuoso, cresciam arbustos, pés de mamoeiro, desabrochavam flores. A notícia da façanha, propagada e aumentada de boca em boca, atraía curiosos que se

desviavam da estrada real. A trilha aberta pelos animais começava a se alargar ao passo dos homens, transformando-se em caminho. Buscando encurtar o percurso, uma tropa de burros carregados com sacos de cacau enveredara por ali. A primeira.

Venturinha fez questão de acometer até o cimo da colina, o que lhe custou esforço: corpulento igual ao pai, gordo igual à mãe. Postou-se atrás do pé de mulunguentão em flor, sacou a pistola alemã, visou um camaleão, atirou, O estampido ressoou nas quebradas da serra.

— Deve ter sido emocionante, hein, Natário? Chego a me arrepiar.

Natário teria ouvido? O olhar perdia-se além do horizonte e do tempo. Todo homem precisa construir sua casa para nela viver com a mulher e os filhos, no sítio que melhor lhe apetecer. Natário tinha mulher e quatro filhos.

— O Velho devia mandar botar uma placa aqui em cima, como se faz nos campos de batalha.

Para quê? Não bastava o nome na boca do povo? O lugar da tocaia grande. Com o tempo e os habitantes, apenas Tocaia Grande.

O PONTO DE PERNOITE

O DEUS DOS MARONITAS
CONDUZ O MASCATE
FADUL ABDALA A UM SÍTIO PARADISÍACO

1

Os mamoeiros, nascidos sobre as covas no improvisado cemitério, davam os primeiros frutos quando Fadul Abdala, tendo se perdido, descobriu aquela boniteza de lugar. Libanês de estatura agigantada, todo ele desmedido — mãos e pés, o arcabouço do peito e a cabeçorra — ganhara nos cabarés de Ilhéus e de Itabuna o apelido de Grão-Turco, mas nas estradas do cacau era conhecido por Turco Fadul ou mais simplesmente seu Fadu, na voz dos alugados que enxergavam nele a providência divina. Deslumbrado com a vista, pensou haver chegado às planícies do Éden, descritas no livro sagrado que levava consigo na mala de mascate pois, em havendo ocasião e necessidade, seu Fadu batizava menino a preço de liquidação

Arriou a mala pesada, a cada dia mais pesada, o metro dobrado em dois que usava como matraca para anunciar a ricos e pobres a presença do comércio e da moda naqueles cafundós. Na mala conduzia de um tudo, o necessário e o supérfluo: tecidos, sedas e chitas, bulgarianas, botinas, borzeguins, linhas, agulhas e dedais, fitas e rendas, sabonetes, espelhos, perfumes, tisanas, coloridas estampas de santo e breves contra as febres.

Tirou o paletó e a camisa, as calças e as ceroulas — nas costas, os vergões deixados pelas correias da mala, calos nos ombros —, descalçou as sandálias, mergulhou no rio que ali se alargava numa bacia de águas límpidas, encachoeiradas sobre pedras negras. Nadou, divertiu-se espadanando a água, como o fazia na meninice, ao banhar-se no ribeirão, na aldeia natal. Encontrou parecença entre os dois lugares, apenas as palmeiras que ali cresciam, nas colinas e no vale, n eram tamareiras. Saciou a fome, mamões perfumados e doces, maná do paraíso, dádiva de Deus, do Deus dos maronitas.

Cajás maduros espalhavam-se pelo chão sob a árvore em cuja sombra se abrigou do sol. Catou os frutos, rindo de si próprio, tamanho homem nu; recordou-se molecote metido no djelabá, recolhendo tâmaras: já então grandalhão e desengonçado. Estava completando quinze anos da data da partida. Sabor ácido e agreste dos cajás, tão diferente do paladar suave e macio das tâmaras maduras, frutos criados uns e outros por Deus para regalo dos homens.

Fadul aprendera a crer e a confiar em Deus com seu tio Said Abdala,

sacerdote maronita de conselho e apetite celebrados. Vinham de longe consultá-lo, traziam-lhe tâmaras e uvas que ele comia às mãozadas enquanto resolvia pendências e anunciava o volume das colheitas; o mel das frutas escorria-lhe pela comprida barba negra.

Mudara muito naqueles quinze anos, o tio não o reconheceria, constatou Fadul saboreando os cajás um a um; mudou por fora e por dentro, prefere os cajás às tâmaras e as uvas não lhe fazem falta, bastam-lhe as jacas, de preferência as moles. Voltara a nascer naquelas brenhas, o menino vestido com o djelabá ficara para sempre do outro lado do mar.

Deus dividiu a vida dos homens entre a obrigação e o prazer, o choro e o riso. O prazer sem medida de estar ali, chupando cajás na brisa do fim da tarde, escutando passarinhos, vendo-os voar, jóias do escrínio do Senhor. Repousando da labuta das últimas semanas, do infinito caminhar, dos perigos de todos os instantes, mascate não conhece domingo ou dia santo. Deus fizera-o perder o norte para que tivesse um dia de descanso, folga para o corpo e a alma.

Por que não permanecer ali para sempre, naquele vale idílico, igual aos animais que se aqueciam ao sol, estirados sobre as pedras, calangos e teiús — aprendera com os alugados a comer carne de teiú e a saboreá-la, lambendo os beiços e os dedos. Sobrava comida, fartura de caças e de frutas, jacas olorosas, a água pura descia das nascentes, o paraíso. Fadul Abdala riu um riso grosso e estrepitoso,. no descompasso de seu tamanho, assustando papagaios e lagartos: nesse paraíso faltava o principal que era a mulher.

Pensando em mulher, pensou em Zezinha do Butiá àquelas horas botando-lhe corPos em Itabuna. Também não podia exigir que ela trancasse a cadeado o xibiu — um abismo! — apenas porque lhe deixara, num laivo de desvario, duas cédulas de dez mil-réis e um espelho emoldurado para nele contemplar-se, suspirosa. Suspirosa? Ela ria-lhe na cara:

— Turco de uma figa, comedor de cebola crua!

— Turco, não, dobre a língua. Grão-Turco, minha odalisca, teu senhor e teu escravo... — era dado a galanteios, pena que a pronúncia não ajudasse.

2

Gostou tanto do lugar que nele pernoitou. Recolheu gravetos, acendeu fogo para espantar as cobras, vestiu as ceroulas e a camisa, estendeu-se sobre as folhas secas. Tardou a adormecer, pensando. Na margem do rio, anunciando a lua, o sapo-cururu cantou.

Chegado ao Brasil há quinze anos, Fadul viera para trabalhar e enriquecer. Enriquecer é a meta de todos os homens, para alcançá-la Deus lhes dá alma e inteligência. Uns cumprem à risca o mandato do Senhor, ganham dinheiro e se estabelecem, outros não conseguem; alma pequena, inteligência curta ou tãosomente pouca disposição para o trabalho, preguiça, malandrice. Tinha um exemplo à mão na mesa de pôquer do Hotel Coelho, em ilhéus: alma destemida, audaz, um águia na inteligência, Álvaro Faria, se quisesse, poderia ser um coronel como o irmão, dono de prédios e fazendas, milionário. Em vez, não passava de um troca-pernas, um vadio, sem eira nem beira, vivendo ao deus-dará. Não fossem a mesa farta do mano João, a sorte no jogo, motivo de dúvidas e suspeitas, e a malícia para conceber e executar trampolinices, passaria fome.

Até então Fadul apenas trabalhara num afã desesperado de burro de carga, cruzando brenhas, enfrentando riscos, as serpentes, as febres, as ameaças de criminosos, frios assassinos. Naquele comércio andejo, o pau-de-fogo, presente do capitão Natário, era tão importante quanto a mala repleta de berliques e berloques.

Ainda não enriquecera, longe disso. Nem sequer se estabelecera, como decidira fazer, com casa de negócio num dos vários povoados que brotavam no rastro do cacau, nas encruzilhadas das fazendas, ao passo das tropas e tropeiros. Sem embargo, não podia se queixar: estava juntando seu pé-de-meia. Sobretudo depois que iniciara a prática da agiotagem.

Multiplicavam-se as estrelas na lonjura do céu. Fuad Karan, que em Itabuna lia livros em árabe e em português, cidadão ilustrado, mais instruído do que meia dúzia de advogados — responsável pelo apelido de Grão-Turco que inventara ao ver Fadul rodeado de raparigas no cabaré —, lhe afirmara não serem essas estrelas aqui vistas as mesmas que cintilam no céu do Oriente onde eles haviam nascido. O Grão-Turco não duvida mas não consegue estabelecer a diferença: estrelas são todas parecidas, belas e longínquas pedras preciosas, bastaria uma delas para fazer a fortuna de um filho de Deus. Quanto à lua, refletida nas águas do rio, é a mesma, aqui e lá: medalha de ouro fosco, gorda e amarela, com São Jorge cavalgando seu cavalo na faina do dragão. O Oriente citado por Fuad, a terra natal, perdera-se na distância, para reencontrá-lo seria preciso varar o mar de lado a lado no bojo dos navios. São outras as estrelas, as frutas também, não lhe fazem falta: prefere os cajás às tâmaras e de estrelas está bem servido.

Distante e esquecida, a terra natal. Fadul Abdala, o Grão-Turco das putas, o Turco Fadul das casas-grandes, seu Fadu das míseras choupanas,

sabe que veio para ficar, não trouxe passagem de volta. No lugre de imigrantes chorou todas as lágrimas, não restou nenhuma. Não mudou apenas de país e de paisagem, mudou de pátria. Libanês de nascimento e sangue, chamam-no turco por ignorância; se soubesse ver e constatar, proclamaria aos quatro ventos sua fé de grapiúna.

A pátria de um cidadão é o lugar onde ele sua, chora e ri, onde moureja para ganhar a vida e construir casa de negócio e residência. Sozinho com a noite e as estrelas naquele pouso desconhecido para onde o conduziu a mão de Deus, Fadul Abdala reconhece e adota a nova pátria. Nela não viu a luz primeira nem se batizou. Ninharias, desprezíveis pormenores: mais importante que o berço é a cova e a dele será aberta no território do cacau. Não uma cova rasa como as do cemitério ali plantado — por quem, quando e por quê? Ah! Será um túmulo de lorde, em pedra-mármore, o aqui-jaz em letras douradas. Nesses quinze anos, o rapazola vindo do Oriente, ao fazerse homem, fez-se brasileiro.

Tanto é verdade que já acertou com Ubaldo Madureira, escrivão do cartório e comparsa de pagode, o preço dos papéis, com abatimento. Brasileiro de papel passado, comerciante estabelecido, casado e pai de filhos, o negócio crescendo, dinheiro traz dinheiro: tudo isso muito em breve, se Deus quiser. Cumprirá seu destino como lhe ordenara o padre Said, ao lhe deitar a bênção na hora triste e alegre do adeus, quando riso e choro se misturam:

— Vai cumprir a vontade de Deus, Fadul, filho de minha falecida irmã Marama, vai ganhar dinheiro no Brasil que aqui está difícil e não posso mais te sustentar. Vai enriquecer, o homem rico é respeitado por seus semelhantes e bem visto por Deus.

Traçou no ar o sinal-da-cruz, deu-lhe a mão a beijar. Erguendo o cajado de pastor, o adolescente desceu a montanha, iniciou a caminhada. O Deus dos maronitas é o mesmo, lá e aqui.

3

Demorou Fadul a retomar àquele sítio, decorreram muitos meses. Prosseguira na fadiga do bufarinheiro, curvado ao peso da mala, ao sol e à chuva. Saudado pela freguesia com alvoroço e afeição pois além de tudo era de bom convívio e de prosa amena. Gostava de ouvir e de contar histórias, entremeando-as com exclamações de assombro, largos gestos convincentes e ruidosos frouxos de riso. Granjeara fama de mentiroso mas as aldrabices que relatava tinham graça e sentimento, causavam emoções desencontradas na assistência pobre e ávida, naqueles confins

desprovidos de qualquer divertimento: — É que nem um conto da carochinha. Até chorei...

— Me mijei de rir no pedaço da mulher com o macaco. Esse turco ladrão astucia cada uma...

A freguesia de Fadul era vasta e variada: fazendeiros, as esposas, os filhos, gente de dinheiro e de prosápia; alugados, trabalhadores nas roças, quase sem vintém; jagunços, com suas amásias, anotando lambanças; raparigas, os melhores clientes, os que mais compravam. O ambulante não estabelecia distinção de classe ou de casta. Aceitava com o mesmo agrado convites para almoçar nas casas-grandes e nos ranchos dos alugados, doido por jabá assado na brasa com acompanhamento de farinha e rapadura.

Entre as mulheres da vida, gozava de popularidade. Não se negava a cobrar em espécie caixa de pó-de-arroz, lata de brilhantina, frasco de água-de-cheiro ou os juros de pequeno empréstimo. Havia casos, raros é bem verdade, de prendas grátis, em dias de extravagância, quando, tomado de amores, o Grão-Turco perdia o siso: anéis de metal com pedras de vidro, faiscantes; brincos de fantasia, enfeites lindos. Bijuterias recebidas com emoção, mais apreciadas do que uma pelega de cinco mil-réis por serem regalos, signos de bemquerer e não acintoso pagamento. Sentimental, Fadul se enxodozava com certa frequência. Tinha predileção por moças de farta carnação, de peitaria saliente: seios volumosos, bons para apertar com a mão enorme. Mulher magra para ele não tinha valor, quem aprecia ossos é coveiro, como diz o povo coberto de razão.

Conhecido e estimado em fazendas e povoados, possuía compadres e afilhados. Fiava com relativa facilidade mas, na época do vencimento, mais dia menos dia, comparecia para cobrar a dívida. Se o freguês mudava de residência, ia descobri-lo onde estivesse, andava léguas e léguas, implacável. Admitia atrasos mas, para compensá-los, introduziu a norma do juro bancário nas selvas do cacau: além de mercadorias, conduzia o progresso na mala de mascate.

Prudente, conciliador, houve quem o tomasse por medroso, tamanho corpanzil e tão cagão, juízo que não fez carreira: armado com um simples canivete, seu Fadu cobrou dívida a Terêncio, cabra de maus bofes, clavinoteiro. Garguelou o empapuçado, pinicou-lhe o gogó com a lâmina afiada — usada para descascar laranjas e rasgar furúnculos — recebeu na hora os três mil-réis, os juros e as desculpas. Ao saber desse enredo, o capitão Natário, morto de riso, achou-o sobretudo cômico. Sem embargo, tendo o regatão em grande estima, deu-lhe um revólver de presente: por

vezes a força das mãos e um canivete não são suficientes. Um queimante impõe respeito, compadre.

Livrou-se da acusação de frouxo, jamais da de ladrão. Essa cresceu e correu mundo, notória e unânime. No mercado improvisado à sua chegada nas fazendas, tratavam-no de turco ladrão enquanto pechinchavam no preço das mercadorias expostas: convidativas e cobiçadas. Fingindo-se ferido em seus melindres, seu Fadul ameaçava recolher chitas e alfinetes, pentes e broches, cintos e cartucheiras, a sedução irresistível do comércio, e ir vender mais adiante. A negociação prosseguia entre exclamações e pragas, risos e suspiros, insultos e lisonjas: de gatuno a turquinho bendito de minha alma.

Diziam-lhe ladrão na tampa mas sem raiva, sem intenção de ofensa, fazia parte do engodo, da pechincha, do prazer da compra e venda. Gatuno, sem dúvida, mas um homem bom como aliás ele próprio não se cansava de afirmar aos berros:

— Turco ladrão é a mamãezinha de vocês. Queria saber, se não fosse Fadul, homem bom, temente a Deus, quem é que ia vir nesse cu-de-judas para servir vocês? Em vez de me xingar, deviam me agradecer e convidar para um gole de pinga, povo ingrato! — Não recusava cachaça mas no cabaré bebia vermute misturado com conhaque.

Nas casas-grandes, os coronéis, podres de ricos, nem por isso reclamavam menos:

— Turco, tu tá roubando demais. Onde já se viu um patacão vagabundo, de níquel — que isso nunca foi prata —, custar essa dinheirama toda? É um assalto à mão armada, assim não há cacau que chegue...

Fadul jurava que em Ilhéus um relógio daquela qualidade, prata de lei, custava o dobro. A mala aberta sob os olhos cúpidos das patroas, mantinha-se atento ao movimento da cozinha de onde chegava o odor dos escaldados, o sublime aroma da feijoada — para ele não havia prato que se pudesse comparar à feijoada: o toucinho farto, as carnes de salpresa e de fumeiro, paios e linguiças; em matéria de apetite, saíra ao tio padre.

Um bom sujeito, prestativo. Bom inclusive para adjutorar moribundo, facilitando-lhe a passagem desta para melhor, depressa e em paz. Em ocasiões assim penosas era de grande ajuda: não havia apego à vida por mais ferrenho que resistisse ao vozeirão e à pronúncia de Fadul. Aquele fúnebre cantochão arrancava lágrimas a jagunços desalmados.

Nas brenhas do cacau, quem quisesse juntar dinheiro sem possuir roça plantada em terra própria tinha de multiplicar suas aptidões. Vendedor ambulante, carregando a loja ao lombo, o Turco Fadul exercia a medicina

com frequência, o sacerdócio quando necessário. Operava abscessos, retirava carnegões; limpava feridas com água oxigenada, queimava-as com iodo. Na mala, quatro remédios infalíveis: Maravilha Curativa, Saúde da Mulher, Pomada de São Lázaro e óleo de rícino. Com eles, tratava qualquer doença — exceto a bexiga negra e a febre maldita, para essas não havia jeito a dar. Atendeu e curou muito povo naquele sertão sem médico nem farmácias, sem nenhum socorro.

Sacristão na aldeia libanesa, acolitando padre Said nos misteres do culto, não vacilava em batizar crianças que sem sua ajuda morreriam pagãs, sem direito ao reino dos céus. Abençoou casais amancebados, retirando-os do pecado em que viviam, concedendo-lhes nova condição social e pretexto para uma folgança com cachaça e arrasta-pé. Seu Fadu apreciava um bate-coxas puxado a sanfona; par de primeira na opinião das moças.

De posse da arma, Fadul Abdala decidiu ampliar a área de suas atividades, passando a emprestar dinheiro a juros. Fazia-o com prudência, escolhendo a quem confiar seu módico capital, seu rico dinheirinho; com prazos estritos para pagamento e complicada tabela de ágios. Visível sob a aba do paletó, o pau-defogo. Oferta, sabiam todos, do capitão Natário, prova de amizade.

Com a agiotagem, fez crescer o pé-de-meia e viu aproximar-se a hora de arriar para sempre a mala de mascate, erguer uma biboca onde vender de um tudo. Faltava-lhe apenas escolher o lugar de mais futuro, povoado recente onde ainda não existisse concorrência.

4

Ao descrever a paragem onde se perdera e repousara, soube que o nome daquele sitio era Tocaia Grande, assim denominado por ter sido cenário de tenebrosa emboscada seguida de matança a sangue-frio alguns anos antes nas desapiedadas brigas dos coronéis pela posse das derradeiras matas — naquelas bandas do rio das Cobras já não existia palmo de terra que não tivesse dono.

No calor da narrativa, tipos de má fé, línguas de trapo, citavam nomes a propósito da famigerada tocaia mas Fadul sabia dar o devido valor a aleivosias e intrigas: entravam por um ouvido, saiam por outro. Certas versões, o melhor é ignorá-las.

Outras informações — essas, sim, de interesse — Turco Fadul as recolheu em casas de alugados, nas varandas dos coronéis, da boca dos passantes, durante as infindáveis jornadas, no decorrer de semanas e

meses. As tropas que desciam das fazendas conduzindo cacau para ser embarcado na Estrada de Ferro, em Taquaras, abandonavam pouco a pouco o antigo caminho, desviando-se para Tocaia Grande, ponto ideal de pernoite. A partir de certo tempo, o trânsito pelo atalho se tornara mais intenso do que pela estrada real.

Um dia um tropeiro de suas relações, de nome Lázaro, cego de um olho, ao salientar as vantagens do pouso em Tocaia Grande — os animais podiam se desalterar sem correr risco na bacia ali formada pelo rio, encontravam pasto na vegetação farta e não tinham para onde fugir—, lastimou não haver ainda, em sítio tão propício, uma baiúca, por menor que fosse, onde vendessem um trago de cachaça, um pedaço de fumo de corda, um bolachão, uma rapadura, sal e açúcar. O sabidório que se estabelecesse em Tocaia Grande ia enriquecer da noite para o dia.

Fadul ouviu com atenção, prosseguiu na caminhada de ofertas e cobranças. Mas, ao voltar para Itabuna com o duplo objetivo de refazer o estoque e rever Zezinha do Butiá — mais que um xodó, uma fatalidade pois nem sequer era gorda e peitudona —, arranjou maneira de passar por aquelas bandas, acompanhando um comboio de gado. Qual não foi sua surpresa ao constatar que Tocaia Grande deixara de ser um descampado. Além do barracão de madeira, depósito para estocagem de cacau seco, haviam sido levantadas algumas casas de barro batido, outras estavam em construção. Raparigas faziam a vida, não faltava freguesia, trabalhadores das roças mais próximas — mateiros e alugados—, jagunços de passagem, tropeiros de pernoite. Sons de harmônica, cantorias, luz de fifós, arfar de corpos nos casebres. Pela manhã com a partida das tropas, a animação minguava, voltaria a crescer no fim da tarde.

Ao chegar ali, na vez anterior, deu-se conta de que fora trazido pela mão de Deus. Enquanto se imaginava perdido, o Senhor o conduzia, guiava seus passos. Não para que ele folgasse num dia de descanso, como então pensara. Trouxera-o para lhe mostrar o lugar onde devia honrar o trato feito, cumprir o seu destino. Não podia vacilar. Antes de prosseguir viagem, Fadul Abdala tomou as necessárias providências.

O CAPITÃO NATÁRIO DA FONSECA

VISITA SEUS DOMÍNIOS

1

Acerto verbal, mais do que suficiente. Entre eles, acordo escrito e assinado, além de desnecessário, significaria afrontosa desconfiança, prova de desestima. Pelo trato, Natário recebeu o titulo de administrador da Fazenda da Atalaia — capataz não é posto para um capitão da Guarda Nacional — com direito de passar uns dias, todos os meses, na propriedade que começara a estabelecer nas terras recebidas em pagamento dos bons serviços, aqueles que nenhum ordenado compensa. Bonachão, o coronel Boaventura encerrara o assunto:

— Agora, entre nós, Natário, já não existe patrão e empregado, somos farinha do mesmo saco.

— Enquanto vosmicê viver sou pessoa sua para o que der e vier.

— Sei disso, conheço seu devotamento e procurei corresponder.

Natário, a fisionomia séria, ainda tinha motivo de conversa:

— Tem outra coisa que quero pedir, se vosmicê me der licença, Coronel.

Outra coisa? Surpreso, o Coronel fitou o mameluco:

— Pode falar, estou ouvindo.

— Zilda tá de barriga outra vez. Quero que vosmicê e dona Ernestina batizem a cria quando nascer.

— Era esse o pedido? — Estendeu a mão: — Pois toque lá, compadre. Vamos fazer uma festança no dia do batizado. É o quinto, não é?

— Sim senhor. Já tem dois moleques e dois rabos-de-saia.

— E na rua, Natário?

— Uma porção, Coronel, perdi a conta. Tudo com a minha cara, nem que fosse estampa de santo.

Em geral a visita do Capitão às suas terras durava três, quatro dias, suficientes para pagar à meia dúzia de alugados, fiscalizar o andamento do serviço, encher os olhos com a visão das roças vicejantes. Mas, certa feita, demorou-se por lá cerca de três semanas, à frente dos trabalhadores na limpa de um resto de mata ainda por desbravar. Se deixasse por conta e risco dos contratados, nem Deus poderia prever a data da queimada. Sob seu comando, cabra nenhum dormia no cabo do facão.

Propriedade pequena, na voz dos entendidos fazendola para umas quinhentas arrobas anuais, contando safra e temporão, e olhe lá. Sendo, porém, de outra opinião, o Capitão deu-lhe foros de fazenda: Fazenda da

Boa Vista. Na afirmação do dono, a Boa Vista, um par de anos após a primeira afloração, produziria pelo menos o duplo das quinhentas arrobas previstas pelos invejosos. Plantada em solo fértil, montada a capricho por quem durante tantos anos cuidara — e ainda cuidava — cabedal alheio, entendido como nenhum outro nos particulares da lavoura do cacau, era fazenda para seguras mil arrobas, Natário se dispunha a apostar dinheiro com quem duvidasse. Sem contar com as futuras roças, a serem plantadas nas terras que acabara de desmatar.

Dava gosto contemplar as mudas de cacaueiros crescendo vigorosas à sombra úmida das árvores. Os olhos miúdos do Capitão brilhavam, num açodamento de amoroso, ao comprovar o esmero com que tinham sido dispostas, as distâncias entre cada uma delas na medida certa, as covas abertas no rigor do preceito, quase não tivera perdas. Não cabia discussão: lavra nenhuma no mundo se compara à do cacau, nenhuma compensa tanto e tão rapidamente. Plantar cacau é o mesmo que semear ouro em pó para colher barrotes. Verdade comprovada, o sorriso abria os lábios, apertava os olhos do patrão da Boa Vista. Era ter paciência e esperar.

Os alqueires que o coronel Boaventura Andrade mandara registrar em nome do antigo capanga situavam-se perto de Tocaia Grande, ninguém soube se de propósito, se por coincidência. Imprudentes especularam sobre o nome dado por Natário à propriedade, insinuando que ele teria se inspirado na visão do vale junto ao rio, quando, na distante noite de tempestade, o parabelo na mão, demorou à espreita: boa vista apesar da escuridão. A língua do povo é comprida e afiada, mais comprida ainda a inventiva. Não adiantava o repetido aviso da cautelosa maioria: com dizques e falatórios não se ganha nem um tostão furado e pode-se ganhar um tiro fácil no ricochete das balas vadias atrás dos pés de pau. Para que revolver águas passadas se o capanga já não existia, quem por ali transitava era Capitão e fazendeiro?

Tocaia Grande ficava a meio caminho entre a Fazenda da Atalaia e a da Boa Vista, a distância a cobrir entre os dois destinos não ia além de légua e meia, duas léguas se muito; em boa montaria, um pulo. Indo ou voltando, o Capitão cruzava sempre pelo atalho, encurtando o caminho. Pôde assim acompanhar, atento e participante quando necessário, a transformação que foi acontecendo.

Tendo sabido dos planos do coronel Robustiano de Araújo, Natário o aconselhou a construir o depósito em Tocaia Grande. Fazendão sem tamanho, na qual além de plantar cacau o Coronel criava gado, a Santa Mariana ficava nas nascentes do rio das Cobras, nos limites da caatinga,

muito distante dos trilhos da Estrada de Ferro. Motivo por que o Coronel decidira levantar em sítio apropriado um armazém para nele estocar cacau seco e ali entregálo aos exportadores; eles que se vexassem com o transporte para Ilhéus. O fazendeiro se agradou do posto, seguiu o alvitre e tendo se dado bem, já estava anunciando a construção de um curral onde o gado repousasse na caminhada para os matadouros de Ilhéus e de Itabuna. Conselho valioso, o Coronel agradecido mandou entregar uma novilha ao Capitão.

O Capitão estava presente quando os trabalhadores enviados pelo coronel Robustiano amassaram barro, cortaram varas e ergueram os primeiros casebres; assistiu à chegada da primeira mulher-dama, Jacinta, mais conhecida por Coroca por ser de maior. A idade já não lhe permitia buscar freguesia de roça em roça; pousou ali, na expectativa dos tropeiros cada vez mais numerosos pois Tocaia Grande se tomara ponto de pernoite muito concorrido.

Ao recomendar o lugar, Natário anunciara ao coronel Robustiano a intenção, antiga e permanente, de construir, na colina sobre o vale, casa de moradia, em breve. Assim se encontrasse mais folgado de dinheiro; o pouco que tinha enterrara na Boa Vista.

2

Contente da vida, o capitão Natário chegou no meio da tarde a Tocaia Grande. Tendo demorado fora da Atalaia mais tempo do que o previsto, trazia pressa. Não tinha intenção de se deter no vale mas o movimento desusado, o número de homens ocupados em derrubar e transportar troncos de árvores, fê-lo parar a mula em frente ao barraco de Jacinta. Teria o coronel Robustiano decidido apressar a construção do curral? A rapariga, idosa e gasta, apareceu à porta, exibindo os molambos dos peitos nos rasgões da combinação.

— Boa tarde, Coroca. — Natário cumprimentou sem descer da mula.

— Boa tarde, Natário... — Dobrou a língua: — ... capitão Natário. — Antigamente, quando ele era mocinho, tinham ido juntos para a cama um ror de vezes, em algumas delas, no fiado; ao vê-lo teso e necessitado, Coroca abria-lhe as pernas a crédito, mas ultimamente ele não chegava para tantas que se ofereciam: — Está voltando? Demorou por lá. Arranjou rapariga nova?

— Só se cabo de facão for rapariga... me diga, se é que sabe: que rebuliço é esse? É o curral do coronel Robustiano ou que diabo é?

— Foi seu Fadu que contratou um punhado de viventes para levantar

casa pra ele. Casa de madeira, não barraco de sopapo que nem esse meu. A gente tá lá dentro na função, de fora tá se vendo pela buraqueira.

— Turco Fadul? Vai botar casa de comércio? — Ficou pensativo: — Adonde? Me aponte o lugar.

— Quem deve saber é Bernarda, foi com ela que ele ficou na noite que dormiu aqui e tomou essa disposição.

— Que Bernarda? A filha de Florêncio?

— Ela mesmo. Chegou tem uns quinze dias. Largou o papa-cria. Veio com uma tropa de burros da Boca do Rio. É novidade, os homens só quer ir com ela.

Antes de tocar o animal, Natário perguntou: — Tá precisada, Coroca?

— Não tou pedindo esmola. Antes morrer de fome.

O Capitão riu, os olhos se fecharam, peste de velha de cachaço duro: — Ainda lhe devo uns atrasados, se lembra? Desde então.

— Isso possa ser.

Entregou-lhe umas moedas, partiu em busca dos trabalhadores e por eles soube dos projetos de Fadul. O mascate deixara com Bastião da Rosa algum dinheiro e ordens para derrubar e preparar madeira bastante para a construção de casa de duas portas na parte da frente e três cômodos nos fundos. Palacete igual naquelas bandas somente em Taquaras, junto dos trilhos da Estrada de Ferro e olhe lá! Aliás, Lupiscínio, o carpina, viera de Taquaras, mandado por seu Fadu para fazer balcão e prateleiras. Trabalho grande e na correria. Bastião da Rosa opinou:

— O turco maluqueceu, Capitão. Tocaia Grande não comporta tanta lordeza.

Natário abanou a cabeça, discordando. Maluco? Não achava não. Sabia de um saber sem dúvidas que, mais cedo ou mais tarde, Tocaia Grande seria uma cidade perto da qual Taquaras não passaria de desprezível tapera, um lazareto.

3

Palacete era o barraco de Jacinta se comparado à choupana de palha onde Bernarda se abrigara: meia dúzia de palmas mal juntadas, quatro tocos de pau enfiados no chão. No interior, um catre, uma panela de barro sobre três pedras, mais nada.

Natário desmontou, percorreu com a vista os arredores. A moça vinha chegando do rio, molhada da cabeça aos pés, na mão as peças que fora lavar: uma calçola e uma anágua. O vestido de bulgariana, ensopado em cima da pele, colava-se ao corpo escuro e o exibia; dos cabelos soltos

escorria água, pingos no cangote. Ao reconhecer o visitante, suspendeu o passo para logo partir correndo, os braços estendidos para ele. Nos olhos de Natário corria uma menina de dois anos de idade que largava a poça de lama onde brincava para pendurar-se nua e suja em seu pescoço. Ao se acoitar na Fazenda da Atalaia, ele vivera uma temporada longa em casa de Florêncio e de Ana, sua amásia. Florêncio não trabalhava nas roças, ocupado em serviços de maior vulto, cuidava de armas e jagunços.

Com que idade estaria Bernarda?, perguntou-se quando a imagem da menina se incorporou na moça envolta em água e sol. Conhecera-a criancinha de peito, pendurada nas ancas da mãe; de certa maneira Natário ajudara a criá-la. Na saleta da casinhola de duas peças, Ana armara uma rede para o hóspede; no chão, num caixote transformado em berço, dormia a criança. Acordava chorando, no meio da noite, mas raramente Ana despertava para lhe dar o peito. Morta de cansaço, mergulhada em sono de. chumbo no quarto vizinho, nem escutava o choramingar da filha. Natário retirava a criança do caixote, colocava-a na rede e com o balanço a fazia adormecer, pesando em cima de seu peito.

Teria uns cinco anos, não mais, quando o coronel Boaventura trouxe o padre Afonso para benzer a capela que dona Ernestina mandara erguer na fazenda em pagamento de promessa a São José, seu protetor, a quem o Coronel devia a vida — a São José e a Natário que apertara o gatilho a tempo: com sua licença, Coronel. A festa durou dois dias: multidão de convidados, até da Bahia veio gente. O padre celebrou missa, consagrou a imagem do santo, casou os amancebados, batizou uma batelada de meninos e uns quantos homens feitos todavia ímpios. Despropósito de comilança, desparrame de bebidas, correu cachaça à grande nas casas dos trabalhadores; um despotismo. Modesto servo de Deus, partidário incondicional do Coronel, modelo de fé cristã e de civismo grapiúna, padre Afonso pecava pela gula, comia por um regi mento.

Natário aproveitou a festa para casar-se com Zilda com quem vivia amasiado havia mais de ano. Ele a encontrara vagando na estrada de Água Preta, pálida, raquítica e assustada, órfã de pai e de mãe, enterrados juntos pela bexiga. Uma ronda de arrenegados pisava-lhe os calcanhares, malta de cães atrás de cadela sem dono, cada qual com seu trabuco. Mais por desenfado do que por apetite, Natário entrou na competição, mandou Mané Bragado para a terra dos pés juntos: o lambanceiro o desconhecera e puxara a arma. Tendo a magricela custado vida de homem, a levou consigo e em seguida lhe fez um filho.

Calada e submissa, trabalhadeira e asseada — a casinha de sopapo

dava gosto —, Zilda ganhou corpo e cores, consideração e afeto, ficou de vez. Onde arranjou coragem para dizer a seu homem e senhor do desejo que tinha de se casar com ele? No padre, para não viver contra a lei de Deus; no juiz, não precisava não.

Quando a recolhera, Natário ainda morava em casa de Florêncio; na rede de solteiro a emprenhou; sob as vistas de Bernarda, por assim dizer. Bernarda continuava a dormir na sala mas com a presença de Zilda perdeu o lugar na rede, o balanço e o peito acolhedor.

Por ocasião do batizado coletivo, Ana os convidou para padrinhos da menina. Jeitosa, Zilda fez, com trapos velhos, uma boneca de pano para a afilhada. Natário nada lhe deu além do que ela mais desejava: poder chamá-lo de padrinho, beijar-lhe a mão e receber a bênção.

Enquanto Florêncio permaneceu na Atalaia, Bernarda viveu mais em casa dos padrinhos do que na dos pais. Beirava os dez anos quando Florêncio, tendo-se desentendido com o Coronel por dê-cá-aquela-palha, arrogância de jagunço que se recusava a pegar no pesado, se mudou para a Fazenda da Boca do Mato — o coronel Benvindo andava à procura de um bom clavinoteiro para gritar com os alugados. Natário e Zilda ofereceram-se para ficar com a afilhada; Florêncio nem quis falar no assunto. Precisavam de Bernarda para ajudar na criação da irmãzinha; naquele meio tempo Ana desovara mais uma filha, Irará de nome, Irá de apelido. Depois, quando se deu o acontecido, Zilda opinou que já então Florêncio andava de olho na menina.

Com a mudança dos compadres, somente de raro em raro Natário voltara a ver Bernarda. Aos trezes anos era moça feita, bonitona, cobiçada. Cobiça de mulher no fim do mundo do cacau não tinha freio nem medida, pois não havia fêmea senão para uns raros felizardos; tudo que usava saia possuía encanto e serventia. Sem falar nas éguas, mulas e jumentas viciadas.

O ataque de congestão derrubou Ana em cima da cama, muda e surda, entrevada para sempre. Trambolho sem outro préstimo a não ser dar despesa e trabalho enquanto Bernarda se desenvolvia numa sedução opulenta e ostentada. Do quarto, deitado junto da paralítica, Florêncio ouvia a filha ressonar na sala, poderoso apelo. Que podia fazer o velho cachaceiro? Comeu a cria antes que outro a comesse. Ninguém quis se envolver no assunto, não pagava a pena. Cangaceiro contratado no sertão do São Francisco quando começaram as lutas pela posse da terra, nelas Florêncio estabelecera macabra folha de serviços. A filha era dele, a ele cabia cuidar de sua família como melhor lhe desse na telha. Ou nos quibas.

4

Contas feitas na cabeça enquanto afrouxava a barrigueira da sela, o Capitão concluiu que Bernarda devia andar entre os quatorze e os quinze anos. Vivesse em Ilhéus, seria mocinha tola, ainda brincando com boneca; ali, nas brenhas, mulher adulta, meretriz de porta aberta.

Viera correndo com os braços estendidos, deixara cair as peças recém-lavadas mas, ao se aproximar, suspendeu o passo e baixou a vista. Apoiado no animal, Natário a contemplou e mesmo sem querer percorreu com os olhos apertados o corpo inteiro da afilhada: ágil e esbelta, compacta carnadura de bronze. Uma confusão dentro do peito onde sentimentos e emoções se atropelavam, contraditórios, como se ele fosse dois. A voz cálida chegava ainda do passado: — A bênção, padrinho.

Mas em seguida a realidade se impunha: — Recebeu meu recado, não foi?

— Recado? Acabei de saber que tu tava aqui agorinha mesmo, pela boca de Coroca. Que foi que se deu?

Soltou a mula que se afastou em busca de pasto, não iria longe. Sem esperar a resposta, atravessou a entrada da choça, sentou-se no catre feito com duas tábuas. Bernarda o acompanhou e se manteve de pé diante dele: em tão pequeno espaço quase tocava em seus joelhos.

— Me diga: que foi que houve? — Na voz aparentemente fria e neutra transparecia uma ponta de cuidado.

Bernarda levantou a cabeça e ornou de frente para o padrinho:

— Não aguentei mais. Pai só faz duas coisas quando vem da roça: beber e dar pancada em nós. — As palavras saíam lentas e pesadas: — E aquilo que o padrinho sabe.

Com a mão amassava a saia, único sinal de constrangimento:

— De-comer não tem em casa, só cachaça. Nós não morreu de fome pro mode o socorro dos vizinhos e porque eu fui pros matos com quem quis me pagar, correndo risco: se Pai chega a saber, tinha me matado.

Natário ouvia sem fazer comentários. Bernarda fungou, o choro ameaçava irromper mas ela o segurou no fundo da garganta, seu ânimo fora temperado em fogo lento. Arregaçou a ponta do vestido para com ela apagar o ardor da vista. O Capitão reparou na coxa maciça, percebeu a curva da bunda; a afilhada comera o pão que o diabo amassou. Morto de pena — pobre menina! —, sentiu o coração confranger-se mas os olhos persistiram fixos, nublados de cobiça até que a rapariga soltou a saia e prosseguiu:

— Pai fez de mim, sua filha, amásia dele, todo mundo sabe. Enquanto Mãe foi viva, sem fala e sem ação, me sujeitei, não ia deixar Mãe morrer sozinha. Mas depois que nós enterrou ela, me toquei embora. — Outra vez fitou o padrinho para afirmar: — Quem pensou que eu tava de acordo, se enganou. Eu tava era na casa do sem-jeito com Mãe naquele estado.

Estava na casa do sem-jeito, verdade pura, mas Natário apenas informou: — Não soube da morte de comadre Ana.

— Faz uns vinte dias que faltou. Mandei um recado pra vosmicê na Atalaia. Não lhe deram?

— Estava de viagem, só agora tou voltando. E Irá?

— Ficou com Pai.

— E se ele fizer com Irá o mesmo que fez com tu?

— Com Irá, padrinho? Mas é novinha por demais, não tem ainda onze anos e nem botou sangue.

— E o compadre é homem de arreparar nessas bobagens? Na casa de Luíza Mocotó, no Rio do Braço, tem uma de dez anos fazendo a vida. Diz-que foi o pai que arrombou. O que mais tem por aqui é pé de cacau e papa-cria.

Constatava sem comentar, era assim é se acabou. No silêncio pesado de intenções e pensamentos, o Capitão empurrou com o pé as palmas que faziam vez de porta. Estendeu a mão, tocou o vestido de bulgariana colado na pele da afilhada. Bernarda não se moveu nem baixou os olhos.

Sua afilhada. Meninazinha, vinha correndo, nua e suja, pendurar-se em seu pescoço. Natário lhe oferecia uma moeda de vintém mas ela recusava. Queria, isso sim, montar em seu cangote, segurar as abas do chapéu de couro, brincar. Cresceu adormecendo na rede, ressonando contra o peito do capanga, rindo quando ele lhe fazia cócegas na sola dos pés. O universo da criança se resumia no padrinho, tirante ele existia tãosomente um deserto de desolação e indiferença.

Mais que padrinho, quase pai. E daí? Pai de verdade era Florêncio e ela não se negara quando o velho a quisera. Dormira com ele por mais de um ano, se não com gosto, conformada. Natário espalmou a mão na barriga de Bernarda, ela permaneceu imóvel mas, quando os dedos tocaram-lhe o seio, esboçou um sorriso e baixou os olhos. O Capitão puxou-a para o catre.

Depois do soluço estrangulado, do ai de ânsia e júbilo, do grito de vitória, Bernarda passou a mão de leve no rosto do padrinho, estremeceu, sorriu e disse: — Sempre pensei que um dia havia de me deitar assim com vosmicê.

Aconchegou-se no peito suado, igual à menina na rede: — No sonho

aconteceu, um montão de vez. Quando quero uma coisa, sonho com ela. Padrinho também? — Puxava conversa para mantê-lo ali, em seu regaço.

— Sonho é mentira, sonhar não paga a pena. Quando quero uma coisa, eu faço ou tomo. — Adoçou a voz para concluir: — É mais melhor ter do que sonhar. Eu também tava querente.

Palavras benditas, venturosas: o padrinho estivera querente, morto de vontade de deitar com ela e penetrá-la. A desolação e a ruindade da vida desfizeram-se, não cabiam no mundo luminoso do beijo e da caricia quando corpos e almas se despiam e se ofertavam sem pejo, sem acanhamento. Ai que maravilha, meu padrinho, vamos nos fartar, estou precisada para compensar os infindáveis dias, as noites de medo e asco! Ai, meu padrinho, tanto tempo podre! Tanto tempo triste! Vamos nos fartar, não vá-se embora!

— Padrinho não vai logo embora, não é? Ainda é cedo. — Desculpava-se: — Não tenho nada para servir a vosmicê. Só eu mesma, se padrinho ainda tá querente.

Querentes os dois, demoraram-se na folgança, fazendo-a durar até que o sol desceu do céu para pernoitar no rio e a mula relinchou lá fora. Enquanto calçava as botas, o Capitão quis saber: — O que foi que o turco disse?

— Vai montar negócio aqui. Diz-que tem futuro. Deve estar voltando.

— Quando ele aparecer, tu manda ir falar comigo na Atalaia. Mas avisa logo a ele que o morro que fica na curva do rio, aquele mais alto, é meu, faz um tempão.

A palavra do padrinho era a verdade e a lei, Bernarda fez a pergunta apenas para prolongar por mais um minuto conversa e estadia, a bemaventurança: — Vosmicê comprou junto com a roça?

— A roça ganhei do Coronel por merecimento. Fiz por merecer também esse cabeço mas não sei quem me deu ele em recompensa: se foi Deus se foi o Cão. Só sei que é meu e nele ninguém toca a mão nem põe o pé.

Não lhe ofereceu dinheiro, ao despedir-se: iria magoá-la se o fizesse: em lugar do vintém de cobre, a menininha pedia tãosomente agrado. Mas, antes de tomar o atalho, o Capitão acertou com Bastião da Rosa e Lupiscínio o aproveitamento das sobras da madeira cortada para Fadul; com elas levantariam, por sua conta, uma casinha de três cômodos, onde a afilhada e Coroca pudessem morar e exercer o oficio. Quem conquista mando e autoridade, contrai igualmente obrigações. Deve cumpri-las.

O NEGRO CASTOR ABDUIM DA ASSUNÇÃO
AGRIDE UM SENHOR DE ENGENHO DEPOIS DE TÊ-LO CORNEADO DUPLAMENTE

1

O negro Castor Abduim da Assunção trouxera do Recôncavo, de onde procedia, o apelido de Tição Aceso e em parte o conservara, atendendo raramente pelo nome de batismo; passou a ser apenas Tição, rapaz festeiro. Ao mesmo tempo, ao empreender a fuga, deixara para trás e para sempre o apodo de Príncipe de Ébano, repetido por Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, Barão de Itauaçu, com evidente sotaque de chalaça mas que a Baronesa Marie-Claude Duclos Saraiva de Albuquerque, ou simplesmente Madama, pronunciava revirando os olhos, tilintando a língua, rebolando o cu.

O cu e não os quadris, as ancas, as cadeiras, a bunda, na opinião competente apesar de apaixonada da mulata Rufina, que a proclamava na cozinha da casagrande provocando risos e remoques: sendo Madama despossuída de tais magnitudes não as podia rebolar. Em troca arregalava uns olhos enormes, pedinchentos, perturbadores e exibia. sob as rendas da transparente blusa de organdi, num descaro de gringa, um par de seios diminutos porém firmes, altaneiros, de uma alvura mais que branca, cor-de-rosa: uma galanteza. Quando o jovem Castor, envergando o vistoso traje de fâmulo, surgia na sala de jantar trazendo os cristais na bandeja de prata, Madama sussurrava: Mon Prince: — e a voz se diluía em gozo.

Também a voz de Rufina se diluía em gozo ao vê-lo na copa, todo verde-amarelo com toques vermelhos nas mangas bufantes; suspirava: Tição Aceso, ai meu Tição! Corpo digno do capricho de opulento senhor de engenho ou de cônego reverendo e magnânimo, pernas nuas, ombros nus, seios túrgidos, cor de melaço, uma opulência, entremostrando-se no decote da bata de algodão, não como descaro mas a medo. Rabistel de popa de saveiro, navegava em maré alta, pavoneando-se nas fuças de Castor, tição de fogo que lhe acendia labaredas nas entranhas.

Castor sentia-se pouco à vontade na libré de mucamo, de criado de servir, costurada sob as vistas de Madama que a copiara de um livro de figuras. Preferia o trapo passado entre as pernas, amarrado na cintura e o calor da forja na oficina do tio Cristóvão Abduim, seu único parente. A Baronesa o retirara da bigorna para transformar o aprendiz de ferrador

em pajem, em palafreneiro, em favorito: servo não tem vontade nem alvitre. Ainda assim, apesar da veste burlesca e da condição doméstica de serviçal, Castor mantinha o porte altivo, o riso perene e contagiante. Inconsequente juventude, tição aceso ou prince noir, fazia Rufina perder a cabeça, disposta a enfrentar as piores consequências, levava Madama ao frenesi.

2

Da incomparável qualidade dos negros no exercício de la bagatelle, Marie-Claude soubera por Madeleine Camus, née Burnet, contemporânea de colégio, sua ainée. No Sacré-Coeur, pulcras e frascárias alunas das freiras, amies intimes, trocavam informações, projetos e sonhos, conversavam religião e putaria, ansiosas à espera do dia da libertação.

Ao regressar de Guadalupe onde o marido, tenente-coronel de artilharia, comandara a guarnição, Madeleine fizera duas declarações peremptórias: a) todos os tenentes-coronéis nascem com irrevogável vocação para corno manso, nem a mais pateta das esposas pode impedir que cumpram seu destino; b) os negros, em matéria de cama, são absolutamente insuperáveis. Não havia melhor prova da primeira afirmativa do que o próprio esposo de Madeleine: fora ele quem trouxera para casa, na qualidade de ordenança, o negro Dodum, exatamente a melhor prova, a mais esplêndida, da segunda revelação.

Proclamada baronesa e senhora de engenho devido ao feliz matrimônio com nobre mais ou menos colonial, mais ou menos mestiço e riquíssimo — em relação à fortuna não havia mais ou menos e, sim, mais e mais —, Marie-Claude viajou para os trópicos distantes e misteriosos onde estava situado seu reino doce e verde de cana-de-açúcar e servos negros. Levava na bagagem vestidos chiques, uma batelada de remédios, aflitas recomendações maternas e a excitante informação de Madeleine. A princípio tudo foi novidade e animação, motivo de festa e de riso, mas a monotonia não tardou a prevalecer.

Cansada dos bailes provincianos nos quais, por causa da elegância e dos costumes europeus, provocava inveja e conquista va aversões entre o mulherio atrasado e maledicente, cansada sobretudo da presunção e da tolice do Senhor de Itauaçu, tão cheio de si quanto vazio de interesse, para conter os bocejos e suportar o desterro, Marie-Claude dedicou-se à equitação e à fodilhança. Ginete petulante, sozinha ou acompanhada pelo Barão, cruzava os campos nos cavalos de raça, os mais árdegos do Recôncavo.

Consorte atenta, comprovou na prática que, iguais aos tenentes-coronéis, todos os barões nascem com irremissível vocação para corno manso: impossível impedir que a realizem. Em sendo assim, uma esposa devotada deve estar apta a cumprir o seu dever, solidária com o destino do marido. Um dia, quando dissertavam, sobre a pureza e a beleza das raças equinas e similares, andando pelos arredores do banguê, o Barão Adroaldo apontara um negro adolescente, envolto em fagulhas, na oficina do ferreiro, chamando a atenção de Madame la Baronne para aquele magnífico espécime de animal de raça:

— Repare no torso, nas pernas, nos bíceps, na cabeça, ma chère: um belo animal. Exemplar perfeito. Observe os dentes.

Reparou, obediente e interessada. Demorou os olhos molhados no exemplar perfeito, no belo animal. Observou os dentes brancos, o sorriso vadio. Malheur! Uma faixa de pano escondia lhe a primazia.



O Barão era deveras autoridade em raças, herdara a competência do pai, perito na escolha e compra de cavalos e escravos. Mas Marie-Claude aprendera com as freiras do Sacré Coeur que os negros também têm alma, adquirem-na com o batismo. Alma colonial, de segunda classe, mas

suficiente para distingui-los dos animais: a bondade de Deus é infinita, explicava Sóror Dominique dissertando sobre o heroísmo dos missionários no coração da África selvagem.

— Mais, pas du tout, mon ami, ce n'est pas un animal. C'est un homme, il possêde un'ãme immortelle que te missionaire tal a donné avec le baptême.

— Un homme?

— O Barão desatou a rir.

Quando o Senhor de Itauaçu ria em francês, posando de aristocrata culto e irônico a se divertir com a tolice humana, tornavase intolerável por afetado e arrogante. Um seu xará, Adroaldo Ribeiro da Costa, bacharel e literato de Santo Amaro, ao ouvi-lo rinchavelhar massacrando sem piedade a língua de Beaudelaire, mestre bem-amado, passara a designá-lo por Monsieur le Franciú para gáudio dos ouvintes e pelas costas do Barão: o poeta vivia na lua mas não a ponto de se expor às iras do mandachuva.

— Não me leveis a mal, ma chêre, mas vossa afirmação é uma estultice. Onde já se viu dizer que um negro é um homem? Um belo animal, repito, com certeza menos inteligente do que vosso cavalo Diamante Azul.

— Três beau, oui. Un homme três beau, un prince. Un prince d'ébêne!

— Príncipe de Ébano! Vous êtes drôle, Madame. Deixai-me rir. — E rinchavelhou superior e absoluto.

A troça grosseira, a empáfia, le ricanement sardonique do Barão acabaram de convencê-la: destino é destino, traçado no céu. A Baronesa adotou Castor e não se arrependeu. Se o senhor de engenho se deu conta do interesse que ditou a mudança de estado do aprendiz de ferreiro, agora a lhe servir à mesa, fez vista grossa, ele próprio ocupado em derrubar cabrochas do banguê, delas usando e abusando como se ainda perdurasse a escravidão.

Senhor feudal, de muitas comeu os três vinténs mas somente com Rufina manteve relacionamento prolongado; na cozinha da casagrande ela se dava ares de sinhá, comborça coberta de ouro e prata — balangandãs, pulseiras, brincos, colares, trancelins, além da cruz de madrepérola que lhe dera o reverendíssimo Cônego. A generosidade do Barão não conhecia limites: como se não bastassem os regalos valiosos, teimava em instruir a mulata na prática de refinamentos das estranjas, sem sucesso pois ela preferia a brincadeira ao natural: a gula insaciável dispensava molhos e temperos.

Para encurtar o conto, pois o enredo detalhado da cornice dupla ou du double cucuage do Senhor de Itauaçu revela-se longo em demasia para o

espaço que lhe cabe na história de Tocaia Grande, registre-se de logo aquilo que em pouco tempo se tornou de domínio público: combatendo em duas frentes de batalha, na de Madama toda em oiro, na de Rufina toda em cobre, com a força e a inocência dos dezenove anos por cumprir, Castor Abduim ornou de potentes e graciosos chifres a aristocrática testa do Barão.

3

O mimoso e perfumado ventre de Madame la Baronne contraía-se guloso, orvalhava-se quando ela, na solidão do boudouir rompida pelos roncos do Barão, pensava no Príncipe de Ébano e o detalhava com apetite: os lábios grossos, os dentes de morder, a língua áspera, o peito largo, as pernas fortes e o resto, ai!

Perdão pela má palavra que evidentemente não pertence ao vocabulário de Madama. Jamais ela diria resto, jamais usaria termo assim mesquinho e indelicado para nomear aquela ostentação única e primaz, a cuja simples vista se obliterava o cérebro de Rufina e se umedeciam as partes de Madama. Partes: ainda uma palavra infeliz, ordinária mas corriqueira entre o povo da cozinha do qual ela provém e de cuja alcovitice Deus nos livre e guarde.

Apesar de ter a sensibilidade à flor da pele, a Baronesa mantinha-se lúcida mesmo nos momentos culminantes, ciosa da lógica e da exatidão gaulesas. Com justa pertinência designava a formosa e notável potestade conforme a ocasião e a serventia: com as duas mãos empunhava le gran mât, fartava-se a mamar te biberon, abria-se para receber pela frente e por detrás l'axe du monde.

Agoniada com o rapé e os requintes do Barão, desdenhando os bálsamos do Cônego compassivo e magnânimo, Rufina buscou consolo e provimento no mesmo peito amplo em que a meiga Baronesa repousava os bucles da loira cabeleira: o peito de Castor Abduim da Assunção, Tição Aceso, Príncipe de Ébano, criado de luxo, ex-aprendiz de marechal-ferrant na forja de seu tio Cristóvão Abduim, ambos de cabeça feita por Xangô.

Nos canaviais, no banguê, nos engenhos do Recôncavo, nas cidades de São Félix, Cachoeira, Muritiba e Santo Amaro, em Maragogipe e até na capital, comentavam o caso, diziam que a confraria de São Cornélio, o santo padroeiro dos galhudos, tinha novo e ilustre presidente, o Barão de Itauaçu, Monsieur le Franciú, corno ao quadrado, corníssimo, cornissíssimo, rei da mansidão. "Un gentil cocu" para usar definição que soava simpática e amical na boca da Baronesa sua esposa. Ah! — a boca da

Baronesa só se comparava ao xibiu de Rufina, duas obras-primas, duas competências, opinião compartilhada pelo Barão Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, fidalgo e senhor de engenho, e pelo negro Castor, nascido servo nas plantações de cana. Comprova-se assim, mais uma vez, que a verdade se impõe ao sábio e ao iletrado, ao rico e ao pobre, à nobreza e à ralé.

4

Para que não se faça mau juízo de Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, Barão de Itauaçu, e se não lhe atribua a pecha de senhor de engenho atrasadão, sustentáculo de vulgares preconceitos, indigno de esposa europeia, civilizada, deve-se dizer que o incidente com Castor, motivo da agressão e da fuga, não teve como causa imediata a intimidade estabeLecida entre a Baronesa e o ajudante de ferreiro. Ao que tudo indica, os chifres provindos dos bucólicos passatempos de Madama não faziam mossa ao Barão. Ele os carregava com dignidade e nonchalance num belo exemplo aos bárbaros senhores do açúcar de justiça sumária: matavam as sinhás e as sinhazinhas que se atreviam com os negros; aos negros mandavam capar antes de matá-los.

O que fez o Barão erguer o braço com o chicote e abrir lanho de sangue nas costas nuas de Rufina, foi a indignação provocada pela atitude da cabrocha: a ingratidão, a falta de respeito. Sentiu-se agredido naquilo que lhe era mais sagrado, o sentimento de propriedade. Gastara conhecimentos e dinheiro com a mal-agradecida — concedera-lhe a honra de deflorá-la e de com ela fornicar assiduamente; buscara instruí-la a respeito de refinadas práticas sexuais, que a erva ruim, estulta, se recusava a admitir; dera-lhe estatuto de concubina elevando-a da condição de cria da casa, de animal doméstico; além das prendas de vestir e de enfeitar, tantas. A traição da mulata doeu-lhe fundo: não se tratava de simples capricho momentâneo de esposa entediada, risível leviandade, pecado venial; tratava-se de pesado agravo, afronta vil, humilhante escárnio ao senhor e amo, culpa imperdoável, pecado mortal. Tolerar tal ultraje significaria abalar os fundamentos da moral e da sociedade.

Assim, quando, ao regressar da cavalgada matinal, surpreendeu nas dependências da antiga senzala Rufina sendo possuída por Castor à maneira elementar dos ignaros, a mulata por baixo, o negro por cima, o Barão enfureceu-se; não era para menos, convenhamos. O zumbi escafedeu-se mas voltou ao escutar, quase em seguida, o uivo de Rufina. Desvairado, o Barão exemplava-a com denodo. Castor arrancou-lhe o

chicote das mãos, partiu-o em dois pedaços e atirou-o longe. Em troca recebeu o tapa, o insulto e a ameaça.

— Vou mandar arrancar teus ovos, Príncipe de Merda, negro imundo.

A face ardendo, a vista turva, o Príncipe fosse-lá-do-que- fosse — de ébano ou de merda — com a mão esquerda segurou o Barão pela jaqueta de montaria, com a direita encheu-lhe a cara de portada. Só parou de bater quando acudiu gente, vinda da casagrande e do banguê, num alvoroço que tinha algo de festivo: não é todos os dias que se assiste ao espetáculo do esbofeteamento de um senhor de engenho.

Cabeça e colhões postos a prêmio, Castor ganhou o mundo. Houvesse demorado, nem sequer a senhora Baronesa teria podido salvá-lo, se quisesse interferir a seu favor. Não queria: afetada pela traição do negro — Aie! Madeleine, le plus beau noir du monde, le plus vilain da homnes! — Madama adoecera, guardara o leito em dias melancólicos, mas reagira e preparava-se para uma viagem à Europa em companhia do Barão, numa segunda lua-de-mel, bem merecida.

O fugitivo chegou à capital após descer o rio Paraguaçu num saveiro carregado de açúcar e cachaça. Mãe Gertrudes de Oxum, que o hospedou, considerava a cidade da Bahia demasiadamente próxima de Santo Amaro para oferecer garantia de vida a um negro acusado de tamanhos crimes: atrevera-se a levantar os olhos para a íntegra e virtuosa esposa do amo; repelido, pretendera violentar pobre e indefesa mucama; impedido de levar avante o torpe intento, tentara assassinar o senhor de engenho. Beleguins o procuravam com ordem de prisão, capoeiras vindos do Recôncavo vasculhavam as ruas com ordem de matá-lo.

Escondido no porão de um veleiro de dois mastros viajou da Bahia para Ilhéus. No terreiro onde zelava pelos orixás, num coqueiral entre Pontal e Olivença, pai Arolu o acolheu e o recomendou ao coronel Robustiano de Araújo, cuja riqueza não o impedia de dar comida aos encantados e de receber a bênção e os conselhos do babalorixá. No eldorado do cacau pai Arolu tinha tanto ou mais prestígio do que o Senhor Bispo: chegara primeiro e possuía indiscutíveis poderes sobre o sol e a chuva.

5

Levava Castor cinco anos trabalhando como ferrador de cavalos na Fazenda Santa Mariana quando, seguindo no rastro da tropa de burros, aconteceu-lhe pernoitar em Tocaia Grande. Seu destino era a cidade de Itabuna, mais exatamente as ruas de canto onde se localizavam as casas de raparigas, ia tirar o corpo da miséria. Para quem se deleitara com fartura,

degustando manjares finos, iguarias nacionais e estrangeiras no regalóriio dos engenhos de açúcar do Recôncavo, as fazendas de cacau no sul do Estado deixavam muito a desejar em matéria de mulher.

No mais, estava satisfeito, não sentia saudades a não ser do tio. Mesmo que pudesse, não retornaria. Lá não passava de servo com o único direito de obedecer sem levantar a voz. Tratado de príncipe, pondo cornos no Barão no luxo dos lençóis de linho, das cobertas de renda, das colchas de cetim, nem no leito de Madama se sentira um homem livre. Para que isso acontecesse, fizera-se necessário meter a mão na cara do Senhor, correr perigo de vida, atravessar o mundo e chegar às terras do cacau onde cada um tinha seu valor e, bem ou mal, era pago pelo que fazia.

A falta de mulheres na fazenda, ele a compensava acompanhando as tropas de burros: nos entrepostos, nos povoados, nas cidades encontrava o calor das putas. Amadurecera num negro tranquilo e cordial, conservara o jeito simples e o porte altivo, o caráter amigueiro. Quando demorava a aparecer, algumas raparigas reclamavam a longa ausência de Tição: para animar uma festa não havia outro igual a ele.

Artesão capaz e habilidoso, na forja rudimentar montada na Santa Mariana a fim de atender às necessidades da fazenda — ferrar o gado, calçar os animais de sela e carga, afiar facões, recondicionar instrumentos de trabalho, pás, enxadas, foices — Castor, para se divertir, confeccionava facas, punhais, guizos para arreios, anéis para ofertar às conhecidas, ferramentas de candomblé que mandava de presente a pai Arolu: arco-e-flecha de Oxóssi, abebês de Oxum e Iemanjá, machado de duas cabeças de Xangô. O Coronel não poupava elogios à destreza e à perícia do ferrador, umartista a seu ver. Tição oferecera ao fazendeiro um par de estribos, lavrados por ele com apuro e artifício, peça de valor.

Boa pessoa, o coronel Robustiano de Araújo. Rico e poderoso, não arrotava fidalguias, não olhava de cinta, com desprezo, para os trabalhadores. Ainda assim, o sonho de Castor era montar uma forja de ferreiro num dos novos povoados, trabalhar por conta própria, não servir a patrão por melhor que fosse.

AJUDADO POR COROCA, TIÇÃO ABDUIM
EXTRAI UM DENTE MOLAR DA AMANTE DE MANUEL BERNARDES, CLAVINOTEIRO FAMOSO

1

De repente, gemidos lancinantes cobriram a algazarra habitual do começo da noite no vasto acampamento em que Tocaia Grande se havia transformado. Vinham de longe, num crescendo: desesperados ais de dor. Alguém implorava socorro e falava em morte. A sanfona silenciou nas mãos de Pedro Cigano que andava ao deus-dará sem rumo certo, fazendo de um tudo e não fazendo nada. Os renitentes jogadores de ronda suspenderam os lances, tropeiros e trabalhadores despertaram, puseram-se de pé, saíram a ver o que estava acontecendo. Ao lado de Coroca na cama de campanha, o negro Castor semi-ergueu-se atento.

— Até parece que estão matando alguém. — Comentou a mulher-dama.

— Vou ver. — Disse o negro, enfiando as calças: — Já volto.

— Também vou. — Coroca apurou o ouvido: — É choro de mulher.

Perdurava em torno de Tocaia Grande uma legenda de perigo e violência — não ganhara aquele nome por acaso — se bem ultimamente não se tivesse notícia de bafafá de vulto sucedido por ali. Vez por outra um tiro, uma facada, brigas em torno dos baralhos sebosos. Dias antes, dois cabras quase se acabaram no punhal para decidir qual deles ia passar a noite com Bernarda; correu sangue mas não houve morte — incidente de pouca monta. Ainda assim, moradores e passantes se alarmavam ao escutar gritos de dor, pedidos de socorro.

Três figuras despontaram por detrás do barracão no qual se acumulava o cacau provindo da Fazenda Santa Mariana e repousavam os tropeiros que o traziam e os jagunços que o guardavam. Coroca e Castor puderam distinguir, à luz da lua cheia, a mulher ainda jovem, mulata escura, de basta cabeleira crespa, femeaço vistoso se não estivesse tão desarvorada: com a mão tapava um lado do rosto, gemia sem parar. Acompanhavam-na um homem magro, sarará, já de certa idade, e uma velha. Coroca se adiantara ao encontro dos caminhantes: nada de sério, apenas uma doente a caminho de Itabuna, em busca de atendimento. Não devia encontrar-se em estado grave pois vinha andando com seus próprios pés e não transportada aos ombros numa rede, moribunda. Ouviu-se o riso de mofa da rapariga:

— Tanto escarcéu por um dente? Tirar a gente do sono por uma

besteira dessa? Um descaro.

Aflita e raivosa, a velha enfrentou Coroca: — Quisera ver se fosse com vosmicê, sia dona. Vai pra três dias que a pobre só faz sofrer, não tem descanso, começou anteontem e não parou de doer, cada vez mais pior, não dá sossego pra infeliz.

Elevara a voz para ser ouvida pelos curiosos que afluíam:

— Nós tamos indo para Taquaras, pro mode ver se encontra por lá um filho de Deus que arranque o dente dela. Se não encontrar, a gente continua pra Itabuna. É minha filha, mulher dele.

Apontou para o homem que se mantinha calado. A velha despejava o saco, com certeza tivera de repetir a explicação caminho afora. Continuou:

— Acho que foi praga que rogaram nela. A tal da Aparecida que...

Não conseguiu contar o caso, a voz brusca do homem cortou-lhe a palavra: — Basta! Vosmicê fala demais.

Trazia punhal na cintura e repetição pendurada no ombro. Mesmo sem o aviso dado pela velha, logo perceberam que a criatura era propriedade dele pela preocupação e pelo cuidado refletidos no rosto carrancudo que se enternecia ao fitar a choramingas. Tomou a frente de Castor quando o negro se aproximou risonho e se ofereceu:

— Se tá procurando quem arranque seu dente, dona, não precisa ir até Taquaras. Aqui mesmo se pode dar um jeito. Venha mais eu.

O homem quis saber: — Ir pra onde?

— Pro armazém do coronel Robustiano, pra eu espiar a condição do dente.

— E tu assunta de dor de dente? — Mais do que a pergunta, o tom da voz continha suspeita e advertência.

Castor não vacilou, abriu-se num sorriso: — Assunto, sim senhor. Vambora, dona.

A um sinal do homem, andaram para o depósito de cacau, os jagunços abriram passagem para o grupo, igualmente interessados nas peripécias da ocorrência. A assistência crescera com a presença de Pedro Cigano, de Bernarda, de Lupiscínio, de Bastião da Rosa, de trabalhadores e tropeiros. Trocavam cochichos, olhavam de soslaio para o homem armado, o carpina fez um gesto, Bastião da Rosa respondeu com outro, confirmando. Haviam reconhecido o macambúzio: envelhecera e estava enxodozado, o que o tornava ainda mais perigoso. Lupiscínio sentiu um arrepio na espinha, um frio nos quibas: tudo podia acontecer.

Tição pediu que a mulher se sentasse em cima de uns sacos de cacau e abrisse a boca mas ela não se moveu, continuou gemendo à espera da

decisão do sarará que insistiu na pergunta: — Tu assunta mesmo?

O negro riu novamente, brincalhão e bem falante: — Já disse a vossa senhoria.

— Não sou senhoria, nem sua nem de ninguém. Sou Manuel Bernardes, de Itacaré, e não aprecio zombaria. Vou mandar ela sentar mas o risco é seu. — Abrandou a voz ao dirigir-se à mulher: — Vai, senta, Clorinda, abre a boca, mostra o dente ao moço.

Lupiscínio e Bastião da Rosa tinham-no identificado antes que ele proclamasse o nome façanhudo em aviso e ameaça. Clavinoteiro a serviço dos Badaró durante as lutas travadas com o coronel Basílio de Oliveira, no cerco final quando a munição terminou e ele se viu sozinho, com uma bala no ombro, lavado em sangue, mesmo assim não se entregou, não se rendeu; armado com o punhal, ainda feriu três. Preso e amarrado, iam acabar com ele na malvadeza mas o coronel Basílio não consentiu: macho daquela espécie não se mata a sangue-frio. Mandou que o soltassem e lhe estendeu a mão. Manuel Bernardes passou a viver em Itacaré onde plantava milho e mandioca e possuía uma casa de farinha. Fama capaz de rivalizar com a dele, só mesmo a do capitão Natário da Fonseca.

Naquela hora todos temeram pela vida do negro Tição, rapaz trabalhador e presepeiro, muito estimado. Ferrador de mão segura e forte ao bater o cravo, ferreiro de dedos ágeis e engenhosos no trato dos metais. Defeito sério, aparentava possuir apenas um: era abelhudo a mais não poder, metia o bedelho em tudo, tudo querendo resolver, o belzebu. Ia pagar caro o atrevimento, quem mandara se intrometer? Decerto não tinha competência nem traquejo, não passava de um negro maneiro e folgazão.

Adolescente, intrometera-se com as girondas do Senhor Barão, a legítima e a preferida. Por vales e montes, canaviais e bagaceiras, pelo campo verde e pelo céu azul cavalgara as duas montarias exclusivas do senhor de engenho, arriscando a cabeça e os ovos. Demonstrara traquejo e competência, perdera o medo de uma vez por todas.

— Muito prazer, seu Manuel. Meu nome é Castor Abduim, me chamam de Tição por ser ferreiro. Já tive outros apelidos, posso lhe contar se um dia vosmicê quiser ouvir. Agora, vamos aliviar a sua dona. No mundo não há coisa tão ruim que se compare a dor de dente, é o que ouço dizer e repetir. Eu nunca tive, graças a Deus. Riu de um lado a outro da boca, exibindo os dentes brancos.

2

— É embaixo ou em cima? De que lado, dona?

— No de baixo. Nesse aqui.

Os assistentes se aproximaram, todos queriam ver, os olhares iam do clavinoteiro ao negro, da mulher à velha. Tição pediu a Coroca que segurasse o fifó na altura do rosto de Clorinda. Mal conseguia enxergar à luz vacilante e fumacenta do candeeiro; foi tenteando com os dedos no lado direito até que a padecente gemeu mais fone e ele sentiu o buraco da cárie no molar.

— Um queixal! Se a moça quiser e se um cristão arranjar uma torquês, posso arrancar.

A voz de Manuel Bernardes voltou a ressoar, ainda em dúvida e em ameaça: — Já arrancou algum?

Naquele cu-de-judas, calçador de ferraduras acabava sendo médico de bichos. Por mais de uma vez Castor extraíra dentes de burros e cavalos. De mulher e homem, ainda não, mas que diferença faz?

— Não tem conta.

Nos guardados do depósito, encontraram a torquês. O negro pediu que obtivessem um pouco de cachaça: — Pra moça tomar um gole e sentir menos.

Um tropeiro trouxe uma garrafa acima da metade. Tição deu uma provada, elogiou: é da boa. Explicou a Clorinda: — Vai doer um pouco, se quiser que arranque tem que aguentar. — O sorriso infundia confiança: — Mas é uma dor só, depois.passa, se acabou.

— Pois me faça essa caridade.

Gentil, o negro estendeu a garrafa ao sarará, oferecendo: — Uma lambada? É bom pra sossegar o juízo.

— Dispenso. — Ao lado da mulher, segurava a repetição, impassível.

Castor não se deu por achado: — Dispensa? Não gosta, ou é crente? A moça é que não pode dispensar, goste ou não goste.

Pela forma como tomou a garrafa, logo se viu que Clorinda não recusava um trago. Parou até de gemer.

— Agora, abra a boca,.dona. O fifó, Coroca!

Apalpou as gengivas da queixosa que se remexia a cada toque da mão incômoda. No silêncio espesso e tenso, uma atmosfera de alarme e apreensão envolvia os presentes, atentos a cada palavra, a cada gesto. A velha tirou a garrafa da mão da filha, serviu-se ela também. Tição riu e comentou:

— Que é isso, vovó? Também vai arrancar dente? Segure aí. —

Entregou-lhe a torquês, voltou-se para o malcriado: — Me empreste o punhal, seu Manuel.

— Pra quê?

— Já vai ver. Preciso afastar a gengiva pra poder segurar o dente com a torquês.

Recebeu a arma, receitou outro gole de cachaça para Clorinda.

— Assim, ela vai ficar bêbada. — Alarmou-se a velha.

— Quanto mais bêbada melhor pra ela.

Pedro Cigano comprovou e louvou, com um movimento de cabeça, o desembaraço da chorona: emborcara a garrafa com disposição.

— Se prepare que vai doer um pouquinho. — Avisou Castor.

— Pior do que está, não pode ser. — A cachaça, se não a embriagara, dera-lhe coragem.

Pedindo a Coroca para movimentar o candeeiro de forma que pudesse ver dentro da boca aberta, o negro separou a gengiva do dente, pouco a pouco, com a ponta do punhal; filetes de sangue escorreram pelos cantos dos lábios da mulher. Manuel Bernardes desviou a vista, olhou em frente. Além dos gemidos abafados, não se ouvia o menor ruído. Clorinda, de quando em quando, se agitava ao sentir a picada da lambedeira.

— Pronto — Comunicou Castor. — Passe a garrafa para ela, vovó.

Devolveu o punhal, Manuel Sentardes limpou o sangue na calça cáqui. Tição esperou que a mulher terminasse de beber, fêla escancarar a boca, ainda assim teve dificuldade para introduzir a torquês. Não foi fácil tampouco segurar o queixal entre as tenazes: apesar da delicadeza e da habilidade demonstradas pelo ferrador de animais, a torquês mordeu duas ou três vezes a gengiva machucada, fazendo Clorinda contorcer-se. Aproveitando um momento em que o negro retirara a torquês para afastar a gengiva com os dedos, a mulher deu um safanão e levantou-se de um salto. Sem sequer olhar para ela, Manuel Bernardes disse:

— Tu quis, agora tem de aguentar, o moço avisou. Vai, sente e não se levante mais.

Era uma ordem mas transmitida com brandura, a voz não se elevara, jamais a elevava ao falar com Clorinda. O sarará estava embeiçado, refletiu Bernarda e se preocupou por Tição: se o negro estragasse a boca da mulher e não tirasse o dente, iriam presenciar mais uma desgraça. Olhou em derredor e leu na cara dos demais a mesma agonia, ai, minha Virgem da Capistola!

A mulher se aquietou e Tição conseguiu finalmente prender o molar entre as garras da torquês. Fincou os pés no chão, deu um arrancão com

violência mas a padecente se moveu, o dente resistiu, não veio com a ferramenta. O negro, paciente, recomeçou a melindrosa tarefa, minutos infindáveis. Os assistentes se comprimiam em torno. Alguém, talvez Bernarda, deixou escapar um suspiro. A voz, agora alterada e dura de Manuel Bernardes, exigiu: — Acabe com isso de vez!

Castor sorriu à luz do flfó e prosseguiu, tranquilo, até sentir o dente bem agarrado pelas tenazes que o seguravam na raiz. Pediu ajuda de dois homens para imobilizar Clorinda, impedindo-a de se mexer. Antes que alguém se apresentasse, Manuel Bernardes decidiu: — Não precisa ninguém, basta com eu.

Encostou a espingarda nos sacos de cacau, cravou as duas mãos no cangote da mulher. Então o negro firmou o corpo, puxou com toda a força: a força de um ferreiro habituado a aplicar ferraduras em animais, a malhar o ferro em brasa. A torquês saiu suja de sangue, Castor a exibiu com o queixal entre as tenazes, um dente disforme que dava gosto ver.

— Taí seu dente, moça.

Clorinda cuspiu um cuspo grosso, limpou com a mão a baba vermelha. Pegou a garrafa de cachaça, bebeu o que sobrava como se bebesse água, depois agradeceu: — Deus lhe pague, seu moço. Desculpe os maus modos.

Manuel Bernardes colocou a espingarda no ombro. Aproximou-se: — Toque lá. — A mão estendida: — Me disculpe o mau juízo, foi por lhe ver tão moderno. Serviço danado de penoso. Quanto devo?

— Não deve nada. Não vivo de arrancar dente.

Surgira, ninguém sabe de onde, outra garrafa de cachaça, passava de mão em mão, chegou a eles. Manuel Bernardes a suspendeu pelo gargalo, engoliu dois goles calibrados, enxugou a boca na manga do paletó; riu pela primeira vez ao entregas a garrafa ao negro:

— Não sou crente, não, Deus me livre e guarde, mas não tava com vontade de beber com vosmicê naquela hora. — Despedia-se: — Se um dia precisar de mim, sabe onde moro.

Ouviu-se um som repínicado, nascia da sanfona de Pedro Cigano, um coco das Alagoas que bulia com o sangue e os pés do povo. A velha assanhou-se e saiu no passo ligeiro e miúdo da dança: velha levada da breca na cachaça e no forrobodó. Formou-se a roda em torno dela, as mãos marcando a cadência acelerada. Bastião da Rosa, branco de olhos azuis, trouxe Bernarda para o centro da roda, formavam um par de arromba. Clorinda, apaziguada, olhou num convite para o sarará a seu lado, Manuel Bernardes voltou a sorrir, o peito aliviado da dor da companheira e da tenção de matar. Retirou a repetição do ombro. Dos sacos cheios de cacau

subia um odor ativo que se misturava ao bodum dos corpos suados, aromas familiares, aromas de primeira, um e outro.

— Doutor Tição... — gracejou Coroca pendurando o filó num prego na porta de entrada.

Juntos deixaram a festa, voltaram para a cama de campanha. Coroca não era perfumada e galante Baronesa, não possuía o corpo esbelto e jovem de Rufina mas, para atender uma emergência, valia tanto ou mais que outra qualquer: tinha a sabedoria de Madama, o fogo da mulata. Xoxota de chupeta.

3

Universo úmido e tórrido, a lama e a poeira dividiam o calendário do cacau. As chuvas, tão imprescindíveis quanto o sol, duravam a metade do ano, pesadas, intermináveis, crescendo facilmente em tempestades tropicais. Se ultrapassavam, porém, o tempo útil, podiam tornar-se fatídicas, fazendo apodrecer nas árvores os birros necessitados de luz e calor. Coronéis e capatazes, jagunços e alugados viviam de olhos voltados para os céus em busca dos sinais anunciadores ora da chuva, ora do bom tempo: para que na força das águas os cacaueiros rebentassem em flores e no brilho do sol os brotos crescessem vigorosos e se acendessem em ouro. Para que se mantivesse alta a legenda daquela região privilegiada acerca da qual corriam tantas notícias e se contavam histórias de pasmar em todo o país.

Em busca de trabalho e de fortuna descia do norte, subia do sul para o novo eldorado uma vária e sôfrega humanidade: trabalhadores, criminosos, aventureiros, mulheres da vida, advogados, missionários dispostos a converter gentios. Chegavam também do outro lado do mar: árabes e judeus, italianos, suíços e alemães, não esquecendo os ingleses da Estrada de Ferro Ilhéus — Conquista — The State of Bahia South Western Railway Company — e do consulado com a bandeira da Grã-Bretanha, a fleuma inalterável e a sólida bebedeira. O cônsul inglês deixara a família em Londres, contratara em Ilhéus uma índia silenciosa para todo o serviço da casa. Na cama, com sua nudez pequena, ela parecia uma deusa da floresta e talvez o fosse. O Senhor Cônsul fez-lhe um filho lindo, um caboclo de olhos azuis, um gringo cor de chocolate.

Os povos daquela lavoura recente, rica e cruenta, eram de pouca religião se bem gastassem a qualquer propósito o nome de Deus, pronunciando-o em vão, ao sabor das tocaias e dos caxixes. De promessa fácil, todos os anos os coronéis renovavam acertos, assumiam

compromissos com a corte celeste, em razão das chuvas, em razão do sol, buscando comprar a boa vontade dos santos e o perdão para os crimes — se é que se pode chamar de crimes os acidentes da conquista.

Nos tempos da Colônia, quando ainda não existia o cacau, São Jorge, trazido no oratório das caravelas pelos brancos, fora proclamado padroeiro da capitania. Montado em seu cavalo, a lança erguida, santo guerreiro, protetor na medida exata. No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porão dos navios negreiros, Oxóssi, dono da mata e dos animais, cavalgava um porcoespinho, um queixada gigantesco, um caititu. Fundiram-se o santo da Europa e o orixá da África numa divindade única a comandar o sol e a chuva, a receber as preces e as cantigas, as missas e os ebós: no andor da procissão, no altar-mor da Catedral de Ilhéus ou na choça de pai Arolu que nascera escravo e ali se acoitara para guardar a liberdade. No peji, lado a lado, o arco-e- flecha, emblema de Oxóssi trabalhado na bigorna por Castor Tição Abduim, e a estampa em cores vivas de São Jorge na lua esmagando o dragão, lembrança do árabe Fadul Abdala, homem temente a Deus nas horas de folga quando o comércio permitia.

As estradas, os caminhos e atalhos que conduziam das fazendas aos povoados, aos entrepostos e às estações da Estrada de Ferro dos ingleses, à cidade de Itabuna e ao porto de Ilhéus, não passavam de uma sucessão de ameaças aos animais e aos homens: buraqueira feroz, lamaçais de meter medo, despenhadeiros, precipícios, o perigo escondido sob cada pisada. Para cruzá-los, os burros e as mulas, de passo prudente e lerdo, eram de mais valia que as éguas e os cavalos de elegante trote, de rápido galope.

Alguns coronéis, vaidosos da fortuna e da chibança, lordes ingleses de cabelo riçado e tez morena, amavam exibir anelões de brilhante nos dedos habituados ao gatilho dos revólveres, abrir conta nas lojas para raparigas chiques e dispendiosas, trazidas da Bahia, de Aracaju, do Recife e até do Rio de Janeiro, cavalgar nas ruas das cidades montados em ginetes de raça, puros-sangues. Mas para chegar às casas-grandes das fazendas viajavam no lombo seguro das mulas e dos burros, alguns tão bons de trote quanto o melhor cavalo.

Tropas de burro transportavam o cacau seco das fazendas para as estações da Estrada de Ferro ou para Ilhéus e Itabuna onde se encontravam as sedes das firmas exportadoras pertencentes a suíços e alemães. Os animais mais velhos permaneciam nas fazendas, conduzindo o cacau mole das roças para os cochos. Os tropeiros, nas longas e penosas

travessias por esses caminhos ínvios e arriscados, escolhiam lugares que oferecessem condições favoráveis para o pernoite. Ajuntamentos que com o tempo e o movimento davam, quase sempre, início a um arruado. Alguns se desenvolviam em povoados e vilas, futuras cidades, outros apenas vegetavam — um correr de casas com uma puta e uma bodega de cachaça.

Com o passar do tempo, Tocaia Grande se transformou no ponto de pernoite preferido pelos tropeiros que vinham da enorme área do rio das Cobras na qual se localizava grande número de propriedades, entre elas algumas das maiores fazendas da região. A notícia da construção de uma casa de negócio mandada levantar pelo Turco Fadul, homem esperto, de visão, concorreu para a rapidez com que novas moradias surgiram: choças, cabanas, barracos, uns de barro batido, outros de madeira, os mais pobres de palha seca.

A primeira casa de pedra e cal foi erguida pelo negro Castor a fim de abrigar o malho e a bigorna, meses depois da história do dente de Clorinda, a vistosa amásia de Manuel Bernardes. Segundo os diz-que-diz-que, o ferrador contou com a ajuda do coronel Robustiano de Araújo, que lhe adiantou algum dinheiro sem juros e sem prazo para pagamento:

— Esse negro é astuto. Se não cair numa esparrela, vai enricar. É um atrevido, aprendeu com as gringas, por isso é abusado; mais enxerido nunca vi.

O ARRUADO

NO TEMPO DAS VACAS MAGRAS,
FADUL ABDALA, VÍTIMA DE PESADELOS, TENTA AMANCEBAR-SE

1

O tempo das vacas gordas tardava a chegar sujeitando a paciência e o ânimo de Fadul a provas difíceis, a penas atrozes. Não obstante manteve-se firme, leal ao trato feito: estava cumprindo sua parte, Deus não haveria de faltar com a dele. Fadul não perdia ocasião de relembrar — com humilde prece quase sempre, com irada praga quando em desespero — os solenes compromissos assumidos: o Senhor trouxera-o pela mão àquele lugar para que ali se estabelecesse e enricasse, consumando seu destino.

Em determinadas ocasiões, contudo, vacilou e esteve à beira da capitulação. Outros horizontes se ofereciam com perspectivas imediatas, atraentes visões, enquanto ele penava na limitada e lerda gestação de Tocaia Grande. Disposto a ganhar-lhe a alma, o Demônio fazia misérias para convencê-lo: montava mirabolantes esquemas, promovia aliciantes propostas, acendia miragens no açodamento do eremita.

Para conquistá-lo, o Indigno usava e abusava da estampa fatal de Zezinha do Butiá. A cruel invadia-lhe o quarto de dormir, impudica e insolente, para perturbar as contadas, indispensáveis horas de descanso. Acontecia invariavelmente nas noites da mais árdua trabalheira quando, ao fim da insana lufa-lufa, Fadul atirava-se na cama a corpo morto em busca do necessário repouso, do sono reparador, de um sonho propício em cujas reconfortantes peripécias se reconhecesse rico e respeitado. Ao contrário, via-se enredado em ansiedade e bate-boca. Apenas adormecia, ela desembarcava desnuda e deslumbrante.

Ofuscando-lhe os olhos fechados, exibia-se o xibiu de Zezinha, o próprio paraíso, pátria do deleite, maná e néctar. Exibido e recusado. A filha do cão desmandava-se provocante, pintando o sete, a manta e os canecos para levá-lo ao descaminho. Imperioso convite no requebro, no dengue, na meiguice; recusa violenta no desprezo e na injúria — língua de serpente, viperina.

Que fazes enterrado nesse buraco imundo, nesses perdidos cafundós? Turco ignorante, bestalhão! Antigamente, pelo menos, vinhas a Itabuna e em meus seios repousavas teu cansaço de mascate. Eras folgazão, diziam-te Grão-Turco e tinhas farta escolha. Hoje só de raro em raro abandonas

por um dia teu covil de cobras e de lazarentas, apenas apareces e já estás de volta. Subtraindo as horas de comprar, o minuto que te resta mal comporta o desaperto e um suspiro, pobre de ti, turco tolo e burro, azêmola de Deus.

Procurava agarrá-la, ela se esquivava, fugia cama afora; de negaça em negaça, a peleja durava a noite inteira sem que ele conseguisse tocá-la ou comovê-la. Ao som do primeiro zurro, Zezinha se esfumava na fímbria da manhã.

Fadul despertava afadigado, envolto em suor, arretado de tesão. No difuso alvorecer ainda vislumbrava seios e coxas, a bunda atrevida, o ventre veludoso, o xibiu se dissolvendo! Amanhã largo tudo e vou embora. Repetiam-se zurros e rinchos pelo vale. Os tropeiros não tardariam a aparecer para o trago matutino antes de ganhar a estrada.

Nas idas a Itabuna, Fadul mendigava a caridade de uma visita de Zezinha a Tocaia Grande, oferecia-lhe mundos e fundos. Ela cobrava algum por conta das despesas de viagem, prometia aparecer em breve: com certeza num dia desses, no dia de São Nunca.

2

No mísero arruado, cobras e lazarentas, pura verdade. Perigo permanente, as cobras, na maioria venenosas, vinham da mata e do brejo, ameaça mortal e corriqueira. Refugos perdidos nas estradas, rejeitos recolhidos em Tocaia Grande, as raparigas, poucas e acabadas, mal chegavam para a impaciência dos carecidos tropeiros, para o afã dos mateiros e alugados em trânsito de uma fazenda para outra. Distando apenas duas ou três jornadas de abstinência para chegar à abastança de Ilhéus e de Itabuna, os avexados não suportavam a aflitiva espera. No arruado não havia margem de escolha mas quem está morto de fome come bosta e lambe os beiços.

Salvava-se Bernarda, todo o contrário das demais, uma lindeza. Menina nova, louçã e limpa, corpo pujante, boneca de reluzente pele escura e crina negra, poldra bravia. Os viés da vida a encalharam ali ou ela escolhera de propósito? Não demonstrava desejos de ir-se embora, atuar em praças maiores. Se o fizesse, não faltaria certamente em Ilhéus ou em Itabuna, em Água Preta ou em Itapira, coronel que pusesse casa para ela e lhe abrisse conta nas lojas da cidade para tê-la em privilégio. Houve quem a induzisse a fazer a trouxa e tentar fortuna noutra freguesia. Gosto daqui, disse e sorriu.

Recém-estabelecido, tendo pesado o pró e o contra, Fadul propusera-

lhe amigação, convidara-a a vir morar com ele, ajudando-o na labuta do armazém, compartilhando o leito enorme. Avisara a Lupiscínio ao encomendar cama e colchão: atente no meu tamanho e se lembre que as mais das vezes vai ter uma quenga aqui em reinação junto comigo.

Bernarda agradecera e recusara. Estava às ordens para quando seu Fadu necessitasse, sentisse vontade de dormir com ela, na casa que escolhesse, na cama que preferisse, bastava dar com a mão. Pagaria se quisesse: deitar com cidadão tão cortês, homem tão quente e bem servido, dispensava pagamento. Viver amancebada, porém, muito obrigada, não queria não. Nem com Fadul nem com ninguém, fosse quem fosse. Contou a novidade a Coroca: — Sabe? Seu Fadu me deu um frasco de cheiro. Seu Fadu é boa pessoa. Me chamou para morar com ele.

— Amigada?

— Como estou dizendo a vosmicê.

— Morar com o turco? Tu tá feita na vida, sujeita danada de sorte.

— Não quis não. Não quero me amarrar com ele nem com nenhum.

— E por que não?

— Viver junto só com homem que a gente queira bem. Bem de verdade.

— Pensei que tu tinha um rabicho pelo turco.

— Possa ser. Mas não vou morar com ninguém por xodó ou por dinheiro. — Pensativa, os olhos no chão, explicou: — Viver junto, que nem marido e mulher, só por bem de amor que dura a vida toda, que magoa a maldita e o coração. Não podendo ser assim, pra mim se acabou. Mais melhor ser rapariga.

Conheciam-se as duas havia pouco tempo, recentes no lugar e na convivência, Coroca não fez comentários, engoliu perguntas e conselhos. Bernarda levantou a vista, riu e astuciou:

— Tocaia Grande é lugar de homem bonito. Seu Fadu, Pedro Cigano, Bastião da Rosa e o mais bonito, meu Padrinho.

Bernarda se impunha, predileta. Predileta de todos, cativante; disputada na noite dos tropeiros, nem sempre livre para o apetite de Fadul. De longe em longe, quando cansava da mesquinha escolha, o árabe fazia vir uma rapariga de Itabuna, custava um dinheirão.

3

Terminava de acordar junto ao balcão enquanto servia a primeira cachaça dos tropeiros. Aquele era o dinheiro mais penoso de ganhar: de madrugada, na antemanhã, sem ter tido tempo para aliviar a barriga e

lavar o corpo. Assim pudesse, deixaria para outro aquela usura, dedicando-se unicamente a ganâncias mais vultosas, a canseiras menos molestas.

Defecava no mato, atento às cobras. Mergulhava nas águas do rio, limpando-se do suor, do fedor dos percevejos e das visões noturnas. Alvejava os dentes esfregando-os com fumo de corda; soprava as cinzas reavivando as brasas sob a trempe de ferro, luxo asiático adquirido a preço de liquidação numa cobrança de dívida em Taquaras. Punha água a ferver para o café na vasilha de lata. Novamente em paz consigo mesmo, matutava sobre a vida e seus percalços. Não sendo ainda fácil, a prebenda já fora mais difícil. Tinha certeza de que, se desistisse, em seguida se arrependeria: a graça de Deus não se destina aos homens de pouca fé. Para merecê-la e converter-se num comerciante rico e respeitado, devia mostrar-se à altura do rude desafio

Rasgava com as mãos potentes a jaca mole, amarela ânfora de mel; com os dedos retirava os bagos suculentos, o sumo escorria-lhe pelo canto da boca. Assava na brasa o pedaço de charque — encomendara um espeto a Castor Abduim, mestre ferreiro astucioso, pulso forte na bigorna, martelo maneiro no remate. A gordura da carne-seca pingava sobre a farinha de mandioca, não podia haver nada de melhor sabor, guloseima mais grata ao fino paladar de um grapiúna. Um naco de charque, um punhado de farinha e, para cortar o sal, bananas-prata bem maduras. Misturavam-se os sabores e os perfumes da jaca e do jabá, das bananas e da rapadura, dos cajás, das mangabas, dos umbus. Em dias de gula e de refinamento, numa ponta de galho aparado a canivete enfiava uma banana-da-terra e a tostava até vê-la cor de oiro, rasgada pelo calor. Para evitar que se queimasse, a envolvia numa camada de farinha, depois de descascá-la: gostosura.

A viração chegava da correnteza do rio, as putas repousavam da jurema da noite; Tição saía para recolher a caça e substituir as trampas. Os cabras no armazém de cacau e os trabalhadores que construíam o curral para o gado do coronel Robustiano de Araújo ainda não haviam começado a labuta do dia. Somente o trinado dos pássaros rompia o silêncio de Tocaia Grande. A hora predileta de Fadul: bebido o café bem quente, sentava-se no batente da porta, acendia o narguilé, percorria com a vista os aprazíveis arredores: o vale, o rio, os montes, as árvores e o acanhado casario — Grão-Turco repousando em seu império.

Dali não arredaria pé: nem por conselho de doutor, nem por ameaça de jagunço, nem por engodo de mulher. Ainda não nascera fêmea capaz de

obrigá-lo a desistir, de mudar o curso do destino. Quem perde a cabeça por mulher a ponto de abandonar o uso da razão acaba na penúria, objeto de riso e de debique, avacalhado. Viesse Zezinha do Butiá à frente de um cortejo de entrudo, integrado pelas damas mais galantes dos cabarés de Ilhéus e de Itabuna, nem assim conseguiria levá-lo a cometer um desatino. Nenhum rabo-de-saia, fosse Zezinha, mulher da vida, xodó de rua de canto, fosse a donzela Aruza, um partidão, ou Jussara Ramos Rabat, viúva rica, noivas oferecidas, uma e outra sedutoras e enganosas. São diversas e desiguais as tentações a que está sujeito um bom cristão, todas pejadas de ilusório encanto e de real perigo.

Enquanto retemperava seus propósitos, mantinha a margem do rio sob vigilância, sobretudo o trecho onde ficava o "bidê das damas", nome dado por Castor, negro chegado a francesias, à bacia de pedras, encachoeirada, na qual as raparigas vinham banhar-se e lavar a roupa. Quem sabe, Bernarda mostraria o ar de sua graça e nova em folha após o banho aceitaria povoar de festa e faceirice o vazio da manhã?

Bernarda, obscuro enigma. Chegara a pensar outrora que ela lhe concedia preferência na súcia de enamorados de suas prendas pois deixava-se ficar horas a fio a ouvir histórias das mil-e-uma-noites, contos da carochinha, episódios da Bíblia, especialidades do turco, e na cama pelejava acendida em fogo, derretida em riso. Houve quem se referisse à existência de xodó entre os dois. No entanto, Bernarda não aceitara juntar os trapos com os dele, deixando de ser mulher-perdida para elevar-se à condição de amásia em recatada mancebia. Preferira continuar puta de casa e racha aberta a qualquer passante. Fadul não entendia: tão indecifrável quanto um versículo do Alcorão, abstruso livro dos infiéis.

Em conversa com Coroca sobre a vida e seus enredos, perguntou-lhe de passagem se ela tinha explicação para a absurda conduta de Bernarda. Coroca esquivou-se:

— Quem houvera de pensar! Cabeça da mulher é poço escuro, não dá para se enxergar o fundo. Fiquei de queixo caído quando soube. Mas, se eu lhe disser, seu Fadu vai duvidar: em Itabuna conheci uma sujeita que largou o marido endinheirado, dono de loja, doido por ela, pra ir fazer a vida em casa de mulher-dama. Se chamava Valdelice, era um pancadão e gostava de ser puta. O mundo é mais arrevesado do que a gente imagina, seu Fadu. É o que posso lhe dizer, de mais não sei.

UM BANDO DE CIGANOS
ARRANCHA EM TOCAIA GRANDE
EM NOITE DE LUA CHEIA

1

Naqueles inícios do arruado, a passagem da caravana de ciganos deixou saudades apesar de todos os pesares. Por muito tempo a recordaram embora no espaço de um dia e uma noite pouca coisa de fato houvesse sucedido que valesse a pena relatar.

Persistiu não obstante um fascínio irresistível, um mistério a decifrar.

Os ciganos apareceram no meio da tarde e acamparam no cerrado, na outra margem. Deviam ter perdido o rumo no pontilhão ou o abandonaram de propósito, vá-se lá saber.

Desatrelaram as carroças circundadas de panos coloridos, cobertas de couro, abarrotadas de abregueces. As mulheres cuidaram de acender o fogo enquanto os homens foram desalterar os animais, cavalos e burros, na beira do rio. Apenas Josef, o mais velho, encaracolada cabeleira branca, brincos nas orelhas, anéis nos dedos, punhal no cinto largo, colete em lugar de paletó, atravessou de imediato por cima das pedras e se dirigiu para o armazém de Fadul. A estampa de um rei, pensou Coroca ao enxergá-lo.

Vistos de longe pareciam muitos, em verdade não chegavam a vinte, contando as crianças. Mais do que bastante, considerou o capitão Natário da Fonseca, no dia seguinte, ao deparar com aquela ciganaria acampada defronte de Tocaia Grande. O Capitão desmontou a tempo de impedir que o turco concluísse o negócio da compra do burro, mas dos sucessos da véspera soube apenas por ouvir dizer.

2

O que então se dizia e repetia na costa e no sertão, todos sabem: cigano é outra nação, duvidosa. Não se confunde com a raça grapiúna nem com nenhuma conhecida, não se mistura com sergipano ou turco, português ou curiboca, com outra grei seja qual for. Quem já compareceu a casamento de cigano com gente do país? Está por acontecer. Nação à parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapaças.

No lombo dos cavalos roubados, os homens assemelham-se a fidalgos, condes e barões, duques e marqueses. Reclinadas em colchões encardidos nas carroças onde vivem; vestidas de andrajos floreados, largas saias de

babado; recobertas de pulseiras e colares, as mulheres passariam por princesas e rainhas não fossem a buena-dicha, a língua de trapo e os pés descalços. Levados pelas aparências há quem diga e até escreva que os ciganos são o resto da corte real da Babilônia errante mundo afora, cumprindo sina. Fosse como fosse, convinha guardar distância, usar de cautela no trato de negócios, esconder os bens mais preciosos. Um povo sem chão, onde já se viu? Ninguém pode confiar.

Até os índios, nação mais perseguida, têm chão onde pousar, se bem pouco já lhes restasse por aquelas bandas nas quais, outrora, muito outrora, as tribos pataxós ocupavam extensas áreas, Senhores das matas e dos rios, os índios pescavam e caçavam, dançavam e guerreavam. Foram mortos em sua grande maioria, afinal não tinham qualquer utilidade para a lavoura do cacau. Arredios, os sobreviventes buscavam manter-se em contados redutos mas o menor pretexto era razão de sobra para liquidá-los. Ainda representavam algum perigo, diminuto porém. Fazia tempo que se deixara de ouvir notícia de povoação vítima do ataque de índios. Acontecera, sim, mas em data remota, antes de haver Tocaia Grande.

Em Tocaia Grande, ponto perdido no inexistente mapa da região do rio das Cobras, sucediam-se as raparigas: andarilhas como os ciganos, não esquentavam lugar; fretavam-se com os tropeiros e os passantes: havia dinheiro a ganhar e risco a correr nas noites turbulentas. O galpão erguido no descampado atraía putas, alugados e mateiros. Os alugados vinham das roças que começavam a ser plantadas nas clareiras abertas com o desbaste da floresta pelos mateiros: primeiro o machado e o fogo, logo seguidos pela pá e a enxada. Algumas raras quengas ali se fixavam, levantavam uma palhoça; certamente motivos sérios as decidiram a viver em lugar tão de somenos.

Perseguido chão de índios, misérrimo chão de raparigas. Chão de ciganos não existe: é o lombo dos cavalos, o estrado das carroças, a sola dos pés. Ninguém pode confiar. Mas quem não se encanta com um par de brincos cintilando ao sol, com uma jóia verdadeira ou falsa, quem não deseja saber a ventura que lhe reserva o dia de amanhã?

3

Para que tudo fique claro ou se torne ainda mais obscuro no relato da passagem dos ciganos por Tocaia Grande, faz-se necessário uma referência mesmo breve ao passado de Guta, já então perfumada com o doce aroma de tabaco.

Guta, que se gabava de sabida e viajada, nunca pusera os olhos num

cigano de verdade em toda a sua vida de mulher-dama. Pedro Cigano, com quem se enxodozara apenas chegara a Itapira, procedente de Amargosa, chamego de estrada, de pouca duração, de cigano tinha somente o apelido e o gosto da mentira; pelo sangue puxara a índio, daí a cor fosca e o cabelo liso. Enganada pelo nome, Guta se engajou como sanfoneiro mas se desvencilhou do compromisso umas tantas léguas adiante, na primeira encruzilhada: até mais ver, seu moço, não há bem que sempre dure. Não se zangue nem me leve a mal. Prosseguiu em sua busca.

Não há bem que sempre dure, Guta aprendera no melhor da festa. A festa durara poucas luas pois Sô Nacinho era de lua e de veneta e dela cedo se enfastiou. Sô Nacinho dispunha de escolha numerosa e variada em Amargosa: no eito onde as moças colhiam as folhas de tabaco, no varal onde as secavam, na oficina onde enrolavam charutos no suor das coxas.

Dono das terras, das plantações, dos rolos de fumo, dos charutos olorosos, como se a riqueza não bastasse, Sô Nacinho — Inácio Beckmann da Silva — possuía olhos azuis, herança de holandeses, alta estatura, riso sedutor, trato cortês — um garanhão. Cuidadoso de seus pertences, atravessava atento entre as moças, acontecia reparar numa delas, cabrocha desabrochando na idade certa. Os olhos azuis de Sô Nacinho se embaçavam, mandava-a chamar ao escritório. Enquanto o capricho perdurava não existia macho mais ardente e enamorado, mais terno e afável. Até passar a lua, a veneta terminar. Igual ao súbito interesse, de repente o enfado: mandava a moça de volta à rotina do trabalho: não há bem que sempre dure.

Não paga a pena demorar-se na história dos amores de Guta e Sô Nacinho pois no principal não se encontra novidade a acrescentar. Viera de atingir quatorze anos, mulher feita, a ponto para a cama, uma comichão no vão das coxas e o cheiro doce de fumo: esperava impaciente que Sô Nacinho reparasse nela. Não por ser o patrão, por ser bonito. Quando recebeu o recado para procurá-lo no escritório, Guta estava pronta e disposta, acorreu alvoroçada. Não teve razão de queixa como não a tiveram as que a precederam. Sô Nacinho sabia como tratar mulher quando a queria e quando a desprezava. Bonito e falso como um cigano, assim o definiam.

Se quase tudo foi repetição do acontecido com as demais, todavia Guta não aceitou o retorno à oficina para enrolar charutos no côncavo das coxas, preferiu ser rapariga. Mas não permaneceu em Amargosa pois não desejava viver aflita na agonia de vê-lo passar na rua sem atentar nela. Não se zangou nem lhe quis mal, não chorou nem rogou praga, de nada

adiantava. Arrumou a trouxa, informou à tia que bem ou mal lhe servira de mãe quando a mãe faltara: — Tia, me bote a bênção, vou embora.

— Por que não fica por aqui mesmo, sia tola? Seu Waldemar da padaria está de olho em tu, já me fez saber.

Em Amargosa, nem Waldemar da padaria nem outro qualquer: tomara enjoo do lugar. Trouxa na cabeça, rumou para CortaMão onde se instalou novinha em folha. Depois, desceu na esteira do cacau: as notícias de opulência e desperdício repetiam-se aliciantes, alvoroçando as putas.

Aprendeu rápido e bastante e se considerou sabida por não se deixar dominar por nenhum homem, não viver como as outras arrenegando pelos cantos a inconstância dos xodós. Tampouco aceitou propostas para desfrutar de abastadas mancebias, escrava sob o relho de um rico coronel. Preferia vagar ao sabor das contingências em cidades, povoados, lugarejos, em malparadas caixa-pregos que nem Tocaia Grande. Livre e soberana. Não sendo mais novinha em folha, continuava a despertar a cobiça dos passantes. Ainda ardia a comichão no vão das coxas e persistia o doce aroma de tabaco.

Sabida e viajada, não esquecera, porém, a figura de Sô Nacinho, a boniteza, os olhos azuis de gringo, o arrebatamento e a incontinência. Tampouco os modos finos, a lábia, as palavras lindas — tudo falsidade para engabelar. E daí? Era o dono, podia tomar à força, usar como se usa um prato ou um penico. Em vez, ele a tratara como se fosse sinhazinha de família nobre e não cria da casa, pertence seu, às ordens. Macho parecido, tão impetuoso e galante, não encontrara por mais buscasse dia e noite. Teve chamegos, gemeu de gozo no peito de outros homens mas nenhum foi igual a Sô Nacinho, bonito e falso. Como um cigano, comparavam.

Quando ouviu dizer que os ciganos haviam acampado na outra margem, Guta saiu em disparada para tirar a limpo a falada parecença. Quem sabe iria rever a face perdida, ouvir de novo enganosas palavras de carinho, reencontrar a noite de Amargosa recendendo a fumo.

O primeiro cigano que ela viu foi Jose encostado no balcão de seu Fadu, a conversar. Avistou-o de longe ao cruzar em direção ao rio, aproximou-se para julgar melhor: a não ser na altura, em nada recordava Sô Nacinho. Idoso, os anéis do cabelo cobertos de poeira, trajes velhos e puídos, um pobre vagabundo. Ainda assim percebeu ou adivinhou no cigano algo além daquelas aparências, uma espécie de altivez, de garbo, a situá-lo acima do ricaço de Amargosa. Acima de Sô Nacinho? Ideia mais estapafúrdia.

Mas ao enxergar Miguel de pé junto ao cavalo já nada lhe pareceu estapafúrdio. Não mais se preocupou com parecenças, bonitezas,

falsidades. A lembrança de Sô Nacinho deixou de magoá-la, desvaneceu-se naquela mesma hora em sombra fugidia, em recordação distante.

A busca terminara, Guta podia até morrer. Mas não antes de deitar-se, uma vez que fosse, com o rei da Babilônia, de pé na outra margem a lhe sorrir.

4

As moedas tilintaram sobre o balcão. Josef dispunha-se a pagar as provisões à vista, caso se fizesse absolutamente necessário para evitar dúvidas e desconfianças. No desamparo daquelas brenhas não convinha abusar: avistara mais cruzes no cemitério do que casebres no arruado. Mas a hora infeliz do desembolso ainda não soara, a pendência mal havia começado. Josef tentou retomar o discurso sobre a qualidade dos animais: — Tenho do bom e do melhor. Cavalhada de primeira.

Fadul dera a entender um vago interesse na compra de um burro mas não demonstrara pressa em discutir condições, deixando o assunto esmorecer: negócio com cigano exige astúcia.

Desconversou: — Pensam se demorar?

— Aqui? Pra fazer o quê? Nem panela tem pra consertar. — Cuspiu mostrando os dentes de ouro: — Negociar com quem? Salvo Vossência.

— Vai ver como anima mais tarde com o chegar das tropas.

E dos trabalhadores, atrás das raparigas. É influído.

— Influído?

Josef estendeu o olhar em direção ao descampado, aos barracos escassos, às palhoças podres, reparou na casinhola de madeira onde viviam Coroca e Bernarda, deteve-se a observar o cabra na porta do depósito de cacau seco. Dado o balanço, concluiu:

— É a paragem mais bonita desse rio. Merecia melhor sorte. Com o perdão de Vossência.

Arrecadou as compras e as colocou no saco de aniagem. Contou e recontou as moedas na palma da mão mas não as entregou: — Se Vossência quiser posso trazer os animais até aqui.

Trago todos para Vossência escolher. Agora mesmo.

Fadul não pusera reparo no desusado tratamento — Vossência pra cá, Vossência pra lá — apenas achou graça: sabedoria de cigano. A lisonja não passava de lambança do intruso para melhor trapacear. Em troca, reagiu à proposta de examinar os burros imediatamente, a aceitação significaria um tácito compromisso: — Tá maluco? Trazer aqui, atravessar o rio? Tomar esse trabalho para quê?

— Vossência falou num burro...

— Por falar. Nem por isso carece se esquentar. Depois vou lá, tem tempo de sobra.

— Não pretendo me demorar.

— Vai passar a noite, não vai?

Josef não disse nem sim nem não, negaceou: — Para ver a influência? Será que paga a pena? Desculpe a franqueza mas duvido.

Ofereceu outra solução, mais fácil: — Vossência vem comigo e escolhe o burro de uma vez. Antes que outro compre.

Fadul manteve-se irredutível: — Agora não. Não tarda a chegar freguês. Apareça amanhã de manhã, se der pé espio os burros.

Não valia a pena forçar, Josef estava acostumado àquele jogo de cautela e ardileza. Se com outros as regras não mudavam, imagine-se com um turco.

— Sendo assim vou pernoitar aqui para servir Vossência.

— Fique se quiser. Por minha causa, não.

O cigano empilhou os vinténs na tábua do balcão, meteu a mão no bolso da calça, tirou um lenço atado nas quatro pontas, desfez os nós e esparramou junto ao monte de moedas a tentação dourada das bijuterias. Fadul desdenhou dos berliques e berloques:

— Fui mascate muitos anos. Ainda tenho um resto desse artigo encalhado aqui. Não quer comprar? Faço bom preço.

— Mascate? — Cabisbaixo, Josef amarrou o lenço, meteu-o no bolso, repetiu: — Mascate!

Logo se refez, porém, e num movimento rápido colocou sobre o balcão um pequeno embrulho de papel pardo: de onde o extraíra sem que Fadul se desse conta?

— Pois, então, veja e me diga se Vossência tem disso em seu sortimento

Desdobrou o papel deixando à mostra um relicário preso a uma corrente. O turco conteve com esforço a exclamação que lhe veio à boca e com esforço desviou os olhos. Josef proclamou: — Nem em Ilhéus se encontra igual.

Segurando a corrente na ponta dos dedos, elevou o relicário à altura dos olhos do comerciante: o sol faiscava nas ranhuras valorizando a jóia.

— Que me diz Vossência?

Não adiantou Fadul demonstrar indiferença, Josef constatara o interesse despertado na maneira como o mascate estendeu a mão para segurar o relicário, no cuidado com que o recolheu: jóia concebida no tamanho exato para a vertente de um colo de mulher.

— Veja que presente para Vossência dar à sua patroa. Ouro maciço. Preste atenção no acabamento.

— Não sou casado. Nem tenho rapariga. — Nenhuma rapariga, nem mesmo Zezinha do Butiá, valia tal regalo.

Não desmereceu a peça, não a disse falsa nem feia. Mascate veterano, experiente no trato dos metais, Fadul sabia distinguir e avaliar. Pela corrente não daria nada, uma pinóia. O relicário porém era ouro de lei, peça de alto preço, roubada com certeza. Abriu-o para examinar o interior, sopesou-a na mão. Não a desmereceu mas negou-lhe serventia: — Não quero nem saber se é deveras ouro. Não tenho a quem dar nem o que fazer com essa joça. Pra mim não vale nada. Pra que me serve?

— Pra quê? Pra negociar mais adiante, ganhar dinheiro. Vossência está brincando, sabe que é ouro e do bom.

Dependendo do preço, poderia ser um negócio de primeira: jóia para vender em Itabuna ou em Ilhéus por um dinheirão. Mas Fadul manteve-se nas encolhas, não abriu o jogo. Depositou a prenda no balcão, balançou a cabeça, suspendeu os ombros dando a questão por encerrada. Não tinha pressa.

Nem ele nem o cigano que, indiferente aos gestos negativos do turco, observava o caminho por onde um homem se aproximava, um habitante do lugar. Fadul também o enxergou, tratava-se do carpina Lupiscínio. Sobre o balcão sebento, entre Josef e Fadul, o osculatório reluzia. Josef esperou que Lupiscínio entrasse e desse boas-tardes para voltar a levantar a corrente e exibir o esplendor do relicário:

— Peça parecida com essa Vossência não encontra nem em Ilhéus nem na Bahia. Veio da Europa com meus avós, recebi de herança. — Para comprovar a afirmação pronunciou uma frase na língua de seu povo mas voltou a falar português ao dirigir-se a Lupiscínio: — Que acha o cavalheiro?

Impressionado com a algaravia incompreensível e com os modos do cigano, o carpinteiro, não sendo entendedor, não garantiu pelo ouro mas não conteve a admiração ante o lavor da peça: — Uma perfeição, trabalho de artista. É de ouro?

Ofendido com a pergunta, Josef apontou para Fadul: — Pergunte a ele, se quiser mesmo saber se é de ouro ou não. Ora essa! — Enrolou a jóia no papel pardo e a devolveu ao bolso do colete: — Não está à venda.

Fadul desencostou-se do balcão, retirou da prateleira uma garrafa cheia pela metade, desarrolhou-a, mediu a talagada habitual de Lupiscínio e, antes de servir-se, ofereceu ao cigano ainda ressentido: — Aceita um

mata-bicho?

Levantaram os copos, Josef degustava a cachaça devagar, não a bebeu de um trago como os outros dois. Fadul então perguntou, a voz neutra, despida de qualquer subentendido:

— Não é que eu queira comprar, não tenho a quem dar nem a quem vender. Só para saber, por curiosidade, me diga quanto está pedindo pelo relicário. O relicário, sem a corrente.

Josef esvaziou o copo lentamente, com um ruído da língua elogiou a aguardente. Voltou a retirar do bolso do colete o embrulho e a desdobrar o papel pardo deixando a jóia à mostra no balcão. Por um instante apenas, pois num gesto inesperado a colocou na mão do turco:

— Guarde até amanhã, confira o ouro, as gramas e os quilates. Amanhã, quando for escolher o burro, Vossência devolve ou, se quiser ficar com ele, Vossência mesmo marca o preço, quanto acha que ele vale. — Largou a peça na mão de Fadul: — Amanhã a gente acerta tudo, tudo junto.

Antes que o bodegueiro pudesse contestar ou reagir, Josef segurou o saco com as compras, recolheu e guardou as moedas separadas para o pagamento e atravessou a porta sem olhar para trás.

— Nada disso! — Gritou Fadul ao recuperar a voz: — Venha cá! Leve seu troço.

Tarde demais: o cigano ia longe enquanto Lupiscínio, abestalhado, sem entender o que estava se passando, pedia explicações. Fadul voltou a examinar a jóia demorada e detalhadamente. Quem vende fiado a cigano é otário, minguado do juízo mas, por menos que pudesse valer, aquela peça valia muitas vezes o preço das compras feitas e não pagas: carne-seca, feijão, açúcar e uma garrafa de cachaça. Não corria o risco de calote, se alguém tinha o que perder era o cigano. Por via das dúvidas, na hora do acerto colocaria o revólver na cintura.

Coroca, que acabara de chegar, bateu palmas ao ver o relicário: — Coisa mais bonita! Dona Marcelina, mulher do coronel Ilídio, tinha um mas não chegava aos pés desse. — Dirigiu-se ao turco: — Comprou, seu Fadul? Para dar a quem? Está pensando em se casar?

5

Pedaço de ferro ressoando contra a borda do tacho, o cigano Maurício, profusa bigodeira, braços tatuados, lenço amarrado na cabeça, percorreu Tocaia Grande de ponta a ponta anunciando a presença dos exímios remendões de objetos de metal, de chaleiras e panelas. Escusado pregão, oferta vã: nem uma só panela a consertar; os cacos de barro, as canecas de

lata não requeriam cuidados. Maria Gina percebeu quando, dirigindo-se para o acampamento, Maurício empalmou o sol e o recolheu no fundo do tacho. Adensaram-se as sombras do crepúsculo, crepúsculo de medo e encantamento.

Infatigáveis capetas, os meninos fuçaram os casebres na ausência dos moradores: ninguém trancava as portas ao sair. Não havia o que roubar, nada de valor, à exceção dos instrumentos de trabalho de Lupiscínio e Bastião da Rosa, de algum pertence do velho Gerino ou dos cabras sob suas ordens no depósito de cacau. Fadul colocou o carpina de sobreaviso; quanto ao louraça Bastião da Rosa, executava uma empreitada em fazenda próxima, levara consigo os utensílios de pedreiro.

O número certo de crianças na caravana jamais se soube. Surgiam de repente, os pequeninos e os grandalhões, imundos, remelentos, atrevidos, olhos de azougue buscando o que surrupiar. Inocentes, lindos, necessitados, infelizes, as mãos estendidas, pedinchando. Mesmo não havendo o que roubar, sumiram alguns teréns: um caco de espelho, uma faca sem cabo, o cachimbo de barro de Gerino, a bruxa de pano de Nita Boa Bunda, miudagens.

Até a hora do crepúsculo quando a tropa da Fazenda dos Macacos desembocou no descampado, conduzida por Maninho com a ajuda de Valério Cachorrão, as raparigas constituíram a única freguesia. Sempre sobrava no cós da saia um cobre de vintém, um níquel de tostão com que pagar a leitura da sorte na palma da mão ou adquirir um enfeite irresistível, par de argolas, anel de vidro. Foi mínimo, no entanto, o tráfico de bijuterias, pois na venda de seu Fadu amontoavam-se sem saída penduricalhos iguais ou mais bonitos. Contudo compraram uma ou outra bugiganga, levadas pela lábia das ciganas, enfeitiçadas pelos olhos dos ciganos, pelos olhos fundos de Alberto. De volta do rio, Guta informara às companheiras e rivais:

— Chegaram de uma vez quatro reis da Babilônia, O mais mocinho é meu, fiquem sabendo, não se metam com ele.

Um crepúsculo encantado, de tangolomango. O sol pusera-se no fundo do tacho conduzido por Maurício, Alberto desfolhava fantasias. A história da corte real da Babilônia, quem não a conhecia? Folhetim de entrega semanal, conto da carochinha de boca em boca, cantiga de ninar:

Lá se vem o rei da Babilônia
Com sua corte real.
Lá se vem o rei da Babilônia

Dele vou me enamorar
Vou com ele me casar...

6

Alvoroçada freguesia para a buena-dicha Uda nas linhas da mão, murmurada ao pé do ouvido na meia língua das ciganas. As ciganas nascem com o dom de adivinhar. Mesmo certas raparigas metidas a besta, que juravam não acreditar em tratantadas e intrujices, estendiam a mão com a moeda de vintém.

Para que não persistissem dúvidas, para assegurar a confiança, as videntes começavam pelo relato verdadeiro de fatos acontecidos no passado da fulana, falando deles como se os houvessem presenciado. Por um níquel a mais antecipavam o futuro, garantiam amásios, amigações ricas, fazendeiros, coronéis de alto coturno, afastavam rivais, anunciavam xodós exclusivos e eternos. Forneciam sonho e amor a retalho e a preço baixo.

Na feira das pitonisas ao pôr-do-sol, coube a Bernarda a mais velha e maligna das ciganas, a avó, cansada de tanto repetir vagos e exatos sortilégios. Tomando da mão que a menina lhe estendia — não passava de uma menina — falou da perseguição de um velho; existe sempre um velho a perseguir meninas. Tiro e queda: com aquela simples referência demonstrou perfeito conhecimento do que ocorrera, deixando Bernarda boquiaberta: — É isso mesmo. Sei quem é o velho.

Não podia ser outro senão o pai, mas dele e daquele tempo não queria se lembrar.

— Quero saber é de depois, daqui pra diante. Quero é saber se ele vai gostar de mim a vida toda.

— Seu homem?

Ergueu a vista da mão para os olhos de Bernarda, conferiu a ansiedade e a paixão.

— Quer que ele seja só seu, não é? Que não vá com mais nenhuma? Bote duzentos réis na mão que eu faço uma reza e nunca mais ele vai querer saber de outra.

— Por que havia de querer que ele fosse só meu? — Espantou-se Bernarda: — Ele pode ter quantas quiser.

Surpresa, a cigana voltou a fitar o rosto tenso da menina. O que todas pretendiam, sem exceção, era ser a única, primeira sem segunda; encomendavam malefícios contras as rivais, pagavam rezas e mandingas.

Buscou a explicação do absurdo na face aflita da menina, perguntou atarantada: — Então, o que é que tu quer?

— Quero saber é se ele não vai se cansar de mim, largar de me ver. Se nunca vai se enjoar de mim.

— Bota duzentos réis e a cigana conta tudo. — Na avidez do níquel acrescentou para decidi-la: — Vejo sangue e morte...

Bernarda catou os dois tostões: — Diga de uma vez. Ele vai me querer a vida toda?

Tamanha aflição na fala da menina penetrou o peito da cigana, atingiu o embotado coração: abandonando as fórmulas repetidas, sempre as mesmas, vaticinou unicamente o que a desinfeliz queria ouvir: — A vida toda.

— Vosmicê falou em morte...

— Tu vai morrer nos braços dele. — Anunciou.

7

Valério Cachorrão apontou para as carroças no outro lado do rio:

— Ciganos... — Talvez porque estivesse com o pensamento nas raparigas, constatou: — Nunca comi uma cigana.

— Nem tu nem ninguém. — Maninho encanecera tangendo burros, ganhara traquejo e autoridade, não costumava falar à toa: — Cigana é de muito se exibir para enrolar os trouxas. Mas escapole na hora de ir pra cama, deixa o freguês na mão. Com cigana não adianta.

— Conversa fiada, seu Maninho.

— Tu nasceu ontem, não sabe de nada. Tu já topou com cigana fazendo a vida? Donde? Eu que sou de maior nunca vi cigana em casa de rapariga. Nem em Ilhéus. E olhe que lá tem mulher-dama do mundo todo.

Valério Cachorráo não passava de ajudante de tropeiro mas arrotava bazófias de jagunço:

— Pois se uma cigana se afretar comigo, passo ela nos peitos, vancê vai ver.

— Tu não sabe o que diz. O que a gente precisa é ficar de olho nos burros, cigano não é gente.

— Deixe por minha conta.

Fadul prometera a Josef noite influída de tropeiros, mateiros e alugados povoando o descampado, com dinheiro para gastar. Desculpe Vossência mas duvido, retrucara o cigano. Pelo jeito sobrava-lhe razão pois aquela foi uma das noites de menor afluência de passantes em Tocaia Grande. Além da tropa da Fazenda dos Macacos, conduzida por Maninho e Valério

Cachorrão, somente outro comboio, procedente da Fazenda Santa Mariana, pernoitou no arruado, trazendo uma carga de cacau seco para o depósito. O tropeiro chamava-se Dorindo, caboclo forte, de pouco falar. Dudu Tramela, o ajudante, moleque sarado de seus quinze anos, falava pelos dois, uma taramela,

A parte as duas tropas com os três homens e o frangote, contaram-se três mateiros e um alugado, os quatro na pista de mulher. Acrescente-se a esses oito viventes o pardo Pergentino. que chegou ao cair da noite tocando dois burros com mercadoria destinada à Fazenda da Atalaia, onde começavam os preparativos de almoços e jantares. No cacete armado do turco — cacete armado, como diziam os tropeiros para provocar Fadul e ouvi-lo esbravejar —, Pergentino quis saber se o comerciante podia lhe dar notícias do paradeiro do capitão Natário da Fonseca. O administrador da Atalaia marcara-lhe encontro em Tocaia Grande:

— É pro mode uma encomenda que ele pediu pra mim trazer de Taquaras. Diz-que ia chegar aqui de hoje pra amanhã.

— Inda não chegou. Se quiser, deixe a encomenda: quando o Capitão aparecer entrego a ele.

— Vou deixar a encomenda e se vosmicê me der licença deixo a carga também. Não sou doido pra largar os caçuás no tempo, na cara dos ciganos. Compras que o coronel Boaventura mandou de Ilhéus. É pra festança. — Explicou.

O turco tirou a limpo o boato que corria: — Quer dizer que dessa vez o doutor vem mesmo, não é?

— De certeza.

— Que doutor? — Valério Cachorrão meteu o bedelho na conversa. Viera com Maninho matar o bicho e comprar uma lasca de carne-do-sertão para chamuscar na brasa debaixo do palheiro, comer com farinha e rapadura.

— O filho do Coronel que é doutor advogado. Andava fora faz bem seis meses.

— Por onde andava? Fazendo o quê?

— No Rio de Janeiro, gozando a vida.

— E faz ele muito que bem. Ouvi dizer que é valente. — Prosseguiu Valério Cachorrão sempre pronto para uma conversa de valentões e arruaças.

— Teve a quem sair. — Interveio Maninho a par dos acontecimentos: — O coronel Boaventura nunca soube a cor do medo.

— E que, além de um colhudo, é um pai-d'égua.

Coube ao pardo Pergentino confirmar: — Também nesse particular saiu ao pai.

Assomou à porta o vulto de um cigano, o braço passado na cintura de uma quenga. A quenga todos os presentes conheciam: Guta, cabrocha boa de cama, destemida e zombeteira, presunçosa.

8

Se o tráfego de viandantes foi pequeno, imenso foi o campo de estrelas na noite de bruxedo. A lua cheia fincada sobre o rio iluminou a extensão do vale de Tocaia Grande: as colinas, o descampado, o magro casario, o pouso dos tropeiros e, na margem oposta, as carroças dos ciganos e a ronda dos burros e cavalos.

Maria Gina reconhecia a estrada dos príncipes e das fadas: pisava no luar derramado sobre as pedras ao atravessar a correnteza à procura do cigano que recolhera o sol no fundo do tacho. Com certeza, certa e absoluta, fora ele quem desatara a lua e semeara as estrelas no infinito. Por que não a chamara para ajudar no pastoreio? Tinha de encontrá-lo, assim devia ser, estava destinado e há muito ela o aguardava.

Alguém fizera referência à chegada da corte real da Babilônia e aos quatro reis fugidos do baralho. Arengas confusas e contraditórias, pedaços de adivinhas, uma excitação repentina incendiando a tarde. Maria Gina com nada se espantava, habituada a ver visagens, a ouvir vozes, a tratar com assombrações: o lobisomem, a mula-sem-cabeça, o gigante Adamastor, a senhora dona Sancha coberta de ouro e prata e o rei Salomão com o manto de estrelas.

Tímida e pacata, avelhantada, vivia no seu canto, enrolada em trapos, nos lábios um sorriso medroso e permanente, falando sozinha ou conversando sabe Deus com quem — ela certamente saberia mas guardava reserva, e, quando perguntavam, punha um dedo sobre os lábios em sinal de segredo e o sorriso se ampliava. Na cama, vez por outra, destrambelhava: talvez por isso mesmo apenas estranhos a escolhiam; os conhecidos somente em último recurso iam com ela. Atracada ao parceiro dizia coisas ininteligíveis, desmanchava-se em pranto, ria às gargalhadas, recusava a paga. Como se, de súbito, houvesse reencontrado perdido xodó. Como se o desconhecido freguês fosse pessoa sua, marido ou amásio, e ela própria fosse outra, não a mansa Maria Gina que entrava mata adentro, e, quando todos pensavam ter-se perdido para sempre, regressava vestida de folhagens e de flores. Mansa, não fazia mal a ninguém.

Na noite dos ciganos, caminhando sobre o tapete de luar, Marta Gina

cumpria seu destino da mesma maneira que a corte real da Babilônia. Nos lábios o sorriso inteiro.

De longe podia-se reconhecer quem vinha vindo: a lua se derramava nos caminhos, o negror da noite fora extinto. Não de todo, no entanto, pois vivente algum soube explicar nos limites de Tocaia Grande o sumiço do cigano Miguel, dos quatro trapaceiros o mais moço, e de Guta, enrabichada e atrevida. Em que esconderijo, em que escuridão haviam se metido?

O último a vê-los foi Dudu Tramela à meia distância entre o depósito de cacau e a venda de Fadul. Iam abraçados, tão fora do mundo que passaram perto dele sem notar a presença do moleque apesar da claridade.

— Valha-me Deus! — Murmurou o falastrão pensando no que poderia acontecer quando o casal chegasse à palhoça da rapariga onde Dorindo devia estar à espera, impaciente. Maluco por Guta, Dorindo comia fogo, vomitava enxofre.

Mas, pelo visto, os namorados não se dirigiram à palhoça e contra a perspectiva de Dudu o encontro não se deu naquela hora. Igual ao que se passou com Maria Gina, desapareceram nas dobras do luar enquanto o velho Josef tomava o rumo do descampado indo ao encontro dos tropeiros a fim de mercadejar quinquilharias e cavalos. Uma surda cantoria de sapos celebrava a lua cheia.

9

Para ler a sorte das mulheres, quanto mais idosa e bruxa a quiromante, mais acreditada. Para tomar, porém, da mão dos homens, medir com a unha a linha do destino, olhar nos olhos do freguês ao falar de paixão desesperada, a cigana deve ser jovem e atraente, promessa e tentação no ciciar da voz.

Quando a velha Júlia, uma harpia curvada pela idade, desembocou no rancho dos tropeiros propondo-se a lhes revelar o ontem e o amanhã, Maninho, ocupado em chamuscar a carne seca, gracejou com seu segundo: — Cachorrão, chegou a cigana que ocê tava esperando...

— Essa, nem de graça. — Rosnou Valério Cachorrão.

Mas entregou a mão a Malena assim a diaba apareceu na sombra de Josef, ele oferecendo animais de raça para venda e troca, para qualquer negócio, ela transando vaticínios. Apenas vaticínios? Valério Cachorrão, traquejado, achou que Malena estava sugerindo muito mais: tinha razão para assim pensar e agir em consequência pois outra coisa não fizera a disgramada além de fretar-se com o maior descaramento.

— Não quer que a cigana leia sua mão, meu bonitão? — disse ela

dirigindo-se ao ajudante de tropeiro e repetiu abrindo os lábios num sorriso provocante: — Vamos, bonitão!

Envaidecido, o gabola estendeu-lhe a mão depois de limpá-la na perna da calça: —Tá aí.

No decote do vestido podiam-se entrever os seios de Malena quando ela se curvava. Por uma fração de segundo Valério Cachorrão vislumbrava dois pomos túrgidos: Malena logo erguia o busto, a embromadora.

Moça, alta e bemfeita, o rosto de lua cheia, as ancas de égua, Malena tomou da mão de Valério, apertou-lhe os dedos brutos, recolheu a moeda, percorreu com a unha a linha do destino numa cócega leve e excitante que descia da palma da mão para os quibas do tangedor de burros.

Valério Cachorrão pouco ouviu do surrado aranzel, ocupado em avaliar com a outra mão o corpo da cigana. Mal pôde sentir, porém, o volume da bunda pois a demônia, sem deixar de provocá-lo com o olhar e o sorriso, se esquivava e pedia outra moeda: — Bota outra, bonitão, pra mim contar o resto...

O resto Valério Cachorrão queria ouvir, sentir e tocar distante dali, no negrume da mata, fora das vistas de Maninho e de Josef entretidos numa prosa descansada. Josef arrenegava do lugar: cadê a influência prometida pelo turco? Maninho ria devagar: — Fique mais uns dias e vai ver.

— Nanja eu. Não sou doido e levo pressa.

Também Valério tinha pressa, já perdera demasiado tempo e três níqueis empalmados pela cigana. Quis tomá-la pelo pulso, ela torceu o corpo, riu-lhe na cara e, gaiata, mais uma vez o provocou mostrando a língua, revirando os olhos negros e pidões: — Bota mais uma, bonitão!

O bonitão ficou desarmado diante de tanta galanteza. Terminou por meter a mão na capanga, buscou a moeda e a trouxe nos dedos. Não a colocou, porém, na palma da mão como a tinhosa propunha, não era tão bobo. Manteve-a refulgente na ponta dos dedos e, recuando no rumo da mata, desafiou: — Venha buscar.

Não havia terminado de falar e a arrenegada, num revolutear arrojado e imprevisto, arrebatara-lhe o níquel: um giro de corpo, um passo de dança, nunca Valério vira coisa igual, assim graciosa e pérfida. Antes que ele pudesse reagir, Maleita pusera-se a correr. Quando quis persegui-la já não a avistou no descampado; divisou apenas Josef caminhando para o armazém de Fadul, a mal-assombrada desvanecera-se ao luar. Mas Valério ainda ouviu, de mistura com o coaxar dos sapos, os ecos da gaitada da cigana.

A voz convicta de Maninho e o riso pachorrento chegaram do fogo

aceso para passar a carne-seca e quentar o café: — Ocê não quis ouvir o que lhe disse, bancou o pato. Cigana é assim: muita fita pra iludir, na hora negaceia.

— Filha da puta! — Ladrou Valério Cachorrão.

10

Talvez nada houvesse sucedido, se é que sucedeu algo digno de registro, Valério Cachorrão não teria levado avante indignadas ameaças, não fosse a aparição no descampado do tropeiro Dorindo. Vinha da venda de Fadul, espumando raiva. Somaram-se indignação e raiva: solidários, Cachorrão e Dorindo sentiram-se vítimas de idênticos malefícios engendrados pela mesma raça excomungada dos ciganos. Tudo se completou quando o pardo Pergentino, apoiado no testemunho do alugado e dos três mateiros, anunciou o êxodo das raparigas, de todas elas: não se encontrava uma única nos limites do arruado para atender tropeiros e passantes, por mais que se buscasse. Uma calamidade, o fim do mundo.

Valério Cachorrão tentava afogar em cachaça a indelével sensação da unha da cigana rascando-lhe os ovos. Rascara-lhe a raia da mão e não os ovos mas a carícia alojara-se no escuro saco do ajudante de tropeiro; o calor da aguardente não conseguia apagar a cócega leve, aquele frio na raiz dos quibas. A puta da cigana o enfeitiçara, fizera dele gato e sapato para depois ganhar e mundo levando o dinheiro que Cachorrão reservara para pagar a noite da negra Flaviana na pensão de Lídia, em Itabuna. Precisava encontrar a tinhosa, estivesse ela onde estivesse, para reaver as moedas preciosas e lhe ensinar que com homem macho não se brinca nem dele se abusa. Que gosto teria o xibiu de uma cigana? Um gole atrás do outro, o arranhar da unha nas profundas dos colhões.

As razões de Dorindo eram diversas mas tinham de comum com as de Valério a presença dos ciganos em Tocaia Grande. Também Dorindo pensara libertar-se da insuportável dor-decotovelo empunhando a garrafa no armazém do turco, onde soubera do encantamento, e depois na companhia dos tropeiros: a cara amarrada, a boca trancada, sem conversa. Cachorrão alardeava pragas e valentias, Dorindo remofa, calado, sua amofinação. Por ele já falara, no armazém e no galpão, exagerando as amarguras de seu principal, o ajudante Dudu Tramela que presenciara a bruxaria.

Após ouvir em silêncio, como de costume, a narrativa do moleque, Maninho discordara de um ponto da questão, a seu ver fundamental. Segundo ele, Dorindo não tinha por que considerar-se corno, traído e

humilhado. Maninho sabia da vida e de seus percalços, pessoa de opinião e de princípios.

É público e notório que a delicada flor do bemquerer não desabrocha nem resplandece se não houver interesse e concordância de ambas as partes, do homem e da mulher. Não adianta um dos dois se enrabichar sozinho: se não for correspondido, fica no alvéu, roendo beira de sino, situação penosa e deprimente, bastante triste.

Acontece amiúde, com o próprio Maninho acontecera: embeiçado pelos cabelos vermelhos de Zulmira Fogaréu, a aça lhe dera as costas, não quis saber nem ouvir falar. Ainda por cima o outro era um nanico, um meia-porção: parece impossível mas foi assim. Sentir, Maninho sentiu mas não se deu por achado, não passou recibo nem se proclamou chifrudo. O pior nessas aflições é quando o desprezado se ofende e resolve do desconsolo fazer um escarcéu.

Contudo, se não topasse com Valério Cachorrão bebendo junto ao fogo, talvez Dorindo houvesse mastigado sua raiva sem maiores tropeços. Por mais Maninho tentasse impedi-lo, Cachorrão saiu com as suas, resultou no que se viu. Arrastou consigo o pobre Dorindo, bestalhão que se arvorara em corno. Corno por que, de que maneira, se Guta jamais o quisera de xodó?

11

Logo após entregar a carga ao velho Gerino no depósito de cacau seco, Doririd, apressado, se tocara para o casebre de Guta: já se dera outro chegar primeiro e contratá-la para a noite toda. Quando acontecia, Dorindo se continha a custo para não botar a palhoça abaixo e atracar-se com o tipo que ousara precedê-lo e ocupar o lugar que era seu. Seu, como e por que, interpelava Guta que não era de tolerar bravezas de cidadão algum, muito menos de um indivíduo com quem nunca tirara linha nem assumira compromisso. Jamais se interessara por Dorindo; se ele sentia tanta arretação por ela, um fanatismo, paciência: recebia-o com cortesia como o ofício impõe, dava-se com classe, a ele e aos demais: os que iam com ela para a cama não tinham de que se queixar, graças a Deus. A prova é que voltavam quase sempre, pois, além do agrado e da categoria, cativava-os o cheiro doce de tabaco e a comichão no vão das coxas.

No casebre vazio, Dorindo esperara longo tempo pelo regresso de Guta mas, tendo a demora se prolongado por demais, terminou desistindo. Quem sabe, farta de Tocaia Grande, a rapariga viajara para Taquaras, Ferradas, Macuco ou Agua Preta? Para onde se mudara, a peste ruim?

Havia de descobrir-lhe o paradeiro mesmo que ela estivesse em Itabuna onde funcionavam para mais de vinte pensões de putas.

Remoendo tais tristezas, Dorindo tomou o caminho da rua de casas, meia dúzia, foi matar a sede e a desolação no cacete armado de Fadul. Lá encontrou seu ajudante, Dudu Tramela, e pela boca do falastrão ficou sabendo que Guta não abandonara Tocaia Grande coisa nenhuma, se bem fosse impossível dizer onde estava no momento pois se encantara de repente. Ela e o cigano. — Assim como tou vendo vosmicê, vi eles se encantar.

— Viu o quê?

— Se encantar. — Explicou: — Tava olhando os dois agarradinhos, não tirei as vistas de cima e cadê eles? Se encantaram, só pode ser.

Dorindo sentiu-se ainda mais sofrido e afrontado. Encontrála ocupada com um freguês machucava mas não dava motivo para queixa e acusação: Guta estava ganhando a vida, tãosomente. Mas sabê-la abraçada ao cigano, exibindo-se ao luar, longe do catre e da palhoça, rindo à toa, desaparecendo atrás de um pé de breu qualquer doía fundo: não era ganha-pão, era rabicho. O bastardo a enfeitiçara, não pode haver laia pior do que cigano.

O turco, com outras preocupações, perguntou por perguntar: — E tu tava de xodó com Guta?

— Oxente! Vosmicê não sabia? — Quem respondeu foi Dudu Tramela.

Dorindo nada disse, pagou o trago e o que restava na garrafa: tomando-a pelo gargalo dirigiu-se para o galpão onde foi recebido com a consideração que merece um companheiro de labuta afetado pela desdita. Sabiam do caso, Tramela já contara com detalhes. Valério Cachorrão, no louvável intuito de consolar Dorindo, confessou o logro de que fora vitima. Também a demônia da cigana se esfumaçara diante dele e de Maninho.

— Vosmicê viu, não foi, seu Maninho?

O tropeiro não desmentiu nem confirmou, ocupado em arrancar com os dentes um naco de rapadura e de jogar na boca uma mãozada de farinha.

12

Não tardou a crescer o grupo reunido em torno do fogo e das garrafas de cachaça. O pardo Pergentino fora à Baixa dos Sapos dar a Bernarda um recado do capitão Natário da Fonseca. Não pudera fazer a comissão e voltara com a notícia apavorante do sumiço das mulheres, de todas elas, sem exceção.

— Sumiram todas! Ai, que sumiram! — Anunciou abrindo os braços

para medir a extensão da desgraça: — Todinhas!

Notícia em seguida confirmada pelo alugado e pelos três mateiros. Trabalhavam para o coronel Osmundo Rocha no estabelecimento de uma fazenda léguas adiante; tinham vindo de longe, um estirão, em busca das faladas raparigas que desde algum tempo faziam a vida em Tocaia Grande. De raparigas não encontraram rastro nos limites do arruado.

Os tropeiros pousavam ali a fim de folgar durante a noite em alegre companhia feminina: pouso de tropeiros é couto de raparigas, sítio de cachaça e animação. Os alugados e mateiros vinham a pé das roças, por trilhas e atalhos, para apagar a lamparina nas palhoças e desafogar a natureza. Pelo visto, já não havia lamparinas a apagar, mulheres em cujo seio repousar, puta disponível para a folgança e o desafogo.

Pergentino estranhara o absurdo silêncio reinante na Baixa dos Sapos de hábito tão ruidosa e movimentada. Três ou quatro penitentes, baratas tontas iguais a ele, rondavam de choça em choça constatando a arribação das doidivanas. Aves de arribação, diziam os letrados para assinalar a natureza andeja das mulheres da vida: haviam arribado em bando e, segundo parecia, de vez e para sempre.

Vazia a casinhola de madeira, ausentes Bernarda e Coroca, Pergentino não conseguira transmitir o recado — capitão Natário mandara avisar a Bernarda que no dia seguinte passaria por Tocaia Grande, o Capitão sabia se tratar —, tampouco encontrara quenga com quem atravessar a noite. Fazendo das tripas coração, pois a necessidade obriga, andara até a distante palhoça de Maria Gina, das putas do arruado a menos cobiçada. Escafederam-se as rameiras de Tocaia Grande, todas: não sobrara sequer a maluqueta. Calamidade sem tamanho e sem conserto!

No galpão, enxugando a garrafa de cachaça a convite de Maninho, o pardo Pergentino, enfurecido, aos berros perguntava a Deus e ao mundo o que fora feito das raparigas. Por que se escondiam, trancavam os balaios, se não era Quinta nem Sexta-Feira Santa? Estrupício dos ciganos, só podia ser: gente desassuntada, nação de hereges.

Para acabar Tocaia Grande só faltava seu Fadu fechar as portas do cacete armado e ir ganhar dinheiro noutra freguesia.

13

A frustração do alugado e dos três mateiros impôs e precipitou a decisão tomada por Valério Cachorrão com o aval de Dorindo e de Pergentino. Desapontados, os quatro camaradas regressavam às pás e às enxadas, aos machados e às foices, ao rude trabalho de sol a sol no

desbaste da floresta, no plantio das mudas de cacau. Haviam palmilhado léguas compridas na demanda de mulher. Na mata e nas roças, as poucas que existiam tinham dono e eram guardadas a sete chaves, qualquer descuido ou afoiteza custava a vida: da descuidada ou do afoito, se não dos dois. Tinham vindo para raparigar, não encontraram raparigas, renegavan a pobreza do lugar.

Ao contrário de Pergentino, os mateiros e o alugado não pretendiam fêmea para a noite inteira, pois deviam estar de volta antes do raiar do dia. Contentar-se-iam com uma rápida pingolada, nem isso obtiveram. Onde se metera a gabada Jacinta Coroca, velha encarquilhada mas, segundo se dizia, ainda capaz de receber e despachar os quatro; um de cada vez, esclareça-se de passagem, pois sendo mulher de brio e de vergonha não admitia descarações e bandalheiras. Em Ilhéus certas raparigas, no costume das pingas, iam com dois ou três ao mesmo tempo, mas Jacinta, nem quando em mocinha exercera nas pensões de luxo da cidade, se dera a tais depravações: não havia dinheiro que pagasse.

Após terem emborcado umas lambadas na bodega de Fadul para compensar a decepção, os quatro desinfelizes, vendo o fogo aceso no descampado, pararam para um dedo de prosa e assim puderam confirmar o anúncio feito pelo pardo Pergentino da catástrofe que se abatera sobre Tocaia Grande: — Eles que digam se tou mentindo.

Valério Cachorrão exaltou-se, voltou a arrotar ameaças no bafo da cachaça: vamos resgatar as putas e mostrar a esse bando de renegados que vagabundo algum pode abusar impunemente de cidadãos que ganham a vida com o suor do rosto, tocando burros, abatendo árvores, lavrando aterra. Que gosto teria o xibiu de uma cigana?

O alugado e os mateiros declinaram do convite: se não se apressassem perderiam o dia de trabalho. Voz isolada, Maninho desaconselhou a baderna, perdeu cuspo e latim, não lhe deram ouvidos. Valério Cachorão, Dorindo e Pergentino, três colhudos, decidiram atravessar o rio e dar uma lição à corja dos ciganos, Maninho, foi com eles para o que desse e viesse.

Dudu Tramela não tomou parte na diligência, ainda não portava armas além de um toco de facão. Maninho cochichou-lhe um recado para seu Fadu: avise a ele do fuzuê que está se armando. Vá ligeiro antes que se dê uma desgraça.

Andando para o rio, Maninho estranhou o silêncio: os sapos haviam suspendido sua rouca cantilena. Na noite embruxada, nos caminhos do luar, sob o céu de estrelas, onde andavam os sapos cururus? Tinham sumido, eles também, junto com as putas.

14

Maninho atravessou o rio preparado para o pior: mais uma vez ia presenciar a iníqua violência. Iníqua e inútil, sabia de sobejo, aprendera nos caminhos do cacau, tangendo comboios. No passado, perdera outro ajudante num fortuito bafafá: ao contrário de Valério Cachorrão, Zé da Lia era pacato, bom sujeito; o caso se deu por uma moeda de tostão.

De Valério Cachorrão pouco temia: farofeiro e, ainda por cima, estando bêbado, não representaria perigo se não conduzisse na cintura um pau-de-fogo, garrucha de carregar pela boca, fora de uso, capaz todavia de matar. Cachorrão a ganhara apostando no jogo de ronda ali mesmo em Tocaia Grande, meses atrás, não a largara mais. De Pergentino, Maninho sabia pouco, mas sendo homem do coronel Boaventura devia ser brioso e prudente ao mesmo tempo, na medida do capitão Natário da Fonseca. Medo lhe fazia Dorindo por calado e ofendido; o que têm de inofensivos os cornos mansos, sujeitos desprezíveis mas isentos de maldade, têm de perigosos, de imprevisíveis, aqueles inconformados que se recusam a carregar os chifres reais ou imaginários. Comem-se por dentro e quando explodem não há quem os contenha em sua fúria. Cruzando o rio sobre as pedras escorregadias, Maninho sustinha o cambaleante Valério Cachorrão, mas se preocupava sobretudo com Dorindo.

Desembocaram no cerrado por detrás das carroças e assim ficaram impedidos de ver o que se estava se passando. Ouviram, porém, um som de tal maneira inusitado que nem o próprio Maninho pudera classificá-lo, quanto mais os outros, O som cresceu e se elevou, melodioso: era música, sim senhor, mas não de harmônica, violão ou cavaquinho. Música de igreja não seria tampouco pois, apesar de tocante e linda, nada tinha de solene, era branda e vibrante, alegre e melancólica, tudo de vez e ao mesmo tempo, e dava vontade de dançar. Maninho jamais escutara coisa tão bonita e comovente em toda a sua longa vida. Não tinha ideia de quantos anos carregava no lombo, da idade exata, mas a carapinha começara a embranquecer.

Os quatro homens vindos do armado, três deles dispostos à vingança e à punição, a recuperar bens preciosos, moedas e mulheres, a expulsar os ciganos na compulsão das armas, sustiveram a marcha quando a melodia subiu até às estrelas e se espalhou na mata. Também os animais, onças, serpentes, grilos e corujas, pararam para ouvir. Maninho compreendeu então por que os sapos de ouvido fino, haviam suspendido o canto.

Para avançar, os valentões diminuíram o passo, cautelosos;

transpuseram as carroças e enxergaram a cena singular. Ali estavam, plantadas, as desaparecidas raparigas, todas as oito, umas sentadas, outras de pé. Dois dos forasteiros — um era Maurício, o outro era Miguel — empunhavam instrumentos dantes nunca vistos naquelas paragens, e tocavam para a plateia de putas e ciganos. Maria Gina chorando e rindo, Jose brincos nas orelhas, anéis nos dedos, Bernarda próxima à avó das bruxas que lhe dissera a sina, Malena amamentando uma criança,. Alberto amparando-a com o braço, todos os demais, velhos, moços e meninos. Num silêncio de pedra, a corte real da Babilônia e a lua cheia.

Quem não diminuiu o passo foi Fadul Abdala que chegava acompanhado de Dudu Tramela: o moleque queria ver para contar. O turco vinha correndo, para alcançar a tempo os baderneiros. Ao rumor dos gravetos partidos, desencostou-se de um pé de pau o vulto magro de Coroca. Encarou o grupo e, severa, colocou um dedo sobre os lábios exigindo silêncio: foi obedecida. Fadul reconheceu os violinos.

Caindo de bêbado, Valério Cachorrão deu um passo à frente, fez um gesto com o braço para que os outros o acompanhassem, não adiantou. Ainda tentou empunhar a garrucha, porém Maninho tomou-lhe a arma, sem maior esforço. Também Dorindo, ao perceber Guta sentada no chão, escutando embevecida, quis gritarlhe o nome, xingar-lhe a mãe, chegou a abrir a boca mas o turco a tapou com a mão disforme. Coisas do Cão, o pardo Pergentino fez o sinal-da-cruz. E nada além disso aconteceu.

Josef veio de trás e se juntou a Mauricio e a Miguel: não parecia um rei, parecia um deus da mata virgem. Acrescentou ao dulcíssimo som dos violinos o divino mistério da flauta de Pan no concerto das czardas naquela noite dos ciganos em Tocaia Grande.

DE PASSO NO ARRUADO O BACHAREL

ANDRADE JÚNIOR MOSTRA-SE PESSIMISTA A RESPEITO DO FUTURO DE TOCAIA GRANDE

1

Cumprindo o trato feito com o pardo Pergentino e o aviso mandado a Bernarda, o capitão Natário da Fonseca desmontou em Tocaia Grande pela manhã e pouco depois atravessou o rio ao enxergar do outro lado o acampamento dos ciganos. A tempo de impedir que Fadul Abdala fosse enrolado por Josef e comprasse um vistoso burro cuja aparência o encantara.

Entendido em ouro e jóias, em mascataria, mas não em muares e equinos, o turco propusera pagar pelo animal exatamente a metade do preço pedido pelo cigano no início da transação. Valia a pena assistir aos trâmites da barganha, admirar os circunlóquios e as evasivas da porfia em que se empenhavam os dois ladinos, pendenga interminável. Ora ruidosa gritaria de protestos e acusações, ora lamurienta choradeira. Proclamavam-se mutuamente vitimas da ganância, da avarícia e da má fé do adversário. Em meio à discussão escapavam palavras e frases em árabe e em romàni — se é que aquela récua de ciganos falava realmente romàni conforme Fadul ouvira da boca sapiente de Fuad Karan quando, no cabaré em Itabuna, lhe relatara o caso.

Declarando-se ludibriado, lesado em seu patrimônio, todavia Josef se dispunha a aceitar a proposta do comerciante, quando o Capitão, juntando-se a eles, pôs tudo a perder. Depois de apertar a mão de Fadul e de saudar os ciganos com um aceno de cabeça — Maurício e Miguel, nas proximidades, guardavam os animais —, Natário quis saber:

— Tá comprando o burro, compadre Fadul?

— Que lhe parece, Capitão?

— Só vendo.

Aproximou-se do animal, passou-lhe a mão na anca, abriu-lhe a boca, examinou-lhe os dentes ante o olhar suspeitoso de Josef.

— Tá querendo botar dinheiro fora, compadre? Comprando burro de muda esquecida? Maluqueceu? Tá que nem o doutor James que comprou dois de uma vez e achou que tava fazendo um negoção? — Sorriu recordando a inocência do estróina que resolvera dedicar-se à agricultura e plantar roça.

— Muda esquecida? Que é isso? Nunca ouvi falar. — Tendo reconhecido o capitão Natário da Fonseca, Josef preferiu passar por ignorante a contradizê-lo: — Não sei de que se trata.

Natário não perdeu tempo em responder. Em compensação, mostrando-se insultado com a tentativa do cigano de levá-lo no embrulho, Fadul fez um estardalhaço, virou fera, esbravejou. Josef não se deu por achado: o turco sabia tanto quanto ele que vender gato por lebre faz parte do comércio de animais: — Se esse não lhe serve, escolha outro.

Após circular por entre a tropa cuidada por Maurício e por Miguel, o Capitão, abalizado conhecedor de burros e cavalos, desaconselhou qualquer negócio. Digno de atenção, notara apenas um poldro capaz de vir a ser no futuro boa montaria: não interessava. Para carregar mercadorias na buraqueira do atalho entre Tocaia Grande e Taquaras, Fadul precisava, isso sim, de burro forte e sadio, sem defeitos.

— Na feira de Taquaras o compadre encontra um burro em condições. É mais seguro. — Sugeriu Natário.

Não opinou no entanto na discussão sobre o relicário cujo preço havia sido acertado antes da pendência, de jóias não entendia. Josef tentou desfazer o ajuste, voltar atrás: — Sem o burro, o preço é outro...

— O quê? Outro? Como, se já estava combinado?

— Sem o burro... Vossência...

— Vossência é a puta que pariu... — agora, sim, Fadul estava furioso: — O que é que tem um negócio a ver com o outro? Pago o combinado, nem um vintém a mais.

Levava a vantagem de estar de posse da jóia. Retirou do bolso da calça um rolo de notas velhas, emendadas, passou cuspo nos dedos, começou a separá-las.

— Não quero mais vender. — Declarou Josef.

— Tarde demais, eu já comprei. — Fadul estendeu a quantia acordada, acabara de contá-la.

Josef, a mão pousada no cabo do punhal, considerou em silêncio a situação; Maurício e Miguel aproximaram-se, postando se a seu lado. Estivesse o árabe sozinho, apesar do tamanho, da carantonha e do revólver na cintura, teriam tentado amedrontá-lo e resolver o assunto à bruta. Mesmo os ciganos porém conheciam o nome e os feitos do capitão Natário da Fonseca. Josef terminou por receber as notas e, insolente, as recontou; também ele tinha seu orgulho a afirmar. Virou as costas sem dizer palavra mas o Capitão não o deixou partir: — E o rebenque, não quer vender?

Chicote curioso, diferente, obra de mestre: pendia do punho do cigano.

Taca de crina trançada, presa por anéis — de prata ou de metal? Incrustações embutidas no cabo trabalhado — de osso ou de marfim? Josef voltou-se lentamente: — Já perdi muito dinheiro hoje, não quero perder mais.

— Diga logo quanto quer pelo chicote, se for em conta é meu.

Prata e marfim, metal e osso, novamente o cigano e o árabe se empenharam com visível prazer na especulação e na pechincha. O Capitão interrompeu a altercação e sem mais aquela comprou o rebenque por um preço que Fadul considerou caro.

Quase a seguir, as carroças dos ciganos se movimentaram, puseram-se a caminho no rumo do pontilhão.

2

— E o que é que o compadre vai fazer com isso? Vender? Dar de presente? — desejou saber o capitão Natário da Fonseca admirando o relicário pousado nas dobras do papel pardo que Fadul abrira em cima do balcão.

O bodegueiro riu seu grosso riso satisfeito enquanto servia a aguardente de uma garrafa reservada:

— Custou um bocado de dinheiro, mas vale muito mais. Isso eu conheço. Onde o filho da mãe ia me passar para trás, me levar no beiço, era no preço do burro, não fosse vosmicê. Foi Deus quem lhe mandou, Capitão.

Pela porta olhou para a outra margem, as carroças já haviam desaparecido na distância:

— Bem que a Bíblia diz: quem com ferro fere com ferro será ferido. Tá tudo escrito na Bíblia, Capitão. O cigano quis roubar, saiu roubado.

— Vale tanto assim?

— Posso vender por muito mais do que paguei, em Ilhéus ou em Itabuna. É só oferecer no cabaré, não há de faltar um coronel que queira comprar. — Balançou a cabeçorra: — Dar de presente? Não tenho noiva nem mulher e mesmo que tivesse não sou milionário para dar um presente desse preço. Foi um bom negócio. O Capitão é que pagou demais pelo chicote, se precipitou. Se fizesse corpo mole, o cigano deixava mais barato.

— Possa ser, mas me falta paciência pra negociar. Comprei pra dar de presente, compadre, e ainda por cima a um varão.

— Já sei. Comprou pra oferecer ao doutorzinho, não foi?

Chamar de doutorzinho tamanho homem podia até parecer brincadeira de mau gosto, desrespeito, mas Natário o conhecera menino e Fadul o vira rapazola. A notícia do regresso de Venturinha, após prolongadas férias no

Rio de Janeiro, dominava as conversas nos bares de Itabuna e de Ilhéus, nas estações da Estrada de Ferro, em Água Preta, Sequeiro de Espinho e Taquaras, nos povoados e lugarejos, nas casas-grandes das fazendas.

— Venturinha vai ter de penar de cá pra lá, de lá pra cá, engolindo poeira, comendo lama: o Coronel está querendo que, além de advogar, ele se ocupe com a Atalaia. Já comprou um burro de sela e uma égua campolino, até ajudei a escolher. Duas montarias de primeira, só quem vai andar nelas é Venturinha. — Os olhos miúdos se iluminaram: — O Coronel é doido pelo filho, tu nem imagina, compadre.

— Tem razão. É filho único e agora é doutor. Que pai não haveria de gostar? — Igualmente seus olhos se iluminaram: — Quando eu tiver filhos, também vão ser doutor. Mas não quero advogado: um vai ser médico, o outro vai ser padre.

— E padre é doutor, compadre?

— E não havia de ser? É ainda mais que os outros, Capitão, é doutor de Deus, tem até coroa na cabeça.

Cheio de lembranças, o fio de um sorriso assomou na boca de Natário:

— Dizer que carreguei ele no cangote... — vibrou uma chicotada no ar: — Ele vai gostar dessa taca, é bonita e maneira.

Rebenque ímpar, digno de um bacharel janota, filho de pai milionário, de coronel do cacau que falava grosso na política, ditava leis na justiça, dava ordens nos cartórios. Para pleitear questões de terra não haveria em toda a zona grapiúna advogado que pudesse competir com ele, fazer-lhe frente: Venturinha tinha de um tudo e ainda mais.

Natário conhecia o gosto do rapaz, as preferências, os repentes. Vira-o crescer e muito lhe ensinara, livrara-o de várias enrascadas, sobretudo em casas de mulheres da vida e nos cabarés e se dera ao luxo de repreendê-lo quando, adolescente e acadêmico, o filhinho de papai passava da conta. Por mais de uma vez teve de contê-lo: fraco para bebida, Venturinha perdia a cabeça facilmente. Ao vê-lo formado, doutor advogado, Natário, igual ao Coronel, dele se orgulhava: — Pra caxixe não vai ter outro igual.

— Agora mesmo é que o Coronel vai mandar e desmandar. Inda bem que o Capitão é gente deles e eu sou compadre de vosmicê.

Emborcaram os copos saudando a volta do doutor Andrade Júnior — assim se (ia no diploma da Faculdade de Direito: bacharel Boaventura da Costa Andrade Júnior. Finalmente o coronel Boaventura Andrade ia poder levar avante os ambiciosos planos políticos traçados por ocasião da formatura do filho em dezembro do ano anterior. Estavam nos fins de maio, seis meses eram passados.

3

Na Rua do Comércio, em Itabuna, a porta da escada de um sobrado, propriedade do Coronel, ostentava desde dezembro uma placa reluzente onde se lia: Dr. Boaventura da Costa Andrade Filho, advogado. Andrade Filho como constava da certidão de batismo: Júnior era invenção de gringo e o fazendeiro abominava estrangeirices. A parte térrea do sobrado servia como depósito de cacau seco, ali os tropeiros da Fazenda da Atalaia arriavam as cargas num contínuo movimento de homens e animais. Apesar de residir em Ilhéus, o Coronel fora de opinião que Venturinha devia montar escritório em Itabuna, município novo e progressista em cujo território se situavam as propriedades rurais que um dia seriam suas — o que não o impediria de advogar em toda a região. Em maio, finalmente, o jovem causídico chegava para assumir, segundo parecia, o escritório e as responsabilidades que o esperavam, muitas e trabalhosas.

A formatura de Venturinha fora acontecimento cantado em prosa e verso: os meses se haviam passado mas as comemorações do ostentoso evento ainda eram recordadas. Os festejos, começa-dos na Capital, prolongaram-se em Ilhéus e em Itabuna, findaram na fazenda.

No dia magno da formatura, pela manhã, o Arcebispo da Bahia, primaz do Brasil, celebrara missa cantada na Catedral Basílica e no verboso sermão conclamou os formandos à "defesa intransigente do direito e da justiça, missão sagrada daqueles que adotavam a meritória carreira da advocacia". No silêncio da Catedral, o Coronel resmungara ao escutar as palavras de Sua Reverendíssima: bonitas porém falsas, sem sentido. Os bacharéis não passavam de uns trapalhões, metidos a sebo, úteis sem dúvida, indispensáveis exatamente para coonestar as violações do direito e da justiça. Caríssimos, ademais. Agora o Coronel tinha um em casa, ao seu dispor.

A solenidade da diplomação efetuou-se à noite no salão nobre da Faculdade, sob a presidência do Governador do Estado. Envoltos na beca negra, de borla e capelo, os novos bacharéis prestaram juramento e receberam das mãos de Sua Excelência os canudos com os diplomas. Dona Ernestina não parara de chorar e o Coronel Boaventura Andrade, couro e alma curtidos em tantas peripécias fungou escondendo uma lágrima no punho do paletó. Terno novo, azul-escuro, de casemira inglesa.

No dia seguinte, um domingo, realizou-se o baile oferecido pelos recém-formados aos seus familiares e à sociedade baiana no Clube Carnavalesco Cruz Vermelha. Senhoras e senhoritas ostentando luxuosas toaletes, os

homens de branco a rigor nos engomados duques de linho agá-jota. O Coronel e dona Ernestina compareceram, enfarpelados da cabeça aos pés. Ela, com as banhas opressas pelas barbatanas do espartilho; ele, constrangido no colarinho duro, nos sapatos de verniz: ainda assim não cabiam em si de contentes. Gastaram champanha francês e conhaque Macieira confraternizando com os Medauar e os Sá Barreto, familiares dos outros dois rapazes grapiúnas que se formaram na mesma turma: as roças de cacau começavam a produzir doutores.

Ao baile seguiu-se pela madrugada monumental esbórnia no castelo de Madame Henriette cuja origem marselhesa a pronúncia, a perícia e o estipêndio atestavam. Farra oferecida por Venturinha a alguns colegas, os mais íntimos: o Coronel afrouxara generosamente os cordéis da bolsa.

Madame Henriette não tinha rival na organização de uma patuscada de categoria, de une féerie como ela própria proclamava. Castelo discreto, rendez-vous aristocrático, madamas chiques, recrutadas a peso de ouro entre mancebas e manteúdas de senhores de alto coturno: fidalgos do Recôncavo, atacadistas da Cidade Baixa, comerciantes da Cidade Alta, desembargadores, altas patentes militares, políticos poderosos — o clero e a nobreza. Recatadas e opíparas, cada qual mais desejável, a começar pela galante patroa do puteiro, francesa e loira. Interesseira, financista, la sage Henriette dividia o tempo de trabalho entre três clientes de truz, apatacados e perdulários; romântica, la folle Henriette reservava inteiro o tempo de lazer ao jovem e lindo Jorge Medauar que, por casualidade, naquele mesmo dia se formara, junto com Venturinha, amigo e confidente, companheiro de república; Medauar era o poeta da turma, aplaudido e requestado, ai-jesus das moças e das raparigas. Compunha versos e os publicava nos jornais; as donzelas recitavam nas festas familiares o "Soneto do Luar dos Teus Cabelos", dedicado a uma anônima "H., drolática e adusta flor do mar mediterrâneo". A fulva cabeleira de Henriette — campo de trigo enluarado, primavera aurifulgente nas rimas do soneto — desatada e luminosa, comandava a festa, festa dela também, como se vê. Não podendo assim a castelã fazer par com o anfitrião e nos seus braços desmaiar, com ele prevaricou a ruiva Rebeca, a dos pentelhos cor de vinho, sol disant exclusiva do Capitão dos Portos. Soi-disant exclusivas, todas elas, sem exceção.

Missa e baile, diplomação e regalório, alegrias pretéritas mas sempre presentes na memória do coronel Boaventura Andrade que as recordava com justo orgulho e certa melancolia. Ajoelhara-se durante a missa cantada, divertira-se com os embustes do sermão, comovera-se na

cerimônia de formatura, espairecera no baile apesar do colarinho de ponta-virada e dos sapatos de verniz. Da farra soubera e a aprovara quando nos braços morenos de Domingas Beija-flor — soi-disant exclusiva de Monsenhor da Silva, prior da Sé, poço de virtudes, santo varão — no sétimo dia descansou de festas, solenidades, emoções.

4

Apesar da conhecida má vontade para com as tricas dos bacharéis, chicanas mais temíveis do que os bacamartes e os clavinotes, o coronel Boaventura Andrade, naquele dezembro da formatura do filho, não procurava ocultar a satisfação. Um filho doutor, ainda raridade nas terras grapiúnas, além de comprazer o coração dos pais, motivo de orgulho e consideração, significava o próximo remate de projetos longamente concebidos.

Os estudos custavam caro, os preços dos livros de Direito e das raparigas de estalo andavam pelas portas da morte — haja cacau! Não era brincadeira sustentar os gastos de um acadêmico, mantê-lo na Capital com a largueza que se impunha à um rebento do coronel Boaventura Andrade — a fama da fortuna do fazendeiro ressoava na Bahia: plantações ilimitadas, milhares de arrobas de cacau a cada safra, as ruas de casas de aluguel em Ilhéus e em Itabuna e o dinheiro a juros.

Ainda assim pagava a pena: o título de doutor valia tanto quanto uma boa fazenda, chave para abrir as portas da política e proporcionar um casamento afortunado. Com o filho doutor ali à mão, o Coronel não mais precisaria utilizar os serviços de outros bacharéis para cuidar-lhe os interesses nos fóruns e cartórios, tampouco depender de terceiros a quem eleger para cargos de confiança, a quem delegar comandos. Ficava a salvo de aleives e falsidades, de surpresas: assunto mais traiçoeiro do que a política só mesmo a justiça. Por isso andam sempre juntos, de mãos dadas.

Venturinha, porém, tinha outros planos para os meses a seguir. Depois de tantos anos de estudo, provas escritas, exames orais, queimando as pestanas em cima dos tratados, reclamava merecidas férias. Não as habituais férias estudantis de fim de ano em Ilhéus e Itabuna, recrutando raparigas de terceira nos cabarés, e, sim, férias de doutor recém-formado, no Rio de Janeiro. Conhecera a Capital da República mal e porcamente — são os termos adequados — durante a excursão de uma embaixada de estudantes, escassos quinze dias, quando cursava o terceiro ano. Pretendia dessa vez demorar-se os meses de janeiro e fevereiro, seguindo antes do ano-novo, voltando após o carnaval. Quem tanto se aplicara nos estudos —

apenas uma segunda época em todo o curso — fizera-se credor de recompensa à altura: o Rio de Janeiro com a carteira recheada.

O Coronel ouviu e concordou: afinal, dois meses a mais, dois meses a menos não representavam grande coisa. Nos planos delineados, maior do que a urgência, era a vontade do Coronel de ver o filho brilhando à frente do escritório, defendendo causas, discursando no júri, cuidando da fazenda, intervindo na política, candidato a deputado estadual ou a Intendente de Itabuna.

5

Antes da hora do almoço, o capitão Natário da Fonseca montou na mula em frente à casinhola de madeira, disse até breve a Bernarda e a Coroca, acenou de longe para Fadul e partiu a receber na estação de Taquaras o bacharel Andrade Júnior de volta a seus penates. O rapaz vinha em companhia de dona Ernestina que o acolhera em Ilhéus. De propósito, para não demonstrar o alvoroço que o consumia, o Coronel ficara à espera na Atalaia. Mas Natário testemunhara a emoção do fazendeiro quando abriu e leu o telegrama mandado por Venturinha — reenviado de Taquaras por um próprio — anunciando o desembarque e marcando data para chegar à fazenda: o tempo do Coronel tomar as providências para receber condignamente o filho doutor que por fim se decidira a retornar do Rio de Janeiro; prometera voltar logo após o carnaval, estavam às vésperas do São João. A alegria refletira-se no rosto largo do Coronel que chegara a ficar sem fala, lendo e relendo a mensagem telegráfica. Por fim, rindo pela boca e Pelos olhos, por toda a cara, dera a notícia:

— Ele está vindo, já chegou a Ilhéus. Nosso doutor, Natário.

Ia o Capitão pensando nessas coisas quando percebeu na estrada mais adiante um vulto de mulher. Cantava uma cantiga que ele escutara nos tempos de menino, em Propriá. Ouvira-a na voz das aguadeiras nas margens do rio São Francisco:

Lá se vem o rei da Babilônia
Dele vou me enamorar
Vou com ele me casar...

Pequena trouxa na cabeça, na mão um ramo de folhas e de flores do mato, murchas, na boca um sorriso jubiloso, Maria Gina, os pés descalços, vagava no caminho.

— Onde tu vai, Maria Gina? — Perguntou o Capitão.

— Por aí, seu Capitão. — Não era de revelar os seus busílis, guardava-os para si mas Natário a ajudara certa vez e ela não esquecera: — Ele tá me esperando, saiu na frente porque tinha de tirar o sol do tacho e pôr no céu pro dia amanhecer, — E quem é ele, se mal pergunto?

Maria Gina gostava de conversar com o Capitão por ser ele tão considerado, delicado como não havia outro nessas bandas da vida: a vida tinha duas bandas diferentes, ela vivia numa e noutra e facilmente as confundia.

— Primeiro ele pegou o sol e guardou no tacho, bem no fundo. Depois, com o outro rei, tocou a música da lua. — Sorrindo, prometeu: — Quando eu souber o nome dele, deixe estar que digo a vosmicê. Mas só a vosmicê.

O sol lá estava em brasa marcando a hora, se o trem de ferro não se atrasasse, daí a pouco Venturinha desembarcaria em Taquaras. Será que ele ainda se recorda de Maria Gina?

Natário a conhecia da Fazenda Atalaia, menina já destrambelhada,o olhar vago, sorrindo sem por que, mostrando as partes. Venturinha experimentara mulher fazia pouco, vivia arretado, não podia ver rabo-de-saia.

— Se lembra de Venturinha, Maria Gina?

A rapariga suspendeu a marcha, ficou parada no caminho segurando os galhos, fez um esforço; a memória vinha de longe, da outra banda, embrulhada, confusa de sonhos e visões:

— Quem, seu Capitão? — Do Capitão, sim, ela se lembrava: quando o lobisomem começara a espancá-la, etc se intrometeu, tomou as dores da indefesa, partiu o lobisomem em três pedaços e o malvado nunca mais voltou a maltratá-la. — Não se lembro não.

— Venturinha, o filho do Coronel, lá da Atalaia. Faz um tempão.

— Do filho não se lembro não. Só se lembro do Coronel, ele gostava de deitar mais eu, era bondoso.

Havia quem não quisesse andar com ela por ser lesa. Com medo de castigo do céu, pois essas criaturas pancadas são da estimação de Deus, quem delas abusa pode pagar caro, aqui na terra, ou depois quem sabe onde. Venturinha não acreditava em agouros, derrubava Maria Gina debaixo da barcaça no cheiro do cacau posto a secar. Do Coronel, Natário nunca soubera nem desconfiara.

— O coronel Boaventura?

— Tinha o peito cabeludo, bom de passar a mão.

Recomeçou a marcha lenta, os olhos outra vez perdidos, os lábios abertos no sorriso de júbilo: ia à procura do rei da Babilônia, dono do sol.

Meteu no cós da saia as moedas que o Capitão lhe pôs na mão.

O capitão Natário da Fonseca esporeou a mula, ganhou distância. Se o trem de ferro cumprisse o horário, Venturinha não tardaria a desembarcar. Doutor formado. Será que ainda se recorda de Maria Gina?

6

Nem em dezembro, tampouco em maio: os planos do Coronel viram-se adiados novamente. Até quando? A pergunta ficara no ar, Venturinha não fixara data: o curso de especialização não tinha prazo certo para terminar. Prolongar-se-ia por alguns meses, cinco ou seis, quantos, exatamente, não sabia: no máximo até dezembro. Mas como deixar escapar uma oportunidade daquelas? Não aparece todo dia e as poucas vagas tinham sido disputadas por candidatos de todo o país e até do estrangeiro. Ficasse o Coronel sabendo que entre os pretendentes encontravam-se argentinos. Argentinos, sim senhor. Ele, Venturinha, obtivera inscrição devido às boas relações que estabelecera com ilustres professores durante essa curta estada no Rio de Janeiro. Curta? Cinco meses, o Coronel contava nos dedos: janeiro, fevereiro, março, abril e maio.

O Coronel tomara conhecimento das intenções de Venturinha através de longa epístola recheada de considerandos e de arrazoados, na qual o rapaz dava conta aos pais da resolução de prolongar os estudos, participando de importante curso sobre o Direito de Propriedade da Terra, necessário a quem quisesse advogar com sucesso na região; ser-lhe-ia de grande proveito.

Tropeçando na linguagem sibilina em que a carta fora vazada, linguagem de bacharel, o Coronel, imerso em dúvidas, ordenou ao filho que viesse a Ilhéus explicar-se melhor pois não pretendia nem achava possível decidir tal assunto por correspondência.

A seu ver, tendo completado o curso da Faculdade de Direito, ostentando o rubi no dedo anular, emoldurados e postos na parede da sala de visitas o diploma e o quadro de formatura, Venturinha estava apto a iniciar a carreira e a palmilhar o caminho traçado: advogar, casar com moça de família rica — tão rica pelo menos quanto a dele —, fazer política, assumir as responsabilidades e os postos que lhe competiam. Para isso o Coronel trabalhara como um mouro, lutara de armas na mão, derramara sangue, correra perigo de vida. Não via necessidade de novos cursos, não já se formara e recebera o canudo de doutor?

Colocado contra a parede, Venturinha não teve jeito senão suspender a temporada carioca e vir argumentar de viva voz:

— Interrompi o curso, estou perdendo aulas! — Lamentava-se.

Enternecida, dona Ernestina erguia-se em apoio ao filho. Em geral não ousava discutir os planos do marido quando deles tomava conhecimento, o que acontecia raramente. Mas, naquela ocasião, saiu de sua habitual pacatez para reclamar, com inesperada energia, a compreensão e o indispensável financiamento do Coronel para que o seu menino pudesse empanturrar-se de conhecimentos. O que o menino queria era estudar, pretensão louvável, como impedi-lo?

— Curso ditado por mestres consagrados, os maiores especialistas. — Perorava Venturinha parado no meio da sala, os braços erguidos para o alto.

O Coronel via-o na tribuna do júri, a voz redonda, a resposta pronta, o dedo em riste, seu filho doutor. Ouviu em silêncio os argumentos do rapaz, a bobageira da mulher: analfabeta de pai e mãe, mal sabendo assinar o nome, que diabo entendia Ernestina de cursos e currículos? Por fim, aperreado, a contragosto, o Coronel terminara por ceder e concordar.

Pesara em sua decisão o parecer do doutor Hernani Tavares, juiz do cível em Ilhéus, que, a par da carta de Venturinha, louvara-lhe a ideia de inscrever-se num curso sobre Direito de Propriedade da Terra, novidade em matéria de estudos jurídicos, utilíssimo sobretudo em região de tantos conflitos pela posse da terra, de medonhos caxixes. Fora sensível igualmente ao gosto pelo estudo demonstrado pelo filho na conversa que começara no cair da tarde, depois que os convidados para o almoço se despediram, e se prolongara noite adentro. Não bastava, disse Venturinha na pausa do jantar, possuir canudo e anel com rubi, queria realmente sentirse preparado para exercer como devido a advocacia e a política. Buscava alcançar o saber dos mestres, pretendia ser um deles. No balanço de debates não se deve esquecer os argentinos, vindos de tão longe para acompanhar curso ditado no Brasil: também eles pesaram na sentença final do Coronel. Coagido mas não zangado. Triste por ver o filho ausentar-se novamente:

— Até o fim do ano, vá lá. No ano-novo quero que esteja aqui, estou ficando velho e cansado.

O Curso Livre sobre Direito de Propriedade da Terra, aberto a quantos bacharéis dele quisessem participar, destinava-se sobretudo a fornecer créditos àqueles que pretendiam fazer concurso para cargos públicos nos Ministérios da Agricultura e da Justiça, para a magistratura. Venturinha dele soubera por acaso, correra a se inscrever mas raramente o frequentava. Quanto a advogados argentinos, em verdade nem um único

viera beneficiar-se com as luzes dos eminentes mestres brasileiros.

Por vias indiretas, beneficiava-se do Curso Livre a argentina Adela La Porteita, na intimidade Adelita Chucha de Oro, "procedente dos teatros de Buenos Aires, onde colhia aplausos e ovações", para assassinar tangos nos cabarés do Rio de Janeiro: cobrava preço de cantora e não de puta. Estrangeira e artista, para o moço grapiúna tê-la em propriedade privada era o máximo, a glória excelsa. Ademais, doida por ele, perdidamente apaixonada: "por vós yo me rompo toda!"

7

Dos transcendentes estudos de Venturinha, o árabe Fadul Abdala veio a saber pelo próprio quando, dias depois, o viajante deteve-se em Tocaia Grande acompanhado pelo capitão Natário da Fonseca e por dois cabras armados. Devendo passar em Itabuna para atender à exigência do Coronel — passe por lá, receba os amigos no escritório, avise que no fim do ano estará de volta trazendo mais um canudo, doutor em terras —, não podia chegar como um rábula em busca de causas, pobre-diabo sem escolta. Tratava-se do doutor Andrade Júnior, filho do coronel Boaventura Andrade, chefe político do município, senhor de baraço e de cutelo. Não podia fazer por menos: o Capitão, os dois jagunços, a égua campolino e o rebenque.

Natário convencera-o a tomar pelo atalho quando lhe falou do relicário. No ócio da Atalaia, Venturinha, roído de saudades, impando de bazófia, confidenciara ao Capitão os amores argentinos, no velho hábito de gabar-se de conquistas: o mameluco sempre fora ouvinte atento e interessado. Dessa vez não contava a respeito de uma qualquer, fosse comborça corneando com ele o generoso protetor em quarto de castelo, fosse moça de família, sonsa e sagaz, tomando nas coxas, tocando-lhe bronha na porta do quintal. Referia-se à sublime Adela, rainha dos palcos do Rio de La Plata, "la patética intérprete deI tango arrabalero". Um sonho de mulher, grande e branca, branca como leite, corpo escultural: parada era uma estátua, na cama um terremoto. A boceta cor-de- rosa — ah a boceta de Adelita, Natário, não lhe digo nada!

Queixara-se por não haver encontrado em Ilhéus prenda dig na de La Porteña: um anel, um colar, uma pulseira, um diamante. Correra o comércio, inutilmente: apenas fantasias de latão. la ficar mal perante a diva, pois prometera trazer-lhe uma jóia bonita da Bahia. O Capitão lembrou-se do relicário comprado ao cigano pelo turco: quem sabe resolveria o problema?

Venturinha apeou-se justo ao mourão, ao lado da venda de Fadul. O árabe acorreu açodado, dobrou-se numa curvatura prazenteira, contente com a inesperada presença do filho mimado do Coronel.

— Soube da chegada do doutor pelo Capitão. Quer dizer que agora vai ficar com a gente por aqui...

— Não vim ainda para ficar, Fadul, os estudos me prendem no Rio de Janeiro por algum tempo.

Não já havia terminado a Faculdade, se formado? O espanto do comerciante, mesmo contido, não escapou a Venturinha que lhe deu a mercê de uma explicação. Com o que se preparava para responder às inevitáveis e capciosas perguntas dos colegas e conhecidos em Itabuna: — Estudos de especialização: direito de propriedade. Mais um titulo para juntar ao de doutor.

— Doutor duas vezes! — Concluiu Natário.

Esclarecimento incompleto, mesmo assim Fadul bateu palmas com as mãozonas, festejando:

— Para comemorar, o que lhe sirvo? De bom, aqui, só mesmo cachaça. Tem um conhaque mas não recomendo.

Venturinha correu os olhos pelo sortimento de bebidas, pingas variadas puras ou compostas com folhas, frutas e madeiras: numa das garrafas, o corpo enroscado de uma cobra-coral. Mata-bichos baratos para alugados e tropeiros. Mas Fadul buscou no escondido da prateleira uma garrafa quase cheia; retirou a rolha, limpou o gargalo, balançou a cabeçorra, satisfeito:

— Uma especialidade. Tiquira feita pelo negro Nicodemos em Ferradas. — Expunha a garrafa à claridade da manhã: a aguardente de mandioca tinha reflexos azulados: — Reservada para quem merece, O Capitão pode lhe dizer alguma coisa.

— De primeira. — Confirmou Natário: — Forte como todos os demônios.

— Também pra isso tenho remédio... — Riu o turco e saiu porta afora.

Nos fundos da casa crescia um cajueiro carregado de frutos maduros, amarelos e vermelhos. Fadul colheu uns quatro ou cinco: — Depois de beber, chupe um caju e o efeito passa.

— Não preciso disso... —, Venturinha quase se ofendeu e engoliu de um trago a tiquira que o vendeiro acabara de servir.

— Cadê aquela peça que o compadre comprou na mão do cigano? O doutor quer ver. — Tendo emborcado o copo, Natário chupava o caju, o sumo escorria-lhe pelos cantos da boca.

— Vou buscar.

Venturinha serviu-se novamente: cachaça de mandioca era outra coisa, não tinha cheiro e sabia bem, queimava o peito. Quando Fadul expôs a jóia no balcão, em cima de um lenço, Natário deu-lhe a garrafa a guardar:

— Antes que a gente acabe com ela. Pra Itabuna falta um pedaço de caminho e essa tiquira é uma porretada na cabeça. Enquanto vancês conversa e negocia, vou fazer uma visita.

Não queria ser mediador na compra e venda da jóia e sabia que Bernarda o esperava, impaciente. Bernarda, a cada dia mais bonita.

8

Por preço de amigo, pouco mais do dobro do que pagara a Josef, Fadul cedeu o relicário a Venturinha. Em ilhéus, num bar do porto, em Itabuna, no cabaré, conseguiria oferta bem melhor. Mas, como explicou, o doutor muito lhe merecia. Deixara ao próprio Venturinha, que se jactara de entender de jóias, fixar o preço, repetindo manobra do cigano: — Seu preço é o meu, doutor. Pague o que quiser.

Venturinha reclamou mais um trago de tiquira enquanto contava as notas novas, estalantes: — E o Capitão, por onde anda? Levou a égua com ele.

— Na casa de Bernarda, só pode ser.

Saíram andando, passaram em frente aos barracos do arruado; Bastião da Rosa, na porta do casebre onde morava, levantou o chapéu: — Deus lhe dê bom dia, seu doutor.

Atravessaram o descampado: sob o galpão fumegavam brasas nas cinzas dos fogos acesos na véspera à noite. Passarinhos vinham bicar os restos de comida dos tropeiros. Alcançaram a Baixa dos Sapos. As mulheres nas portas das choças, seminuas, olhavam curiosas, quem não ouvira falar em Venturinha, o filho do Coronel que estudara para doutor? Guta avançou em direção a eles: — Não me conhece, mais, Venturinha?

Venturinha abanou a cabeça, não reconhecia a ousada, tantas comera nessas brenhas.

— É Guta. — Esclareceu o turco.

A rapariga aproximou-se postando-se em frente ao visitante: — Vancê gostava de meu cheiro, não se arrecorda?

Doce cheiro de tabaco, se lembrou. E tendo se lembrado meteu a mão no bolso e entregou a Guta uma pelega de cinco mil-réis, uma fortuna. Com três doses de tiquira subindo do bucho para a cabeça, o doutorzinho — tamanho homem! — sentia-se leve e magnânimo, Todos ali eram servos

seus. Quanto a Adela, recendia a sândalo. Apalpou o relicário no bolso do paletó de montaria. Antes de entregá-lo, colocaria no interior um retrato seu para que ela o levasse no colo alvo, no decote dos seios: ah, os úberes seios de Adelita!

Na porta da casinhola de madeira, recuperou a égua campolino. Recusou o café oferecido por Coroca mas, bonachão, gracejou com a rapariga:

— Tu ainda está viva, Coroca? E ainda fornicando, velha desgraçada? — Todos ali eram servos seus.

Coroca não era serva de ninguém e fornicando só podia significar coisa ruim. A velha deu o troco: — Tu agora fala língua de doutor que a gente não entende. Dantes tu era um menino, vinha deitar na minha cama. Quem foi que lhe ensinou o que tu sabe de mulher, não foi essa velha desgraçada?

Mais cinco mil-réis desperdiçados. Com ela aprendera a gozar junto com a parceira, a demorar-se na folgança: as que tivera antes de Coroca despachavam-no num abrir e fechar de olhos. Coisas passadas.

— Adeus, Coroca.

De cima da sela de couro fino e peitoral de prata, em égua altaneira, correndo o olhar pelo arruado, habitações e moradores, o bacharel Andrade Júnior estendeu a mão ao árabe Fadul Abdala em despedida: — Não sei o que é que você está fazendo nesta tapera imunda. Se quer ganhar dinheiro por que não abandona esse buraco e não vai para Itabuna? — Todos ali eram servos seus. — Se quiser ir, conte comigo. Isso aqui não tem futuro, nunca passará de um chiqueiro.

O capitão Natário da Fonseca nem sequer o ouviu externar esses conceitos: enfiava as calças, calçava as botas. Na cama, nua, Bernarda lhe sorria.

9

Da pessimista previsão do bacharel, o Capitão soube vários dias depois quando passou de novo por Tocaia Grande. Venturinha partira para o Rio de Janeiro onde o aguardavam o Curso Livre, o saber dos mestres, as fastidiosas preleções e Adela La Porteña, Adelita Chucha de Oro, o saber das putas, as noites de tango e de pagode.

Bebericando um gole de tiquira, Natário se referiu à estada do jovem doutor em Itabuna onde fora muito festejado: — Até parece que tinha chegado o Deus-Menino.

Apesar da discrição que lhe era habitual, sabendo ser Fadul amigo de

Fuad Karan, narrou divertido episódio acontecido no cabaré durante a noite animadíssima. Quando Venturinha repetiu pela centésima vez que regressava ao Rio para concluir douto curso especializado em propriedade da terra, Fuad Karan clamou aos céus:

— Pra quê? Meu Deus, pra quê? De propriedade de terras quem mais sabe e entende do que o Coronel, seu pai e meu amigo? As leis que aqui regem esse direito não foi por acaso ele quem as ditou? Tu não me enganas, Venturinha, esta tua história tem enredo de mulher. Conta de uma vez.

Sem desmerecer a magnitude do Curso Livre, Andrade Júnior, bacharel e dândi, recém-chegado da Metrópole, falou com conhecimento e entusiasmo da boemia carioca e exaltou o mulherio, cosmopolita e requintado. No cabaré de Itabuna, entre rudes coronéis e ávidos doutores, cintilou por uns instantes a estrela dos palcos de Buenos Aires, a Deusa da Ribalta, a Argentina Adela.

Quanto ao futuro de Tocaia Grande, a opinião do bacharel não causou espécie ao Capitão:

— Vá por mim, compadre, que vai mais certo. Venturinha pode entender de mulheres e de leis, coisas com que gastou dinheiro. Mas de lavoura de cacau e desse mundaréu, não sabe nada. — Ele, Natário, sabia de certeza: — Pode acreditar no que lhe digo, compadre: Tocaia Grande ainda há de ser uma cidade.

EM NOITES REPETIDAS, NOS ERMOS
DE TOCAIA GRANDE, FADUL ABDALA DEFLORA A DONZELA ARUZA

1

Sim, são diversas e desiguais como já se disse antes e aqui se comprova, as tentações do diabo a que está sujeito um bom cidadão do rito maronita, ainda mais sendo ele ínfimo comerciante posto e esquecido por Deus nos cafundós-de-judas: um chiqueiro, como definira Venturinha. Comerciante? Melhor dito, reles bodegueiro.

Acordado ou dormindo, na ambição de enriquecer depressa, Fadul Abdala sofreu tentações de toda espécie nos desolados tempos das vacas magras. Elucubrações à luz do candeeiro sobre negócios, ganâncias, lucros, dinheiro a rodo, movelaria, loja de tecidos. No amplo e solitário leito do turco, em Tocaia Grande, o cabaço da noiva proposta e as quenturas da viúva oferecida, belas as duas, fogosas ambas, somaram-se à dissoluta nudez das mulheres da vida, comandadas por Zezinha do Butiá.

A ilheense Aruza, filha de Jamil Skaf, o de A Preferida Móveis e Colchões de Luxo, normalista de herdeira, tímida noiva, casta virgem: além da virgindade, o dote. Nem tão tímida nem tão casta, as aparências enganam com frequência e não há dote que compense os perdidos três vinténs.

Jussara, viúva recente e apetitosa, nem por sobejo de defunto, desprezível. O falecido Khalil Rabat, deixara-lhe em herança a Casa Oriental na Rua do Comércio em Itabuna e uma rara coleção de chifres a ser doada na noite de núpcias a quem o substituísse com papel passado no tálamo conjugal e no balcão da loja.

Na ânsia da donzela, no arrebatamento da viúva, como por antecipação, onde já se viu? Quem tapa buraco é ajudante de pedreiro.

Jamil Skaf, pai devotado, e Jussara Ramos Rabat, viúva alegre, possuíam ideias próprias e precisas a respeito de marido e matrimônio, coincidentes no que se refere à vocação e à capacidade comercial dos árabes. Viram assim em Fadul o candidato ideal, o melhor de todos, e, ajudados pelo Demônio da Ambição, um dos piores, com breve diferença de tempo, estiveram a pique de conduzi-lo ao padre e ao juiz, pouco faltou numa e noutra circunstância.

Em Ilhéus, Fadul escapou ileso dos meandros da virgindade, o bacharel

se antecipara. Em Itabuna, descobriu ainda a tempo que Satanás habita o corpo das viúvas: para apagar a fogueira acesa não basta um libanês agigantado, servido por borduna celebrada nos raparigais da região.

De que maneira Jussara, senhora abastada, figura de escol, obtivera preciosos detalhes sobre a eficiência de Fadul Abdala à frente de qualquer espécie de comércio assim como sobre o tamanho e a rijeza da borduna, saber-se-á ou não no momento propício, mas desde logo se pode adiantar ter cabido a Zezinha do Butiá destacado papel nesses embelecos. Nas artimanhas e nos embustes da vida, entre Aruza, rebento de pais ricos, com seu uniforme azul e branco de estudante no colégio das ursulinas em Ilhéus, e Jussara, força da natureza toda em negro vestida, da cabeça aos pés, em luto rigoroso, dona de sortida loja no centro de Itabuna, eis que Zezinha do Butiá, rabicho de canto de rua, mulher perdida, rebotalho, foi de valia e confiança.

2

De passagem por Ilhéus onde viera completar o estoque, efetuar pagamentos e ver o mar, Fadul Abdala foi convidado a jantar, em companhia de Álvaro Faria, na casa de Jamil Skaf, patrício montado na vida, proprietário de A Preferida, próspero negócio de móveis e colchões.

Fadul surpreendeu-se com o convite, feito no Bar Chic, nas imediações do porto, pois conhecendo Jamil há vários anos não mantinha com ele relações de intimidade. Viam-se uma vez na vida outra na morte em bares, no cabaré, em pensões de raparigas, trocavam apertos de mão, amabilidades: nada além disso. No bar, bebericando o aperitivo, fazendo hora para o almoço no Tacho de Bibi, no Pontal, moqueca de pitu regada a cerveja, Fadul gozava momentos de profunda elevação espiritual escutando Álvaro Faria, homem de muito saber e pouco trabalhar. Igual a Álvaro Faria para uma tertúlia, uma boa prosa, unicamente Fuad Karan, um em Ilhéus, outro em Itabuna, cada qual mais ilustrado e espirituoso, dois luminares.

Come-se e bebe-se muito bem em casa de Jamil — sussurrou-lhe Álvaro — e a filha é deslumbrante. Baixinho e bigodudo, agitado, falando pelos cotovelos, o patrício, tendo feito o convite, acrescentou que após o jantar poderiam ir à pensão de Tilde, recém-inaugurada no Unhão com luxo de francesas.

3

Apesar dos convidados serem apenas eles dois, Álvaro e Fadul, o jantar teve aspecto de banquete, tal a variedade de pratos árabes e brasileiros e

a categoria das sobremesas. Fadul se fartou.

Ao elogiar a fina qualidade do quibe e o sublime sabor do araife, pastel de amêndoa com calda de mel, seu doce predileto, soube que fora a filha única dos donos da casa, a professoranda Aruza, quem preparara o jantar: cozinheira emérita, de forno e fogão. Ajudada, é claro, por inumerável batalhão de criadas.

Durante o jantar, Aruza manteve-se acanhada, sem assunto, respondendo com monossílabos se lhe dirigiam a palavra. Nem sequer sorria quando os demais riam às bandeiras despregadas com as facécias e os ditos de Álvaro Faria. Antes de se sentarem à mesa, Fadul ouvira da boca de Jamil o elogio das prendas da filha da qual muito se orgulhava:

— Em dezembro se forma em professora, toca piano, recita poesia de cabeça. Muito instruída, não poupei dinheiro.

Silenciou como se calculasse quanto gastara com a educação da herdeira mas logo prosseguiu enumerando virtudes: — Devota e trabalhadora, obediente.

Não tendo se referido à beleza, Fadul levou um choque quando a viu entrar na sala. Jamil fez as apresentações: — Essa é minha filha Aruza, amigo Fadul.

Fadul estendeu a mão enorme, sorriu com cortesia. Álvaro Faria tinha razão: Aruza era realmente deslumbrante. Cabelos cacheados, boca carnosa, olhos rasgados, cintura fina, seios fartos na blusa branca, ancas fortes na saia azul. Pouco sensível a corpos franzinos e esguios, a talhes delicados, Fadul viu-se diante da personificação de seu conceito de beleza. Felizardo quem com ela se casasse. Jamil completou a apresentação: — Esse é meu amigo Fadul Abdala de quem lhe falei.

Aruza concedeu-lhe apenas uma rápida mirada, a voz quase inaudível: — Prazer.

Linda demais, não haveria em Ilhéus moça mais bonita. Fadul buscou na cabeça termo justo para defini-la, foi encontrá-lo no Alcorão: begume. Begume, princesa muçulmana.

4

Terminada a janta, após arrotar com satisfação, Jamil convidou os comensais a tomar o cafezinho na sala de visitas, aberta para a ocasião. Para lá se dirigiram.

— Onde vai, Aruza?

Aruza se esgueirava corredor afora. Parou e respondeu sem olhar para o pai: — Vou até à casa de Belinha, volto daqui a pouco.

— Não vai não senhora. Temos convidados, seu lugar é aqui.

Aruza arrepiou caminho, veio sentar-se. Recolhidas as xícaras do café, Jamil ordenou à filha:

— Abra o piano e toque umas músicas para os amigos ouvirem.

Resignada, a moça obedeceu. Começou com "La Prima Carezza". Álvaro Faria bateu palmas, ar de êxtase, em verdade estava empanzinado. Seguiram-se "Sobre as Ondas" e "Pour Elise".

Aruza quis dar o concerto por concluído mas Jamil exigiu: — E a minha? Não vai tocar?

Assumiu o piano novamente, atacou a "Marcha Turca", foi geral o entusiasmo. Ao terminar, enquanto Fadul e Álvaro aplaudiam, a moça levantou-se, dirigiu-se ao pai: — Posso ir agora?

Obstinada, refletiu Fadul sentindo a tensão crescer na sala. A voz de Jamil deixou transparecer uma ponta de cólera apesar do sorriso sob os bigodões: — Nem agora nem depois. Sente aí e converse com Fadul.

A seguir envolveu-se em acalorada controvérsia com Álvaro Faria sobre a política local. Aruza e Fadul trocaram algumas palavras, ele tentou interessá-la na Bíblia e no Alcorão, sem obter sucesso. Ela não fazia sequer semblante de ouvi-lo, mordia os lábios: estudante posta de castigo ou assustada donzela, ameaçada em seus sonhos e projetos?

O olhar preocupado, dona Jordana, a mãe, abria-se em sorrisos para o convidado; não deixou que o silêncio perdurasse e Jamil o percebesse. Encontrou tema ao gosto de Fadul, os doces árabes: descreveu receitas, discutiu detalhes de mel e gergelim.

Não era apenas gorda, era roliça, mas no rosto ainda conservava vestígios de beleza. Há vinte anos passados, quando seu pai Chafik lhe impusera Jamil em casamento e obediente ela aceitara, não havia em Ilhéus begume mais sedutora. Aruza saíra a ela na formosura mas herdara do pai a firmeza e a teimosia.

Lá fora, na rua, alguém assoviava com insistência trecho vivaz da "Marcha Turca"

5

No caminho para a pensão de Tilde, à cata das francesas, falsas porém supimpas, o non-plus-ultra em matéria de refinamento, segundo Álvaro Faria, Jamil Skaf suspendeu o passo e, tomando do braço de Fadul, nervoso, quis saber o que ele achara de Aruza.

— Uma beleza, uma begume. Sem falar na educação.

Então, de chofre, o patrício perguntou: — Quer casar com ela?

Prosseguiu, a voz atropelada, quase ofegante: — A Preferida vai de vento em popa, vou abrir uma filial em Itabuna e botei roça de cacau no Rio do Braço. Aruza é filha única. — Repetiu: — Quer casar com ela?

Indagação tão intempestiva, deixou Fadul atarantado a ponto de não prestar a devida atenção ao protocolo da francesa que lhe coube. Mas depois, no quarto do hotelzinho de Mamede, deu-se conta que Jamil Skaf decidira escolher noivo para Aruza.

Que Jamil escolhesse noivo para a filha e o impusesse, tratava-se de procedimento habitual, correto e justo, digno de aplausos. Pai extremoso, preocupado com a felicidade e o futuro de Aruza, assim agia para lhe assegurar lar abençoado, vida tranquila, contínuo bem-estar. A boa tradição, provada e comprovada, incontestada, mandava que os pais, responsáveis pela sorte das filhas, elegessem entre os varões do reino ainda solteiros o melhor de todos para lhe propor aliança e dote. Uns poucos se descuidavam do dever paterno deixando às donzelas suspirosas, levianas, imaturas, escolha e decisão em assunto de tal monta. De tais desleixos resultavam casamentos infelizes: esposas em pranto, lares desfeitos, heranças malbaratadas, fortunas dilapidadas! Jamil Skaf, com empenho e diligência, buscando o melhor no reino do cacau, foi localizar Fadul Abdala nos confins do mundo.

Fadul ficou de pensar, na próxima vinda a Ilhéus responderi a. Desde logo, porém, agradeceu a honra e a confiança.

6

Na manhã seguinte, ao dirigir-se para a estação onde tomaria o trem, Fadul Abdala, por acaso ou de propósito, percorreu inesperado itinerário que o levou a passar ao sopé da Ladeira da Conquista. No alto da Conquista, o Colégio Nossa Senhora da Piedade, das freiras ursulinas, formava professoras primárias, fornecendo título e diploma a todas as moças ricas de Ilhéus e da região cacaueira que ali estudavam em regime de internato ou de externato. De manhã e de tarde as externas subiam e desciam a ladeira em estouvado alvoroço juvenil. Embaixo, circulavam pretendentes, indóceis gabirus.

Ao vê-lo segurando a mala, o ar inconfundível de mascate, a mão no chapéu para cumprimentá-la, Aruza deixou escapar um pequeno grito — podia ser de desespero ou de alvoroço — e o apontou à colega que não era outra senão Beinha, vizinha e confidente. Vinham falando sobre ele. Fadul prosseguiu no caminho da estação, levando nos olhos a visão da moça vestida com o uniforme azul e branco.

Na hora do recreio, no recanto favorito sob as mangueiras, Aruza lavou-se em pranto. Beinha não via jeito a dar mas Auta Rosa, aluna interna, segundanista trêfega e disposta, apresentou imediatamente solução para o problema da pobre apaixonada, capaz de resgatá-la do perigo de casar-se com o noivo escolhido pelo pai. Belinha o vira de pé na ladeira, confirmava: enorme tabaréu mal-ajainbrado, um tabacudo, o oposto do mimoso bacharel por quem Aruza suspirava e que suspirava por Aruza.

Dar o mau passo, solução radical, se bem aprazível, e sobretudo urgente, só mesmo Auta Rosa a proporia com tamanha franqueza. Exigia disposição e coragem: teriam de enfrentar a família e a sociedade. Auta Rosa, no dizer de madre Ana de Jesus, que lhe confiscara correspondência clandestina, era o Cão em figura de gente. Trancada a sete chaves atrás dos altos muros do colégio, conseguia não apenas cartear-se com o namorado, o fatídico plumitivo José Júlio Calasans, mas com ele certamente se encontrava às escondidas. Não fosse assim como poderia o redator e tipógrafo da "Gazeta Grapiúna", nas cartas que lhe escrevia e enviava por Belinha, fazer referências tão expressas, apaixonadas e impudicas a detalhes da anatomia da normalista, habitual e recatadamente ocultos sob a farda azul e branca? Ao ler as ardentes missivas, madre Ana de Jesus pecara duplamente: por tê-las lido e por tê-las restituído ao esconderijo embaixo do colchão, sem levá-las ao conhecimento da Madre Superiora: tinha uma fraqueza pela aluna, estabanada e leviana mas dona de um coração de ouro. Madre Ana de Jesus, antes de tomar o hábito, também fora moça e namorara.

Arteira e convincente, Auta Rosa comandava. Aruza ouvialhe os diabólicos conselhos, fascinada.

7

Na solidão de Tocaia Grande, Fadul Abdala descabaçou Aruza Skaf em incontáveis ensejos, com brandura ou violência, paciente ou sôfrego, no sonho e na vigília.

Sozinho na cama ou cobrindo rapariga do lugar, Fadul a teve, insaciável. Durou cerca de dois meses, período transcorrido entre a chegada em Ilhéus com a mosca azul zunindo na cabeça e os encantos da normalista nos olhos, no peito, na estrovenga, e a noticia dada pelo coronel Robustiano de Araújo. Certas noites ele a teve e a deflorou três e quatro vezes em seguida.

Temendo assustá-la ou ofendê-la, Fadul esforçava-se para ser delicado

e prudente nos contactos iniciais, ao desvesti-la do uniforme azul e branco. Carícias timoratas, beijos furtivos nos ombros, no cangote, tato cauteloso insinuando-se na descoberta de tesouros resguardados: um prazer dos deuses. Pouco a pouco a donzela se rendia, o pudor se transmudava em desejo, Aruza consentia nos avanços de Fadul, deixava-se despir.

O corpo nu estendido sobre o magro colchão de capim seco, coberta de chitão, fedor de percevejos, no abandono de Tocaia Grande, Aruza se entregava. Seios fartos, bons de pegar e apertar com as mãos, bunda poderosa, ancas de égua e o bocetame. Tudo de conformidade com o gosto e a gula do Grão-Turco. Finalmente Deus se havia compadecido dele.

Modificavam-se as posições — experimentou todas — variavam o tempo, o local e o ritmo da metida, a xoxota de Aruza jamais se repetia. Na hora crucial, Fadul ouvia o grito, indispensável como o sangue: grito e sangue de Siroca. Por um instante, curto porém atroz, Aruza era a pequena Siroca se rendendo indefesa nos cafundós do cacau à força e à lábia do mascate.

Colhia e voltava a colher o intacto cabaço, a desfolhar a cobiçada flor da virgem. Cabaço vário e múltiplo, a flor de Aruza, mantendo-se sempre bela, apertada e quente, variava ao sabor da fantasia. Foi farta de pêlos ou quase não os teve, tênue penugem. Abriu-se refolhuda rosa, ofertando-se. Escondeu-se nas coxas trancadas, recatado botão. O grelo se alteava arrogante ou receoso se encobria.

Foi a xoxota de Bernarda, a de Dalila, a da pequena Cotinha, a da imensa Maneta Quinze Arrobas, a xoxota de chupeta de Coroca, tantas e tantas outras, puras e ilibadas. Foi o inviolado xibiu de Zezinha do Butiá, um abismo. Somente o grito não se modificou, permaneceu o lamento fatal, de dor e perdição, da moleca Siroca.

Fadul Abdala amanhecia de olheiras fundas de tanto desfrutar. Aconteceu-lhe começar a despir a virgem, a chamá-la aos peitos durante o sono, e terminar de possuí-la acordado, os olhos abertos. Em Tocaia Grande, no prazo de mais de dois meses, o cabaço de Aruza Skaf foi também a disforme e bruta mão do turco.

8

Nem sempre os sonhos se resumiam a prazer e gozo, ao desfrute de um cabaço. Três personagens perturbaram as núpcias infrenes a que o árabe se entregou noites a fio, devasso e voraz, insaciável garanhão.

Conforme se sabe, Aruza ao ser penetrada reproduzia o grito de Siroca e era da cafuza o sangue que Fadul sentia lambuzar os dedos, O caso

sucedera em seus inícios de mascate: para que Siroca consentisse, esbanjara prendas, prometera mundos e fundos e mesmo assim teve de usar das mãos para abrir-lhe as pernas. Tempos, passados, veio a saber que, em consequência de uma tentativa de aborto, Siroca morrera em Macuco, onde fora fazer a vida. Coisas que acontecem.

Certas noites, na hora exata em que Fadul ia recolher os tampos da. noiva, Zezinha do Butiá, impudica e debochativa, surgia na cama sem ser chamada, Pensas que vais traçar honra de donzela, escorreitos três vinténs, turco burro e ignorante, bestalhão? Apontava com o dedo e ele via o buraco aberto, o rombo feito: por ali passara antes, com certeza, um bacharel de meia pataca, bom de bico, assoviando a "Marcha Turca". Em lugar da impoluta virgindade, um par de chifres.

Por que motivo Jamil Skaf propunha-lhe de graça a mão da filha única, a filial de A Preferida em Itabuna, sociedade na movelaria, a fortuna imediata e fácil? Havia de ter motivo grave e qual poderia ser? Zezinha do Butiá ria-lhe na cara: vais cobrir com teu corpanzil e tua ambição a vergonha da filha do patrício, turco cabeça de bagre, idiota e mercenário. Por dinheiro és capaz de tudo ou pensas que eu não sei?

Certa feita, quando desesperado tentava expulsar Zezinha do Butiá ao romper da aurora, acordou a tempo de reconhecer na difusa luz da alba a verde cobra-espada bela e mortal deslizando aos pés da cama. Após matá-la, ficou a cismar e a refletir: Zezinha do Butiá viera para lhe salvar a vida. Somente a vida? Ou para impedi-lo de se meter num beco sem saída, de se encontrar, quando menos esperasse, carregando o andor de São Cornélio nas procissões de Ilhéus? Tarde demais para se arrepender e dar o fora.

Também o Senhor Deus dos maronitas surgia cavalgando trovoadas, mostrava-se ao clarão do raio em noites de borrasca para cobrar-lhe o trato feito. Cruzando a inata por atalhos ínvios, trouxera Fadul Abdala pela mão até o lugar onde cumprir o seu destino: ganhar dinheiro honesto com trabalho e suor, enriquecer sem necessidade de se tomar sócio menor, pau-mandado de ricaço, marido de mulher falada.

A verde cobra-espada. A canseira da noite, a alvorada dos tropeiros, a solidão. Ficar aqui, Senhor, labutando, purgando minhas penas? Em Ilhéus me esperam mesa farta, cama macia, vida fácil e a formosa das formosas, cabaço de begume, de princesa muçulmana.

Nuvem imensa cobrindo o céu, o Senhor Deus dos maronitas se desmanchava em nuvens e em chuva na fímbria da manhã, deixando o libanês a digerir sozinho virgens e incertezas.

9

Quando, depois de muito matutar, de pesar o pró e o contra, Fadul decidira retornar a ilhéus para levar avante o projeto de matrimônio proposto por Jamil Skaf, aconteceu o coronel Robustiano de Araújo passar por Tocaia Grande, a caminho da Fazenda Santa Mariana. Após demorar-se com o velho Gerino, chefe dos cabras que guardavam o depósito de cacau seco, parou a montaria em frente à bodega de Fadul. Vinha de Ilhéus e trazia-lhe um recado do amigo Álvaro Faria, aquele descansado boa-vida que, nos bares, nas salas de jogo, no cabaré, comentava, com a vivacidade que lhe era habitual, a crônica da cidade. Pedira-lhe para não se esquecer de repetir ao árabe Fadul detalhes da festa de casamento da Filha de Jamil Skaf.

Quem, Aruza? Mas se dois meses antes não era sequer noiva, como se casara assim tão de repente? O coronel Robustiano de Araújo colocou as duas mãos diante da barriga, em expressivo gesto.

Prenha? Se não estava, deveria estar, segundo as más-línguas cochichavam. Aruza e o doutor Epitácio Nascimento, bacharel sem causas, haviam enfrentado as lágrimas de dona Jordana e a fúria de Jamil e tinham confessado o mau passo, fruto de amor desesperado. O moço advogado desembarcara havia pouco tempo de um navio da Bahiana, disposto a fazer carreira rápida e a fizera.

De nada adiantando lamúrias e recriminações, Jamil Skaf, homem prático, apressara o casamento para que a filha pudesse ostentar no altar grinalda e véu, flores virginais de laranjeira. Se demorasse, a barriga poderia despontar, pois, repetiu rindo o Coronel, para isso haviam feito o necessário. Dama de honra, juntamente com Belinha, Auta Rosa, radiante, recolheu o buquê atirado pela noiva.

Fadul ouviu, não comentou, Deixou para praguejar quando a montaria do Coronel sumiu na estrada: cass-âm-abúk-charmúta! Nunca mais sonhou com Aruza, não tornou a lhe tirar os tampos. Zezinha do Butiá voltou a reinar absoluta no leito enorme, durante as noites solitárias de Tocaia Grande.

JUSSARA RAMOS RABAT, VIÚVA E HERDEIRA
DE KALIL RABAT, VAI A TOCAIA GRANDE

1

Fadul Abdala conheceu Jussara Ramos Rabat, viúva e herdeira de Kalil Rabat, na feira de Taquaras ao negociar a compra de dois burros necessários ao transporte de mercadorias até Tocaia Grande e para lhe servir de montaria. Tendo escolhido os animais a dedo, examinando-lhes os dentes e as patas, conforme lhe recomendara o capitão Natário da Fonseca, dedicou-se ao prazer da barganha na discussão do preço com Manuel da Lapa apontando defeitos imaginários, pondo em dúvida qualidades evidentes.

— Tenha dó de mim, seu Fadu, pelo menos arredonde a conta.

— Nem um vintém a mais.

Jussara era o que o povo chamava um pancadáo, fêmea de encher a vista de qualquer filho de Deus: cabocla cor de cobre, refulgindo ao sol. Ao vê-la andar em sua direção por entre éguas e jumentos, vindo parar diante dele, a mirá-lo com insistência, Fadul perturbou-se e a transação esteve a pique de ir por água abaixo; ficou abobalhado, se vontade e sem ação. Dando-se conta do perigo, Manuel da Lapa resolveu aceitar o preço proposto para não terminar no ora-veja.

— Estou falando com Fadul Abdala? — começou ela por perguntar e logo riu um riso arisco e afoito, um som de guizos.

Os olhos alumiavam em contraste com a voz morna e dolente morrendo entre as palavras como se Jussara fosse desmaiar: enlanguescente e enlevada, o dengue em pessoa na feira de Taquaras. Quem não a conhecia, ao encontrá-la e ouvi-la pela primeira vez, sentia-se de imediato disposto a protegê-la, a defendê-la contra trampas, trapaças, traições. Fadul não a conhecia, nunca a vira antes.

Com esforço o turco conseguiu retirar o chapéu para saudála, deferente e cortês. Percorreu-a em seguida dissimuladamente de cima a baixo, da cabeça aos pés, tentando adivinhá-la sob os panos que a cobriam. Jussara proclamava viuvez aos quatro ventos, em cambiantes de tons negros na saia de montar, na blusa de seda, no xale a lhe envolver os cabelos, resguardando-os da poeira. Vestia-se de luto carregado mas na brasa dos olhos e no carmim dos lábios não se enxergava sombra de

lágrimas, resquício de saudade. Se carpira o morto em algum momento, já não o pranteava: ressumando vida, respirava langor e prazer, transluzia ao sol da feira em promessa e convite. Na mão, um rebenque com cabo de prata; na boca carnuda, semi-aberta, os dentes alvos e perfeitos, dentes de morder.

— Ouvi falar muito a seu respeito. — Não disse de quem ouvira nem o que lhe falaram como se a afirmação ocultasse algum segredo: — Meu nome é Jussara. Conheceu Kalil Rabat, dono da Casa Oriental?

Fixando a vista, Fadul descobriu sob o xale de ramagens uma rosa cor de sangue posta atrás da orelha e a descoberta o alvoroçou. De onde ela viera, essa cabocla? Das profundas da mata onde pelejavam curibocas ou de um acampamento andejo de ciganos? Quantos sangues se haviam misturado para resultar nesse mistério, para atingir esse fascínio?

— Conheci. Mais de vista que de trato. Soube que morreu.

— Sou a viúva dele. Não entendo de balcão de loja. Pobre de mim.

Estendeu o rebenque, tocou o peito do gigante, ao mesmo tempo insolente e rendida:

— Quando passar por Itabuna venha me ver. Vou lhe mostrar a loja. Estou buscando quem me ajude: ninguém leva a sério unta viúva cuidando de negócios. Pobre de mim.

Virou-lhe as costas, andou para onde um pajem a esperava segurando o cavalo pampa pela rédea. Antes de alcançar a montaria, Jussara arrancou o xale da cabeça num gesto repentino. Deixou que os cabelos negros — mais negros do que a saia de montar, a blusa de seda, as rendas e os babados — escorressem desnastros pelas costas: batiam na cintura. Fadul engoliu em seco, parvo a espiar. Ajudada pelo pajem, Jussara pôs o pé no estribo, montou, acomodou-se no selim. Voltou a cabeça para o turco, acenou adeus. Um minuto após já não estava.

Manuel da Lapa estendeu a mão cobrando o preço dos dois burros, comentou: — Uma realeza de mulher, um despropósito, seu Fadu.

Montado num dos burros, tangendo o outro, Fadul rumou para Tocaia Grande: pobre, ai de mim! Proscrito, relegado ao cu-do-mundo.

2

Nos quinze dias que se seguiram ao encontro na feira de Taquaras, Jussara Ramos Rabat, viúva e herdeira, perturbou as horas vagas de Fadul Abdala. Que intenções ocultavam gestos e palavras, a insistência dos olhares, o langor da voz?



Sob a blusa de laçarotes e adornos, fechada no pescoço como determinam a modéstia e o pejo, debaixo da saia de montaria ampla e longa, o turco ainda assim adivinhava alentadas mamas, seios túmidos — bons de apalpar com as mãos como apreciava—, o requebro e a grandeza dos quadris, a planície do ventre cobreado e a colina de musgo, boca do

mundo temerosa e carente. Despia Jussara da saia e da blusa, dos inúmeros ornatos, demasia dos requififes, e a via nua entre os animais no acorçoo da feira, nenhuma égua se lhe comparava em porte e em galhardia. Ela lhe apeteceu e ele a desejou com tamanha intensidade a ponto de não conseguir possuí-la em sonhos, apesar de adormecer com o pensamento posto nela, no dengue extremo, na bizarria insólita.

Pobre de mim, dissera e repetira Jussara arrenegando sobre a viuvez e o comércio, dois problemas graves: que buscava com aquela litania? Com que propósito o convidara a visitá-la em Itabuna? Pata oferecer-lhe emprego no balcão da Casa Oriental, propondo-lhe talvez interesse nas vendas, pequena participação nos lucros? Trabalhar para os outros não o tentava, preferia mourejar sem descanso no que era seu, durante as noites e madrugadas de Tocaia Grande, sem ter a quem dar satisfação nem prestar contas.

Ou por acaso, sendo viúva e moderna, procurava marido que se ocupasse dela e do comércio de tecidos? Jovem, rica e tão formosa, deveria ter na cidade de Itabuna, no porto de Ilhéus, levas de candidatos rastejando a seus pés; por que haveria de sair atrás de um bodegueiro na feira de Taquaras em meio a mulas e a jegues? Podendo eleger entre fazendeiros, comerciantes, bacharéis, doutores de borla e de capelo? Certamente agenciava apenas balconista digno de confiança. Outro seria que não ele.

Não chegou, conforme fica dito e entendido, a se empolgar com as perspectivas decorrentes do inesperado encontro, da conversa ambígua e breve. Repudiava possibilidades mesquinhas — emprego de caixeiro, interesse na loja — enquanto as tentadoras pareciam-lhe miragens inviáveis. Ele, Fadul, não passava de um árabe solitário de cabeça quente que se inflamava por qualquer tolice, enxergando incêndio onde havia apenas fogo de palha. Marido de Jussara, dono da Casa Oriental: maluquices para encher o tempo vazio nas tardes de Tocaia Grande. Mesmo assim iria visitá-la em Itabuna quando por lá passasse. Ao menos para revê-la, para lamber com a vista aquela insolência de mulher: uma realeza, um despropósito como bem dissera Manuel da Lapa.

Adormecia com o pensamento nela e em certas noites, raras, andou dandolhe uns trancos, umas peitadas, mas não passara disso; a cabocla se arrancava de seus braços: pudica, virtuosa, retirava-se do sonho. Quando Fadul se dava conta prosseguia no eterno corre-corre atrás de Zezinha do Butiá que o provocava oferecendo-se e fugindo cama afora. Não chegou a enfiar o ferro e a conferir o calor da fornalha cujas chispas saltavam dos

olhos de fogo de Jussara. Viúva tão honesta e recatada nunca vira.

3

Sentado no batente da porta pensava em Jussara, vaga quimera na fumaça do narguilé, quando a viu em carne e osso desmontar do cavalo pampa, entregando a rédea ao pajem. Fadul Abdala chegara do banho no rio, o mormaço pesava no lombo e no cachaço. Na luz intensa do começo da tarde, Tocaia Grande dormitava no torpor e no silêncio.

Sucedera tão abruptamente que Fadul não se surpreendeu nem se maravilhou como se estivesse presenciando a coisa mais natural do mundo. Deixou até de atentar em Jussara para acompanhar com a vista o pajem, molecote tratado e escovado, montado em burro de sela, conduzindo o cavalo pela brida para a sombra das árvores. Mas de repente se deu conta do absurdo da cena e, esfregando os olhos, encarou a cabocla que se encaminhava para ele. Mal teve tempo de se levantar para recebê-la.

— Por que não foi me visitar em Itabuna? Esperei em vão.

— Não fui lá ainda. — Demorava a recobrar-se.

— Já que não foi, eu vim, pobre de mim. — Com os olhos percorreu as cercanias: — Lugar mais acanhado. O que é que faz enterrado aqui?

Abanou a cabeça, em desacordo. Os cabelos enrodilhados em birote, um pente de tartaruga, adorno fino, a prendê-los no alto cocuruto. Antes que o turco respondesse, prosseguiu:

— Vai ficar aí parado? Não me convida para entrar? Não me oferece nada para beber? — E foi entrando.

Deteve-se junto ao balcão, examinando os artigos à venda, poucos e mixes, abanou novamente a cabeça em sinal de reprovação, mas não fez comentários.

Ainda atarantado, Fadul a acompanhou. Deus do céu! Era verdade ou o sol dera-lhe na moleira fazendo-o enxergar visagens à luz do dia? Não sabendo o que lhe oferecer — não tinha nada digno dela —, perguntou: — O que é que toma?

— Aceito um gole d!água, da quartinha. — Jussara apontou para a moringa no parapeito da janela.

Rodeou o balcão, penetrou casa adentro, devassando os cômodos, atravessou o umbral do quarto de dormir: — Gosto de cama grande mas desse tamanho nunca vi.

— Pra me caber. — Orgulhou-se Fadul entregando-lhe a caneca com água fresca.

Jussara bebeu em pequenos goles, estalando a língua, como se degustasse vinho raro, enquanto voltava a fitar o turco, a medilo e a aprová-lo satisfeita, a boca molhada semi-aberta, os olhos turvos: — Cabe dois de seu tamanho e ainda sobra.

Riu um riso de subentendidos, curto e espesso, devolveu-lhe a caneca.

— Obrigada. Quando for a Itabuna não deixe de ir me ver pra eu lhe mostrar a loja. Não sei cuidar sozinha, não dou conta. — Repetia o que dissera na feira de Taquaras: oferecia-lhe emprego no balcão da loja ou, quem sabe, a mão em casamento?

— Quando aparece por lá?

Adoçou a voz, desfez-se em dengue, pediu e avisou: — Não demore, vá logo que puder. Não posso ficar esperando a vida inteira. Pobre de mim.

Deu meia-volta, pronta para sair do quarto e retirar-se de Tocaia Grande. O turco estremeceu: — Já vai embora?

— O que é que eu vou ficar fazendo aqui? Passei só pra lhe ver.

Sombrearam-se os olhos de Fadul, escuros de impaciência e de tesão. Sem sequer dar-se ao trabalho de fechar a porta, andou para Jussara e a tomou nos braços. Ela não se esquivou nem o repeliu, apenas disse com aquela voz enlanguescente de quem necessita de apoio e proteção:

— Tenha pena, não abuse de mim. Não vê que sou viúva e preciso me casar de novo? Se eu perder a cabeça, depois como vai ser? Pobre de mim que não posso nem mesmo querer bem...

Fadul não respondeu, guardou silêncio: a conversa podia esperar, não ele. Estava tomado de fúria, os olhos ofuscados, sentindo o corpo da cabocla estremecer. Arrancou-lhe a blusa, o corpinho — ah, os peitos opulentos, bons de agarrar com as mãos — Jussara gemeu de leve. Fadul tirou-lhe a saia, as anáguas. rasgou as rendas das calças amarradas com laçarotes nos joelhos: também as calças eram negras.

Dobrou aquela realeza, aquele despropósito de mulher, sobre o colchão de capim e percevejos, vestida apenas com as altas botas de montar. Fadul não perdeu tempo em despir-se: desabotoou a braguilha libertando a estrovenga que, de tão impaciente e rígida, doía. Cobriu Jussara.

Desfez-se o coque no alto da cabeça da cabocla, libertos soltaram-se os cabelos, lençol negro de cetim, cobrindo a cama. A boca do mundo, úmida e gulosa, acolheu a borduna do cacique libanês, a folia durou a tarde inteira.

4

— Ai, o que foi que eu fiz, meu Deus, idiota que sou? Viúva sem juízo, vim por marido e saio desonrada. Ai, pobre de mim!

Olhou em lágrimas para o turco estendido sobre ela, esmagando-lhe os seios e as coxas, quando arfantes retornaram da primeira travessia do deserto e do oceano. Antes que ele lhe retirasse as botas, se despisse e finalmente fechasse a porta. Jussara tinha fácil falar, acentuado por um choro contrito, dorido queixume com que se acusava e se afligia:

— Agora que conseguiu o que quis, pode escarnecer de mim, me desprezar, me chamar de vagabunda, me tocar pra fora. A culpa é minha, tava bem do meu em Itabuna, o que é que vim fazer aqui? Me desgraçar, quando preciso de marido pra olhar por mim e pra tomar conta da loja. Esconjuro o dia em que lhe vi em Taquaras e perdi o siso. Fiquei maluca, bronca da cabeça, não mando mais em mim. Não tive forças pra resistir, me desgracei. Ai, me desgracei!

Não parou de incriminar-se enquanto o homenzarrão levantava-se da cama, fechava a porta e se despia: nu, crescia de tamanho, tornavase ainda maior. Da cama, estirada, olhava-o de soslaio, um marido e tanto! Trabalhador e cobiçoso, presumido e tolo, igual a Kalil Rabat, bobo alegre nascido para cabresto e chifre. Com a vantagem de ser grandão, bem-parecido e possuir aquele pé-de-mesa. Jussara chegava com as mãos cheias: o resplendor do rosto, a tentação do corpo, dinheiro a rodo, a mais sortida loja de tecidos de Itabuna, a insolência e o dengue, o fogaréu. Que mais podia desejar um tabacudo bodegueiro confinado em remota caixa-pregos?

Não lhe parecendo ser aquela hora a mais apropriada para dialogar sobre a honra perdida da viúva e de como restaurá-la, o turco escutava em silêncio, impaciente, a magoada ladainha, interminável. Jussara não se calou sequer quando ele a libertou das botas, grata providência. Patética, assumiu a responsabilidade do fatídico descaminho:

— Fui a culpada, não fugi a tempo. Não me importo, se acabou.

Antes que de repente ela decidisse dar por findo o pagode penas começado, Fadul estendeu-se ao lado da cabocla, com a mão disforme e delicada acariciou-lhe os seios, apertando-os de mansinho; cutucou-lhe a bunda e a beliscou de leve, correndo os dedos pelo rego. Jussara estremeceu e suspirou, aninhou-se no peito veludoso, sentiu a borduna contra as coxas, prosseguiu entre desmaios: — Abusou de mim, eu deixei, agora pensa que sou uma perdida, como há de querer casar comigo? — Elevou a voz fazendo-a clara e precisa ao afirmar: — Juro pela alma de minha mãe que foi a primeira vez que pequei em toda a minha vida. Nunca tive outro homem fora de meu marido. Perdi a cabeça, pobre de mim!

As pernas nuas se cruzaram, entreabriram-se as coxas de Jussara e a

voz desfaleceu de novo:

— Perdi minha honra... Estou em suas mãos... — acariciou o rosto de Fadul, pôs mel na voz para confessar: — ... mas nem assim me arrependo, homem malvado! Cegou meus olhos, me seduziu. Nem desonrada me arrependo — palavras boas de ouvir: inflam o peito, inflamam o coração, incendeiam os quibas de um macho bom de cama. Apesar da prudência com que costumava agir em assuntos assim relevantes e melindrosos, Fadul decidiu-se a prometer; para cumprir, quem sabe, depois de esclarecer e comprovar certos pormenores:

— Não se importe: Vou por esses dias a Itabuna e lá a gente conversa e resolve. Não se preocupe com a loja.

— É verdade? Vai cuidar da loja? Tomar conta de mim?

— Fique descansada. — E mais não disse.

5

Ela viera no interesse de marido, convenceu-se Fadul ao ouvi-la em desespero. Marido que pusesse teimo ao incômodo estado de viuvez e assumisse a loja, garantindo os lucros. Para conquistá-lo jogava cacife alto, apostava o corpo e a honra. Pura sabedoria ou santa ingenuidade? Lisura ou má fé? Paixão devoradora ou calculado embuste?

Desfalecente, Jussara, nobre e romântica, proclamava amor à primeira vista:

— Vim porque desde o dia que lhe vi na feira fiquei desatinada, não tive mais cabeça pra pensar a não ser em si, feito uma maldita. Agora estou em suas mãos pra ser feliz ou me desgraçar de vez. — Voltou a perguntar: — Vai me querer ou vai arrenegar de mim?

O momento não era favorável à reflexão, a tirar a limpo dúvidas, suspeitas, incertezas, menos ainda a assumir compromissos. Em lugar de responder à aflita indagação, prendeu a bugra nos braços, não podia esperar nem um minuto mais. Ela deu-lhe a boca a beijar, lábios carnudos, sumarentos, língua atrevida, dentes de morder; ele a percorreu e a atravessou.

Seria resposta positiva aquele afã desesperado, a doida posse? Com certeza sim, pois como poderia Fadul viver daí em diante órfão da respiração, do suor, do perfume, da vertigem de Jussara? Os corpos engalfinhados, confundidos, percorreram as areias do deserto, cruzaram as águas do oceano, atingiram o fim do mundo em ânsia e gozo, duas potências, duas potestades, um potro selvagem, uma égua em cio.

Quando ao cair da tarde Jussara recompôs o coque e montou o cavalo

pampa trazido pelo pajem — moleque sestroso e perfumado —, Fadul, por fim, comprometeu-se ao beijá-la em despedida: — Daqui a uns dias a gente acerta tudo em Itabuna.

Antes de sair, Jussara colocara o derradeiro trunfo sobre a mesa, melhor dito sobre a cama. Enquanto vestia os farrapos da calça rendada, punha as anáguas e o corpinho, a blusa e a saia negras, viúva honesta e inconsolável, avisou que o acontecido jamais voltaria a suceder: quem quisesse deitar com ela para praticar a doce e perigosa brincadeira de fazer neném — assim se expressava, pudica, baixando os olhos — teria antes de levá-la ao padre e ao juiz. Não podia se expor, cair na boca do mundo por botar chifres em defunto: não tendo feito Kalil Rabat cabrão em vida, sentia-se na obrigação de respeitar sua memória e tinha necessidade de agir assim para não dar o que falar ao povo. Jamais conhecera outro homem além do marido, Fadul fora o primeiro e o último e por uma única vez quando, cega de paixão, perdera a cabeça e se entregara. Não, não voltaria a suceder! De novo na cama, fosse nos braços dele a quem amava, fosse nos braços de outro, de um cidadão trabalhador e decente que lhe propusesse casamento — não havia de faltar — somente depois dos papéis passados, nunca antes como viera de acontecer. Esposa, sim, amante não. Ai, pobre de mim!

Tocou o cavalo pampa, seguida pelo serelepe, na pressa de chegar a Itabuna e espalhar as boas novas. Se Fadul não fora explícito, se não assumira compromisso categórico, Jussara sabia ler nas entrelinhas, descobrir as intenções na inflexão da voz e não tinha dúvidas de que o turco viria correndo no seu rastro. Deixara-lhe na pele, na boca, no peito, na borduna, o seu gosto inesquecível, dali para diante indispensável, o desinfeliz já não saberia viver sem possuí-la. Não tinha dúvidas, podia encomendar o padre e o juiz.

Sobre Fadul Abdala, noivo à vista, obtivera anteriormente, em casual conversa com amiga de infância, duas informações precisas: comerciante trabalhador e capaz igual a ele não havia outro; tampouco pé-de-mesa que se comparasse ao dele. Acabara de comprovar a verdade daquelas referências. Para ganhar dinheiro nos tacanhos cafundós de Tocaia Grande, era preciso ser negociante de muita esperteza e diligência: No que se refere à estrovenga, a viúva a empunhara com as duas mãos, aferira na própria carne, louvado seja Deus!

O sol ainda não se escondera nas águas do rio, quando Jussara sumiu no rumo de Taquaras, antes da primeira tropa de burros despontar no caminho. Ninguém a vira chegar, ninguém a viu partir. Exceto Coroca que,

ao aparecer para comprar querosene, assinalou:

— Mandou vir rapariga de Itabuna, seu Fadu?

6

Em sossegado fim de tarde na jovem e afarista cidade de Itabuna, tendo depositado o saco de viagem no quarto de Zezinha do Butiá na pensão alegre de Xandu e tomado um banho de tina — Zezinha esquentara água na chaleira e lhe esfregara as costas com bucha seca e cheiroso sabonete, maravilhas da civilização! —, Fadul Abdala se dispunha, no galante dizer da bela, a dar comida à rola.

— Olhe a rolinha dele, já tinha me esquecido como era.

Tamanhão de rola, regalia! Brincando com a dita cuja, Zezinha do Butiá, nostálgica, cantarolou romântica moda sergipana:

Rola, rolinha
Brinco de amor
Faz o teu ninho Na minha fulo...

No quarto, após o banho, dando de comer à rola com fartura, Fadul achou a rapariga tristonha e taciturna, como se algum desgosto a aperreasse. Certamente notícias ruins da família, chegadas de Sergipe. Zezinha sustentava vasta parentela na cidade de Lagarto, pertinho do Butiá, onde nascera: o pai doente de sezão e de cachaça, uma data de mulheres decrépitas e aluadas, mãe, avó e tias, todas dependentes dela, as pobrezinhas.

Fadul quase a estranhou, tanto sentimento Zezinha colocou na impetuosa entrega: desfalecendo em seus braços, lânguida, amorosa. Até parecia que enamorada se entregava pela primeira vez ou como se fosse a derradeira. Não que habitualmente mantivesse postura distante e fria; muito ao contrário, era um estouro de mulher. Os dois se entendiam às mil maravilhas e se gostavam. Nenhuma outra satisfazia Fadul tão completamente quanto ela pelo zelo e pelo empenho e mais ainda por revelar na ânsia e na veemência da folgança uma ponta de carinho e de afeição. Por isso mesmo não a comparava com as demais raparigas que conhecia e frequentava. Apesar de não exibir peitos grandes e não ostentar bunda de tanajura, manifestas preferências do Grão-Turco, de nenhuma ele sentia a mesma falta, a nenhuma cobiçava com tamanha febre, era Zezinha quem lhe povoava os sonhos no degredo.

Mergulhava nela e se esquecia dos males da vida, repousado e feliz: um

abismo o xibiu de Zezinha do Butiá, mas também um remanso de paz, seguro abrigo. O xodó entre os dois durava havia muito tempo, começara sendo ele ainda mascate e ela novata em Itabuna.

Construindo castelos no ar em Tocaia Grande, ao imaginar-se milionário, chorudo e patacudo ricalhaço, antes de mais nada ia retirar Zezinha da pensão de Xandu, punha casa para ela, dava-lhe de um tudo sem medir os gastos, conforto, mimo, luxo, mucama para servi-la, costureira que a vestisse de rainha. Queria-a rapariga apenas sua e de mais ninguém, manceba em cuja companhia viesse descansar da fadiga dos negócios variados, todos prósperos, da canseira da família — na família pouco se demorava a pensar: mulher discreta e obediente, filhos robustos.

No quarto pobre da pensão de putas, o crepúsculo entrava pela clarabóia e se diluía em sombras nos lençóis de algodãozinho. Zezinha estava diferente, não era a mesma. Alguma coisa grave acontecera, capaz de modificar-lhe a alacridade costumeira. A tirana não lhe pespegava nomes — turco isso, turco aquilo—, não o levava na pilhéria, não cobrava inexistentes dívidas, tentando depená-lo, não se perdia em riso despreocupado. Ardente e sôfrega como nunca, mas envolta em melancolia, silenciosa, um espinho no peito a magoá-la. Tristezas de família, que mais poderia ser?

7

Adensaram-se as sombras, era o fim da tarde. Ao desfazerse o abraço, Fadul saltou da cama esbaforido, temeroso de chegar tarde ao encontro com Fuad Karan no botequim de Rômulo Sampaio, onde o amigo todos os dias desperdiçava erudição ilustrando a elite da cidade na hora sagrada do aperitivo e do gamão. Desatenta aos deveres do oficio, Zezinha deixou-se ficar deitada, não veio ajudá-lo: — Já está atrasado, não é?

— Um bocado. Tenho de andar depressa...

— Vá correndo, a noiva é capaz de não esperar. Vá logo antes que ela arranje outro e leve pra cama.

Conversa mais esquisita, voz insolente e debochativa. Surpreso e desconfiado, a pulga atrás da orelha, Fadul não chegou a enfiar as ceroulas: — Noiva? Que história é essa?

— Vai querer negar? Em Itabuna não se fala noutra coisa...

— Que coisa? Diga de uma vez.

— Todo mundo sabe que tu contratou casamento com Jussa. Tem coragem de negar?

Confirmava-se a desconfiança que o assaltara: paracéis da viúva que transformava promessa de visita, vago início de namoro em compromisso formal de casamento. Jussa, diminutivo de Jussara; Zezinha pespegava-lhe o apelido na cara: um insulto, uma bofetada. Segurando as ceroulas, tirou a limpo: — Jussa?

— Jussa Pobre-de-Mim, não me diga que não conhece... Inda outro dia Fuad Karan teve aqui e me disse: "Sabe, Zezinha, teu Fadul maluqueceu e vai cwr com a viúva de Kalil Rabat." Fiquei zonza, não acreditei: "Não pode ser, não acredito nisso." Mas ele disse que era com certeza, que tu ia ser o novo rei... — calou-se.

— Fale direito, desembuche. Rei de quê? — Alteou a voz, incomodado ao saber-se na rua da amargura, objeto de comentários e bisbilhotices.

— Rei dos cabrões como o finado Kalil, um homem bom que morreu de tanto levar chifre.

Por essa Fadul não esperava, não estava preparado para a abrupta revelação, uma porretada no crânio: arregalou os olhos, escancarou a boca, engoliu em seco: — O falecido era cabrão? Tu não tá mentindo não?

— Se tu não acredita em mim, pergunte a Fuad, ele é quem bem sabe. Pergunte a quem tu quiser. Em Itabuna todo mundo conhece a fama de Jussara.

Ofuscados, os olhos de Fadul reviam a cabocla em luto, imaculada. Nos ouvidos, a voz de dengue e pudicícia: foi a primeira vez que pequei em toda a minha vida, nunca andei com outro homem além de meu marido; quando lhe vi, porém, homem malvado, não tive forças para resistir — que pode a honradez contra a fatalidade? Jurando pela alma da mãe e abrindo as pernas, a puta descarada. Tudo nela fora manha, falsidade, velhacaria: cadela, vaca, puta, três vezes puta! Como pudera acreditar, logo ele que se gabava de sabido? Convencido, vaidoso, inflara o peito: Fadul Abdala, irresistível garanhão. Babado, viera correndo como ela previra. Desabafou em árabe: — Hala! Hala! Charmuta!

— Tu, o que tem de grande tem de tolo. Vendo mulher bonita e promessa de riqueza em tua frente, tu não enxerga mais nada, nem mesmo um par de chifres. — Demorou os olhos na figura do turco confundido, atônito: — Ou será que tu não presta? Enxerga e fecha os olhos pra não ver? É o que tão dizendo por aí.

Nu, grandalhão e descoroçoado, um sapo-cururu atravessado na garganta, não terminava de engoli-lo. Charmuta! Arkut! Fadul despencou na beira da cama, buscou controlar a voz, a cólera e a vergonha: — O que é que andam dizendo por aí?

— Isso... Que tu vai casar por causa da loja, sem ligar pro resto, sem se importar com a fama que ela tem. Que por dinheiro tu vende tua alma. Se tu pensa que Jussa vai mudar de vida, tu não sabe o que é mulher com fogo no rabo, não tem homem que apague

Desmoralizado, Fadul estava lá embaixo, no. fundo de um poço, enterrado na merda, cabrão, arkut apontado a dedo. Abanou a cabeçorra: — Não sabia que ela era assim, vivo no mato.

— Eu não devia me importar nem me meter, não ganho nada com isso. Se fosse sabida me calava. Se tu casar com ela vai ser um ricaço cheio de dinheiro, pode botar casa pra mim, me tirar da vida. Fuad até me deu os parabéns, disse que tu vai ficar podre de rico... — um soluço escapou do peito contra a vontade de Zezinha: — ... podre de rico, fedendo, foi o que ele disse, tu tá me ouvindo?

Uma pausa na tentativa de conter o choro, a voz entrecortada:

— Se tu casar com ela, nunca mais quero lhe ver. — Pôs-se a chorar.

Não mais tentou conter o pranto, segurar os soluços no peito, aguentar firme: Zezinha do Butiá cobriu o rosto com as mãos e deixou-se ir. Enxergando o brilho das lágrimas na face da rapariga, ouvindo-a soluçar por sua causa, indignada e triste por pensálo noivo de Jussara, rico e chifrudo, Fadul recobrou o ânimo, liberto do despeito e do vexame, reergueu-se, retirou-se intacto da raiva e da vergonha.

O bom Deus dos maronitas acudira a tempo. A Fadul já pouco se lhe dava fosse Jussara viúva honesta ou fosse a mais falada e fodida madama de Itabuna, não mais pensava em se casar com ela. Importavam-lhe, isso sim e tãosomente, as lágrimas de Zezinha, o choro incontrolado, a mágoa, o despeito, a tristeza da coitada, sinais de bemquerer.

— Quer dizer que era por isso que tu andava avexada? Não era doença nem morte de parente?

— Tu pensa que não tenho sentimento?

A noite caíra inteira, manto de negrume. Na sala, Xandu acendeu um candeeiro.

8

Fiquei tentado, sim — confessou Fadul ao narrar a Zezinha do Butiá as peripécias da breve e maligna alucinação que quase o leva a amarrar o seu destino ao de Jussara Ramos Rabat, Jussa Pobre-de-Mim, ganhando ela marido e consideração, ganhando ele a mais bem provida loja de tecidos de Itabuna e o império dos cornudos mansos: Fadul da Mansidão. Escapara a tempo graças ao bom Deus dos maronitas que para socorrê-lo lançara mão

mais uma vez dos bons ofícios de Zezinha, arvorada à condição de anjo da guarda. Dado a enormidade do perigo, a rapariga não se contentara com aparecer-lhe em sonhos como o fizera na ocasião de Aruza; viera em pessoa salvá-lo da desonra.

Zezinha sabia muito e contou com sobras de detalhes as andanças da viúva antes e depois de enterrar o morto e chorar-lhe os chifres. Dando nome aos bois, um ror de afortunados. A diversos ele conhecia, fácil seria comprovar a veracidade dos enredos se assim o desejasse, mas Fadul já não tinha dúvidas a esclarecer.

Depois, no cabaré, Fuad Karan acrescentara novos dados, referira circunstâncias curiosas, ampliara a lista dos galãs. Cidadãos os mais diversos se atropelavam na caudalosa crônica da cabocla. Ninguém poderia acusar Jussara de preconceituosa em matéria de homem: desde que vestisse calça e levantasse o pau merecia-lhe atenção e, ocorrendo circunstância propícia, levavao para a cama. Fuad Karan, erudito, resumira: Jussara sofre de furor uterino, meu Fadul, não há jeito a dar. Fogo no rabo, confirmava Zezinha, não há macho que apague.

Se os amores da moça Aruza e do bacharel Epitácio do Nascimento dariam para compor narrativa de profundo sentimento e alguma sacanagem conforme se escreveu, o romance dos derriços de Jussara exigiria volume alentado, digno da pena de Bocácio, na opinião abalizada de Fuad Karan, cujo vicio maior era a leitura, seguindo-se as mulheres e o jogo. Livro chistoso e picante, de sentimentos fáceis e sacanagem grossa, de enganos e desenganos, ao qual não faltariam contudo episódios emocionantes como a patética tentativa de suicido de Bebeto Passos, estudante em férias. Jussara apreciava o sexo masculino em geral mas revelava preferência pelos jovens rapazolas, adorava adolescentes, não dispensando junto a si em permanência, sempre à mão, um pajem bem escovado. Kissimak! — rugiu Fadul recordando o serelepe, Fuad solidarizou-se com a indignação, subscreveu o xingamento. No seu tempo — dele Fuad, pois também navegara naquele mar de escolhos — o pajem era um molecão taludo e atrevido, petulante caga-sebo. Kissimak! Praguejaram juntos.

Jussara Ramos Rabat, personagem secundário na história de Tocaia Grande onde passa a cavalo e se detém contadas horas — não cabe aqui o relato de suas incontáveis aventuras: moça solteira, senhora casada, viúva em busca de novo marido que se ocupasse da Casa Oriental e do jardim de cornos, ai, pobre de mim! Jussa Pobre-de-Mim; o furor uterino a consumi-la, fogo no rabo a daná-la, pajem à disposição — por um triz não foi dona

Jussara Ramos Abdala. Despedimo-nos dela de uma vez e para sempre mas o fazemos com pesar e com saudade: uma realeza, um despropósito de mulher no acertado dizer de Manuel da Lapa, entendido em éguas e mulas, em jumentas.

Jussara, tentação de que o Demônio se serviu em mais uma investida para mudar o destino de Fadul e conquistar-lhe a alma, fazendo-o romper o compromisso estabelecido com o Senhor. Por mulher bonita e fortuna fácil, ai, Fadul Abdala, tu vendes a alma ao Diabo! Não vendeu. O bom Deus dos maronitas estava atento e desvendara a trama, tendo por intérprete e emissária Zezinha do Butiá, mulher da vida.

Fadul admirou-se de Zezinha saber tanto sobre Jussara. Afinal de contas, fosse como fosse, tratava-se de senhora viúva de conceituado comerciante, ricaça e fidalga, baluarte da sociedade, papa-fina, enquanto ela, Zezinha, não passava do que se sabe: uma perdida. No entanto falava da outra como se a conhecesse de menina.

— E não conheço? Jussa é de Lagarto, nós crescemos juntas. Moderninha, ela arribou de casa com um cometa. Vim dar com ela de novo aqui em Itabuna, casada com seu Kalil, botando chifre nele.

De tudo que aconteceu ficara um travo amargo a agoniar o turco: a cabocla abusara dele, o engabelara e o expusera ao riso e ao deboche. Retirar-se simplesmente do pretenso noivado, deixando-a a ver navios, não o satisfazia, necessitava demonstrar-lhe todo seu desprezo. Recordou-se então da pergunta de Coroca na tarde de lorotas e engodos: mandou vir rapariga de Itabuna, seu Fadu?

Expôs a Zeziinha a feliz ideia que lhe ocorrera: enviar um próprio à casa da viúva levando o dinheiro correspondente à paga habitual de uma puta por uma tarde na cama. Gesto afrontoso, lavava-lhe a alma. Zezinha concordou com o plano mas considerou a quantia pequena, indigna de quem tinha fama de generoso no trato com as raparigas; abaixo do que Jussara merecia. A cabocla não era uma puta qualquer de porta aberta em canto de rua. Tivera sorte, subira na vida: sendo viúva, fora casada, florão da nata, uma graúda, tinha mucama e pajem a seu serviço. Ademais viajara até Tocaia Grande. Quantas vezes Fadul se pusera nela no decorrer da tarde? Por acaso não gostara? Mulher e tanto, um pancadão, fogo no rabo.

Quanto menor a paga, maior o insulto, a humilhação, discutiu o turco mas terminou vencido. Zezinha não se convenceu: desejava evitar que ele passasse por sovina, por michê mesquinho: se ia pagar, pagasse o justo, até um pouco mais. Fadul, sensível a esses eloquentes argumentos, dispôs-se

finalmente a enviar o dobro do que cobravam as raparigas mandadas vir de Itabuna: por Jussara ser viúva e não exercer o oficio por dinheiro.

Quis chamar Vadeco, moleque de recados, faz-tudo na pensão de Xandu, para levar a encomenda em mão: está aí o pagamento que seu Fadul mandou. Rindo, Zezinha empalmou os cobres: — Desperdiçar dinheiro com Jussa, tu não toma tento! É o mesmo que jogar dinheiro fora: ela vai se rir e dar de agrado ao pajem. Fica melhor na minha mão, tou precisando pra ajudar meu povo.

DURANTE AUSÊNCIA ANTERIOR DE FADUL ABDALA,

O FAMIGERADO MANEZINHO INVADE TOCAIA GRANDE À FRENTE DE JAGUNÇOS

1

Não enfrentou apenas tentações do demônio, sonhando acordado, penando adormecido. Putas e donzelas em cio ofertando-se no leito, viúva rica, pretendidas noivas, lojas de tecidos, movelaria, promessas de fortuna rápida, de vida alegre, fantasias loucas! Vítima da crueldade e da cobiça dos homens, arrostara outras provações, capazes da abater e pôr em fuga cidadão menos obstinado. Antes de começar a ganhar dinheiro a rodo, Fadul Abdala purgara seus pecados em Tocaia Grande.

Antigamente, na labuta de mascate, ao menos era dono de seu tempo: demorava-se facilmente uma semana em Ilhéus e Itabuna regalando-se. Instrutivas conversas com Fuad Karan e Álvaro Faria, disputados torneios de dama e de gamão, tentadores e arriscados baralhos de pôquer e pif-paf, cabarés — dois em Ilhéus, um em Itabuna — pensões de mulheres, as luzes da civilização. Abastança para a cachola e para a carcaça, Fadul lavava a alma, tirava a barriga da miséria.

Freguesia de regatão, não tem data nem horário para compras, vive atenta ao anúncio da matraca para a festa de chegada do bufarinheiro. Mas o armazém, de início uma bodega, pouco mais, exigia a presença do proprietário em permanência para oferecer e servir, cobrar e receber, impor respeito. Negociante de porta aberta em arruado novo, dono do único comércio a atender os forasteiros, não podia dar-se a luxos de mascate: recolher a mercadoria, pô-la às costas e partir a regambolear quando e onde quisesse. Fadul passara a viver um calendário de sufoco. Afastar-se de Tocaia Grande implicava problema e risco.

Espaçara as viagens, reduzira os dias de ausência. Ainda assim, nos começos não gozava um momento de sossego enquanto permanecia em Ilhéus e Itabuna o prazo estritamente indispensável para as compras e os pagamentos: comprar era uma arte, a arte do embuste e da barganha, pagar era uma ciência de prazos e de juros. Mesmo durante a noite, curta para a conversação, o jogo, o cabaré e as raparigas, o pensamento prosseguia inquieto no armazém, nas sobressaltadas brenhas. Sucedera

por ocasião de sua primeira ausência, poderia repetir-se. Apesar da solicitude de Coroca e da sombra protetora do capitão Natário da Fonseca.

Levara três meses seguidos sem sair de Tocaia Grande, desde a festiva chegada do primeiro sortimento conduzido nas cangalhas de uma tropa que regressava de Taquaras. Carga volumosa, mercadorias variadas, de carne-seca a calças de brim e de bulgariana, de cachaça a carretéis de linha, de farinha a munição para espingardas, abundância de doer na vista. Para adquirir tantos gêneros em tamanha quantidade despendera suas economias, todas elas, e ainda ficara devendo. Casa comercial, metade armazém de secos e molhados, metade loja de miudezas, mesmo tacanha, não é mala de mascate.

Acorreram todos a ajudá-lo no descarrego e na arrumação: mulheres e homens, os poucos que ali viviam e os que estavam de passagem: contados um a um não somavam vinte criaturas naquele dia jubiloso da inauguração. Fadul salvou a data com meia dúzia de foguetes e uma rodada grátis de cachaça; em seguida iniciou as vendas.

Somente quando o estoque começou a faltar, resolveu tirar uns dias para refazê-lo nas praças de Ilhéus e de Itabuna. Ganhara experiência a respeito dos artigos a comprar: quais os de maior consumo, as quantidades-justas, as marcas preferidas. Grande, o gasto de jabá, cachaça e rapadura, mas da dúzia de calças de brim tinham saído apenas duas e a preço rebaixado. Em compensação vendera todas as de bulgariana e mais houvesse.

Alta noite, trancado em casa para que ninguém o visse, à luz do fifó recontou a maçaroca de dinheiro, notas de pouco valor, sujas, rasgadas, emendadas com sabão. Retirou do estoque um lenço de pescoço, grande e vermelho, nele depositou as cédulas à maneira dos alugados, aprendida nos tempos de mascate. Deu um nó nas pontas e com uma presilha fixou o amarrado no fundo do bolso direito da calça. Quanto às moedas, muitas, de cobre e de níquel, após separá-las pelo valor, embrulhou cada montículo num pedaço de papel e os guardou numa sacola de couro que levaria amarrada na cintura sob a camisa. Por trilhas e atalhos, caminhos e estradas do rio das Cobras a fama de riqueza do Turco Fadul corria à boca pequena: dinheiro escondido, anéis de brilhante, patacões de ouro. Havia quem afirmasse ter espreitado libras esterlinas: cintilantes, encandeavain a vista. Jamais poderiam imaginar que no lenço e na sacola estavam capital e lucro, seu pé-de-meia, tudo quanto possuía afora a sobra do sortimento deixada no armazém.

Após ter atendido à freguesia da madrugada, pendurara bem visível na

frente do negócio um aviso penosamente desenhado em letras maiúsculas na tampa de uma caixa de sapatos: fechado por ausência do dono. Trancadas por dentro, com barras de madeira, as duas portas do armazém e, à chave, a da entrada dos fundos, de manhãzinha meteu o revólver na cintura e aproveitou a companhia de Zé Raimundo que tangia numeroso comboio procedente da Fazenda da Atalaia para entreter a caminhada até Taquaras, três léguas e meia no calcanho.

De visita a uma comadre que exercia na estação, uma tal Zelita, com eles ia também Coroca. Magrela, chocha, pesava quase nada. Zé Raimundo a escanchou entre dois sacos de cacau em cima da cangalha de Lua Cheia, mula forte e mansa, madrinha da tropa: guizos sonoros nos cabeçotes e no peitoral. Sobranceira, Coroca dava-se ares de mulher de capataz, de amásia de fazendeiro. Fadul, embornal ao ombro, ria à toa na antecipação das regalias que o aguardavam em Itabuna. Somente no trem, ao querer descascar uma laranja, deu-se conta de que esquecera em Tocaia Grande o canivete de estimação.

2

Nos dois primeiros dias da ausência de Fadul, nada de mais grave sucedera. Depois de descarregar os animais, tropeiros e ajudantes dirigiam-se ao "cacete armado do turco". Assim diziam referindo-se à casa de negócio de Fadul, levantada em madeira, material barato, numa das pontas do renque de casebres de barro batido inicialmente conhecido por Caminho dos Burros, depois e durante vários anos por Rua da Frente. Na ocasião, Tição Abduim ainda não morava em Tocaia Grande onde iria erguer logo a seguir a primeira casa de pedra e cal para nela instalar oficina de ferreiro; o armazém era a construção principal do arruado.

Tropeiros e ajudantes chegavam suados, cobertos de poeira e lama, sedentos, necessitados de um trago de cachaça para restaurar as forças, para combater o frio ou o calor conforme fosse. Deparavam-se com o aviso, se havia algum que soubesse ler e assinar o nome, soletrava a comunicação para os demais, caso contrário recebiam a notícia da boca das raparigas. Entre xingos e risadas discutiam a falseta do turco que os largava no ora-veja para ir abastecer o merca-tudo.

— Turco filho de uma égua. Logo hoje...

— Por que não botou um faz-as-vezes?

— E quem havera de ser?

— Pedro Cigano tá aí sem fazer nada...

— Se a venda fosse de mecê, mecê deixava na mão dele?

Sentiam falta do armazém. A vida se modificara, tornara-se mais fácil desde que Fadul se estabelecera em Tocaia Grande: escusado carregar matalotagem para o pernoite havendo ali o necessário. Ademais, como o fazia nos tempos de mascate, Fadul costumava fiar — com garantia e pequeno ágio — quando o camarada voltava liso dos povoados ou das cidades, tendo deixado nas ruas de canto os derradeiros cobres. Os comentários findavam sempre na relembrança de ditos e feitos do turco embusteiro e ladravaz, mas finalmente um bom sujeito. Terminavam indo ao encontro das mulheres da vida:

— Vai ver, as meninas arresolveram trancar os balaios...

O número de raparigas variava, umas chegavam, outras partiam, puta não esquenta lugar. Fixas, uma meia dúzia, não mais, em aglomeradas palhoças defronte do rio, no extremo oposto do barracão no qual o coronel Robustiano Araújo depositava o cacau seco, pronto para ser entregue aos exportadores. Coroca, ao escolher o sítio para a casinhola cuja construção o capitão Natário da Fonseca empreitara recentemente com Bastião da Rosa e Lupiscínio, recusou erguê-la no Caminho dos Burros:

— Quero aqui mesmo... Casa de puta em rua de frente não dá certo. Rua de frente é para as casas de família.

Lupiscínio admirou-se: — Que família, dona Coroca?

Com o respeito devido aos mais velhos, tratava-a por dona e mandava o filho e auxiliar de raspa-tábua, Zinho, um meninote, tomar-lhe a bênção.

— Não demora, vancê vai ver.

— Será deveras?

— É melhor ficar logo aqui, perto dos sapos, do que mais tarde ser mandada embora. Hoje tudo é igual, não faz diferença, mas no doravante quem é que sabe?

Assim nasceu a Baixa dos Sapos para onde se dirigiam agora tropeiros e ajudantes em busca de um agrade mulher; naquela circunstancia, com o armazém fechado, iam mais cedo na esperança de um gole de cachaça ou de café. Outros deixavam-se ficar no descampado colhiam uma jaca mole bem madura: para encher o bandulho não há refeição que se lhe compare no sabor e na sustância.

3

Ao anoitecer do terceiro dia, em meio a continuas pancadas de chuva, o nomeado Manezinho desembocou em Tocaia Grande, seguido por outros dois jagunços, Chico Serra e Janjão. Cavalgavam animais em pêlo, laços de corda em torno dos pescoços em lugar de brida ou de cabresto: luzidios

burros de sela, de trato fino e pasto gordo, escolhidas montarias de coronéis. Entraram atirando para que não restassem dúvidas.

Detiveram-se no descampado onde os condutores dos primeiros comboios a pernoitar naquele sítio haviam construído uma espécie de toldo de palha, precário abrigo contra o sol e a chuva. Ali acendiam fogo, assavam charque, cozinhavam inhame e fruta-pão, ferviam café e praticavam sobre a vida e a morte ou seja sobre a lavoura de cacau, tema eterno e apaixonante. Exibindo a harmônica, Pedro Cigano acabara de propor aos cidadãos presentes aliciante trato: arrebanhar duas ou três quengas e organizar um fovoco em troca de algumas moedas de vintém. A espevitada negra Dalila, à procura de freguês, louvara a ideia: nada melhor do que um arrasta-pé para amenizar a noite. Fuque-fuque com mulher na cama inda é melhor, discutira um araçoaba ajudante de tropeiro fitando o rabo da negra com cobiça: arrogante flofó de tanajura, mas cadê dinheiro para pagar tanta insolência? Com os tiros e o tropel dos burros a conversa esmoreceu.

Os cabras quiseram saber onde ficava a casa do turco. Ali adiante mas devido à viagem do proprietário as portas do cacete armado estavam fechadas por uns dias.

— Nós abre. Pra quem não sabe, meu nome é Manezinho. — Disse e após correr a vista pelo grupo partiu na direção indicada.

Naturalmente com o objetivo de demonstrar a precisão da pontaria, Chico Serra alvejou na árvore próxima o talo de uma fruta-pão e a derrubou. Debruçando-se sobre o animal, Janjão estirou a mão e sopesou a bunda da rapariga: — Guenta aí, tribufu, que eu volto já.

Pedro Cigano se dera conta de que os forasteiros estavam a par da ausência de seu Fadu e por isso tinham vindo: com boa intenção não havia de ser. Desistiu de levar adiante o projeto do bate-coxas, a noite se anunciava perigosa.

— Vão assaltar a venda!

— É capaz... — concordou um dos dois tropeiros revolvendo as brasas com o cabo do chicote de tanger burros. — Esse Manezinho é o diabo em figura de gente; foi capanga do coronel Teodoro das Baraúnas, carrega uma porção de defunto na cacunda. Não faz um mês matou um doutor em Água Preta, anda fugido. Os outros não conheço.

O vaqueiro, de volta de Itabuna onde deixara uma boiada do coronel Robustiano de Araújo, conhecia porém os outros dois de vista e de reputação, aliás péssima. Chico Sena nunca prestara para nada, a não ser para tocaiar viventes; andava ao léu desde que o coronel Maneca Sá o

mandara embora da Fazenda Morro Azul por não ter mais serviço para ele. Quanto ao galalau, na certa já tinham ouvido falar no nome de Janjão Fanchão, outro não era o dito cujo. Além de celerado, esquisito da cabeça, espancador de mulheres, fanchono comedor de cu.

Ai, meu Deus do céu! — exclamou Dalila e saiu correndo para avisar às raparigas e se esconder no mato.

Tendo dado seu recado, o tangerino propôs aos presentes acoitarem-se todos no barracão onde o coronel Robustiano mantinha permanentemente três homens bem armados cuidando dia e noite do cacau. Lá estariam em segurança e ao abrigo da chuva cada vez mais copiosa. Não queria arriscar a vida, ficando no descampado; recolheu a espingarda, levantou-se.

— Nós não vai fazer nada? — Pedro Cigano perguntou por descargo de consciência, pois nem ele próprio pensava enfrentar os bandidos para impedir o assalto.

— O que é que nós tem a ver? — O vaqueiro começou a andar para as bandas do depósito de cacau.

— Quem é doido para correr risco de levar um tiro por causa do turco? O furdunço é com ele, não é com nós. — Afastando-se do calor do fogo, o tropeiro espalhou as brasas com o cabo do chicote; também ele se pôs de pé e a caminho.

Os demais o acompanharam recusando a sugestão de Pedro Cigano de ao menos irem espiar o que estava acontecendo: gostavam do turco presepeiro e gatuno mas não a ponto de enfrentar por sua causa jagunços ferozes, desalmados assassinos. Apenas o araçoaba, frangote abelhudo e atrevido, foi se postar com o troca-pernas atrás do tronco de jaqueira de onde avistavam o armazém. A chuva se transformara em aguaceiro, nuvens encobriam o céu.

Tampouco Pedro Cigano, à quem Fadul tantas vezes matara a fome e ainda mais a sede, viera até o pé de pau no propósito de lhe ser de alguma utilidade: arriscava-se porque tinha uma intuição e desejava comprová-la. Não seria para roubar feijão, cachaça, carne-seca, fumo de rolo que Manezinho, Chico Serra e Janjão. estavam forçando as portas do negócio: Pedro Cigano acreditava saber qual fosse o motivo real.

Ao sarará apenas a curiosidade o conduzia desejo intenso de ver e aprender. Tangedor de burros novato no oficio, pela primeira vez deparava com um turno de bandoleiros cometendo tropelias: sua experiência reduzia-se a barulhos em puteiros, assuntos de somenos.

4

Ao fim das lutas pela conquista das matas, quando os caxixes substituíram as tocaias nos recentes conflitos entre os coronéis do cacau pela posse das áreas devolutas, sobraram jagunços pelas estradas indo e vindo sem rumo certo, oferecendo-se para matar a módico pagamento, matando de graça para roubar. Das centenas de cabras chegados ao sul do Estado da Bahia, provenientes do sertão de três Estados e das barrancas de tantos outros rios, armas e pontarias a serviço dos ricos fazendeiros, uns poucos haviam demarcado terras, plantado roças, passando a usar o pau-de-fogo somente em rigorosa conjuntura. A maioria acomodou-se nas fazendas, chefes de turma de alugados, capangas de confiança, capatazes. Alguns porém não se adaptaram às novas condições e cruzavam os caminhos praticando horrores, assombrando o povo.

Acabaram liquidados um a um mas durante longa temporada foram muitos, de sinistra fama. Entre os mais temidos, avultava Manezinho: participara dos lendários combates travados entre Basílio de Oliveira e os Badarós. Capanga de Teodoro das Baraúnas, de negregada memória, não quisera servir nenhum outro coronel nem depor as armas. Ultimamente planejara organizar um bando para assaltar fazendas, lugarejos, povoados. Sozinho, pintava e bordava: imagine-se o que poderia fazer à frente de uma súcia de bons clavinoteiros. Para começar, engajara Chico Sena e Janjão.

Nas pastagens de uma fazenda por onde haviam passado laçaram os burros; ninguém os vira — e que vissem! Manezinho riu da advertência de Chico Sena todavia temeroso do poder dos coronéis

— Se vancê tá com medo desarranche. Só quero em minha companhia homem macho.

Escutando por acaso falaz parolice de mulheres, lorotas vãs, no Beco da Valsa em Taquaras, Manezinho ficara sabendo do embarque de Fadul Abdala no trem para Itabuna. As perdidas condenavam o desleixo, a imprevidência, mais que desleixo e imprevidência a desídia, o desatino do turco, um idiota: viajava deixando oculta na casa de Tocaia Grande a maquia acumulada nos anos de ambulante, tesouro à disposição do primeiro ousado que se dispusesse a descobri-la. Discutiam a localização do esconderijo. Na moradia, embaixo do colchão? No negócio, entre mercadorias? Acordes ao proclamar a grandeza do cabedal, avultado saco de moedas de ouro segundo o testemunho de pessoas conhecidas e de absoluta confiança.

5

Prenderam os animais nos mourões fincados no oitão do armazém, tentaram arrombar as portas da frente sem resultado: as trancas de madeira resistiram comprovando a competência de Bastião da Rosa. Deram volta em torno à casa, encontraram a entrada dos fundos, foi bem mais fácil. Depois de Manezinho ter atirado na fechadura sem sucesso, Chico Serra tomou distância, investiu contra a porta com toda a força do corpo, o trinco começou a ceder. Janjão completou o trabalho.

Dentro da casa acenderam os candeeiros, vento e chuva entravam pelo vão da porta. Pareceu-lhes desnecessário deixar um de sentinela, vigiando; cada qual mais conhecido, quem se atreveria a atacá-los? Serviram-se de cachaça bebendo pelo gargalo da garrafa; uma garrafa para cada um, os três estavam precisados. Manezinho para limpar o pensamento, manter a cabeça fresca durante a ocupação delicada e trabalhosa da busca do tesouro: apesar da aparência bruta não lhe faltava perspicácia. Janjão devido à sede permanente a atormentá-lo. Chico Serra para sustentar o ânimo — sua especialidade era a tocaia, esconder-se atrás de um pé de pau à espera do indigitado para derrubá-lo com um tiro certeiro: não perdia vez.

Vasculharam a casa de ponta a ponta, de desvão a desvão. Primeiro detiveram-se nos cômodos do fundo. No menor, que servia de cozinha, nada encontraram além da trempe e dos improvisados vasilhames. No quarto de dormir, na cama, em cima da coberta suja, jazia o canivete de Fadul. Antes de guardá-lo no bolso, Janjão examinou com interesse e satisfação a longa e fina lâmina de aço: exatamente o que ele precisava para sossegar puta metida a besta na hora de enrabá-la. Sorrindo, emborcou a sobra de aguardente, atirou o casco vazio contra a parede.

Manezinho e Chico Serra rasgaram o colchão, espalhando o capim seco. Janjão trouxe nova provisão de cachaça e entre os três desmontaram a cama enorme, obra-prima do carpina Lupiscínio, toda ela em madeira de lei trazida da mata onde cresciam jacarandás, vinháticos, putumujus, paus-d'arco, selva de perobarosa e de pau-brasil. Procuravam esconderijo onde pudesse estar o saco de moedas de ouro. Nem esconderijo nem moedas.

O outro compartimento servia de depósito de mercadoria. Durante animado interregno divertiram-se atulhando os embornais com bugigangas, destruindo tudo que não lhes fosse de utilidade imediata. Saudaram com entusiasmo e goles de branquinha o encontro das calças de brim. Despiram as de bulgariana, velhas, remendadas, enfiaram-se naquelas luxarias de pano caro. Chico Serra vestiu duas, uma por cima da outra. Abarrotaram-se de deslumbrantes nonadas, mas tampouco no

depósito descobriram rastro do tesouro.

— Tá escondido na venda. Nós devia ter começado por lá. — Raciocinou Manezinho. Precavido, andou até a porta, olhou para fora: apenas a escuridão de breu e a fúria do aguaceiro, nenhum ruído além do zunir da ventania. Manezinho sorriu, orgulhoso da merecida fama: nenhum filho da mãe ousara perturbá-los. O nome e o renome dos colhudos chegam aos lugares antes deles.

6

Bernarda tentara se atrever, apenas ela. Quando Dalila aparecera em pânico convidando o mulherio a raspar-se para os matos, Bernarda estava ocupada com um tropeiro e os apelos não lhe fizeram mossa. Palavrões, gritos e ameaças eram habituais na noite do arruado: quanto maior a influência, maior o destempero. Mas o alvoroço crescia e se alastrava: Bernarda tendo levado o parceiro a se fartar de gozo, enfiou a combinação e saiu a ver.

Voltou com a notícia: — Os jagunços tão atacando a venda de seu Fadu.

Não ouviu a resposta nem se preocupou em receber a paga; assim mesmo como estava partiu em disparada sob o aguaceiro. Encharcada, chegou ao toldo no descampado: ninguém. Onde andariam? Fugidos nos brejos que nem as mulheres? Defendendo o armazém tampouco estavam, não vinha zoada daquelas bandas. Dirigiu-se para o barracão: lá encontraria ao menos os três cabras encarregados de guardar o cacau seco. Largou-se açoitada pelo vento; tudo calmo em derredor — calmo demais, dava medo.

Uma das portas do depósito entreabriu-se ao rumor de seus passos. Olhos acostumados a enxergar nas trevas, Bernarda percebeu o cano do clavinote. Gritou seu nome, a porta se abriu de todo.

Dentro do barracão, os cabras e o boiadeiro montavam guarda, armas em punho. Sentados no chão, tropeiros e ajudantes disputavam partidas de ronda: uns apostavam, outros assistiam, desatentos todos, o sentido posto nos jagunços. Olharam para Bernarda mas nenhum abriu a boca; prosseguiram o jogo. Sabiam que ela não viera em busca de frete: requestada, nunca precisara sair à cata de freguês. A água escorria-lhe do corpo, fazia poças no assoalho: a combinação grudada na pele emoldurava-lhe os seios e a barriga, as coxas e as ancas. À luz difusa dos candeeiros parecia uma visagem do outro mundo.

— Diz-que os jagunços tão atacando a casa de seu Fadu.

Não houve resposta. O tangerino quis falar, arrependeu-se, ficou a

olhar para ela como se estivesse com a vista encandeada: ai, nunca se deitara com Bernarda!

— Tão ou não?

Desviando o olhar da sombra dos pentelhos molhados da atrevida, o vaqueiro abanou a cabeça, confirmou: — João Fanchão, Chico Serra e Manezinho, não podia se juntar três mais pior que esses.

— Que providência se deu?

O cabra que lhe abrira a porta admirou-se da pergunta; a voz neutra, explicou:

— Providência? Eles veio na intenção da venda, depois de roubar vão embora.

Contando os cabras, o tangerino, os tropeiros e ajudantes somavam nove homens, quatro dos quais armados com paus-defumaça, além dos facões e punhais dos estradeiros.

— Eles não passa de três e só aqui tem nove...

No silêncio, deu um passo em frente, cuspiu no chão: — Nove homens se borrando de medo.

— Vagabunda nenhuma me chama de medroso... — Ofendeu-se o outro cabra até então calado.

Andou para Bernarda disposto a meter-lhe a mão no pé do ouvido, para lhe ensinar respeito e consideração mas desistiu ao escutar a advertência do velho Gerino: — Tu tá maluco, Zé Pedro?

Os jogadores de ronda que haviam suspendido as apostas voltaram aliviados a traçar as cartas sebentas do baralho. O velho abrandou a voz para dirigir-se a Bernarda. Chefe dos cabras designados para montar guarda ao barracão, não demonstrou ter-se ofendido com a acusação da rapariga: ninguém que o conhecesse poderia acoimá-lo de covarde. Não se esquecia ademais de que a falastrona era pessoa do capitão Natário: se o cabra tivesse ousado, nem Deus o salvaria. Gerino considerava-se responsável pelo cacau e também pelos homens às suas ordens.

— Fazer o que, Bernarda? Me diga que eu não sei. Nós não tem nada a ver com esse embeleco. Nós é pago pra guardar o cacau do Coronel, se eles vier pra cá vão comer fogo, é pra isso que nós ganha. Só pra isso.

— Mas tão roubando a venda e diz-que vão agarrar as mulher a pulso e passar a geral em nós, uma por uma.

— Nós não tá aqui pra garantir mercadoria de turco nem boceta de mulher-dama. O que é que tu pensa? Que isso aqui é uma cidade? Isso aqui é uma tapera com uma bodega, quatro putas e com nós no barracão do Coronel: é cada um por si e Deus por todos. Se tu quiser, fica aqui com nós

que nada vai assuceder.

Caminhou até junto à porta onde Bernarda estava aflita e tensa e lhe disse sem rancor:

— Mas se tu não quiser ficar, se arresolver se matar pelo turco, pode ir. Nós não sai daqui. Se eles vier nós ensina eles com quantos paus se faz uma cangalha. A gente só tem uma vida e uma morte pra gastar.

7

Nem nas gavetas e prateleiras nem nas tábuas grossas do balcão — onde diabo o turco excomungado enfurnara a ourama? Ali também desmontaram tudo, coisa por coisa, trabalheira cansativa e inútil. Há de estar em alguma parte, reafirmara Manezinho impondo-se à pressa dos comparsas: à bebedeira de Janjão desejoso de regalar-se com o fiofó da negra; aos temores de Chico Serra receoso de um ataque de surpresa dos vaqueiros.

Onde diabo? Nos sacos de farinha, de feijão, de milho? Abriram as portas da frente de par em par e raivosos começaram a jogar as mercadorias para fora, amontoando-as sob a chuva. Esparramaram o feijão e o milho, o arroz e a farinha, o açúcar mascavo, rasgaram a punhal a posta de carne-seca. Para afugentar o medo, Chico Serra rompeu gargalos de garrafas a tiros de revólver; nos matos onde se haviam refugiado, as raparigas escutavam os estampidos e se mijavam apavoradas.

Escorrendo chuva de trás da jaqueira, Pedro Cigano e o araçoaba faziam esforços para enxergar e entender, mal percebiam as figuras movimentando-se no negrume. Janjão e Chico Serra acumularam os produtos uns sobre os outros, Manezinho entornou querosene em cima da pilha e ateou fogo. Houve uma altercação, as vozes se elevaram ameaçadoras. Janjão queria incendiar a casa, Manezinho o impediu aos berros. Certo de que o saco de moedas se encontrava ali, bem guardado em alguma parte, o chefe do bando tinha planos de voltar em breve, quando o turco houvesse regressado da viagem. Sob o cano das armas, seria o próprio Fadul quem os conduziria ao butim. De mão beijada.

Janjão que em vez de miolos tinha merda na cabeça tentou então prolongar a permanência no arruado, o tempo de enrabar a negra mas Manezinho não lhe deu ouvidos:

— Fique se quiser pros tropeiros lhe matar. Vambora! — Ordenou a Chico Serra que não desejava outra coisa.

Saíram os dois em disparada, atirando para cima em despedida. Janjão ainda percorreu com a vista os arredores, numa obstinação de

mentecapto: como enxergar a tribufu naquela escuridão mesmo que ela tivesse ficado de rabiosque à espera sob o temporal? Finalmente desistiu: descarregou a arma na direção do descampado onde a encontrara, com uma praga tocou o animal a toda, na pressa de alcançar os companheiros. Praguejou de novo: nem o tesouro nem o cu da negra.

As labaredas não resistiram à chuva pesada, foram-se extinguindo pouco a pouco; um cheiro forte de milho, de açúcar, de feijão queimados, de carne chamuscada, se espalhou ao vento. O troca-penas e o sarará saíram de trás da jaqueira e se aproximaram. Pedro Cigano passou sem parar em frente ao fogaréu, varou casa adentro, quem sabe teria mais sorte do que os jagunços? Também ele acreditava a pés juntos na existência da burra abarrotada de moedas de ouro acumuladas pelo turco: não era um saco, era um baú. O ajudante de tropeiro, bisonho nas estradas, desconhecedor do conto, contentou-se com os salvados da fogueira. Logo se juntaram a eles, homens vindos do barracão, mulheres chegadas do brejo. Disputaram avidamente as sobras do saque na moradia e no armazém e o que puderam resgatar das chamas. Assim se consumiu parte da falada fortuna de Fadul Abdala, aquela que ele não levava em cima do corpo, as mercadorias deixadas no cacete armado.

Pedro Cigano prosseguiu incansável noite afora a escarafunchar mesmo depois que todos os demais se retiraram. Sustentado por duas garrafas de cachaça milagrosamente salvas da sanha de Manezinho, do cagaço de Chico Serra, da sede de Janjão Fanchão e da rapinagem dos aproveitadores, cambada de mofinos.

8

A acreditar-se na versão apregoada pelo errante Pedro Cigano a correr sete coxias, as imprecações de Fadul Abdala estremeceram céus e terra, abalaram os quadrantes do mundo, tão terríveis foram. Anuns e mutuns, papagaios e araras fugiram em bandos para o mais recôndito da mata, os ouriços-cacheiros esconderam-se nos ocos das árvores, os dorminhocos japurás acordaram em sobressalto, os ariscos teiús enfiaram-se sob as pedras, os queixadas e os caititus saíram em disparada, as cobras puseram-se de sobreaviso atinando os botes para o que desse e viesse. Potocas do conhecido garganteiro, troca-pernas sem itinerário fixo.

Feitas porém as contas, tirados os noves fora, os relatos das demais testemunhas de vista da chegada do turco a Tocaia Grande três dias após o assalto exibiram igualmente dramaticidade e grandiloquência. Viram-no fora de si esmurrar a caixa do peito com os punhos fechados; depois em

desespero, elevar as grandes mãos abertas para o alto apontando em direção ao desatento, ao negligente, ao omisso Deus dos maronitas a cuja guarda entregara antes de partir a paz da casa, a segurança das mercadorias. Abriu a boca num uno de animal ferido à traição pelo próprio pai. Cobrou do Senhor em altos brados tê-lo abandonado na hora mais necessitada e amarga e o fez em árabe, tornando o espetáculo ainda mais patético. Aliás, para falar com Deus, Fadul usava sempre a língua materna, pois não tinha certeza de que o Todo-Poderoso conhecesse o português. Em português jurou vingança, juras que se perderam vazias de sentido: onde, como e quando poderia executá-las? Nunca.

O colérico diálogo com o Altíssimo serviu para alivias-lhe o coração sujeito a pena tão medonha. Deus não o abandonara, apenas expusera seu caráter e sua fé à prova bem mais difícil do que os pesadelos com Zezinha nua e inatingível. Ao mesmo tempo, salvara-lhe a vida retirando-o de Tocaia Grande por ocasião do assalto.

Viram-no silenciar, apaziguado. Demorou-se a olhar a desordem e o lixo como se quisesse guardar consigo aquela imagem tatuada nas entranhas. Depois, chamou Lupiscínio ali presente e lhe deu ordens precisas: começar o trabalho pelo balcão e pelas prateleiras, a cama não tinha tanta pressa. No mesmo dia em que chegou e constatou a desgraceira, seu Fadu voltou a servir à freguesia.

De moto próprio não falava no acontecido. Quando puxavam o assunto não se negava à conversa mas respondia com prudência, aparentando calma e resignação. Não reclamou de ninguém se ter mexido em defesa das portas da residência e do negócio, encontrando para tal comportamento desculpa e explicação: só um louco arriscaria a vida para acudir a sacos de açúcar, a carretéis de linha. Pelo próprio Gerino soube do intento de Bernarda e de como fora difícil mantê-la no barracão a salvo da morte e de uma geral dos jagunços. Se vissem aquela boniteza querendo se meter na vida deles, adeus Bernarda! Antes de acabar com ela se serviriam na forma do previsto: os três na mesma ocasião e na brutalidade, sob o comando de Janjão Fanchão, o comedor de cu. O turco apoiara a conduta do velho: fizera muito bem, Bernarda sofria da moleira.

Não falou em ir-se embora comerciar noutro lugar, menos exposto, ou retornar à vida de mascate: como se o assalto houvesse reforçado a decisão de fixar-se em Tocaia Grande. Perdera, porém, aquela alegria esfuziante, a jovialidade; não pilheriava, não debochava com os fregueses, como antes. Não se via um sorriso nos seus lábios por mais que o provocassem. Que fim levara o turco contador de histórias, farsante e

falastrão, cheio de inventiva e graça, o ai-jesus das raparigas? Inquietas, elas se perguntavam se, um dia, seu Fadu voltaria a rir e a chalacear.

Enterrado no trabalho com o afinco e a ganância conhecidos, superara o desgosto, a raiva do prejuízo considerável. Mas persistia uma mágoa a castigar-lhe o peito, a impedir-lhe o sono, roendo-o por dentro sem lhe dar sossego: a impossibilidade de vingarse. Doía-lhe saber em liberdade os jagunços que haviam invadido sua propriedade, destruindo e roubando bens valiosos: viviam à tripa forra, longe do alcance de suas mãos. Fadul sentia-se infeliz, de mal com a vida triste e feia.

9

Pouco mais de uma semana havia transcorrido desde a volta de Fadul Abdala, já andava ele farto de ouvir pilhérias e lamúrias, reintegrado à faina habitual; um dia, ao fim da manhã, o capitão Natário da Fonseca desmontou da mula e a prendeu à estaca, no oitão do armazém. Fadul veio apressado dos fundos da casa para saudar e servir o amigo, preparando-se .para conversa animada e longa sobre os lances do episódio.

Ao contrário do esperado, o Capitão não trouxe à baila aquele infausto assunto. Saboreou a medida de cachaça em pequenos tragos, falou disso e daquilo. Deu notícias do coronel Boaventura, sempre forte, com saúde graças a Deus, mas seu tanto triste porque o doutor Venturinha se mandara para o Rio de Janeiro, depois das festas de formatura, e parecia não ter pressa de voltar; comentou sobre as roças que ele, Natário, começara a plantar na Boa Vista, ia ver como prosperavam.

Surpreso e desapontado diante de tamanha indiferença, Fadul se conteve a duras penas para não deixar transparecer a decepção, o desgosto que lhe causava tal atitude do Capitão de cuja amizade se gabava.

Natário sempre demonstrara estima pelo turco. Fadul ainda mascateava quando ele, certa feita, ofertara-lhe um revólver e passara a tratá-lo de compadre. As relações cresceram e se estreitaram depois que o comerciante se estabelecera em Tocaia Grande. No entanto, o Capitão não fez qualquer referência ao fato recente e palpitante, não se colocou sequer às ordens, conforme manda a boa educação, não tugiu nem mugiu.

Tendo preparado o cigarro de fumo picado, Natário aceitou o fogo oferecido por Fadul, recusou nova dose de cana, dispôs-se a seguir viagem. Desencostando-se do balcão endireitou o corpo, meteu a mão no bolso do paletó de brim cáqui, puxou de dentro o canivete que o turco esquecera em cima da cama ao sair para Taquaras: — Isso não é pertence seu, compadre Fadul?

Colocou o objeto na tábua do balcão, Fadul Abdala sentiu um baque no peito:

— É meu, sim, Capitão. Se mal lhe pergunto, como chegou às suas mãos?

— E como houvera de ser, compadre?

Andou para o oitão da casa, voltou com a mula, meteu o pé no estribo, leu a interrogação ansiosa nos olhos de Fadul, montou e respondeu: — Andei sabendo do caso, dei logo com eles. Três cabras ruins, compadre Fadul.

Iluminaram-se os olhos do turco, nasceu-lhe o riso na boca, sentiu ao mesmo tempo vontade de chorar, quis contudo confirmar: — Os três, Capitão?

— Os três, na mesma cova. Até mais ver, compadre.

10

Retornaram o riso fácil, a gargalhada estrepitosa, a zombaria, o madrigal, o gosto dé narrar e o de discutir, a tesão e o apetite — o desfrute da vida. Novamente ouviu-se em Tocaia Grande o vozeirão de Fadul Abdala em deboche e parolagem e quando, por fim, em troca de algumas moedas de vintém, Pedro Cigano assumiu a harmônica, convocou as damas e armou o fovoco, quem mais se exibiu nos ademãs da quadrilha foi o dono do cacete armado. Voltara a ser o mesmo seu Fadu de antes, o coração liberto da sede de vingança.

Não se libertou, porém, da preocupação. Obrigado a viajar periodicamente para refazer o sortimento, pagar aos credores, assuntar as novidades do comércio e dedicar-se ao que se sabe, deixaria o armazém fechado, na mira dos passantes, gente de toda laia, à disposição de salteadores e ladrões, de grupos de jagunços.

É bem verdade que a negra sorte dos três clavinoteiros corria mundo: invencionices de monta, detalhes de arrepiar. Circulavam ao menos cinco versões totalmente diversas mas todas tétricas a respeito da morte dos cabras, e os bisbilhoteiros garantiam ser o capitão Natário da Fonseca sócio do turco nos lucros do armazém, nada mais nada menos. Quando perguntado, seu Fadu não desmentia: mais do que qualquer arma de fogo aquele sacrossanto zunzum defendia as portas do negócio.

Ainda assim, à proporção que o volume de mercadorias minguava no depósito, tomavam-se evidentes os sinais de intranquilidade no rosto e nas maneiras de Fadul. Ah, se descobrisse cristão capaz, disposto e digno de fé a quem pudesse confiar o balcão, a caixa e o revólver — ah. partiria bem

mais sossegado e satisfeito. O atendimento aos fregueses manter-se-ia ininterrupto, as vendas não sofreriam paralisação e a presença de um tipo destemido à frente da bodega, dormindo na casa, talvez bastasse para impedir outra tentativa de assalto; a presença do topetudo e a sombra amiga do capitão Natário da Fonseca. Infelizmente, não enxergava nos ermos de Tocaia Grande cidadão portador de tantas e tão assinaladas qualidades.

Para gáudio de uns, espanto de outros, quem desatou o nó e resolveu o problema, quem enfrentou a responsabilidade e assumiu a pesada carga foi — imagine-se! — a velha Jacinta Coroca. Voltara de Taquaras com a tropa de Zé Raimundo, escanchada na cangalha de Lua Cheia, repicando guizos, no dia seguinte ao do saque, a tempo de constatar a depredação e medir o prejuízo. Balançou a cabeça em silêncio, não foi apoquentar Fadul com perguntas e palpites.

Ao sentir, certa noite, a aflição do turco, tão grande a ponto de silenciá-lo durante a trajetória da fornicação habitualmente ruidosa e festiva, Coroca se ofereceu enquanto o asseava com delicadeza e zelo.

— Se quiser, seu Fadu, vá sua viagem descansado que eu do tomo conta do negócio. Deixe comigo, faço suas vezes. Pode ir sem cuidado.

De pé, enorme e nu, pingando água da caceta desmarcada, o turco olhou estupefato para Jacinta, que segurava um pedaço de sabão curvada em frente à pequena bacia de flandre comprada a prazo ao próprio Fadul. Ele demorou-se a medi-la e a pesá-la como se nunca a tivesse visto.

— Tu tá propondo que eu viaje deixando o armazém aberto e tu respondendo por tudo, vendendo, recebendo, dando troco?

Depositando o peso de sabão junto à bacia, Coroca tomou de um trapo limpo, enxugou com cuidado o imponente saco e a notável estrovenga:

— E só me dar os preços por escrito, sei de uma porção. Vou dormir em riba do balcão até vancê chegar.

Ergueu o busto: à luz do fifó o corpo encarquilhado e frágil se alteou, os olhos cintilavam.

— Tu? — Fadul a encarava pasmo, boca aberta.

Uma brincadeira de mau gosto do Senhor Deus dos maronitas que mais uma vez o abandonava à sorte ingrata. Revoltado, fulo de raiva, elevou o pensamento aos céus: nesta hora adversa em que, desesperado, busco o auxilio de um homem macho competente e sério, o adjutório que me ofertais, Senhor, é essa puta velha e descarnada?

Então, uma luz brilhou no juízo de Fadul Abdala e ele entendeu que bravura, sabedoria e decência não são privilégios dos machos, dos ricos e

dos fortes; são apanágio de qualquer mortal, mesmo em se tratando de uma puta velha e descarnada. Não era Coroca boa de cama e de conselho?

— Tu? — Repetiu com outro acento.

— Eu sim senhor. Maria Jacinta da Imaculada Conceição, que vancês trata de Coroca. Sei ler, assinar o nome e fazer conta e já cuidei de uma quitanda no Rio do Braço. Medo, só senti uma vez quando gostei de um homem, foi ele que me ensinou a ler.

Colocou o trapo ao lado do sabão e da bacia. Sorrindo, concluiu: — E nunca aprendi a roubar, nem sei por quê.

O LUGAREJO

INSTALADO EM TOCAIA GRANDE,
O NEGRO CASTOR ABDUIM ENFRENTA A SOLIDÃO

1

O corpo ensanguentado do porco-do-mato sobre o dorso nu, o alforje repleto pendurado ao ombro, um pano amarrado na cintura, Oxóssi surgiu da mata e andou em direção ao rio. No lume do sol Epifânia reconheceu o encantado pelo porte altivo e pela caça predileta, senhor das florestas e dos animais bravios. Na véspera enxergara de longe Xangô, na forja inventando o fogo. Xangô ou Oxóssi, o negro Tição Abduim atravessou a planura armado de faca do mato e de escopeta.

No Bidê das Damas, ampla bacia formada pela correnteza, Epifânia se banhava envolta em água e brisa, descansando da noite atarefada; sobre uma pedra o robe amarelo que acabara de lavar e o peso de sabão-massa. Na cidade da Bahia onde nascera, em casa de iiá Ouequé nas Sete Portas raspara a carapinha, fizera a cabeça a mando de Oxum, a vaidosa. Oxum, mulher de Oxóssi e de Xangô, mãe das águas mansas: Epifânia estremeceu, sentiu um frio nas profundas, arreganhou-se inteira.

O caçador arriou a carga no chão, mais adiante, onde o rio se alargava: da ferida mortal na garganta do caititu o sangue escorreu avermelhando o barro. Desatou o pano da cintura e o depositou ao lado do alforje, da faca e da escopeta. Fabricara ele próprio a lâmina comprida e larga, afiara a ponta e temperara o gume. Igualmente trabalho seu era o alforje de couro cru destinado a transportar caça miúda. Elevando os braços, mergulhou no rio para limpar-se do sangue que lhe cobria as costas. Epifânia alteara o busto para ver melhor.

Ao voltar à tona, enfim Tição a vislumbrou sentada em meio à encachoeirada correnteza: a figura de uma iiabá, na certa Oxum em pessoa, dona dos rios, em visita a distante província de seu reino. Antes que a visão se desvanecesse no revérbero da luz, ele a reverenciou tocando a testa com a ponta dos dedos e repetindo a saudação: ora-yê-yêwo. Mas como o sortilégio persistisse, firmou a vista, acenou com o braço e para entabular conversa pediu emprestado o pedaço de sabão. Ela pôs-se de pé exibindo os mamilos roxos e pontudos, os maduros seios, esguia de cintura porém farta de cadeiras. De tão retinta a pele negra era

azulada. A preta Epifânia na força da idade, perigo solto nas trilhas do cacau, andeja de sítio em sítio, arranchando onde houvesse animação.

Veio trazer a encomenda em mão equilibrando-se sobre as pedras lisas e escorregadias. O corpo de azeviche alumiava: lampejos de azul na lisa cor de breu. Tendo. feito a entrega, acocorou-se e assim permaneceu vendo-o ensaboar-se: a água nascia do ventre de Epifânia. Epifânia de Oxum, mulher de Oxóssi e de Xangô.

Ao devolver o que sobrara do peso de sabão, o negro segurou-lhe o pulso e a mediu no fundo dos olhos.

— Tição, já ouvi falar... — ciciou Epifânia deixando-se levar sem resistência, submissa.

Mergulharam juntos, enlaçados. Depois, ele a conduziu rio acima, mantendo-a presa contra o peito, nadando lentamente na celebração do encontro. Epifânia já não sentia a canseira da noite afreguesada. Quando avistaram na margem o corpo do caititu, perguntou para que ele novamente ouvisse e reparasse no rouco langor da voz noturna: — Foi vosmicê que caçou, meu pai?

Com um gesto de cabeça ele assentiu e sorrindo demonstrou contentamento: caça maior levantada em boa hora, muito a propósito. Dádiva de Oxóssi ou de Xangô, oferenda quem sabe de Oxalá. Num desvão da oficina situara o peji, assentara os santos: o arco-e-flecha, o martelo de duas cabeças, o paxorô. Esclareceu a razão do regozijo: — Amanhã é domingo.

— E o que é que tem? Nessa caixa-pregos que diferença faz dia de domingo pra dia de semana?

Recém-chegada, Epifânia não estava a par de hábitos e costumes. Não eram muitos mas cada um deles custara esforço, exigira habilidade, sobretudo paciência: Castor Abduim da Assunção quando assumia uma empreitada não costumava desistir ou voltar atrás.

— Depois lhe conto.

Estendeu no leito de pedras o corpo rendido da mãe das águas mansas, fitoulhe o rosto e tocou-lhe o ventre marcado por estrias longas: não as viu nem as sentiu. Via apenas a boca arfante entreaberta, os olhos lassos semicerrando-se; sentiu apenas a lanugem do pentelho, pixaim de doce tato. A correnteza cobria e descobria os encantados; o rio levou embora o cotoco de sabão.

2

Durante o dia a pasmaceira, o tédio. Habituado à convivência e à festa,

o negro Castor Abduim da Assunção, Tição de apelido, padeceu melancolia, carência e desamparo quando arriou os teréns naquela remota sesmaria para nela elevar casa de pedra e cal. Purgou seus pecados, se os tinha, mas não fugiu ao desafio da imensa solidão.

Decidira sozinho, responsável único, senhor de seu destino. Recorrera ao coronel Robustiano de Araújo obtendo dele empréstimo indispensável para instalar a forja, mas não lhe pedira conselho nem lhe prestara satisfação; nem a ele nem a ninguém. Assim agia desde que escapara da morte certa ao fugir, ainda adolescente, dos canaviais de Santo Amaro. Órfão de escravos forros, destinado por capricho de gringa a bufão e a lacaio, desafiara o baraço e o cutelo, a polícia e os capoeiras, o poder do senhor de engenho, rompera as cadeias da servidão. Ninguém mandava nele: ao castigar o Barão, extinguira o medo e a obediência.

Cabeça posta a prêmio, abandonou a perene festa do Recôncavo, deixando para trás e para sempre o brilho e a ostentação do açúcar: a casagrande, a capela, as cavalariças, o engenho, o alambique, a bagaceira. Não voltaria a acompanhar as procissões atrás dos andores dos santos, cada qual mais rico de ouro e prata; nos esconsos da antiga senzala, outro ogam assumiria O rumpi na orquestra dos atabaques para o toque do alujá em honra de Xangô nas noites dos orixás, cada qual mais imponente com os eirus, os xaxarás, os abebês. Voltara as costas às sinhás e às mucamas, aos requintes adulterinos das fidalgas, ao esplendor das mulatas perfumadas de alfazema. Abandonara para sempre e nunca mais os luxos de Oropa, França e Bahia, os canaviais, os batelões nas águas do Paraguaçu, a civilização dos senhores açúcar assentada no lombo dos escravos.

Saudades somente de seu tio Cristóvão Abduim, ferreiro exímio que lhe ensinara o oficio, alabê incomparável da orquestra no chamado do adarrum, que o iniciara no toque dos atabaques. O Recôncavo era uma festa só.

O Recôncavo era uma festa só, mas Tição não sentia falta da festa do Recôncavo. Contentava-se com o diminuto e xucro rancho de mulheres perdidas, amava a inculta paisagem grapiúna, as grandes extensões de mata virgem e o deslumbre amarelo das roças de cacau. Nos folguedos do engenho coubera-lhe o posto de obscuro figurante: serviçal, mero criado doméstico mesmo quando fornicava a Senhora Baronesa na alcova da casagrande, nos alvos lençóis de linho do Senhor Barão. Em Tocaia Grande, um homem livre: desafiando a solidão plantava as sementes de outra festa.

Apaixonado pela formosura do lugar, confiante em seu amanhã,

decidira fixar-se naquela nascente encruzilhada de tropeiros. Freguesia assegurada, o ganho dava para viver e juntar os tostões com que pagar o empréstimo do Coronel. Desobrigado para sempre da necessidade de alugar a força dos braços, a destreza das mãos, o tutano da cachola. No Recôncavo tudo estava pronto e acabado; ali tudo estava por ser feito.

Quando acendeu a fornalha, manejou o fole e abateu o malho sobre a bigorna, quando levantou a pata do burro Charuto para nela colocar ferradura nova arrancando vivas da assistência — putas, tropeiros, jagunços, seu Fadu e Pedro Cigano—, Tocaia Grande apenas passara de concorrido porém desabitado pouso de tropas de cacau seco, a mísero arruado: na Baixa dos Sapos as choças de palita das putas, no Caminho dos Burros casebres de barro batido, além do barracão do coronel Robustiano e da casa do turco, animado comércio de cachaça, fumo e rapadura.

Foi depois da chegada de Castor que se somaram à carreira de casebres, no Caminho dos Burros, algumas casas de tijolo e telha-vã. Com a construção da oficina, o arruado ampliou-se, cresceu em lugarejo, acolhendo novos moradores: pedreiros e ajudantes, carpinas e raspa-tábuas. Da mesma maneira que Lupiscínio e Bastião da Rosa, contratados antes por Fadul, também mestre Balbino e mestre Guido, Zé Luiz com sua mulher, Merência, chegaram em caráter provisório na intenção de permanecer apenas a duração da empreitada, foram ficando. Balbino, pedreiro de ofício, mestre-de-obras, Guido, marceneiro: marceneiro e não carpina, como frisava, com uma ponta de vaidade. Zé Luiz e Merência, ele atarracado e beberrão, ela grandalhona e emproada, haviam improvisado um forno no qual queimaram as telhas para a casa de Castor. Para atender encomenda maior do coronel Robustiano de Araújo, ampliaram a incipiente olaria, barro de primeiríssima qualidade.

Tendo decidido ficar de vez, Merência, cabeça do casal, tratou de erguer casa de alvenaria para nela alojar-se com o marido: na palhoça junto ao forno, Zé Luiz escapara por milagre de ser mordido por uma jararacuçu. Para os lados do rio, na Baixa dos Sapos, existiam lugares lindos, mas ela preferiu construir no Caminho dos Burros, ao lado do barraco de Lupiscínio; distante dos ranchos das putas, ruidoso reduto de pecado e bandalheira. A condição de mulher casada não a impedia de dar-se com as raparigas, não lhes negava o bom-dia e o boa-tarde, mas daí a ser vizinha de rameiras ia uma distância grande: não eram da mesma laia. Carradas de razão tinha Coroca, refletiu o carpinteiro: as ruas de frente são privativas das famílias, mesmo no cu do mundo.

Quando Tição chegou e acendeu a forja era cada um por si e Deus por

todos, como explicara o velho Gerino a Bernarda na noite de assalto e de vexame. Para não se transformar num vivente sombrio e triste, miserável, precisava modificar com urgência os hábitos e o procedimento dos minguados habitantes: implantar o convívio onde medrava a indiferença. Em Tocaia Grande, Castor Abduim enfrentou a solidão com o mesmo risonho desassombro com que se exibiu no tálamo de Madama, desabotoou os seios de Rufina e garguelou o Senhor Barão, em priscas eras. Se não decorrera tanto tempo, ao menos parecia.

3

Quem mais se alegrou com a presença de Tição Abduim em Tocaia Grande foi Fadul Abdala. Contente a ponto de destinar uma garrafa de cachaça para consumo grátis na tarde em que o negro suspendeu a pata do burro Charuto em. meio à gritaria do festivo corrilho reunido diante da oficina.

Tinham-se conhecido na fazenda do coronel Robustiano: o negro ferrando animais, o turco expondo as mercadorias da mala de mascate. Certa ocasião, estando os dois de passagem por Taquaras, juntos se encontraram em animado bailarico, prazenteiro dançarás na pensão da índia Alice: na hora de maior influência, apareceu uma súcia de desordeiros e o pacato bleforé acabou em água suja com pancadaria e tiros. Escaparam ilesos e o negro, além de ter esborrachado a cara de um dos valentões, tomara-lhe o revólver — quem não tem competência para manejar um pau-de- fumaça não deve sacá-lo da cintura, pode facilmente perder a arma e a chibança.

Fadul via em Tição uma garantia a mais contra eventuais e sempre temidas ameaças à tranquilidade do lugar. É bem verdade que Coroca dava perfeita conta do recado quando, na ausência do proprietário, cuidava do armazém, e que nenhum jagunço voltara a sobressaltar os habitantes de Tocaia Grande: antes de se decidir a fazê-lo o façanhudo devia pensar ao menos duas vezes. Os perigos haviam-se reduzido. De qualquer maneira, porém, a oficina aberta com o negro à frente significava mais uma razão de peso a desanimar ladrões e malfeitores. O comerciante e o ferreiro começaram por estabelecer um pacto: não se afastariam os dois ao mesmo tempo de Tocaia Grande; quando um deles necessitasse viajar, o outro se manteria a postos, pronto para intervir caso sucedesse novidade.

Entre o movimento noturno e o matinal ditados pela chegada e partida dos comboios, a insipidez se impunha, insuportável: os dois proscritos

enchiam as horas mortas conversando fiado, permutando memórias, recordando peripécias e lambanças, narrando contos da carochinha. Ou apenas faziam-se companhia em. silêncio: o árabe no apuro do narguilé, o negro rendilhando peças de ferro ou de latão.

Fadul gostava de apreciar o trabalho de Castor, ao mesmo tempo bruto e delicado, de vê-lo transformar inútil fragmento de ferro em prenda para mulher, anel ou broche, fazer de velho pedaço de lata útil vasilhame para o pote e o braseiro. Em troca, não havia ouvinte mais atento do que Tição às narrativas do turco, episódios da Bíblia, fantasias do Oriente, com profetas e tetrarcas, magos prodigiosos e apreciáveis odaliscas de umbigo à mostra. Olhos arregalados, boca em exclamações e riso, o negro acompanhava pelejas e intrigas, passo a passo, apaixonadamente. Não perdia detalhe mesmo quando o levantino, ao referir lance empolgante, para se explicar melhor explicava em árabe.

Acontecia uma rapariga sentar-se no chão ao lado deles para ouvir e conversar; vez por outra mais de uma: duas ou três. Então castor puxava o canto, formava-se a roda de coco, marcavam o ritmo com as mãos:

É de manhã É de madrugada
Vamos tirar leite Oh Maninha
Da vaca malhada.

As mulheres troçavam da pronúncia de seu Fadul mas ele não ligava, persistia animadíssimo no coro: menino, no Líbano, cantara na igreja da aldeia. Se coincidia Pedro Cigano estar presente com a harmônica, elas pediam a Castor a mercê de uma cantiga: o negro conhecia um ror de modinhas, tiranas e lundus, não se fazia rogar:

Se Deus me perguntasse
Que queres te seja dado
Quero viver na barra
De teu vestido encarnado.

Grave e quente a voz de Tição ressoava nas matas e nas entranhas. Extasiada, Zuleica, sirigaita trigueira e cismarenta, garantia que os pássaros silenciavam nas árvores para ouvi-lo cantar. Artes e mandingas de Castor Abduim, ferrador de burros: silenciava os pássaros, enleava as cobras, rendia os corações. Negro imaginoso e alegre, feiticeiro, sem ele que seria de Tocaia Grande?

4

Dantes, para saber a data do mês e o dia da semana precisavam consultar a única folhinha existente em Tocaia Grande, pendurada junto à porta no barracão de cacau seco. Por sinal, um cromo que dava gosto ver: paisagem hibernal de campo europeu, montanhas brancas de neve e um grande cão peludo conduzindo ao pescoço um barrilete, coisa de admirar. Colado sob a estampa um pequeno e volumoso bloco constituído de páginas impressas que designavam a data e o dia, a folhinha propriamente dita. Presente de ano-novo do coronel Robustiano de Araújo ao velho Gerino, cabra fiel.

Proprietário orgulhoso de tal preciosidade, Gerino exibia a pintura às raparigas e aos tropeiros, repetindo informações ouvidas do Coronel: nas estranjas faz um frio da disgrama e o barril está cheinho de cachaça para socorrer os necessitados. Calendário mais bonito e educativo não se podia desejar, porém inconstante e inseguro, pois o velho Gerino passava dias e dias sem arrancar as páginas da folhinha, e quando se lembrava fazê-lo, para atender à recomendação do Coronel, as retirava ao deus-dará: uma, duas, nunca mais de três para economizá-las, letras e números incompreensíveis para a quase totalidade residentes e passantes. A vida decorria em permanente atraso e ninguém poderia garantir com exatidão se estavam nos fins março ou nos começos de abril, se era quarta-feira ou sábado. E domingo, dia santo? Naquele então o domingo não existia em Tocaia Grande.

Sem saber se as chuvas cairiam adiantadas ou atrasadas, tornavase difícil conjecturar sobre o volume das colheitas temporão e na safra, prever a quantidade de cacau a ser produzidas pelas roças e fazendas na extensão do rio das Cobras, o montante da abastança.

Atrapalhação e barafunda: a alguns pouco importava mas outros se inquietavam e se afligiam. O turco Fadul tinha dinheiro a receber de fregueses a quem fiara ou emprestara a juros, pagamentos a efetuar a fornecedores, datas precisas umas e outras, anotadas em árabe num caderno. Merência considerava o domingo dia de descanso obrigatório conforme ordena e exige a lei de Deus — do Deus da presumida oleira, visto que o Deus de Fadul, menos ortodoxo, permitia o comércio dominical obviamente com justa elevação de preços e de lucros. Bernarda se agoniava tentando adivinhar os dias felizes das visitas do padrinho.



As visitas do padrinho, razão de sua vida. Antes, rápida parada — ai, rápida demais! — na ida e na volta entre as fazendas da Atalaia e da Boa Vista; ultimamente passara a demorar em companhia de Bernarda a noite inteira: ai, noite curta demais! Devido ao absurdo calendário de Gerino, até

o capitão Natário da Fonseca viu-se obrigado a alterar hábitos e horários.

5

O que dá para rir dá para chorar e vice-versa, afirmam as putas com conhecimento de causa. Bernarda comprovou o acerto do provérbio, pelo direito e pelo avesso, no diminuto e infinito curso de uma noite. Foi a partir da tenebrosa noite do pior dos abandonos, quando o sentiu perdido para sempre, que o padrinho resolveu modificar os horários e ampliar a exígua medida da bemaventurança. Bernarda segurara o choro no fundo da garganta, tinha prática de trancar lágrimas e soluços na caixa do peito; riu melhor pois riu por último ao decifrar motivo e consequência.

Na ida mensal à Boa Vista o capitão Natário da Fonseca aparecia no meio da manhã; na volta para a Atalaia apeava da mula no meio da tarde. Ensejo breve e dividido: todos queriam vê-lo, trocar dois dedos de prosa, saber as novidades; entretinha-se um tempão no cavaco com Fadul.

De manhã ou de tarde, enquanto Bernarda e o Capitão se fartavam e refartavam na cama de campanha, Coroca passava um café adoçado com rapadura para servir bem quente durante os minutos de conversação que precediam o bota-fora. Ao chegar da Atalaia, Natário referia notícias da família, de Zilda e dos meninos: sua madrinha mandou a bênção e esse pedaço de pano que é pra tu fazer uma saia. No regresso da Boa Vista, não tinha outro assunto além das roças recém-plantadas. Discorria entusiasmado sobre o satisfatório crescimento das mudas, perspectivas otimistas: contente, Bernarda batia palmas. Se, ao contrário, ele especulava sobre as chuvas, cuja duração podia modificar as previsões afogando os brotos, Bernarda conjurava os maus augúrios, anunciava o sol. Não esquecia de mandar pedir a bênção à madrinha na hora da partida. Hora penosa, arrenegada: teria de arrastar um infindável mês para tê-lo de novo contra o peito, minguados segundos para o desmedido anseio. Quando demoraria com ela uma noite inteira, das sombras do crepúsculo à alva do dia? Quando, Padrinho?

Pois não é que, numa daquelas distantes tardes de outrora, ao saborear o cafezinho de Coroca, o padrinho informara inesperadamente que daí a quinze dias regressando da festa de casamento de uma filha de Lourenço Batista, chefe da estação de Taquaras, pernoitaria em Tocaia Grande, viria esquentar a cama da afilhada? A noite inteirinha com ela? Ai, benza Deus! Notícia mais apetecida e grata, custava acreditar fosse verdade. Acendida, sem caber em si, pediu que o padrinho repetisse o dia certo. Não havia como errar: passado o próximo domingo, o outro, menos de duas semanas.

A noite inteira.

Não havia como errar, reafirmou Coroca depois que Natário esporeou a mula e ganhou a estrada. As páginas impressas em preto no bloco da folhinha indicavam os dias da semana, de segunda a sábado, mas o de domingo destacava-se em vermelho, para diferenciar o dia santo, dia de festa. Ainda bem que existia o calendário de Gerino, pois em Tocaia Grande os dias transcorriam iguais, e festa havia unicamente quando Pedro Cigano inventava um forrobodó em noite de muita concorrência de tropeiros e passantes.

O desinteresse de Bernarda pelo calendário dependurado na parede do barracão converteu-se em extremo cuidado: passou a ir quotidianamente, logo de manhã, constatar o vagaroso decorrer do tempo. Viu aparecer e desaparecer a primeira página vermelha no pequeno maço da folhinha, ficou à espera da segunda, de tal forma impaciente e aflita a ponto de um dos cabras comentar: — A moleca viu passarinho verde. Vive num pé e noutro.

— Bernarda não é certa da cabeça. — Assegurou Gerino recordando-a, irada e insultuosa, na noite dos jagunços.

Como poderia ela adivinhar que o vistoso calendário estava atrasado de três dias? Contratada para a noite toda por um alugado — dinheirinho suado no cabo do facão e da enxada, poupado vintém a vintém na intenção de folgar sem pressa, à la godaça, com a falada Bernarda — estava ela bem do seu na cama, embaixo do sujeito, a cabeça posta no padrinho, quando percebeu leve ruído em frente à casa. Prestou atenção: do lado de fora alguém tentava abrir a tramela enfiando um punhal na fresta da porta. Bernarda teve um sobressalto, moveu-se; o fulano gemeu de prazer ao sentir o inesperado requebro, acelerou o ritmo da metida: que mulher! Bem lhe haviam dito.

Bernarda soube em seguida e com certeza absoluta: era o padrinho, adiantara a data da viagem. Quis levantar-se, não deu tempo. Na chama acanhada do candeeiro aceso na sala viu a sombra desabar sobre a cama de campanha e o vulto postar-se à porta do quarto ordenando sem elevar a voz — bastava a autoridade:

— Dê o fora depressa, camarada.

No escuro, o alugado não reconheceu o intruso. Mulato corpulento, habituado a fuzuês em casas de mulheres da vida, imaginou que tinha a ver com um desses bêbados enxeridos, muita farromba e pouca sustância. Ainda em cima de Bernarda, falou grosso: — Dar o fora, por quê? Não se faça de besta!

— Porque eu tou mandando.

— E quem é você para mandar em mim? — Foi se levantando, disposto a dar uma lição no insolente.

— Sou o capitão Natário da Fonseca. — Afastou-se deixando a porta livre, o aço do parabelo cintilou no bruxuleio do fifó.

— Pelo amor de Deus, não atire, Capitão!

Arrebanhou as calças e a camisa, disparou porta afora, sumiu no mato, só parou de correr quando se considerou a salvo. Muita sorte tivera: enxergara o Capitão antes de cometer a loucura de meter-lhe a mão na cara e condenar-se à morte. Com aquela desvairada, por melhor fêmea que fosse — e era! — não voltaria a se deitar, nem de graça, Deus o livre e guarde.

Bernarda pôs-se de pé, atarantada, sem palavras, nem bênção lhe pediu. Natário guardou a arma, o rosto impenetrável, a voz severa, rigorosa: — Avisei que vinha dormir aqui no dia de hoje. Se esqueceu?

— Padrinho disse que ia vir no domingo. Inda hoje espiei na folhinha de seu Gerino.

Do outro quarto chegou a voz de Coroca: — É deveras, fui junto com ela, marcava quinta-feira. — Tendo dito, voltou a seus cuidados: tranquilizar o parceiro. apavorado que propunha pagar e ir-se embora: — Fique descansado, moço, não tenha medo.

O Capitão sentou na cama, retirou o cinturão, começou a descalçar as botas: — Vá se lavar.

Bernarda saiu disparada em direção ao rio mas voltou do meio do caminho na mesma correria em busca do sabão: a água não bastava para limpar a pele do suor e da lembrança do cagão.

Ao regressar molhada e imaculada, pronta e feita para as núpcias com o padrinho, encontrou-o dormindo aparentemente a sono solto, nem sequer tirara a calça. Bernarda ficou baratinada sem saber o que fazer. Sentou-se na viga da cama, tocou-lhe o rosto de leve com os dedos úmidos. Sem abrir os olhos, o padrinho virou-lhe as costas. Estaria realmente adormecido ou desapiedado a repelia? Na fumaça da candeia ele a enxergara debaixo de outro, se ofendera, já não a queria de xodó.

Jamais dera mostras de ciúme, não a guardara exclusiva para si em mancebia. De passo por Tocaia Grande tomava-a nos braços com arrebatamento e doçura, como se rabicho houvesse, ao menos isso. Não trocavam palavras de carinho, juras e promessas e não era preciso, pois estavam juntos na cama. Cavaleiro e montaria, cavalgavam-se; cão e cadela, lobos esfaimados, devorando-se. Nos intervalos conversavam sobre as

roças e os familiares, preocupações e devaneios, a casa que ia construir para ele e Zilda no cabeço do morro. Quando, Padrinho? Não corria dinheiro, não havia pagamento, não se papo bemquerer. Se por acaso Bernarda pretendia algo a mais, em nenhum momento deu a entender, insinuou ou pediu, contentando-se com o que ele concedia e consentia.

Mal sentada na trave de madeira da cama de campanha, velou o sono de Natário durante a noite aziaga. Não pregou olho, maldita e desgraçada. Abandonada. Tanto sonhara e desejara tê-lo consigo por uma noite inteira! Sem que ela pedisse ou suplicasse, o padrinho decidira vir de moto próprio, sentira vontade ele também: ali o tinha, antes não o tivesse. Alheio, indiferente, perdido para sempre. Voltara-lhe as costas, tudo se acabara. Pior que a ausência era o desprezo.

Quando o sentiu ressonar, enfim dormido de verdade, levantou-se de manso, acolheu-se no peito do padrinho como fazia antigamente: ele na rede de solteiro, ela menininha. Recordou o bom e o ruim, a baba do pai em sua boca, a mãe morrendo inerme, a fome, a fuga e o reencontro, a primeira vez no catre da choupana e o par de argolas, brincos dourados, presente que dele recebera e vaidosa usava quando se juntavam. Assim, passo a passo, foi se dando conta do aparente e do deveras e compreendeu que a zanga e o desprezo não passavam de engano e fingimento para ocultar ciúme e mágoa, dor-de-corno. Sinal que gostava dela, não a considerava uma puta de coxia, igual a tantas outras com as quais se acasalava na perdição do mundo do cacau. Tampouco rabicho passageiro que faz rir mas não faz sofrer.

Antes da alva, tendo afastado o corpo de Bernarda de cima do peito, devagarzinho para não acordá-la, Natário se levantou, saiu para urinar e tomar banho. Alvoroçada ela saltou da cama, colocou as argolas nas orelhas, correu atrás do padrinho. De longe o espiou agachado no mato. Reencontraram-se na beira do rio, ela o fitou nos olhos: — Não tive culpa.

— Tu me disse. Inda assim, fiquei com raiva.

Bernarda ajudou-o a tirar as calças, dissolviam-se as trevas e as estrelas, chegara o fim da noite. Não houvera ofensa nem descaso, injustiça ou ameaça. Penas de bemquerer, dor-de-cotovelo: inda assim, fiquei com raiva, dava para chorar e para rir.

Na despedida Natário preveniu:

— Volto daqui a sete dias para passar a noite. Conte nos dedos para não errar de novo.

Se quis dar à voz entonação de ralho e de advertência, não conseguiu: com a mão afagava os cabelos da afilhada e na face imóvel do padrinho,

carranca talhada na madeira, Bernarda enxergou a sombra tímida de um sorriso.

6

Instalado em Tocaia Grande, o negro Tição instituiu o dia de domingo ao assinalar com acontecimento marcante e permanente o início da semana: congregou os habitantes num almoço.

Concorrendo para evitar tratantadas, pecados, desenganos, servindo ao comércio, à religião e à benquerença das criaturas.

Caçador inveterado, a mata lhe fornecia o necessário para variar o de-comer. Amigueiro, nos dias de fartura destinava parte da caça a presentear os moradores mais chegados, ora um, ora outro. Tendo uma rapariga lhe perguntado o motivo por que não vendia em vez de dar — poderia embolsar um rico dinheirinho respondeu não ser aquele o seu oficio, ganhava a vida com o trabalho na oficina. Tampouco cogitou de auferir lucro, não o moveu qualquer ganância quando decidiu fabricar carnede-sol e a seguir dedicou-se a organizar o almoço dos domingos. Pensou apenas em melhorar a bóia e em reunir o escasso povo do lugarejo.

Para fabricar carnede-sol contou de imediato com o apoio de Fadul — quem sabe será um bom negócio? — e com a decisiva colaboração da preta Dalila de volta a Tocaia Grande. Não houve de parte da suntuosa quenga segundas intenções quando se ofereceu para colaborar; nem por ser especialista, de prática comprovada, exigiu paga ou beneficio: colaborou de mão beijada. Após o susto que raspara quando Janjão Fanchão ameaçou enrabá-la, a rapariga desaparecera, certamente em busca de paisagens menos adversas onde pudesse rebolar em paz o cobiçado fiofó. Palmilhou léguas de chão: ao dar-se conta viu-se novamente naquelas perigosas bandas. Constatou o crescimento do lugar: mais gente, novos barracos, menos riscos e a forja acesa.

A par dos malfeitos e das intenções dos falecidos, dos planos de Janjão, Fadul comunicou a Dalila com evidente satisfação a morte do fanchono. A rapariga já sabia: o acontecido causara alvoroço, dera o que falar; o zunzum se espalhara, fora alcançá-la em Itapira, onde ela se detivera no decurso da entressafra. Assim tão longe? Como lhe digo.

— Diz-que caparam ele, foi bem feito. Deus é grande.

Não tendo interesse em desmentir os cruéis detalhes das contraditórias versões sobre o fim dos bandidos, muito ao contrário, Fadul desviou o rumo da conversa: — É verdade mesmo que tu é cabaço por de trás?

Dalila não se deu por achada, respondeu na bucha, categórica e

enigmática: — A pulso, seu Fadu, nem na frente, quanto mais atrás.

Nada acrescentou por não ser hipócrita como tantas outras. Sentimental, quando enxodozada nada sabia recusar; quando necessitada curvava-se a polpuda oferta: a culpa era de Deus que a fizera tão bem servida. Deixou o curioso no ora-veja: a pulso, antes a morte, seu Fadu.

Entretinham-se a rapariga e o turco nessas astúcias e negaças quando Castor apareceu com o convite: não queria Fadul se associar a ele num empreendimento de sucesso imprevisível? Pensava fazer carnede-sol, nunca fizera antes mas experimentar custava pouco. Na fazenda do coronel Robustiano vira os sertanejos salgar a carne de boi nos dias de abate e expô-la ao sol, resultava num manjar ainda mais apetitoso que jabá. Entraria com a caça, o turco com o sal, que lhe parecia?

Dalila rabeou os quartos ofuscando o sol e se declarou entendida e prática na matéria. No alto sertão onde nascera, em meio à criação de gado, o povaréu vivia disso, de salgar carne fresca transformando-a em carnede-sol por conta do coronel Raul, o mesmo, diga-se de passagem, que lhe tirara os tampos. Salgavam também porcos e bichos menores, aves diversas, fritavam passarinhos para comer e vender na feira. Dos passarinhos mastigava-se tudo, até os ossos.

Inicialmente constituída pelos três parceiros — a caça de Tição, o sal de Fadul, a perícia de Dalila — a sociedade logo se ampliou: se sociedade podia se chamar o reduzido mutirão. Lupiscínio e Bastião da Rosa armaram um varal onde pendurar a carne salgada. Outras mulheres vieram ajudar e houve grande influência na beira do rio, durante a salmoura. Trocaram dichotes, pilhérias, gargalhadas, uma diversão. Muito trabalho, pouca carne, suficiente todavia para que cada um tivesse seu quinhão. Fadul verificou que para negócio não sobrava, ainda assim pagava a pena: nem tudo é dinheiro nesse mundo.

O sol forte colaborou para o êxito da experiência; durante aqueles dias afanosos não choveu. Quando Dalila, do alto de seus tamancos e de sua competência, anunciou que a carnede-sol estava no ponto de ir para o fogo e ser comida, improvisaram um verdadeiro festim. Numa panela de barro Bernarda e Coroca cozinharam parte da carne no feijão, Zuleica torrou farinha na graxa da fritura, Cotinha fez doce de jaca — e ninguém dava nada por Cotinha! Arrecadaram alguns tostões para comprar a Fadul uma garrafa de cachaça, o próprio vendedor contribuiu reduzindo o preço. Terminou em cantoria.

Assim nasceu a ideia do almoço dominical. Animado como ele só, Tição foi o autor da proposta que mereceu caloroso aplausos dos comensais: um

almoço que os reunisse uma vez por semana para encher o bandulho, conversar e rir. De começo uns poucos, logo os demais foram aderindo.

No toldo em meio ao descampado, aos domingos, aglomerava-se a vasqueira população na hora do sol a pino. Tição e Fadu, Gerino e os cabras do barracão, Guido e Bastião da Rosa, Balbino e Lupiscínio, Coroca e Bernarda, Zé Luiz e Merência, Zuleica e Dalila, a doceira Cotinha. Fornecendo mantimentos ou trabalhando, quase todos concorriam para o rega-bofe, todos dele participavam. Quando presente, Pedro Cigano entrava com a música, além de cantoria havia dança.

Merência dava graças ao Senhor pelo dia santo, Fadul acompanhava a prece murmurando em árabe, as putas diziam amém. Tropeiros retardavam a partida dos comboios para comer e beber em companhia.

A PEDIDO DE EPIFÂNIA, O NEGRO CASTOR ABDUIM

ORGANIZA A FESTA DE SÃO JOÃO

1

Certa manhã cedinho, o negro Castor Abduim estava ferrando o burro Piaçava quando, ao desviar os olhos para interior da oficina, reparou no cachorro estendido ao pé da forja.. Imaginou que o vira-lata pertencesse a Lázaro, veterano dos atalhos de Tocaia Grande, ou a Cosme, filho e ajudante, moleque metido a sebo. Seria aquisição recente, pois não se lembrava de tê-lo visto nos rastros do comboio. Encharcado, aproveitava o calor do fogo antes de retomar a caminhada. Tição não lhe invejava a sorte: tempo de esconjuro.

Devido ao mau estado dos caminhos — caminho digno desse nome já não havia, trafegavam num arriscado e contínuo lamaçal — Lázaro chegara noite velha, praguejando: no meio da jornada lenta Piaçava perdera uma ferradura, passara a mancar aumentando o atraso. Esteira de puta àquela hora nem a tapa.

Madrugaram na porta do ferreiro, pretendiam alcançar Taquaras antes da saída do trem. Enquanto Cosme reforçava os nós nas lonas colocadas sobre a carga para defendê-la da chuva fina e persistente, Lázaro detinha-se a admirar a precisão e a destreza de Castor. As cabeças e os ombros cobertos com sacos de aniagem convertidos em capas e capuzes, pés descalços, calças arregaçadas, pai e filho patinavam na lama, arrenegavam o céu encoberto, opaco e triste.

Não se tratava de nuvem repentina, pé-d'água brusco e rápido, um daqueles aguaceiros de verão que não deixam vestígios, não chegam a apagar o olho do sol. O inverno começara, chuva incessante, dias feios, noites frias, horizonte cinzento, a lama e a morrinha.

Nos arruados e nos lugarejos, nos pontos de pernoite, tropeiros e ajudantes buscavam o aconchego das raparigas; nas bodegas e vendolas temperavam a garganta, esquentavam o peito com um trago de cachaça. Antes de ganhar a estrada, Lázaro e Cosme matariam o bicho no cacete armado de Fadul. Na véspera, haviam chegado tarde para as putas. Em matéria de mulher e em outras mais tinham gostos similares, é natural; na estrada, calados, atentos aos barrancos e despenhadeiros, vinham ambos

na tenção de Bernarda. O devaneio aliviava a canseira, encolhia as léguas do estirão. Se não pudesse ser Bernarda, tão cobiçada, outra qualquer remediava.

Bem calçado, Piaçava zurrou, escoiceou o ar, juntou-se à tropa. Lázaro chalaceou ao efetuar a paga: — Tá contente, de borzeguim novo o fio da puta.

Cosme tangeu os burros, Castor desejou boa travessia, entrou na oficina — mais tarde quando a chuva abrandasse iria recolher a caça. Junto à forja, o cão levantou a cabeça, abanou o rabo.

O negro, pondo as mãos em concha em torno à boca, gritou: — Lázaro! Olha o cachorro!

Lázaro suspendeu a marcha: — Que cachorro?

— O que veio com ocês.

— Com nós? Com nós não veio nenhum cachorro, tu tá vendo assombração.

Se não viera com a tropa de Lázaro, com quem então? O dono há de aparecer, pensou o ferreiro. Na intenção de tirar o caso a limpo sentou-se na cadeira de Xangô: assim denominara um pedregulho quadrado, trazido da mata, colocado ao lado do peji. Estendeu a mão, o vira-lata tentou pôr-se de pé, mal conseguiu manter-se sobre as patas. Achegou-se a custo, descadeirado, agitando a cauda. Observando-o mais de perto, lasso e descarnado, transido e imundo, os ossos furando a pele, Tição concluiu tratar-se de cão sem dono, trota-mundos, em demanda de sobejo de comida e de cadela em vício. Da mesma maneira como chegara iria embora.

De leve o acarinhou, coçandolhe a cabeça. Depois apalpouo com cuidado: recebera violenta pancada nas traseiras, ficara derreado. Ganiu ao sentir a mão do negro tocar-lhe os quadris caídos, latiu quando a pressão se fez mais forte, mas não tinha osso partido. Enquanto durou o exame não deixou de festejar Castor, balançando a cauda enlameada, carente de pêlos, lastimosa. Era de tamanho mediano.

2

Com os latidos, Epifânia veio curiosa lá de dentro ver o que estava acontecendo. Um trapo de chita florada ao redor da cintura, os peitos à mostra, parecia imune ao frio da madrugada. Espantou-se ao ver o cão, sujo e pedinchento. Perguntou, compadecida: — De onde saiu essa alma penada?

— De lugar nenhum. Apareceu.

Como chegara, de onde viera, Castor não soube responder: de repente manifestara-se ali a quentar fogo. De repente? Epifânia não costumava se espantar: tinha decifração para as coisas mais difíceis de explicar. Nada lhe parecia confuso, ambíguo ou obscuro; para ela tudo era claro, de fácil entender. Tudo menos o negro Castor Abduim.

— Reinação do Compadre. — Referia-se a Exu, o traquinas, o pregador de peças. — Assunte no que lhe digo, junte as pontas e desate o nó. Tu não dá comida pra ele toda segunda-feira? Pra quem é o primeiro gole da pinga que tu bebe? Não é pra ele? E arresponda: quem já viu na terra caçador caçar sem cão? Exu não falta a quem goza de sua estimação.

Foi buscar água numa cuja. O cachorro bebeu avidamente. Quanto aos restos de carne e de feijão, sobras da véspera, considerou-os com suspeita; demorou-se a cheirá-los, indeciso, duvidando lhe coubesse tanta sorte. Os olhos temerosos iam de Castor a Epifânia suplicando licença e garantia. Em outras ocasiões dera-se mal.

Cheia de dó, Epifânia empurrou o caco de barro com a comida para debaixo do focinho do coitado: só então ele engoliu o bolo de carne e de feijão de uma bocada — não fossem se arrepender. Depois, estendeu a língua; lambeu a mão da negra que se acocorara ao lado de Tição.

— Tadinho dele, morto de fome.

— Judiaram do bichinho, tá com os quartos arriados. Foi corrido no cacete.

— Com tanta lama não dá para atentar na cor, pra saber se é branco ou pardo, mas arrepare: tem uma mancha preta no peito, outra na testa. Vai ver, é até bonito.

— Bonito?

Castor riu, incrédulo: coração de ouro igual ao de Epifânia estava por nascer: soberba e embusteira, certamente, mas bondosa e prestativa como nenhuma outra. Estalou os dedos, chamando aquela alma penada — assim ela dissera condoída — que ali se refugiara: — Vem cá, alma penada.

Num esforço, o cão conseguiu manter-se de pé, aos tropeços se aproximou. Latiu forte, a cauda ao alto, alvissareira: esquentara-se ao fogo, recebera água, comida e afeto. Por Alma Penada atendeu a partir daquele instante.

Afora Epifânia, autoridade em encantados e bruxarias, macumbeira, pessoa alguma soube jamais de onde o cachorro viera e como chegara até aquelas bandas. Não se teve notícia certa nem boato duvidoso, sequer um pode-ser-que-seja. Ninguém o reconheceu nem o reclamou. Também não foi embora como Tição previra. Se dantes não tivera dono passou a tê-lo.

Gostou da casa, reconheceu o amigo e o adotou.

3

Epifânia andou até à porta da oficina expondo-se à chuva miúda, ininterrupta: não dava para ver o céu. Lastimou-se: — Tou com um peso no peito, uma gastura. Até parece que me botaram olhado. É bem capaz.

Tição se levantou, queria tirar a limpo uma cisma que o espicaçava havia dias: — Ocê anda mesmo jururu. Océ tá...

Na manhã de sol nem um raio de luz nem um pingo de calor. Epifânia, quem sabe de propósito, o interrompeu: — Lugar mais atrasado nunca vi; aqui não se brinca nem o São João. Arrenego!

Mas ele prosseguiu e completou: — Océ tá querendo ir embora, não é mesmo?

Epifânia marchou para Castor, se rebolando toda, o colo e os seios chuviscados. Ao chegar diante do negro colocou-lhe as mãos nos ombros largos e o afrontou, voz de queixa e desafio: — Tu não ia se importar nem um pouco.

Sabichona, aproximou o corpo: conhecia seus poderes e as fraquezas do malungo. Ele refletiu antes de revidar: — O que ocê quer saber é se vou me danar, ficar embezerrado, pra rir de mim. Ocê é dona de fazer o que quiser. Nós não tem papel passado e não há bem que sempre dure, ocê mesmo disse e arrepetiu. Se alembra? Mas não diga que não me importo.

— Importa nada. Tu não gosta nem de mim nem de nenhuma. Mas um dia tu há de gostar deveras e aí tu vai sentir. Vai roer beira de sino, vai saber o que é bom. — Nos braços o envolveu.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Que não gosto de ocê? Não tá vendo, não tá sentindo?

Sentia contra as coxas o retesado malho: — Pra ir pra cama tu gosta, sim. De mim, de Zuleica, de Bernarda, de Dalila, gosta até de Coroca, de qual é que tu não gosta? Cambada de bobas, tudo doida por Tição, a começar por eu. Diz-que em Taquaras é igual. Tu sabe o que tu é?

O corpo do negro junto ao seu, a tesão crescendo, a quem os poderes e as fraquezas? Fechou os olhos: de que adiantava ser esperta, trapaceira? Enrabichada, consumida, terminava sempre por arriar as armas no auge da porfia.

— Tem vez que penso que tu não passa de um menino grande, sem juízo nem querer. Tu faz por parecer. Mas tu é o Capeta.

— Océ ainda não arrespondeu: tá pensando em arribar daqui?

Sem desfazer o abraço, Epifânia afastou o corpo: — Tu quer mesmo

saber? Nunca na minha vida passei um São João sem pular fogueira, sem assar milho, sem comer canjica, sem dançar quadrilha. — Olhou para fora, a chuva apertava no céu de chumbo: — O mês de junho tá chegando. Pra mim não há festa que se meça com a de São João.

Tendo esvaziado o peito, sentiu-se estouvada e triste; voltou a encostar-se inteira, mesmo chuviscada aquecia mais que a forja, seu calor queimava — naquela altura já não interessava saber quem se renderia antes: — Não pensava pousar aqui por tanto tempo, tu me amarrou os pé. Mas tu nunca pediu pra mim ficar.

— E carecia?

— Pra tudo tu tem resposta, tu é o Capeta em pessoa. Já tinha acertado com Cotinha, mas por tu sou capaz de esquecer o São João.

— Ocê gosta tanto assim do São João?

— Por demais!

Ela desejava as fogueiras acesas, a batata-doce, o milho verde, as paneladas de canjica, as pamonhas, os manuês, o licor de jenipapo, os passos da quadrilha — merecia. As outras todas igualmente mereciam. Tição correu a mão na bunda altiva de Epifânia. A negra Epifânia, mandona, ladina, os homens comendo em sua mão, arrastando-se a seus pés tratados no relho e na espora: derreada nos braços de Tição, sem ação, sem mando, quem diria?

— Se ocê quiser pode ir brincar o São João num lugar maior, mais influído. Mas vá sabendo que de todo jeito, nesse São João vai ter festa em Tocaia Grande. Na véspera e no dia.

— Quem vai fazer? Tu?

— Também gosto e sinto falta.

— Tu vai fazer pra tua negra?

— Pra ocê e pra todo mundo.

— Negro arteiro que tu é. Só quero ver.

— Pois vai ver.

Epifânia arrulhou, ganiu subjugada, fendeu-se num vagido: — Tou com um quebranto no corpo: tu me enrolou, botou olhado em mim. Tu é Exu Elegbá, tu é o Cão.

— Meu nome é Castor Abduim, as meninas me chamam de Tição, um bom rapaz ou ocê não acha?

O vira-lata os acompanhou com o olhar quando tu e ocê, o malungo e a malunga, rindo um para o outro, voltaram para o quarto atrás da oficina: ao ouvir a rede gemer, Alma Penada escondeu o focinho entre as patas dianteiras e adormeceu.

4

Derretida em riso na porta da oficina, Epifânia sustentava nas duas mãos a pedra grande e pesada: — Encontrei no rio, achei bonita, trouxe pra tu.

Mulher madura e calejada, corpo e coração curtidos, tinha artes de menina, influída de graça e fantasia. Um seixo, um fruto, uma flor, um assustado calango verde: um presente a cada dia, além dela própria a qualquer hora, dádiva principal. Negro, redondo e liso, o calhau rolou no chão; a risada marota cresceu nos lábios carnudos da rapariga: — Não arremeda um colhão?

Parecer, parecia: um colhãozão enorme e preto, o de Oxalá, outro não podia ser. Tição riu com a desavergonhada; a arrogância a fazia agressiva e insolente; tirante, porém, esses ipicilones, era querida e cativante.

— O colhão de Oxalá! Vou botar no peji.

Os orixás viviam no peji, deuses poderosos e paupérrimos. Para que ela o entregasse a Oxum em oferenda, Castor trabalhou no fogo e no martelo um abebê de latão com um pequeno espelho cravejado ao centro; o flandres alumiava como se fosse ouro, resplandecia: uma opulência. Colocado no peji para uso e desfrute da mãe das águas mansas, de lá Epifânia o retirava para com ele se abanar e nele se mirar. Qual das duas a mais vaidosa? Oxum ou sua filha?

Epifânia possuía um colar amarelo de contas africanas, seu maior tesouro, e um jogo de conchas mágicas com o qual podia adivinhar. Algumas raparigas tinham-lhe medo, guardavam distância; assustadas, diziam-na feiticeira.

Dera com os costados em Tocaia Grande durante a entressafra, cruzando caminhos fáceis e seguros, o sol do verão no comando da vida e das criaturas. A pobreza do arruado se dissolvia na paisagem incomparável, na formosura do lugar. Não havendo cacau a transportar, o movimento de tropas e tropeiros decrescia na entressafra. Um bicho-carpinteiro no cu, as raparigas não esquentavam pouso, tocavam-se para praças populosas de freguesia estável. Enfrentando concorrentes poucas e mixes, Epifânia reinou quase absoluta na Baixa dos Sapos e na oficina de Castor Abduim. Na estação do calor não houve esteira mais requisitada, mulher-dama mais em moda — à exceção de Bernarda. Mas Bernarda não contava: bezerra nova, exercia em cama de campanha, habitava casa de madeira e se fazia de rogada, desdenhosa.

Epifânia achou Fadul bem-apessoado, deitou-se com ele na noite da

chegada, voltou a fazê-lo repetidas vezes, apreciou a magnitude e a destreza da estrovenga mas não se deixou embeiçar, pois de imediato caíra enrabichada por Tição vendo-o de longe na forja desatando fagulhas, esgrimindo labaredas. Xodó vivese um de cada vez, não sendo assim não é chamego verdadeiro, é engano e traição que se finda em xingamento e choro, quando não em facada e tiro. Epifânia considerava xodó assunto sério e complicado: ventura e sofrimento, harmonia e desavença, pugna e reconciliação. .A reconciliação dobra e tempera o apetite.

Tendo a cabeça feita por Oxum, ou seja, personificando o dengue e a vaidade, prenha de caprichos, em certas horas mais parecia filha de Iansan empunhando bandeiras de guerra para impor-se soberana. Os caprichos, Tição os tolerava sorridente, achando graça, satisfazia-lhe as vontades. Mandar nele, porém, ninguém mandava.

No mesmo dia do encontro no rio, ao ocupar a rede na oficina para prosseguir na vadiação, Epifânia preveniu, disposta a ocupar o trono e a ditar a lei:

— Não vá querer montar em meu cangote só por me ver enrabichada. Nós não tem papel passado e não há bem que sempre dure. Tou hoje aqui com tu na rede, amanhã tou com o pé na estrada buscando minha melhoria.

— Não gosto de mandar... — respondeu Castor pondo-se nela: — . ..nem de ser mandado.

Sendo negra cor de breu, uma pé-rapado sem ter onde cair morta, desacatava como se fosse gringa, branca, cor-de-rosa e rica; puta de ofício, dava-se ares de senhora dona bem casada. Zangava-se facilmente, arrebanhava a saia, arrogante partia por aí afora:

— Se tu quiser mulher, arranje outra, comigo não vai ser mais.

Passada a raiva, arrependida, retornava para fazer as pazes e tirar o atraso. Aconteceu em mais de uma ocasião encontrá-lo acompanhado: ocê mandou eu arranjar outra...

Ficava fula, fora de si, ameaçava com paus e pedras, com ebós fatais. Certas raparigas suspiravam por Tição, negro bonito, mas arrepiavam carreira para não se expor a macumbas e mandingas. Contudo, havia quem enfrentasse o risco: a ousada Dalila, por exemplo. Corpo fechado, nela nada pegava, nem veneno de cobra, nem bexiga, nem coisa-feita por cabrona despeitada. Declarava-se filha de Obaluaiê, o Velho.

Malgrado as novehoras e os calundus, valia a pena. Valia a pena ver Epifânia atravessar impávida o descampado fazendo frente ao sol: Castor enxergava lampejos de azul na pele negra de azeviche como outrora

percebera variações de ouro na cútis branca de neve da Senhora Baronesa. Eis com quem Epifânia parecia: com Madama. Eram as duas iguaizinhas: mabaças, irmãs gêmeas.

Na mesa de jantar na casagrande a fidalga exibia no decote do vestido de Paris uma flor rara, colhida no jardim. Apenas o Barão saía a fumar na varanda ali ao lado o charuto que tanto a incomodava, a descarada chamava o lacaio com o dedo e lhe dizia:

— C'est a toi, mon amour. — Alargava o decote revelando os seios: — Viens chercher... — a voz desfalecente.

Epifânia chegava com uma flor do mato espetada no rasgão da bata de baiana, curvava-se para que ele a retirasse e visse os mamilos tesos: — Achei bonita, trouxe pra tu. — A voz no último estertor.

Iguais no descaramento, na vaidade, no dengue, no capricho, duas iiabás iguais no despotismo. Uma e outra com a mesma única tenção: mandar nele, quebrar-lhe a castanha, pôr-lhe sela e freio, meter-lhe a espora.

5

Atravessar o verão foi fácil e agradável. Menina alegre, travessa, risonha, mulher sazonada, fogosa, limpa; companhia prazerosa na cama, no forró, na roda de coco, no almoço dos domingos, numa simples cavaqueira. Onde aparecia era bem vista, saudada com alvoroço. Com ela a lavagem de roupa na correnteza do rio virava uma folia; sabia casos, tinha ditos engraçados. Admirada e temida, Epifânia se impôs, comeu e arrotou.

Temida por causa da feitiçaria, dos bozós. Jogava os búzios, descobria o que fazer para amarrar um homem no rabo da saia de qualquer fulana ou vice-versa, para acabar com o chamego mais fixe, para unir e separar casais: despachos infalíveis. Assim constava e se dizia. Não era pabulagem nem balela e a prova estava ali à mão: o acontecido com Cotinha, Zé Luiz e Merência. Dera o que falar, motivo de espanto e gozação. Que outra coisa além do ebó poderia justificar o desatino de Zé Luiz?

Ao chegar a Tocaia Grande, antes de possuir palhoça própria — aliás posta de pé num piscar de olhos, em menos de meio dia de trabalho por diversos voluntários, todos eles contentes de agradar à recém-chegada, a quem Fadul fornecera a crédito esteira, sabão, agulha, carretel de linha e outras miudezas —, Epifânia encontrara pouso no barraco de Cotinha de quem se fez amiga. Tempos passados, a pedido da baixinha, preparou um bozó com folhas escolhidas e o coração de um nambu obtido na caça de Tição e o colocou no caminho da olaria. Tiro e queda; o troncho Zé Luiz

começou a arrastar a asa a Cotinha, meteu-se com ela de cama e mesa, passou a gastar o que tinha e o que não tinha, a esbanjar tijolos e telhas. Regulavam os dois a mesma altura, um par de cafuringas.

Quem não se conformou com o êxito da coisa-feita foi Merência ao dar-se conta dos desperdícios do marido. A cachaça e a descaração são vícios masculinos incuráveis: uma boa esposa não pode proibi-los mas deve limitá-los; assim ela fazia, fornecendo ao cara-metade, nos fins de semana, minguada verba para tais abusos: insuficiente para quem, enxodozado, agia com a largueza de um coronel. Quando o pegou em flagrante tentando surripiar economias obtidas com ingentes sacrifícios, aplicou-lhe santo remédio, comprovado cm ensejos precedentes: baixou-lhe o braço, chegou-lhe a roupa ao corpo. O pacato oleiro, curado da paixão, voltou aos hábitos morigerados: cachaça mais liberal e uma cacetada fora de casa somente aos domingos. E se dê por satisfeito.

Epifânia ia e vinha do rio para o mato, da choça de Cotinha para a casa de Coroca e de Bernarda, do barracão de cacau para a venda do turco, volta e meia aparecia na oficina e se demorava quieta, vendo Castor trabalhar o ferro e o latão, assegurando-se de que nenhuma sujeita estava de olho nele, oferecendo o rabo a quem tinha compromisso e dona.

Não confessava, procurava inclusive não dar a entender, mas se comia por dentro, devorada de ciúmes, quando desconfiava de que ele se deitara ou estava em vias de se deitar com outra: empernar com Tição era tudo que a putada desejava, corja de vagabundas. Epifânia estivera a ponto de perder a cabeça com Dalila, uma fedorenta que não se dava ao respeito.

Enquanto o verão durou luminoso e leve ela riu de tudo e tudo desculpou. Mas veio o inverno, escuro, frio e triste. O movimento cresceu, é bem verdade, o dinheiro corria farto. Mas, ainda assim, tomava-se difícil suportar a lama e a morrinha, quanto mais a altanaria de Castor Abduim, ferrador de burros, garanhão impenitente, negro fingido e enganador.

Quando a enfezada Cotinha dispensou novo ebó — não aguento homem que apanha de mulher! — e resolveu passar em terra mais adiantada as festas de junho, as de Santo Antônio, de São João e de São Pedro, três santos de sua devoção, Epifânia não vacilou: — Vou junto com tu.

— Cansou de Tição?

Ia dizer que sim, se arrependeu: — Quem cansou foi ele. — Refletiu mirando a chuva: — Se gostou de mim, nunca me disse.

Como se sabe, não cumpriu o trato, não seguiu viagem. Mas tampouco Cotinha mudou de praça, também ela arrepiou caminho. Ao ouvir falar na festa de São João que o negro estava preparando mais que depressa foi se

oferecer para fabricar o indispensável licor de jenipapo: os frutos tombavam das árvores, apodreciam no chão.

— E ocê sabe fazer?

Aprendera com as freiras na cozinha do convento, em São Cristóvão, cidade sergipana onde nascera.

— Ocê foi freira no convento? — Admirou-se Castor.

— Quisera ser, não alcancei. — Uma ponta de saudade na voz cantada. — Trabalhava de criada em troca da comida e pra servir a Deus. Depois frei Nuno, um frade português que vinha todo dia rezar missa, me passou nos peitos atrás do sino grande. — Recordou com nostalgia: — Um pé de macho, benza Deus! Eu mal chegava no umbigo dele. Suspendia a batina, arregaçava minha saia e tome lenha.

Suspirou à menção daquela época bem-aventurada quando levava vida de abadessa: vinho de missa e rola benta: — Mas as irmãzinhas descobriram, me mandaram embora.

6

A lama e a morrinha. O inverno durava dos fins de abril aos começos de outubro, atravessava o temporão inteiro e parte da safra, os meses de maior movimento, quando a animação atingia o auge. O frio castigava as criaturas, a chuva desfazia os caminhos mas, do meio da tarde ao meio da noite, Tocaia Grande vivia horas intensas, circulavam dinheiro e emoções.

Na forja acesa, à luz do dia ou à luz das lamparinas, o negro Castor Abduim, o dorso nu, examinava ferraduras, calçava burros, reajustava arreios, amolava facões, media o gume dos punhais e os afiava, recondicionava armas de fogo. Sempre às ordens para dar um jeito nos apuros dos tropeiros que viam na forja de Tição e no armazém de seu Fadul sucursais terrenas da divina providência. O restante as putas resolviam.

A perene lufa-lufa do inverno parecia-lhe bem pouca coisa tendo em vista a pretensão que o fizera levantar ali uma oficina destinada a muito mais. Ferrar burros, ótimo!, proporcionava-lhe o necessário para viver, mas era com o rústico fabrico de panelas, baldes e chaleiras, de facas e punhais que vinha conseguindo pagar o empréstimo tomado ao coronel Robustiano de Araújo. O fazendeiro, todas as vezes que o negro lhe aparecia na intenção de amortizar a dívida, repetia a mesma simpática lengalenga, não estava cobrando, fossem os demais dispostos e honestos como o ferreiro e tudo correria melhor nas divisas do rio das Cobras.

Tição não se afobava: sabia não ser chegado ainda o momento de

realmente ganhar dinheiro gordo com a oficina. Mas sabia também que estava prestes a acontecer. Da Fazenda Santa Mariana, nas nascentes do rio, até aquela sobra de mata em torno de Tocaia Grande, estendia-se um ilimitado território de roças novas, plantadas recentemente, nos anos que se seguiram à sanguinolenta conquista, às tocaias e aos caxixes. Esses cacauais não tardariam a florir e a dar frutos. Aí, então, não haveria medida capaz de aferir o ganho e a ganância. Tocaia Grande já não dependeria de tropas e tropeiros.

Forjava adereços, balangandâs, anéis, presenteava as raparigas: no Recôncavo se habituara a pagar mulher com lábia e agrado. Obsequiou Fadul com uma soqueira moldada na proporção dos dedos disformes do turco, arma de arromba — bem empregado o termo; presenteou o capitão Natário da Fonseca com um punhal longo e burilado, as iniciais do Capitão entrelaçadas, gravadas a fogo. Próprio para sangrar um cabra sem-vergonha, Natário não o dispensava no cinto: nunca se sabe o que pode acontecer.

Na ida e no regresso da Boa Vista o Capitão não abria mão de dois dedos de prosa com Fadul e com Castor. Por vezes reuniam-se os três na venda ou na oficina a cavaquear sobre o volume da safra e o preço da arroba de cacau, sobre barulhos e mortes, acontecidos de Ilhéus e de Itabuna, e as mutações do mulherio. Bebericando devagar uma lambada de cachaça.

— Que novidade é essa? — Quis saber o Capitão ao notar o cachorro aos pés do negro: — Ganhou de lembrança ou comprou a um vivente?

— Nem uma coisa nem outra. Acudiu sem ser chamado.

— É melhor deixar pra lá, Capitão. — Aconselhou Fadul rindo, bonacheirão. — Esse negro tem parte com o Diabo.

— Já ouvi dizer... — Natário sorriu de leve, concordando: — Mas um bom cachorro vale a pena. Tive um que não me largava, morreu de mordida de cobra. Lá em casa tem um renque deles embolado com os meninos. Nenhum presta pra nada.

Fez festa com os dedos, Alma Penada respondeu movendo a cauda mas não se levantou dos pés do negro. O Capitão mudou de assunto: — Diz-que o amigo está armando uma folia de São João?

— Tou nessa disposição. Pro povo brincar um pouco, as meninas se distrair e também porque sou arroz de festa. O que é que o Capitão acha?

— Não disse que ele tem parte com o Diabo? Já me enrolou, vou entrar com açúcar e sal, dinheiro pra comprar milho verde e coco seco e ele ainda quer foguete e sanfoneiro. — Queixou-se o turco sem parar de rir.

— Não chie, compadre, vancê também dá a vida por um divertimento. Já vi vancê andar léguas com a mala nas costas pra ir a um bleforé: — Lá isso é verdade, já se deu.

Picando fumo de corda para o cigarro, o capitão Natário da Fonseca voltou-se para o negro:

— Acho que vancê faz bem. Tocaia Grande tá crescendo, não demora a ser um povoado. Já tá em tempo de se civilizar.

— Pra povoado ainda falta muito. — Fadul deixara de rir.

Para, chegar a Tocaia Grande, indo em direção do Norte, vindo do Sul e vice-versa, o capitão Natário da Fonseca atravessava boa parte da área do rio das Cobras, conhecia palmo a palmo as recentes plantações dos coronéis, extensas a perder de vista, os eitos menores de gente como ele, íntimo de cada pé de pau: acendendo o cigarro de palha abria as porteiras do futuro:

— Dá gosto ver as roças crescendo tão ligeiro. Pro ano é bem capaz que já dê flor e bilro; não vejo a hora.

Não viam a hora, todos eles. Os olhos se enchiam de cobiça e de esperança, o coração batia no peito mais depressa. Que um anjo fale por sua boca, Capitão! O árabe juntou as mãos e as elevou ao céu: — Pro ano, Capitão? Com quatro anos? Não é com cinco que

as bichinhas começam a botar? — Dizia bichinhas em lugar de roças; a voz cálida e tema, até parecia que falava em donzelas nas vésperas de primeiro cio.

— Tenho pra mim que pro ano, sim. Tanto que já acertei com Bastião e Lupiscínio a construção do cocho e das barcaças na Boa Vista. — O cacho onde retirar o mel dos caroços do cacau mole após a colheita, as barcaças onde secá-los ao sol. — Não tarda mais de um ano a ter cacau, se Deus quiser, se não melar. — Viviam na dependência da chuva e do sol para que os bilros brotassem fortes, sem o perigo do mela, da podridão dos frutos.

Boas noticias para os carpinas e os pedreiros, para Merência e seu marido Zé Luiz: começavam as empreitadas e as encomendas. Enquanto isso era preciso festejar o São João para que a vida não fosse apenas o trabalho, a caça, a cachaça, o fuxico e o chamego das mulheres, a lama e a morrinha.

7

Já é hora de falar de Zuleica, que demorando em Tocaia Grande desde o inverno precedente, mereceu apenas breve referência: segundo ela os pássaros silenciavam para ouvir o canto de Castor Abduim da Assunção;

era trigueira e cismarenta. Na coorte de abelhudas a rondar a oficina de Tição, Zuleica destoava por discreta e retraída. Presença quase furtiva, rosto cândido, modos reservados; não estivesse ali fazendo a vida poderia passar por moça de família.

Outras seriam mais bonitas, mais modernas, mais pimponas, mais arrebatadas na cama, nenhuma contudo mais solicitada, por nenhuma se lhe comparar no trato. Delicada e tímida, atenciosa. Não obstante, Coroca costumava dizer que todo aquele acanhamento não passava de orgulho, duro como pedra: — Zu sabe o que quer. Tem brio e não é fiteira.

Realmente, quando tomava uma decisão, súbita e imprevista, não havia quem a fizesse voltar atrás. Fazia-o sem sair de seu canto, sem modificar a postura mansa, sonhadora. Engana-se quem pensa que as putas são iguais umas às outras, exibida súcia de ordinárias, despidas de sentimento, de recato. Jacinta completava: — Cada uma tem sua cara e seu disfarce, seu feitio de mostrar a bunda.

Antes da chegada de Epifânia, trazendo na bagagem a soberbia, a truculência e os rompantes, acontecera demorado e sereno xodó entre Tição e Zu, jamais toldado por arrufos, más palavras, desacordos. Plácido e correntio, houve quem garantisse que o rabicho terminaria em amigação quando, findas as obras da oficina, o ferreiro habitasse casa própria. Mas, vadio e putanheiro, ele não a convidou; sobranceira e enrustida, ela não se insinuou, permaneceu a mesma de sempre, contentando-se em merecer a preferência do pachola. Prosseguiram pacatos o xodó e a vida.

Eu bem dizia, lembrou Coroca quando diante da arrogância e dos arroubos de Epifânia, do interesse de Castor pela novata, Zuleica se retirou silenciosamente. Sem briga, sem escândalo. Não se ouviram remoques nem indiretas. Deixou de frequentar a oficina, de limpar a caça e cozinhá-la, de comer junto com ele. Mas não se tornou inimiga, não trocou de mal para trocar de bem na primeira oportunidade; dava-se com Epifânia. Ficou nas encolhas, cautelosa, mas não conforme, diagnosticou Coroca: enganese quem quiser.

Se deixou de aparecer na oficina, não abandonou a roda de prosa e cantoria, não deixou de batucar o ritmado coco: os olhos perdidos na distância quando o negro soltava o peito e silenciava os passarinhos. A princípio, Tição não deu importância ao retraimento de Zuleica. É eu bater com os dedos e Zu volta correndo.

De fato; a rapariga não se recusou quando, por ocasião de um dos calundus de Epifânia, o ferreiro veio buscá-la para a rede. Mas qual não foi a surpresa do negro ao vê-la, ao fim do primeiro balanço da roseira,

levantar-se e enfiar o vestido, pronta para ir-se embora. Pior ainda: estendeu a mão, cobrando. Viera como mulher da vida, queria que ele se desse conta, marcava a diferença: não ficava para passar a noite, continuar a vadiação, não se entregara de graça, por chamego.

Tomado de surpresa, Castor ficou a fitá-la atabalhoado, sem saber o que dizer. Constrangido, entregou-lhe umas moedas; ela as recebeu mas deixou-as cair no chão ao atravessar a porta da oficina. Mansa chegou, mansa partiu, a cabeça erguida.

Tição não riu, não debicou, não tomou o gesto de Zu como desfeita ou agressão. Uma lição, quem sabe? Só então compreendeu quanto a magoara — não por dormir com a outra mas porque ao fazê-la favorita, deixara Zuleica no rol das muitas, sem lhe dar a menor satisfação. Nem que ela fosse escrava. Na rede, pensativo, o negro atravessou a noite com uma dúvida cravada no coração: quando arfante o abraçara na hora do suspiro e do desmancho, Zu estava acabando junto com ele ou simulara o gozo cumprindo seu dever de mulher-dama competente?

Passou a tratá-la com extrema cortesia, a destacá-la sempre que possível se bem não tivesse voltado a convidá-la para a rede. Ela se mantinha afastada, na opinião geral o xodó findara por completo, coisa do passado. Fazia-se difícil acreditar em Coroca quando, tranquila, reafirmava: — Zu é doida por Tição, não tira ele da cabeça.

Única a lhe dar razão, Epifânia acrescentava argumento poderoso: qual o motivo por que a sujeitinha não arranjara ainda frete com quem deitar de graça? Quem já viu puta sem rabicho, quanto mais nesse cu-de-judas onde não havia outros quefazeres?

Num domingo, após o almoço coletivo cada vez mais concorrido, estando todos reunidos a rir e a folgar, Merência — no fundo uma romântica — solicitou que Castor brindasse a assistência com algumas modinhas: ele sabia tantas! O negro anunciou que iria começar com uma cantiga da preferência de Zuleica: — Uma que ocê pedia sempre pra eu cantar, se lembra, Zu?

— Qual? Já sei: Maria, tu vais casares? — Saiu do sério, bateu palmas.

Tição soltou a voz, os olhos postos em Zuleica como se não houvesse mais ninguém presente:

Maria tu vais casares
E eu vou te dares os parabéns.
Vou te dares uma prenda, ai ai
Saia de renda, ai ai De dois vinténs...

Tanto bastou para que Epifânia, sentada ao lado do negro, se retirasse numa rabanada raivosa. Se implicava com as outras, que dizer dessa fingida? Cuspiu no chão, passou o pé em cima.

8

O fovoco, inventado por Pedro Cigano para alegrar a noite de Santo Antônio, terminou em pancadaria, bala e sangue. Deve-se todavia levar em conta não ter havido intenção mesquinha, vil interesse de dinheiro na aliciante proposta do troca-pernas. Se o arrasta-pé rendesse qualquer dez réis, melhor. Não pensara nisso, porém, ao empunhar a harmônica; desejara apenas celebrar condignamente santo dos mais merecedores. Argumentou e convenceu, mas não cabe responsabilizá-lo pelo que veio a acontecer. Aliás ninguém o fez.

Em verdade, ao arribar no lugarejo naquele dia chuvoso e friorento, não pensava demorar-se mais de uma noite, dormida se possível na esteira de uma quenga que lhe esquentasse a carcaça. Seu destino era Taquaras se não fosse Ferradas, Água Preta, Rio do Braço ou Itabuna, ele próprio não levava certeza. Almejava brincar as festas de junho onde pudesse divertir-se a grande e grátis, comendo, bebendo e dançando à la vonté. Mas ao deparar com os preparativos do São João em Tocaia Grande se empolgou.

Os preparativos já em si foram uma festa. Ocuparam durante bem mais de uma semana todo o tempo livre da reduzida população que parecia multiplicar-se no remate de tantas e tão diversas empresas. De volta para as fazendas, os tropeiros utilizaram cangalhas e caçuás vazios para neles transportarem o que não se podia adquirir no cacete armado de Fadul: as mãos de milho verde, o coco seco, os foguetes e os fogos: bombas, busca-pés, espadas, incluindo estrelinhas e outros caprichos infantis das raparigas. Sem falar no balão, pois o balão era um segredo compartilhado apenas por Tição e Coroca, ninguém mais sabia de sua existência.

Ao ver Bastião da Rosa, Lupiscínio, Zé Luiz, Guido, Balbino, atarefados, transformando em espaçoso barracão de palha — rústica estrutura de varas, estacas e forquilhas, bem assente na terra, chão de barro batido, liso e sólido — o antigo toldo erguido nos tempos de antanho pelos primeiros a pernoitar ali, Pedro Cigano desistiu de prosseguir viagem. E o fez na hora certa, pois Fadul acabara de receber recado de Lulu Sanfona lastimando não poder aceitar o convite para vir tocar em Tocaia Grande na festa de São João: famoso na região, disputadíssimo.

Disposto a ajudar e não sendo afeito a fazer força, Pedro Cigano orientou e dirigiu. Incansável, indo de um lado para outro, afadigou-se dando palpites e conselhos, transmitindo ordens a homens e mulheres.

As mulheres faziam de um tudo, não enjeitavam serviço. Ajudavam a construir o barracão, carregavam lenha que os homens cortavam na mata para as fogueiras, juntavam gravetos, improvisavam fogões sobre pedras nos quais cozinhariam a canjica e as demais gulodices típicas de junho. Com a ajuda de Epifânia, a laboriosa Cotinha tratava jenipapos, descascando-os, retirando as sementes amargas, espremendo-os para transformar depois o suco em licor. Maneirava o serviço recordando o paladar — supimpa! — do vinho de missa e as virtudes— ai, tantas! — de frei Nuno. Luso e galante, o frade lhe dizia com seu engraçado falar: vem cá, bela cachopa. Ela obedecia, ele cachopava. Pedro Cigano oferecia-se para provar a calda quando fosse ao fogo: determinaria o ponto justo do néctar. Gosto apurado, exímio degustador de comida e bebida, bom na concertina, curinga sem rival nas redondezas.

Haviam planejado uma fogueira, monumental, na frente do barracão, no descampado; duas, aliás, uma para cada noite. Mas tendo sobrado muita lenha decidiram por proposta de Merência, apoiada por Tição, entregar o resto das achas àqueles que desejassem erguer diante de seu casebre fogueira menor onde assar batata-doce e milho. Quem quisesse poderia levar para casa um pouco de canjica, uma garrafa de jenipapo para servir à vizinhança antes de se reunirem todos para o início dos festejos, os alegres festejos de São João: comer pamonha, canjica e manuê, beber licor, pular o braseiro em compadrio, dançar quadrilha.

Durante aqueles dias a venda de Fadul conheceu movimento pouco comum, o turco fez a féria mas, em troca, concorreu para a folia com secos e molhados e com chorado numerário. Tição aumentara o número de trampas na mata para garantir caça suficiente, além de fornecer contadas patacas para o milho, o coco co foguetório. Devido a razões de sobejo conhecidas, não se pode esquecer a ajuda do capitão Natário da Fonseca. Lastimando não poder participar da festa, alargou os cordões da bolsa: contribuiu em seu nome e nos de Bernarda e de Coroca. Nem por isso as duas raparigas — e quase todas as demais —. deixaram de colaborar com alguma moeda ganha com o xibiu, escondida nas profundas da penúria, oferecida com satisfação.

O milho e o coco, o açúcar e o sal tinham sido distribuídos entre as mulheres; os jenipapos sobravam encarquilhados sob as árvores. Cada pessoa se encarregava dessa ou daquela tarefa, em geral de mais de uma.

Para executá-las juntavam-se em grupos animados: conversavam, caçoavam, discutiam, reclamavam, riam, emborcavam uma lapada de cachaça para matar o bicho — os bichos ruins do inverno: a chuva aborrecida, o frio cortante —, não eram de ferro.

Não havia obrigação nem horário de trabalho. Nem feitor nem capataz, nenhum patrão. Se Fadul e Tição orientavam e dirigiam, faziam-no discretamente sem dar mostras e também eles pegavam no pesado. Ninguém mandava em ninguém. Assim vinha acontecendo desde que, no almoço dominical, Castor propusera festejarem o São João.

Encontrando vago o posto de comando, Pedro Cigano o ocupou e seus alvitres tiveram a ver com a ampliação da festa; apontando uma deficiência, corrigindo uma injustiça. Brincar o São João, feliz ideia. Mas por que discriminar os outros santos de junho, se eram os três iguais na devoção e nos prodígios? Por que não começar festejando Santo Antônio, santo casamenteiro, patrono das noivas, e terminar louvando São Pedro, padroeiro das viúvas? O fato de não haver ainda em Tocaia Grande donzela candidata ao matrimônio nem viúva lacrimosa nada significava: um dia, com a graça de Deus, sobrariam umas e outras a dar com os pés. Ele, Pedro Cigano, colocava-se às ordens com a sanfona para animar de graça um dançarás na noite de Santo Antônio. Acenderiam uma pequena fogueira, provariam um pedaço de canjica, um trago de licor de jenipapo, dançariam o coco miudinho, a polca e a mazurca, num ensaio preparatório da grande noite, a da véspera de São João. Para ela guardariam os fogos e a quadrilha.

Não foi difícil convencer a povo. Naquele solitário e carente fim de mundo nada despertava mais entusiasmo do que um forró, um bate-coxas. Acontecia de raro em raro, quando Pedro Cigano se bandeava por ali ou quando um sanfoneiro, um tocador de violão ou de cavaquinho pernoitava por acaso em Tocaia Grande.

Tição se perguntava como não lhe ocorrera semelhante inspiração se no Recôncavo as festas de junho começavam no dia primeiro, com as trezenas de Santo Antônio, e somente terminavam na noite de vinte e nove para trinta, nos assustados de São Pedro.

9

Fuzuê de puta é assim mesmo: fogo de palha, muita faísca e pouca brasa; começa de repente e de repente acaba, dura pouco. Explode, inesperado, alastra-se, chega ao auge, perde o impulso desanima e cessa. Não sobra nem fumaça.

O arranca-rabo provocado por Epifânia e Dalila no início do fovoco, na noite de Santo Antônio, não chegou a ser sensacional mas deu para animar. Como mais tarde se pôde comprovar, influiu no ânimo de Misael, pardavasco de boa aparência e abastado, segundo se deduzia dos modos petulantes. Em companhia de dois vaqueiros, um velhote e um rapazola, regressava de Itabuna onde deixara numerosa boiada tangida do sertão de Conquista. Vestiam gibões de couro, montavam bons cavalos, portavam armas e dinheiro. Detiveram-se em Tocaia Grande no fim da tarde. Festa de Santo Antônio, uma pagodeira? Boas falas.

Dançavam uns poucos pares ao som da harmônica de Pedro Cigano quando Epifânia largou abruptamente dos braços de mestre Guido e ameaçou partir a cara de Dalila que rodopiava com o dito-cujo Misael. Libertando-se do par, DaMa revidou: — Venha, se é mulher!

Guido e Misael puseram-se de lado para assistir de camarote: quem não gosta de apreciar lance por lance, debique por debique, tabefe por tabefe, uma rixa de mulheres?

Epifânia atacou de cuspo. Visou o olho esquerdo de Dalila e acertou em cheio. Cruzaram-se os insultos: — Negra piolhenta! Cagona!

— Puta empestiada! Catinguenta!

Negras e putas as duas, piolhentas, empestiadas, mas eram duas negras de truz, duas putas requestadas, duas princesas do lugar. Em Tocaia Grande para ser de truz e requestada, para ocupar o posto de princesa ou o trono de rainha — o trono de Bernarda — não se exigia grande coisa, flagrante formosura ou fina educação, dado as condições do raparigal perdido no lugarejo, ruma de argaços. De qualquer maneira, as duas se destacavam, despertando inveja e ciúmes.

Dalila estendeu a mão com que limpara o olho e a estalou na cara de Epifânia. Agarraram-se pelos cabelos, trocaram sopapos, se atracaram aos xingos e unhadas. Formou-se em torno roda animada e galhofeira a incentivar as contendoras.

— Boto dinheiro na do cuzão. — Desafiou Misael honrando sua dama.

— Topo dois tostões. — Aceitou Guido não menos cavalheiro.

Sem parar de tocar, Pedro Cigano levantou-se do comprido banco de madeira, obra de Lupiscínio, onde estivera sentado em companhia de Zuleica, e veio se colocar na roda. Vale a pena registrar que em momento algum, nem mesmo quando o banzé esteve a pique de generalizar-se, o tocador deixou de dedilhar a sanfona numa espécie de acompanhamento musical executado em surdina. Não obstante estar a zero, arriscou um cruzado em Epifânia, tão certo se encontrava do resultado. Bastião da Rosa

cobriu a aposta por puro espírito esportivo, para animar a competição, sem alimentar ilusões sobre o recebimento daqueles quatrocentos réis: Pedro Cigano devia a Deus e a meio mundo.

Conforme opinou Guido, as apostas ficaram naturalmente anuladas quando Zuleica entrou na liça surpreendendo a todos menos a Coroca . Dalila parecia à beira da derrota; com um safanão Epifânia arrancara-lhe a saia de chita — a velha, pois a nova ela reservara para o São João — deixando-a de traseiro à mostra para gáudio da plateia. Sem saber como reagir, viu-se Dalila na iminência de abandonar o campo de batalha. Nesse momento, levantando-se do banco de onde acompanhara as peripécias do emboceto, Zuleica agrediu Epifânia a pontapés; levava a vantagem de calçar tamancos. Sentindo-se apoiada, Dalila, rebolando o rabo nu, voou novamente para cima da rival. A roda aplaudiu com ditos, palmas e assovios.

— Duas contra uma, sinhas frouxas. Vou dar nas duas.

Mas Epifânia não as enfrentou sozinha: a pequena Cotinha, solidária, se meteu na briga e revelou inesperada valentia. Rolaram as quatro no chão, emboladas; além do cu de Dalila viam-se os peitos de Epifânia: desabotoara-se a bata de baiana.

Com a intervenção de Zuleica ficou patente o verdadeiro motivo do bafafá, ao ver do mulherio motivo justo para não dizer sublime: o negro Castor Abduim da Assunção ali bem do seu, na maior manemolência.

Por ele suspiravam, se xingavam e se batiam: comiam em sua mão. Verdade correntia em seguida comprovada: aproximando-se das baderneiras sujas de terra, arranhadas e cuspidas, seminuas, Tição — ai, negro mais pachola! — ordenou sem levantar a voz: — Por hoje basta, meninas, vamos brincar.

Cresceu o som da sanfona numa cadência influída, buliçoso, irresistível. Voltando as costas às façanhudas, o ingrato ferrador de burros ofereceu a mão a Merência, mulher casada e direita que desaprovava toda aquela cachorrada e saiu com ela a dançar. Dalila enfiou a saia, retornou aos braços de Misael; Epifânia aos de Guido. Fadul tirou Cotinha: o turco era ainda maior do que frei Nuno de Santa Maria, mas tamanho não metia medo a quem se educara servindo a Deus nas alturas. No jeito manso de sempre, o mesmo ar de cabra morta, nem parecia ter brigado, Zuleica aceitou o convite de Bastião da Rosa, o barba de ouro, descalçou os tamancos. No piso de barro batido perpassavam descalças, leves e ondulantes no lustre do suor, na fragrância do pituim.

Dedilhando a harmônica, batendo os pés no chão para marcar o

compasso, Pedro Cigano dançava entre os pares no meio do barracão. Ninguém sentiu falta de Lulu Sanfona. A festa de Santo Antônio começava a se animar.

10

Ai! — animou-se por demais o fovoco do Cigano. As confusões não se limitaram à troca de bofetes e de aleives entre raparigas: ocorreu mais e pior, desgraça e maldição. Os ânimos esquentaram-se, a coisa ficou preta, mas no momento do maior sufoco ouviu-se uma proclamação inesperada. Coube ao árabe Fadul Abdala enunciá-la, porém o sentimento que a ditou era comum a todos os presentes, à exceção dos tangerinos com os gibões de couro revestidos de insolência. Palavras simples — na hora devida se saberá quais foram —, inscreveram-se no sangue.

Os aperreios recomeçaram com um bate-boca entre Guido e Misael. Referente ainda à aposta feita durante a briga das mulheres, os dois tostões arriscados no rabo de Dalila, nas tetas de Epifânia. Por algum motivo não revelado ou sem motivo, somente para provocar, Misael, após tomar uns tragos, proclamou Dalila vencedora e reclamou pagamento imediato.

Estranharam-se num intervalo da música enquanto bebiam do jenipapo de Cotinha, gostoso e forte. Chegaram às más palavras e às ameaças mas não foram às vias de fato, pois o Turco Fadul resolveu intervir. Acostumara-se a fazê-lo a cada arrasta-pé: o reduzido número de raparigas causava constantes desavenças, provocava desafios, rixas ferozes. Fadul desapartava os contenderes bastando-lhe quase sempre usar a reconhecida autoridade moral: dono do armazém, credor de muitos deles. Se necessário, porém, recorria à força bruta.

Sem levar em conta a presença silenciosa e hostil dos outros dois vaqueiros, o turco, as mãos excessivas, os dedos de torquês, segurou pelo braço cada um dos valentões colocando-se entre eles: — Aqui dentro só quem briga é mulher. Homem, se quiser, é lá fora, lá pode até se matar, se tiver vontade. Aqui é salão de dança. — Abriu as mãos deixando-os livres, olhou de frente os ajudantes de Misael, o velhote e o rapazola, dirigiu-se a Pedro Cigano: — Cadê a música, homem de Deus?

Resmungando sobre o destino que Guido devia dar aos dois tostões — fique com eles, não preciso, meta no cu — Misael se afastou seguido pelos paus-mandados. Ainda bem que Guido não ouviu o nhenhenhén: não costumava provocar mas, se provocado, não fugia, enfrentava. Mofino não vinga na terra grapiúna, morre no berço ao menor sinal de caganeira.

Tornou-se evidente que Misael estava na disposição de procurar pendência, quanto mais bebia mais lambanceiro se tornava. Exigiu fossem tocadas músicas de sua preferência, afrontando Pedro Cigano com moedas atiradas como inhapa que o sanfoneiro recolhia sem se dar por afrontado; desentendeu-se com um dos cabras do barracão de cacau por causa de Dalila, a quem queria de par constante; gabou a excelência de seu cavalo Pirapora, proclamou-se gostosão, rico e valente. Bafo de onça, ronco de porco, lembrou o velho Gerino que o conhecera em outras freguesias. Desafios e bazófias perdiam-se na música, sapateado, no rumor da folia, no bafo da cachaça.

Iam festa e noite bem avançadas quando nova discussão explodiu num canto de pouco movimento. De um lado, os três vaqueiros: o chefe Misael, o velho Totonho e o moço Aprígio;do outro, três mulheres: Bernarda, Dalila e Margarida Cotó com o cotoco de braço e a cara sardenta. O que de começo pareceu simples desavença a propósito de pares para a dança, não era nada disso: tratava-se de iníqua imposição dos tangerinos. Devendo seguir viagem com o céu ainda escuro, para ganhar tempo, exigiam que as três raparigas abandonassem imediatamente o dançarás, pois não pretendiam sair de Tocaia Grande sem antes dar uma bimbada. Levavam pressa, não podiam esperar que o fovoco chegasse ao fim: pelo jeito, ia se prolongar manhã adentro. Depressa, sinhas burras, toca a andar.

Ora, as putas, na influência dos festejos, haviam decidido fechar o balaio, não aceitando fregueses nas noites dos forrós junho: festa é festa. Estavam na intenção de divertir-se, dança folgar, beber e rir, namorar, se fosse o caso. Não sendo noite igual às outras todas — noites de afanar-se, de suar em peito estranho, de representar gemendo sem sentir vontade, gozando de mentira — as três recusaram em uníssono as ofertas do apatacado boiadeiro e seus dois subordinados: hoje não, vancês desculpem, fica pra outra vez. Hoje, por dinheiro nenhum.

Misael escolhera Dalila, deixando Bernarda para o velho, Margarida para o rapaz. Vacilara entre Bernarda e Dalila mas guardara na menina dos olhos a visão do fiofó da negra, subilatório de assovio. O velho lambia os beiços, alvoroçado, o rapaz não reclamou das sardas e do toco de braço da Cotó, defeitos de nascença: aos dezoito anos se traça o que vem e se pede mais.

De nada adiantaram as explicações de Dalila, boa de bico, nem o repelão de Margarida — logo quando Balbino, cafuzo moderno e influído, começava a lhe arrastar a asa —, tampouco a negativa rotunda de Bernarda: o balaio tá fechado, avô. Nós abre rosnou o velho.

Os tangerinos estavam bastante altos e o tempo era curto. Arreda, disse Bernarda quando o velho Totonho tentou arrastá-la para fora. Com o trompaço e o licor de jenipapo, o atrevido vacilou nas pernas. Misael, que segurava Dalila pelo pulso, perdeu a paciência. esbravejou: — Se ocês não quer ir por bem, vão por mal, sinhas putas!

A música silenciara para que Pedro Cigano pudesse aliviar a sede com uma lapada de cachaça, a advertência ressoou no barracão; raparigas aproximaram-se, curiosas; Misael, gostosão, rico e valente, pensou que vinham oferecidas disputar o lugar das enjoadas: — Nós já escolheu essas, não precisa de ocês. — Voltou-se para as preferidas, empurrou Dalila: — Vambora!

Epifânia deu um passo à frente, o suor escorrendo sobre a pele negra; enfrentou os vaqueiros, a voz rouquenha, lambuzada de licor:

— Nem elas nem nós, nenhuma com vergonha nas fuças vai trepar hoje com vancês. Não sabe que nós tá de balaio fechado? Vão meter nas vacas, se quiser. — Para não perder o hábito e porque também ela abusara do jenipapo de Cotinha, cuspiu no chão e passou o pé em cima.

Homem que se preza não leva para casa desfeita de macho quanto mais de mulher-dama. Misael anunciou antes de agir:

— Essas três vão tomar no cu, queira ou não queira, e tu vai apanhar na cara, joga de merda!

A bofetada retiniu nos quatro cantos do salão — salão: assim dissera o turco, lugar onde se dança, lugar de pagode e não de briga. A negra perdeu o equilíbrio; a segunda bolacha ainda mais forte a derrubou no chão, um filete de sangue escorreu no beiço grosso.

— Filho da puta! — Uivou Dalila, loba desatada.

11

— Filho da puta! — Repetiu Bernarda avançando ela também.

Quando os vaqueiros se deram conta, estavam acometidos, cercados por fúrias infernais. Partindo em defesa de Epifânia, Dalila se atirara contra Misael tentando garguelá-lo. Não haviam, rivais e ciumentas, se atracado a tapas e cusparadas no início do bate-coxas? Fuzué de putas, já se disse, não deixa rastro, é querela de comadres.

Juntaram-se todas elas sem exceção para enfrentar tangerinos, recusar o ditame imposto: se não tivessem o direito fechar o balaio quando bem lhes aprouvesse, se não fossem donas do próprio xibiu que lhes restaria na vida miserável? Todas as quatro na ocasião exerciam o ofício em Tocaia Grande: Dalila, Epifânia, Bernarda, Zuleica, Margarida Cotó, Marieta Quinze

Arrobas, Cotinha, Dorita, Teté e Sílvia Pernambuco, desgrenhadas, bêbadas, solidárias. Faltou na relação o nome de Jacinta Coroca, não por esquecimento e sim por apreço e consideração: sozinha, valia mais que todas as outras reunidas. Quando o inexperiente Aprígio ameaçou puxar do revólver pensando com ele resolver rolo de unhas e dentes, Coroca aplicou-lhe um pontapé nos quibas. O grito do moleque foi ouvido a três léguas e meia, na estação de Taquaras, segundo verídico relato de Pedro Cigano, testemunha de vista e de oitiva. j

O velho Totonho, pobre coitado digno de comiseração, era dos três o mais indignado. Esperara aboiar Bernarda em noite de cobrir bezerra nova, via o sonho desfazerse e não se conformava. Atracando-a pela cintura terminou por derrubá-la; buscava tocar-lhe os peitos, suspender-lhe a saia, disposto, sabe Deus, a traçá-la ali mesmo no barracão, em meio ao pega-pra-capar, na vista dos presentes. Adoidado, tremendo como se estivesse sofrendo um ataque de maleita. Adoçava a voz para suplicar: vambora... Rangia os dentes para ordenar: vambora! Arrancou o gibão de couro para obter mais liberdade de ação. Foi seu erro principal: perderam-lhe o respeito que o gibão impunha. Bernarda aproveitou para safar-se, e antes que Totonho pudesse se levantar, Maneta Quinze Arrobas, abundante, lenta e maternal, arriou o corpanzil em cima do infeliz: as juntas rangeram. Choramingando as últimas esperanças, ainda no chão, o velho implorou, ao ver Bernarda precipitar-se sobre Misael: — Aprígio, segura ela ai que já tou indo.

Como poderia o moço segurar Bernarda, se dobrado em dois defendia-se das tamancadas de Coroca? Quanto ao pau-de-fogo, Coroca o enfiara no decote entre os peitos murchos: deixar arma ao alcance de menino é correr risco de morte.

Tudo se passava ao mesmo tempo, em contados minutos.

Misael buscava libertar-se do cerco cada vez mais agressivo; arranhado e cuspido, distribuía bofetadas, acertou um soco na cara de Dalila, a custo mantinha-se de pé. Acuado, via a hora de ter de levar para Conquista, nas ancas do cavalo Pirapora, a afronta da bunduda e de lambugem as injúrias das demais. Quem arruma briga com puta não regula bem, é fraco da cabeça.

12

Apesar da cara fechada de Fadul, Misael aguardou confiante e sorridente quando viu os homens encaminharem-se em sua direção. Certo de encontrar neles compreensão e estímulo, ajuda para domar aquelas

pestes e obrigar as insubordinadas a cumprirem os deveres inerentes ao mister de puta: arreganhar a racha para quem manda e paga, sem discutir ocasião e preferência. Disso não abria mão. Onde já se viu mulher da vida ter vontade, horário de trabalho, dia de descanso?

O árabe aproximava-se, furioso: sem que nem por que, umas atrás das outras, as raparigas haviam abandonado a dança deixando os cavalheiros no ora-pro-nóbis, como se a festa houvesse terminado no melhor da animação. Gritou para o endiabrado mulherio: — O que é que tão fazendo aí?

Mas ao dar-se conta do bafafá, dirigiu-se a Misael: — O amigo não para de provocar baderna? Veio aqui a fim de quê? Vamos acabar com isso.

Houve uma trégua no furdunço, as unhadas e os tapas cederam lugar à discussão. O boiadeiro começou por mostrar-se cordato. Contemporizou:

— Nós não tá querendo barulho. Nós só quer que umas putas metidas a besta vão com a gente pro mode nós aliviar o cacete.

— Eles tão querendo pegar mulher na marra e nós tudo tá de balaio fechado. — Interrompeu Epifânia, o sangue escorrendo do canto da boca.

— Não vou nem morta. — Reafirmou Bernarda.

— Puta não tem querer — Replicou o velho Totonho aproximando da bela prometida.

Coroca suspendera a surra de tamanco no rapazola: — Nós é puta, não é escrava. — Disse e encarou Fadul como se o desafiasse: — Não é mesmo, seu Fadul? Ou vancê pensa igual com eles?

Convencido do apoio dos homens, considerando-se coberto de razão, na predisposição de pagar uma rodada de cachaça antes de ausentar-se com os tangerinos e as escolhidas, Misael ficou atônito ao ouvir negro Castor Abduim perguntar e garantir:

— Ocês não sabe que a escravidão se acabou vai pra mais de vinte anos? Elas vão se quiser, se não quiser não vão.

Misael olhou em derredor, correu a vista de Tição a Zé Luiz do cafuzo Balbino ao branquicela Bastião da Rosa, de Guido Lupiscínio, de Gerino a Fadul, dos cabras do depósito de cacau aos tropeiros e aos passantes, de Pedro Cigano com a sanfona a Merência, grandalhona e compenetrada, por fim fitou cara a cara o ferrador de burros:

— Não devera ter acabado pra não ter negro ousado como tu. Não sei onde tou que não lhe parto a cara. — Depois, virou-se para os outros: — Se vancês não quer arruaça, não se metam.

Com o que levou a mão ao cinto largo; o velho e o rapazola se acercaram confirmando o agravo. Antes que o boiadeiro puxasse do

revólver, Fadul, após sorrir para Coroca, falou em tom sereno como se estivesse conversando amenidades e não ditando ordens:

— Deixe a arma em paz, seu Misael: não é o seu nome? E trate de ir-se embora antes que seja tarde. — Conteve do outro lado o negro indócil: — Fica quieto, Tição!

Mantendo a mão no coldre, Misael ainda duvidou: — Ocês vão brigar por essas escrotas?

— Se o amigo quiser obrigar elas, a gente briga. Fique sabendo de uma coisa. Aqui é assim: mexeu com um, mexeu com todos.

— É isso mesmo. Se não gostou, dê seu jeito. — Interveio Merência, tão ciosa de sua condição de mulher casada que não aceitara, vejam só, habitar nas vizinhanças das raparigas para manter distância, impor respeito. As mãos nas cadeiras, comprava a briga como se aquelas perdidas fossem parentas suas, primas, sobrinhas e irmãs.

Fadul resumiu: — É a regra do lugar.

Mesmo que não houvesse sido até então, passara a ser a partir daquele instante. Gostosão, rico e valente, Misael não podia recuar: — Eu cago pra sua regra e pra vancês.

Não chegou a empunhar o pau-de-fogo, Tição voou em cima dele. Acompanhado por Alma Penada que, tendo deixado o banco sob o qual se escondera para dormir ao som da música da harmônica, vigiava o amigo e o inimigo.

Somente então o frege começou para valer. Fadul segurou o velho Totonho pela camisa e pelo cós das calças, levantou-o no ar e o jogou longe. Mulheres divertiam-se arrancando a roupa do moleque Aprígio. Com tantos homens querendo participar era até covardia. Guido mal continha a impaciência: rogava a Castor que lhe cedesse Misael com quem tinha contas a ajustar. Mas Tição fazia questão de demolir sozinho a gostosura, a riqueza e a valentia do lambanceiro para lhe ensinar o valor de um negro ousado. Alma Penada saltava em derredor rosnando e mordendo.

Ao sair correndo, para garantir a fuga, o velho Totonho atirou a esmo: ninguém se lembrara de tomar-lhe a arma, uma garrucha antiga. A bala acertou na testa de Cotinha.

13

Na rede de labutar e de dormir, presente de Zé Luiz nos áureos tempos, colocaram o corpo de Cotinha, franzino corpo de menina raquítica, e o levaram ao primitivo cemitério onde cresciam mamoeiros, touceiras de bananas e amadureciam pitangas cor de sangue. Chovera sem parar

durante a noite, no decorrer da festa e do furdunço, mas pela manhã a chuva cessou e o sol veio para o enterro.

De madrugada alguns homens cavoucaram a terra ao lado de um cajueiro em flor. Cova funda, a primeira a ser aberta depois que o lugar passara a se chamar Tocaia Grande. Tomaram das pás e das enxadas após a partida de Misael e de Aprígio, o rapazola às voltas com a sela de Totonho.

Quando os homens saíram a persegui-lo, o velho montara em pêlo o cavalo Pirapora — veloz como o vento, no gabar de Misael —, ganhara o mundo num galope desenfreado. Desgraças acontecem, defuntos com buraco na testa, rombo no peito, uma bala doida: as mais das vezes, o gatilho foi puxado pelo medo, não pela vontade de matar.

Assim sendo, deram-se por satisfeitos com a surra aplicada em Misael e no moleque Aprígio. O boiadeiro e o tangerino se avacalharam — verbo apropriado por todos os motivos. Bafo de onça, ronco de porco, dissera Gerino que o conhecia de outras malfeitorias: posto de joelhos Misael pediu perdão para salvar a vida.

Castor e Lupiscínio equilibraram sobre os ombros as pontas da longa vara de bambu enfiada entre os punhos da rede e a conduziram. O acompanhamento misturou lágrimas e risos; referiram-se à morta com benevolência, não lhe cobraram os azeites, os maus bofes; louvaram-lhe a valentia, a sinceridade, o doce de jaca, o de rodelas de banana e o licor de jenipapo. No silêncio do caminho para o cemitério, o negro Tição rememorou detalhes de conversas, o convento em São Cristóvão, o vinho de missa, o sino grande e o bom frei Nuno cachopando. Sorrira à lembrança e, na hora do corpo baixar à cova, perguntou:

— Quem sabe dizer uma oração? Ela viveu num convento, foi quase freira. Pagava a pena rezar por ela.

Fizeram mais de uma tentativa porém ninguém soube oração inteira do começo ao fim, nem sequer a curta ave-maria. Merência perdoara a pecadora, como ensina e ordena a caridade, mas não a ponto de comparecer ao cemitério. Ainda assim a alma de Cotinha não subiu ao céu — se é que existe um céu das putas — sem a chave de uma prece que lhe abrisse as portas.

Cobrindo fragmentos do padre-nosso e da salve-rainha, elevou-se o vozeirão de Fadul Abdala. Na meninice fora coroinha a serviço do tio padre na aldeia libanesa. Recitou em árabe com unção e sentimento, dava gosto ouvi-lo, vontade de chorar. Epifânia não se conteve, rompeu em soluços.

Apenas regressaram o sol sumiu, o inverno retornou.

14

Epifânia não esperou o fim do inverno para mudar de terra. Brincara o São João e o São Pedro, disse a quem quis ouvir nunca ter se divertido tanto.

Na noite de São João acenderam-se as fogueiras em frente aos casebres, várias; os vizinhos visitaram-se. O descampado iluminou-se com os foguetes, os busca-pés, as espadas, as rodinhas, as estrelinhas, os fósforos de cor, azuis, verdes, vermelhos, sulferinos, tão bonitos. Comeram e beberam com fartura e as raparigas confessaram embevecidas: não existia puxador de quadrilha capaz de se medir com Castor Abduim: não fosse o negro mestre em estrangeirices. Epifânia pulou fogueira com Zuleica, fizeram-se comadres.

O momento supremo foi o da largada do balão, surpresa para todos exceto para Tição e Coroca. Chuviscava apenas: encheramno de fumaça ao pé da fogueira maior, no descampado onde se concentraram. Acenderam a mecha, o balão subiu ao céu e nele se perdeu. Antes de desaparecer, confundiu-se com as estrelas raras e opacas: estrela de mentira era a mais bela.

Festejaram, ainda, a noite de São Pedro para dar cabo do licor de jenipapo de Cotinha e aproveitar a presença de Pedro Cigano com o fole.

Dias, depois, de manhãzinha, Castor acabara de cuidar dos cascos de Rosedá, madrinha da tropa de Elísio — depois de tê-los aparado com o puxavante, ele os brindara com quatro polidas ferraduras — quando viu Epifânia à espera, pronta para partir: haviam passado a noite juntos e ela nada anunciara. A trouxa na cabeça, pequeno amarrado com trapos e chinelas, seus pertences.

— Vou embora, Tição. — Ia aproveitar a tropa de Elísio para não viajar sozinha. — Posso levar o abebê que tu fez pra mim? — Nos olhos e na voz a decisão, uma ponta de tristeza e o rude orgulho.

Tição entregou-lhe o espelho de latão que figurava Oxum no peji dos orixás. Não pediu que ela ficasse, apenas disse: — Vou me lembrar de ocê a vida toda.

Epifânia estendeu a ponta dos dedos: descalça, a trouxa em cima da carapinha, o abebê na mão, seguiu a tropa no destino de Taquaras. Alma Penada a acompanhou durante um bom pedaço, mas ao entender que a negra ia de vez, arrepiou caminho e voltou a se deitar no calor da forja. Continuava feio e magro; revelara-se porém, valente e bom de caça. Guardava a oficina e os passos de Tição.

O CAPITÃO NATÁRIO DA FONSECA ENCONTRA NA ESTRADA UMA FAMÍLIA DE SERGIPANOS E A ENCAMINHA PARA TOCAIA GRANDE

1

Para ser um grupo de romeiros faltavam apenas a cantoria e os cães, refletiu o capitão Natário da Fonseca ao avistar a caravana.

Adolescência vadia, Natário não enjeitara festa de santo milagreiro nas barrancas do rio São Francisco onde nascera. Fora guia de cego, chamego de mulher-dama, zagal de beato. Cavalgando a besta do Apocalipse, o beato Deoscóredes marchava impávido para o dia do juízo final conclamando penitentes nas vésperas do fim do inundo. A seu flanco, em vez de trombeta, o arcanjo anunciador conduzia uma lazarina, exercitava a pontaria.

Comparsa na procissão das chagas, mensageiro da demência, apaniguado de Bom Jesus e da Virgem Mãe, o imberbe pregoeiro tocara as extremidades do horror, bailara na festa dos moribundos, recebera as cinzas da quaresma, queimara judas na aleluia. Nos testamentos de Judas restava para o povo o assombro dos prodígios e o pagamento das promessas — ah, terra de pobreza e iniquidade! Nos limites do cacau não existiam romarias nem milagres.

2

Sucediam-se as levas de sergipanos nos derroteiros do rio das Cobras, adentrando-se pelas matas; as fazendas recentes reclamavam trabalhadores. De passagem, abasteciam-se no comércio de Fadul, banhavam-se na correnteza, recolhiam informações. Do dinheiro contado e recontado, alguns mais avexados subtraíam moedas para o desalívio de mulher. Lugar bonito, aquele.

Na desvalida pátria sergipana ouviam-se maravilhas, narrativas fantásticas sobre as terras do sul da Bahia e a lavoura do cacau. Terras férteis, muitas ainda devolutas — era chegar e tomar posse —, lavoura sem igual, mina de ouro. Trabalho sobrando na foice, na enxada, no tanger dos burros, no corte do facão, no clavinote. Quem tivesse ambição, fosse disposto e soubesse aproveitar a sorte, poderia enriquecer

Recitavam-se casos nas feiras, exemplos comprovados, a pura verdade. A história em versos do coronel Henrique Barreto, o Rei do Cacau, passava

de boca em boca, de ouvido em ouvido, na consonância das violas: “Morto de fome, saiu de Simão Dias...” Arribara mocinho, “seu capital, um toco de facão”. De inicio, alugado, depois tropeiro, “tangendo burro noite e dia”. Pusera bodega num arruado “pra vender cachaça e munição”, juntara o necessário para comprar uma braça de terra, “nela botara roça de cacau” e quando deu de si “virara um grande potentado”. Rei do Cacau, o coronel Henrique Barreto, nascido e criado na miséria em Simão Dias: nas festas de fim de ano, enviava alguns trocados para os parentes que por lá prosseguiam à míngua, apáticos sergipanos. Ele, o Coronel, tornara-se grapiúna.

Nas estradas e atalhos cruzavam-se bandos de homens jovens ou na força da idade, casados e solteiros. Tomavam o rumo do sul da Bahia, abandonando os campos feudais, as pequenas cidades mortas, apenas alcançavam a idade da razão ou quando perdiam a última esperança de encontrar trabalho e pagamento.

Adeus, meu pai, minha mãe, me botem sua bênção, vou enricar em Itabuna. Adeus, mulher e filhos, vou na frente ganhar dinheiro em Ilhéus para a viagem de vancês. Nos alforjes e nos corações conduziam breves contra febres e mordidas de cobra, lembranças e conselhos, faces queridas, lágrimas e soluços. Pai e mãe, mulher e filhos permaneciam em Sergipe na promessa e na espera, ilusórias razões de vida resgatadas lentamente pelos velhos na quietude da loucura mansa. As ressentidas vitalinas, essas trancavam-se com as chagas de Cristo na solidão histérica dos casarões, em uivos e blasfêmias. Os filhos aguardavam a idade do adeus e da partida.

Nos caminhos poucos casais, sobretudo com crianças. Raramente família numerosa, machos e fêmeas, idosos e moços, avós, filhos e netos. Acontecia porém: juntos haviam decidido empreender a travessia, juntos pretendiam permanecer. Clã ancestral, vigorosas raízes, laços profundos de sangue e substância. Terminavam por se dispersar na pugna do cacau: nas plantações, nas cozinhas das casas-grandes, nas tocaias, nas casas de putas. Violados os fundamentos, novos valores se impunham.

Cruzavam-se hábitos, maneiras de festejar e de chorar. Misturavam-se sergipanos, sertanejos, levantinos, línguas e acentos, odores e temperos, orações, pragas e melodias. Nada persistia imutável nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobrezas e ambições provindas de lares tão diversos. Por isso se dizia grapiúna para designar o novo país e o povo que o habitava e construía.

Diligentes e obstinados, os sergipanos povoaram o território do cacau.

Trabalho não faltava, enriquecer acontecia: matéria para trova e sonho, convite para calçar as alpargatas e partir. Mantinham certa solidariedade entre si, ajudavam-se sempre que possível.

Alguns, ao desembarcar em Ilhéus, traziam endereço certo: a fazenda de um conterrâneo, Coronel cuja fama de riqueza alimentava conversas e redondilhas nos dias pobres das cidades vazias de homens.

Quando Natário fugira de Propriá, trouxera recado de um parente, vago primo distante, para o coronel Boaventura Andrade. Em clima de risco, é mais seguro confiar num conterrâneo.

3

O capitão Natário da Fonseca suspendeu o passo da alimária à aproximação da farândola para melhor corresponder ao cumprimento do velho, repetido num eco de vozes cansadas: bastardes. O velho retirou o chapéu para pedir a informação. Queria saber se trilhavam o rumo certo das fazendas estabelecidas nas matas do rio das Cobras e se era verdade que naqueles lados estavam contratando trabalhadores. Verdade, sim: as safras iam começar, os bilros cresciam, dava gosto ver.

Não precisava perguntar para saber de onde procediam mas Natário indagou para esticar a conversa: — Sergipanos?

— lnhô, sim.

— Uma família só?

Contava com a vista: além dos três casais, o rapazola alto e forte, a menina de tranças, o molecote trazendo uma arapuca de pegar passarinho. A mulher de lenço amarrado na cabeça carregava criança de meses, a outra, mais jovem, estava de barriga. Dez viventes, em breve onze. Mais a contento, não podia ser.

— Inhô, sim. Tudo é parente.

— Tão vindo de onde?

O velho demorou um instante a responder — e se a notícia houvesse chegado até ali? Decidiu-se, portanto: — Nós tamos chegando de perto de Maroim. Mecê já ouviu falar?

— Passei por lá quando vim, faz um tempão. Sou natural de Propriá.

Parados e atentos, os outros acompanhavam o diálogo. Apoiado num galho de árvore, rústico bordão, a velha magra, seca de carnes, a carapinha ruça, mais da poeira do que da idade, deu um passo em direção ao cavaleiro, a mulher com a criança ao colo a acompanhou. Conterrâneo é quase parente, não é a mesma coisa que um estranho. Quem sabe, aquele cidadão de Propriá, bem-posto, montado em mula vistosa, em cima de bons

arreios, poderia ser de ajuda e salvatério? Algum motivo teria para encompridar conversa sob o ardor do sol, na beira da estrada. A família era grande, como fazer para não se desgarrarem uns dos outros, sobretudo depois do acontecido? A velha não se . atrevia a perguntar. Desejava paz para sua gente mas perdera a segurança.

— O que mais se vê por aqui é sergipano. Mas quase tudo chega escoteiro, família é rareza, quanto mais desse tamanho. Por que tá vindo o povo todo, se mal pergunto?

Um dos homens se adiantou ao velho:

— Por lá anda carente de trabalho, diz-que por aqui tem com fartura. Por isso e por mais nada.

Não olhou para o Capitão, olhou para os demais: a pergunta estava respondida, nenhum deles tinha o que acrescentar. Brusca, pouco elucidativa, não houvera contudo insolência ou desafio na resposta; apenas reserva, receio, quem sabe? O velho baixara a cabeça quando o filho o atropelará, tomando-lhe a palavra — precedência e respeito jaziam na danação de Maroim.

Natário não se deu por achado, não se afetou. Conhecia os relatos de cor e salteado, idênticos na peripécia principal. A quantos vira chegar, a arma de fogo ainda fumegante? Vadiou a vista de um a outro, medindo e pesando os quatro homens, qual deles havia atirado? Não descartou o rapazola: no calendário do vilipêndio conta-se a idade em dobro.

— Por isso e nada mais, bem respondido. Guarde sua conveniência, não sou padre confessor. Quando a gente desembarca por aqui, tá nascendo de novo, não tem contas a prestar. Pode até mudar o nome, se quiser.

Foi então que o homem mais moço se desprendeu da mão da mulher e andou em direção a Natário: — Tocaram com a gente, botaram pra fora. Nós não veio porque quis. Veio a pulso.

— Cala a boca! — ordenou o mais idoso, o que falara antes.

O velho esboçou um gesto, nem o completou. O Capitão desceu o olhar para a repetição no ombro do rapaz mas não chegou a fazer pergunta ou comentário. O moço, sem atender ao gesto do pai, à ordem do irmão, abriu o peito, libertou o afrontamento a consumi-lo: — Não se deu como vosmicê tá pensando. Elas não deixaram... — apontou a velha e a grávida, mãe e esposa: — Bem que eu quis acabar com o arrenegado. — Olhou para a palma da mão: — Aí, elas amarraram minhas mãos! Consumiram minha tenção!

Arrebatado, quisera na ocasião tomar da arma e fazer uma desgraça. Casado de pouco, a mulher nova, bonita e prenha agarrou-se em seu

pescoço: pensa em mim e no menino! A mãe arrebatou-lhe a repetição, preferia morrer a ter filho criminoso, preso ou fugitivo da polícia.

— Não criei filho para assassino nem para morrer na mão de pistoleiro. — Assim tinham morrido outrora seu pai e seu irmão, de morte matada, no mesmo inútil desafio.

Entre as duas, esvaziaram-lhe o ânimo, sobrou apenas a ameaça aos quatro ventos. Para o Senador pouca diferença existia entre a ameaça e a tentativa de consumar o crime, cuja responsabilidade era de todos juntos e de cada um em separado. Justiça de Salomão, ditada na cerca do curral.

4

Na fulguração do sol a pino, no caminho das matas, vomitaram a narrativa, cada histrião declamou sua parte com entonação precisa; na cova da recidiva enterraram o passado, doloroso espinho, carga inútil. Voltaram a ser quase como eram antes da impiedade ter estabelecido método e termo, razão e desrazão. Quase como eram mas não inteiramente: mesmo curadas, as chagas deixam marcas indeléveis.

Mais uma vez o Capitão escutou a corriqueira crônica dos corumbas. Homens e mulheres, do velho ao molecote, cavoucavam medidas braças de terra à meia com o dono e senhor, fazendeiro de gado, chefe político, senador estadual. A vida transcorria plácida, plantavam e colhiam, levavam a parte que lhes tocava à feira de Maroim, vendiam e barganhavam. Aos domingos as mulheres acudiam à igreja, os homens ao botequim.

Um dia, sem que nem por que, ficou o dito por não dito. O acerto de boca, a palavra empenhada de nada valeram. Tiveram de entregar a terra lavrada, a casa, o galinheiro, o poço, a segurança e o riso por dez réis de mel coado.

Convocado à sede da fazenda, o velho regressou com a paga estipulada. pelo Senador — não adianta discutir, é pegar ou largar— prazo para arrumar a trouxa e buscar outra pousada, uma ardência nos olhos, um nó na garganta. Queixarse a quem? Ao bispo?

Para as mulheres no desatino da aflição houve, bem certo, o conforto do padre-mestre, ele próprio afetado pela medida inesperada que vinha privá-lo dos gordos capões, das frutas escolhidas, dos tenros aipins, dádivas semanais daquela boa gente, temente a Deus. Aconselhou resignação e obediência. De certa maneira — opinou semicerrando os olhos, entrelaçando os dedos sobre a pança — deviam considerar-se criaturas de sorte dado o natural bondoso do Senador. Dono da terra — ou a terra era deles, por acaso? —, se o Senador quisesse, poderia tê-los posto

fora sem pagamento de nenhuma espécie, sem prazo, sem aperto de mão, Precisava daquele massapé para transformá-lo em pasto para o gado, capim-gordura em lugar da mandioca e do feijão. O rebanho tinha preferência, nada mais justo. O Senador fora duplamente magnânimo: primeiro, ao lhes permitir lavrar e colher, por tanto tempo; depois, ao pagar pelo que não devia. Recordou ainda o prazo concedido, suficiente para que pudessem ir à feira no sábado vender os produtos derradeiros, antes da mudança. Cabia agradecer. Deitou-lhes a bênção, Deus é grande.

Não fossem o arrebatamento e as ameaças, o caso teria transcorrido sem outros vexames. Mas, ao saber por vias travessas da cólera e das palavras vãs, o Senador chocou-se profundamente: não tolerava ingratidão. Cancelou o prazo, decretou expulsão imediata — se qualquer membro da família fosse encontrado rondando suas terras, não haveria complacência.

Quanto ao atrevido, ao bandido que pensara assassiná-lo, esse precisava de uma lição. Preso, amarraram-no a um mourão adestra do curral, sem água, sem comida, cozinhando ao sol.

Tiveram de arrastar a prenha que se abraçara às pernas do marido disposta a morrer junto com ele. A velha se plantou ao pé da sacristia em Maroim até ser recebida pelo padre-mestre. Modesta ovelha do rebanho do Senhor, ei-la de repente tresloucada fúria, mais parecia tomada pelo Cão. Padre, se não soltarem ele, a gente vai voltar e vão ter de acabar com nós todos, um a um, a começar por mim, vai ser uma mortandade. Até o padre-mestre, de natureza contemplativa e pachorrenta, perdeu a tramontana, teve medo, sentiu um frio na barriga.

— Deus te perdoe, mulher. Vou ver o que posso fazer. Provando novamente generoso ímpeto, o Senador atendeu ao pedido do padre, mandou soltar o miserável a tempo de se reunir com o resto da raça ruim. Antes, porém, administraram-lhe duas dúzias de bolos, utilizando a palmatória dos negros de antiga e benemérita serventia.

O Senador não admitia gente de má fé em seus domínios. Seus domínios: o Estado de Sergipe, chão e águas, as árvores, os bichos, os caminhos, a justiça. Tinha alguns sócios menores, ricos senhores de engenho. Os demais eram servos.

5

— Nós veio escorraçado...

De que adiantava levar a espingarda ao ombro? Tarde demais, a hora

passara. Melhor seguir o conselho materno e esquecer: trancar nas tripas o inchaço e o queimor da palmatória.

— Podia ser pior — concluiu a velha —, o que passou, passou. A provação se acabou e nós tamos com vida. Deus há d ajudar que a gente possa ficar junto.

O Capitão não comentou os acontecidos, não disse sim, não disse não, não tomou partido a favor ou contra, não aprovou nem condenou. História ordinária, de pouca monta, a velha não deixava de ter razão: o que passou, passou; se permanecessem juntos, poderiam transformar o infortúnio em abastança. Família numerosa, ordeira e trabalhadora, habituada ao cultivo da mandioca, do feijão, do milho, à criação de galinhas e de cabras. Exatamente de famílias assim Tocaia Grande estava necessitando para assentar raízes e progredir. Estabelecida a primeira, outras acorreriam.

— É mesmo que tão querendo ficar todo mundo junto?

— Trazemos essa intenção mas diz-que não é fácil. — O velho retomou a palavra e o comando.

— Como é o nome de vosmicê?

— Ambrósio, um criado às ordens.

— E vosmicê, minha tia, como se chama?

— Evangelina, mas me tratam de Vanjé. Será que não tem um jeito...

— Tudo tem jeito, afora a morte.

Começou por declarar o nome e o título — por esses extremos do mundo todos me conhecem. Passou então a falar sobre Tocaia Grande, lugarejo a menos de uma légua de caminho, crescendo num sítio bonito por demais. Contou das terras nas margens do rio nas quais poderiam plantar compridos alqueires de feijão, de milho, de mandioca, terras sem dono, de quem chegar primeiro. Nas roças de cacau seria cada um para seu lado, sem apelação.

— Terras sem dono? Deveras?

— Boas de enxada?

— E se depois...

Por duas vezes a velha tinha visto acontecer, testemunha e personagem.

— Aqui é o princípio do mundo, sia Vanjé. Não é como em Sergipe onde tudo já tem dono e senhor. Até os milagres dos santos.

Vanjé compreendeu que o homem de Propriá era um emissário do destino, sentiu-se libertada dos temores e da incerteza. O velho Ambrósio, porém, considerou: — O dinheiro que nós tem não basta nem pra começar.

— Nem carece. Chegando lá, procure um turco chamado Fadul, diga

que vai de minha parte. Ele vai facilitar tudo que vancês precisar.

Explicou por fim o porquê de tanta regalia: — Não sei de lugar mais bonito de se ver do que Tocaia Grande, mas só vai prosperar no dia que tiver família morando, menino pequeno e bicho de criação.

O irmão mais velho, o da resposta brusca, calado desde então, ainda quis saber: — Vosmicê é de lá?

— Nasci em Propriá, como já disse. Mas é em Tocaia Grande que vou morrer quando chegar meu dia.

6

A récua de corumbas desaparecera na poeira do atalho. O pensamento do capitão Natário da Fonseca refluiu até as barrancas do rio São Francisco, aos prados da indigência e do arbítrio. No silêncio da mata ouviu queixumes e um clamor de agonia. Por um breve momento cavalgou de novo, lado a lado, com o beato Deoscóredes prestes a decretar o fim do mundo e a alforria do povo. Mas a besta do Apocalipse era um tardo jumento de presépio quando, para enfrentar o império da abominação, o profeta deveria montar ao menos o lobisomem ou a mula-sem cabeça. A vida das criaturas continuava sem valer um ai. Nem:! sequer a palmatória dos negros fora abolida, quanto mais o resto.

Por que deter-se em tais desordens seculares, apoquentar-se? Os laços de berço e nascimento haviam-se rompido para sempre em remota conjuntura. Compromissos prementes e atuais requeriam seus cuidados. Em lugar da lazarina, portava punhal e parabelo: garantias de acordos verbais, penhores de retidão.

Um sorriso aflorou aos lábios de Natário: o turco iria levar um susto da peste ao defrontar-se com os sergipanos portadores do recado. Nem de propósito, naquela manhã exatamente, os dois haviam conversado e Natário dera o diagnóstico e propusera o remédio:

— Pois é como lhe digo, compadre Fadul: enquanto não tiver família morando, for somente tropeiro e meretriz, o movimento vai continuar tacanho. Mas não esmoreça não. Logo vou arranjar uns sergipanos para botar aqui. Começa a ser de precisão: as roças novas vão principiar a dar cacau, o dinheiro vai correr.

— Que Deus fale por sua boca, capitão Natário. Dinheiro é o que está fazendo falta.

— Tu não acredita, turco? Tu sabe quantas propriedades novas tem nas redondezas?

— Se não acreditasse não tinha me arranchado por aqui. Só que pensei

que ia ser mais depressa e está sendo devagar.

— Tudo tem sua hora certa, Fadul, não paga a pena se afobar. Dantes não dava pé porque as roças ainda tavam crescendo. Já pensou, compadre, essas roças todas carregadas? É um mundo sem porteira. Tocaia Grande vai deixar de ser uma tapera, um lugarejo. Já e já passa Taquaras para trás. Escreva no papel, se duvidar.

— Deus pode tudo, Capitão. Quando é que o nobre amigo vai arrumar os sergipanos?

— Qualquer dia desses, Fadul. Quando menos se esperar.

Assim dissera de manhã, ao passar por Tocaia Grande vindo da Fazenda da Atalaia. Quando menos se esperar: parecia mesmo de propósito, coisa combinada. Pena não poder ver a cara do turco à chegada do rancho: o espanto, os gestos, o vozeirão. O diálogo com Deus sobre a singular coincidência. O Deus de Fadul Abdala era um ente próximo, quase membro da família, amigo poderoso porém íntimo, sócio nos negócios.

O Capitão estimava Fadul, turco ladino, bom de prosa e de folgança, comerciante astuto, uma fera no trabalho: mascate afamado nas roças e fazendas, continuavam a lastimar sua falta. Enxergando longe, estabelecera-se em Tocaia Grande no entusiasmo do crescente movimento de tropas e passantes. Atravessara sem uma queixa o tempo das vacas magras, suportara as sete pragas sem arrepiar caminho, alegre compadre e companheiro.

A FAMÍLIA DE SERGIPANOS CHEGA
A TOCAIA GRANDE E O CAPITÃO NATÁRIO DA FONSECA INICIA A CONSTRUÇÃO DE CASA PRÓPRiA

1

A manhã ia alta e as duas raparigas, a velha Jacinta Coroca e a moça Bernarda, calentavam o sol do verão na porta da casa de madeira mandada construir por ordem do capitão Natário da Fonseca. Jacinta remendava trapos de vestir; Bernarda penteava a negra e basta crina, seus cabelos eram belos e ela o sabia. Examinava-os fio por fio, em busca de lêndeas.

Desviando a atenção da delicada tarefa de renovar a linha na agulha, Coroca olhou de través para a companheira, rompeu o silêncio e a quietude: — Mulher da vida que emprenha não tem competência.

Mais valia ter ficado na roça quebrando coco de cacau.

Disse em voz baixa, apenas audível. Em voz baixa prosseguiu na conversa de sotaque, compassado resmungo; a vista presa à costura, como se falasse para si própria e para mais ninguém. Da mesma maneira Bernarda a ouvia; como se nada ouvisse e ainda perdurasse o sossego da manhã.

— Por que diabo ela havia de pegar barriga? Vai ver e ela nem sabe quem é o pai do desinfeliz. Sabe coisa nenhuma!

A carícia da viração na água do rio, na copa das árvores, nos cabelos de Bernarda. Coroca arrazoava:

— Quem não tem entendimento não deve escolher oficio de puta, que não é ofício singelo, é bem mais dificultoso. Ela pensa que basta catar piolho, arreganhar os dentes se rindo, botar cheiro nas partes, tá muito errada. Mulher da vida é igual a freira: quando entra pro convento, larga tudo. Pai e mãe, irmã e irmão, o nome verdadeiro e o direito de emprenhar e de parir. Só que freira vira santa e vai pro céu sentar na mão de Deus e a gente não passa nunca de puta, condenada sem salvação.

Fitou o horizonte além do rio e das colinas, a luz intensa doeu-he os olhos:

— Gastei as vistas de tanto ver menino cagado e remelento botando ranho pelo nariz, chorando pelos cantos nas casas de rapariga. Filho de rapariga é a raça mais desamparada que existe. É preciso ser zureta, que nem ela, para pensar que puta pode ter luxo de filho, pode botar cria no

mundo. Coisa mais lastimosa é mulher-dama fazendo a vida com menino pequeno agarrado na barra da saia.

Sem interromper a litania, suspendeu a costura, examinou os consertos nos rasgões da blusa descolorida:

— Se ela não sabia como fazer para não pegar menino, por que não perguntou aos de maior? Cadê que eu nunca peguei, e estou na vida faz um ror de tempo: os dedos das duas mãos e dos dois pés não chegam para contar os anos que levo nessa lida. Não é de hoje que me chamam de Coroca.

Silenciou por um instante, indecisa. As memórias do fadário eram privilégio seu, exclusivo. Mas se ela não acudisse em socorro de Bernarda, a ignorante iria arrastar a cruz de um filho vida afora. Bernarda podia ser sua neta.

— Eu era moderninha quando Mãe me ensinou pro mode não emprenhar do coronel Ilídio. Tava amigada com o Coronel, de casa posta. Foi ele quem me acudiu quando Olavo, depois de me tirar os tampos, morreu cuspindo sangue, fraco do peito. O Coronel botou casa pra mim, sortida de um tudo e mais o que eu pedisse. Bastava eu desejar, ele mandava dar em dobro, rabicho de bode velho. Eu tava de grande, Mãe não se cansava de dizer. Bastava não pegar filho que isso dona Marcolina não ia tolerar. Por mais de sete anos fui senhora-dona, ou ela pensa que já nasci mulher perdida? Só caí na vida quando o Coronel faltou e dona Marcolina mandou me dar uma surra e correr comigo de Macuco. Foi a primeira ordem dela pros cabras, depois de botar luto de viúva e tomar conta da fazenda. — Afastou a vista da costura: — Era melhor que tivesse mandado me matar.

Por entre os fios da cabeleira solta sobre o rosto, Bernarda acompanhou o olhar de Jacinta vagando sem rumo. Contra a claridade, os olhos pareciam vazios, olhos de cego. Coroca retornou à costura, a ladainha recomeçou: — Tivesse perguntado, eu tinha ensinado. Bastava ela dizer: Jacinta, como é que a gente faz pra não pegar filho? Mas, cadê, ela perguntou? Escusava estar aí de barriga, sem saber quem é o pai da criança.

Começara a remendar uma anágua, lançou outro olhar de viés para o ventre intumescido da rapariga, abrandou a voz:

— Também não é motivo para ela se amofinar. Conheço a receita de uma garrafada feita com folhas que a gente cata no mato, é tiro e queda. A fulana bebe e no mesmo dia, com poucas horas, bota tudo pra fora, no carrego do boi, não fica nem rastro, Tem de tomar dentro d'água, na hora

do banho. Aprendi com a finada Cremilda que pegava menino a três por dois, não que quisesse, mas porque ela era assim, emprenhava no bafo dos homens. Pois bem: tantos pegou, tantos devolveu.

Fitou a moça de frente: companheira de casa e de ofício, tão moderna, sem um pingo de juízo. Coroca não podia permitir tamanho desatino:

— Tou falando com tu, tenho idade pra ser sua avó. Preparo a garrafada ainda hoje, é ruim de gosto mas lava o bucho. Tu toma no meio da tarde, amanhece de barriga limpa. Tá ouvindo?

Bernarda levantou a cabeça, jogou os cabelos para trás e finalmente enfrentou o olhar da tagarela: — Vosmicê me desculpe mas não vou beber garrafada nenhuma para esvaziar a barriga, não tome trabalho de ir pro mato catar folha. Sei que vosmicê não fala por mal, fala na tenção de me ajudar. Só que eu peguei menino porque quis pegar, não foi por ignorância. Cadê que peguei mentres Pai dormiu comigo? Não queria ter filho dele: quando Pai abria minhas pernas, eu fechava o resto do corpo.

— Tu não sentia nada com ele?

— Vosmicê pode não acreditar, pensar que tou mentindo. Das primeiras vez, me dava raiva, só fazia chorar. Depois, nem isso. — Fez um gesto com o ombro espantando aqueles amargores passados: — Nem quero me lembrar, agora não me importo com mais nada afora o menino que tá na minha barriga. Peguei porque quis e vou parir ele, ninguém vai empatar. Ninguém, no mundo.

Espreguiçou-se, colocou as mãos sobre o ventre para melhor exibilo; depois pegou a mão de Jacinta e a beijou.

Não havia jeito a dar, garrafada que resolvesse. Coroca assentiu com a cabeça, concordando. Decifrada a charada, desapareciam as razões para a conversa de sotaque — o vinagre fez-se mel para o colóquio: — Tou vendo. É filho dele, não é?

Não era necessário pronunciar o nome para que Bernarda soubesse a quem Jacinta se referia e abrisse os lábios num sorriso triunfante

— É de Padrinho, sim, vosmicê adivinhou. — Ergueu o rosto, despira-se da braveza e da contenda, os cabelos rolaram sobre os ombros, fios voaram ao sabor da brisa; Coroca a viu de frente para o sol, ufana. — Que mais posso querer no mundo, que mais posso pedir a Deus? Que nasça homem, parecido com ele.

— Tudo que é filho dele sai a cara do pai. Os de Zilda e os da rua.

— O meu vai ser igual nas feições e no brio.

Cada vivente, por mais miserável e despossuído, por mais coitado e sozinho, tem direito a uma quota de alegria, não há sina que seja inteira de

amargura. Não importa o custo, o preço a pagar. A própria Jacinta pagara preços absurdos por um capricho, a chama de um desejo. Nunca se arrependera nem mesmo quando, após fenecerem a excitação e o júbilo, a solidão medrara cinzenta e acerba. Afinal, que se leva da vida além da dolência e da ânsia, da agonia e da ventura de um xodó? Vale a pena correr o risco: por mais caro que seja o preço, será barato.

— Nesse mundo nada é gratuítes; tudo tem sua paga. Pode se pagar com a vida, já vi se dar. Se tu pegou menino porque teve vontade e se dispôs, ninguém pode se meter e condenar. Só que, depois, não adianta tu se queixar, tem de aguentar calada.

— Me queixar? De quê? Me diga vosmicê! Não vê que tou feito doida, rindo pelos cantos?

Sobranceiro coração, riso solto, cabeça-de-vento.

— Cabeça-de-vento, tu precisa se prevenir pro parto. Até os bichos do mato se preparam pra parir.

— Tava esperando chegar mais perto pra combinar com vosmicê.

— Mais vale falar de uma vez. Onde tu vai desovar? Em Taquaras? Em Itabuna?

— Vou ter aqui mesmo.

— Aqui? Tu tá maluca? Aqui não tem nem parteira pra aparar o menino na hora dele nascer.

Bernarda voltou a sorrir: — Não tem? E vosmicê?

— Eu? — Pegada de surpresa, Coroca se assustou, estremeceu — Fiz muita coisa por esse mundo afora, tu nem pode avaliar, até de bexiguento já cuidei. Mas nunca aparei menino.

— Pois vá se preparando pra pegar o meu.

A velha emudeceu. Assistira a mais de um parto, acontecera-lhe ajudar a aparadeira na hora do milagre trazendo bacia e água, os panos. As parteiras, umas rainhas, competentes, compenetradas, o passo tranquilo, o gesto medido, a palavra definitiva, sumidades nos povoados, nas mãos os poderes de Deus. Quando voltou a falar, o fez com voz estrangulada, rouca de repente, provinda das entranhas: — Tu tá querendo mesmo que eu apare teu menino? Tu pensa que sou capaz de fazer um parto? — Deixara de lado agulha e a linha, as peças a remendar.

— Vosmicê se dispondo pode fazer tudo o que quiser.

— Aparar um menino, ajudar ele nascer, ai, meu Deus bendito! — Olhou as mãos magras, ossudas. — Possa ser que sim!

— Depois que eu parir, a gente vai ser comadre.

— Nós já é comadre desde a São João, tu se esqueceu?

— Comadre de fogueira, agora nós vai ser de vida e morte.

Balançou a cabeça, a condenar-se: — Dizer que eu tava querendo matar o pestinha antes mesmo dele nascer. Velha bronca, zureta!

Riram as duas mansamente, duas putas a quentar sol na porta da casa de madeira no arruado de Tocaia Grande, começo do verão. Riso gratuito, o da velha e o da moça, igual viração alvoroçando a copa das árvores, arrepiando a correnteza do rio, riso de puro contentamento.

2

— Só pode ser aqui. — Afirmou Ambrósio suspendendo a marcha.

A planície se estendia nos dois lados do rio, circundada pelas colinas abruptas. Espécie de cerrado raso, a vegetação rasteira e espessa cobria a margem esquerda completamente desabitada. Na margem direita divisavam ao longe choupanas espalhadas ao léu, e mais próximo o correr de casebres alinhados à beira do caminho. Avultavam contadas casas de telha, construções de madeira e uma de palha, vasto barracão no campo aberto:

— Bem o homem falou que era bonito. — Murmurou o velho.

— O Capitão. — Corrigiu a velha Vanjé. — Ele disse que era capitão. Capitão Natário.

O velho Ambrósio, a velha Evangelina, conhecida por Vanjé. Encarquilhados, magrelas, canosos: ele não passara dos cinquenta, ela ainda não chegara lá. Dois velhos lavradores escorraçados de suas plantações, em busca de braças de terra onde semear e colher por conta própria. Fitavam a mata virgem alçada diante deles, pujante e antiga. Terras devolutas, era chegar e tomar posse. Não seria outro embuste, treita vil? Por que o homem, um capitão, haveria de mentir? O horror ocorrera nos longes de Sergipe, terras cativas. Águas passadas.

Dinorá mantinha-se junto de Vanjé, a criança ao colo. Voltou-se e sorriu para o marido, João José, dito Jãozé. Terminada a peregrinação, iam poder sitiar os parcos teréns, finalmente assentar casa. Pensara que nunca mais alcançariam pouso, sítio onde amanhar o solo, plantá-lo, criar porcos e galinhas. Criar o filho, engravidar de novo. Temera que o menino morresse na estrada, em seus braços: o enfezado gemia baixinho e devagar, sem forças para o choro.

O marido deu um passo à frente, colocou-se entre a mãe e a mulher; respondeu ao sorriso aflorando com os dedos o rosto lasso da companheira. Ele, João José, desaprendera de sorrir. Antes dos acontecidos de Maroim — fora ontem ou decorrera muitos anos? — Dinorá povoava a

casa de cantigas, face louçã, olhos vivos, garrida, alvoroçada. À noite, ele a tomava nos braços, riam e suspiravam juntos.

Dedos toscos, mão calosa e suja: o carinho inatendido não tocou apenas a face de Dinorá ampliando o sorriso tímido nos lábios ressequidos. Unguento milagroso, derramou-se sobre as chagas, por fora e por dentro, no exposto e no recôndito. As pontas dos dedos tocaram cada fibra de seu ser: bálsamo suave, chama voraz. Dinorá sentiu-se renascer, outra vez mulher para a labuta e a cama.

A formosura das cercanias não encobria a pobreza do lugar. Jãozé queixou-se, macambúzio:

— Maginei um arraial, mal passa de um arruado. Tá nos começos.

— Que nem nós. Diz-que a terra é boa. — Retrucou Ambrósio levantando a voz para impor a confiança.

Os retardatários juntaram-se aos velhos. Parados sob o sol na curva da estrada, fitavam a terra da promissão, olhos presos nos morros e nas palhoças, corações descompassados. Vacilavam entre a descrença e a segurança, sentiam medo, tinham dúvidas mas buscavam despir-se dos padecimentos e da amargura. Agarravamse às palavras do Capitão: terra fértil e abundante.

— A terra sendo boa nós tá como quer.

— Terra de fartura, benza Deus. Basta ver a força dos pés de pau.

— Nós vai precisar de muito muque para abater essa mata.

— Acho que o homem...

— O Capitão! — Vanjé renovou a advertência.

— ... acho que ele tava falando das terras do lado de lá do rio. — Agnaldo, o dos bolos de palmatória, apontou para o cerrado na margem oposta: — É só roçar e plantar.

— Tomara seja. É mais melhor. — Ainda assim, Jãozé persistia na dúvida, um pé atrás: — Só que não tem a quem vender.

— O Capitão disse que não tarda ter.

— Deus queira.

— Há de querer.

Recomeçaram a marcha, na frente o velho Ambrósio com o bordão, restaurado no respeito e no mando. Vanjé encarregou-se do menino para que a nora pudesse ir de mãos dadas com o marido. Agnaldo ofereceu o braço à prenha extenuada e ofegante:

— Nós tá chegando, Lia. Falta pouquinho. — Não fosse ela parir antes da hora. — Por que tu tá chorando?

— É de contente.

— Donde será que fica a casa do gringo?

Diva, a mocinha de tranças, respondeu à pergunta do irmão: — Devera ser aquela. — Indicava com o dedo a oficina vistosa em pedra e cal. — Vambora, gente!

Lá se foram, cansados corumbas sergipanos, entre o temor e a fé, a desdita e a expectativa. O menino e o rapaz passaram diante do grupo correndo em direção ao rio.

— Para onde ocês tão indo?

— Deixa eles, mãe. Quem dera eu ir também. — Atalhou Diva: os cabelos duros de poeira, a cara encardida, a inhaca forte, o corpo pedindo banho.

— Até eu. — Concordou a barriguda.

— Adespois. Agora nós vai falar com o turco.

3

Mirrados doze anos, o menino largou a arapuca na beira da correnteza onde o rio se encachoeirava. Livrou-se dos andrajos, mergulhou.

Aurélio, o irmão, olhou para trás, não enxergou ninguém afora de sua gente levantando poeira no caminho. Arrancou a camisa, começava a desabotoar as calças quando escutou frouxos de riso. Espiou rio abaixo, surpreendeu numa bacia de pedras animado conluio de mulheres. Aurélio ficou sem movimento, segurando a calça. As raparigas, à la vonté, umas seminuas, outras em pêlo, esfregavam trapos, banhavam-se, esquecidas em vadio conversê. Atarantado, o adolescente não soube o que fazer nem como impedir o zebedeu de crescer sozinho na braguilha. Terra farta e dadivosa: desperdício de coxas e tetas, de bundas e xibius. Aurélio andava pelos dezessete anos.

Nando, o menino, apossava-se do rio, conquista inicial. Depois viriam as árvores, os saguins, os passarinhos.

4

É fácil reconhecer um turco pelo nariz adunco, pelo cabelo crespo, pelo acento engrolado. Na casa de pedra e cal depararam com um negro retinto, martelando ferro em brasa, sebenta pele de caititu atravessada na cintura. Turco daquela cor nunca se vira: Diva não conseguiu reter o riso.

Tição suspendeu o trabalho; não sabia por que a mocinha ria sob as tranças mas riu também, descontraído. Logo enxergou os velhos e o resto do povo. No horizonte, vindo do rio, Bernarda atravessava o descampado. Diva sentiu-se em paz e confiante. O corpo franzino de menina, o ar de moça calejada pela vida.

— A casa do turco é aquela grande, de madeira. Na frente fica a venda, no fundo a parte de morar. A essa hora da tarde, Fadul ou tá dormindo ou tá fazendo conta. Vou com ocês.

Curioso, acompanhou o grupo até a bodega. Debruçado no balcão, Fadul Abdala estudava nomes e datas anotados num caderno: relação de débitos e empréstimos, dias de vencimento.

— Foi o capitão Natário que mandou nós vir. Diz-que a terra é boa de plantio e que vosmicê ia fornecer o que for preciso.

O turco relanceou o olhar de um a um: — Tão vindo de Sergipe?

— Inhô sim.

Deu-se então algo que os corumbas não entenderam: o homenzarrão pôs-se de joelhos, elevou as mãos aos céus, clamou em árabe: falava com alguém de sua confiança, era com Deus. O rosto jubiloso, frases de louvor: compadre Natário não faltava jamais com a palavra. De manhã prometera enviar em breve famílias sergipanas para povoar Tocaia Grande. A tarde ainda não caíra e o primeiro contingente já chegara naquele mesmo dia, louvado seja Deus!

Levantou-se e, para demonstrar a satisfação que o empolgava, começou por oferecer cachaça aos homens. Considerando, a seguir, a velha, a parida, a prenha e a donzela, foi buscar nos seus guardados uma garrafa de licor de jenipapo, sobra das muitas preparadas pela finada Cotinha para as festas de junho no passado inverno. Serviu à parida e à donzela, a prenha pediu água para matar a sede, a velha preferiu o gole de cachaça. Contando com o menino de colo somavam oito, mas informaram que faltavam os dois mais moços, tinham escapado para tomar banho.

— Os sergipanos! — Bradou o turco à toa.

Colocou-se às ordens. A terra estava ali, sobrando, bastava atravessar o rio. Ponte não havia, nem canoa, a passagem era por cima das pedras no lugar da correnteza, no inverno fazia-se mais difícil devido às chuvas. Terra da melhor qualidade à espera de quem a cultivasse.

— E não tem dono? De verdade?

— Agora tem, são os amigos, é só escolher o pedaço que quiser. Não foi o que o Capitão disse?

— Ele é fiscal, tabelião?

— Como se fosse.

João José continuava com um espinho na garganta: — E pra quem nós vai vender?

O turco abriu os braços desmedidos: — Por detrás da mata é tudo roça de cacau começando a dar. Freguês não vai faltar.

Assim lhe afirmara o compadre ainda naquela manhã e somente um maluco se atreveria a duvidar do capitão Natário da Fonseca.

Para não ficarem ao relento nos primeiros dias, aconselhou o barracão onde os tropeiros e os demais passantes se acolhiam, posto de muito movimento durante a noite e em certas noites salão de dança e de folia. Tição, sempre sorrindo, lembrou que as mulheres, se quisessem poderiam se acoitar numa palhoça abandonada, a que fora de Epifânia; uma novata ocupara a de Cotinha. Sobretudo para a grávida e a outra com o menino, melhor que o barracão. Só tinha de ruim ficar na Baixa dos Sapos, reduto das raparigas.

— O que é que tem? — Disse Vanjé.

Coroca apareceu para comprar querosene, estranhou o movimento àquela hora.

— São os sergipanos que o Capitão mandou. Vão botar roça de mandioca do outro lado do rio. Plantar feijão e milho.

— Tava precisado.

Do Caminho dos Burros, da Baixa dos Sapos acorrera mulheres e homens, bisbilhoteiros. Ofereceram préstimos, trouxeram de comer. O menino passou de braço em braço.

5

Ao desembarcar do carro de boi, Zilda, mulher de Natário, não foi saudada com foguetes apenas porque o Capitão esquecera de prevenir Fadul com a necessária antecedência. Nem por isso o acontecimento deixou de ser tão celebrado quanto a chegada dos sergipanos, dois meses antes. A notícia de que o capitão Natário da Fonseca resolvera finalmente começar a construção de sua moradia causara sensação, marcava mais uma etapa na vida de Tocaia Grande. Os cacaueiros novos floresciam nas roças próximas, às vésperas da primeira safra.

Dias antes, Balbino e Lupiscínio abriram uma picada e subiram o morro a fim de estudar a localização da casa; Bastião da Rosa e Guido ocupavam-se do cocho e das barcaças na Fazenda da Boa Vista. Zilda viera para decidir com pedreiros e carpinas sobre o conjunto e os detalhes da obra. Obra de vulto, o proprietário não era um qualquer e possuía família numerosa, mulher e oito filhos, cinco legítimos, três adotados. Curiosamente os oito se pareciam demais uns com os outros. Zilda não fazia distinção entre legítimos e adotados como se houvesse parido todos ele.

Quando o carro de boi gemeu ainda na distância, moradores acorreram

em alvoroço ao descampado para saudá-la. Mas Natário, à frente da junta de bois, cavalgando a mula preta num trote lento, dirigiu a comitiva para a casa de madeira onde viviam Coroca e Bernarda. As duas aguardavam na porta.

Zilda trouxera com ela dois filhos: Edu, o mais velho, moleque taludo de treze anos, a figura do pai cagada e cuspida, e o último, nascido no fim das lutas, pouco depois de Natário ter ganho as tarefas de terra onde plantara as roças de cacau, afilhado do coronel Boaventura e de sua nédia e santa esposa, dona Ernestina. Em honra da madrinha recebera na pia batismal o nome de Ernesto.

Delicada de corpo, frágil de aparência, em verdade saudável e disposta, Zilda desembarcou arregaçando a barra da saia. A afilhada beijou-lhe a mão: — A bênção, minha dinda.

— Deus te abençoe, minha filha. Bom dia, Coroca, tu tá cada vez mais forte.

— Vou indo como Deus permite.

Natário desmontara, afrouxava a cilha da mula. Pretendia prosseguir viagem apenas houvesse mostrado a Zilda a colina onde iam erguer a casa à beira do pé de mulungu. Ernesto desceu do carro arrastando um cachorrinho amarrado com uma corda. Assustado, o animal resistia, mostrava os dentes. Tocando com a ponta dos dedos a mão estendida de Castor Abduim, presente à recepção, Zilda comunicou:

— É unia cadelinha que trouxe pra vosmicê, seu Tição. Tá com um mês de nascida; Negrinha teve uma ninhada de seis. Diz-que vosmicê tem um cachorro, tá aí uma mulher pra ele.

Riu um riso breve, agradável. Os que a conheciam apreciavam a maneira como ela cuidava da casa e criava os filhos, os de sangue e os recolhidos: mulher como se requeria para um tal marido. Devotada, discreta e decidida.

— Vai ter que esperar ela crescer... — Avisou o negro a Alma Penada que saltava em torno, indócil.

Tição afagou o focinho da cadelinha, coçou-lhe a barriga e a colocou no chão. Alma Penada tocou-a com a pata, rosnou de brincadeira. Oferecida, disse Tição assim designando-a por tê-la recebido de presente e por vê-la, minúscula e atrevida, saltitar provocando o vira-lata.

Puxando Edu pela orelha, também Natário dirigiu-se a Castor: — Vancê vai ganhar de troco esse moleque aqui, o meu mais velho, Eduardo. Vai ficar com vancê pra aprender o ofício. Faça dele um bom ferreiro como ocê.

— Pode deixar por minha conta.

— Vam'entrar. — Convidou Coroca.

No fogo a lata com o café recém-coado. O de-comer sobre a mesa improvisada num caixão de querosene: fruta-pão cozida, carne-seca chamuscada, farinha, inhame, jaca mole e mangas coração-de-boi, verdes de cor, maduras de gosto,. grandonas, incomparáveis. Mal provaram do banquete pois Natário dava pressa:

— Vambora que eu quero me tocar pra roça. Ocês vão ter muito tempo pra conversar

Antes de acompanhar o marido e a procissão de moradores em direção ao morro, Zilda entregou a Coroca um par de chinelas cara-de-gato com pompom vermelho, prenda de luxo vinda de Ilhéus, e a Bernarda um pequeno embrulho contendo roupinhas de neném: camisola de pagão, sapatos de crochê, touca azul com fita branca, tudo feito por ela, jeitosa como não havia outra.

A barriga de Bernarda estufara. Vai ver são mabaças, brincou Zilda tocando o ventre da afilhada. Buchuda, pernas inchadas, não deu para Bernarda acompanhar a madrinha na escalada. Manejando os facões, Lupiscínio e Balbino alargavam a trilha recém-aberta.

Natário não voltara ao cimo da colina desde que ali subira com Venturinha interessado nas minúcias do acontecido, havia anos. Pouco depois da noite de temporal, a noite da tocaia, da tocaia grande.

O POVOADO

A VELHA JACINTA COROCA SE INICIA
NO CONCEITUADO OFÍCIO DE PARTEIRA

1

— Quem te viu e quem te vê... Assunte no movimento, dona Coroca... Benza Deus! — O carpina Lupiscínio referia-se às mudanças ocorridas em Tocaia Grande.

Dirigiam-se ao descampado, ele e Jacinta Coroca. Aos domingos pela manhã os lavradores expunham em frente ao barracão de palha produtos da terra e animais de criação, trazidos na canoa cavada por Bastião da Rosa e por ele próprio, Lupiscínio, num tronco de vinhático que Ambrósio e os filhos haviam abatido a golpes de machado. Naquele princípio do mundo os mestres de ofício, pedreiros ou carpinas, não enjeitavam encomenda, faziam de um tudo; todavia a partir do último inverno ninguém podia se queixar da falta de trabalho. Sendo os ajustes de boca, a maioria no fiado, acontecia com frequência o pagamento se atrasar, mas a palavra dada bastava como aval. No mais das vezes a tarefa contava com a ajuda coletiva: a troca de serviços era moeda corrente no lugar.

Na pisada dos sergipanos de Maroim, duas outras famílias haviam se estabelecido na margem oposta do rio, lavrando e plantando, criando galinhas, cabras e porcos. Devido à abundância de cobras venenosas, construíam as moradias sobre estacas, embaixo instalavam os chiqueiros. A capa de toucinho que cobria os porcos tornava-os imunes às picadas das serpentes que eles matavam e comiam. A pedido dos novos moradores, Guido e Lupiscínio planejavam o assentamento de um pontilhão na parte mais estreita da correnteza. Tendo perdido mais de uma rês na enxurrada, o coronel Robustiano de Araújo demonstrava interesse pelo projeto. Também o Capitão.

A família de José dos Santos, procedente de Buquim, somava seis parentes: ele, a mulher, o filho homem e as três moças. A de Altamirando, constituída pelo casal e um filha, viera do sertão tocada pela seca; a filha, Ção, lesa de nascença, completara treze anos. De quinze em quinze dias Altamirando comprava um boi no curral do coronel Robustiano — a crédito, para pagar na quinzena seguinte — e o abatia para vender a carne fresca aos domingos e salgar a sobra. Da sociedade com Ambrósio, José dos Santos tencionava construir uma casa de farinha: plantações de mandioca vicejavam impetuosas.

— Inda outro dia — prosseguiu Lupiscínio — tirante o passarinhos, as cobras e os burros de tropa, não se via outra raça de bicho solta por aqui. Se lembra, dona Coroca? Hoje...

Apontava o bando de frangos e frangas fugindo alvoroçadas. A galinha sura, propriedade de Merência, ciscava cercada por numerosa ninhada de pintos de pescoço pelado. Sob a jaqueira, nas proximidades do armazém de Fadul, uma porca parida fuçava frutos podres à frente de um renque de bacorinhos.

— Se me lembro... Gente trabalhadeira essa de seu Ambrósio, sem desfazer dos demais. Gente boa. Inda hoje sia Vanjé amanheceu lá em casa levando um capão gordo. Nem que me devesse obrigação.

— E não deve, dona Coroca?

— Quem deve a eles sou eu e não tenho com que pagar. — Olhou para as mãos ressequidas de dedos longos e magros. — Só Deus sabe.

Elogiaram os sergipanos e os sertanejos, falaram disso e daquilo, trocaram pontos de vista culinários ao sabor da conversa: ociosa na manhã de domingo. Para Lupiscínio não havia carne de ave que se comparasse com a de galinha sura. Coroca discordava: no seu opinar a galinha-d'angola levava vantagem sobre todas as demais. Zilda, mulher do capitão Natário, fazia um prato chamado frito de capote: quem prova dele nunca mais esquece! Capote, um dos nomes da galinha-d'angola que tinha para mais de vinte e era arisca: preferia viver no mato, não se acostumava no terreiro.

— Sia Vanjé disse que vai criar dessa raça de penosa. Na Atalaia tem de monte, Natário prometeu trazer uns ovos pra ela chocar em galinha mansa.

— A casa do capitão Natário já está pronta, a casa e os móveis. Quando será que ele se muda?

— Pela vontade de Zilda já tinham se mudado. Mas Natário é quem marca a data, só ele sabe, Natário não faz nada à toa. Se não se mudou ainda, há de ter motivo.

— Com certeza.

As razões do Capitão, não cabia discuti-las. Nem a eles, nem a Zilda. A ninguém.

2

As mudanças começaram a acontecer com a chegada dos sergipanos no verão anterior. Mas realmente ganharam impulso e se aceleraram quando, após a entressafra, os primeiros cacauais floraram e deram frutos nas

fazendas plantadas nas circunvizinhanças ao término da luta, durante o desmatamento, pelo coronel Boaventura Andrade e por seus sócios e apaniguados.

Sem o início das colheitas em pouco ou nada se teria modificado Tocaia Grande, apesar da experiência e da dedicação dos corumbas no trato da terra e dos bichos de criação. Mas o advento de Ambrósio e de Vanjé transformara-se num marco a dividir o tempo: antes e depois daquele dia de calor e sol em que Diva confundira o negro Castor Abduim com o Turco Fadul Abdala e desatara em riso.

Já no seguinte mês de maio entraram em Tocaia Grande, então parado lugarejo, alguns burros procedentes da Fazenda Boa Vista. O capitão Natário da Fonseca, ele em pessoa, montando a mula negra, tocava a exígua tropa em cujas cangalhas vinha o primeiro cacau colhido em suas roças. Grato episódio, resultou em festa como não podia deixar de acontecer.

Umas poucas arrobas, ninharia bem certo se comparadas à produção de outras fazendas, mas nem todo o ouro do mundo conseguiria pagar a emoção do ex-jagunço: no rosto imóvel os olhos miúdos cintilavam, no lábio percebia-se o vislumbre de um sorriso. A comemoração se prolongara num forrobodó de sustância com cachaça farta e gratuítes. Bernarda impava de contente. Apesar do barrigão atravessara a noite rodopiando nos braços do padrinho.

3

Outrora o tempo decorria lento, o presente permanecia estacionário durante meses e meses. Mas, com as roças produzindo, os acontecimentos da semana anterior já eram coisas do passado. Os dias se atropelavam, o ontem fazia-se remoto, anteontem nem se fala, perdido na distância.

Pertencia pois ao passado o domingo em que na canoa cavada no tronco de vinhático, novinha em folha, o jovem Aurélio e a moçoila Diva atravessaram o rio trazendo minguados produtos para vender a quem os quisesse comprar. Os primitivos habitantes viram expostos sobre sacos de aniagem o que jamais tinham visto à venda em Tocaia Grande: vagens, chuchus, quiabos, maxixes, jilós e abóboras, tudo em reduzida quantidade. Houve quem se recusasse a acreditar nos próprios olhos.

A cada semana ampliavam-se a variedade e a quantidade das mercadorias; o Turco Fadul saudara com alvoroço as primeiras mãos de pimenta: as de cheiro, redondas e amarelas, as malaguetas, compridas, pintalgadas de verde e de vermelho. Nando mercadejava passarinhos. Ele

e Edu, sócios em reinações, armavam arapucas na mata povoada de papa-capins, sabiás, bem-te-vis, andorinhas, lavadeiras, curiós; fabricavam rústicas gaiolas. Na oficina de Tição, um pássaro sofrê ruflando as plumas inflava o peito no canto e no assovio.

Apenas Lia demorara a acocorar-se em frente ao barracão para ajudar na feira. Quando — ainda outro dia ou lá vai tempo? — viram-na ao lado do marido, dos sogros e cunhados, ela trazia ao colo e amamentava em meio ao varejo um recémnascido chorão e gordo.

Logo as famílias de José dos Santos e de Altamirando se incorporaram à de Ambrósio expondo a colheita da semana. Ção corria atrás dos baés, embalava bacorinhos como se fossem criancinhas: nos rasgões do vestido os seios amadureciam. Com Edu e Nando cortava o vale em disparada. As pernas finas, o cabelo em caracóis, o riso imoderado, o olhar incerto, desbocada.

Bravia e atrevida.

A incipiente feira atraía, além dos moradores, mateiros e alugados das propriedades próximas. Vinham comprar legumes e verduras inexistentes nas fazendas onde a terra, quanta houvesse, se destinava exclusiva ao cultiva do cacau. Um pedaço de abóbora para cozinhar no feijão; chuchu, jilós e maxixes para fazer um guisado e comer com carne-seca. Mas vinham também pelo passeio ao povoado, em busca de diversão, festa e mulher. Havia quem trouxesse violão e cavaquinho; Lico Carapeba soprava música numa gaita de boca, um dom de Deus. Na oficina, o pássaro sofrê retomava a melodia.

Ampliava-se o contingente das raparigas, multiplicavam-se os casebres, antes esparsos, avizinhando-se em travessas e becos movimentados e ruidosos. Os arrasta-pés começavam no correr da tarde, animadíssimos. Fora-se o tempo em que somente o almoço de Tição assegurava a existência do domingo.

Escoteiros ou em grupo, ao passar por Coroca e Lupiscínio no rumo da feira, os alugados suspendiam coçados chapéus de palha e saudavam respeitosos, a voz cantada e lenta:

— Bom dia, seu Lupiscínio. Bom dia, dona Coroca.

Dantes apenas o carpina e o filho raspa-tábuas tratavam-na de dona por ela ser de maior: mesmo sendo mulher-dama merecia respeito devido à idade. Mas também isso era coisa do passado. Moradores recentes dirigiam-se a Jacinta dizendo-lhe dona Coroca, atenciosamente, e os filhos de alugados e mateiros até lhe pediam a bênção. Se puta não é sequer sia quanto mais dona, não passa de mulher perdida e desprezada, parteira,

muito ao contrário, é pessoa de consideração, merecedora de apreço e deferência.

4

O primeiro menino que Coroca aparou, iniciando aos cinquenta e quatro anos de idade e de peleja o ofício de parteira, não foi o de Bernarda como previsto e esperado.

Dormia a sono solto ao lado de Zé Raimundo, freguês de priscas eras com quem podia conversar e rir antes e depois da pitocada — baita e supimpa pitocada, Coroca zelava por seu renome, fazia por merecê-lo — quando alguém começou a chamá-la aos gritos esmurrando a porta.

— É com vosmicê, comadre. — Informou Bernarda que acordara no quarto ao lado.

— Tou indo.

Na porta, empapado até os ossos, sem sequer dar boa noite, Agnaldo a recrutou: — É a parteira? Mãe mandou buscar vosmicê. Vamos depressa que Lia está com as dores. — Repetiu: — Depressa!

Ordem repentina e imprevista: ainda estremunhada, Coroca não pensou duas vezes.

—É pra já.

O tempo de enfiar um molambo. No quarto, Zé Raimundo, abriu um olho e quis saber o motivo da barulheira.

— Nada não. Vou ali, já volto

Ainda estava sendo cavada a canoa no tronco de vinhático, Agnaldo atravessou a nado, Coroca equilibrando-se sobre as pedras, habituada. Somente então, tomando cuidado para não resvalar no limo e cair no rio, se deu inteira conta do motivo a conduzila estabanada à outra margem: demasiado tarde para voltar atrás. Cabia a Bernarda a culpa do engano e do apelo. Se lhe perguntavam onde iria desovar, com qual parteira em Taquaras ou em Itabuna, a sem-juízo desfiava a repetida cantilena: nem em Itabuna nem em Taquaras, teria ali mesmo em Tocaia Grande com a ajuda da comadre Jacinta.

— E Coroca sabe fazer parto?

— Ora se... O que é que ela não sabe?

Viu-se Coroca com fama de parteira abalizada antes de pegas menino, antes de ter começado a partejar. A par dos rumores, a velha Vanjé dela se lembrara na hora da necessidade quando a nora começou a sentir as contrações. A própria Vanjé tinha certa experiência desses apuros pois parira nove filhos, os cinco vivos e os quatro que não se criaram. Nos

campos de Maroim ajudara mais de uma vez a comadre Desidéria na melindrosa empreitada, inclusive no parto da outra nora, Dinorá. Nem por isso se atrevia socorrer sozinha a padecente Lia, tão moderna ainda e mal refeita dos vexames sofridos; de noite sonhava com o marido amarrado ao tronco junto ao curral, acordava em sobressalto: segurara o menino na barriga por milagre.

Vanjé temia parto difícil, complicado, exigindo para um bom sucesso a mão habilidosa e firme de parteira entendida, capaz e expedita. Tendo perguntado, soube de Coroca, uma competência.

5

Estendida sobre as tábuas do catre, os olhos esbugalhados, Lia não parava de gemer e de reclamar a presença do marido.

Ambrósio e Jãozé iam e vinham inquietos; Diva não sabia o que fazer; Dinorá embalava o filho, meio aparvalhada. Vanjé se viu sozinha, não conseguia controlar a insegurança e o mau presságio. Cadê essa comadre que não chega? Apenas Nando na peça ao lado dormia sem tomar conhecimento do que estava acontecendo.

Agnaldo entrou pingando água, andou apressado para Lia, tomou-lhe a mão, sentou-se a seu lado. Ao vê-lo, a chorona afrouxou o corpo, relaxou, sem deixar de gemer, Vanjé cobrou do filho: — E a comadre?

— Tou aqui, sinha Vanjé. Boa noite a todos.

Coroca aproximou-se do catre, ordenou a Agnaldo: — Vancê, moço, dê o tora, suma daqui, deixe a pobre em paz. Com tu de junto ela não vai parir nem hoje nem nunca. — Estendeu a ordem ao velho Ambrósio e a Jãozé: — Vancês também, não quero homem corvejando nesse quarto.

Como uma sentinela, permaneceu de pé ao lado da cama até vê-los sair. Somente então voltou-se para Diva e comandou: — Menina, traga o fifó, alumie aqui

Ocupou o lugar deixado pelo rapaz, sorriu para Lia, com as mãos mediu-lhe o ventre e o volume das contrações: — Agora, minha filha, nós vai fazer força que é pra esse capeta nascer logo. Tenha medo não, parto não é doença. — Acarinhou-lhe o rosto: — Já escolheu o nome?

— Inda não senhora.

Coroca assumiu o comando como se nunca tivesse feito outra coisa em sua vida senão aparar menino, fato trivial, tarefa corriqueira. Vanjé não mais se achou sozinha, readquiriu a confiança, colocou-se às ordens da comadre. Coroca perguntou pela garrafa.

Diva trouxe uma garrafa vazia, ainda com cheiro de cachaça.

— Sopre nela de com força. — Recomendou Coroca passando a garrafa às mãos de Lia para logo retomá-la: — Não é só uma vez, é sem parar. Vou fazer, veja como é Ensinava a maneira correta: — Espie. Tome fôlego bem fundo, assim como eu fiz, e sopre enquanto aguentar. — Tomara fôlego, soprara na abertura do gargalo: — Depois faça de novo, não pare de soprar.

Mandou que fervessem água num panelão de barro para o banho de assento necessário para acelerar os puxos e apressar parto: — Não há coisa melhor.

Reclamava de Dinorá ali parada, o menino ao colo, inútil: — Que parvoíce é essa, mulher? Bote o menino pra dormir, venha ajudar. Traga a bacia, ponha aqui pertinho.

Coroca nunca fizera um parto, porém, nas pensões de raparigas, presenciara um sem-número deles, fáceis e difíceis. Ajudara as respeitáveis comadres na preparação do despejo, admirando os conhecimentos e a prática das sábias senhoras. Mas vira também crianças nascerem mortas ou morrerem ao nascer nas mãos de curiosas sem competência, por descuido ou ignorância. Proclamavam-se parteiras, eram fazedoras de anjos e ainda por cima cobravam e recebiam. Coroca costumava dizer a rir que ninguém testemunhara o nascimento de tantos filhos da puta quanto ela. Mas, com a responsabilidade de parteira, de trazer para a vida ou condenar à morte prematura, aquele era primeiro. E logo de mulher casada.

Sentia um frio subindo das entranhas para o peito, mas não dava demonstração, não deixava perceber. Aparência tranquila, despreocupada, demorava-se numa conversa correntia sobre os roçados e os bichos de criação, as galinhas poedeiras e a porca prenha. Interrompia a prosa para exigir que Lia continuasse soprar na boca da garrafa com força e sem descanso. As contrações amiudavam-se, tornavam-se mais prolongadas, a moça sentia-se rasgar por dentro: ai, que vou morrer!

Ainda assim Coroca a fez rir em meio às dores: — Na hora de fazer, bem que tu gostou, não foi?

Dava pressa a Dinorá e a Diva que esquentavam a água: — Vamos com isso. Botem mais lenha no fogo.

Na peça vizinha, o menino acordou chorando, chamava pela mãe, Dinorá quis atender, Coroca não deixou: — O pai que veja. Vancê tá ocupada.

— Assunte ele aí, Jãozé. Olhe o que ele tem.

João José informou: — Tá cagado.

— Pois alimpe vosmicê. — Atalhou Coroca antes que Dinorá largasse a panela sobre a trempe de pedras para cuidar do filho.

Despejaram a água fervendo na bacia de flandre comprada a crédito no armazém do turco como quase todos os demais pertences. Ajudaram Lia a levantar-se do catre e a acomodar-se na bacia, a saia arregaçada até ao meio do bucho: — Ai, não aguento! Tá me queimando as carnes.

— Quanto mais quente, melhor.

Vanjé e Dinorá sustentavam-na pelos braços, Coroca mantinha-lhe as pernas abertas para que o calor penetrasse corpo adentro. No bafo da quentura o ventre dilatava-se, recrudesciam as dores, as contrações amiudavam-se uma atrás da outra. Lia ora gemia, ora gritava: Agnaldo espiava da porta, agoniado. Diva roía as unhas, inquieta.

Quando a água começou a esfriar, levaram Lia de volta para o catre.

6

Reunidas em torno do catre, no agravo dos gemidos, durante o passar da noite, as mulheres aguardaram a vida acontecer. O infante chegou na barra da manhã, os homens já haviam partido para o trabalho: começavam a cavoucar a terra ainda com o escuro. Dispensada por Coroca, Diva os acompanhou carregando a mochila onde levava o de-comer: charque, farinha, rapadura; uma penca de bananas. Agnaldo foi a pulso, Coroca não permitiu que ele ficasse:

— Pai só faz atrapalhar.

Atenta, percebeu quando, no correr de uma contração mais forte, puxo tão violento a ponto de silenciar Lia em meio a um grito, o pequenino crânio coberto de lanugem negra surgiu na dilatada vulva e ali permaneceu parado.

— Tá nascendo. — Constatou Coroa num murmúrio.

— Entalou. Ai, meu Deus! — Alarmada, Dinorá torcia as mãos.

— Cala a boca. — Repreendeu Vanjé.

Ainda bem que a comadre despachara Diva e Agnaldo para a lavra. Se estivessem ali ia ser um deus-nos-acuda. Debruçou-se para ver.

Acocorando-se diante de Lia, Coroca avançou as duas mãos uma de cada lado da boca do mundo da padecente, enfiou os dedos para ampliar a passagem. Tocou então com infinita delicadeza a cabecinha frágil, com destreza e segurança trouxe-a para a luz da aurora no côncavo das mãos. Depois puxou o corpo envolto em sangue. Numa derradeira contração, Lia expeliu a placenta.

Arroxeado, o recémnascido não chorou: estaria morto ou vivo? Ao

levantá-lo, Coroca deu-se conta de imediato que o cordão umbilical se enrolara no pescoço da criança ameaçando estrangulá-la. Vira esse embaraço acontecer mais de uma vez, sabia como agir. Rapidamente desenroscou o cordão, desafogando a criatura.

Recebeu a tira de cadarço que Vanjé aliviada lhe estendia, mediu quatro dedos no comprimento do cordão e o amarrou. Sem esperar pela tesoura — naquele sufoco ninguém sabia onde se metera — com os dentes o cortou, dando o nó no umbigo.

Peso de carne sanguinolenta, o infante foi colocado debaixo da bacia: bateram palmas em cima do flandre até que ouviram o choro desatar-se, os vagidos afirmando a vida.

— Alvíssaras, comadre. — Disse Coroca desvirando a bacia, tornando o neném nas mãos para exibilo à mãe. — É um homenzinho.

Estava terminado o parto, o primeiro parto feito por Coroca. Se lhe perguntassem quem acabara de parir, se ela ou Lia, não saberia responder. Finda a aflição, a mãe e a avó sorriam. Dinorá perdeu o aspecto de barata tonta, correu para a lavoura com a notícia: é um menino, um bitelo de menino.

Vanjé temperava a água na bacia para o banho do neto:

— Vi uma porção de parteiras aparar menino, nunca vi nenhuma que se compare com vosmicê com suas mãos de fada. Mãos abençoadas, comadre Jacinta.

Mãos de fada, abençoadas. Sem encontrar resposta apropriada e não querendo dar vexame, Coroca voltou-lhe as costas, refugiou-se no outro quarto: soluçava mansamente, as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Se alguém saísse a contar em Tocaia Grande e pelo mundo afora que a apercebera derramada em pranto, iria passar pelo maior dos mentirosos.



O CORONEL BOAVENTURA ANDRADE
PROPÕE UM BRINDE COM CACHAÇA

1

Bastaram uns poucos burros, reduzida tropa, para conduzir naquele temporão o primeiro cacau da Fazenda Boa Vista. Muitos foram necessários, tropa numerosa, para transportar a primeira colheita efetuada na mesma ocasião nas novas plantações do coronel Boaventura Andrade. Ao fim das lutas a Fazenda da Atalaia dobrara em tamanho, não tardaria a duplicar, quem sabe a triplicar a produção.

Administrador das propriedades rurais do Coronel, Natário decidira e obtivera que as colheitas se iniciassem simultaneamente no pedaço de mata que lhe coubera em recompensa e na imensidão registrada por direito de conquista em nome do compadre e chefe no cartório em Itabuna. Não colheu para si antes de colher para o Coronel.

Se a Boa Vista era um brinco, que dizer das glebas incorporadas à Atalaia? Nem as fazendas do coronel Henrique Barreto, o presumido rei do cacau, exibiam trato igual nem obtinham semelhante rendimento, apesar da presença permanente de um agrônomo com diploma de doutor e da técnica dos podadores, contratados na entressafra. Mateiros e alugados não brincavam em serviço, impossível fazê-lo sob as ordens do capitão Natário da Fonseca. Em troca, a paga nunca se atrasava e não se cometiam enganos nas contas semanais.

Tentativa de roubar mateiros e alugados houve uma única, não se repetiu. O sestroso Perivaldo, empregado responsável pelo pagamento do pessoal, uma espécie de contador, foi denunciado a Natário por alguns mais dispostos: estava somando de menos, subtraindo de mais nos créditos e débitos dos trabalhadores. Constatada a veracidade da acusação, foi mandado embora mas não chegou longe. Apenas transpusera os limites da Atalaia serviu de pasto aos urubus: um único tiro, não valia mais.

— Era preciso? — Perguntou o coronel Boaventura a Natário ao comentar, a sós com ele, o acontecido: — Não chegava com uma surra?

— Pelo malfeito, sim; pela afronta, não.

— Afronta? Que conversa é essa?

— Pra se desculpar o peste ruim andou dizendo que foi vosmicê que mandou ele fazer. Além de ladrão, difamador.

— Filho de uma puta! Tirar de quem não tem, Deus me livre e guarde!

Quem planta cacau não precisa roubar trabalhador. Tu agiu direito, compadre.

— Com sua licença, Coronel.

Quantas vezes ouvira aquela frase? Natário agia com sua licença e com absoluta correção. Jamais abusara ou se prevalecerara. O Coronel balançou a cabeça de acordo, acrescentou: — Tu cuida de minhas terras e zela por meu nome.

Administrador capaz e responsável, Natário proporcionou ao coronel Boaventura Andrade cacau superior — nem uma só arroba good ou regular — e em quantidade bem maior que a calculada pelos entendidos: ao verificar os números, o doutor Clóvis Bandeira, o citado engenheiro-agrônomo, ficara de queixo caído, felicitara o fazendeiro.

Proprietário, cacauicultor, oficial da Guarda Nacional com a patente de Capitão, nem assim Natário se desleixava dos interesses do patrão: como se a Fazenda da Atalaia lhe pertencesse, chão e benefícios. Sem deixar de cuidar com idêntico capricho de suas roças, simples fazendola na medida dos alqueires. Fazendola em outras mãos que não as suas. Nas dele, capitão Natário da Fonseca, a Fazenda Boa Vista..

2

Sentado na cadeira de braços à cabeceira da comprida mesa da sala de jantar da casagrande da Fazenda da Atalaia, o coronel Boaventura Andrade percorreu com o olhar os excelentíssimos senhores presentes, convivas escolhidos a dedo e, elevando a voz, dirigiu-se a Natário. Interrompendo sem cerimônia a eloquência do Promotor Público de Itabuna que exaltava as iguanas: uma besta o Promotor!

— Tu é um homem direito, compadre Natário. — Declarou.

Doutor Flávio Rodrigues de Souza, bom de acusação no Tribunal do Júri, silenciou em meio à frase quando, estalando a língua, em nome da justiça, classificava o sarapatel de manjar dos deuses. Silenciaram todos os demais. O Coronel disse e redisse para que não restassem dúvidas: — Um homem de bem como existem poucos.

Para que todos os convidados — a nata de Ilhéus e de Itabuna, de Sequeiro de Espinho e de Água Preta — soubessem quanta consideração ele dispensava a quem a merecera por lhe ser leal e devotado durante mais de vinte anos.

— Quantos, compadre?

— Já passou dos vinte, Coronel.

— Tu era um frangote mas eu logo vi que tu merecia confiança. Tu

nunca desmereceu nesse tempo todo.

Afirmação peremptória mas o Coronel ainda não terminara de falar e de ouvir:

— Me disseram que tu fez casa fora da Atalaia onde vai morar com a comadre e os meninos. Tu pensa me deixar?

— Enquanto o Coronel for vivo e tiver contente com meus préstimos, sou homem seu, cativo. Mas é verdade que vou morar no meio do caminho entre a Atalaia e a Boa Vista. Num lugar que uma vez mostrei a vosmicê. Se lembra?

Enquanto o Coronel estiver contente com meus préstimos, sou homem seu. Tendo ouvido o que desejava ouvir, o Coronel respirou, aliviado. Ficara apreensivo com a notícia da construção da casa de Natário.

— Me lembro, compadre. Lembro muito bem, como havia de esquecer? Pois se falei nisso, foi para lhe dizer que não conheço homem mais direito do que o compadre. Quero que se saiba que tu nunca me faltou.

Presidia o almoço comemorativo do aniversário de dona Ernestina, sua santa esposa. Voltou a encher o copo com o espesso vinho tinto português. Fizera vir dois barriletes de Ilhéus tendo em vista aquele almoço que desejava não apenas abundante e saboroso: queria-o lauto e festivo. Para celebrar igualmente a presença do filho, recém-chegado do Rio de Janeiro.

Sendo ele, coronel Boaventura Andrade, mais do que rico, sendo milionário, um nababo do cacau, andava ultimamente acabrunhado, de pouca conversa e pouco riso. Dizia-se à boca pequena que a mágoa do Coronel era devida à ausência do filho único e doutor que se demorava na capital do país desde a formatura, já lá se iam cinco anos, longos e amargos. Frequentando cursos e mais cursos, colecionando diplomas, especializando-se. Em que o Coronel não conseguia descobrir: só se fosse em gastar dinheiro.

O Coronel elevou o copo em direção a Natário para brindar com o compadre, jagunço e capataz. Seu braço direito como escrevera certa feita ao Juiz de Itabuna, ao término das lutas pela posse das matas do rio das Cobras. Repetiu: — Tu nunca me faltou.

Circundou os convidados com o olhar pejado de memórias:

— Por duas vezes tu me salvou a vida. A sua saúde, compadre!

Rosto estático, sentado na outra extremidade da mesa, Natário levantou-se, ergueu o copo — à sua, Coronel!. — e em seguida o esvaziou, O silêncio ainda persistiu pois os comensais não sabiam se o anfitrião concluíra ou não a sua arenga.

Os comensais, pessoas de categoria, todas elas, conforme já antes se

informou: o Juiz do Cível, de Ilhéus, e o Juiz de Direito, de Itabuna, esse acompanhado do Promotor e do Intendente; o doutor João Mangabeira, deputado estadual, ainda jovem mas já afamado pela inteligência; o coronel Robustiano de Araújo, da Fazenda Santa Mariana, o coronel Brígido Barbuda, da Fazenda Santa Olaia, o coronel João de Faria, da Fazenda Piauitinga, que lutara ao lado de Basílio de Oliveira em Sequeiro de Espinho, o coronel Prudêncio de Aguiar, da Fazenda Linda Vista, o coronel Emilio Medauar, árabe que além da Fazenda Nova Damasco possuía casa de negócio em Água Preta, Um filho seu, Jorge, colega de turma de Venturinha, também trocava pernas no Rio de Janeiro, escrevia artigos nos jornais, publicara um livro de versos, que o pai, peidando e arrotando orgulho, exibia nas rodas de amigos. Completavam a relação dois advogados expertos em caxixes e o velho padre Afonso, de apetite e sede celebrados, a idade não lhe aplacara a gula.

Políticos, magistrados, bacharéis e o padre-mestre comiam na mão do Coronel, apoiavam calorosamente o louvor do excapanga. Mas somente os fazendeiros, os coronéis; eram seus iguais: sabiam o porquê das coisas, conheciam o exato valor da lealdade, o preço da vida e da morte, entendiam as razões das alabanças.

3

Almoço duplamente festivo, todos se davam conta. Comemorando a data natalícia da santa e adiposa senhora e a presença à mesa do filho único do casal, o doutor Boaventura da Costa Andrade Júnior — Andrade Filho na obstinação do Coronel —, quando estudante de Direito na Bahia mais conhecido na Faculdade e nos castelos por Venturinha, o Venturoso. Viera do Rio de Janeiro para onde seguira em curta viagem de prazer após a formatura e onde se instalara havia mais de cinco anos com raras e rápidas visitas a Ilhéus. Uma praga essa mania de viver no Rio de Janeiro: os moços grapiúnas perdiam a cabeça, abandonavam a terra e a família como se não tivessem obrigações a cumprir, tampouco amor aos pais.

O moço Medauar, esse ao menos assinava artigos e versos nas gazetas, profissão de duvidosa renda mas de lustre e estimação. “Poemas do Amor Amante”, assim se intitulava a brochura que o gringo Emilio conduzia debaixo do sovaco para ostentar nas casas e fazendas dos amigos, no balcão da loja, nos bares, nas pensões de putas. O bacharel Andrade, Júnior ou Filho, não publicara livro nem escrevia nos jornais; acumulava cursos, um atrás do outro: o Coronel se cansara de alardear diplomas. Pendiam inúteis nas paredes do escritório em Itabuna, fechado, virgem até aquela

data dos vastíssimos e caríssimos conhecimentos do advogado.

O Coronel não tinha sequer ânimo para anunciar em Ilhéus e em Itabuna os novos títulos obtidos pelo eterno estudante. Eterno ou crônico? Qual dos dois adjetivos empregara o zombeteiro Fuad Karan para definir a profissão de Venturinha? Ou o proclamara vitalício? Na frente do Coronel, louvores irrestritos à paixão do bacharel pelos estudos; por detrás a risota, o menoscabo.

Desistira de lutar para tê-lo junto a si, transformando finalmente em realidade antigos planos, arquivadas ambições, cumprindo o destino brilhante que para ele sonhara e decidira.

Mas não perdia a esperança de que, numa dessas apressadas visitas, por milagre dos céus, o estróina resolvesse assentar a cabeça, assumir o escritório, pondo-se a trabalhar como devido; dona Ernestina, tendo aberto os olhos, fazia promessas aos santos de sua devoção para que devolvessem o seu menino à casa paterna. O Coronel não queria morrer sem admirar o filho discursando na tribuna do júri, absolvendo réus, senhor da eloquência e do sarcasmo, esmagando promotores.

Também Venturinha ergueu o copo de vinho em direção a Natário. Engordara bastante, parecia-se com a mãe mas imitava o pai nos gestos e na postura, na chibança. De copo em punho, olhou para o Coronel e para o cabra, também ele quis colocar seu aviso na conversa do sotaque: — E a pontaria, Natário, continua de primeira?

No rosto parado do mameluco perpassou aquele seu sorriso breve e esquivo: — Ainda dá pro gasto, Venturinha.

No silêncio que se seguiu, o Promotor Público de Itabuna doutor Flávio Rodrigues de Souza, retomou a palavra e reassumiu o tema do sarapatel, manjar dos deuses.

4

— Quer vender, compadre? Se quiser, sou candidato. — Brincou o coronel Boaventura Andrade após ter percorrido de ponta a ponta a Fazenda Boa Vista, admirando as plantações, roças novas, cacaueiros em impetuoso crescimento. Somente na Fazenda da Atalaia podia-se ver lavoura igual, tão bem cuidada

O Coronel terminara exatamente de inspecionar suas propriedades, o imenso latifúndio. A posse inicial que ele desbastara e plantara há distantes anos, quando, no ímpeto da juventude, desembarcara naquelas terras do sul da Bahia, arribando de Sergipe: tendo chegado a primeiro caixeiro da firma Lopes Machado & Companhia, em Estância só lhe restava

marcar passo. Largou tudo e se tocou. Duas outras fazendas, limítrofes da primitiva, a ela se juntaram, compradas em boas condições durante os primeiros conflitos, quando Itabuna ainda era Tabocas e o trem de ferro não passava de um sonho. Com os barulhos que envolveram a conquista da parte ainda devoluta das terras do rio das Cobras, duplicara o casco da feitoria. Ali cresciam as roças de floração recente e de primeira colheita. Dava gosto ver.

Apenas Venturinha retomara o caminho do Rio de Janeiro — repetindo a sovada cantilena: terminado o curso venho para ficar, se me demoro é para capacitar-me, não estou perdendo tempo nem gastando dinheiro à toa, não se aflijam —, o Coronel decidira sair com Natário para a vistoria habitual e indispensável: quem não cuida pessoalmente do que é seu não merece ter nem pode se queixar. A extensa cavalgada, iniciada antes do nascer do sol, interrompida de roça em roça, servira para lhe alegrar o coração, para tirar a cabeça da ausência do filho, espinho venenoso a corroer-lhe o peito. Servira também para comprovar de novo a competência e a correção do administrador. Os elogios não bastavam, Natário era merecedor de estima e gratidão. Por isso o Coronel, em lugar de voltar para a casagrande, anunciou:

— Quero ver também suas roças, compadre, e a casa que você fez para morar com a comadre no tal lugar: como se chama mesmo?

— Tocaia Grande, Coronel.

O coronel Boaventura Andrade alongou a vista pelos cacauais, na rememoração de outros tempos, de outras andanças com Natário:

— Já tinha ouvido o nome. De quando em vez escuto da boca de um tropeiro. Nome mais feio para um lugar bonito.

— Pois é mesmo, Coronel. Mas é tarde pra mudar.

— Tudo na vida tem seu motivo e a ninguém cabe o direito de mudar, Natário. É como apelido: quando pega, não tem jeito a dar.

Penetrando roça adentro, o fazendeiro comentou, embevecido com a pujança dos cacaueiros que floresciam à sombra das árvores da mata, gigantescas:

— Não há nada mais lindo no mundo, Natário, do que um pé de cacau carregado que nem esse. — Apontou o cacaueiro em sua frente, tronco e galhos recobertos de frutos que amadureciam em todas as nuances do amarelo, iluminando a sombra. — Para poder se comparar, só mesmo mulher moça e bonita. Duas coisas que alegram um velho como eu.

Mulher moça e bonita que nem a filha do finado Tiburcinho e de sia Efigênia, identificou o Capitão, acompanhando o olhar errante do Coronel.

Revelou o nome da cobiçada em meio à luz dourada no frescor da mata:

— Por falar em moça bonita, Coronel, vosmicê já reparou em Sacramento, a filha do finado Tiburcinho?

O Coronel estremeceu: o mameluco lia em seus pensamentos, já o fizera antes, mais de uma vez: gente de sangue índio tem parte com o diabo.

— Já reparei, sim, Natário. O que tu não sabe, tu adivinha,

5

Para consolar-se, esquecer a ausência do filho, o Coronel necessitava de algo mais do que percorrer a fazenda, inspecionar as plantações e as benfeitorias: os cochos, as estufas, as barcaças.

Em momentos de desabafo, com o padre Afonso, na sacristia da Matriz, ou com a médium Zorávia, no Tenda Espírita Fá e Caridade, dona Ernestina, lavada em lágrimas, se referia à ingratidão do filho: algum espírito inferior encostara nele. O Coronel não falava em ingratidão, sempre fora prudente no uso das palavras: quando diziam tocaia ele dizia trampa, e a luta sangrenta pela posse da terra, as refregas e combates, os tiroteios entre jagunços, as mortes — tantas! — haviam-se reduzido em seu dizer a barafundas da política. Quando algum amigo, de intimidade e confiança, trazia à baila a prolongada demora de Venturinha no Rio de Janeiro, o Coronel explicava, levantando os ombros num gesto de quem atribuí a pouca importância ao fato: rapaziadas. Antes que rotulassem de irresponsabilidade ou de descaso. Não se queixava, evitava o assunto, trancava a amargura no fundo do peito. Mas Natário o conhecia como as palmas das mãos e sabia o que lhe custava tanto o silêncio quanto a explicação: rapaziadas.

Dona Ernestina, entregue por completo à religião e à indolência — para matar a saudade do doidivanas empanturrava se de doces e chocolates — envelhecia obesa e pudibunda. Dos deboches de cama a que se entregara outrora com o marido nem queria se lembrar — deboches em sua opinião, pois jamais os cônjuges foram além de modesto papai-mamãe procriador. cumprira o dever de esposa, concebera e dera à luz um filho. Na esperança de ter uma menina e assim completar o casal, ainda aceitara durante alguns pares de anos a frequentação do Coronel, aliás a cada dia mais vasqueira. Ela o fez pela menina que não veio, por nenhum outro motivo: como a grande maioria das senhoras casadas, suas conhecidas e amigas, nunca soubera, nem por ouvir dizer, o significado da palavra orgasmo e o que fosse gemer de gozo nos braços do parceiro. Umas poucas descaradas, bem certo, se comportavam no leito conjugal como putas em cama de

bordel, não se davam ao respeito, maculavam a nobreza do matrimônio e a sublime condição de mãe de família. Pouquíssimas e indignas. Para as baixas necessidades dos homens sobravam as mulheresdamas, as públicas e as exclusivas. Dona Ernestina tinha conhecimento da existência de Adriana, amásia do Coronel havia mais de dez anos: não lhe causava mossa. Tampouco a ofendia o desinteresse do marido: fazia um século que não se punha nela, que a deixara em paz. Graças a Deus.

Ainda bem que a santa senhora assim pensava, pois com a religião e as pitanças — os santos, os espíritos, as chocolatadas, as gemadas, a ambrosia, a cocada-puxa — dona Ernestina virara um sapo-boi enquanto o Coronel, devido à idade, tornavase exigente. A própria Adriana já lhe parecia pouco apetitosa, comida requentada, pão dormido. A amigação completara onze anos, Adriana perdera o viço e o romantismo. Queixava-se dos intestinos, sofria de flatulência, tinha enxaquecas, embirrava facilmente, dia e noite nas sessões espíritas, era uma segunda esposa, cópia da primeira, apenas menos gorda e mais jovem. Jovem em termos: já passara da casa dos trinta, não conservara nem a louçania nem o donaire de menina-moça, de quando o Coronel a conhecera e se apaixonara. Para burro velho, capim novo.

6

Ora, Sacramento de tal maneira sobressaía na roda de mulheres que, manejando tacos de facão, partiam cocos de cacau nas plantações, a ponto de nenhum dos alugados, dos mateiros, dos tropeiros ter-se jamais atrevido com ela.

Não que fosse soberba e empafiosa, mas era reservada e séria; já completara quinze anos contudo parecia não ter pressa em deixar o barraco de barro batido, onde vivia em companhia da mãe, para se juntar com homem. Pôr-lhe olhos de cobiça quem não os pôs, ao vê-la passar modesta, porém garbosa, bem cuidada, as formas do corpo mal escondidas no vestido de chita? De Espiridião, negro da carapinha branca, cabra de confiança cujas únicas tarefas consistiam em acompanhar o Coronel nas estradas e dormir na casagrande com o bacamarte ao alcance da mão, até meninotes ajudantes de tropeiro, contumazes nas jumentas e nas mulas, nas éguas de anca empinada. A anca empinada de Sacramento, égua de estimação, ai!

O próprio Venturinha reparara nela durante os poucos dias que estivera na fazenda e a apontara a Natário quando, junto às barcaças, cavaqueavam animados a respeito das aventuras amorosas do rapaz:

gostava de contá-las, Natário gostava de ouvi-las. No cocho, Sacramento dançava sobre o cacau mole a dança do mel a fim de limpar os caroços, deixando-os prontos para a secagem nas barcaças e estufas. O mel escorria pelas gretas do cocho. Presas na cintura as pontas do vestido de Sacramento, as coxas à mostra, quadris rebolando no passo leve e rápido:

Sou da cor de cacau seco Sou o mel do cacau mole..

— Cabocla bonita! Espie, Natário. Merece...

— Não merece nada, Venturinha. Não se meta, ela tem dono.

— Estás papando essa franguinha? Meus parabéns.

— Quisera eu. — Com um movimento de cabeça apontou para a casagrande.

— O Velho?

Venturinha riu: de pé, na varanda, o Coronel observava o cocho onde duas mulheres, mãe e filha, trabalhavam: sia Efigênia e Sacramento. Natário mudou de assunto:

— Deixa pra lá. Me conta pra quem tu acabou dando a prenda que comprou na mão do Turco Fadul.

— Dei para uma alemãzinha, uma dançarina chamada Kath.

Um trem de risco, Natário, uma pimenta-malagueta. Casada, ainda por cima.

Em viagem anterior Venturinha narrara como, ao chegar no Rio no ensejo da compra do relicário, deparara com a sublime Adela, a tanguista argentina, "doida por mim, Natário", na cama com um crupiê do cabaré — na parte de trás funcionava a jogatina —, um tal de Aristides Pif-Paf. Tão entregues ao bem-bom que nem o viram entrar no quarto. Lembrava-se Natário daquela taca que lhe dera de presente, um rebenque bonito? Fora-lhe de grande utilidade: com ele cortara a cara do filho da puta e deixara em sangue a bunda da cachorra...

— Quer dizer que tu tá com uma alemã. Tu gosta mesmo de uma gringa...

A alemã também já pertencia ao passado, durara pouco, partira para outras plagas, para outros palcos, com o marido. Na ocasião Venturinha estava amigado com outra dançarina, só que galega, a coisa mais linda do mundo, Natário.

— Você já ouviu falar numa dança chamada flamenco? Com música de castanholas?

Pelo nome estrangeiro Natário não conhecia, não. Mas tivera a

oportunidade de assistir num circo em Itabuna uma fulana tocando castanholas e dançando. Vestia corpete apertado e saias largas: parecia cigana, quem sabe era galega. Para tirar a limpo, Venturinha rodopiou o corpo gordo e volumoso no fandango, imitando com as mãos e a boca o acompanhamento e o som das castanholas.

— Era parecido... — reconheceu Natário.

Venturinha suspendeu a exibição, confidenciou: — Um ciúme mortal, até faz medo. Não posso olhar para outra mulher, fica uma fera, ameaça me matar, já armou escândalos. Espanhola é capaz de tudo quando está apaixonada. — Alegre e satisfeito, cheio de si, o mesmo riso contente do rapazinho que frequentava quengas em Taquaras e em Itabuna, sempre a gabar-se de um xodó. — Sabe como é o nome dela? Imagine só: chama-se Remédios.

— Remédios? Tu inventa cada uma! Remédios! Isso é nome que se use?

Lá se fora Venturinha para o Rio de Janeiro atrás de sua gringa, deixando o Coronel murcho e sem graça a percorrer as roças de cacau para levantar a cabeça e mantê-la erguida. Para que voltasse a rir, no entanto, não bastava.

— Vosmicê tá precisando, Coronel, botar na casagrande uma pessoa pra ajudar sia Pequena no cabo da vassoura e no fogão. Sia Pequena tá velha demais pra labutar sozinha. — Mais não disse, não se fazendo necessário.

— Tu sempre foi de bom conselho, Natário.

Na Fazenda Boa Vista, o coronel Boaventura Andrade lhe perguntara a brincar se não a queria vender. Não se surpreendera com o trato dado às roças: idêntico ao que encontrara na Fazenda Atalaia. Surpreendeu-se porém ao chegar a Tocaia Grande: com o tamanho e o movimento do arraial.

7

Antes de desmontar junto ao mourão, ao lado do armazém de Fadul Abdala, o coronel Boaventura Andrade perguntou a Natário: — Quantos anos faz, Natário?

— Sete já passados, Coronel.

— Era um lugar deserto, me lembro bem Me lembro também de que tu disse: isso aqui um dia vai ser uma cidade.

Ainda não é mas pouco falta.

Exagero de visitante. Apenas um arraial crescendo com rapidez depois de haver vegetado durante anos. Os sofridos anos das vacas magras

quando Fadul estivera sujeito a tantos percalços e a tamanhas tentações. O turco precipitou-se porta afora para ajudar o Coronel a desmontar.

— Que prazer, Coronel, ver o senhor nesse fim de mundo.

— Bom dia, Turco Fadul, deixe que lhe diga: estou de queixo caído. Nunca pensei que fosse um povoado tão grande. Já tinha ouvido falar mas mesmo assim estou bestificado. Você acertou quando parou de bater pernas e se estabeleceu aqui. Bem que se diz que a raça árabe tem bom faro, onde põe o pé os negócios crescem. Não demora você ficar rico e botar roça de cacau.

— Foi Deus quem me trouxe, Coronel, vim pela mão dele.

Mas só fiquei, não fui embora nos começos quando tudo era difícil, devido ao Capitão aqui presente. Não fosse ele, não sei não.

Parado em frente às portas do armazém, o Coronel estudou os arredores. Do outro lado do rio cresciam os roçados a perder de vista.

— Milharal mais bonito! Sergipanos?

Natário informou: — A maioria. Mas também tem gente do sertão.

— Outro dia chegou uma família, veio das bandas de Buquim. — Contou o turco: — Seis pessoas.

— De Buquim? Eu sou de perto, sou de Estância: lugar bom pra se esperar a morte. — Há quantos anos não ia à cidade onde nascera e começara a trabalhar? Desde o falecimento do pai, o velho José Andrade, cidadão que não levava desaforo para casa e tocava trombone na Lira Estânciana: — Gente de Estância é gente boa, ordeira e trabalhadora. Não é como o povo mais do norte, da beira do São Francisco. — Provocava Natário, divertindo-se: — Gente desordeira, cheia de lambança, não é, Natário?

O Capitão não se alterou com a brincadeira, quase sorriu: — A diferença, Coronel, é que em Estância só tem pobreza.

No São Francisco pobreza é regalia, a miséria campeia.

Um jumento zurrou perto do rio. O Coronel, antes de atender ao convite de Fadul para entrar no armazém, deteve-se a observar as casas novas, erguidas no Caminho dos Burros, umas quantas. Olhou mais além do descampado a aglomeração de choupanas, um montão.

— E ali, o que é?

— A Baixa dos Sapos, o rancho das raparigas. Antigamente eram cinco ou seis, agora não tem conta.

Demorou-se o Coronel a espiar o movimento. Na porta do depósito do coronel Robustiano de Araújo uma tropa de muitos burros descarregava cacau seco. No curral, homens de gibão de couro cuidavam de uma boiada.

Porcos, galinhas e perus espalhados pelas redondezas fuçavam e ciscavam. Assustado bando de conquéns passou em disparada. Uma velha atravessava o rio sobre as pedras.

— E tua casa, Natário? É aquela ali? — O Coronel apontava para a casa de pedra e cal do negro Tição Abduim.

— Não, Coronel. A minha fica em cima daquele morro. Dá pra ver daqui. A não ser que vosmicê queira subir.

O Coronel elevou o olhar para a construção recente, residência à altura do dono da Fazenda Boa Vista: dominava o povoado.

— Precisa subir não. Vejo daqui. Morada e tanto, sim senhor.

Sorriu com afeto para seu ex-jagunço, seu compadre: queria lhe dar um presente para ornar a vivenda recém-construída: — E os móveis, Natário, já comprou?

— Já, sim senhor. A maioria mandei fazer aqui mesmo por Lupiscínio, os outros trouxe de Itabuna.

O Coronel refletiu, os olhos postos na casa de Natário: — Reparei que a comadre gosta de música. E doida por cantiga, não é mesmo?

— Por demais.

— Pois vou dar pra ela um gramofone igual ao meu. Pra ela ter em casa e ouvir música quando quiser. — Nas horas mortas na Atalaia, o Coronel se distraía ouvindo árias no gramofone, novidade de espavento, peça de ostentação, obrigatória nas casas dos graúdos.

— Obrigado, Coronel. Zilda vai ficar varada de contente.

Fadul insistiu no convite: — Entre, Coronel: a casa é sua.

O fazendeiro atravessou o batente da porta, depositou o rebenque sobre o balcão, correu a vista pelas prateleiras, dando balanço no estoque. O árabe vendia de um tudo e o estabelecimento era ao mesmo tempo bodega de cachaça, armazém de secos e molhados, loja de roupa feita e de tecidos baratos — algodãozinho, chita, bulgariana —, armarinho de quinquilharias.

— Se quiser descansar, Coronel, lá dentro tem uma rede.

Casa de pobre mas está às suas ordens.

— Fico aqui mesmo, Fadul, a demora é pouca.

Ruído de passos lá fora, alguém correndo. Era uma mulher despenteada, cabelos soltos ao vento, o ar urgente e agitado. Desatinada vinha e gritou sem tomar fôlego, antes mesmo de parar na porta do negócio: — Capitão Natário! Capitão Natário!

Mulata clara, ainda moderna e pouco gasta, molhada de suor, os seios grandes e pontudos saltando da blusa de rasgões, olhos arregalados de

quem testemunhara sucesso de monta, a mulher arfava da corrida. Natário deu um passo à frente.

— O que é, Ressu? — Chamava-se Maria da Ressurreição.

— Dona Coroca manda avisar que Bernarda teve menino. Agorinha mesmo. — Respirou e sorriu com os dentes brancos e os lábios de romã. — Diz-que vosmicê fique descansado, tudo correu bem.

O sorriso se ampliou, encheu o rosto por inteiro: — Vi ele nascer!

Na face de Natário nenhum músculo se moveu. Fazia-se preciso conhecê-lo pelo direito e pelo avesso, por dentro e por fora, para perceber sinal de alvoroço, mostra de contentamento na cara e no coração do mameluco. Mas também o coronel Boaventura Andrade por vezes se dava ao desplante de ler no pensamento alheio.

— Vai botar a bênção no teu filho, Natário. — Colocou a mão no ombro do compadre: — Mas antes vamos beber à saúde dele.

— Tenho uma garrafa de arak, um anis muito bom, veio de Itabuna, feito pelas irmãs Farhat. Vou buscar lá dentro. — Ofereceu Fadul.

— Deixa pra depois, Turco Fadul. Licor de anis, coisa de gringo, não convém não. Pra brindar pelo menino sirva um trago de cachaça. E não esqueça que a moça também aceita.

Sons alvissareiros e festivos ressoaram no Caminho dos Burros: uma tropa arribava. No cabeçote e no peitoral da mula madrinha pendiam enfeites, chocalhavam guizos.

ENCONTROS E DESENCONTROS DE AMOR
COM CASA DE FARINHA E PONTILHÃO

1

É fácil identificar um turco pela simples aparência, seja ele sírio, árabe, libanês. É tudo a mesma raça, todos são turcos, reconhecíveis pelo nariz adunco e pelo cabelo crespo, além do acento engrolado. Comem carne crua esmagada em pilão de pedra. Assim conjecturara Diva caminhando com os parentes para alcançar a construção de pedra e cal na tarde em que os primeiros sergipanos chegaram a Tocaia Grande, tomados de medo e de incerteza.

Em lugar de um turco, depararam com um negro retinto a martelar o feno, o torso nu, uma pele de caititu, sebenta, passada na cintura, resguardando-lhe as partes. A surpresa fizera Diva desatar num riso estabanado de menina, logo correspondido pelo ferreiro que se destabocou em risada sonora e acolhedora. Escancarado em riso, deu as boas-vindas e se apresentou aos forasteiros:

— Meu nome é Castor Abduim mas me chamam de Tição. Vivo aqui ferrando burros. 1

Ao ouvi-lo, Diva se conteve. Ficou séria, sentiu-se em paz e confiante. Voltou-se para Vanjé e enxergou nos olhos ressabiados da Mãe unia fagulha de esperança a reacender-lhe o ânimo. O rosto de Ambrósio estava iluminado. De onde provinham essa paz marcando o término da jornada e da injustiça, essa crença no futuro? Faíscas estalavam na forja, o fogo aceso levantava labaredas. Plantado diante da bigorna, riso festivo, de bom, augúrio, o negro parecia um animal de grande porte, sobranceiro, uma árvore majestosa, símbolos de força e da mansidão, um ser alegre e transparente. Diva voltou a rir mas já não era um só estabanado de menina, era um sorrir acanhado de moça, quase furtivo.

Castor quis adivinhar-lhe a idade, ficou em dúvida. Franzina, as pernas uns gambitos, as tranças duras de poeira, a incontida gargalhada, menina ainda. Mas, sob o vestido, os seios afirmavam-se atrevidos, e, no rosto, os olhos eram cismarentos, fugidios, o sorriso dissimulado, a expressão pensativa: de repente afigurava-se bem mais velha, moça feita. Tanto podia ter apenas treze anos como dezesseis ou dezessete.

O negro os acompanhou até a casa de Fadul Abdala, casa de morar e casa de negócio. Diva ia a seu lado, os olhos baixos. Os de Tição fitavam de

frente, francos e comunicativos. Abanando a cauda, Alma Penada, juntou-se à caravana.

2

Completara quatorze anos na estrada, não fosse Vanjé ninguém teria se lembrado. No sítio, nos bons tempos de Maroim, comemoravam os aniversários, melhoravam a bóia do jantar, havia bolo de carimã ou de aipim, e se a data caía num domingo ou em dia santo, o almoço era festivo, com a presença de vizinhos e compadres. Quem sabe, por ocasião dos quinze anos voltassem a festejar, instalados naquele lugar para onde se dirigiam a conselho do homem a cavalo, armado em guerra, que se dissera capitão.

Na poeira e no cansaço da caminhada, somente Vanjé se recordara. Por ser mãe e por estar preocupada com o crescimento da filha mais moderna. Raquítica, magricela, não botava formas, como se tivesse parado de desenvolver-se: tardava demais a desabrochar. Vanjé culpava as atribulações — os sustos, a perda da casa e dos roçados, a visão do mano Agnaldo, mãos e pés amarrados, apanhando de palmatória, a brutalidade e a indiferença — pelo corpo acanhado da menina, pelo seu jeito incoerente, ora triste, ora adoidada. Chegara à idade dos quatorze anos sem ter ainda embarcado no paquete da lua, sem ter deitado sangue, sinal de estar pronta para marido e filho, Teria ficado seca para sempre?

Naquela tarde já distante da chegada da família a Tocaia Grande, tendo recebido alimentos oferecidos pelos moradores, provisões fiadas pelo turco, acenderam o fogo no descampado para preparar o de-comer. Antes da magra refeição, porém, as mulheres foram se lavar no rio, estavam precisadas. O negro Tição lhes indicou o lugar chamado Bidê das Damas, nome posto por ele, um remanso em meio à correnteza. Dinorá deu banho na criança e Diva desatou as tranças. Quando o negro a viu de volta, lastimou que ela fosse tão menina.

Solícito e cortês, Castor fora buscar na oficina um pedaço de carne salgada para melhorar o passadio. Depois comboiou as mulheres até a morada que fora erguida para Epifânia onde ainda não se alojara outra rapariga. Vazia talvez por ser exatamente mais bem feita e bem cuidada do que as demais ou porque contassem como certo o retorno de Epifânia, mais dia menos dia, Epifânia, braba, brigona e mandingueira. A velha Vanjé achou por bem ficar no descampado junto ao marido e aos filhos: de qualquer maneira não caberia tanta gente na choupana. Assim Castor conduziu as outras três: Dinorá com o menino, Lia carregando o bucho

cheio e Diva. Também Agnaldo foi com eles no desejo de ver lia acomodada. Alma Penada latia para a lua que se desatava imensa das correntes do rio.

Coberto por uma esteira, o catre de palha, largo como convinha às necessidades do oficio — os embates, os desmandos e a festança — se desfazia no abandono. Dinorá deitou o menino sobre a esteira, ao lado Lia se estendeu. Agnaldo catou gravetos, Diva acendeu o fogo, uma fumaça úmida se elevou. Denso lençol, o calor envolveu o menino e a prenha, alvoroçaram-se percevejos.

O negro desaparecera, nem dissera boa noite: Lia estranhou. Mas logo viram-no de volta: fora buscar na casa de pedra e onde vivia e trabalhava uma rede grande e vistosa, suja pelo uso A rede onde Tição recebia as raparigas, se aninhava com os xodós, a rede de Zuleica e de Epifânia, para citar apenas duas. Ele mesmo a dependurou nas forquilhas cravadas nos extremos dá choupana:

— Cabe as duas, é rede de casal. — Disse, dirigindo-se a Diva e a Dinorá.

Somente então desejou boa noite, tendo antes se colocado às ordens. Caso viessem a precisar de alguma coisa, não tivessem acanhamento, podiam chamá-lo na oficina a qualquer hora. Partiu em companhia de Agnaldo, precedidos por Alma Penada. Da porta, vão mal coberto por uma palma de coqueiro-de-dendê Diva os viu partir: o cachorro, o irmão e o ferreiro. Permaneceu por um momento a contemplar a lua cheia, cravada sobre o rio. Haviam chegado, finalmente.

3

Dinorá desdenhou da rede, preferindo estender-se no catre, junto a Lia: entre elas o menino. Na quentura dos corpos, o choramingas adormeceu e em seguida a mãe ressonou, morta de cansada. Também o inquieto mal-dormir de Lia mais adiante se acalmou e a grávida por fim pôde esquecer o peso e o volume do ventre ancho e túmido.

Sozinha na rede, pernas e braços encolhidos, Diva prosseguiu acordada, atenta aos rumores que se sucediam na Baixa dos Sapos ou que lá ressoavam vindos do descampado. Ouviu passos, palavras soltas, sobras de riso: o movimento ia crescendo à proporção que a noite se completava no vale de Tocaia Grande. Diva percebeu o ressoar de cascos na distância, escutou nomes de animais apregoados por tropeiros e ajudantes: Cangerão, flor da Mata, Coscorote, Diamante, Marisca, égua da peste! De um barraco próximo chegaram pedaços de diálogo:

— Hoje não pode ser, tou de boi... — desculpava-se a mulher.

— Puta merda, que urucubaca! — Lastimava o homem.

De repente ouviu alguém gritar no meio do silêncio o apelido negro: — Tição! Oi, Tiçãol

Sem dúvida um tropeiro em busca dos serviços do ferrador de burros que pelo visto atendera com presteza pois o apelo não se repetiu.

A rede exalava um cheiro forte, provinha do negro certamente, e a envolvia. Ali ele suara nas noites de calor, nos braços das mulheres, e o suor impregnara no tecido seu odor de homem, sua inhaca de macho, seu perfume. Embriagador, o aroma espesso a inebriava; Diva sentia-se como na noite do passado São João quando abusara do licor de jenipapo. Uma tontura, a cabeça pesada a pique de sofrer uma vertigem.

Não conseguia mergulhar nas profundas do sono, desligar-se das lembranças da tarde. Contudo não estava inteiramente desperta, vagava no embalo da rede, presa à peçonha daquele cheiro que já sentira antes na oficina quando o ferreiro espoucara em riso, erguido diante da bigorna. Na rede, possante e persistente, entrava-lhe nariz adentro, penetrava-lhe nos poros, espalhava-se sob a pele, arrebitando-lhe os bicos dos pequenos seios, escorria-lhe pelos quadris e pelo ventre e vinha queimar-lhe os lábios virgens da ai-Maria. Sentia o corpo de Castor flutuando sobre a rede, a pele de caititu cobrindo e descobrindo as partes. Com os braços potentes a prendia e a esmagava contra o peito.

Por fim o sono se impôs mas Diva não dormiu tranquila; dormiu com o negro até de manhãzinha, Só que não era preto. Nem preto nem branco, nem pardo, nem caboclo ou cabo-verde: era luminoso e um fogaréu crescia-lhe no vão das pernas. Durante boa parte do percurso que foi longo e acidentado, Castor figurou um caititu descomunal: seria um javali se Diva soubesse o que fosse um javali. Conduzia-a através do vale, sobrevoou as colinas e o io, pousou na lua cheia. Encurralando-a num canto da forja sob uma tempestade de fagulhas, ele a montou. Diva sentiu-se desatar, fundir-se em lava.

Quando acordou com o choro do sobrinho e o ruído dos comboios se movimentando na partida, da boca do corpo o sangue fluía, escuro e grosso, escorrendo-lhe pelas coxas. Vertido por obra e graça do bodum que se entranhara nela e a fizera mulher.

A mancha vermelha marcou no pano sujo da rede a insólita façanha do negro Castor Abduim da Assunção, Tição de apelido, que, após ter ferrado duas patas do burro Laçarote, dormira bem do seu durante a noite inteira. Sozinho, o que muito raramente acontecia.

4

Quando Oferecida — nome dado por Castor por tê-la recebido de presente e por ser a cadela confiada e atrevida desde pequenina — vinha provocá-lo, saltitando em torno dele, mordendo-lhe as pernas, pulando-lhe no focinho, Alma Penada se prestava à brincadeira, saía desatinado a persegui-Ia, rolava-a no chão, punha-lhe a pata na barriga para mantê-la imóvel: jamais lhe ocorreram instintos outros além do alegre jogo de falsas zangas e ameaças, de folia e troça.

Ia-se tomando Oferecida menos brincalhona à proporção que crescia: levava horas dormindo ao calor da forja, junto a Alma Penada, aconchegada nele. Mas não deixava de instigá-lo às correrias pelo descampado, açulando-o, desafiando-o para brigas que não passavam de inocente reinação. Castor divertia-se com a agitação do casal de vira-latas a rolar na poeira, rosnando e latindo como se corressem risco de se estraçalhar. Depois, cansados, línguas pendentes, deitavam-se aos pés do amigo, em busca de um agrado. Alma Penada só se revelava descontente quando Oferecida, valendo-se da pouca idade e do tamanho reduzido, saltava para o colo de Tição para que ele a coçasse atrás das orelhas e na barriga. Enciumado, o cachorro erguia-se nas patas traseiras e, apoiando-se nas pernas do ferreiro, expulsava a intrometida e punha em seu lugar, no regaço de Tição, a feia cabeçorra.

Um dia porém tudo mudou e sem motivo aparente Oferecida estranhou o companheiro. Parecia ter sido ontem e no entanto mais de meio ano havia transcorrido da primeira visita de Zilda a Tocaia Grande: a mulher do Capitão retirara a bichinha do carro de boi e a depusera no chão, em frente à casa de Bernarda. Imediatamente ela provocara Alma Penada e ele começara a fazer gato e sapato daquela oferecida. Oferecida, disse Tição designando-a pelo nome.

Por sinal fora então que o calendário começara a andar em ritmo acelerado e inesperadamente Oferecida mostrou os dentes ao ver Alma Penada aproximar-se para dar início ao quotidiano torneio de folguedos. Latiu irada e o mordeu quando ele insistiu em recomeçar as inocentes correrias, virar cambalhotas no terreiro.

Durante alguns instantes Alma Penada permaneceu desarvorado, sem entender o que estava acontecendo. Mais eis que ele também se transformou, deixou de ser o irrefletido brincalhão. O relacionamento entre eles modificou-se por completo. Ela passou a fugir como se o temesse, a evitá-lo como se o desprezasse, repelia-o quando ele se

acercava. Mas se fugia era para perto, se o evitava era por segundos e, se o repelia, mais ainda o procurava, olhando-o de viés, exibindo-lhe as traseiras.

Abandonando hábitos assentados e deleitáveis, Alma Penada descuidava-se de latir para os comboios, de saltar em torno aos burros, perdera a fome — a fome voraz de Alma Penada que nenhuma comida saciava —, chegava ao absurdo de deixar Castor partir sozinho para a caça ao raiar do dia. Desvairado em torno da cadela, preso ao odor que se desprendia dos lábios da vagina inchada, destilando sangue.

Durante uns poucos dias, Alma Penada rondou Oferecida, sujeitando-se com paciente obstinação às negaças, ao desprezo, à recusa, à violência das dentadas. Disposto a conquistá-la e a conquistou. Mas não seria por acaso tudo quanto a cadela desejava? Oferecida foi deixando de rosnar, de fugir, de arreganhar os dentes, permitiu que ele aproximasse o focinho, cheirasse a vulva intumescida, que nela passasse a língua ávida e lambesse o sangue que a cobria.

Certa tarde, no terreiro em frente à oficina, diante dos olhos acesos de Nando e de Edu que o açulavam, na presença do negro Castor, do Turco Fadul e de Coroca empenhados numa prosa descosida, Alma Penada conseguiu enfiar o prego — rola de cachorro é igual a um prego de cabeçorra, explicava Edu experiente na criação de vira-latas — nas férteis entranhas de Oferecida. Depois que a cerimônia terminou, a cadela e o cachorro ficaram engatados um ao outro; Nando quis jogar água em cima deles para desatar o nó mas Castor não consentiu: deixe que do resto a natureza se encarrega.

5

Pode-se afirmar mal comparando que o mesmo acontecera, idêntico quiproquó, com o ferreiro Castor Abduim da Assunção e a sergipana Diva, ao menos no que se refere à maneira como ele a viu e ao modo como a tratou durante um ror de meses, mais de um semestre, e da sua surpresa quando, num dia igual aos outros, de súbito se deu conta da mudança. Surpresa é pouco dizer para tamanho impacto: uma revelação.

Um dia igual aos outros para o povo do lugar, não para o calçador de burros, siderado. Tampouco para a moça, esquiva e impetuosa que nem a cadela Oferecida ao entrar em cio e sangrar pelos lábios inchados da vagina. Essas e outras coisas singulares que nos reserva a vida — enigmas, prodígios, maravilhas — a natureza se encarrega de explicar e resolver. Assim ensinara o próprio Castor Abduim ao apressado Nando: não custa

repetir conceito tão provecto e sensato.

6

Todavia quem primeiro se deu conta da transformação de Diva foi Bastião da Rosa, pedreiro afreguesado, cidadão de boa aparência, branco de olhos azuis, peça rara nas paragens, de alta cotação junto às mulheres, xodó disputado entre as raparigas.

Das casas, ainda contadas, de tijolo e telha, erguidas no Caminho dos Burros com materiais da olaria de Merência e Zé Luiz, a de Bastião da Rosa — José Sebastião da Rosa — era de longe a mais vistosa e confortável, o que se explica facilmente: trabalhando para si próprio, caprichara na solidez dos alicerces e na perfeição do acabamento. Paredes azuis, janelas cor-de-rosa com parapeitos de madeira, calha por onde correr a água da chuva. E o luxo da casinha para as necessidades, no quintal; um buraco profundo e em cima dele uma caixa de madeira para nela o padecente se sentar. Como nas casas de Taquaras e de Itabuna. A primeira Latrina de Tocaia Grande, conforto logo imitado por Castor e por Fadul. Coubera a Fadul porém a iniciativa de fazer cavar uma cacimba atrás do armazém, antes mesmo do grande poço que servia ao curral e aos tropeiros, benfeitoria do coronel Robustiano de Araújo.

Casa grande demais para um homem solteiro, murmurou-se em Tocaia Grande que Bastião da Rosa pretendia se casar, constituir família, correram boatos a propósito de noiva contratada em Itabuna, cidade de onde ele procedia. Lá deixara fama de rapaz namorador, incansável pé-de-valsa, destroçara corações de moças casadouras. Tocaia Grande não passava de um ponto de pernoite de tropeiros quando para ali ele viera, contratado para construir, em regime de empreitada e de sociedade com Lupiscínio, a casa de madeira do Turco Fadul Abdala que resolvera aposentar a mala de mascate. Tendo se dado bem, ficara em definitivo, gostava do lugar. Detendo-se em constantes temporadas nas fazendas próximas, contratado para levantar barcaças, cochos e estufas, deixara crescer bigode e barba, podia passar por gringo se quisesse, bastava engrolar a língua. Em Tocaia Grande empatava com Tição no favor das putas.

Transcorria porém o tempo e Bastião da Rosa continuava solteiro, nem mesmo pensara em amigar-se apesar de não ter faltado quem se insinuasse, inclusive Maria Beatriz Morgado, prima pobre de dona Carmem Morgado de Assis Godinho e, por afinidade, do coronel Enoch de Assis Godinho — pobre porém fidalga. Bastião demorara-se na Fazenda

Godinho, mestre-de- obras à frente da reforma da casagrande, e por desfastio passara nos peitos dona Maria Beatriz: a fidalga. não era mais cabaço, o primo rico colhera-o também por desfastio. Não fosse assim e a prima pobre, já trintona, ostentando um buço respeitável, sobraria intacta para os vermes. Enrabichada, a dona quis abandonar a cama e a comida que os primos lhe forneciam por caridade — em troca ela se ocupava na arrumação da casa, fiscalizava o trabalho das criadas e cuidava dos meninos — para ir viver com Bastião sem exigir sequer papel passado, nem dar satisfação aos preconceitos, à jactância, às merdices dos Morgados e Godinhos. Bastião da Rosa desconversou, tirou o corpo fora, não desejava apodrecer numa encruzilhada, vítima de tocaia, por causa de mulher.

Atravessara o rio em companhia de Guido, atendendo convite do velho Ambrósio e de José dos Santos para discutir sobre a construção de uma casa de farinha: não reconheceu Diva ao encontrá-la cavoucando a terra, enxada em punho. Pensou que se tratasse de uma das filhas de José dos Santos. Eram três, valendo cada uma delas por um homem disposto no trabalho; duas ainda bem modernas e uma mais idosa, cega de um olho, Ricardina. Nem por isso deixava de encontrar quem a quisesse: havia sido vista aos trancos e barrancos com Dodô Peroba, um tipo meio pancada que viera parar naquelas bandas ninguém sabe como nem por quê. Somente pelos passarinhos não podia ser. Encomendara uma cadeira de barbeiro a Lupiscínio, no fiado, para pagar quando pudesse: dedicava-se a cortar cabelo e a fazer barba. Segundo o capitão Natário da Fonseca, que se tomara seu freguês, a cadeira de barbeiro de Dodô Peroba era uma prova a mais de evidência alvissareira: Tocaia Grande ganhava foros de povoação adiantada.

Contratado com frequência, assim como os demais mestres pedreiros e carpinas, para construir benfeitorias nas fazendas, Bastião da Rosa pouco parava em Tocaia Grande, fazia meses que não via a filha de Ambrósio. Recordava-se da moleca calada e magricela, as tranças penduradas, correndo picula com os meninos, vendendo na feira ao lado dos pais e dos irmãos. Não podia ser a mesma que ele enxergava em sua frente, o busto erguido, a saia arregaçada, cavoucando a terra com a enxada, o suor escorrendo pela testa: essa era um desparrame de mulher: nova, viçosa e tão bonita, com que se parecia? Com as verdejantes plantações de mandioca.

Antes, o mato crescia ressequido na capoeira, chão de espinhos e de cobras. Com a vinda dos sergipanos floresciam roçados de feijão, campos de milho e mandioca, latadas de maxixe e de chuchu. Tudo se

transformara. Não apenas a terra, também o povo. Jãozé, Dinorá e o filho que por pouco não morrera no caminho. O sombrio Agnaldo e sua mulher Lia: chegara prenha, botando os bofes pela boca. Aurélio e Nando, sem falar no casal de velhos, batidos e humilhados. Os corumbas enxotados de Maroim remanesciam grapiúnas, uns porretas no trabalho. A criança que Lia desovara nas mãos de Coroca, a primeira a nascer em Tocaia Grande, era um bitelo.

Ambrósio e José dos Santos detalhavam planos para a casa de farinha, Lupiscínio escutava e discutia. Bastião da Rosa fazia menção, os olhos na moça debruçada sobre a terra, iluminada de sol, o rosto de santa, um corpo de rainha: com aquela, sim, valia a pena se amigar.

7

Com Castor Abduim não se passou assim, tão de repente, nem por isso a surpresa e o sobressalto foram menores. A revelação se deu alguns dias após a mudança da família do capitão Natário da Fonseca para a residência construída no alto da colina: a principal de Tocaia Grande pelo tamanho, pelo conforto e pela situação. Carregando um boca-pio na cabeça, Diva galgava a subida, íngreme porém bem calçada de pedregulhos para permitir o passo das alimárias mesmo na estação das chuvas. Em troca seria fácil fechar-lhe o acesso aos estranhos, bastava colocar um homem de carabina em punho em qualquer das viradas da rampa tortuosa. Por casualidade, passando em direção do rio, ele a viu subindo e espantado se deteve: simplesmente não podia ser Diva, recusava-se a crer nos próprios olhos. Mas era Diva, sim, não era outra: tendo parado a ajeitar a cesta, ela o percebera embaixo a espiar, boquiaberto: sob a saia apareciam as coxas nuas. Sorriu e lhe acenou com a mão.

O povo já batizara a colina, dera-lhe o nome de Outeiro do Capitão, pois, lá de cima, como se estivesse num mirante, o Capitão podia descortinar o povoado inteiro, da Baixa dos Sapos com as choupanas das putas e a casinhola de Bernarda até a rua de casas se estendendo no Caminho dos Burros; do descampado com o local da feira, o galpão de palha, pouso dos tropeiros e salão baile até o depósito de cacau e o curral do coronel Robustiano, a oficina de Tição onde Edu, o filho mais velho, aprendia o ofício, e o armazém do turco nas proximidades da jaqueira. Avistava também no outro lado do rio as plantações dos sergipanos e dos sertanejos, os roçados e as ramadas, os pendões do milharal, os porcos, as galinhas.

Tudo aquilo e o movimento dos passantes o capitão Natário da Fonseca

abarcava com a vista da varanda de sua residência. Melhor ainda do pé de mulungu, alguns passos mais à frente, onde mostrara certa feita o lugar então deserto ao coronel Boaventura Andrade e vaticinara como seria no futuro: isso aqui ainda há de ser uma cidade. Pouco faltava, concordara o Coronel ao passar por lá, sete anos depois. Modo de falar do Coronel: povoado pequeno, para ser uma cidade faltava-lhe quase tudo. Mas quando ele, Natário, chegara rapazola à fartura do cacau fugindo da indigência de Sergipe, Taquaras não passava de reduzido ponto de pernoite, a estação não existia, não havia ainda o trem de ferro, e a cidade de Itabuna, esse colosso, era o arraial de Tabocas.

Por esse motivo o Capitão mantinha-se atento ao que circulava e acontecia, opinando e se envolvendo se preciso. Emprestara numerário para a construção da casa de farinha que Lupiscínio e Bastião da Rosa estavam pondo de pé por conta de Ambrósio e José dos Santos e se juntara ao coronel Robustiano Araújo para financiar o corte da madeira para o projetado pontilhão. Nessas obras pusera quase todo o lucro da colheita mas quem conquista mando e autoridade, contrai obrigações. Assim pensava e agia desde muito antes de colher cacau, apenas começara a plantar roças nas matas da Boa Vista e deparara com Bernarda refugiada ali, fazendo a vida.

8

Não acontecera de chofre, de improviso: ao contrário de Bastião da Rosa que levara séculos sem vê-la; constantemente o negro a via e lhe falava, e se não se dera conta cabia-lhe a culpa, a mais ninguém. Esteve em assíduo contato com Diva a partir do fim da tarde em que acompanhara a família sergipana ao armazém de Fadul e lhe emprestara a rede na palhoça de Epifânia: a menina Diva, entanguida e aluada. Até o momento em que a viu grimpando morro acima, equilibrando na cabeça uma cesta repleta de chuchus, quiabos, maxixes e jilós, batatas-doces, produtos dos roçados, agrados que Vanjé mandava para a cozinha de Zilda. Pôde então contemplar as coxas nuas e a bunda mal coberta pela calçola, coxas e bunda de mulher. Para rever-lhe o rosto que sempre achara lindo, uma galanteza, e medir-lhe o busto, rondando por ali esperou que ela descesse. Viu-a de corpo inteiro, endoideceu e nunca mais a tratou de menina Diva. Mas continuou a achá-la estouvada, com um parafuso a menos na cachola.

Dantes ela vinha correndo com Ção e Nando pelo descampado em busca de Edu, para tirá-lo do trabalho e irem os quatro caçar teiús na mata, armar alçapões para os passarinhos, tascar pião — nas horas vagas

a diversão de Balbino era manufaturar piões que fornecia a um vendedor na feira de Taquaras — ou empinar arraias feitas por Merência também nas horas vagas, cada qual mais colorida e mais valente.

Nando e Ção entravam oficina adentro, Diva jamais. Ficava fora da porta a espiar. Tição fitava-lhe o rosto angélico, descansava o malho, convidava: — Não quer entrar, menina Diva?

Fazia que não com a cabeça e, sem esperar pelos outros, saía a correr como se fugisse dele, temerosa: temerosa de que, pelo amor de Deus? A princípio ele estranhou, depois deixou de reparar: raro o dia em que ela não se mostrava nas vizinhanças da oficina, dissimulando-se atrás dos pés de pau, furtiva e assustada. Os braços e as pernas sujas do amanho da terra.

Certa manhã, cedinho, entrando mata adentro para recolher a caça como fazia quotidianamente, Castor a surpreendeu a seguir-lhe os passos, esgueirando-se entre as árvores. Também no rio: nadava ao cair da tarde nas águas fundas, bem distante do trecho raso e encachoeirado onde as mulheres lavavam roupa e tomavam banho, quando Diva emergiu em sua frente, quase a tocar-lhe o corpo nu: um trapo molhado mais a desnudava do que a vestia. Não fosse ainda tão nova, ele não teria resistido. Gritou: cuidado, menina Diva! Para alertá-la do perigo da correnteza forte e para romper o sortilégio, aquele rio era morada de encantados. Durou menos de um minuto, ela mergulhara novamente e já se fora embora: nadava rápido como um peixe. Ou uma sereia.

Amiúde Castor a encontrava e lhe falava. Diva sorria, baixava a cabeça, saía correndo mas não ia longe. Bronco e cego, Tição não entendia as esquisitices, as maneiras espaventadas da criatura, tampouco percebeu a mudança que transformara os. gambitos finos em penas torneadas, os incipientes seios em busto arrogante: para ele continuou a ser a menina Diva, de trança pendentes, em correria pelo descampado. Não se deu conta quando ela abandonou o jogo de picula e a companhia dos adolescentes, da lesa e dos moleques, passando a andar sozinha ou com a mãe e as cunhadas. Sozinha, para vir espioná-lo nas imediações da oficina.

Não a viu botar corpo e se fazer mulher.

Somente percebeu a transformação e dela teve plena consciência ao divisá-la subindo a trilha para a casa do capitão Natário. Levou um choque, sentiu disparar o coração. Decidiu ficar à espera para confirmar o milagre. Diva o enxergou certamente, ali estatelado, mas fez como se não o houvesse visto, não olhou para ele nem diminuiu o passo. Parou sem embargo mais adiante, virou a cabeça para trás e riu como se estivesse

mofando dele. Entenda quem quiser!

Não conseguia decifrar a causa e o objetivo, a razão de ser do insensato comportamento adotado por ela: as risadas e os olhos baixos, os disfarces e as fugas, os remoques e as esquivanças, as ousadias e o retraimento. A figura se modificara mas os modos subsistiam inalterados, absurdos. Castor quebrava a cabeça, sem encontrar os noves-fora da charada. Não fossem bobagens, patetices de menina, pareceriam indiretas, verde para colher maduro, arteirices de mulher, frete de puta.

Desde que a viu voltar a cabeça para olhar e rir, desde então já não teve outro pensamento nem brotou em seu peito outro desejo: sem Diva a vida não valia a pena, não era vida. Desesperançou-se porém quando percebeu — e foi fácil perceber — que também Bastião da Rosa a requestava. Barba e bigodes loiros, cabeleira farta e ondulada, cara vermelha de gringo: de gringo das europas e não de turco escuro, quase tão escuro quanto qualquer mestiço grapiúna — o pedreiro levava-lhe nítida vantagem. Não sendo ela francesa e sim morena sergipana, haveria de preferir o branco de olho azul ao pau-de-fumo. Somente as francesas, como ele sabia e tinha provas, dão o devido valor à raça negra. Nem por isso desistiu: resignar-se, fugir à luta não era de sua natureza, ainda menos naquela circunstância quando o prêmio da porfia era a própria vida.

9

Vendo Durvalino tirar água da cacimba para os gastos da cozinha, Fadul recordou-se com saudade de Zezinha do Butiá e suspirou: tanto o poço quanto o caixeiro traziam-lhe de volta a rapariga. Estava satisfeito: a cacimba era de grande utilidade e Durvalino ultrapassara um ano de serviço no balcão do armazém, mostrara-se de muita serventia. E honesto, por mais incrível que pareça. Zezinha não ostentava peitos fartos nem cadeiras largas, conhecidas preferências do turco em matéria de mulher — mamas grandes, bunda de tanajura, boas de agarrar com as mãos — mas a nenhuma outra se apegara tanto. Tinha visgo que nem cacau: o rosto um brinco, o corpo uma estátua, a xoxota um abismo, o coração sentimental. Novamente suspirou, desconsolado.

Deu-se conta de que pensava nela em termos de passado, como se a rapariga houvesse batido a caçoleta, estivesse morta e enterrada no cemitério de Lagarto, o que felizmente não era certo. Na prática fazia pouca diferença: enterrada no cemitério ou vegetando em casa, só mesmo em sonho ou em pensamento podia reencontrá-la, ouvir-lhe a fala cantada e mansa convidando-o para o regalo da cama: vem, turco, me mostrar a

rola, já esqueci como ela é. Punha-lhe nomes, tomava-lhe dinheiro, embrulhava-o de todo jeito, um anjo do céu, uma mercê de Deus. Cantava modinhas de ninar: rola, rolinha, rola de amor. Quanta saudade!

Dela Fadul recebera uma única notícia depois que agoniada se tocara para Sergipe: carta enviada em mão por portador, o sobrinho Durvalino, varapau adolescente, calça no meio da perna, cara coberta de cravos e berrugas. Carta de garranchos e borrões, sem pontuação, a letra graúda e irregular subindo e descendo no papel ao sabor da mão inábil, Fadul a decifrou e tantas vezes a leu que quase a decorou. Podia recitá-la como se fosse poesia ou versículo da Bíblia: "... essas mal traçadas linhas é pra lhe dizer Fadul meu bem que não se esqueço de você nem nunca vou poder se esquecer porque de noite sonho que tou na cama abraçada com você e quando dou de mim tou com os olhos molhados e lá embaixo também onde tu sabe mas um dia vou voltar se Deus quiser." No fim da página, sob a assinatura: "sua para sempre Maria José Batista", ela pusera uma quantidade de vírgulas, pontos finais, pontos de exclamação e de interrogação para ele espalhar na carta onde conveniente fosse.

Referia-se à breve estada em Tocaia Grande, antes de viajar: "quando tive aí vi que tu vive muito sacrificado trabalhando que nem burro de carga." Por isso lhe enviava o sobrinho Durvalino, filho de sua irmã mais velha, viúva e tísica, "mais pra lá do que pra cá", para ser seu empregado. Qualquer paga que lhe desse, menor que fosse, seria uma caridade: "mais melhor do que morrer de fome aqui." Não deixava porém de fazê-lo de bobo, de levá-lo no bico, para não perder o mau costume: "fico descansada, sei que tu não é canguinha e pelo menino boto a mão no fogo." Anjo do céu, mercê de Deus!

Já vinha pensando em contratar caixeiro que o ajudasse na balcão, mas onde encontrar alguém de confiança? Nos anos das vacas magras, ao menos sobrava-lhe o dia inteiro para dormir; se assim quisesse. Os tropeiros e as putas constituíam o grosso da freguesia, de raro em raro alguns passantes. A lida maior acontecia a partir do fim da tarde e pela manhã bem cedo, sendo essa a parte mais pesada da labuta. O movimento, porém, com o plantio das roças, crescera muito. Além de acordar antes do raiar da aurora e de deitar-se noite alta, durante o decorrer do dia tinha de manter abertas as portas do armazém, a toda hora aparecia gente. Se quisesse de fato ganhar dinheiro não podia descuidar-se, pôrse a dormir de pança cheia — tinha muito trabalho pela frente para encher a pança.

Assim acolheu Durvalino com visível benevolência e secreto entusiasmo: Zezinha do Butiá — divina providência — ainda uma vez

resolvia-lhe um problema. Mas não deixou que o varapau percebesse seu regozijo, pois não somente no comércio com os ciganos o cidadão precisa ser prudente: também no trato com o povo de Sergipe. Fuad Karan não se cansava de dizer que os sergipanos são os árabes do Brasil e Fuad não tinha o hábito de falar em vão.

— Precisar não estou precisando, dou conta sozinho do trabalho. Mas sendo um pedido de Zezinha não posso deixar de atender.

Tirou a limpo as habilitações do rapaz: sabia ler, escrever e fazer as quatro operações, dizia-se disposto a enfrentar qualquer serviço, pior do que cortar cana de sol a sol não podia ser.

— Pois vamos ver. Guarde seus trens no quarto das mercadorias, tire uma esteira pra dormir e pode começar. Sobre ordenado, se conversa depois. Vai depender de você, não é de mim. Se me der satisfação, não vai se arrepender.

Por fim deixou escapar a pergunta que prendia no peito: — E Zezinha, como é que vai?

Como Deus permitia, respondeu o sobrinho. Não estava vivendo em Butiá nem em Lagarto, morava em Aracaju de casa posta pelo doutor Pânfilo Freire: médico formado, não exercia a medicina, produzia açúcar mascavo e refinado no banguê do Funil, destilava cachaça, fazia rapadura, era podre de rico e passara dos setenta. Amigada com um ricaço, muito bem. Fadul não quis saber outros detalhes: fogosa como era, Zezinha não havia de se contentar com rola de velho broxa, setentão.

10

Fadul mandara cavar a cacimba atrás da casa a conselho de Zezinha do Butiá. Dado de graça na ocasião feliz e igualmente melancólica da visita da rapariga a Tocaia Grande para pagar promessa feita e repetida e para vibrar facada funda, de sangrar. Um dia desses, quando você menos esperar, eu apareço — jurava ela na pensão de Xandu, em Itabuna. O turco não se deixava iludir: no dia de São Nunca. Mas o pai de Zezinha descalçara as botas em Lagarto, vítima de sezão ou cachaça, para que tirar a limpo?

Em Lagarto, as velhas, as malucas, os meninos, não sabiam o que fazer, precisavam dela para traçar rumo na orfandade: reclamavam sua presença, não bastava o dinheirinho mandado todo fim de mês, religiosamente. Antes de embarcar, ela tinha vindo despedir-se, aproveitando a tropa de Zé Raimundo para fazer a viagem repimpada num burro de pisada macia. Chegou sem aviso, Fadul estava ocupado no

armazém quando ouviu gritos do tropeiro, anunciando:

— Seu Fadu! Seu Fadu! Venha correndo ver o presente que tou trazendo pra vancê!

Lépida e risonha, Zezinha saltou-lhe ao pescoço: — Não disse que um dia eu vinha, turco de uma figa?

Depois chorou lágrimas deveras sentidas ao contar a morte do pai, um homem bom que não tivera sorte. Enquanto forte lavrara a terra de terceiros, terminara na cachaça quando o impaludismo montara em seu cangote. A família trabalhava a dia em plantações alheias, os homens cortavam cana nos campos do banguê. Não fosse a ajuda de Zezinha, passariam fome. Das filhas mulheres, Zezinha tinha sido a única a subir na vida, a prosperar, graças a Deus que a protegera. Fora ser puta em Itabuna.

A hora não era própria para boas-vindas, os comboios arribavam, os tropeiros e ajudantes invadiam o cacete armado para comprar o que comer, as raparigas apareciam em busca de frete e de um gole de cachaça. Zezinha, tendo levado para o quarto o baú de flandre, veio ajudar o turco no balcão e, assim fazendo, aumentou o consumo de aguardente, todos queria brindar com ela e com o ladrão do turco, quem não sabia do rabicho antigo e persistente?

Bem mais tarde ela o acompanhou até a beira do rio, onde Fadul viera encher uma lata de água para as necessidades da casa, naquele dia ainda maiores: Zezinha, devido ao medo de doença feia, tinha mania de limpeza. O fogo aceso no descampado, os fifós, uma ou outra estrela iluminavam a noite de breu. Eles ia de mãos dadas: de tão enleada Zezinha era ver uma donzela passeando com o namorado às escondidas da família.

— Por que tu não manda cavar um poço para ter água em casa?

— Custa dinheiro.

— Mais custa a trabalheira que tu tem. Onde já se viu?

Ele encheu a lata, quis voltar, tinha pressa de estendê-la na cama: tantas vezes em sonho ali a perseguira, tentando agarrá-la. Devassa e cruel, ela se oferecia mas não se entregava, fugia-lhe dos braços, ria-lhe na cara. Chegara o dia da forra, ia cobrar com juros de agiota.

— Vambora...

— Inda não.

Puxou-o pelo braço, sentaram-se à beira d'água, junto ao Bidê das Damas, os pés na correnteza, ouvindo o coaxar dos sapos. Zezinha encostou a cabeça no ombro largo do turco, enfiou a mão por dentro da camisa para acariciar-lhe o peito cabeludo.

— Não queria ir embora sem ver meu turco.

— E sem me enfiar a faca, não é mesmo? — Falava em tom de brincadeira, sem sotaque de queixa ou acusação.

— Vim buscar ajuda, não vou mentir. Mas não foi só por isso que eu vim, Deus é testemunha. Tu é um turco bruto e ignorante, tu pensa que eu não tenho sentimento.

Fadul a envolveu nos braços e a olhou dentro dos olhos: as lágrimas já não eram devidas à morte do pai. Eram lágrimas de saudades e bemquerer, choradas na noite de encontro e despedida.

11

Zezinha do Butiá levantou-se ao mesmo tempo que Fadul Abdala quando os relinchos e os zurros começaram a acordar o vale e os tropeiros foram reunir os comboios. Noite de sonhar, não de dormir, noite de risos e suspiros, de ais dolentes, de uivos abafados, de palavras boas de dizer e de ouvir. Fadul lhe propôs ficar dormindo; já de pé, ela recusou: — Vou lhe ajudar.

Considerou o tamanho do leito, grandioso, uma ponta de reproche na voz cantada:

— Foi aqui que tu enfiou a rola em Jussa, não foi? A tarde inteira... Puta descarada!

Passado tanto tempo, ela ainda se lembrava com mágoa e com rancor. O turco tocou-lhe o corpo nu, com a mão enorme: — Mulher igual a tu, não há. E não vai haver.

Zezinha tirava vestidos do baú, escolhia o que usar. Para servir cachaça no balcão àquela hora da manhã, vestia-se de festa.

Preparara-se como se fosse viajar para Ilhéus e não para aquele cu-de-judas.

Quando o movimento cessou, após o banho no rio, a carne-seca chamuscada e a madura graviola, saíram a andar pelo lugarejo. As raparigas espiavam das entradas das choupanas, saudavam galhofeiras. Coroca gracejou ao passar por eles na Baixa dos Sapos: — Se amigou, seu Fadu? Lhe dou os parabéns, soube escolher. — Voltou-se para a visitante: — Ocê é Zezinha, não é? Eu sou Jacinta, quando seu Fadu viaja pra lhe ver, sou eu que fica aqui tomando conta do cacete armado.

— Vim só pra me despedir, tou de partida pra Sergipe. Fadul me fala sempre em vosmicê, disse que vosmicê vale por dez homens.

— Bondade dele.

Percorreram Tocaia Grande de ponta a ponta, ela ficou conhecendo o

velho Gerino, Merência e Lupiscínio, Castor já conhecia: não só de vista e de conversa, também do mais. De volta ao balcão da venda, Zezinha resumiu sua opinião:

— Tão pobre como Butiá, o lugar onde nasci. Só que Butiá em vez de andar pra frente, anda pra trás que nem rabo de cavalo. Se eu pudesse, ficava aqui, junto com tu.

Na manhã seguinte, após a noite em claro, Fadul despachou os tropeiros com Zezinha de caixeira, entre risos e chalaças. Quando o último comboio ganhou a estrada, o turco entregou a chave da casa e o revólver a Coroca, botou as cangalhas nos dois burros e acompanhou a rapariga ao trem de ferro na estação de Taquaras.

Calados, percorreram as léguas do caminho. Tristes como se estivessem se despedindo para sempre. Ao subir para o trem, Zezinha lhe recordou, tocando-lhe o peito com o dedo em riste: — Mande fazer a cacimba, não se esqueça.

Não se preocupou em esconder as lágrimas: — Obrigado pelo adjutório. —. Fez um esforço para sorrir: — E por tudo mais. — Incontroláveis, os soluços irromperam altos e doridos.

O turco meteu a mão no bolso, tirou um lenço grande, de ramagens, desbotado, e o passou a Zezinha, que nele mergulhou o rosto, de pé na porta do vagão.

Fadul quis falar, não pôde. O trem apitou, começou a andar, Zezinha do Butiá acenava adeus com o desbotado lenço de ramagens.

12

Durvalino demonstrara ser um pé-de-boi, incansável no trabalho e comprovadamente honesto: se afanava uma ou outra moeda para alimentar o vicio no raparigal, tratava-se de quantia tão insignificante que Fadul fingia não se dar conta. Fora disso era um varapau mexeriqueiro e caga-regra. O rei dos apelidos, devido à altura e à lingua de badalo: Pau-de-Sebo, Vara-de-Pescar, Leva-e-Traz, Vosmicê-Vai-Ver e Já-Sabe?, assim mesmo com ponto de interrogação na voz. Esses, os principais; havia outros, menos corriqueiros, mais poéticos: Lombriga-de-Turco, Sobejo-de-Puta, Piolho-do-Cão.

Pessoa alguma no uso do juízo tentaria disputar com Pedro Cigano a condição de pregoeiro-mor dos sucessos ocorridos naquelas bravias comarcas, o extenso e turbulento território do rio das Cobras com um sem-número de propriedades, de pontos de pernoite, arruados, lugarejos, arraiais. Oferecendo a preço vil o som de seu fole, sinal de alegria e festa,

Pedro Cigano, pés de sete-léguas, palmilhava os caminhos, levando, de sítio a sítio, as últimas informações, as notícias mais recentes: quem morrera e quem parira, bodega que abrira ou que fechara as portas, brigas, desordens, amigações, farrombas de jagunços, invasões de terras, matança de índios, vendas de roças e fazendas, os pousos das putas, andejas como o sanfoneiro. Merecia confiança pois não era de inventar, bastava dar desconto na extensão e no volume do enredo: apenas ao contar ele aumentava, engrandecia, com um fio de cabelo trançava um chinó.

No que se refere contudo aos limites de Tocaia Grande ninguém levava a palma a Durvalino, a par do menor incidente, de qualquer bate-boca de raparigas, de passageiro desacordo de tropeiros nas partidas de ronda, no derriço dos xodós: nada ocorria em Tocaia Grande sem que Durvalino soubesse e referisse. Leva-e-Traz, diziam para designá-lo, mas a esse levar e trazer e ao hábito de exagerar — no que se parecia a Pedro Ogano —, devese ainda acrescentar a mania de prever o desenvolvimento de cada assunto, anunciando o que iria suceder. Além de Leva-e-Traz, alcunharam-no também de Vosmjcê-Vai-Ver.

Figura familiar na Baixa dos Sapos, metia-se constantemente em camisa de onze varas em consequência de seus constas, seus estão-dizendo-por-aí, dos boatos e dos zunzuns, mas sobretudo devido às conjeturas e aos agouros. Andou levando uns pegas, umas corridas de quengas de maus bofes que se consideraram injuriadas ou caluniadas por Vara-de-Pescar, se bem, em geral, fosse recebido com agrado e curiosidade ao despontar no puteiro com ar misterioso e a pergunta habitual: já sabe da novidade? Por Já-Sabe? saudavam-no ao vê-lo surgir, galalau de pernas de compasso e olhos arregalados.

Graças a Durvalino, Fadul andava de grande: já não tinha de se levantar antes do sol para atender à saída dos tropeiros passaralhe a penosa obrigação. Chegava ao balcão depois de aliviar a barriga, mergulhar no rio e tomar o café com farinha, jabá e rapadura. Pronto para ouvir, junto com o cordial "bom dia, patrão", as notícias, os comentários e as previsões de empregado que não ia à casinha, ao rio e ao fogão, antes de despejar o saco:

— Vosmicê já sabe o que tá havendo entre Tição e Bastião da Rosa pro mode Diva? Todo mundo sabe...

Também Fadul sabia, o próprio Durvalino chamara sua atenção para o interesse com que os dois citados personagens rondavam a filha de Ambrósio e de Vanjé, arrastavam-lhe a asa, à vista de todos. Com a tendência para a jogatina característica da população de Tocaia Grande —

a estável e a transitória — já apostavam sobre qual dos dois levaria a melhor no torneio de agrados e cortesias pela conquista do cabaço da galante sergipana. Que Diva fosse cabaço não cabia dúvida, nem o próprio JáSabe?, língua comprida e viperina, levantara qualquer suspeita a esse respeito: virgem até o momento em que Castor ou Bastião, um dos dois, lhe fizesse o serviço. A opinião pública encontrava-se evidentemente dividida ao meio a propósito do resultado da contenda, mas Durvalino tinha ponto de vista formado, não admitia discussão, era categórico:

— Vosmicê não acha que seu Bastião ganha de longe? É muita petulância de seu Tição pensar que Diva vai preferir um negro feio, um estupor — aqui pra nós que ele não me ouça — a um branco que até parece raciado de alemão? Seu Tição vai arrastar lata, vosmicê vai ver.

— Tu acha que Tição é feio porque é negro mas pra tu ser negro igual a ele falta quase nada. — Durvalino era ainda mais escuro do que a tia, mulata cor de cacau seco: — Cor não faz boniteza nem feiúra de ninguém, tanto pode ser bonito branco ou preto. — Baixando a voz, considerou como se falasse consigo mesmo: — Zezinha se fosse branca não era tão bonita...

Por um fugidio instante, ele a reviu junto ao balcão servindo cachaça aos tropeiros. Logo completou, aumentando a confusão do linguarudo:

— Pois eu aposto o dinheiro que tu me rouba como é Tição que vai ganhar...

Durvalino engoliu o cuspo: — Que eu roubo? Vosmicê não diga uma coisa dessas nem por brincadeira. Esconjuro! — Tendo esconjurado, voltou ao tema apaixonante: — Se vosmicê diz que seu Tição vai ser o vencedor, não sou eu que vou duvidar. Ressu é da mesma opinião, é maluca por ele. Cada coisa... Mas vosmicê vai ver: essa pendência acaba mal, acaba em fuzuê... Vosmicê vai ver!

13

Fuzuês, sarilhos, barulhos — sempre havia algum, devido as mais das vezes ao carteado ou a desavença por motivo de mulher. Em geral vavavás de pouca monta, não davam para susto e comentário. Acontecia dois viventes se estranharem nas apostas do jogo de ronda ou no aconchego de uma rapariga: xingavam-se e se desafiavam, quase sempre não passava disso, terceiros se metiam para apaziguar. Todavia registraram-se algumas situações delicadas, incidentes graves.

O mais grave de todos se deu naquela sempre lembrada festa de Santo Antônio quando Cotinha levou um tiro na testa e morreu na hora. Outras mortes vieram aumentar as cruzes no cemitério mas apenas duas em

consequência de emboceto no povoado: dois mateiros se empenharam em luta corporal por causa de Sebá, uma sujeitinha reles, sem valia, um argaço. Pois bem, por essa piolhenta um deles acabou sangrado e enterrado às pressas, sem acompanhamento, enquanto o outro desvalido sumiu no mato e dele nunca mais se soube. Também impunemente — será necessário repetir? — um jagunço matou um ajudante de tropeiro que tentou passá-lo para trás na hora de virar a carta no baralho: jogo ou mulher, as únicas razões, como se vê. Além dessas covas, o cemitério cresceu devido às cobras e à febre que grassava solta em toda a zona do cacau.

Uma padecente esticou as canelas na estrada, perto dali, sofria de barriga-d'água, estava sendo levada para Itabuna, uma récua de familiares sucedendo-se na tarefa de carregar a rede. Enterraram-na no povoado, depois de emotivo velório no galpão de palha, com substancial consumo de cachaça. A sentinela atravessou a noite em contínua animação devido à solidária presença dos tropeiros e das putas. Na falta de padre, Fadul Abdala, pau para toda obra, encomendou o corpo com unção e piedade, salmodiando em árabe e o fez de graça: não cobrava serviços religiosos, o bom Deus os levaria em conta no dia do juízo.

Ocorreram outras rixas de certo vulto que por pouco não terminam em desgraça. Assim, por exemplo, quando Valério Cachorrão, ajudante de tropeiro de muita farromba e cachaça fraca, estando alto, resolveu tomar liberdades com a mulher de Chico Espinheira: de passagem para Taquaras, o casal pernoitava no descampado. Chico Espinheira, o próprio, aquele mesmo que fora a júri em Ilhéus, no fim das lutas, acusado de ser o matador do coronel Justino Maciel e de dois capangas. O turco e o tropeiro Maninho acudiram a tempo de impedir o pior: Chico Espinheira com uma das mãos segurava Valério Cachorrão pelos gorgomilos, com a outra trabalhava devagar com a ponta do punhal. Valério Cachorrão ficou lavado em sangue mas se safou com vida.

Estando ainda Tocaia Grande em seus começos, dois matei. ros, que, aliás, haviam chegado juntos dispostos a aliviar a natureza, bateram-se a faca e se feriram os dois para saber qual deles iria passar a noite com Bernarda. Tinham-na visto no armazém mas nem sequer haviamlhe falado: se a tivessem consultado antes não haveria briga nem facadas, pois ela estava de paquete, o balaio fechado. Correndo o risco de levar as sobras, Fadul conseguiu desapartar os violentos rivais — rivais por que, se Bernarda não demonstrara o menor interesse por nenhum dos dois? Terminaram de pazes feitas quando finalmente desistiram da cabrita.

Coroca lavou-lhes as feridas com álcool e consolou um deles, o outro comboiou Dalila, também muito apreciada devido ao exagero da taioba.

Bernarda, logo que chegara a Tocaia Grande, dera lugar a seguidas disputas, resolvidas no tapa ou na carta mais alta tirada na sorte do baralho. Mas, ao ficar patente a proteção com que a distinguia o capitão Natário da Fonseca, a cobiçada deixou de ser objeto de aposta e desafio. Podia prevalecer-se e abusar, atendendo tãosomente a quem aceitasse e decidisse receber nos dias livres que lhe sobravam para ganhar a vida. Reservava três dias para o padrinho ao anúncio de sua próxima passagem: a véspera da chegada para com tempo e sossego preparar o acolhimento, o dia da bemaventurança e o seguinte. Esse último para recordar em paz o principal e os detalhes, cada palavra, cada gesto, o sorriso esquivo, o abraço poderoso, a respiração e o desmaio. Sua vida resumia-se a essas horas venturosas, passadas em rude e meiga companhia.

Aí fica o registro das desavenças mais sérias, dos acidentes mais violentos, os mortos e os feridos: não foram tantos, muita pachouchada, pouco sangue. Arruaças menores, pequenos bafafás, Fadul se cansara de pôr-lhes cobro no grito, impondo sua ascendência de comerciante quando não de credor. Ou, em último caso, na porrada como já havia sucedido. No desumano universo do cacau, Tocaia Grande se tinha má fama era imerecida. Lugar pacífico, seguro ponto de pernoite: vista amena, algum dinheiro, pagode fácil.

14

Durvalino não se contentou em prever inevitável sarilho em consequência da disposição com que Bastião da Rosa e Castor Abduim buscavam conquistar as boas graças da donzela Diva: marcou data e lugar para o tira-teima. Aconteceria certamente no domingo, durante o fovoco anunciado para comemorar a presença em Tocaia Grande da mulher de Lupiscínio, cidadão merecedor. A mulher de Lupiscínio, dona Ester, deslambida, enjoada, cabide de mazelas, não era dada a festas, nem sequer dançava. Sua diversão maior consistia em conversas com os vizinhos para comentar doenças e discutir a eficiência de mezinhas estrambóticas e de rezas infalíveis.

Durante anos dona Ester recusara-se a morar em Tocaia Grande, deixando-se ficar em Taquaras enquanto o marido e filho labutavam sem descanso nos cafundós do mundo. Por fim, notando que Lupiscínio rareava as idas à estação, mandandolhe pelos tropeiros e por muito favor o necessário para as despesas, decidira vir passar uns dias com o ingrato e

botar a bênção no rapazola — um menino quando acompanhara o pai para aprender com ele o ofício de carpina. Habilidoso e aplicado, Zinho pretendia chegar a marceneiro e retificar como fazia mestre Guido:

— Carpinteiro, vírgula! Dobre a língua, sou mestre marceneiro.

Dona Ester não era de danças mas nem por isso o povo do lugar iria deixar de festejá-la. A ideia do arrasta-pé partira, aliás, do negro Tição, chegado, como por demais se sabe, a uma festinha, fosse qual fosse a natureza e o objetivo. Sobretudo naquela ocasião: aproveitaria para tirar a limpo o que lhe era cada vez mais obscuro — para qual dos dois postulantes se inclinava a preferência de Diva, se é que havia preferência. Difícil de saber tratando-se de criatura tão mutável e caprichosa: ora oferecida em riso, ora de sobrolho carregado, a cara amarrada, ar de zanga. Decidiu sozinho sobre a realização da festa, sem consultar a mais ninguém ao ver assomar no Caminho dos Burros a figura sempre bem-vinda de Pedro Cigano. Tratando-se de forró, quem iria se opor?

Há muito Pedro Cigano deixara de ser o único e adulado sanfoneiro a animar os dançarás do povoado. Aos domingos apareciam outros, acompanhados de violeiros e de tocadores de cavaquinho e gaita. Mas ainda consideravam-no o melhor de todos, sem contestação. E, além do mais, contentava-se com qualquer agrado, não costumava exigir mundos e fundos para assumir o fole e dele retirar com os dedos hábeis a dádiva da música.

Cigano por ser nômade, hoje aqui, amanhã acolá, o acordeom ao ombro, distribuído entre tantos caixa-pregos, o andarilho demonstrava evidente preferência por Tocaia Grande, sítio bonito, um refrigério para os olhos, que ele conhecera nos antanhos, muito antes da chegada do Turco Fadul. Apenas Coroca, numa choça feita com quatro palmas secas caídas de um pé de mané velho, acolhia tropeiros. Os comboios mal começavam a abrir a trilha na mata para reduzir o tempo e as léguas da jornada.

Nas idas e vindas, Pedro Cigano assistira ao crescimento do lugar, as choupanas na Baixa dos Sapos, a carreira de casas no Caminho dos Burros, o depósito de cacau, o armazém do turco, o galpão de palha, o curral e a oficina. Jamais imaginou porém que haveria de ver roçados crescendo na outra margem do rio, olaria de telhas e tijolos, casa de farinha, bichos de criação se multiplicando, soltos no descampado. A casa do Capitão, essa não o surpreendeu pois sempre o ouvira afirmar que mais dia menos dia viria viver ali, com a família. A acreditar no que diziam à boca pequena e à socapa — ninguém era tão doido de falar certas coisas em voz alta —, o Capitão chegara antes de todos, antes mesmo de ter patente e roça,

quando não passava de um jagunço à frente de jagunços, tendo a morte por serviço e companheira.

Naqueles idos, conversando com Coroca, Bernarda colocara Pedro Cigano no rol dos homens bonitos de Tocaia Grande; ele, Fadul, Bastião da Rosa e o próprio Capitão. Não figurava o nome de Castor Abduim, pois o ferreiro ainda não dera as caras por ali. A fama de bonito não lhe adviera apenas da lembrança da moleca, muitas outras quengas corroboravam na mesma opinião: era extensa a lista de xodós do sanfoneiro, rabichos espalhados na vastidão do rio das Cobras, onde quer que existisse meia dúzia de barracos, putas exercendo o oficio, avidez de carinho, solidão.

15

No balcão do turco, Pedro Cigano soube incontinenti pela boca do caixeiro Durvalino da acirrada contenda que opunha o negro Tição ao loiro Bastião da Rosa — Bastião da Rosa, recordou-se, figurava na lista de Bernarda — e do provável desfecho trágico previsto por Vosmicê-Vai-Ver.

Pedro Cigano levara um tempão sem vir a Tocaia Grande, animando forrós durante uma Santa Missão em Lagoa Seca, Corta-Mão e ltapira: tinha um frade alemão, porreta no arrazoado das penas do inferno e na esganação, não havia comida que lhe desse abasto, para fazer-lhe frente só mesmo o padre Afonso, se lembra dele? Apontou para a construção na outra margem do rio, quase pronta: — Aquilo ali, o que é?

— A casa de farinha de Ambrósio e Zé dos Santos. — Esclareceu Fadul: — Vai ter farinha de fartura.

— Quem tá fazendo é seu Bastião. — Acrescentou Durvalino: — Passa lá o dia inteiro, perto dela... De Diva... Pra mim, seu Tição já caiu da sela, se estrombicou...

Pedro Cigano não tornou partido, estava entretido avaliando o crescimento do povoado:

— Sim senhor, quem houvera de dizer... — estendeu o copo vazio na esperança de nova dose, afinal fazia um ror de tempo que não conversava com o amigo Fadul.

— Começou a ter cacau... — disse o turco medindo a contragosto mais uma talagada no gratuítes e explicando o que um e outro estavam cansados de saber.

— Louva Deus! — Brindou o fura-mundo.

Uma alcateia de moleques passou diante da porta, correndo, levantando poeira, à frente uma garota dando nomes: filhos da puta, punheteiros, xibungos. Apontando-a, o músico quis saber quem era.

— A filha de Altamirando, Ção. E esquecida da cabeça. Vive na gandaia com os meninos, não demora a pegar barriga. — Previu Fadul.

Pedro Cigano acompanhou o olhar de Durvalino no rastro dos vadios. Não só de comentar a vida alheia se ocupava o caixeiro, sorriu o rei do fole, divertido. A menina, de volta, para escapar à perseguição, varou armazém adentro, parou junto ao turco, esbaforida. Nos rasgões do andrajo que vestia, exibia-se a pujança do corpo adolescente.

— Não deixe eles me pegar, seu Fadu. Tão querendo abusar de mim.

No lado de fora, arfantes, Nando, Edu e seu irmão Peba, de onze anos, filho do Capitão mas não de Zilda, mãe apenas de criação, aguardavam. Certos de que ela retomaria a provocá-los após beber a água da cacimba que Lombriga-de-Turco lhe servia num copo ainda sujo de cachaça. Mas ao ver Pedro Cigano, Ção menosprezou as brincadeiras de picula e cabra-cega, olhou com desdém os moleques lá fora, à espera. No armazém encontrava-se entre homens, um ainda jovem mas os outros dois curtidos pela vida. Sentou-se no chão, à la godaça, mostrou a língua para os meninos, bateu a mão no braço no gesto insultuoso de lhes dar bananas e os esqueceu. As pernas estiradas, o riso extravasando na boca semi-aberta, feliz da vida: — Vai ter dança? A coisa que eu mais gosto é de dançar.

16

Taramela desatada, Durvalino comentava sem parar o embeleco que opunha Tição a Bastião da Rosa, discutia as perspectivas dos pretendentes, fazia previsões, não aceitava apostas por falta de numerário. Mas, calava-se surdo e mudo, se por acaso ouvia alguma referência acerca de quem comeria, sem dúvida muito em breve, os expostos três vinténs da maluqueta Ção. Sendo ele próprio candidato, nas encolhas mas nem por isso menos atuante, preferia não abordar o assunto. Nesse arriscado assunto de mulher, deixava espalhafato e bolodório para os demais, os que se compraziam em contar vantagem. No seu calado, sem arrotar serviços, ia traçando as putas mais conceituadas, hoje uma, amanhã outra. No caso de Ção, donzela e lesa, sobravam concorrentes, fogosos e exibidos. Na moita, Durvalino.

Não levava em conta Edu e Nando, ainda menos Peba, faltava-lhes competência. No cansaço das correrias, não iam além de apertos, apalpadelas, corpos encostados: quando queriam suspender-lhe a saia, Ção escapava. O fato de agirem juntos tomava impossível maiores

consequências e os moleques, no fundo da alma, preferiam as éguas e as mulas, as viciadas: habituais na maioria das tropas que pernoitavam em Tocaia Grande. Edu e Nando conheciam todas elas e se sobrevinha um comboio novo, logo descobriam as afeitas ao trato dos homens. Tinham faro, jamais se enganavam.

Os verdadeiros concorrentes eram outros, rapazes que estavam atingindo a idade adulta, já frequentavam raparigas e só recorriam às mulas em caso extremo. Dois deles, sobretudo, preocupavam Durvalino e interessavam a Ção, que os incentivava tanto quanto ao caixeiro, O sergipano Aurélio, alta estatura, estabanado, ultimamente entregue ao aprendizado do cavaquinho. Zinho, antigo no lugar, sempre limpo e arrumado, maneiroso, discreto, pouco dado a estripulias. Qual deles, o afortunado?

Somente Deus que a fizera assim, doidinha, poderia dizer se Ção sentia realmente atração por qualquer deles. Por certo não desdenhava de nenhum, nem mesmo dos meninos. Tolos, ignorantes, mal-servidos — só conseguiam vencê-la na corrida quando ela permitia — os meninos, apesar de tudo, ajudavam a passar o tempo e lhe acendiam o fogo. Quanto aos três chibantes que a pastoreavam e buscavam derrubá-la nas sombras das matas ou nos esconsos do rio, Zinho, Aurélio e Durvalino, ela os mantinha na agonia, com água na boca e o pau na mão. Deixava-se tocar ora por um ora por outro, permitindo-lhes colocar-lhe a rola nas coxas ou no vão da bunda, descer a mão do peito para o pentelho crespo, mas quando tentavam abrir-lhe as pernas, sempre encontrava jeito de fugir.

Se fosse dado a alguém adivinhar seu pensamento, ficaria sabendo que atração, desejo veemente e sôfrego, ela sentia não por um único varão, mas pela singular espécie dos pais-d'égua. Nem meninos, nem frangotes: homens maduros, machos, garanhões. Escondida atrás das árvores acontecia-lhe ver Fadul e Castor mijando, apreciar as estrovengas. Numa das vezes pôde compará-las: os dois estavam juntos e conversavam. A de seu Fadu — ai Jesus! — um espanto, parecia de jumento. A de Castor — ave Maria! —, uma acha de tição, daí o apelido, só podia ser. Para aqueles, sim, ela abriria as pernas na hora que quisessem. Também para o sanfoneiro, bonito como o Cão.

17

O reino de Iemanjá é o oceano, são as águas salgadas e bravias, mundo sem porteiras: comparada com o mar, a terra é um pedacinho. Castor Abduim, fugindo da morte decretada, embarcara num veleiro no porto da

Bahia. Durante a noite enxergou a mão de Janaína no clarão da lua, apagando o rastro de seu passo perseguido. A cabeleira de espuma no vaivém das ondas, os olhos candentes no céu de estrelas e, no ventre de prata, o cortejo dos afogados. Noivos que ela elegera entre os barqueiros, os pescadores, os marinheiros mais valentes. Iam com ela para as núpcias no leito do fundo do mar, as terras de Aiocá. Iemanjá tem dois semblantes, verso e anverso, a face do nascimento e o perfil da morte. Castor navegou para a liberdade nas águas que fluíam de seus seios: condenado a morrer, ela lhe preservou a vida: mãe e esposa.

Ao chegar a Ilhéus, pai Arolu indicou-lhe a praia onde ficava a morada de Iemanjá, uma gruta sobre as rochas, penetrada pelas ondas. Ele lhe levou um ebó de galantezas: frasco de cheiro, sabonete, um lenço azul para os cabelos.

Dona do mar, senhora das tempestades, que viera ela fazer nos estreitos limites daquele rio de águas plácidas? O negro Castor Abduim da Assunção, filho de Xangô, com uma banda de Oxalá e outra de Oxóssi, gravava a fogo no metal branco, com primitivos instrumentos de trabalho, dando forma e vida à sereia no centro do abebê. O leque de Iemanjá é de prata, de ouro o de Oxum, não havendo prata e ouro, um é moldado em metal branco, o outro, em amarelo. As formosas os utilizam na festa dos encantados quando vêm dançar no meio do povo. Tição queria colocar o abebê entre os fetiches do peji: quem sabe, assentada na oficina, ela abandonasse acoitamentos e desvãos para tomar na mão o leque sem igual e acender na forja a aurora e a alegria.

Vindo do rio, afluente de seu reino, ali Oxum se proclamara e fora soberana, ocupara a rede de dormir e de sonhar. Mas Oxum, como sabemos nós da seita, ekedes ou ogans, é elegância e sedução, capricho e orgulho, leviano coração. Não se dá de companheira e sim de amante: o tempo das amantes é tumultuado e curto. Epifânia partira levando o abebê dourado, Atina Penada a acompanhara durante um trecho do caminho. Agora o cão cercava Diva quando ela se mostrava e se escondia atrás das árvores. Fazia-lhe festas, abanando o rabo, e ela lhe dava restos de comida enrolados em folhas de mandioca.

Iemanjá de Sergipe, dona das praias de coqueiros e da alvura das salinas, a doce Inaê. Mãe e esposa, feita para a prenhez e o parto, Iemanjá significa fecundação e permanência. Foi ela quem pariu os encantados quando se entregou a Aganju no começo dos começos, no principio do mundo. Ele, Castor Abduim da Assunção nascera filho de escravos e se fizera negro forro e safo, homem livre, sem amo e sem patrão; protegido de

Oxalá, tinha o desejo de um filho, ao menos um: com Alma Penada não bastava.

Não aprendera o medo nem mesmo quando os capoeiras o buscavam para matá-lo por ordem do Senhor Barão. Não sabia o que fosse a timidez, se mostrava como o sol se mostra, impulsivo e ardente. Assim proclamavam as mulheres, expondo-o na berlinda em rodas de prosa e de enredo: Castor Abduim, capeta reinador.

Muito ao contrário, diante de Diva parecia outro, não era o mesmo Tição, risonho ferrador de burros, mestre ferreiro de mão destra, sedutor de raparigas, mucamas e fidalgas, a cujo desassombro as encantadas se rendiam, submissas. Vítima de mauolhado andava zonzo o adulado Príncipe de Ébano, o disputado tição aceso. Doente de banzo, perdera a graça e o ímpeto.

Iemanjá viera do mar para dar-lhe medida diferente, fazê-lo medroso e tímido, acovardado. Cadê a coragem de ir buscá-la, tomá-la pelo pulso e trazê-la cativa? Onde seu riso aberto, sua frase direta, o sol de sua cara larga, de narinas fortes e beiços grossos, de olhos daniscos? O que se passa com o negro Castor Abduim da Assunção, atacado de banzo, rastejando aos pés de uma branca? Branca? Tinha cabelos longos e cútis pálida; no engenho, em Santo Amam, seria mulata-branca.

A sereia nadava entre as ondas sob um céu de estrelas. Castor cinzelou ainda — seu cinzel era um prego caibral — a 1ua minguante, pois a lua comanda o mar na ausência de Janaína. Estava pronto o abebê onde ela se mirar e se reconhecer.

Não, não podia continuar naquela apatia, um frouxo, um pamonha, embeiçado, perdendo tempo em namoro de caboclo, de olhares fugidios e adivinhadas intenções. Tinha de voltar a ser o negro voluntarioso, altaneiro e ufano, o quanto antes. Não fora para rojar-se assim banzeiro que pusera cornos no Barão, senhor de engenho, régulo da vida e da morte, que prevalecera no leito de madama, na esteira da comborça, e por fim lhe quebrara a cara. Não fora para render-se de mão beijada a uma branquela, barata descascada, àquela que desejava para mãe de seus filhos, avó de seus netos, dona de sua casa. Precisa fazer um despacho para Omolu, o velho, também conhecido por Obaluaiê, pai do banzo e da bexiga, da maleita e da febre sem nome, para que ele lhe restitua a saúde e a força. Aproveitaria para dar comida às cabeças, aos seus santos protetores, Xangô, seu pai, Oxóssi e Oxalá. Para curar-se do banzo, do olhado, do quebranto. Para mais nada.

Bastião da Rosa dirigia a construção da casa de farinha, ficava o dia

inteiro ao pé de Diva. Ao que constava e se dizia, tornara-se íntimo da família, adulava os velhos, confraternizava com Jãozé, Agnaldo e Aurélio, eram vistos juntos na bodega de Fadul. Contenda difícil, aperreio fuxicado: Tição soubera das apostas e dos presságios. Apenas, no seu duro orgulho, não desejava competir, usar de artimanhas, adular parentes. Queria tê-la, sim, e para sempre. Mas somente se ela quisesse vir pelos próprios pés, se assim lhe ordenasse o coração. Não recorreria aos encantados para que ela se decidisse a gostar dele e a ele se entregar em razão de sortilégio, de coisa feita. Esse era um assunto dele, Castor Abduim da Assunção, e não dos orixás.

No abebê, Iemanjá resplandecia: olhar o rabo da sereia era ver o rabistel da sergipana.

18

Despachados os tropeiros, no meio da noite, Tição foi acordar o passarinheiro Dodô Peroba no Caminho dos Burros, sozinho não daria conta do recado. Alma Penada abria a marcha para a mata mas Oferecida deixara-se ficar junto à forja, pejada da segunda barriga. Da primeira desovara sete cachorrinhos. Mãe extremosa, desesperava-se ao separar-se das crias que terminaram espalhadas nos quatro cantos do povoado. Um casal com Merência e Zé Luiz, outro no roçado de Altamirando, os três restantes presenteados ao vaqueiro Lírio, responsável pelo curral, a Zinho e a Edu. Como se a este último não bastasse a matula de cachorros e gatos que Zilda trouxera na bagagem. Com a mudança da família para Tocaia Grande, Edu, continuando a trabalhar na oficina, voltara a residir com os pais.

O sol ainda não dera sinal de vida e já Tição e Dodô tinham descarregado em casa do negro o resultado da caçada: uma paca grande e gorda, devia pesar seus bons dez quilos, duas cutias e um teiú, abatidos enquanto vasculhavam o mato em busca de um cágado para Xangô. Trouxeram também meia dúzia de catassóis, os igbins, bois de Oxalá. Dodô Peroba voltou para apanhar os passarinhos: deixara as arapucas armadas nos galhos das árvores, se não se apressasse, Edu e Nando fariam a féria às suas custas.

Na ausência de Tição, Ressu, iia bassé, cozinheira dos orixás, iniciara os trabalhos, pondo a ferver nas panelas de barro o inhame e o milho branco, cortando os quiabos para o amalá; no fogo, sobre um pedaço de flandre, saltavam as pipocas, os doburus de Obaluaiê. Na véspera, Castor batera palmas na porta da choça de Ressu e quando a rapariga atendeu na

esperança de um michê, ele a saudou invocando o santo: Eparrei! Requisitou seus préstimos: Ressu era cavalo de Iansan, feita num barco de iaôs no candomblé da Casa Branca, mocinha na Bahia. Ressu colocara no pescoço as contas de cor vermelho-escura e trouxera o alfanje e o erukerê de rabo de cavalo.

Tendo arriado a caça, o negro atravessou o rio, dirigiu-se ao roçado de Altamirando: o porco era indispensável por ser a comida predileta de Omolu. O sertanejo acabara de acordar, ficou surpreso: Tição caçava queixadas, caititus, porcos-espinhos, para que havia de querer um bicho de chiqueiro? Preciso dele vivo, explicou Tição. Passara a noite a rondar as armadilhas, inutilmente. Além da paca, apenas uma surucucu-apaga-fogo caíra nas trampas, de porco-do-mato nem vestígio.

— Um leitão lhe faz as vezes? Grande, não tenho. Sangrei o derradeiro sábado passado.

Servia: nem por novo e pequeno leitão deixa de ser da raça dos suínos. Altamirando recusou-se a receber a paga: e os pesos de caça salgada que Ção trazia para casa, mandados de presente por Tição? Sem esquecer que ainda lhe devia um resto de dinheiro das facas de mato feitas à mão, e a crédito, pelo ferreiro.

— Leve o bacorinho, depois a gente acerta.

Nos lados do rio, o céu vermelho anunciava o sol. Os tropeiros ainda dormiam.

19

Para evitar desordem e abusão, começaram por servir cachaça a Exu. Lá estava ele no peji, o pequeno Exu de ferro, o homem das encruzilhadas, o arteiro compadre, a estrovenga maior do que as pernas. A seguir, para adiantar o preparo das comidas, cortaram a cabeça do cágado — bicho mais difícil de morrer não há: na panela, os pedaços ainda estrebuchavam e se moviam como se a vida neles perdurasse. Enquanto ativava o fogo, Ressu, sem se voltar, perguntou: — Ebó de simpatia? Nunca vi tão grande.

— De saúde.

— Tu tá doente? Desde quando?

— Bemquerer também é doença, só que não se vê. Amolece com o corpo do vivente, pior que banzo. Um quebranto, sabe como é?

— Não vou saber? Já tive e dos ruins. Parece olhado mas é pior: a criatura perde a vontade de viver.

Ainda assim sua curiosidade não estava satisfeita:

— O porco é pra Omolu, tá certo. Mas pra que essa porção de bichos

diferentes?

— Obrigação que tou devendo às cabeças, faz tempo. Acho que é por isso que ando frouxo desse jeito...

— Frouxo? Tu? — Riu debochada.

Tição deu-lhe pressa: — Vamos, antes que o dia clareie.

Ela abanou o fogo sob as latas e as panelas: carne de cágado demora tempo a cozinhar. Juntou-se a Tição e foram para o fundo da casa, ele levava a faca de ponta e uma cuia feita de casca de coco. Ressu segurou as patas do leitão, Tição o sangrou. Quando o sangue espirrou, vermelho e quente, o negro aproximou a boca do pescoço do animal e sorveu a vida. Com gana e avidez. Depois foi a vez de Ressu. Por fim, encheram a cuia para a obrigação dos santos.

Cantaram as cantigas de Omolu. Batendo palmas com as mãos do ritmo do opanijé, dançaram as danças do orixá: as do enfermo, curvado, alquebrado, comido pela bexiga negra; as do curandeiro, salvando o povo da peste e da caruara, derrotando a morte. Tição, tocando o chão com a testa, saudou e ofereceu o sacrifício, o ebó de sangue, suplicando a Obaluaiê forças para vencer o quebranto e o mauolhado que lhe calavam a boca e amarravam os braços, que o sufocavam.

A comida foi servida em latas e em pratos de flandre: para cada um dos orixás sua iguaria própria, ainda fumegante. Atotô, Omolu! Para o mediador da doença e da saúde, o porco e as pipocas. Okê, Oxóssi! — rei de Quetu, dono da floresta, caçador: serviram-lhe da paca, do teiú e das cutias. Para Xangô, senhor do raio e do trovão, o cágado e o amalá: kwô-kabiessi! E para Oxalá, orixá nlá, grande orixá, o pai de todos — a meia dúzia de caracóis, os igbins daquele mato, além do inhame e do milho, tudo sem sal como ele exige e lhe convém. Os pratos olorosos no peji, diante dos fetiches de palha, de ferro, de madeira e de metal: o xaxará de Omolu, o arco-e-flecha de Oxóssi, o martelo de duas cabeças de Xangô, o paxorô de Oxalá.

Ouviu-se então o clarão do raio e o ronco do trovão, o estrugir da suçuarana e da onça-preta. As apagadas estrelas novamente se acenderam num céu vermelho, cor de sangue. Iansan chegou numa nuvem negra, montou o seu cavalo, empunhou o alfanje e o erukerê, lançou o grito de guerra, dançou a dança de combate e de vitória, prendeu Tição contra o seio, expulsou os eguns que o rondavam, limpou-lhe o corpo dos malefícios. Um átimo, não mais: Ressu voltou a calçar chinelas

Estava Castor Abduim defendido pelos sete lados, todos os caminhos abertos a seu passo.

20

Melados de sangue da cabeça aos pés, foram se banhar no rio, levando um peso de sabão. No caminho, Ressu contou: — Tão dizendo por aí que Bastião tá caiando a casa pra festa.

— Que festa?

— Quer dizer... o dia que ela resolver se amigar com ele. Mas, no meu parecer, não vai chegar pro bico dele. Agora, então... — Acreditava no poder dos encantados, na força dos ebós.

Lavaram-se com sabão, limparam a carapaça do cágado, Tição prometeu, agradecendo a ajuda: — Vou fazer com ela uma cuia para ocê guardar suas contas.

Espadanaram água, mergulharam juntos, os corpos se tocaram e, ao raiar do sol, se entregaram à boa brincadeira: ninguém é de ferro e qualquer fagulha acende um fogaréu. Ele com o pensamento em Diva, não lhe saía da cabeça; ela, sem subentendido, pelo prazer, unicamente. Não era a primeira vez, já tinha acontecido, apenas fora na rede e não ali, na correnteza do rio.

— Só se ela for tola... — murmurou Ressu.

Voltaram à oficina para salgar a carne, separaram pedaços para os amigos: o turco, Coroca, Altamirando, o velho Gerino e outros mais: Tição nascera presenteador.

— Vai levar para sia Vanjé? — Provocou Ressu.

— Leve ocê, se quiser. Eu, não. Tem coisas que a gente não pode comprar nem com dinheiro nem com prenda. Bemquerer não é mercadoria.

Da porta da oficina, quando Ressu se retirou, o negro Castor Abduim, restaurado em sua medida certa, lançou a vista para a margem oposta onde vivia a disgramada. Estava decidido: iria ao seu encontro de peito aberto e, por bem ou por mal, tomá-la-ia nos braços para derrubá-la na rede e lhe mostrar o valor de um negro apaixonado. Chegara a hora de pôr ponto final naquele namoro de caboclo, sem pés e sem cabeça. Antes que o branco de olho azul tomasse a frente e lhe passasse a perna. Atotô, Omolu, pai de banzo e da bexiga negra, da força e da saúde, atotô, meu pai Obaluaiê!

21

Castor Abduim atravessou para a outra margem: em breve não mais cruzaria sobre as pedras, molhando os pés na correnteza. Contratados pelo coronel Robustiano de Araújo, mateiros derrubavam árvores, serravam

troncos que Guido, Lupiscínio e os rapa-tábuas transformariam em toros e pranchas para o projetado pontilhão. O Coronel duvidara que os dois mestres de carpintaria pudessem realizar obra de tal monta, alvitrara a possibilidade de mandar vir oficiais habilitados de Itabuna. Lupiscínio, um dos construtores do depósito de cacau e do curral, ficou magoado com a proposta: afinal o Coronel conhecia-lhe de sobejo a competência.

— Ponha os cobres, Coronel, deixe o resto com a gente.

O fazendeiro pusera os cobres, o capitão Natário da Fonseca também entrara com algum, em breve a travessia do rio seria feita com toda a segurança, na maciota. Um ano atrás, quando os sergipanos ali desembocaram, quem poderia imaginar esses progressos de pontilhão e casa de farinha?

No que se refere à casa de farinha, a construção chegava ao fim. Bastião da Rosa comandava dois serventes, concluindo paredes; Lupiscínio e o filho, Arturzinho, torneavam a prensa quase pronta. Havia uma azáfama de mulheres em derredor da obra: Vanjé e suas noras, sia Clara, mulher de Zé dos Santos e filhas — a casa de farinha se elevava na divisa das tarefas de terra cultivadas pelas duas famílias. O roçado e as criações de Altamirando ficavam um pouco mais além. Mas Ção e sua mãe, Das Dores, também vinham ajudar. Ção queria que Zinho lhe ensinasse a manejar a plaina, Zinho esperava lhe ensinar o manejo de instrumento mais maneiro. As mulheres carregavam pedras, preparavam comida, trocavam ditos e sorrisos com os homens. Castor não enxergou Diva no meio do rebuliço, onde estaria ela Na lavoura, havia de ser. O negro sentou-se no chão, saudou a confraria: — Bastardes a todos.

A velha Vanjé aproximou-se:

— Deus lhe dê boa tarde, seu Tição. Ressu trouxe pra gente um quarto de paca, diz-que ocê caçou. Deus que lhe dê em dobro — Apontou a construção: — Tá vendo? Não vai demorar nós fazer farinha e não ter mais precisão de trazer de fora. Na primeira fornada, vou mandar uns beijus pra ocê.

Também Bastião da Rosa, mãos e peito sujos de cal, veio conversar.

— A primeira casa de pedra e cal que fiz aqui foi a sua, se lembra? Aqui, já levantei casa de tijolo, de madeira, de barro até de palha. Fiz barcaça, estufa, curral, o diabo a quatro. Nessas bandas a gente tem que saber de um tudo, o oficio só não chega. Acabando essa empreitada, vou virar carpina, vou ajudar no pontilhão.

Era bem falante e cativava quem com ele tratasse, homem ou mulher:

— Depois que a gente terminar o pontilhão, quero fazer a casa nova de

dona Vanjé. Pra tirar ela do buraco onde tá morando.

Não é mesmo, minha velha?

Riram-se os dois, a velha e o mestre pedreiro ao anúncio do projeto. Bastião da Rosa puxou Vanjé para junto de si e a abraçou: — Gente boa tá aqui, Tição.

Um finório, Bastião da Rosa, ladino como ele só. De olhoas azuis, cabelos loiros, igual a um gringo. E daí? Nem por isso, Tição iria desistir, meter o rabo entre as pernas e cair fora.

Dispunha-se a perguntar por Diva quando deu com ela quase à sua frente, carregando uma pedra na cabeça: sustentava-a com as mãos. Suada, o rosto esfogueado, ainda mais bonita! Ao ver Castor, estancou o passo e sorriu. Tição levantou-se na intenção de ajudá-la.

— Precisa não.

Descarregou a pedra junto à obra, limpou o suor com as costas da mão, veio para onde o negro estava: — Ocê por aqui? É novidade. — Arrodilhou-se a seu lado.

— Vim pra lhe ver. Fiz um abebê pra lhe dar.

— Que é que é?

— É o leque de iemanjá. Nunca ouviu falar?

Nunca. Ouvia pela primeira vez e não sabia o que fosse. Seus santos eram outros, os santos da Igreja, desembarcados da Europa na proa das caravelas. Em Sergipe misturavam-se nos engenhos e nos canaviais com os deuses de Tição, chegados da África no porão dos navios negreiros. Diva porém pouco sabia dessas transas e mistérios.

— Leque... Nunca tive.

Um leque de verdade, semelhante àqueles que as senhoras ajoelhadas nos genuflexórios exibiam com graça e elegância nas missas dominicais em Maroim? Tivera abanos de palha, numerosos: serviam para aliviar o calor do rosto e para aviventar o fogo.

— Cadê?

— Tá na oficina. Pode ir buscar na hora que quiser.

Diva levantou os olhos para o negro, pensativa. Não lhe escapava — e como poderia lhe escapar a não ser que fosse burra e tola além de todas as medidas — o interesse de Tição e de Bastião da Rosa, um e outro a rondá-la, pisando em cima de seus passos, esbanjando olhares e sorrisos. Mestre Bastião não dava tréguas, sempre às voltas com Vanjé e com Ambrósio, almoçando na obra todos os dias, elogiando tempero e passadio, indo com os homens nos fins de tarde conversar fiado no cacete armado, bebericar cachaça, como se já fosse da família. Tição ficava a espiar de longe, a puxar

conversa quando a via brincando com Alma Penada nas proximidades da ferraria, aparecendo no rio na hora em ela se banhava.

— Quer que eu vá buscar na oficina?

— Ocê sabe que só entrou lá no dia que chegou e mais? Até parece que tem medo.

— Medo de quê? — Desatou a rir, o mesmo riso estabanado do dia em que confundira o negro Castor Abduim com o Turco Fadul Abdala: — Hoje mesmo vou buscar.

22

Ao cair da tarde, Diva cumpriu o prometido. Parou na porta da tenda do ferreiro, olhou para dentro, a forja estava acesa mas de Castor nem rastro nem notícia. Deu um passo à frente, entrou, espiou em torno, viu o peji. Na distante tarde da chegada, não reparara em nada além do negro de torso nu, a pele sebosa do porco-do-mato pendente da cintura.

Quatro pratos com comida, peças de ferro, de madeira, de palha e de metal, feitiçaria. Olhava fascinada. Inesperadamente sentiu o mesmo cheiro forte e penetrante que a envolvera na rede, na noite única, sem igual e sem comparação, em que embarcou no paquete da lua e seu corpo sangrou. Soube, antes de tê-lo visto, que ele acabara de chegar. Voltou-se lentamente: Castor, um riso só, falou: — Ocê tá em sua casa.

Que queria ele dizer com isso? Diva não perguntou, cadê coragem? Tição andou para um canto entre as paredes onde estavam dispostos aqueles estranhos, deslumbrantes objetos. Curvou-se reverente, com as pontas dos dedos da mão direita tocou a terra antes de estender-se de bruços no chão para beijar a pedra na cerimônia do icá.

Levantou-se e tomando de uma das peças, nova em folha, reluzente, dirigiu-se para Diva. Ela sentia-se simultaneamente ansiosa e assustada, envolta numa atmosfera de mistério' bruxaria. Estendeu a mão, a medo, Castor lhe entregou o abebê: nos olhos do ferreiro brilhava uma luz forte e vermelha, luz ou chama, brasa ardente. A voz em um sopro grave e abafado: — A sereia é Iemanjá, quer dizer, é tu.

Diva enxergou seu rosto refletido no espelho do metal. Atentando na figura nele gravada, ela se reconheceu, ou melhor, se adivinhou: os cabelos, o busto e o rabiosque. Sorriu, baixou os olhos, esperou que ele prosseguisse e finalmente pronunciasse as palavras longamente esperadas.

No silêncio, os braços a prenderam e apertaram com violência, à valentona e de surpresa. Em vez de abrir-se nas maviosas palavras que ela

aguardava e queria ouvir, a boca de Castor, num arreganho de beiços, língua e dentes, cobriu seus lábios, fechou-se sobre eles, ávida e feroz, esmagando-os. Ela o estranhou e teve medo, um medo atroz. Ficou fria e insensível, morta por dentro. Em lugar de carinho e ternura, a brutalidade e a prepotência. Num esforço desmedido, separou-se dele e antes que o malvado tentasse retomá-la nos braços, fora de si, assentou-lhe a mão na cara: — Não se assunta? — Disse e saiu correndo.

Tição ficou de tal maneira perplexo, atoleimado, que a deixou partir sem dizer palavra, sem intentar um gesto para retê-la. Sequer notou, atônito e derrotado, que, após atravessar a porta, a pouca distância, ela susteve a fuga e por um instante, longo toda vida, esperou por ele: o cheiro de Castor entupia-lhe as ventas, impregnado em seu corpo, circulando em suas veias. Mas ele não a viu: cego de raiva, imobilizado pelo despeito, a mão escura posta sobre a face que sangrava.

Somente ao chegar em casa, trêmula e desarvorada, Diva se deu conta de que levava na mão o leque de metal que Castor moldara e cinzelara para lhe oferecer. Arma de que se servira na hora fatal do desencontro, o abebê de Iemanjá, Iemanjá tem dois semblantes, afirmam os marítimos no porto da Bahia: a doce face da bonança, o agro perfil da tempestade.

23

Apesar de dona Ester não haver comparecido ao arrasta-pé comemorativo de sua grata presença em Tocaia Grande, sucesso absoluto coroou a feliz iniciativa. Veterano do lugar, Pedro Cigano, rei do fole, não se recordava de festa assim tão animada e tão pacata. Para começar, o violento confronto entre Castor Abduim e Bastião da Rosa, previsto e anunciado por Durvalino VosmicêVai-Ver, não aconteceu. Castor e Bastião não só conversaram amigavelmente como beberam juntos, brindando com Lupiscínio, marido da homenageada.

Para compensar, o caixeiro viu reafirmada sua outra previsão: ficara claro e patente, a quem quisesse observar e concluir, para qual dos dois arrasta-asas se inclinava a preferência da sergipana Diva. Pimpona nos seus recém-completados quinze anos, desfizera as tranças e prendera os desatados cabelos com uma larga fita cor-de-rosa, a mesma largura e a mesma cor da que lhe rodeava na cintura o vestido de chitão, saia de babados; corpete de jabô, feito por dona Natalina. Uma graça.

Quem é essa dona Natalina cujo nome ainda não se vi inscrito no relato de Tocaia Grande e que agora surge em plena festa: de quem se trata, de onde saiu? Pois se trata da viúva de João Medeiros, alagoano de pouca

conversa que fora administrador da Fazenda do Bom Retiro e morrera em recente tocaia montada não se sabe por quem nem por que motivo. Idosa demais, para fazer a vida, sabendo costurar e sendo proprietária de uma máquina Singer de mão, veio parar em Tocaia Grande onde optou pela profissão de modista. Tantas novidades ocorreram no povoado que algumas passái despercebidas: no caso de dona Natalina, além de um erro, cometeu-se uma injustiça.

Para o negro Tição a preferência de Diva já não era aquele obscuro enigma de suas cogitações anteriores quando buscava explicar os motivos e as posturas da moça de Maroim. Para ele tudo se tomara evidente no momento em que a tentara beijar e ela, demonstrando repulsa e nojo, o agredira com o abebê. alcançando-o no rosto. A cicatriz na face — que é isso, Tição, andou se ferindo em algum espinho venenoso? — não era nada se a fossem comparar à chaga aberta na caixa do peito, doendo e sangrando, fazendo-o penar como um cão danado. Ademais não a admitia exposta, quem o olhasse não suspeitaria quanto estava sofrendo, pois simulava ser o mesmo negro risonho e vadio de sempre, perene alegria, altaneiro e volúvel coração.

No fovoco de dona Ester — tenho um abuso medonho desses bleforés, explicou dona Ester quando Pedro Cigano lhe transmitiu a notícia e o convite, e lá não piso nem amarrada — não houve ninguém mais animado do que o ferreiro Castor Abduim. Dele tinha partido a ideia da festa e a queria ver pegando fogo. Dançou sem parar durante a noite inteira, não perdeu uma polca, uma mazurca, um coco, um xote e comandou o esplendor de uma quadrilha. O outro parecia um gringo mas quem pronunciava “balancê” e “anavantu”, em língua das estranjas, era ele, de boca cheia. Aprendera a falar europeu e exibir ademanes no colchão de plumas, nos lençóis de cetim de Madame La Barone, essa sim uma branca cor de leite, loira cor de mel.

Começou por convidar Zilda para um xote. Ela viera acompanhada dos oito filhos, os cinco que parira e os três de criação. O último, afilhado do coronel Boaventura Andrade e de dona Ernestina, corria solto no galpão, mas as meninas, duas de dez anos — tão parecidas nem que fossem gêmeas, apesar de uma não ser dela —, a outra de nove incompletos, não recusavam cavalheiros. O Capitão andava pela Atalaia: a safra começara, ele dirigia os trabalhos da colheita. Por isso mesmo, Zilda não ficou até o fim. Arrebanhou as meninas e os mais pequenos — Edu e Peba recusaram-se a acompanhá-la — e se mandou da festa.

Com Zilda abriu a dança mas não dispensou nenhuma das presentes,

moça ou rapariga. Volteou na sala, exímio e incansável, com Merência e com Ressu, com as três filhas de Zé dos Santos, com Ção e com Bernarda que não largava a cria nem para polcar, com Dinorá e Lia, bem casadas, e com as putas todas, sem excetuar qualquer que fosse, Só não dançou com Diva, par constante de Bastião da Rosa, raramente vista em outros braços a rodopiar o vestido de babados, na cintura e nos cabelos os laços de fita cor-de-rosa. Apenas na contradança da quadrilha, "anavantu", "anarriê", Castor tocou a mão de Diva com a ponta nos dedos, sem a olhar.

A idade não impedia Coroca de ser par disputado, dama de muitos e antecipados compromissos: guarde a próxima pra mim. No passo miúdo do coco não havia quem a desbancasse. Só lá para as tantas Tição conseguiu conduzila através do salão de baile — salão de baile dissera o turco Fadul Abdala ao boiadeiro Misael, indivíduo de maus bofes, na sempre lembrada festa de Santo Antônio. Na ocasião o palheiro estava novo em folha mas, apesar de encontrar-se enxovalhado e envelhecido, caindo aos pedaços — projetavam construir em seu lugar um barracão para acolher tropeiros e abrigar a feira —, Fadul continuava a designá-lo salão de baile, não fazia por menos. Por falar em Fadul, também ele não perdia sol-e-dó, imbatível folião. Já não tinha que se preocupar tanto com a venda de cachaça, Durvalino se ocupava.

Castor esbanjava animação, rindo e pilheriando, convidando para tragos, dever de quem era o promotor da festa: — Vamos folgar, Jacinta, que a morte é certa.

Coroca acompanhou-o na zombaria mas recusou-se a acreditar na afetada exuberância do negro: — Tu tá morrendo de contente, benza Deus! Por que é que a criatura quando tá enrabichada fica cega e orelhuda? Não vê e não assunta. — Não disse mais nem ele pediu explicação.

A festa pegava fogo como queria Tição. A festa de dona Ester, com a homenageada primando pela ausência. Mas Zinho e Lupiscínio, filho e marido, supriam-lhe a falta e divertiam-se à la godaça. Zinho na poeira de Ção, Lupiscínio comboiando a sardenta Nininha, antiquíssimo xodó, com idade e ranço de casamento. Zinho disputava as atenções da moleca com Aurélio e Durvalino que, em tendo ocasião, suspendia o comércio de cachaça. A coisa que eu mais gosto é de dançar, revelara Ção na venda de Fadul e assim era. Não esquentava cadeira, passava de par em par, e ela própria penava e escolhia cavalheiro, convidando-o sem cerimônia: me tire, vamos, ao ver um de seus preferidos — Fadul, Castor, Bastião da Rosa, Guido — parado a matar o bicho, dando sopa. Percorreu o salão abraçada

a Pedro Cigano: com uma das mãos o sanfoneiro manejava a harmônica, com outra rodeava-lhe a cintura. Seu Pedro Cigano, bonito como o Cão!

Tendo deixado Coroca saracoteando com Balbino, Castor dirigiu-se para o improvisado balcão onde Leva-e-Traz, vendo-o aproximar-se, encheu um copo e lhe ofereceu antes mesmo que ele o encomendasse: — Nunca vi vosmicê tão influído, seu Tição... — Na voz, admiração e espanto: o ferreiro não dava o braço a torcer, devia estar se comendo por dentro mas não demonstrava como se o embeleco em nada lhe importasse.

Se ouviu, Castor Abduim não respondeu nem comentou.

Engoliu o trago e pediu mais. Durvalino serviu, recolheu a paga, apressado: precipitou-se para onde estava Ção inacreditavelmente livre, à espera de convite: — Vou ali, já volto...

Tição o acompanhou com os olhos e o viu sair pulando com Ção, desengonçado e animadíssimo. Bastião da Rosa dançava com Vanjé, o sabidório. Foi quando percebeu uma sombra e levantou a vista para o vulto de pé em sua frente. Olhando-o de viés, sorriso marombeiro, deslumbrante no vestido de babados, Diva arrulhou uma queixa: — Ocê não vai me tirar pra dançar?

24

Concluída e entregue a casa de farinha, raspada e espremida a mandioca, torrada a primeira desmancha, nem assim Bastião da Rosa deixara de aparecer para filar a bóia na hora do almoço ou para se reunir com os homens quando, ao morrer do sol, voltavam dos roçados e iam se banhar no rio. Azucrinava os ouvidos de Vanjé e de Ambrósio, grudado a Diva a curiosear sobre gosto e preferência, sobretudo no que se referia às necessidades de um casal. Enquanto não se reunia aos carpinas no início dos trabalhos do pontilhão, cuidava da própria casa para torná-la ainda mais confortável: terminara a caiação, cavara uma cacimba, construíra fogão a lenha, igual só o de Merência e olhe lá. Vanjé foi convidada a dar opinião.

Numa tarde cinzenta de chuva fina e pertinaz, voltando com Diva do Bidê das Damas onde haviam lavado roupa e tomado banho, Vanjé falou como quem não quer nada: — A casa de seu Bastião tá pronta. Fui ver, dá gosto.

— Ouvi dizer.

Andaram em silêncio, o assunto parecia encerrado. Mas vencendo prevenções e embaraços, Vanjé prosseguiu: — Seu Bastião é moço direito. Falou com eu e com Ambrósio.

— A respeito, Mãe?

Demorou a responder como se a resposta lhe custasse esforço: — Tu já vai saber.

Pararam diante do casebre fincado sobre estacas, o chiqueiro embaixo, os porcos fuçando restos de jaca e fruta-pão. Vanjé olhava em silêncio como se estivesse rememorando e refletindo, esquecida da pergunta. De cima chegou o choro do menino de Lia e Agnaldo. Decidiu-se:

— A gente não pode arresolver as coisas aqui do mesmo jeito que se morasse em Maroim. Lá, todo domingo nós tava na Igreja ouvindo missa e sermão do padre. Se um caradura viesse falar de viver com minha filha sem casar com ela, sem as alianças, nem sei o que ia lhe arresponder, coisa boa não houvera de ser. Já pensou? Jãozé e Agnaldo se casaram, imagina tu que é mulher.

Abriu os braços para reforçar o pensamento: — Mas aqui quem é que se casa? Nem padre tem, nem capela onde se rezar. Em vez, tem terra de abastança, nós tá de grande. Não é que nem lá que nós labutava em terra alheia. Nós tem se dado bem aqui, o lugar é atrasado mas é mais melhor que lá.

Buscava ser objetiva, ver as coisas como elas eram. Resignada, fitou a filha moça, mulher de quinze anos, na idade de casar ou de amigar. Se demorasse, acabaria na vida, mulher-dama. Estivessem em Maroim, iria prevenir o padre, marcar a data. Mas estavam em Tocaia Grande, neres de padre, neres de igreja, neres de neres. Melhor amigada do que fretando homem na Baixa dos Sapos, coitadinha.

— Bastião quer se juntar com tu. Me deu sua palavra que quando tiver santa missão em Taquaras, ocês se casam, que eu posso ficar descansada. Na casa dele tem de um tudo, não falta nada. Cama de ferro das grandes, de casal, comprou em Itabuna. Espelho na parede. — Repetiu a fim de convencê-la e convencerse: — Bastião é um moço direito.

Diva baixou os olhos, sorriu pelos cantos da boca: — Casar? Carece não, Mãe.

Vanjé suspirou: surpreendida ou aliviada? A vista posta no barraco onde viviam amontoados uns sobre os outros, iguais aos bichos no chiqueiro. Não terminara de contar: Bastião prometera que logo depois de terminado o pontilhão, iria levantar uma casa nova para eles: um bom rapaz, seu Bastião da Rosa.

Ai, por que Deus não despachava uma Santa Missão direta para Taquaras? No soflagrante: a Deus Todo-Poderoso não custava nada, era só querer. Mas Deus tinha mais em que pensar, ocupado com o reino dos

céus e os maiorais do mundo, não podia perder tempo com bobagens de uma velha broca. Ao contrário do Deus de Fadul, o bom Senhor dos maronitas, patrício e íntimo, prestativo, o Deus de Vanjé era o Padre Eterno, o Ente Supremo, o Rei dos Reis, altíssimo e remoto. Vá-se lá saber quando desembarcariam frades na estação de Taquaras, de cruz em punho, para combater o pecado, distribuir penitências, batizar meninos, casar amancebados. Vanjé suspirou de novo.

Amigação, palavra feia. Mas, que podia fazer? Pedir a Bastião que esperasse? Até quando? Diva não era a única na idade de homem a se exibir no povoado. A mais velha de Zé dos Santos, a zarolha Ricardina, vivia arreganhando as partes para uns e outros, ainda não estava de porta aberta na Baixa dos Sapos de medo do pai que a queria ajudando no roçado. As mais moças, Isaura e Abigail, bonitonas, andavam as duas de olho no mestre pedreiro, cada qual mais sem-vergonha. Todos sabiam em Tocaia Grande que Bastião da Rosa caiara sala e quarto, cavara cisterna e construíra fogão no sentido de botar mulher em casa e viver com ela. Pretendentes às pencas: bastaria ele estalar os dedos para que as moças e raparigas acorressem, afanosas. Não estavam em Maroim. Em Tocaia Grande nem igreja nem padre, como pensar em casamento?

Perdida em tais melancolias, quando Vanjé deu de si Diva tinha sumido. Não carece casar, concordara ela, tirando-lhe um peso de cima do peito: imagine se não aceitasse! Bastião da Rosa, numa prova de consideração, pedira consentimento a Ambrósio e a Vanjé para no domingo, terminada a feira, levar Diva para casa no Caminho dos Burros. Se fosse em Maroim... Não era. Seja o que Deus quiser. Suspirou ainda uma vez.

As sombras do crepúsculo se adensaram, escurecendo o rio e as plantações: no vale, a noite tombava de repente. Diva desceu os rústicos degraus, um amarrado na mão, veio até Vanjé imóvel no mesmo lugar onde a deixara: — A bênção, Mãe.

— Onde tu vai? — Para a casa de Bastião, havia de ser.

— Vou embora, Mãe.

— Bastião marcou pra domingo, depois da feira. Não corre pressa.

— Vou pra casa de Tição. Vou viver com ele.

25

As primeiras estrelas, pálidas no céu de cinza. No descampado as primeiras tropas, os homens cobrindo as cabeças e as cargas com sacos de aniagem. Sob o barrufo, na mão a trouxa com os teréns, Diva atravessou o rio, dirigiu-se para a tenda do ferreiro, oficina e moradia. Fogão de lenha

não tinha com certeza, tinha a forja e um braseiro onde cozinhar o de-comer. Espelho, não sabia. No amarrado levava o leque de metal, podia nele se mirar, era espelho e retrato, invenção de negro feiticeiro. Sorriu ao pensar..

Ela o quisera e desejara desde que, ao chegar a Tocaia Grande, imunda de poeira e lama, morta de cansaço, nele pusera os olhos: a cara risonha e larga, o torso nu, a pele de porco na cintura, escondendo as partes. Pensara encontrar um turco, encontrara seu homem. Na rede, noite, o cheiro poderoso — a inhaca, o aroma, a catinga, o perfume — a invadira, corpo e alma, e a fizera mulher: foi dele antes de conhecer-lhe o peso e o gosto da estrovenga.

Bastião da Rosa era um rapaz de bem, loiro de olhos azuis, um gringo e tanto, casa posta com farteza. Mas seu homem, aquele que lhe esquentava o sangue e lhe aparecia em sonhos, era o negro Castor Abduim, ferrador de burros, Tição de Apelido. Ia por vontade própria, levava a trouxa na mão direita, na esquerda o coração.

Ajoelhado, Tição mantinha imóvel a pata da mula Lamiré, calçava-lhe ferradura nova, o martelo suspenso no ar. Edu, aprendiz a seu costado, estendia-lhe os cravos, e o moleque Trabuco, ajudante de tropeiro, admirava-lhe a perícia. Diva parou diante dele e lhe sorriu. Castor também sorriu, e se demonstrou surpresa não deu a perceber. Não trocaram palavra: ele baixou o martelo sobre o cravo, a mula nem sentiu. Festejada por Alma Penada e Oferecida, Diva atravessou a porta, entrou em casa, em sua casa.

O fogo crescia na forja, Diva tomou o fifó aceso, iluminou o quarto onde nunca estivera: a esteira no chão, a rede dependurada, num caixote os trapos de vestir. Junto às calças e camisas, as poucas vestes de Tição, arrumou as duas saias, outras tantas anáguas e as blusas, o vestido de chitão, as chinelas. Apagou o fifó, subiu para a rede e se deitou. Daí em diante, nenhuma outra, fosse ela quem fosse, a ocuparia. Tinha dona.

Deixou-se envolver pelo cheiro de seu homem, riu baixinho o riso desatado do primeiro encontro e sentiu-se em paz: amanhã seriam duas as manchas de sangue, de seu sangue, na florada e suja rede de casal.

O ARRUADO

DESFILAM AS PRENHAS NO AFLUXO
DE BICHOS E VIVENTES

1

Barrigas empinadas, as prenhas desfilavam orgulhosas nos limites de Tocaia Grande: ganhariam meninos quando o verão chegasse no fim da safra. De início apenas Diva e Abigail, filha caçula de José dos Santos; a seguir se incorporaram Isaura, onze meses mais velha do que a irmã, e Dinorá, casada com Jãozé. Com o advento dos estancianos, o cortejo das grávidas iria quase duplicar, pois três mulheres do clã estavam pejadas, também elas desovariam na mãos beneméritas de Jacinta Coroca.

Dinorá começara a renascer no dia em que avistaram Tocaia Grande e Jãozé aflorou-lhe com os dedos de esperança o rosto fatigado e poeirento. Morta-viva, vinha sustentando por milagre a vida no corpo raquítico do enfezado a choramingar em seus braços, certa de que para eles tudo se acabara no dia do juízo final quando foram expulsos da meação em Maroim. Mas ao avistar o vale pujante e belo e ao sentir a carícia inatendida, a mão calejada e amorosa do homem, pensou que talvez naqueles ermos pudesse voltar ao amanho da terra, à criação de bichos, a sentir vontade, calor nas partes, capaz até de emprenhar: apta de novo para o trabalho e a cama.

Assim sucedeu; porém a gravidez não foi tão imediata. Somente depois de inaugurada a casa de farinha, Jãozé construiu com a ajuda do pai e dos irmãos um casebre de barro batido onde se alojou com a mulher e o filho. Na casa da família, minguadas duas peças, nem sequer intentavam vadiar. Tanto eles quanto Lia e Agnaldo, quando o apetite crescia impositivo, refugiavam-se atrás das árvores, na mata, ou nos desvãos do rio para gemer e suspirar, às escondidas e às pressas.

No casebre reencontraram finalmente a paz da noite, refúgio e privança, sorriam um para o outro enquanto o menino ressusci tado dormia a sono solto. Dinorá voltou então a engravidar.

2

Diva, Isaura e Abigail embarrigaram uma após a outra com pequena diferença de tempo. A primeira a exibir o bucho foi Abigail, a mais jovem das três, amancebada com Bastião da Rosa, usufruindo das benfeitorias da casa do mestre-de-obras. Tendo caiado o chatô — assim Fadul rotulara a residência do pedreiro para distingui-la dos casebres vizinhos—, dado

uma mão de tinta na fachada azul e nas janelas cor-de-rosa, cavado poço de água, acendido fogão de lenha, comprado em Itabuna cama e colchão de casal, de ferro a cama, de crina o colchão, pompas de coronel, tudo isso na ideia de se amigar com Diva, José Sebastião da Rosa não cultivou a dor-de-cotovelo. Com rapidez a consumiu: pragas cruas e raivosas, breves considerações pessimistas sobre os sentimentos femininos, nenhuma demonstração de desespero, tampouco juras de vingança.

Aquela que ele tivera na mira e na cachola, a quem arrastara asa durante meses, preferira arrumar os trapos na tenda do ferreiro, deixando de queixo caído Durvalino e a maioria dos habitantes de Tocaia Grande, paciência! Não era a única e nem talvez a mais bonita donzela do lugar. Quando a reviu na feira, chibante, de braço dado com Tição, desejou-lhe felicidades e partiu em frente.

Abra-se um parênteses no espanto dos profetas de meiatigela, ocupados a enfiar no rabo prognósticos e agouros, para proclamar ainda uma vez os méritos de Coroca. No mesmo momento em que os fofoqueiros se assombravam — ... largou Bastião no alvéu, preferiu o negro, cada coisa... —, ela comentou com Bernarda enquanto a ajudava nos cuidados com o menino:

— Bem que eu disse... Só cego pra não ver.

— Comadre, não faça pouco do povo que só vê com os olhos de enxergar. Vosmicê vê com os olhos e com o entendimento.

Coroca previu igualmente a reação do desdenhado: — Não tarda a se meter com outra.

Realmente Bastião da Rosa não vacilou. Não ia perder tempo, trabalho e dinheiro a se lamuriar desinfeliz. Preparara a casa para acolher mulher permanente, constituir família, não ia deixá-la vazia, entregue às cobras e aos percevejos. Além de Diva, existiam outras em Tocaia Grande, modernas e garridas, capazes de cuidar do fogão de lenha e dos meninos quando chegassem. Não precisava ir longe: na casa de farinha, raspando mandioca, revolvendo o tacho, estavam dando sopa as filhas de Zé dos Santos. Descartando Ricardina, a mais idosa, por zarolha e descabaçada, podia escolher entre Isaura e Abigail, ambas novinhas, bemfeitas e inteiras. Escolheu Abigail, a mais morena.

Acaboclado, cabelos lisos, alto e robusto, indivíduo de pouca conversa e de muito ânimo para o trabalho, Zé dos Santos deixava a cargo de sia Clara o destino das filhas, bastavam-lhe as consumições da lavoura. Sabia que as moças mais dia menos dia tomariam rumo: preocupava-se sobretudo com a falta que fariam no roçado. Ao contrário do que o nome indica, sia Clara

era bastante escura. Cabelo pixaim, gorda e afável, rosto redondo ainda vistoso apesar de envelhecido: atenta às faceirices das meninas não costumava com elas se afligir.

Trouxera de Sergipe os mesmos preconceitos que tanto amarguravam Vanjé, mas se adaptava sem maiores escrúpulos à realidade da terra grapiúna, nova e farta, onde outros valores se impunham e a vida tinha um preço diferente. O que deveras a preocupava, seu receio maior em relação às filhas, consistia no medo de vê-las cair na zona, putas de porta aberta na Baixa dos Sapos. Isso, sim, a afligiria. Amigação naquele fim-de-mundo significava uma bênção dos céus, mais valiosa do que casamento na igreja em Buquim, de onde viera. As coisas são como são e não como a gente desejaria, não é mesmo? Aqui ou lá, bênção de padre e merda, a mesma coisa, sem a menor valia.

As três filhas de José dos Santos e sia Clara tinham saído tão dessemelhantes, no físico e nas maneiras, que nem pareciam irmãs de pai e mãe. Isaura puxara à mãe na cordialidade, boa de conversa e de convívio, ao pai nos cabelos lisos e na cor da pele cobreada, esguia cabo-verde marcada pelo sangue indígena. Abigail, calada igual a Zé dos Santos, no mais era ver sia Clara: gorducha, carregada na cor, veludosa carapinha, olhos rasgados; nela predominara o sangue negro. De que avô branco herdara a doca Ricardina, um mulherão, os cabelos loiros e a tez alva, os olhos azuis e o tamanho? Nas famílias sergipanas, mestiças de tantos sangues, de quando em quando desponta num recémnascido os olhos azuis e os cabelos loiros, a branquidão e a estatura de um avoengo holandês ou, quem sabe, cristão-novo, vindo para Recife com o Príncipe Maurício de Nassau. Fugido, após a derrota, para a capitania de Sergipe del Rei, ali homiziado e aceito, radicado para sempre, fazendo filhos em negras e mulatas. Ricardina, um bom exemplo, apesar de caolha: não se pode exigir a perfeição.

Entre Isaura e Abigail vacilara Bastião ao rejeitar os cornos, mas a dúvida durou pouco, conquistado que foi pela mansidão de Abigail. No particular levava vantagem sobre Diva, arrogante e por vezes insolente. Para não se estrompar de novo, antes de tratar com sia Cara e Zé dos Santos, de insinuar santa missão e bênção de padre, conversou com a pretendida e obteve seu consentimento:

— Se é do gosto de ocê, é do meu também. — Uma pomba sem fel.

Antes de completar dezesseis anos, Abigail já empinara barriga, Bastião não brincava em serviço. Tampouco Tição Abduim, esclareça-se, se bem Diva houvesse tardado um pouco mais a pegar menino, questão de

paquete e lua, e não de competência; tinham as duas a mesma idade. Quanto a Isaura, antes de viver com ela o moço Aurélio comeu-lhe os tampos atrás da prensa, na casa de farinha. Com o acréscimo das três estancianas, a cada momento e em cada canto, em Tocaia Grande, quem por ali passasse cruzava com uma grávida, as barrigas pejadas, anunciando aumento do número de tocaianos natos.

3

Tocaianos? Para abrilhantar com um tópico erudito o relato dos acontecimentos, o enredo dos problemas de Tocaia Grande, vale a pena uma referência ainda que superficial e apressada aos doutos debates travados a propósito da justa nominação a ser dada os nativos daquele cu-de-judas, o gentílico dos meninos ali nascidos. Como se devia designar os cidadãos de Tocaia Grande? Tocaianos, tocaienses, tocaia-grandenses ou simplesmente tocaios? Fadul colocou o tema à discussão no cabaré em Itabuna, na mesa de Fuad Karan; em Ilhéus, em bar do porto bebericando com Álvaro Faria. Ouviu dos dois letrados conclusão se não análoga na forma, igual no conteúdo.

— Não cabe dúvida. — Disse Fuad Karan com a voz molhada de arak, perfumada de anis: — Quem nasce em Tocaia Grande é jagunço, Grão-Turco. E dos mais desalmados, certamente.

Álvaro Faria, degustando o uísque dos ingleses, não foi menos tranchã e objetivo:

— Filho de Tocaia Grande só pode ser clavinoteiro, meu Fadul.

Reputação pérfida, injusta e infeliz, discordou o turco. Se havia no imenso território do cacau, em toda a latitude grapiúna, um sítio deveras pacato, de violência mesurada, era Tocaia Grande, onde reinava a paz de Deus. O que outrora acontecera, dandolhe nome e renome, foi antes do princípio; antes de existir qualquer vivente no lugar. Não obstante quem ali visse a luz primeira, nascia carregando na cacunda a marca do sangue derramado, a memória da morte e dos defuntos.

4

É certo que ninguém levava a sério a barriga estufada de Ção, menina-e-moça. Motivo apenas para risos de chalaça e obscenos comentários. Na ambição de um filho, a pobrezinha enfiava maços de capim seco embaixo do vestido para que a imaginassem prenha, esperando menino.

Num domingo apareceu na feira exibindo ventre desmedido e estranhamente buliçoso. Sentou-se no chão em meio ao povo e, entre risadas e galhofas dos assistentes, pariu um bacorinho e em seguida, ali,

diante de todos, abaixou o decote da blusa esfarrapada e tentou lhe dar o seio a mamar, feliz da vida.

5

Ao chegar a Tocaia Grande, árdego mocinho beirando os dezoito anos, ingênuo e apetitoso, Aurélio perturbara o juízo de um punhado de raparigas: redes e esteiras puseram-se à sua disposição, no gratuítes.

Encantado, folgou na mercê das putas até o dia em que, tendo conseguido as moedas necessárias, pagara uma metida com Bernarda. Planejara tê-la por uma noite inteira, mas a difícil, desde que lhe nascera o filho e voltava a exercer, limitara as obrigações do oficio a pernadas em horário reduzido: entre as mamadas do menino e nunca após a meianoite. Ainda assim a rápida função foi suficiente para deixar Aurélio caído pela rapariga, embeiçado. As outras deixaram de representar para ele qualquer interesse. Ção, que iria renovar seu empenho, ainda não vivia em Tocaia Grande.

Infernou a vida de Bernarda, não lhe saía dos calcanhares, só faltava roubar para conseguir reunir o montante com que se candidatar à cama de campanha mesmo para uma breve pingolada. Soube, em conversa no intervalo da devoção, que ela admirava o som do cavaquinho, tanto bastou para que iniciasse com um dos cabras do depósito de cacau, tocador apreciado, o aprendizado do instrumento. Dedicava todas as horas livres à rapariga, insistia em vê-la, até a ajudava no trato do menino Bernardo: tinha o nome da mãe, já que não podia ter o do pai.

Quando Bernarda, sem sequer se dar por isso, amamentava a criança na porta da casa de madeira, o último peito da tarde — as quatro horas seguintes dedicadas a ganhar a vida — Aurélio ficava de tal maneira indócil que a rapariga deixou de fazê-lo em sua frente. Não eram decorridos dois meses da chegada dos sergipanos ao lugarejo quando Aurélio propôs-lhe vida em comum e foi mais longe: se ela assim desejasse poderiam ir-se de Tocaia Grande, viver em sítio mais adiantado onde houvesse padre. Disposto a casar com ela na primeira igreja que encontrassem, a ajudá-la a criar o filho. Como se fosse dele.

Bernarda ouviu o apaixonado arroubo do adolescente, tratou de dissuadi-lo de tais loucuras, projetos absurdos. Mas o fez sem menoscabo e até lhe agradeceu a distinção: — Qualquer um pode lhe dizer por que não quero nem ouvir falar uma coisa dessas...

— E por que tu não me diz, com tua boca?

— Pois lhe digo: tenho um homem e gosto dele. É por isso.

Aurélio quis detalhes porém Bernarda se calou. O mais, ele soube por terceiros: caia fora, menino, deixe a rapariga em paz, ocê corre o risco de passar uma vergonha, de sofrer uma desfeita.

O capitão Natário da Fonseca? Um ferrabrás? Menos por medo do que por gratidáo, Aurélio engoliu os planos, vomitou o desgosto — pela mão e sob a égide do Capitão, a família dos sergipanos tinha vindo se estabelecer em Tocaia Grande. Provações da mocidade, cabeçadas, desatinos: assim se amadurece, no padecimento e na paixão.

Retornou ao favor das putas, convalescente. Depois Ção despontou no horizonte, completando a cura. Viu-se o jovem Aurélio a cercar a maluqueta com o afinco que lhe era peculiar, propenso a vjver com ela sem se importar com a leseira. Ção deixava-se bolinar, fogosa e fácil, permitindo quase tudo, mas, na hora da decisão, escapulia. Aurélio ficava tão arretado a ponto de propor-lhe amigação, para pôr fim àquele abuso. Atribuía a firmeza da recusa ao medo da menina de se ver fodida e abandonada, na casa do sem jeito: não lhe negava razão.

Um dia, quando menos esperava, Ção deixou-se possuir. O entusiasmo da vitória malogrou-se em decepção ao constatar que ela já não era virgem. Enfurecido, Aurélio tentou obrigá-la a dizer qual dos dois, Zinho ou Durvalino, havia alcançado a meta que ele tanto perseguira e desejara: comer-lhe os tampos. Não obteve resposta: Ção só fazia rir e pedir mais. Por vias travessas veio a saber que o rapa-tábuas e o caixeiro tinham sofrido desilusão idêntica, feito a mesma e inútil pergunta — qual dos dois? sem obter resposta. Diante do que, sem prévio acordo, cada um continuou a derrubá-la nos matos: ela dava abasto aos três e a rir pedia mais.

Em Isaura, jamais pousara olhos de interesse. Os roçados de Zé dos Santos começavam onde terminavam os de Ambrósio, a casa de farinha elevava-se na divisa, Aurélio via Isaura diariamen te, era como se não a visse. Aos dezoito anos, apesar do açodamento, Aurélio ainda não chegara à idade de assentar a cabeça e estabelecer família. Aos dezesseis, Isaura começava a ultrapassar o tempo certo.

Na raspa da mandioca, no apertar da prensa, no mexer do tacho, inesperadamente se reconheceram quando os olhos se cruzaram. Diva e Abigail haviam tomado cada qual seu rumo, também Isaura queria cumprir a sina que o céu lhe destinara. Na casa de farinha, nos roçados, na beira do rio, trocaram sorrisos e palavras, e quando se deram conta Isaura estava prenha, Aurélio ia ser pai. Cabaço por cabaço, o dela era de caixeta e de estalo, dificultoso. Atrás da prensa, no cheiro da raspa da mandioca, embriagador.

No conselho das famílias reunidas, o mais difícil foi decidir onde ficariam vivendo. Na casa do rapaz ou na da moça? Acordaram que seria na de Isaura, onde sobrava um pouco mais de espaço, mas Aurélio continuaria a ajudar os pais: metade da semana no eito de Ambrósio, metade no de José dos Santos.

Ção estranhou o retraimento de Aurélio, sumido, reduzindo-lhe a escolha vespertina. O fato de se haver amigado não explicava o afastamento. Para ela, casado, amancebado ou solteiro não fazia diferença, eram bem-vindos todos, independente do estado civil e da idade. Preferia contudo os homens feitos, eram menos tolos, sabiam mais, não perdiam tempo com perguntas sem interesse. Moço ou maduro, apressado ou delicado, um deles, qualquer que fosse não importava, haveria de lhe pôr na barriga a semente de um menino. Um menino para embalar nos braços. Onde andaria seu Pedro Cigano; bonito como o Cão?

6

A população crescia com a fixação no arraial de viventes atraidos pelas notícias que, a respeito do progresso de Tocaia Grande, circulavam na região do rio das Cobras e mais além: em Ferradas, no Rio do Braço, em Sequeiro de Espinho, em Água Preta, em Itapira, na cidade de Itabuna. Tropeiros, mateiros e alugados — e mais que ninguém o corre-a-coxia Pedro Cigano — alardeavam exageros sobre o movimento, a animação e as raparigas. As novidades chegavam até Ilhéus levadas inclusive por fazendeiros ricos, coronéis da linhagem dos senhores da Atalaia e da Santa Mariana. Crônica de sucessos alardeada notadamente pelo Turco Fadul quando por lá aparecia para comprar e pagar mercadorias, para respirar ares civilizados e neles se locupletar — em Ilhéus competentíssimas e caríssimas francesas e polacas faziam de um tudo e o mais que se pudesse imaginar — e para ver o mar.

Com a afluência de tantos vizinhos, o Caminho dos Burros prolongava-se em rua extensa e irregular acompanhando o curso do rio. Algumas casas de tijolo e telha, quantidade de barracos, contínuo vaivém de gente e de animais. Deixaram de existir as horas ociosas durante as quais, após a partida dos tropeiros, o árabe, o negro e as raparigas descansavam da noite e da madrugada trabalhosas e se reuniam para cavaquear, ouvir histórias, cantar modinhas. Não que houvessem abandonado por completo os costumes de dantes, de quando Tocaia Grande era recente posto de pernoite ou ínfimo arruado vegetando na pasmaceira e no abandono. Ainda se encontravam para mandriar nos locais costumeiros mas o faziam

com menor frequência, se bem com maior número de participantes. Grupos festeiros juntavam-se aos domingos na feira, no Bidê das Damas, em frente à tenda do ferreiro, na barbearia de Dodô Peroba e, como sempre, na venda de Fadul.

Sucediam-se dançarás no embalo de violões e harmônicas gaitas e cavaquinhos. O número exato das choupanas na Baixa dos Sapateiros só Deus sabia. Deus e Durvalino, o popular caixeiro Leva-e-Traz.

7

Multiplicaram-se igualmente os animais domésticos, criados nas posses, na outra margem, ou soltos na rua. Pela manhã e à noite prosseguia o tráfego dos comboios de burros; durante o dia os passantes deparavam com varas de porcos fuçando na lama, bandos de galinhas ciscando nos matos e de guinés passando em disparada. O capitão Natário da Fonseca, por ocasião da chegada dos sergipanos, trouxera da Atalaia uma dúzia de ovos de tou-fraco que mandara para Vanjé. Postos a chocar sob uma galinha caipira, nasceram dez pintainhos e desses dez a turbamulta indomesticável que se espalhava de um e de outro lado do rio, propriedade teórica da roceira, de fato bem comum dos habitantes. Galinhas-d'angola, de carne preta, boas de panela, pitéus especiais.

Além dos descendentes dos arroubos de Alma Penada e Oferecida, outros cães vieram nas bagagens dos novos moradores e procriaram uma voraz população de magros vira-latas. Com Zilda mudou-se para Tocaia Grande copiosa bicharada. Além de cachorros e gatos, de aves de criação — galinhas, capotes, patos e perus — viam-se, no quintal ao fundo, no terreiro em frente à moradia, mutuns e jacus domesticados, a ema de Pega, o casal de seriemas gritando seu grito rouco, matando cobras, o ouriçocacheiro de Lúcia, a menina mais velha. Sem falar nos periquitos e papagaios, nos passarinhos, as gaiolas penduradas na varanda e no alpendre

Os papagaios eram três, vistosos e faladores, dois relegados à cozinha e ao quintal, mas o terceiro — maracanã irrequieta e loquaz —, dono de extenso vocabulário pornográfico, vivia solto, na varanda onde ficava seu poleiro no qual pouco permanecia: o bicho de estimação do dono da casa. Atendia pelo nome de Vá-Tomar-no-Cu, sua expressão favorita, que ele repetia a dois por três, com ou sem motivo. Andava de um lado a outro no balaústre da varanda gritando palavrões, assoviando para chamar os cachorros, rindo um riso estrídulo e trocista quando os via chegar correndo para atender à convocação. Proclamava orgulhoso a patente e o

nome do senhor e cativo amigo: capitão Natário da Fonseca!

O Capitão punha-o de costas na palma da mão e lhe coçava a cabeça e a barriga, Vá-Tomar-no-Cu fechava os olhos, deleitado, entregue. Devia ser fêmea para assim se deixar manusear, garantia Zilda. Fêmea e fiel, pois apenas a Natário permitia tais intimidades; bicava, feroz, qualquer outra pessoa que a quisesse agradar e a insultava: Ladrão! Filho da puta! Vá tomar no cu! Quase arranca o dedo do negro Tição que tentara fazer amizade: decá o pé, meu louro.

O contundente vocabulário da maracanã resultava de prolongada vivência na fumacenta sala de jogo de uma espelunca no Beco da Mula em Itabuna, a frequentada Pensão das Nuvens. Misto de tasca onde serviam cachaça, conhaque e rabos-de-galo, de puteiro — em cubículos no sótão oficiavam raparigas — sobretudo antro de jogatina, esse complexo recreativo era explorado por Luiz Preto, um paladino, por vezes incompreendido e injustiçado, do ócio com dignidade. O Capitão salvara-lhe a vida por ocasião de um fecha-e-quebra de baralho.

Encontrava-se por acaso no local a convite de uma quenga, sua conhecida de tempos passados: de hoje não lhe vejo, Natário, dissera a dengosa ao encontrá-lo na rua. De reminiscência em reminiscência, acabaram nos altos da Pensão das Nuvens para comemorar o encontro e matar saudades a golpes de estrovenga.

Natário abotoava as calças, iniciando as despedidas, quando a barulheira de mesas e cadeiras viradas e os gritos entusiásticos de um papagaio — Ladrão de merda! Xibungo! — chamaram-lhe a atenção. A dama, ainda nua, não se alterou, xingos e desordens aconteciam com bastante frequência no influído comungatório. Mas como o cu-de-boi prosseguisse com ameaças de morte — vou te arrancar as tripas, cachorro! — e tendo o Capitão reconhecido a voz de Lalau, jagunço que já servira às suas ordens, cidadão de peito e de palavra, precipitou-se a tempo de impedir o envio de Luiz Preto para a terra dos pés juntos: o punhal de Lalau alumiava na fumaceira. Restabelecida a ordem, arrumadas mesas e cadeiras, reiniciada a batota, Natário demorou-se a provocar a maracanã e chegou a desatar numa gaitada — coisa tão rara em seu proceder — ao ouvir o louro ordenar-lhe: vá tomar no cu, enquanto piscava o olho e sacudia alegremente as asas verdes e vermelhas. Grato, Luiz Preto mandou deixar a ave na pensão de tia Senhorinha onde o Capitão se hospedava em Itabuna: presente de um ressuscitado.

Na Fazenda da Atalaia, Vá-Tomar-no-Cu aprendera a assoviar para os

cachorros, a pipiar para as galinhas, a imitar a voz do negro Espiridião: paz e saúde, comadre Zilda! Em Tocaia Grande, o Turco Fadul ensinara-lhe palavrões em árabe: manhúk, ru-h inták, ibam, charmuta: a maracanã os repetia com límpida pronúncia das montanhas do Líbano.

Na mesa farta do almoço, em casa do Capitão, Fadul, conviva frequente, ria a morrer com os xingos, em português e em árabe, de Vá-Tomar-no-Cu. Nunca conseguiu, porém, por mais tentasse, coçar-lhe a cabeça, muito menos a barriga. Privilégios do capitão Natário da Fonseca.

8

Vá-Tomar-no-Cu tornavase poliglota. Além de repetir palavrões em árabe, cantava em italiano trechos de árias — "Ridi, pagliaccio", "La dona è mobile" — tocadas no gramofone. A fama do papagaio varava mundo nas cangalhas das tropas de burro:

— O capitão Natário tem um louro que é um colosso. Fala em turco, canta em língua de gringo, engraçado como quê.

O gramofone, presente do coronel Boaventura Andrade, era a grande atração, o luxo principal da casa do capitão Natário da Fonseca. Zilda dedicava-lhe tal estima a ponto de não permitir sequer a Edu, o filho mais velho, colocá-lo em funcionamento; apenas ela e Natário podiam fazê-lo. Uma vez na vida outra na morte, o Capitão rodava a manivela dando corda no aparelho para exibilo, com uma ponta de ufania, a visitas de alto coturno: o coronel Robustiano de Araújo, o compadre Lourenço, chefe da estação de Taquaras, seu Cícero Moura, comprador de cacau por conta de Koifman & Cia, exportadores.

Nas sobras de tempo, em geral nos fins de tarde, antes da comida vespertina, Zilda punha o gramofone a tocar, ficava a escutar, a mão no queixo, os olhos semicerrados: não entendia a língua em que cantavam mas os graves e os agudos — os agudos sobretudo — a empolgavam Por vezes Coroca aparecia para fazer-lhe companhia, comentar os acontecimentos do arraial, ouvir música; possuíam apenas três cilindros, vindos com a máquina. Também acontecia Vanjé chegar trazendo algum agrado — batata-doce, abóbora, aipim — para a cozinha do Capitão, elogiava o gramofone: — Nem vendo se acredita...

Vanjé tornara-se íntima de Zilda, mantinha uma deferência especial para com o Capitão: jamais poderia esquecer o encontro na estrada. Ouvira contar coisas sobre ele, entravam por um ouvido, saíam pelo outro, para ela, tirante Deus, ninguém se comparava ao capitão Natário da Fonseca. Convidara-o para padrinho do menino de Lia e Agnaldo quando um dia o

batizassem. A madrinha — me desculpe, dona Zilda — só podia ser Jacinta Coroca que o aparara.

De começo a meninada, trazida por Edu e Peba, juntava-se ao pé do gramofone. Atentos e assombrados, querendo saber onde se escondiam a fulana e o sujeito que entoavam aquelas cantorias das estranjas. Cansaram-se porém rapidamente, as músicas eram sempre as mesmas; preferiam a mata com os passarinhos e os saguins, armavam alçapões e arapucas.

Bernarda chegava, o filho escanchado na cintura. Pedia a bênção à madrinha, ajudava nos trabalhos caseiros; calada e sorridente ouvia o gramofone enquanto catava lêndeas em Zilda. Vinha sempre na ausência do Capitão, e se acontecia ele chegar de viagem e a encontrar ali, ela pedia-lhe a bênção e em seguida se despedia. Ia ficar em casa, de plantão, à espera de que ele viesse vê-la, na hora que quisesse.

Zilda servia às visitas licor de jenipapo, de pitanga, de maracujá, todos de fabricação caseira: como conseguia tempo para tanta coisa? Para os afazeres domésticos, a cozinha, os licores, o doce de banana, a passa de caju, para a costura e o ponto de cruz? Para, devotada e cuidadosa, criar os filhos: os seus e os adotivos? Tudo isso sem elevar a voz, sem correr, sem se queixar. Queixarse de quê? Quando Natário a arrebanhara, órfã e mendiga, nunca imaginara chegar a tais alturas: casada, marido capitão da Guarda Nacional e fazendeiro, dona de uma casa de tal porte, os filhos sadios, no terreiro a bicharada, a mesa farta e franca. Queixarse? Só se fosse ingrata.

Mesa farta e franca, nela comia quem chegasse mesmo sem convite. Concorrência diminuta quando o Capitão estava ausente: Coroca, Merência, Bernarda, alguma outra amiga; homem, jamais, não estando em casa o chefe da família. Natário passava a maior parte do tempo nas fazendas, na Atalaia e na Boa Vista, ainda mais durante o temporão e a safra, cuidando da colheita e da secagem do cacau. Quando porém parava em Tocaia Grande, a casa se enchia numa fartura de visitas. Na mesa não sobrava lugar, com frequência havia quem comesse na varanda ou na cozinha, junto com os meninos. Amigos, compadres, simples conhecidos, pessoas que tinham assunto a tratar com ele, forasteiros que vinham cumprimentá-lo, ademais dos habitantes. Quando passava, a pé ou a cavalo, pelo descampado, pelo Caminho dos Burros, pela Baixa dos Sapos, todos o saudavam cordial e alegremente, num misto de consideração e de estima. Os homens tiravam-lhe o chapéu em sinal de respeito, as mulheres sorriam-lhe com apreço: no respeito de alguns homens um resquício de

medo, no apreço de certas mulheres um toque de frete. Os meninos corriam a beijar lhe a mão: — A bênção, Capitão!

9

O próprio coronel Boaventura Andrade, mandachuva daquelas sesmarias, patrão e compadre, provou o sal da mesa de Zilda, repetiu os quitutes e os gabou, lambendo os beiços: a galinha de molho pardo, o teiú moqueado, o peixe feito no dendê, a frita de capote, os doces de banana e de caju, o creme de abacate. Zilda desculpava-se pelo menu pouco variado, apenas quatro pratos, pobreza de almoço se comparado aos da casagrande. As filhas ajudavam-na na cozinha, aprendiam a temperar, a determinar os molhos e a pressentir o ponto.

Vindo da Atalaia, o Coronel tomara pelo atalho e passara por Tocaia Grande com o objetivo de estudar com Natário a localização de um grupo de sergipanos, esperados em ilhéus, procedentes de Estância, terra natal do fazendeiro — ao que se soube depois, aparentados seus. Aproveitou para percorrer o vale: ali estivera na safra passada, fazia mais de um ano. Já então o progresso de Tocaia Grande deixara-o impressionado, que dizer agora?

Visitou os roçados de Ambrósio, José dos Santos e Altamirando — Altamirando iniciara um criatório de cabras — balançando a cabeça em sinal de aprovação. Entrou na casa de farinha onde estavam raspando mandioca. Os estancianos iam ficar em boa companhia.

A grande surpresa, porém, a lhe arrancar exclamações entusiásticas foi a obra do pontilhão que estava chegando ao fim. O vulto da empreitada, a qualidade do serviço e o acabamento deixaram-no maravilhado. Lupiscínio e Guido, mestres carpinteiros, receberam com modéstia e satisfação os parabéns do Coronel.

Lupiscínio revelou, sem mágoa: — O coronel Robustiano achava que nós não dava conta.

Contaram que para a conclusão da obra muitos haviam colaborado. O citado coronel Robustiano e o capitão Natário ali presente tinham entrado com o dinheiro. Mestres pedreiros, Balbino e Bastião da Rosa, os oleiros Merência e Zé Luiz, o ferreiro Tição Abduim viraram carpinas e rapa-tábuas e até raparigas ajudaram.

Detiveram-se em casa de Bernarda, o Coronel desejou ver o menino que nascera por ocasião de sua estada anterior. Por ele erguera brinde de cachaça na venda de Fadul. Coroca passou um café, Bernarda não cabia em si ao exibir a cria, a cara do pai: — A marca registrada de Natário... —

brincou o Coronel.

Esteve também na tenda de Castor cumprimentando Diva. Tocaia Grande já não era apenas um acampamento de raparigas, constituíam-se famílias: em seu percurso cruzara com Dinorá e com Isaura, vira Abigail na rua, encontrava-se agora com Diva, as quatro à espera de menino. O Coronel voltou a recordar a previsão de Natário. Olhando, do alto cerro onde agora se erguia sua casa, o vale desabitado, a mata virgem, o cerrado inóspito, Natário enxergara o dia de amanhã. O Coronel nunca conseguira explicar o condão que permitia ao mameluco ler os pensamentos, adivinhar o futuro. O sangue índio, outra coisa não seria.

Foram por fim tomar um trago, antes do almoço, na venda de Fadul.

— Que achou da terra, Coronel?

— Com mais uns anos passa Taquaras. Só está faltando o trilho do trem chegar aqui.

Empachado, saiu da mesa direto para a rede na varanda a fim de tirar um cochilo. Antes, porém, de ressonar, o Coronel trocou dois dedos de prosa com a comadre Zilda e lhe contou as novas da Atalaia. Sia Pequena ganhara uma ajudante, a filha do finado Tiburcinho: se recorda dela, comadre?

— Sacramento? Se lembro muito bem... Uma lindeza de menina.

No rosto do Coronel, marcado pelo tempo e pela vida, pelas amarguras, despontou um sorriso acanhado, quase tímido.

— Sia Pequena mal consegue andar. A sorte foi essa moça, trabalhadeira não tem outra. Moça boa, comadre. A casa está de fazer gosto e até de mim ela se ocupa. — Falava de criada ou de amásia? — Aqui pra nós, comadre, lhe digo que agora passo mais tempo na Atalaia do que em ilhéus.

— E Venturinha, compadre? Tem dado notícia?

O sorriso sumiu do rosto do Coronel: — Continua pelo Rio, penso que se mudou de vez.

— Sempre nos estudos? É caprichoso mesmo, nunca vi gostar tanto de estudar. — Puras palavras de louvor, inocentes, sem malícia.

— Pois é, comadre, já era tempo de parar. Com estudo demais, doutor acaba virando vagabundo.

O grito fanhoso do papagaio cortou o diálogo: — Filho da puta! Vá tomar no cu!

O Coronel cerrou os olhos tentando afastar o pensamento de Venturinha a trocar pernas no Rio de Janeiro, de que adiantava se afligir? Mas se afligia, quisesse ou não, o sem-juízo era seu filho,o único. Por causa

dele trabalhara sem descanso, dia e noite. Rompera a mata e a desbravara, plantara léguas de cacau.Empunhara armas, combatera, arriscara a vida, mandara matar e matara. Ah, se não fosse a moça Sacramento já teria perdido por completo o gosto de viver — não bastam o dinheiro e o poderio.

Vendo-o de olhos fechados, Zilda se retirou de mansinho, evitando fazer barulho. O Coronel não a reteve, deixou-a partir sem retomar o fio da conversa: não gostava de falar sobre a ausência do filho. Devido, quem sabe, ao desgosto dessa ausência, apegaya-se ainda mais aos velhos servidores, gente simples. Sai Pequena que envelhecera na casagrande, sem um só dia de descanso. O negro Espiridião, a carapinha branca. Quando viera com o bacamarte era um cabra de meia-idade e desde então velava na casagrande o sono do Coronel. A comadre Zilda e o compadre Natário. Natário terminara compadre e capitão, pois além da valentia e da lealdade, comuns a ele e a Espiridião, tinha inteligência, sabia ler e escrever e sobretudo sabia comandar:

Gente simples e direita, também a moça Sacramento que jamais o tratou por tu ou por você. Dizia vosmicê e coronel, mas a voz e os modos eram um consolo para as agruras e o descaso; restauravam-lhe as forças e a vontade de viver. Catava-lhe cafuné, ele na rede, ela sentada no chão, cheirava a folha de pitanga, na cama acolhia-se em seu peito, ria e suspirava. Conselho de Natário, o Coronel o seguira. Dera-se bem como aliás sempre acontecera.

10

Quando se viram no mato sem cachorro, reduzidos ao dinheiro das benfeitorias e mais um pouco posto por caridade por Leovigildo Calasans, dono do banguê, sia Leocádia, octogenária, viúva, mãe, sogra, tia, avó, recordou-se do parentesco. Naquela hora de atribulação, quem os poderia socorrer senão o primo? Primo em terceiro ou quatro grau, nem por isso desconsiderado.

O coronel Boaventura Andrade, na última vez em que estivera em Estância, fazia um tempão, os reconhecera e saudara na feira onde expunham e vendiam a fartura da meação. Milionário, não sabendo onde botar o dinheiro, não desdenhara da pobreza dos parentes. Sentado num caixote ao lado da prima Leocádia, demorara-se a conversar, relembrando pessoas e acontecimentos, uns engraçados, outros tristes. Além de prima, Leocádia fora namorada do trombonista José de Andrade, pai do Coronel. Muitas mazurcas, muitos xotes haviam traçado juntos nas festas da Lira

Estânciana, inesquecíveis.

— Por pouco não fui sua mãe, primo Boaventura.

Enternecido, o lorde grapiúna abriu a carteira e deu uns trocados para a criançada. Uns trocados? Maquia grossa que Leocádia guardou para uma necessidade de saúde e médico. Ao despedir-se, o Coronel ofereceu os préstimos se um dia viessem a precisar. Em Ilhéus, às ordens, qualquer coisa é só escrever. Basta botar no envelope: coronel Boaventura Andrade, Ilhéus, Estado da Bahia, e a carta chega, não faz falta nome de rua, lá todos me conhecem.

A história não era diferente das demais, repetia-se sempre igual, pequenas discrepâncias de detalhes. Haviam cultivado terras à meia, conheceram tempos de prosperidade. Depois foi o que se viu: as terras voltaram à posse do dono, a cana-de-açúcar substituiu o milho e a mandioca. Em Estância não havia como ganhar a vida: nem terras a lavrar, nem empregos no comércio, nada a fazer além do eito nos canaviais do banguê.

Outrora, Estância chegara a ser metrópole de importância na vida do Estado de Sergipe. As mercadorias, transportadas por mar, desembarcadas na barra do rio Real, acumulavam-se no porto do Crasto. De Estância saíam para o sertão, movimento intenso de comboios e cometas. Mas os trilhos da estrada de ferro que ligaram a Bahia a Sergipe passaram longe da cidade e assim a condenaram se não à morte, à decadência. Aos estancianos não restou alternativa além da partida para o sul: a fama do cacau arrastava os deserdados. Ainda mais se haviam perdido terra, lavoura e esperança.

Então sia Leocádia lembrou-se do parente distante e milionário. Reuniu o clã, propôs o êxodo. Somavam vinte e três viventes, pais e irmãos, tios e primos, o mesmo sangue: sete mulheres, seis homens e dez filhos menores, de várias idades. A moça Neneca recusou partir, andava de namoro firme com Osíris, brilhante orador oficial e medíocre flautista da Lira Estânciana, vago caixeiro na modesta loja de tecidos do pai, seu Américo, enfim um morto-em-pé. Neneca aproveitou o ensejo para sair de casa e se juntar com o suplicante: um peso a mais nas costas do pobre seu Américo. Gabriel, pai de Neneca, ameaçou fazer e acontecer, ela nem ligou e sia Leocádia disse que ele deixasse a água correr, calasse a boca: se a assanhada queria ficar ali passando fome para acabar vendendo o corpo, problema dela, eles tinham demais com que se preocupar.

Sia Leocádia escreveu uma carta ao Coronel, recordando o encontro e os préstimos. Não batera ainda a caçoleta? perguntara Vavá, o filho mais

velho de sia Leocádia, cinquentão. Se houvesse faltado, a notícia do falecimento teria chegádo a Estância fatalmente, notícias ruins andam ligeiro, não se perdem nem se atrasam. Não vai responder, previu o genro Amândio, incurável desmancha-prazeres.

Não somente respondeu, como o fez por telegrama, foi uma sensação. Juntaram os teréns, embarcaram na terceira classe do trem para a Bahia onde tomariam o navio para ilhéus, contando o dinheiro parco. Em Ilhéus, o primo se ocuparia deles.

Trabalho não faltava sobretudo na época da colheita, mas o Coronel não desejava ver seus parentes mourejando na precária condição de alugados. Lembrou-se de Tocaia Grande, decidiu ir pessoalmente verificar a situação. Com a assistência de Natário, escolheu o local, na divisa do roçado e do criatório de Altamirando. Ali poderiam se desenvolver, o Coronel forneceria algum para os começos, não correriam perigo de que alguém viesse tomar-lhe as terras para nelas plantar cana-de-açúcar. Nem sequer o Coronel poderia fazê-lo para botar roça de cacau: não havia proprietário. Terras devolutas, bastava que as ocupassem.

O Coronel pediu a Natário que fosse receber os estancianos na estação de Taquaras quando desembarcassem de Ilhéus. Afinal eram parentes além de conterrâneos, a velha ia cumprir em breve oitenta anos, mereciam mais do que simples compaixão. Assim Natário levou consigo um burro cabresteiro, a própria mansidão e, por segurança, uma rede e um varal: se a macróbia não pudesse montar, viria carregada aos ombros. Esperou por eles na estação e os comboiou até Tocaia Grande.

Sia Leocádia em nada recordava uma macróbia. Enxuta de carnes, espigada, não demonstrava a idade. Sacudida e animada, abelhuda, manteve o burro a passo com a mula árdega montada pelo enviado do primo e reclamou informações: — É um lugar adiantado? Tem banda de música? Qual é a devoção da igreja? O santo padroeiro?

O fio de um sorriso aflorou nos lábios de Natário:

— Banda de música ainda não tem, mas o que não falta é gaita e violão. Também não tem igreja, fora disso é adiantado como o quê, vosmicê vai ver, O santo padroeiro, vou lhe dizer: se tem algum, é este seu criado, capitão Natário da Fonseca.

Três das mulheres estavam grávidas: Fausta, Hilda e Zeferina.

11

As gaiolas suspensas nas paredes de barro batido da barbearia nunca somavam mais de meia dúzia. Sem levar em conta a gaiola do cancã, quase

sempre vazia, pois a ave voava pelo casebre, em liberdade, catando insetos com o longo bico. Nem a da rola fogo-pagou. Exibiam passarinhos deslumbrantes, escolhidos a dedo por Dodô Peroba. Como explicar serem tão poucos se o passarinheiro trazia da mata uma quantidade deles, cada vez que armava seus alçapões em pontos estratégicos?

Edu e Nando, sócios no comércio de pássaros e de pequenos animais, expunham variada oferta na feira dominical a compradores das redondezas. Um passarinho alegra a casa e mesmo o lar mais pobre e desolado se enriquece e se embeleza com o canto e a plumagem de um corrupião, um sabiá, um cardeal, um curió, um pássaro-preto, um canário-da-terra, um papa-capim, um pintassilgo: a lista é vasta. Quanto aos periquitos e aos papagaios, são íntimos e inestimáveis companheiros.

Não apenas os pássaros, outros bichos também. A viúva Natalina possuía um jupará da cor de mel queimado que ressonava na caixa da máquina de costura, enrodilhado na comprida cauda. A crer no povo, os juparás, ditos macacos-da-meianoite, eram plantadores de cacau: dormiam o dia inteiro, atravessavam a noite na maior estripulia. Merência e Zé Luiz criavam na olaria uma jibóia: já passara de dois metros e ainda não terminara de crescer. Mantinha o local livre de animais daninhos e afugentava as cobras venenosas. Putas e meninos optavam pela reinação dos micos.

Dodô Peroba não caçava passarinhos para os vender na feira, tampouco para tê-los simplesmente cativos em gaiolas, enfeitando o salão de barbeiro — chamar a acanhada peça, onde fora colocada a cadeira feita por Lupiscínio, de salão de barbeiro era gabolice igual à de designar o terreiro do galpão por salão de baile, maneiras de dizer dos moradores do lugar.

Da farta recolha das trampas, muitas vezes o passarinheiro não guardava sequer uma única ave. Depois de estudá-las com atenta minuciosidade, de sujeitá-las a ensaios e exercícios curiosos e estranhos, selecionava pouquíssimos exemplares, baseando-se em misteriosas conclusões só dele conhecidas. Voltava a soltar a grande maioria, quando não a totalidade, e ao vê-los voar felizes com a inesperada liberdade, demonstrava tal contentamento que se poderia imaginar um absurdo: ele os aprisionara apenas para ter o prazer de libertá-los.

Os escolhidos — pela beleza, pelo canto, pela vivacidade, sabe-se lá por quê? — passavam a viver nas gaiolas penduradas na barbearia e a ocupar a maior parte do tempo do passarinheiro. Dodô os amansava e com infinita paciência e extrema mestria lhes ensinava a fazer coisas de pasmar. Com o

bico, movimentavam nas gaiolas maquinismos de cordões trançados, baixando e suspendendo dedais para enchê-los nos bebedouros de lata, como se fossem pessoas a retirar água de cacimbas. Descerravam as tampas das gavetas de madeira para comer o alpiste, abriam e fechavam a porta da gaiola e etecétera e tal, um ror de habilidades.

Dodô comandava-os estalando os dedos.

Meu Menino, Flor do Mato, Cravina, Arrepiado, Bogalhudo, cada qual atendia por um nome; vinham voando quando chamados pela voz melíflua do amansador. O barbeiro conseguia que, libertos da prisão da gaiola, voassem dentro e fora da casa, fossem longe, e em seguida retornassem vindo pousar em cima da jaula ou na porteira de gravetos de bambu, aberta, à espera. Dobravam o canto e permitiam que Dodô os agradasse. Os moleques, mudos e pasmos, passavam horas vendo-o ensinar aos pássaros aqueles impossíveis.

Assoviador emérito, Dodô assoviava modinhas, os pássaros sofrês retomavam a melodia e aprendiam a imitar na perfeição o chilro dos vizinhos de gaiola. Os passarinhos de Dodô Peroba não eram apenas mansos e ensinados como outros por aí afora: eram artistas dignos de figurar num circo. Assim lhe dissera o coronel Boaventura Andrade que em sua mão comprara um concriz — concriz, joão-pinto, sofrê e corrupião são alguns dos nomes pelos quais se conhece o pássaro sofrê — para dar de lembrança à moça Sacramento: ouvira-a referir-se à nostalgia do canto do corrupião, coisa mais tocante a seu ver não existia.

Os pássaros que Dodô criava e amansava não chegavam para as encomendas, pedidos provenientes das fazendas, da estação de Taquaras, até de Itabuna. O passarinheiro porém desfazia-se deles contra a vontade e com tristeza, e somente ao fim de prolongada negociação. Não vendia ao primeiro que aparecesse, a qualquer um. Queria antes ter certeza de que o comprador gostava realmente de bichos, não era um daqueles desalmados donos de rinhas de galos e de passarinhos que os criavam na intenção de lutas e apostas.

Solta na barbearia vivia uma rola fogo-pagou, essa ele não admitia vender nem por todo o ouro do mundo: beliscava-lhe os dedos dos pés, pousava em seu ombro ou sobre a ouriçada gaforinha descobrindo e esticando com o bico os primeiros fios de cabelo branco. Propostas de compra não faltavam, já recebera várias e recusara todas, enraivecendo-se, abandonando sua habitual pachorra, quando insistiam. Como poderia viver sem ouvi-la repetir a cada momento a onomatopeia sonora e divertida: fogo-pagou, fogo-pagou! Era visto à porta, sentado num

tamborete de madeira, a ave na cabeça a picar-lhe a gaforinha.

Ora, se deu que uma noite, passado o acorçoo dos tropeiros, quando o silêncio se fez no descampado, Dodô Peroba despertou do sono leve ouvindo surpreso a rolinha emitir o alegre aviso: àquela hora deveria estar adormecida na gaiola, a alba do dia ainda não se anunciara. Levantou-se da esteira e escutou no escuro: os pássaros dormiam, não provinha da sala o grito que continuava a se fazer ouvir, obstinado apelo. Chegava de fora, seria de um pássaro perdido, aflito e louco. Quem sabe ferido na asa, sem poder voar, solicitando ajuda?

Deslocando-se sem fazer barulho para não perturbar os passarinhos, Dodô Peroba esgueirou-se até a porta. Não andou dois passos: logo enxergou a lesa ali acocorada, sob o chuvisco. Ao divisá-lo no negrume, Ção sorriu, pôs-se de pé e lhe estendeu os braços.

CRESCEM AS ÁGUAS DO RIO, QUASE ACABAM COM TOCAIA GRANDE

1

Sob o aguaceiro torrencial, pingando água, o capote encharcado, o coronel Robustiano de Araújo desmontou na porta da oficina do ferrador de burros. Entregou a rédea ao capanga que o acompanhava, Nazareno, irmão mais moço de Gerino, dois cabras de absoluta confiança: — Me espere no depósito.

Na porta, Castor Abduim saudou o fazendeiro com alvoroço:

— Entre, compadre, a casa é sua. Seu afilhado já nasceu, venha ver que bitelo de mulato.

Amulatado também, o Coronel. Mas naquelas bandas a divisão se fazia entre ricos e pobres: para fazendeiro não passar por branco era necessário ser negro retinto como o coronel Jose Nique e fazer questão de apregoar a raça. Negro Zé Nique! Bonito e milionário! — proclamava-se ele do alto do cavalo pampa estalando o rebenque de couro trançado e cabo de prata. O coronel Robustiano entregava na abertura da entressafra ao padre Mariano Rastos, prior da catedral de São Jorge, uma espórtula para o altar do santo guerreiro, e um óbolo, igualmente liberal, a pai Arolu para o peji de Oxóssi, senhor da natureza. Entre os dois, o santo e o encantado, haviam de manter a chuvarada em limites razoáveis para que a floração e os bilros de cacau se desenvolvessem livres de ameaças e a safra fosse ainda maior. Promessa urgente e necessária: nas cabeceiras do rio das Cobras o tempo desabava.

O Coronel desabotoou o capote e o depôs no pedregulho próximo à forja para secá-lo: tempo mais filho da puta, arrenegado!

— Recebi o recado com a boa nova, vim visitar a comadrinha. Como é que ela está passando?

— Contente como um passarinho, não para de se rir.

O compromisso do compadrio vinha de longe. Ao saldar a dívida contraída com o Coronel para as despesas de instalação da oficina, paga aos pedaços, à la vonté, como o generoso credor lhe permitira — não precisa se afobar, Tição, não corre pressa: repetia-lhe a cada recebimento —, Tição anunciara:

— Quando um dia eu me casar, vou pedir a vosmicê e a dona Isabel pra batizar meu primeiro filho.

— Pois será com muito gosto, Tição.

O negro cumprira o empenho. Casar não se casara mas se ajuntara, na prática a mesma coisa. Quando Diva começou a botar barriga, ao avistar o Coronel em Tocaia Grande, Tição lhe dissera: — Me amarrei, Coronel, e o afilhado de vosmicê já está encomendado. — Negro gabola e galhofeiro, acrescentou: — No capricho.

No capricho, no embalo, no gemer da rede. Amásios, ele e Diva mais pareciam namorados: de zanga ou rusga, nem sequer rumor; de mãos dadas, risonhos, estavam sempre juntos, trocando segredos e beijinhos, e se dizia que haviam nascido um para o outro. Ele a tratava por preta, minha preta, e ela o chamava de meu branco. Repousava a cabeça no peito negro e largo e ele tocavalhe a barriga com a mão espalmada, medindo-lhe o crescimento. Esperavam, ansiosos.

Finalmente foi de rebuliço a madrugada na tenda do ferreiro. Com o início da entressafra reduzira-se o movimento das tropas de cacau seco. Quando, no correr da noite, as dores fizeram-se sentir, Tição fora buscar o galo, amarrado com prudente antecedência na goiabeira do quintal, e o sacrificara aos orixás. Somente depois saíra em demanda de Coroca.

Na pisada da parteira, as parentas não tardaram a invadir a casa: Vanjé, Lia e Dinorá. Dinorá com a barriga desconforme, tão avultada, dando a pensar que os ibejes haviam azeitado a estrovenga de Jãozé e iam nascer gêmeos, Cosme e Damião, mabaças. Não adiantou Castor fazer cara feia, tentando impor sua presença ao lado da esteira onde Diva padecia. Quando parava de gemer, ria para ele, valente, como se fosse parideira veterana.

— Fora daqui! — Ordenou Coroca, empurrando o negro: — Vá se pegar com os santos. — Autoridade de parteira, a maior que existe.

Sentado junto ao peji, Tição aguardou, contendo a impaciência. Alma Penada e Oferecida estenderam-se a seus pés, inquietos eles também, os focinhos farejando o ar, as orelhas atentas, os olhos postos no amigo. Algo estava a ponto de acontecer, eles sabiam.

Ao escutar o vagido, Castor levantou-se de um salto e varou quarto adentro: Coroca tinha o recémnascido nas mãos e exibiu o pequeno corpo sujo de sangue na luz alvacenta da barra da manhã para que todos o vissem: Tição e Diva, Vanjé, Lia e Dinorá com seu barrigão. No peito do negro o coração cresceu e ele sentiu os olhos úmidos. Desde que se entendia por gente jamais lhe acontecera lágrimas. Nem mesmo ao receber no fim do inverno a notícia da chegada com tamanho atraso da morte de seu tio Cristóvão Abduim, ferreiro e alabê. Dissera a Diva: se for menino

vai se chamar Cristóvão como meu tio que me criou; se for menina tu bota o nome que escolher.

2

Logo no mesmo dia mandou, pelo tropeiro Romeu da Luz recado para o coronel Robustiano de Araújo na Fazenda Santa Mariana:

— Não esqueça de dizer ao Coronel que nasceu o afilhado dele.

Romeu da Luz acompanhara Gerino até a tenda do ferreiro para visitar Diva e conhecer o filho de Tição. Incessante romaria, não faltou ninguém. Zilda trouxe uma camisola de pagão e sapatinhos de croché, feitos por ela. Fadul retirou de seus guardados e pendurou no pescoço de Cristóvão, para livrá-lo do mauolhado, uma correntinha com uma figa de ouro, pequenina. Entre os primeiros a aparecer, Bastião da Rosa e Abigail, ela arremedava uma barrica, toda redonda: tendo engravidado antes, pariu três dias depois de Diva.

— Se nascer mulher — decidiu o mestre pedreiro —, quando os dois crescerem vão juntar os trapos. Fica contratado desde agora.

Nas fazendas, as colheitas haviam terminado, chegava ao fim a secagem do cacau. Safra além de todas as previsões e esperanças, dobrara a anterior com a impetuosa produção das roças novas. Nas casas dos coronéis dinheiro era cama de gato, disparavam os créditos nas agências do Banco do Brasil em Ilhéus e em Itabuna, nas contas correntes das firmas exportadoras. Nos cabarés, os fazendeiros espoucavam champanha, presenteavam as comborças com anéis de brilhante, pulseiras de ouro, colares de pérolas. Para um coronel ser deveras respeitado, devia possuir casa civil e casa militar: na civil, esposa austera e religiosa, rainha do lar, devotada aos cuidados da família, aos deveres de mãe; na militar, amante vistosa e chique, posta nos trinques, boa de cama, alegre companhia, para deleite da vista e regalo do corpo e para fazer inveja.

No intento de dar a medida dos despropósitos, corria à voz pequena nas ruas das cidades, nos caminhos das roças, que os coronéis acendiam charutos com notas de quinhentos mil-réis. Ao que parece, realmente, em noite de esbórnia memorável, comemorativa do fim da safra num cabaré de Ilhéus, o coronel Damásio de Castro ou o filho dele, o bacharel Zequinha — as versões se contradizem — botara fogo numa nota de quinhentos para com ela acender o cigarro de Wanda Miau-Miau, suprema homenagem. Acendera o cigarro da fúlvida polaca e aproveitara o lume para o charuto Suerdieck feito à mão na fábrica de São Félix.

Não menos farta e feliz fora a colheita de Jacinta Coroca, colheita de

meninos. Não perdera nenhum e em lugar de sete tinham sido nove, um atrás do outro. Como assim se eram sete as prenhas desfilando em Tocaia Grande, nas duas margens do rio, durante o inverno, sob a chuva fina? Dinorá, conforme as previsões dos abelhudos, pariu gêmeas com a diferença de menos de meia hora entre as duas meninas, duas bonequinhas na gabação da parteira, Marta e Maria, as primeiras mabaças de Coroca. O nono, aliás o primeiro a nascer, foi posto no mundo por Guaraciaba, mulher de Elói Coutinho, casal proveniente do Recôncavo. Por eles Castor soubera do falecimento do tio Cristóvão Abduim e do devoto comportamento de Madame La Baronne, entregue aos afazeres da Matriz. Mais do que a idade, o sol dos trópicos a avelhantara sem contudo lhe diminuir o élan, prosseguia ativa e atuante: na fervorosa récita do ora-pro-nobis, debulhava adolescentes coroinhas, sem distinção de cor, mantendo no entanto certo fraco antigo pelos escurinhos, dos acólitos de Deus os prediletos.

Tamanqueiros de profissão, Guaraciaba e Elói ergueram um casebre e começaram a trabalhar, com afinco e aptidão, o couro e a madeira. Guaraciaba por pouco não desova no caminho, tão pejada estava. Foi a pioneira naquela parição; uma das estancianas, Zeferina, fechou o ciclo, teve menino na noite em que a enchente começou.

Cinco fêmeas e quatro machos nas mãos de Jacinta Coroca, mãos abençoadas no incenso da velha Vanjé, louvor que de boca a boca se generalizava: mandavam-na chamar das fazendas próximas. Da mulher do coronel Setembrino Arruda salvou a vida — a dela e a da cria —, transformando em feliz sucesso um parto difícil, prematuro, de sete meses. Dona Beatriz descansava na casagrande da fazenda, entre Taquaras e Tocaia Grande, à espera da data prevista para ir dar à luz em Ilhéus, assistida pela capacidade do doutor Ismael Alves, obstetra ideal seja pela sabença celebrada, seja pela idade respeitável. De repente foi aquele corre-corre, um deus-nos-acuda: mandaram a toque de caixa um mensageiro com a montaria e ordens de trazer Coroca; voando, a todo vapor. Chegou a tempo, segurou as pontas, lutou com a morte, palmo a palmo, não teve medo. Será que não?

3

O coronel Robustiano Andrade deu as alvíssaras à comadre Diva, alvíssaras dignas de quem colhia mais de cinco mil arrobas de cacau e marcava com seu ferro tantos rebanhos, incontáveis cabeças de gado pé-duro: bois, vacas, novilhas, bezerros e dois touros guzerás, comprados a

peso de ouro no sertão de Minas Gerais, filhos de campeão importado pelo famoso criador coronel Alfredo Machado. Alvíssaras em nota de quinhentos, estalando de nova.

— Foi Isabel que mandou pra comadre comprar umas bobagens pro afilhado.

Visita de parabéns, por consequência alegre. Entretanto Tição percebeu nos modos do fazendeiro, de hábito conversador e trocista, uma latente apreensão. Não se aventurou a perguntar a causa mas o próprio Coronel, ao despedir-se na porta da oficina, revelou: — Estou muito preocupado, Tição. Muito mesmo.

— E por que, se mal pergunto, Coronel?

— Está chovendo sem parar nas cabeceiras do rio, uma corda-d'água cada vez mais forte, O rio está enchendo por demais, não sei o que vai acontecer. Deus queira não se passe nada. Pelas dúvidas, tomei providências para retirar o gado para aquele casco mais no interior onde fica o criatório de bezerros, você conhece.

Também ali a chuva lavava o vale, engordava o rio. O fazendeiro e o ferrador de burros demoraram-se um instante examinando o céu coberto de nuvens negras, carregadas, ouvindo o zunido do vento atravessando a mata. O coronel Robustiano de Araújo completou antes de partir sob o aguaceiro:

— Meu temor maior é pelas roças de cacau que estão florando: a safra pode gorar. Vamos rogar a Deus que a chuva pare.

4

Seu Cícero Moura, conhecido nos puteiros pelo apodo de Doutor Permanganato, baixinho e delicado, representante de Koifman & Cia, uma das principais casas exportadoras de cacau, subia e descia o território do rio das Cobras montado em Envelope, burro lerdo e cauteloso, de passo medido e meditado: nos caminhos de lamaçais, boqueirões, despenhadeiros, a segurança do cavaleiro dependia da qualidade do animal.

Nem sequer para atravessar as trilhas abertas na mata, para arranchar em ínfimas caixa-pregos, seu Cícero Moura abria mão da gravata-borboleta, do colarinho e dos punhos engomados, a ponta do lenço dobrada sobressaindo do bolsinho do paletó, a corrente do relógio cruzada no colete, o cabelo luzidio de tanta brilhantina, uma risca no meio do penteado, última moda. Como se estivesse a caminho de um sarau de gala. De certa maneira assim era, pois nas casas-grandes das fazendas onde

pousava sempre que podia, sua chegada movimentava cozinheiras e mucamas, sendo ele chegado à boa mesa e às criadas de servir. Pequeno e magricela, em cada refeição comia seu peso. Quanto às criadas, tinha razões de sobra para preferi-las.

Os melhores clientes de seu Cícero Moura se encontravam entre os pequenos fazendeiros. Necessitados em geral de numerário para enfrentar as despesas do paradeiro, não podiam aguardar temporão e safra quando o preço da arroba de cacau atingia culminâncias como faziam os grandes proprietários. Seu Cícero Moura comprava por antecipação, e a preço conveniente, parte da safra vindoura, adiantando o pagamento. Nessas plantações menores discutia e acertava negócios, bebericando um cafezinho ou um cálice de licor de jenipapo, mas para hospedar-se, comer e passar a noite, preferia as grandes fazendas onde o sal era de primeira e as mucamas, crias da casa, eram umas gracinhas.

Umas gracinhas, encantavam-no pela mocidade e pelo asseio. Deitando-se com elas considerava-se garantido, livre do perigo de apanhar doença feia. As moléstias venéreas, gonorreia, mulas e cavalos, grassavam nos puteiros da região, tratadas à base de mezinhas e garrafadas milagrosas. Apenas começara a palmilhar aqueles cafundós-de-judas, seu Cícero Moura pegara numa pensão de raparigas, em Taquaras, uma gonorreia que se tornara crônica e de gancho e lhe dera panos para as mangas. Desde então carregava consigo nas viagens permanganato em pó: se tivesse de castigar o pau com mulher da vida, exigia que a quenga começasse por lavar as partes com uma solução de permanganato dissolvido em água, condição sine qua non para trepada e pagamento — não era mesquinho se lhe satisfaziam as exigências. Somente em último caso, porém, recorria às putas. Nos braços das mucamas sentia-se seguro, pois sendo elas via de regra defloradas e possuídas pelos coronéis tinham de ser, em consequência, limpas e sadias. Não desdenhava também de amigadas e dava a vida por menina nova, recém-descabaçada. Seu Cícero Moura, um tampinha assanhado, doido por mulher.

Tornara-se figura popular nos limites das províncias do rio das Cobras. Na imponente pasta de couro, além do caderno de notas com os números das compras e dos créditos, levava maços de pequenas estampas de santos, coloridas, que distribuía com igual piedade às senhoras dos coronéis, às mucamas nas sedes das fazendas e às raparigas nos puteiros: prenda recebida sempre com agrado.

Vez por outra via-se seu Cícero Moura desmontar do burro Envelope em frente ao armazém do árabe Fadul Abdala, enfrentar uma dose dupla

de conhaque e se informar sobre o mulherio:

— Tem gado novo por aí, amigo Fadul? Alguma bezerra desmamada?

Iniciando seu percurso, na entrada da entressafra e das chuvas de verão, o comprador de cacau passou por Tocaia Grande e repetiu a pergunta habitual. O turco apontou com o dedo a lesa parada sobre o pontilhão, coberta com um saco de aniagem:

— Alguém comeu os tampos da bichinha e os meninos estão se pondo nela. Esse galalau daqui, também. — Referia-se a Durvalino ocupado em lavar garrafas junto ao poço.

Seu Cícero Moura ainda fuxicou detalhes de idade e de ensejo: quando se dera o caso mais ou menos? Assim novinha, a xoxota em flor, sem ter tido tempo de pegar doença, abrindo as pernas por prazer, não por dinheiro, exatamente como ele apreciava. Traçou o resto do conhaque, dirigiu-se para o pontilhão, o olhar aceso.

5

Servindo a cachaça escassa do paradeiro a fregueses ocasionais, Fadul Abdala digeria notícias alarmantes com os olhos postos no céu de chumbo. Conjeturas, vaticínios, exclamações de alarme rolavam sobre o balcão sebento. Também o coração do turco se confrangia.

Antes de seguir para Taquaras sob o aguaceiro — parecia o mesmo que acolhera à chegada tão seguidas desabavam as pancadas d'água — o coronel Robustiano de Araújo parou na venda do árabe para dar-lhe bom dia, tomou um trago precavendo-se contra os sintomas de defluxo e reafirmou a apreensão que o consumia:

— Vou a Ilhéus mas volto no mesmo pé. Há mais de quinze anos não via tanta água. A coisa não está pra brincadeira.

Com igual pressa em voltar às roças ameaçadas, o capitão Natário da Fonseca chegou de prolongada ausência nas fazendas da Boa Vista e da Atalaia, portador de notícias tristes, recebidas de Itabuna. O rio Cachoeira transbordara, inundando fazendas, destruindo roças, transformando-as em imenso lamaçal, expulsando os trabalhadores para o arraial de Ferradas. Enormes prejuízos: as flores do temporão foram-se na enxurrada.

O coronel Boaventura Andrade, não menos preocupado, aproveitara-se para reenviar dona Ernestina às comodidades do palacete em Ilhéus, não antes no entanto que a santa senhora iluminasse a capela com dezenas de velas acendidas aos pés de São José, com a assistência da moça Sacramento, amor de menina, dedicada aos patrões, séria e diligente. Dócil

e cálida, acrescentava o Coronel a seus botões, aninhando-se nos braços acolhedores para suportar essas novas aflições que se acrescentavam a antigos e pesados amargores. Se São José não se comovesse com as velas e as promessas, se o dilúvio persistisse nas cabeceiras do rio das Cobras, também ali, como sucedera no vale do rio Cachoeira, o temporão estaria perdido e a safra correria perigo.

Não foram apenas o coronel Robustiano e o capitão Natário, donos de terras e de roças, a tocar rebate. Mateiros e alugados, passantes no rumo da estação e das cidades, bandos de putas em retirada, repetiam a mesma desolada lengalenga: as águas subiam e ameaçavam o cacau. Batido pela chuva, também Pedro Cigano veio se refugiar em Tocaia Grande:

— Caminhos não tem mais, é pura lama, as tropas já não passam. Vou ficando por aqui até Deus mandar uma estiada.

No balcão de seu próspero negócio, Fadul Abdala ouvia os relatos assustados, os maus presságios. Todos eles, os fazendeiros, os alugados, as raparigas e o tocador de harmônica preocupavam-se com a floração das roças, os incipientes bilros nascendo nos cacaueiros, com o temporão e a safra.

Escutando, constatava que ninguém se referia ao destino dos viventes. Calculavam o montante dos prejuízos causados pela enchente do rio Cachoeira, mas com a sorte dos retirantes sem pouso e sem comida, apinhados em Ferradas, ninguém se preocupava nem deles se compadecia. Tendo perguntado o que estava sucedendo com aqueles infelizes, soube, mais ou menos vagamente, do surto de bexiga negra. Casos esparsos de bexiga não davam motivo para sustos, mas quando prosperava em epidemia, a morte fazia a feira, faturando alto.

Mais de dois decênios haviam transcorrido desde que Fadul Abdala pisara o chão do cacau e se fizera grapiúna, primeiro de alma e entranhas, depois de certidão. Guardava no fundo do baú, envelopado em papel pardo, o documento do cartório de Itabuna, no qual se liam data e local do nascimento de criança de sexo masculino, cor branca e etecétera e tal, que na pia batismal recebera o nome de Fadul. Vira a luz do dia na Fazenda Araruama, no termo de Macuco — brasileiro nato por obra e graça de Ubaldo Madureira, segundo escrivão e companheiro de regamboleio nas pensões de raparigas. Homens e mulheres, meninos e meninas sobretudo, chegados do outro lado do mundo, renasciam brasileiros na pena garranchosa do amanuense, O tabelião, bacharel Márcio Costa do Amaral, punha carimbo e rubrica, garantias da verdade, embolsava boa parte da maquia.

Bons brasileiros, diga-se para que a verdade se complete. Fadul quase esquecera dia e circunstância do desembarque no porto de Ilhéus, adolescente recomendado ao patrício Emilio Calim, proprietário do Bazar Alexandria em cujo balcão penara e aprendera. Mas ainda não se compenetrara: em sua amada pátria grapiúna, antes dos homens e mulheres vinham os pés de cacau, contavam mais.

Inesperadamente, seu Cícero Moura, que devia estar de fazenda em fazenda comprando cacau por conta de Koifman & Cia, prendeu o burro Envelope no poste do oitão do armazém, achegou-se ao balcão tomando cuidado para não sujar as mangas do paletó surrado porém impecável, apesar de todo aquele aluvião de lama. Fadul chegou a estranhá-lo, pois o corretor não pediu notícias do mulherio, não quis saber de gado novo, O rosto ensombreado, não escondia o desassossego: — A situação está ficando preta, amigo Fadul, ninguém quer fechar negócio. Vou esperar por aqui que as chuvas parem.

Fadul admirou-se: esperar em Tocaia Grande? O Doutor Permanganato pousava habitualmente em Taquaras onde inclusive viviam contraparentes seus. O turco não perguntou a razão: no balcão do cacete armado terminava por saber mais dia menos dia o porquê das coisas sem ser preciso demonstrar curiosidade ou empenho, sem passar por perguntão.

6

Acompanhada por Tarcisio, Coroca dirigiu-se para o rancho dos estancianos na outra margem. Ao atravessar o pontilhão, constatou o crescimento do bojo do rio: cheio e rumoroso descia com raiva, reclamando. Reparou nos montões de baronesas arrastadas no ímpeto da correnteza. Uma flor azul, erguida entre duas folhas verdes, mantinha-se incólume no burburinho das águas, frágil e soberana. O rio, bom amigo: dava-lhes peixes e pitus, água para todas as necessidades, nele se banhavam, lavavam roupa, matavam o tempo em galhofa e prosa e, nas noites claras de lua cheia e nas escuras de lua nova, casais enrabichados usavam-no para namoro e vadiação, mergulhavam abraçados nas águas tépidas, gemiam nos remansos, se abrigavam nos desvãos dos juncos. Sem quê nem porquê transformara-se em inimigo, rosnava bravatas, trovejava ameaças. Coroca assim pensou mas nada disse, para não aumentar a aflição do suplicante.

O rapaz caminhava depressa e tenso, era natural: Zeferina, sua mulher, queixara-se dos primeiros puxos, dores ainda leves e intermitentes. Afobado, ele se tocou debaixo do toró para a casinha de madeira na Baixa

dos Sapos. Não ia esperar que aume tassem as contrações ou que a padecente começasse a perder as águas, para então sair em disparada à procura da parteira.

— Chegou a hora da onça beber água, dona Coroca. Vambora!

Vambora! Quantas vezes Coroca ouvira o chamado imperativo, atendera à ordem peremptória, e saíra, também ela agoniada? Controlava o nervosismo e o medo, somente conseguia encontrar a calma necessária ao chegar ao local e assumir o mando da pugna: ela de um lado, do outro a morte. Na ocasião o sobressalto, o aperto no coração era ainda maior, pois, não passando das três da tarde, tinha-se a impressão de que um prolongado crepúsculo, feio e triste, se abatera sobre Tocaia Grande.

Vamos, concordou sorrindo a fim de acalmar Tarcísio. Cobriu a cabeça com um saco e lá se foi fazer o parto de Zeferina. O oitavo da seara iniciada com Guaraciaba, a tamanqueira: o nono levando em conta que o de Dinorá fora de gêmeos em noite de prodígio e maravilha!

As rajadas de vento ameaçavam carregar o consumido corpo de Coroca e no pontilhão ela teve de apoiar-se no braço do acompanhante. Com tanta chuva ninguém punha o pé fora de casa, mas não compete à parturiente escolher a data da desova. Quando atendeu Hilda e a aliviou, sia Leocádia, entendida em coisas de religião, explicara que a hora e o dia são anotados na folhinha do céu, com antecedência. A parteira zombava das crendice anciã: quer dizer que quando o menino nasce antes de tempo é porque o santo errou nas contas das luas entre o dia da descaração e o do padecimento, me diga vosmicê. Sia Leocádia ria com os disparates de Coroca, além de pecadora, herege: o ambiente se desanuviava, os trabalhos de parto decorriam fáceis, sob as bênçãos do Senhor.

As estancianas eram de bom parir, ao menos Hilda e Fausta tinham sido, certamente o mesmo iria acontecer com Zeferina. Os maridos, em troca, uns avexados, ao primeiro alarme corriam para a casa da parteira. Enquanto ordenava os preparativos iniciais, Coroca punha-se a par das iniciativas e dos projetos daquele povo trabalhador, unido e cordato, igual ao de Ambrósio. E festivo, a se julgar pelo pouco tempo de residência: qualquer pretexto servia para que armassem um arrasta-pé; se possível, de acordo com os demais sergipanos e com a gente do arraial, no último caso eles sozinhos: não deixavam escapar domingo sem um divertimento. A música não era problema, os quatro homens formavam um conjunto bem ou mal afinado, pouco importava: Vavá e Tarcísio ao violão, Gabriel no cavaquinho, na flauta Jardelino quebrava o galho. Dois dos mocetões, Zelito e Jair, arranhavam também as cordas da viola e não faziam feio. Sia

Leocádia puxava o rancho, a mãe da animação.

Adiante do criatório de Altamirando, onde, no outeiro pedregoso, as cabras reproduziam-se destras e independentes — cabrito-montês. Ção as apascentava —, os estacianos haviam medido várias braças de terra, começavam a roçá-las e plantá-las: campos de mandioca, feijão e milho, de batata-doce a aipim. As mulheres se encarregavam da horta, cultivavam as verduras e os legumes mais consumidos na região: chuchu, quiabo, jiló, maxixe, abóbora. Sia Leocádia explicava: — Gosto de comer um cozido de sustância... — costumes de Sergipe, influindo na mesa grapiúna, marcando gosto e preferência.

Planejavam plantar um pomar para cultivar laranjas — a de umbigo, nem o mel se lhe compara no sabor, a d'água e a seca, a da terra, amarga como fel mas com a casca faz-se o doce mais gostoso — limão e tangerina, além das frutas que ali cresciam ao deus-dará, tantas e incomparáveis: jaca, manga, abacate, mamão, caju, mangaba, pitanga, cajá, jaca-de-pobre, fruta-de-conde, condessa e pinha, groselha, jambo e carambola, goiaba e araçá, muitas e muitas outras, nem de longe a lista se esgotou. Touceiras de pés de banana de espécies variadas: da terra e d'água, da prata e de ouro, a banana-maçã e as de são-tomé, roxas ou amarelas, boas para levantar as forças dos doentes. Mais ainda do que em religião, sia Leocádia era entendida em doces de calda e de pasta, em Estância fazia-os para vender a numerosa freguesia. No dia em que os estancianos terminassem de amanhar o chão que haviam demarcado, a feira de Tocaia Grande não ia dar abasto ao farturão. Sia Leocádia projetava vender as sobras na feira de Taquaras. Habitavam um rancho de palha, enorme, com divisões para os diversos casais e para a meninada, mas previam para breve a construção de casas separadas, ao menos quatro.

Parto fácil, ode Zeferina, a exemplo dos de Hilda e Fausta. Não foi como o de Isaura, trabalhoso, tampouco duplo como o de Dinorá. Havia uma certa expectativa no arraial em torno da desova de Zeferina, dando lugar a algumas apostas sobre o sexo da criança. Em Tocaia Grande tudo e nada eram motivo para jogo e rifa, rifavam-se gatos e cachorros, pássaros cantadores, gaiolas trabalhadas, um relógio sem corda, uma garrucha, o diabo a quatro. No decorrer da temporada tinham nascido quatro machos e quatro fêmeas, caberia a Zeferina o desempate — os peritos colocavam dinheiro na forma e no empino da barriga.

Nasceu menina já depois das nove da noite e sia Leocádia anunciou o nome escolhido: Jacinta. Jacinta, ai, não me diga! Sim, senhora, o nome da comadre responsável pelos partos das três estancianas, quem mais

merecedora? Não mereço nada, nem sei o que dizer, isso não se faz. Tomada de surpresa, Coroca perdeu o rebolado, viram-na por fim encabulada.

Tudo em ordem, Coroca lavou as mãos com um pedaço de sabão de coco, outra novidade dos estancianos, tomou o gole de café coado por Fausta e em cima o trago de aguardente servido por Gabriel. Recusou acompanhante para o caminho de volta — onde já se viu? Ao cruzar o pontilhão, assustou-se: as águas, barulhentas, céleres e rebeldes, encobriam-no, corriam sobre as tábuas, incontroláveis. Ainda não havia chegado na porta de casa quando ouviu o estampido assustador.

7

A cabeça-d'água alimentada pelas chuvas do dilúvio cresceu nas nascentes do rio das Cobras, ergueu-se altíssima montanha, e espoucou. O rio então desceu das cabeceiras, rugindo, varrendo tudo o que encontrou em sua frente. Opresso nos limites imemoriais das margens, atrabiliário ele os rompeu e a enchente inundou Tocaia Grande. Foi um horror, recordava o Turco Fadul.

Na mata invadida, os animais fugiam apavorados, subindo pelas árvores, enfiando-se terra adentro, num êxodo onde se misturavam cobras e onças, passarinhos e macacos, porcos-do-mato, tatus e capivaras, lerdas preguiças movendo-se de galho em galho. Os que não escaparam a tempo lutavam impotentes contra a correnteza, logo os corpos foram muitos e diversos, boiando à deriva, bichos selvagens e criações domésticas.

Com o estrondo, quem estava dormindo se acordou, quem velava à espera do pior pôs-se de pé, saíram todos portas afora. O rio arremetia insano, a massa de água crescia a cada instante e se alastrava, destruindo o que encontrava pela frente. Ao rio se juntou o vento, rodopiando furibundo, para terminarem de vez com o arraial. Vislumbravam-se vultos na escuridão, alguns empunhando fifós que em seguida se apagavam, outros gritando recomendações, pedidos de socorro, ordens, quem sabe o quê: o vendaval consumia as palavras e a luz das candeias. Não se ouvia nada além do ronco apavorante da enxurrada e do bramido fúnebre do tufão.

Um homem passou correndo, era o carpina Lupiscínio, foise postar junto ao pontilhão. Será que pensava sustentá-lo com as mãos, defendê-lo com o corpo? Mulheres afluíam da Baixa dos Sapos, desatinadas; chegava gente do Caminho dos Burros; reuniam-se no descampado em pasmo e confusão, em alarido e choro. Ninguém sabia para onde ir nem o que fazer.

Mais forte que o terror e o desespero, a voz tonitruante do árabe .Fadul Abdala cobriu o zunido do pé-de-vento e o motim das águas. Punhos erguidos, desafiava os céus.

8

Primeira construção a ruir e a ser tragada no caudal das águas, o velho palheiro, apodrecido pelo tempo, arrastou em seus destroços a memória de alegrias e tristezas. Quando havia dança no chão de barro batido, sólido que nem cimento, o Turco Fadul, usando vocabulário de cabaré, denominava-o pomposamente salão de baile. Mas servira com igual proveito de dormitório para tropeiros e passantes que ali acendiam braseiros para chamuscar jabá e esquentar café. Juntavam-se em roda dos baralhos, sala de jogo, cassino de apostas, antro de trapaças e bafafás onde refulgia amiúde o aço dos punhais. Cenáculo de prosa e cantoria: casos; embelecos, abusões, modinhas, repenicar de violão e cavaquinho, sons de concertina. Enfermaria de hospital, ali repousaram doentes em trânsito para Itabuna em demanda de médico e farmácia. Capela mortuária, onde parentes e estranhos velaram defuntos relembrando-lhes os feitos e as qualidades no ânimo da cachaça. Território de frete e de xodó, no palheiro olhares cruzaram, ouviram-se galanteios, casais se conheceram e se desejaram, se desentenderam e se despediram, sonhos nasceram e se desfizeram. Arena de desavenças, cólera e peleja, ali a violência desmandou-se, correu sangue e aconteceram mortes.

Nos distantes outroras houvera um pequeno galpão, abrigo levantado pelos valentes que abriram a trilha reduzindo o percurso dos comboios de cacau e, ao desembocar em lugar assim bonito e acolhedor, referiram-se à ocorrência ainda recente da tocaia grande e com esse nome o batizaram. Tendo crescido o movimento dos tropeiros e aumentado o número dos moradores, tornando-se intenso o tráfego de putas, mateiros e alugados, instaladas bodega de turco e tenda de ferrador de burros, houve necessidade de local mais espaçoso.

Para edificar o palheiro se congregaram todos os habitantes: duas dúzias de degredados, se muito, contando homens e mulheres. Pressurosos e unânimes atenderam o apelo de Castor Abduim, novidadeiro, quando, a pedido da negra Epifânia, o ferreiro resolveu festejar o São João. Para dizer a verdade, a festa começou na hora em que decidiram construir o palheiro e distribuíram as tarefas. Não foi trabalho, foi divertimento: cortar as palhas nas palmeiras, medir as varas de bambu, traçar a costura dos cipós, estabelecer as bases e a cobertura.

Uma festa, comprovou Pedro Cigano que, estando de passagem, resolveu deter-se em Tocaia Grande para participar do rumoroso vaivém e comandar o ciclo dos festejos. Começou propondo antecipar a data da inauguração para a noite de Santo Antônio, proposta acolhida com entusiasmo.

Quantas festas o sanfoneiro abrilhantara no pobre e feérico salão de baile de Tocaia Grande? O número exato nem ele sabia, nem ninguém, tantas tinham sido, cada qual mais animada. Mas os que participaram do dançarás inicial jamais o esqueceriam por motivos vários que tiveram a ver com a abrupta presença da morte e com a proclamação da vida.

Começara influído e ruidoso com tumultuado fuzuê de putas no qual se exibiram Dalila e Epifânia, Cotinha e Zuleica, um pega-pra-capá realmente divertido e empolgante. Para esquentar uma festa nada se compara a um bom tira-teima de raparigas. Assim sendo, o baile prosseguira na maior satisfação até a hora do conflito, quando os boiadeiros quiseram agarrar as mulheres à força. Como se sabe, terminou em tristeza e luto.

Uma bala perdida matou a pequena Cotinha, surpreendente criatura: corpo franzino, alma compassiva, ânimo forte. Sabia receitas de doces e licores e os preparava, delicias de convento. Crescera num convento de monjas onde para melhor servir a Deus servira de consolo e passatempo a frei Nuno de Santa Maria, poderoso cachopeiro português. Quando o nome de Cotinha vinha à tona, recordado com saudade, Coroca a comparava a um passarinho

Antes porém de receber o tiro, ela e todos os demais circunstantes, os da terra e os de fora, os de boa paz e prepotentes, ouviram a proclamação enunciada em alto e ban som por Fadul Abdala em nome da pequena comunidade que ali vivia e labutava: em Tocaia Grande eram todos por um e um por todos, eis a divisa do lugar. Valia a pena recordá-la na hora fatal da inundação, ao se ver o arraial ameaçado de desaparecer nas águas, quando mais uma vez o turco se ergueu para falar em nome da comunidade bem mais numerosa. Para reafirmar a divisa inscrita na noite de Santo Antônio nos brasões que Tocaia Grande não chegou a possuir, pacto de vida triunfante sobre a morte

9

No meio das palhas desfeitas, levadas pelas águas, reconheceram-se pertences de seu Cícero Moura: os punhos de celulóide, o colarinho duro, a gravata-borboleta, a camisa e o par de calças. Onde estariam o capote e as botas, peças de valor? E o próprio comprador de cacau, distinguido

cidadão, representante de Koifman & Cia? Se dormira no galpão, certamente enfiara o capote e as botas e saíra a ver a desgraceira.

10

Logo a seguir ao palheiro, foram-se de roldão nas águas turvas do rio as choças de palha das raparigas, os casebres de barro batido, misérrimas moradias. Também o quase nada que as andejas possuíam: enxergas e esteiras, rotas e sujas cobertas de chitão, utensílios de barro, latas de variado emprego, mafuás de penúria.



De pé restou apenas a casinhola de madeira mandada construir nos antanhos pelo capitão Natário da Fonseca para abrigar Coroca e Bernarda, a velha e a menina. Ainda assim invadida pelas águas, os trapos de vestir e os objetos de uso perdidos no arrastão. O caixão de querosene, berço do menino, fizera-se em pedaços contra uma árvore na danação da

correnteza.

Não escapara sequer o barraco levantado para Epifânia quando a negra despontara naquelas bandas com sua manemolência e os homens do lugar se esmeraram na massa dos adufes e no trançado de varas. Resistiu um pouco mais, terminou por adernar e se desfazer em lama. Em dois tempos, o puteiro se acabou, da Baixa dos Sapos só restava o nome.

11

Ao ouvir o estampido, Coroca precipitara-se para casa, entrou gritando por Bernarda. Não esperou que ela despachasse o freguês, arrebanhou o menino e partiu correndo, espadanando água, curvada pelo vento. Ao sair, avisou:

— Tou indo pra casa do Capitão, levando Nadinho. Ande depressa.

Bernarda a alcançou no começo dos degraus de pedra, arfante: — Que chuva é essa, comadre? Nunca vi...

Coroca restituiu-lhe a criança: — Se fosse só chuva... É a enchente, tu não se deu conta?

—. Tava ocupada. Pra onde vosmicê vai?

Coroca dera meia-volta, Bernarda segurou-lhe o braço: a lama corria entre as pernas das duas mulheres, o vento as sacudia: — Zeferina pariu inda agorinha, vou lá ver ela e a menina que nasceu. Ajudar no que puder.

No sopé da colina vultos se agitavam. Não passou pela cabeça de Bernarda deter a velha, ao contrário soltou-lhe o braço, aconchegou o menino contra o peito e, antes de retomar a subida, avisou: — Deixo Nadinho com madrinha Zilda e vou lhe encontrar.

— É melhor tu ficar por aqui. Vai ter muito que acudir.

— Possa ser.

Coroca desceu equilibrando-se nos degraus escorregadios, Bernarda prosseguiu na subida, Edu veio a seu encontro: — Quer que ajude? Me dê o menino. Mãe tá lhe esperando.

— Precisa não. E tu? Tá indo onde?

— Vou pegar um burro pro mode ir avisar Pai que tá na Atalaia sem saber de nada.

Ouviram o barulho do palheiro desabando. Parados, tentaram enxergar na escuridão, o vento cortava como navalha. Edu despencou pela ladeira.

— Corre pressa!

Bernarda retomou a subida; o menino choramingava. Da varanda destacou-se o vulto de Zilda, andou rapidamente para Bernarda, estendeu os braços para recolher a criança:

— Me dá meu filho.

Somente então, ao abrigar-se em casa dos padrinhos, Bernarda estremeceu de medo: não dos perigos da enchente, não era medo de morrer. Muito pior: teve medo da bondade, das abnegações da vida. Bem Coroca lhe avisara: quando mulher-dama bota menino no mundo, um dos dois se prepare para sofrer. Ou o filho na desvergonha e no descaso dos puteiros ou a mãe partida ao meio, o coração fora do peito.

12

Os acontecimentos, os grandes e os pequenos, estes não menos importantes, ocorreram, vários ao mesmo tempo, com a mesma incrível rapidez com que as águas se alastraram e se elevaram, cobrindo por inteiro o vale e o sopé das colinas. Um mar, mal comparado — disse o velho Gerino que nunca vira o mar mas o sabia desmedido.

Ao abandonar as moradias sob o impacto do estrondo do rio a se rasgar, os habitantes deram-se conta de que estavam com água no meio das canelas mas nem tiveram tempo para se admirar pois a água continuou a subir coxas acima, ultrapassou as barrigas, chegou ao peito dos mais altos, ao pescoço dos mais baixos. O nível mais elevado mediu-se pela manhã numa claridade difusa como se a noite tentasse prosseguir: a cheia batia no queixo de Fadul. O povo subira pelos morros, espremia-se nos degraus da ladeira empedrada que levava à casa do Capitão.

Noite de pesadelo, houve um começo de pânico, por pouco não se generaliza. Contido a duras penas, foi possível ordenar providências enquanto a enchente ainda não ultrapassara a altura média dos adultos. Desarvoradas baratas tontas, as raparigas iam da oficina ao armazém, recorriam aos gritos a Castor e a Fadul, de algumas mais desvairadas partiu a histeria e o anúncio do fim do mundo. O resto do povo atirara-se para o descampado ao ver, com os olhos que a terra haveria de comer, o casario do Caminho dos Burros reduzir-se a menos de metade em questão de minutos. As choupanas e os barracos desabavam na torrente, iguais a frutos apodrecidos caindo das árvores. Malocas levantadas às pressas, provisórios abrigos de viventes que tendo chegado sem intenção de permanência, pensando demorar-se o período de uma empreitada, botaram raízes e ali se fixaram. De pé resistiram as construções mais sólidas, de tijolo e pedra e cal; ocupadas pelas águas que entravam e saíam por portas e janelas, os moradores expulsos.

Pouco afeitos ao medo, valentes e fanfarrões, habituados a conviver com jaguatiricas ferozes e serpentes venenosas, a desafiar a morte nos

caminhos de tocaias, jagunços e clavinoteiros, viam-se de súbito ameaçados por forças superiores — as águas em revolta derrubando casas, tragando animais, o vendaval arrancando árvores, levantando-as no ar — não sabiam como enfrentá-las, sentiam-se desarmados, impotentes. Às armas de fogo — revólveres, repetições, bacamartes —, as armas brancas — punhais, facas de ponta — não resolviam, necessitava-se de outra valentia.

Atônitos, hesitantes, acuados, cercavam Fadul sem saber o que fazer. Não faltava o que fazer se quisessem enfrentar a situação e limitar as consequências: bastava olhar em derredor, acompanhando o gesto imperativo do turco, os braços estendidos. Fadul não titubeou: acabara de dizer a Deus as últimas verdades, estava pronto para o que desse e viesse.

Começou recuperando o caixeiro Durvalino, pondo-o nos eixos: o varapau ameaçara perder a cabeça e fazer feio. Ao avistar as roupas de seu Cícero Moura boiando nas águas, Leva-e-Traz ficara pálido, dera para tremer. Os olhos esbugalhados, apontando a camisa e o par de calças, começara a vagir que nem criança nova, manifestara sintomas de chilique, como se não bastassem as putas. Urgia terminar com o mau exemplo antes que outros o imitassem e fosse geral o faniquito. Fadul não perdeu tempo com discursos e conselhos, recorreu a remédio comprovado: aplicou a mão no pé do ouvido de Já-Sabe?, um único bofetão: — Se guenta, seu frouxo!

Foi tiro e queda, Durvalino aguentou as pontas: se não recuperou a calma absoluta, ao menos engoliu o cagaço, começou na mesma hora a trabalhar. Cagaço, frouxidão, termos inadequados para definir o estado de espíritodo empregado do armazém: uma cisma, um pressentimento ruim. Vez por outra estremecia, abria a boca como se quisesse contar alguma coisa mas continha-se, guardava para si sobrossos e cuidados. Do jeito que o patrão estava, a ocasião não era propícia para discutir-lhe as ordens.

A fim de recuperar o ânimo abalado e impedir que o pânico se alastrasse, Fadul atribuiu — atribuiu não, impôs sem deixar escapatória — a cada um, de imediato, responsabilidades concretas a enfrentar e a cumprir. Quanto à população da outra margem, dela se encarregaram Tição Abduim e Bastião da Rosa, parentes afins dos sergipanos por laços de amigação.

13

Não tardou e a casa do Capitão se encheu de gente, pela manhã estava abarrotada. Ali, até os mais desalentados sentiam-se em segurança, garantidos contra tudo e contra todos, inclusive as incontroláveis forças da natureza, estavam a salvo da raiva e do castigo de Deus. Por encontrar-se a

casa situada no alto da colina e por pertencer ao capitão Natário da Fonseca.

Para lá transportaram os recémnascidos e as paridas, além de uma rapariga de nome Alzira, queimando de febre, sem forças para andar, carregada às costas por Balbino. Na sala repleta, Nadinho, o menino de Bernarda, ensaiava os primeiros passos mal equilibrado nas pernas, os outros filhos do Capitão corriam a ampará-lo, estouravam em riso. Bernarda descera para ajudar levando nos olhos a ameaçante visão daquela alegria despreocupada.

Também Diva, tendo entregue a cria aos cuidados de Zilda, despencou ladeira abaixo sob a chuva e o vento, atravessou o descampado com água pela cintura, queria saber dos parentes do outro lado do rio. Havia de chegar lá, fosse como fosse. Enfrentando a enchente, desobedecendo ao combinado com Tição: fique com o menino, deixe que do resto eu me ocupo.

Os pequeninos na cama de casal, a doente na rede de Edu, mulheres chorando, homens calados, soturnos, naquela barafunda, Zilda pensou no que poderia fazer para diminuir o medo e dar novo alento aos fracos e mofinos ali refugiados. Puxar reza como queria dona Natalina não adiantava, a merencória litania só fazia aumentar o acabrunhamento. Zilda andou para o gramofone, manejou a manivela, ajustou o cilindro, a música fluiu, se estendeu e se elevou encobrindo a ladainha, a enchente e o vendaval.

14

Vencido o susto inicial, o povo demonstrou coragem, acudiu aos apelos, foi de bom adjutório. No armazém, para preservar a mercadoria, ajudando Fadul e Durvalino a arrumar o estoque nas prateleiras mais altas, rentes ao teto. No curral, comboiando as reses para os morros a fim de impedir que o turbilhão as arrastasse, trabalheira desgranida. Por sorte eram poucas: a vaca leiteira, uma novilha e um boi aguardando abate. Precavido, o coronel Robustiano antecipara a remessa para Itabuna do grosso da boiada que ali se refazia antes de seguir para o matadouro. No depósito de cacau, para salvar a carga acumulada, à espera das tropas em atraso de Koifman & Cia.

Dezenas de arrobas de grãos de cacau seco amontoadas sobre o assoalho, foi uma lufa-lufa. Com o auxilio dos voluntários, homens e mulheres — as mulheres paravam de chorar, começavam a se divertir —, Gerino e os cabras que guardavam o depósito conseguiram levantar, com

as tábuas sobradas da obra do pontilhão, uma espécie de jirau para nele armazenar, a salvo das águas, o cacau que tratavam de ensacar o mais rápido possível. Ainda assim, parte dos grãos foi atingida e se encharcou: perdendo a classificação de cacau superior, passando a good ou. a regular. Restava discutir quem arcaria com o prejuízo: o Coronel ou a casa exportadora? Em Ilhéus, o fazendeiro alertara Kurt Koifman, o chefão da firma: andasse depressa pois tudo podia ocorrer no vale de Tocaia Grande. As chuvas ameaçavam a floração das roças mas o cacau seco estocado nos depósitos não estava livre de perigo se, a exemplo do rio Cachoeira, o rio das Cobras transbordasse.

Com empenho de admirar-se, Pedro Cigano tomou a si o encargo de recuperar a canoa, tão necessária naquela emergência. Amarrada na margem oposta, seria natural que dela se ocupassem os sergipanos. Mas o sanfoneiro não quis ouvir razões e se tocou. Pela segunda vez, o caixeiro Durvalino agiu de maneira estranha, por pouco não leva outro tabefe. Tentara acompanhar Pedro Cigano, demonstrando também ele singular interesse pela embarcação. Mas Fadul cortou-lhe as asas e o manteve sob suas vistas, recebendo e executando ordens.

Por ordem do turco ou por iniciativa própria, Durvalino, embebendo em breu trapos inúteis, atando-os em varas de bambu, conseguiu fabricar algumas tochas cujo fogaréu resistia ao vento, permitindo enxergar na escuridão. Assim puderam recuperar a tempo parte da criação ameaçada de extermínio e objetos dados por perdidos. Ajudavam galinhas a subir em goiabeiras e cajueiros, conduziam leitões e porcos para as encostas das colinas. Salvavam animais e arrecadavam utensílios sem a preocupação de saber a quem pertenciam: os donos se apressariam a reclamá-los quando a enchente declinasse. Se um dia tal milagre acontecesse.

Não seria por falta de rezas e promessas: a costureira Natalina que, para se abrigar em casa do Capitão, subira os escorregadios degraus da ladeira, enfrentando a torrente perigosa, levando na cabeça a máquina Singer, seu ganha-pão, prometera mundos e fundos a Santa Maria Auxiliadora dos Aflitos e iniciara ladainha, com pouco sucesso, é bem verdade. Igualmente Merência recorrera aos santos implorando demência e misericórdia. Sem levar em conta os rogos das putas: devido ao peso dos pecados não alcançavam os céus, desfaziam-se nas águas da enchente com as palhas apodrecidas das choças.

Temente a Deus benquista nas alturas, Merência mereceu imediata resposta às suas preces. Na fulguração de uma tocha empunhada por Zé Luiz, viu passar entre os destroços, enroscada num tronco de árvore, a

jibóia que habitava na olaria. Ao reconhecê-la, Merência se precipitou, conseguiu salvá-la, depositando-a nos galhos da jaqueira. Atravessara as águas revoltas com a cobra enrolada no busto volumoso: figura estapafúrdia, digna de ser vista, causava espanto e riso. Naquela noite de espavento, nos limites de Tocaia Grande, viu-se de um tudo, houve motivo para espanto e riso, para choro e desespero.

15

Dodô Peroba conteve-se no melhor da vadiagem, buscou soltar-se de Ricardina quando escutou o pipoco do rio, tiro de canhão, ensurdecedor, barulho pavoroso, som de morte. A vaga derrubou a porta da casa de farinha, cobriu os corpos abraçados e os rolou no chão. Dodô conseguiu pôr-se de pé, ajudou a apavorada Ricardina, saiu a ver. A água invadira os roçados, devorava o milharal.

A doca ainda tentou retê-lo ali, em segurança. Mas ele a repeliu, desabrido, brusco, contrastando com seu feitio gentil e maneiroso. Enfrentou o temporal, desconheceu a enchente, o pensamento posto nos passarinhos presos nas gaiolas: — Me larga!

Chegou tarde demais, a barbearia deixara de existir, as gaiolas com os pássaros haviam soçobrado. Para que nem tudo fosse desolação e tristeza, para conter as lágrimas do amestrador de corrupiões e curiós, Guido recolhera das águas a cadeira de barbear e pousada nela, a rolinha fogo-apagou. Dodô tomou do passarinho com os olhos úmidos e o colocou sob a camisa junto ao peito para que se aquecesse. Somente então se interessou pela cadeira, único bem que lhe sobrava, pois do cancã não encontrou vestígio por mais houvesse demorado a procurá-lo.

16

Tição Abduim e Bastião da Rosa desceram juntos da casa do Capitão onde haviam deixado as mulheres e os filhos, Cristóvão e Otília, em companhia de Maria Rosa, a menina dos tamanqueiros que iniciara a safra de partos no fim do inverno. Tamancos ao sabor das águas afiguravam-se pequenos barcos enfrentando tempestades.

Junto ao pontilhão o carpina Lupiscínio montava guarda. Zinho buscara demovê-lo, inutilmente; decidira então fazer-lhe companhia. Bastião da Rosa, que trabalhara com Guido e Lupiscínio no dificultoso empreendimento, vangloriou-se: — Isso é que é obra de se tirar o chapéu. Viva nós, compadre Lupiscínio! — O pontilhão era um dos orgulhos de Tocaia Grande.

— Até agora tá aguentando. Vamos ver pra diante. Onde ocês tão indo?

— Ver como o pessoal de lá tá se arranjando.

— Nós vai trazer os meninos pra casa do Capitão. — Esclareceu o negro: — Por que ocê não vem com a gente? Pode ser de precisão.

— Vamos, Pai. — Insistiu o rapaz: — De que adianta ficar aqui?

— Não adianta de nada, eu sei. Mas uma coisa como essa, que fez a gente penar e se babar de gosto, é mesmo que um filho. Se corre perigo a gente quer ficar junto. Vai tu com eles.

— Vou não. Fico com vosmicê.

A primeira pessoa que enxergaram na casa de farinha foi Coroca. Nos braços secos, a criancinha que aparara horas antes e a quem haviam dado o nome de Jacinta. Espalhados no tacho, os demais recémnascidos: as gêmeas de Dinorá, os meninos de Hilda e Fausta. Faltava o de Isaura, ocupado a sugar o peito materno úbere escuro e túmido: o leite escorria farto. Uns poucos homens: a maioria andava à procura da canoa.

Molecas e moleques, indóceis, ali contidos a duras penas. Um mundo de mulheres, silenciosas. Ambiente carregado, triste, Bastião da Rosa pilheriou na intenção de desanuviá-lo: — Bonita tachada de beijus!

Além de dois ou três moleques, apenas sia Leocádia, sentada na rosca da prensa, as pernas cobertas pela água, riu da brincadeira do mestre-de-obras. Ambrósio não achou graça, arrenegou: — Nós vai levar muito tempo sem comer beiju, sem torrar farinha. A mandioca se acabou, os roçados o rio levou. Nós perdeu tudo o que tinha.

Sia Vanjé deu um passo em direção ao marido e, sem desdizê-lo, fechou-lhe a boca de lastimação. De que adiantava s queixar?

— Tá certo, meu velho, o rio levou um punhado de coisas: as roças, o rancho, os bichos. Mas não levou tudo não. A terra tá aí, nós planta ela de novo, se Deus quiser.

Amâncio, um dos estancianos, ripostou: — Parece que Deus não tá querendo. Se depender dele...

De cima do assento improvisado, sia Leocádia repreendeu o pirracento, apoiou Vanjé: — Cala a boca, tu não sabe o que diz. Eu digo o mesmo que vosmicê, sia Vanjé. Nós tá com vida e ninguém tomou a terra da gente. Só peço a Deus que nos dê saúde.

— Saúde e um pouquinho de sol... — brincou novamente Bastião: — Se lembra da promessa que lhe fiz, tia Vanjé? A primeira casa que vou botar de pé quando a cheia se acabar vai ser a de vosmicê. Não pense que me esqueci.

Mal podiam se mover no pequeno recinto da casa de farinha. Tição pediu notícias de Altamirando, a mulher e a filha. Soube pelos estancianos

que o casal permanecia no roçado, ocupado em salvar a criação de porcos; a enchente engolira o casebre e o chiqueiro. Não haviam visto a lesa: largada no mundo, não tinha hora de sair nem de chegar. A menos que estivesse com as cabras, metida num socavão dos morros. A conversa não chegou a se encompridar pois os homens, que tinham ido recolher a canoa, voltavam, portadores de más notícias.

Conforme o previsto, da canoa nem sinal. Deixavam-na emborcada entre as raízes de copada cajazeira, mais abaixo da correnteza, num local onde o rio, livre da garganta de pedras, se alargava e se tornava mais profundo. Como imaginar que a embarcação permaneceria ali, à disposição dos donos? O rio passara a ser senhor e dono, único e incontestado, desmandando sozinho. Nem paga a pena ir ver, dissera Ambrósio. Junto com os roceiros chegou Pedro Cigano, haviam-no encontrado ao pé da cajazeira: sombrio, de cara amarrada, falando sozinho.

O negro Castor não permitiu sequer que começassem a discutir sobre a sorte da canoa: — Vambora enquanto o pontilhão tá firme, antes que leve a breca.

Coroca tomou a dianteira, exibiu o neném para o pedreiro e o ferrador de burros: — Coisinha mais linda!

Despiu a blusa para com ela agasalhar melhor a criancinha, fio de vida, condão de esperança.

17

Imóveis nas lombadas do outeiro, as cabras eram pedras esculpidas. De súbito, sem motivo, uma delas partia a correr, desatinada; as demais a acompanhavam. Na paisagem devastada, as cabras afirmavam a eternidade.

Entre os dois, Das Dores e Altamirando, carregavam morro acima os porcos da engorda, as porcas prenhas e a parida, os leitões, mais de dez bichos pesados: cada passo custava um rude esforço. Perderam três dos oito bacorinhos. Por falar nisso, cadê Ção que não aparecia nas horas de ajudar? Gostava de embalar os bacorinhos, cantava-lhes cantigas de ninar.

Do paradeiro de Ção, fosse de dia, fosse de noite, ninguém dava notícia certa; de sua vida o pai e a mãe, resignados, carregavam a cruz. Sendo ela lesa, uma simples de Deus, sem tino de gente, impossível pôr-lhe freios, controlar-lhe os passos. Tentar bem que tinham tentado, sem sucesso. Das Dores dissera e repetira a Altamirando ao vê-lo amiúde apoquentado por causa da filha: — Deixa pra lá. Foi Deus que fez ela assim, fica aos cuidados dele. Nós não pode fazer nada. — Temia que se o marido viesse a

saber de tudo, enfurecido, matasse a pobre de pancada.

Assim era, não podiam fazer nada. Altamirando buscava seguir o conselho da mulher, deixar de mão, tratava de não esquentar a cabeça. Mas quando Cão aparecia para apascentar as cabras, acalentar os bacorinhos ou para mercadejar na feira; quando vinha correndo e se pendurava em seu pescoço, o sertanejo, sem nada demonstrar, sentia-se outro, leve e contente. Uma boa menina, sua filha, não tinha culpa da moleira fraca, nascera assim, se havia um culpado era Deus que não tivera pena dela. Bonita como era, esquecida da cabeça, indefesa naquela brenhas, melhor mesmo não pensar nas desgraças fáceis de acontecer.

Exaustos, nas últimas forças, Das Dores botando os bofes pela boca, terminaram de labutar com os porcos. Nada tinham podido fazer para salvar a lavoura. Das Dores sentou-se num pedregulho, Altamirando anunciou: — Vou me tocar por aí.

— Fazer o quê?

— Vou procurar ela. Tenho de encontrar.

— Vou com ocê.

— Pra quê? Tu fica aqui, tomando conta. Um sozinho ou dois junto, é a mesma coisa. Volto com ela ou com a notícia.

A notícia: outra coisa não podia ser. Deus que dá a vida, dá a morte, pensou Das Dores. Altamirando desceu o outeiro, entrou na água que lhe batia na cintura, vergou-se para a frente sob a chuva e o vento, e saiu a procurar a filha. Das Dores cobriu a cara com as mãos, pôs-se a chorar.

18

A visão de Altamirando desnorteado, indo de um lado para outro, no meio das águas que cresciam, a perguntar pela filha — se a tinham visto, onde, com quem, fazendo o que — causou tamanha impressão em Durvalino a ponto de levá-lo a enfrentar novamente a ira de Fadul Abdala, seu patrão a quem estimava, acatava e temia:

— Seu Fadu, não me leve a mal mas tenho de ir...

— Ir onde, pelo amor de Deus? Acha pouco...

— Eu vi, com meus olhos...

— Desgraçado! Não vê que não é hora de fuxico?

— Juro pela alma de minha mãe. Vi os dois, Ção e seu Cícero, no emborco da canoa. Seu Pedro Cigano também viu.

— Por que não disse antes?

— Bem que quis, vosmicê não deixou.

Não chegaram à cajazeira onde a canoa estivera emborcada, tampouco

obtiveram noticias recentes de Ção e de seu Cícero Moura, outras tarefas difíceis e urgentes ocuparam o patrão e o caixeiro. Do sumiço da canoa souberam pelos sergipanos enquanto Pedro Cigano confirmou haver visto de noitinha a maluqueta e o comissário de Koifman & Cia encaminhando-se para o abrigo da cajazeira. O que lhes sucedera depois não tinha ideia. Ao ouvir o estrondo teriam fugido ou a. enchente os alcançara?

Na metade do caminho entre o pontilhão e a casa de farinha, Fadul e Durvalino defrontaram-se com o numeroso bando dos sergipanos. Apesar da pressa, avançavam lentamente no cuidado com Zeferina, recém-parida e com as crianças, entre advertências e precauções. Velhos e jovens, homens e mulheres, a meninada insubmissa, além dos que haviam vindo do arraial: Coroca, Castor, Bastião, Pedro Cigano. Projetada dos longes da memória, uma lembrança azucrinou o árabe: menino, vira caravanas chegando do deserto, carregadas de miséria e de infortúnio. Tão diferente e tão igual.

Ao se defrontar com os retirantes, e somente então, Fadul pôde medir a completa extensão da catástrofe. Antes, não lhe sobrara tempo para se ocupar com os roceiros: ademais do casario, a enchente engolira a lavoura, arrasara, destruíra Tocaia Grande. Nos dois lados do rio, a miséria e o infortúnio. Logo quando as coisas marchavam tão a contento e ele, Fadul, começava a colher os frutos de sua persistência. O bom Deus dos maronitas mais uma vez o punha à prova. Bom Deus? Raios que o partam! Deus da ruindade e da desolação, impiedoso, atrabiliário, carrasco! Iárára-dínák! Rára! Rára!

19

De nada adiantaria prosseguir no rastro de Ção e de seu Cícero Moura: a canoa já não servia de ponto de referência. Tição sugeriu que, após deixarem as mulheres e a filharada em segurança em casa do Capitão, organizassem uma batida geral nos arredores, em busca dos desaparecidos. Quem sabe, além daqueles dois, haveria outros: com tanto morador novato em Tocaia Grande, como afirmar que todos estavam a salvo? Reuniriam os homens disponíveis — não sou homem mas me bote na lista, reclamou Coroca. Bastião duvidou da praticabilidade da ideia:

— Enquanto as águas tiver subindo não vai se poder fazer nada. Daqui a pouco não dá nem pra se andar. Dagora em diante só vai ser pior.

Nem que houvesse adivinhado: Zinho surgiu como um fantasma, a pedir socorro. O rio arrancara as tábuas de cima do pontilhão. Desvairado, Lupiscínio falava em se matar se a enchente destruísse a maravilha feita pelos mestres-de-obra à custa de suor, competência e capricho.

A enchente crescia em volume e em violência. Tição adiantou-se com o raspa-tábuas para avaliar o estrago. Fadul suspendeu com as mãos enormes a venerável sia Leocádia, pele e ossos e a indômita vontade de viver, e a colocou nos ombros, as pernas encaixadas em seu pescoço:

— Está a gosto, minha tia? — Primeiro falou para a velha, depois para todos: — Vamos atravessar de qualquer maneira. Aqui ninguém pode ficar, é morte certa.

Não foi fácil mas conseguiram passar o povo todo. O negro mergulhara sob o pontilhão constatando que o rio levara apenas as tábuas do piso. As traves que o sustentavam, grossos toros bem fixados, resistiam; as bases estavam indenes, nada tinham sofrido. Consolado, Lupiscínio foi de opinião que era possível fazer a travessia por ali, utilizando os barrotes.

Organizaram uma espécie de ponte humana: sobre cada uma das doze toras de madeira um homem se equilibrou, em pé. Assim, mudando de mão em mão, os nenens cruzaram o rio. Menos a pequenina Jacinta, pois Coroca não admitiu confiá-la a outras mãos: medindo o passo, alargando-o na medida necessária, atravessou pisando sobre as traves. Logo seguida por homens e mulheres. Fausta e Isaura escorregaram, mergulharam, engoliram água mas não chegaram a correr mais perigo. Uns poucos exibidos preferiram afrontar a correnteza, a nado. Vavá quase se afoga.

Por iniciativa da molecada, utilizaram a porta da casa de farinha como embarcação. Armado com uma vara, Nando a pilotou; dedicaram-se a recuperar bichos e bregueces. Naquela confusão de medo e de tristeza, os moleques riam alegremente. A cheia para eles não era uma calamidade, era estupenda diversão, aventura apaixonante. Felizes, no navio dos piratas, capitão e marinheiros.

Descarregada dos ombros de Fadul, sia Leocádia, antes de galgar, em companhia das paridas, os degraus da subida para a casa do Capitão, perguntou por Das Dores. Vira-a carregando porcos para o morro, mas quando Altamirando passara diante da casa de farinha indagando pela filha, estava desacompanhado. Não podiam abandoná-la sozinha, sem recursos, na dependência da volta do marido.

Fadul e Tição entreolharam-se e, sem trocar palavra, dirigiram-se para a margem oposta, de onde tinham acabado de chegar.

20

Tão ansiosos, o turco e o negro não escutaram os gritos de Diva, perdidos na zoeira da enchente. Gritos altos, contidos soluços: trazia nos braços o corpo da cadela Oferecida que se afogara ao tentar acompanhá-la.

Diva se atirara na água para atravessar o rio e ser de auxílio à família no outro lado, não aguentava ficar à espera de notícias. Não notou que a cadela a seguira desde a casa do Capitão. Somente ao chegar à outra margem, e ao estender a vista pelos arredores, se deu conta, tarde demais. A correnteza arrastara Oferecida para o fundo e a arremessara contra as pedras submersas. Diva enxergou o sangue borbulhando, antes de ver o corpo que boiou mais adiante num derradeiro estremeção.

Conseguiu alcançá-lo. Diva nadava igual a um peixe, não era por acaso uma sereia? A pancada abrira a cabeça de Oferecida. Diva não permitiu que o rio a levasse de cambulhada com as criações. No regresso de Tição, cavaram um buraco na mesma colina onde ficava o cemitério e ali a enterraram, assistidos por um cortejo de moleques. Alma Penada ganiu durante horas, postado junto às pedras com que marcaram o local da cova.

21

Os corpos de Cão e de seu Cícero Moura foram localizados bem mais abaixo no curso do rio, presos a montões de baronesas. Avistara-os, à tarde, o capitão Natário da Fonseca, que acorria ao chamado de Zilda, varando a estrada.

Na Fazenda da Atalaia, Edu tivera de varejar as roças à procura de Natário que acompanhava o coronel Boaventura Andrade numa inspeção aos cacau ais: a floração sofria a valer com as chuvas, o perigo prolongava-se. Caras fechadas, o Coronel e o Capitão arrenegavam o mau tempo, remoíam prejuízos.

— A bênção, seu-Coronel. A bênção, Pai. Mãe mandou dizer que a cheia está acabando com Tocaia Grande. Tá de fazer medo.

— Com sua licença, Coronel, vou até lá pra ver. Amanhã ou o mais tardar depois de amanhã, estou de volta.

Estava de fazer medo, conforme anunciara Edu, e de cortar o coração. Com a diminuição das chuvas, a subida das águas estacionara, mas o rio continuava a correr impetuoso e se alastrara pela mata. O Capitão, antes de alcançar a residência na colina, percorreu o vale de ponta a ponta, a mula

preta patinhava. Cavalgou pelas encostas dos morros onde a maior parte do povo se refugiara, parando para conversar, ouvir informações, escutar lamúrias, dirigindo-se a cada um pelo seu nome, botando a bênção nos moleques. Não disse que a enchente era uma bobagem nem que era o fim do mundo. Preferiu pedir sugestões sobre como deviam agir assim que a cheia terminasse: o pior já havia passado. Atento às opiniões e aos alvitres, com pouco estava discutindo projetos para reedificar e replantar:

— Já pensou onde vai botar a tamancaria, amigo Elói? E vosmicê, seu Ambrósio, vai aumentar as roças? — Definiam detalhes, tomavam decisões: —Tá na hora de ter uma pensão de raparigas em Tocaia Grande, tu não acha, Ressu? — Ressu achava.

Convocou voluntários para remover os cadáveres de Ção e de seu Cícero Moura, e se informou do paradeiro de Altamirando. Soube que o sertanejo regressara à outra margem, ao outeiro onde deixara a criação. Levara rapadura, um pedaço de jabá, uma garrafa de cachaça. Das Dores, resgatada por Tição e Fadul durante a noite, agradecera mas retornara com o marido, não admitira permanecer longe de seu homem. No armazém, o Capitão disse a Fadul: — Vou dar a notícia a eles.

— Quer companhia, Capitão? — Fadul se ofereceu. — A carga é pesada. Altamirando não se conforma.

— Melhor que o compadre fique por aqui e se ocupe do enterro.

De noitinha, afinal, Natário entrou em casa e saudou a assistência, um mundo de gente: de sia Leocádia, octogenária, a Jacinta, bebezinho que ainda não completara um dia de nascida.

Cercaram-no de todos os lados. Zilda carregava ao colo o filho de Bernarda: — Vou tomar ele pra criar.

O Capitão assentiu com a cabeça; pintando o sete, reinavam pela casa meninas e meninos que Zilda parira ou adotara, todos com a mesma cara de curiboca, sangue forte de índio: a bênção, meu pai.

22

Colocados em redes, iluminados pelas tochas, os corpos foram levados diretamente ao cemitério ao escurecer. Não havia local em condições para compassiva e influída sentinela na qual, entre tragos de cachaça, recordassem as boas qualidades dos falecidos. Ção, bonita e simples do juízo, fora a alegria do arraial, quem não a estimava?

Os moleques corriam atrás dela, em algazarra. Os rapazes derribavam-

na no emborco da canoa, nos cerrados em macios leitos de capim, nas clareiras da mata na vista dos lagartos impassíveis. Não somente rapazes novos, também homens feitos e maduros a desfrutarem e eram esses os que ela preferia. Teria sido compassivo e indiscreto velório de fuxicaria, fecundo em indagações: quem sabe, na fiada de lembranças e inconfidências, se tirasse a limpo o segredo em que se mantinha envolto o descabaçamento de Ção. Quem lhe comera os tampos, enfrentando a ira de Deus? Que não fora nenhum dos três insistentes e ineptos gabirus, Aurélio, Zinho e Durvalino, se sabia com certeza. Quem então? Pedro Cigano, sanfoneiro? Dodô Peroba que amansava passarinhos? Guido? Balbino? Seu Cícero Moura, de colarinho duro e gravata-borboleta?

Seu Cícero Moura, não. Somente se aproveitou e se regalou depois dela ter perdido os tampos. Havia muito também o que contar sobre seu Cícero: começando pelas razões do apelido de Doutor Permanganato, as manias de limpeza, o gosto pelas mucamas, o odor de brilhantina, a risca no cabelo. Pessoa importante nos atalhados do rio das Cobras, comprador de cacau, comprador de cacau, comissário de firma exportadora. Quem o substituísse, de fazenda em fazenda, carregando a pasta de documentos e o livro de notas, continuaria, ou não, a ofertar as pequenas estampas de santo, prenda piedosa e cobiçada? Quem quer que fosse, não haveria de ser tão engomado e divertido quanto seu Cícero Moura. Se as putas satisfaziam-lhe as exigências, não discutia preço e pagamento.

Pelo jeito, na opinião dos entendidos e eram muitos, Ção se afogara tentando salvar seu Cícero Moura, que não sabia nadar, banhava-se na água rasa, no Bidé das Damas. Na hora do desespero atracara-se com a lesa, impedindo-lhe os movimentos; com o braço rodeara-lhe o pescoço e o apertara. Ninguém quis comentar o acontecido: não sendo na animação da sentinela, o melhor era esquecer.

Altamirando e Das Dores carregaram a rede com o corpo da filha. O Capitão e Fadul levaram o corpo franzino de seu Cícero Moura, calçado com as botas, vestido com o capote, os olhos abertos, esgazeados. No acompanhamento não faltou quase ninguém. Zé dos Santos e sia Clara, o povo de Ambrósio, o clã dos estancianos, à exceção de sia Leocádia que não estimava cemitérios. Dos morros onde se acoitavam desceram os moradores do Caminho dos Burros e o enxame de putas. Merenda fez o pelosinal, rezou um padre-nosso. Outra adivinha a decifrar: quem conseguira colher, nos cúmulos das baronesas, uma flor intacta, azulceleste, e a colocara entre os dedos de Ção?

Situado numa encosta, o cemitério não fora atingido pela cheia,

permanecia incólume. Entre as covas vicejavam mamoeiros, bananeiras, cajueiros, pitangueiras, agreste pomar, alegre de cores, rico de aromas. Indo de cova em cova podia-se contar a história inteira de Tocaia Grande, desde o remoto e nebuloso começo de lenda e patranha, até o descalabro da enchente ainda acontecendo.

23

A enchente durou mais de trinta horas de agonia até que na segunda noite as chuvas tornaram-se intermitentes e as águas começaram a baixar, a refluir lentamente para o leito do rio. Um sol mofino iluminou o chão de lama e a devastação se mostrou plena, desnuda e suja.

Numa e noutra margem, a ruína e o abandono: as plantações alagadas, o cultivo destruído, a criação dizimada. No arraial restaram as poucas casas de tijolos e de pedra-e-cal, meia dúzia de barracos de adobe, o depósito de cacau, o curral, o forno da olaria, a oficina do ferreiro, o armazém do turco, a residência do Capitão no alto da colina. Na Baixa dos Sapos apenas a casinhola de madeira de Coroca e Bernarda.

Nas fazendas, as roças de cacau, sobretudo as plantadas nas proximidades do rio, sofreram com a cheia, houve prejuízos a lastimar, menos porém do que se previu e se temeu. Como se o rio, prosseguindo na assentada tradição do continente grapiúna, tivesse preferido violentar e destruir a morada dos homens a prejudicar a lavoura do cacau.

Alguns dias depois, viajando para Ilhéus onde dona Ernestina se excedia em promessas e em missas, consultava espíritos de luz sobre a meteorologia, o coronel Boaventura Andrade, acompanhado pelo capitão Natário da Fonseca e pelo negro Espiridião, passou por Tocaia Grande, gleba de charcos, escombros e entulhos onde o povo ainda recolhia restos de pertences. Balançando a cabeça, o Coronel lastimou penalizado:

— Bem que a comadre disse: se acabou. De vez. Nunca mais volta a ser o que já foi.

Dizia para o Capitão, para Fadul e Castor, estavam os três e também Pedro Cigano bebericando junto ao balcão da venda. Nos lábios de Natário perpassou aquela sombra fugidia de sorriso: mal elevou a voz como se fosse desnecessário sublinhar as palavras:

— Com sua licença, Coronel, vou lhe dizer: vosmicê ainda vai ver Tocaia Grande duas vezes o que foi.

Olhou para os demais, gostaria que estivessem todos: o velho Gerino e

Coroca, Lupiscínio e Bastião, Balbino e Guido, Merência e Zé Luiz, Dodô Peroba e o povo da outra margem:

— Não sou eu sozinho quem tá dizendo. Pergunte a Fadul e a Tição, a qualquer um que vosmicê encontrar por aí vivendo nos outeiros.

Olhou além da porta para a paisagem novamente bela sob o sol luminoso do verão:

— Não sei de ninguém que tenha ido embora daqui por causa da enchente. Nem as raparigas que não são de parar em lugar nenhum. Só se fala em fazer casa, casa que a água não derrube. Vosmicê há de voltar aqui comigo um dia desses: vai ver Tocaia Grande e vai se admirar.

NO DIA DA FESTA DO BARRACÃO,
A FEBRE CHEGA E SE INSTALA

1

Fosse Pedro Cigano, cigano de verdade, de nação e sangue, e se transformaria em artigo de fé a abusão de certas raparigas que costumavam emprestar caráter sobrenatural às periódicas aparições do troca-pernas em Tocaia Grande. Mas sendo ele cigano apenas de apelido, atribuíam a concordância de datas e fatos à reconhecida sabedoria do sanfoneiro: em simples casualidade ninguém acreditava.

— Tu adivinha festa, não é, meu bom? — Exclamou a dolente Anália ao vê-lo transpor o batente da porta na pensão de Nora Pão-de-Ló: — Como foi que tu soube?

— Um passarinho pousou no meu ombro e soprou em minha orelha. Tu não sabe que os passarinhos são meus próprios?

Me contam de um tudo.

O sumiço se estendera por meses e meses. As notícias trazidas pelos tropeiros impediram que o considerassem morto e enterrado: animava dançarás nas quebradas do mundo e a todos perguntava por Tocaia Grande. Para explicar ausência tão prolongada, havia quem afirmasse que Pedro Cigano tomara raiva do lugar, raiva ou desgosto. Só podia ser.

O motivo teria a ver com a morte de Ção nos braços de seu Cícero Moura, um nanico, um pigmeu. A verdade de tais invencionices nunca se consegue comprovar, mas se mestre Pedro pensou que por haver sido o primeiro, seria o único a derrubá-la sob o emborco da canoa, revelara total ignorância a respeito da natureza das lesas, outra nação muito singular. Na crônica fortuita dos caminhos, as patranhas se alimentavam de ouvir dizer; Pedro Cigano jamais se gabara das primícias do cabaço de Ção; ao contrário, se alguém puxava o assunto, ele mudava de conversa.

De qualquer maneira, por adivinhação ou por sabedoria, por ter superado o desgosto ou não ter suportado a saudade, apenas acertada a data da festança inaugural do barracão, ei-lo acomodado junto ao balcão do armazém, saboreando a lambada gratuítes de cachaça, oferecida por Fadul Abdala no calor das boas-vindas:

— Como havia de faltar? Quem foi que inaugurou os outros dois? Nem a morte podia me impedir: levantava da cova e vinha.

A inauguração fora marcada para o domingo, sete de setembro, aliás

por feliz coincidência data comemorativa da proclamação da Independência do Brasil, conforme lembrou o turco, cidadão informado e patriota, o único em Tocaia Grande. Para os demais, essa história de independência era conversa-fiada, vaga e abstrata, acanhada, sem rudimentos nem larguezas. Para Tição tinha a ver com o Dois de Julho e o desfile dos grupos escolares nas cidades do Recôncavo, os meninos carregando bandeiras e andores com as figuras do caboclo e da cabocla. No Dois de Julho, usando arcos e flechas contra as baionetas, os índios haviam expulsado os portugueses. Ou isso ou coisa parecida.

— Só faltava mesmo o amigo. — Concordou Fadul.

Como poderia estar ausente? A voz amarga revelava a justa indignação do sanfoneiro. Quem senão ele colaborara na construção dos galpões anteriores? Do palheiro, se recorda, seu Fadul? Um palácio, se comparado à precária caranguejola situada no centro do descampado, entre o rio e as colinas: quatro paus fincados na terra, cobertos com quatro palmas de dendê. Levantado em noite de chuva e frio, pelos tropeiros que haviam aberto na força dos facões e nas patas dos burros a trilha inicial para reduzir as léguas da estirada. Ele, Pedro Cigano, ajudara a pôr de pé o primitivo abrigo. Não via motivo para riso e troça. Fora de bastante ajuda, pois não: dera palpites e alvitres, tirara teimas. Para construir não bastam os braços, nada se faz sem o uso dá cabeça. Propusera ademais que assinalassem o feito e combatessem a chuva e o frio com um fovoco, e assim se fizera. Batucaram até de madrugada, oito viventes contando tropeiros, ajudantes, putas e ele, Pedro Cigano, de fole em punho.

— Perguntem a Lázaro se é mentira — desafiava.

Acontecidos de antanho, vetustos, nem o turco os conhecia. Mas Lázaro aí estava, vivo, tangendo tropas da Fazenda do Malhado para Itabuna, podia confirmar ou desmentir a carrada de detalhes citados pelo viramundo: as putas eram três, Coroca há de se lembrar. Recordava os nomes das outras duas: Maria Grelão, já falecida, e Do Carmo que, ao se amigar com o vaqueiro Oseias, deixara de fazer a vida. Pedro Cigano perorava no parlatório do cacete armado: cacete armado como se dizia quando Fadul abriu as portas do negócio, para vender cachaça, jabá e rapadura.

Como havia de faltar? Nenhum acontecimento de importância, bom ou ruim, sucedera em Tocaia Grande sem que dele participasse o tocador de harmônica. Com o pífio, ah, com o divino som de seu fole comandara festas de truz, forrós de arromba. Alegre conviva na mesa do rega-bofe, brioso parceiro no emborco da garrafa, moço bonito no xodó das raparigas, com a

mesma têmpera e a mesma compostura testemunhara e padecera as adversidades e as desgraças a que se viram expostos lugar e moradores. Do assalto dos jagunços quando Tocaia Grande não passava de uma tapera com quatro putas e uma bodega, conforme definira Gerino na remota ocasião, até a enchente do rio que, se não acabara com o arraial, pouco faltou.

— Já sabe, seu Pedro? Tão dizendo por aí que até o coronel Boaventura vai vir pra festa.—Anunciou Durvalino, o sabe-tudo.

— Praza Deus! Dantes o Coronel gostava de um forró e de uma mulherzinha nova. Era mais moderno e menos rico.

— De mulher nova gosta até hoje.

Falando em mulher, o turco quis saber se o amigo Pedro Cigano já estivera na pensão de Nora Pão-de-Ló:

— Tem uma recruta, uma tal de Ceci... — juntou os dedos da mão direita, colheu um beijo nos lábios e o lançou no ar para completar o elogio da rapariga.

Pedro Cigano ainda não estivera, chegara indagorinha mas não deixaria de ir, com certeza. Para conhecer a fulana e o randevu:

— Barracão, com esse vai ser o terceiro que inauguro. Mas pensão de mulher-dama em Tocaia Grande, nunca pensei de ver. Me contaram, levei na conta de lorota.

E lá se foi Pedro Cigano rumo à pensão de Nora Pão-de-Ló. Embasbacado, de queixo caído, percorreu o arraial de ponta a ponta, parando a cada momento para trocar dois dedos de prosa, repetir interjeições de pasmo. Na pensão, desdenhou das habilidades da patroa, da dolência de Anália, dos recomendados atrativos de Ceci, preferiu Paulinha Marisca que trazia de olho há um montão de tempo.

2

Terra grapiúna, pródiga em riquezas e exageros: com um copo de água se fazia um oceano. No vaivém das trilhas e estradas, dos atalhos e caminhos, tropeiros, alugados, putas em mudança, jagunços, inclusive coronéis, comentavam e engrandeciam o progresso de Tocaia Grande. Sacrificada por pavorosa enchente — também a enchente ganhava em volume e em violência — a povoação se reerguera do pantanal a que ficara reduzida: não se contentando em voltar a ser o que já fora, movimentado lugarejo, ganhava foros de próspero arraial, de futuro assegurado: dera um salto para a frente, só vendo para crer.

Em lugar de ir-se embora, o povo juntara-se solidário. Virou uma

família, explicou em Ilhéus o coronel Robustiano de Araújo, testemunha idônea. Com pouco tempo renasceram plantações e casario. Para contar tintim por tintim o dia-a-dia da reconstrução de Tocaia Grande seria necessário cuspo e latim e, se certos detalhes valiam a pena pela graça ou pela valentia, a maior parte não passaria de prolixa repetição de atitudes correntias e fatos simples, enfadonho relatório.

Sergipanos e sertanejos retomaram a lavra da terra, os criatórios de porcos e de cabras. Com o auxílio de pedreiros e carpinas, levantaram moradias mais sólidas, mais amplas e em maior número. A necessidade promovia serventes a pedreiros, raspa-tábuas a carpinas, mestres-de-obra de cambulhada. Bastião da Rosa recordou-se do prometido> antes mesmo de cuidar da casa de José dos Santos e de sia Clara, avós de sua filha, se ocupou com a se sia Vanjé e de Ambrósio. Promessa é dívida, que ninguém paga, mas Bastião, rapaz direito, pagou a dívida, cumpriu a promessa. Às vezes acontece.

Trabalhando noite e dia, espontâneo mutirão em curiosa prestação e troca de serviços com pagamento em produtos da terra e bichos de criação, se possível, e dinheiro quando Deus desse bom tempo, os habitantes refizeram a topografia do arraial. Topografia, palavra solene e presumida, não se aplica a Tocaia Grande: modificaram a aparência do lugar.

Antes da enchente, além do Caminho dos Burros, artéria única acompanhando o rio, havia o descampado com o terreiro ao centro e, espalhados na distância, o armazém, a oficina do ferrador de burros, o depósito de cacau e o curral, pouso das boiadas. Mais adiante, a Baixa dos Sapos, com as choças de palha e a casinhota de madeira onde viviam Bernarda e Coroca. Assim era Tocaia Grande: em paragem tão bonita um lugarejo feio. Até a lembrança se perdeu nas águas.

O Caminho dos Burros passara a ser Rua da Frente, de alegres fachadas coloridas. Paralela à Rua dos Fundos: houve quem preferisse habitar mais distante do rio. No Beco do Meio que ligava as duas vielas — as duas ruas na ostentação do povo — os tamanqueiros viviam e trabalhavam. Ali também dona Natalina colocara a máquina de costura e não chegava para as encomendas. Uma delas, recentíssima, trazida pelo capitão Natário da Fonseca: vestido de festa para Sacramento, a zinha que embeiçara o coronel Boaventura.

Na Baixa dos Sapos novas palhoças substituíram as que o rio levara, todas aliás. As raparigas precisavam com urgência de um buraco onde estender ás esteiras. Outras, porém, menos apressadas, tendo fixado raízes

em Tocaia Grande — Nininha, xodó de Lupiscínio, para lembrar apenas uma — aproveitavam para construir habitações estáveis. Assim, uma ruela de barracos de adobe nasceu e prosperou: na esquina, pintada de amarelo, ficava a pensão de Nora Pão-de-Ló: alcunha precisa aos quinze anos, quando debutara em Aracaju, fofo e saboroso pão-de-ló; aos quarenta uma catraia boa para os urubus. Pensão de Nora e não de Ressu. Ressu, coitada, incapaz de administrar a própria xoxota, passara a ideia a Nora pelo mesmo preço que a recebera do Capitão: de graça.

Vale a pena uma referência a fato curioso, demonstrativo da ânsia de construção que dominara o arraial: donos de barracos que haviam resistido à cheia terminaram por derrubá-los para edificar outros mais confortáveis .A olaria não dava abasto aos pedidos de telhas e tijolos. Zé Luiz e Merência se não ficaram ricos ao menos tornaram-se credores da maioria dos habitantes. O mais surpreendente é que esperavam cobrar as dívidas: se o temporão sofrera e minguara com as chuvas, a safra compensara os prejuízos com largueza.

As tábuas do pontilhão tinham sido repostas assim as águas refluíram. Lupiscínio fora em pessoa a Taquaras adquirir material, pregos caibrais e ferramentas.

— Agora pode vir a enchente que quiser. — Disse o carpina ao coronel Robustiano de Araújo, cobrando-lhe aposta inexistente: — Vosmicê achou que nós não era capaz de fazer obra pra durar. Tirante o tabuado de cima, o resto nem se abalou. Se tivesse havido aposta como vosmicê queria...

Não chegara a apostar mas nem por isso o Coronel deixou de concorrer com uns bons cobres para determinadas obras. Sem seu apoio, o barracão não seria nem de longe aquele colosso que ele apontara com orgulho de tocaia-grandense honorário a seu Carlinhos Silva, novo comissário de Koifman & Cia:

— Povinho teimoso, nunca vi. Não arria a crista assim nem mais nem menos.

3

Durante alguns dias, após o enterro de Ção, altamirando andara desarvorado, sem pronunciar palavra, distante. Das Dores se matava no trabalho, tentando recuperar a plantação e o criatório. Altamirando deixava-se ficar sentado no chão a picar fumo e a alisar a palha de milho com a ponta do punhal. Fumar era a única coisa que fazia.

Mudou a partir do dia em que, estando o sol a pino, enxergou no alto do outeiro, sentada nas pedras segundo seu costume, a imagem de Ção: viera

apascentar as cabras e sorria para ele. Chamou Das Dores para que ela também visse, mas quando a mãe chegou, Ção desvaneceu-se. Altamirando compreendeu que somente ele e as cabras podiam vê-la.

Não se mostrava todos os dias, uma vez ou outra. Das Dores se recusava a acreditar: é natural pois aquele era um segredo entre o pai e a filha. Altamirando retornou ao trabalho com disposição e energia redobradas. Os vaqueiros que tratavam com ele no curral, escolhendo os bois para o abate e a venda de carne a retalho, diziam que Altamirando ficara com um parafuso a menos: nem por isso desatento às obrigações e aos compromissos. Um parafuso a menos, o bastante para viver e labutar.

4

Apesar da insistência de Lupiscínio, dos rogos de seus compadres Castor e Diva, não pôde o coronel Robustiano ficar para a festa do barracão. Resistiu inclusive à notícia, confirmada pelo capitão Natário da Fonseca, da presença do coronel Boaventura Andrade: o proprietário da Atalaia prometera comparecer.

Para compensar, seu Carlinhos Silva, novo representante da Koifman & Cia, a principal firma exportadora de cacau, de volta de costumeiro recorrido pelas fazendas, não seguiu direto para Taquaras, demorou-se em Tocaia Grande para participar do arrasta-pé, hospedando-se na Pensão Central.

Que novidade é essa de Pensão Central? Nesta breve resenha sobre o renascimento de Tocaia Grande já se fez mais de uma referência à pensão de Nora Pão-de-Ló com detalhes sobre a cor da fachada, a localização exata, na esquina da ruela de barracos, na Baixa dos Sapos. O número da porta não foi fornecido pela simples razão de não existir, mas pela boca pecaminosa do Turco Fadul louvaram-se as qualidades das raparigas que ocupavam os quartos do estabelecimento. Mais uma prova da facciosidade e da velhacaria de informes e relatos que se pretendem sérios e corretos. Por ser albergue de putas, destinada à devassidão, a pensão de Nora mereceu destaque e elogios, enquanto a Pensão Central, devido sem dúvida ao caráter familiar, permaneceu relegada ao esquecimento.

Estritamente familiar, apregoava a tabuleta pendurada na fachada: destinava-se a fornecer, a preços módicos, casa e comida a eventuais visitantes do arraial. Dois quartos, cada um equipado com três camas de campanha e uma bacia de flandre, das pequenas; no fundo do quintal a tina com água. Que mais se pode dizer em benefício da Pensão Central, de propriedade de dona Valentina e seu Juca das Neves? Que dona Valentina

além de proprietária, cozinheira, criada de servir e de limpar, costumava fraquejar se o forasteiro lhe caía nas graças ou se dispunha a suplementar o custo da diária? Bonita não era, tampouco feia, mas o fato de ser casada dava-lhe categoria, despertava a cobiça. Tais detalhes, porém, assim como os referentes à voracidade dos percevejos, cabia aos hóspedes descobri-los.

Esclarecido o equívoco das pensões, cumpre retornar a seu Carlinhos Silva, hóspede de categoria: o oposto, no físico e no comportamento, ao seu antecessor. O que tinha seu Cícero Moura de franzino e escrupuloso, tinha seu Carlinhos de espadaúdo e espontâneo.

Sarará de carapinha loira e olhos claros, barata descascada, as más-línguas diziam-no filho natural de Klaus Koifman, o fundador da firma. Se assim não fosse, por que o gringo o teria mandado, molecote, estudar na Alemanha e lá o mantivera durante anos? Com a morte de Klaus, assumiu a chefia da sociedade o irmão mais moço, Kurt, que, de imediato, ordenou o regresso ao Brasil do protegido do finado chefão — filho natural? Duvidoso. Filho da puta, com certeza. Voltou o jovem Carlinhos a Ilhéus e à condição de órfão de Benedita Silva, esplendor de negra que servira à mesa e esquentara a cama germânica de Klaus. De estudante em Weimar passou a escriturário na exportadora de cacau. Fez carreira.

Na festa do barracão revelou inesperada faceta de sua humanidade: sabia fazer mágicas e se comprazia em exibi-las. Escondia outras surpresas na manga do colete como se viu depois, na hora da decisão.

5

Razões de peso corroboravam a opinião entusiástica e generalizada: a maior e melhor festa jamais vista em Tocaia Grande. Imagine-se que o salão — esse, sim, merecia ser chamado de salão de baile — fora iluminado com candeeiros de vidro, as placas, artigo de luxo nas prateleiras do armazém, novidade incorporada aos utensílios em voga no arraial, substituindo em algumas residências as candeias e os fifós. Sem querer desfazer do brilhantismo do fole e da presença de Pedro Cigano, diga-se, para começo de conversa, não ter sido ele o único músico a animar o dançarás. Os estancianos trouxeram os instrumentos: os violões, o cavaquinho, a gaita, e executaram variado repertório de músicas dançantes, em moda nos bailes de Sergipe. Também o cego Tiago e o filho Lucas, os dois ao violão, demonstraram seu valor. Faziam parte de um grupo vindo de Taquaras, composto por figuras de proa da localidade vizinha, convidados do Capitão, de Lupiscínio, de Fadul, de Bastião da Rosa:

o chefe da estação, seu Lourenço Baptista; o telegrafista, o almoxarife, dois ou três comerciantes, alguns furões e Mara, abadessa de pensão de raparigas, acompanhada de quatro expansivas folionas.

Procedentes das fazendas próximas, alugados transitavam na feira desde cedo, faziam fila na pensão de Nora Pão-de-Ló e nas portas das choças e casebres na Baixa dos Sapos: à noite, devido à festa, as quengas trancariam os balaios. Aliás, naquele domingo, a população de putas duplicou: acorriam das redondezas, algumas de bem longe, atraídas pelo anúncio da pagodeira que ressoava nos cafundós do rio das Cobras.

Não há palavras para descrever o sucesso de seu Carlinhos Silva, nos números de prestidigitação com que brindou os presentes. Provocando frouxos de riso de mistura com exclamações de incredulidade na assistência boquiaberta, levando a meninada a extremos de exultação e de assombro. Sucesso estrondoso e não vai exagero no adjetivo: a quase totalidade dos espectadores jamais assistira a representação teatral qualquer que fosse, nada sabia sobre ilusionismo, truques de mágica, passes de baralho. As mulheres se benziam — t'esconjuro! —, os homens, pasmados, não sabiam o que pensar.

Seu Carlinhos Silva suspendeu as mangas do paletó e da camisa e os prodígios começaram a acontecer, todos viram, não era lambança de pouso de tropeiro. Sem usar as mãos, com a força do pensamento, o empregado de Koifman & Cia transferiu moedas de tostão do bolso de Guido para a orelha de Edu; das ventas de Zé Luiz extraiu cinco grãos de cacau seco. Repetindo palavras cabalísticas, hokos pokos, sinsalabin, presto, abracadabra e outras conjuras medonhosas, com a ponta dos dedos retirou do decote entre os seios da senhora Valentina o lenço de bolso que, na vista de todos, deixara guardado no embornal de Aurélio e de lá sumira sem ninguém nele tocar: não dava para entender. Fez misérias com um baralho, as cartas circulavam entre seus dedos, apareciam, sumiam, reapareciam, o ás de copas virava o rei de paus, o dois de espada se transformava em dez de ouro e a dama dos corações ele foi buscá-la nos cabelos soltos de Bernarda. Manipulava os naipes diante de um público estupefato, comprimido em sua frente, querendo ver de perto, vendo e não acreditando.

— Jogar com vosmicê, Deus me livre e guarde! Mais melhor é jogar com o Cão! — Avisou o tropeiro Zé Raimundo apesar de habituado a trapaceiros.

Fadul Abdala puxava as palmas, a assistência acompanhava. Muitos queriam explicações — ele encandeia os olhos da gente ou como é? —,

outros juravam que seu Carlinhos tinha parte com o diabo. Quem mais se extasiou e aplaudiu foi a moça Sacramento. Estivera até então de olhos baixos, postos no chão, sentada em silêncio ao lado de Zilda num banco de madeira. Até o coronel Boaventura Andrade bateu palmas e não regateou encômios a seu Carlinhos Silva: sim, senhor, meus parabéns! Se o amigo quisesse podia ganhar a vida fazendo mágica nos teatros da capital.

Músicos, mágico amador, afluência de pessoas de fora e sobretudo a presença do fazendeiro levaram a festa do barracão àquelas culminâncias. Haviam trazido e colocado num extremo do salão a cadeira de barbeiro de Dodô Peroba para o Coronel nela se sentar. Nas imediações do bar improvisado para a venda de cachaça, conhaque, licor de jenipapo, a cargo de Durvalino, sob a discreta vigilância de Fadul.

Ninguém se atrevera a tirar Sacramento para dançar mas na hora da quadrilha, ao ver Castor organizando os pares, seu Carlinhos Silva, por não ser dali, não estando assim a par de certas particularidades, e tendo se agradado do rosto e do jeito modesto da tabaroa que tanto o aplaudira, a ela se dirigiu convidando-a a compor com ele o baile dos lanceiros. Sozinha no banco, pois Zilda já se fora pelo braço do Capitão assumir seu posto na quadrilha, Sacramento viu-se confusa, gaguejante, os olhos baixos, perdida na rua da amargura. Parado, mão estendida, seu Carlinhos aguardava. Então o coronel Boaventura, que acompanhava a cena com um interesse sorridente, levantou-se da cadeira de barbeiro:

— Me desculpe, Carlinhos, mas a dama já tem compromisso, o lanceiro dela é esse seu amigo.

Não acreditando em seus ouvidos, Sacramento ergueu a vista, sorriu acanhada para o Coronel de pé a esperá-la. Pernas trêmulas, ela o acompanhou à roda da quadrilha sob olhares de esguelha dos abelhudos. Seu Carlinhos Silva entendeu, saiu à cata de Bernarda: tarde demais, a rapariga já tinha par. Contentou-se com a senhora Valentina, melhor ela que ninguém. O negro Tição bateu palmas chamando a atenção, a dança dos lanceiros ia começar. Elevou a voz, falou em franciú.

6

Diva revolteava nos passos da quadrilha, ufana com a picardia de Tição, também ele tinha parte com o diabo. Mas Tição, que a conhecia e adivinhava, sabia-a inquieta, preocupada, por mais ela procurasse disfarçar. Seu pensamento fugia da festa para a casa dos país no outro lado do rio.

Vanjé e Ambrósio não se encontravam no barracão. Na feira, pela

manhã, vendendo os produtos dos roçados, Ambrósio queimava de febre. Zilda, que parara para comprar e conversar, ao vêlo assim desfeito teve um mau pressentimento. Aconselhou Vanjé a levar o marido para casa e dar-lhe um suador o quanto antes. Quem sabe ainda poderia limpar-lhe o sangue, botar para fora os fluidos maus?

Na barulhenta mesa de almoço, repleta de convivas vindos para a festa, Zilda falou ao Capitão: pelo jeito Ambrósio pegara a febre: — Queira Deus não se alastre.

7

Ambrósio morreu três dias depois da festa do barracão e a seu enterro nem o velho Gerino nem o jovem Tancredo, filho do estanciano Vavá, puderam comparecer: derrubados pela febre.

A febre sem nome, a peste, aquela que no dizer do povo matava até macaco. Falavam dela em voz baixa e reverente, monstruosa divindade, flagelo endêmico e antigo sobre o país do cacau, cidades e roças, recolhendo aqui e acolá a quota que lhe era devida em sacrifício. Evitavam citá-la nas conversas, procuravam esquecê-la para ver se assim ela os esquecia e os deixava em paz.

Enquanto a maligna matava com parcimônia, sem pressa, sem esganação, iam-lhe entregando sua ração de mortos, convivendo com ela, conformados. Mas quando, aquartelada numa povoação, virava epidemia e matava a granel, o medo se transformava em pânico e em lugar do choro manso de pai e mãe, de mulher, marido e filho, subia aos céus um clamor de maldição.

Consumia o vivente em poucos dias. Queimava-lhe o corpo e o amolecia, a cabeça estalando em dor, o bestunto avariado, o mau cheiro das bufas, as entranhas desfeitas numa soltura pestilenta. Morte certa e feia, não havia jeito a dar.

Outras febres tinham nome: a terçã, a palustre, a aftosa que ataca gente e gado, a febre amarela e a febre de caroço, cada qual mais perigosa. Havia porém remédio e tratamento para todas elas, até para a bexiga negra: bosta de boi, seca, colocada em cima das borbulhas. Mas não havia remédio para a febre sem nome, simplesmente a febre, sem adjetivo a distingui-la, sem diagnóstico nem receita, o paciente na mão de Deus, o impiedoso Deus da peste. Apelavam para suadouros, cataplasmas, mezinhas, garrafadas e tisanas, beberagens feitas com raízes e folhas do mato, fórmulas passadas de pais para filhos. Tiro e queda na cura de múltiplas mazelas: as doenças feias, por exemplo, mula e cavalo, gonorreia. Mas de nenhum efeito para a

febre, aquela que não tinha nome e matava até macaco. Restavam as rezas, as jaculatórias, as benzeduras, os feitiços e as promessas.

Chegava de repente, sem se fazer anunciar. Derrubava, pelava e escaldava, esvaziava as tripas e o juízo, reduzia o homem mais forte a um molambo, antes de matá-lo. Nada havia a fazer além de esperar que, tendo enchido o bucho, inesperada como viera, fosse embora cavar sepulturas em outra parte. Obedecendo a um ciclo ou por simples acidente, a esmo? Por estar farta ou por que Deus ouvira as preces? Tudo podia ser. Se nas cidades de Ilhéus e de Itabuna, doutores de anel e canudo não sabiam diagnosticá-la e combatê-la, ao povo dizimado nos confins de judas cabia apenas fugir ou aguardar que a febre decidisse partir, mudasse de quartel, levando no embornal as sentenças de morte, sem apelação. Morte dolorosa, suja e fedorenta, atroz.

8

Durou uma quinzena. Chegou no domingo da festa, exibiuse na feira com Ambrósio, dois domingos depois aproveitou um vendaval, nele montou e prosseguiu viagem para matar adiante. Deixou no próspero cemitério de Tocaia Grande nove cruzes a mais para contar a história.

O que a enchente não lograra: pôr em fuga os moradores, esvaziar o arraial, a febre esteve a pique de conseguir sem estrondo e sem baderna, na maciota. Se houvesse durado ainda uma semana, quem seria o doido capaz de permanecer ali, esperando a morte?

O êxodo teve início na quarta-feira do enterro das primeiras vítimas, o velho Ambrósio e a rapariga Clementina. Prosseguiu e aumentou nos dias seguintes com o suceder das mortes. Coube a dona Ester, mulher de Lupiscínio, competente em doenças e em medicinas, tocar a rebate: a febre se instalara em Tocaia Grande. Opinião de entendida: gastar dinheiro com remédio era bobagem, fazer promessa era perder tempo. Farmácia não havia em Tocaia Grande, apenas quatro vidros de xarope no armazém do turco. Muito menos igreja onde rezar. Outra coisa não restava a fazer senão ir-se embora daquele miserável caixa-pregos, além de desprovido, empesteado.

Dona Ester cumpriu sua obrigação espalhando o alarme de vizinho em vizinho, fazendo-o com certa satisfação devido à desestima que sentia pelo povoado, o desgosto de habitar sítio tão atrasado. Entre outras amofinações menores, bastava o fato do marido viver aos trancos e barrancos com uma sujeitinha. Ainda se fosse amásia de casa montada, privativa, decente, vá lá. Mas não passava de puta de porta aberta. Dona Ester tentou arrastar o

filho mas Zinho se recusou a acompanhá-la. Encolheu os ombros, paciência! Antes viver abandonada em Taquaras do que morrer na fedentina junto com a família. Recolheu seus teréns, partiu sem olhar para trás, deu exemplo.

Com exagero duplicado devido às fúnebres circunstâncias, circulavam notícias de arrepiar, contavam-se episódios apavorantes, nas fazendas, nas povoações, nos pontos de pernoite, nos caminhos. Estava para suceder com Tocaia Grande o mesmo horror que se abatera sobre um anônimo arruado nas bandas de Água Preta: todos os moradores haviam desencarnado. Nas bandas de Água Preta, de Sequeiro de Espinho ou do Rio do Braço, variava a geografia conforme o narrador, crescia o tamanho do lugar, o número de mortos aumentava mas um detalhe permanecia igual: não ficara ninguém para contar a história. Quanto a Tocaia Grande, até o capitão Natário foi dado como vítima da febre, batera as botas, devia estar no inferno pagando suas culpas. Houve quem, às escondidas, bebesse um trago para comemorar.

As putas, já de si andejas, arribaram. Tendo iniciado a colheita nos roçados dos sergipanos, a febre atravessou o pontilhão e varejou as choças da Baixa dos Sapos: em dois dias morreram três mulheres. A debandada foi quase geral: aproveitando o passo das tropas ou escoteiras, a trouxa na mão ou na cabeça, as raparigas se mandaram. Uma delas, Glória Maria, partiu já atacada de vômitos e tonturas, a febre na cacunda. Fez a viagem se borrando pelos matos, morreu ao chegar a Taquaras e lá se enterrou, evitando assim que somassem dez as covas abertas no cemitério de Tocaia Grande.

Alguns tropeiros desviaram a rota dos comboios, durante algum tempo evitaram o atalho, o movimento no barracão diminuiu. Na segunda semana o êxodo cresceu, a ideia de fuga dominou o arraial. Depois de tentar obter, sem conseguir, a companhia de Zé dos Santos e de sia Clara — com quem a gente vai deixar as roças e os bichos? —, Bastião da Rosa arrebanhou mulher e filha e foi buscar abrigo e segurança em Taquaras. Ao vê-lo passar a tranca na porta da casa, os indecisos liquidaram as dúvidas e se decidiram.

9

Contados sete dias e cinco mortos a partir do domingo em que Zilda referira seus temores ao Capitão, na mesma hora do almoço, na mesa silenciosa, sem convivas, ela retomou o assunto no ponto em que o deixara:
— Se alastrou.

A semana tinha sido triste e dificultosa. Natário, sombrio, parecia um bicho do mato, acuado. Vinham procurá-lo, ansiosos, atormentados, como se o Capitão fosse médico ou curandeiro, esperando dele uma providência, uma solução, e ele não tinha nem providência nem solução a oferecer, nem sequer uma palavra alentadora: as palavras eram vagas e vazias, ressoavam falsas. O povo não buscava consolo para o luto, queria salvatério para os vivos. Zé Luiz sentara-se no banco, na varanda, lavado em pranto: não existe nada mais importuno, mais insuportável do que um homem chorando, perdidas a vergonha e a presunção, despido da condição de macho.

Zilda repetiu, elevando a voz para ser ouvida e obter resposta: — Se alastrou.

O Capitão amassava com os dedos um bolo de feijão com farinha: — Diz-que outro parente de sia Leocádia está arriado. É homem ou mulher? Tu sabe? — Os estancianos na sexta-feira haviam enterrado o moço Tancredo.

— Um menino, Mariozinho, de seus dez anos, não tinha mais. Não saía daqui, era carne e unha com Peba.

— Tu fala como se ele já tivesse morrido.

— Deus me perdoe! Não quero agourar ninguém mas ocê já viu algum se salvar? Nunca soube de nenhum.

Baixou os olhos para o prato de flandre, revolveu a comida com a colher:

— Ando agoniada por causa dos meninos. O que é que ocê acha? Não era mais melhor pegar neles e ir pra roça? Até passar.

O Capitão correu a vista pela criançada que, desatenta à conversa, comia com vontade, uns na mesa, outros sentados no chão. Depois encarou a mulher:

— Tu já reparou quanta casa fechada, quanta gente já foi embora? Se nós se retira, se tu for pra roça com os meninos, no outro dia não fica mais ninguém em Tocaia Grande. Nós não pode fazer isso.

Zilda largou a colher, ergueu os olhos para ele: — Tomei filhos de outras pra criar.

— Aqui é a casa deles e daqui nós não vai sair. Ninguém. — Limpou as mãos sujas de comida, uma na outra: — A não ser que seja pro cemitério.

Zilda balançou a cabeça, em concordância: não estavam discutindo, apenas conversando. Conhecia o marido e sua maneira de pensar: quem tem mando e autoridade, tem obrigações. De nada adiantaria argumentar, menos ainda se opor. Cumprira sua parte, expusera seus temores:,a ele

competia decidir, a ela obedecer.

10

Mais tarde, na cama com Bernarda, o Capitão lhe disse: — Um bocado de gente tá indo embora. Tu devia fazer o mesmo. Aqui, o risco é grande.

Olhava para o teto de madeira, a voz neutra, sossegada: não ditava uma ordem, dava um conselho.

— Ir embora? Para onde?

— Tem um lugar em Taquaras onde tu pode ficar.

— O padrinho também vai?

— Eu não posso sair daqui.

— E a Madrinha?

— Fica aqui, comigo. Ela e os meninos.

— Nem vosmicê, nem a madrinha, nem os meninos. Por que eu houvera de ir? Por que vosmicê quer me ver longe? Por que me manda embora? Não fiz por merecer regalia nem desprezo. Aqui, se tiver de morrer, tou perto de vosmicê e de Nadinho.

Descansou a cabeça no peito do padrinho como o fazia desde criancinha, mas com os braços e pernas o prendeu contra o corpo nu: — Se cansou de mim?

— Não disse que tu fosse, só lembrei.

Cumpria sua parte, igual a Zilda na mesa do almoço. O capitão Natário da Fonseca tocou com os dedos a face da afilhada, xodó de tantos anos. Ao falar, já sabia da resposta.

11

Morte sentida foi a de Merência. Se houvesse sido vitimada por qualquer outra doença ou por picada de cobra, também ela teria merecido velório de arromba, com mais razão do que a lesa e o comprador de cacau. Tantos acontecidos a recordar, passagens divertidas, momentos de exaltação.

Mulher casada, guardava distância das raparigas mas nem por isso deixou de defendê-las quando os boiadeiros tentaram impor a lei da prepotência. Com as calosas mãos de oleira, concorreu infatigável para levantar paredes e colocar telhados na desolação de Tocaia Grande após a enchente. Com as delicadas mãos arteiras, nas horas vagas, com papel e

flecha fabricava arraias e as dava de presente aos meninos para que as empinassem no céu do povoado. Vinha apreciar as habilidades de seus protegidos e batia palmas aplaudindo a altura do voo e as evoluções. Desejara um filho, ah, como o desejara! Mas tinha a matriz virada, o oveiro seco. Na falta de filho mimava moleques, criava bichos. Quem não a recordava com a água pela cintura na manhã da cheia, a jibóia enroscada em seu busto?

Se Zé Luiz passava das medidas, na cachaça ou no puteiro, bêbado ou enrabichado, Merência se zangava e chegava-lhe a roupa ao corpo sem que ele reagisse. Ia buscá-lo, chumbado, na Baixa dos Sapos e o reconduzia ao lar aos xingos e bofetões. Nos enterros cabia-lhe recitar a oração da despedida. Ah! teria sido sentinela de muito riso e de muita compunção!

Fora enterrada às carreiras como os demais consumidos pela febre. Para que os miasmas não se alastrassem no ar penetrando no sangue dos viventes. Devota, uma capacidade em catecismo e reza, Merência teria gostado de acompanhamento com ladainhas e louvados. Tão merecedora, na hora extrema tudo lhe faltou: velório, carpideiras, preces. Não teve sequer o coro das putas a dizer amém. A febre matava depressa, ainda mais depressa o defunto era levado ao cemitério na avexação do medo. No atabalhoado corre-corre, mal deu tempo para Fadul engrolar um padre-nosso em árabe.

12

Decorridos três dias do enterro de Merenda sem que se soubesse de novos casos de sentença e danação no arraial deserto de movimento e de alegria, Pedro Cigano aparecera na oficina de Castor Abduim em missão de vida e alegria. Para discutir a ideia de um fovoco: era preciso esquecer os dias negros, suster o choro, apagar a memória da febre, por cobro às comemorações da morte: os mortos só ressuscitam por ocasião do juízo final.

Em seguida à festa do barracão, Pedro Cigano havia desaparecido de Tocaia Grande e certa gentinha linguaruda se aproveitou para baixar-lhe a lenha. Capara o gato com tal pressa e tamanho medo de bater a caçoleta, a ponto de haver abandonado o fole no armazém do turco: na hora da pândega era presença obrigatória, os cinco dedos estendidos, para cobrar os caraminguás da música, a boca escancarada para beber por conta dos mãos-abertas. Acusações de invejosos de seus dons de menestrel, das

livres andanças e dos xodós constantes, misérias logo desmascaradas: Pedro Cigano voltou no mesmo pé-de-vento, carregado de quinino e de outras drogas de farmácia, obtidas em Taquaras, nos guardados da Estação, destinadas ao combate à maleita, inúteis nos casos da febre sem nome e sem cura. Não somente voltou, ali permaneceu distribuindo doses preventivas de quinino aos moradores, dando tons de azul ao mijo de Tocaia Grande.

Certo de que a maldição chegara ao fim, saíra em busca de apoio para a proposta de um pagode dos bons, capaz de extinguir a morrinha e restabelecer o riso. Na oficina conteve o entusiasmo ao lembrar que o velho Ambrósio, pai de Diva, iniciara o banquete da maligna. Mas Diva não se ofendeu, concordou com o sanfoneiro: nada melhor do que um arrasta-pé para espalhar as cinzas e restaurar o gosto de viver. De acordo — disse Tição. Pedro Cigano foi adiante em busca de outras adesões.

13

Diva morreu ao amanhecer, limpa e serena, estendida na rede, sentindo contra o corpo em brasa o frescor do corpo de Tição, nele abraçada, ouvindo-o murmurar: ô iiá, minha preta, preta minha, ô iiá. Marulho de águas mansas, ondas na praia, distante som de búzio. Disse: — Meu branco, e lhe faltou.

Contraíra a febre quando já se pensava em festejar o término do surto e se combinava data para o bate-coxas. Na manhã seguinte à visita de Pedro Cigano, Diva se queixou de moleza nas pernas, calor no rosto e dor nas tripas. Durou um dia e uma noite. Lia e Vanjé tinham vindo fazer companhia e ajudar. O menino fora levado para ficar com Dinorá, longe do perigo de contágio. Tição permanecia acocorado ao pé da esteira onde Diva minuto a minuto se acabava: mão de afago, palavras soltas, tentava sorrir, não conseguia. Sacrificara um porco para Omolu sabendo porém que seria inútil como haviam sido os dois ofertados na semana anterior. A febre fechara os caminhos para os encantados, abrira a porteira dos eguns e qualquer criatura, em cuja testa pusesse a mão, lhe pertencia. Tição sabia de certeza mas decidira que a maldita não levaria Diva sozinha. Se não o derrubasse na mesma esteira imunda de vômito e soltura, Tição sabia o que fazer. Ali, acocorado, pensara e resolvera.

Diva gemeu baixinho e mais uma vez a mãe e a cunhada limparam-na da sujeira enquanto Tição a sustentava de encontro ao peito. Mas os trapos

de pouco adiantaram, ela se sentia emporcalhada e fedorenta. Pediu que esquentassem água para um banho. Lia e Vanjé resistiram: tomar banho com o corpo queimando, desejo absurdo, delírio da febre. Pelo amor de Deus, rogou Diva, desfalecente. Tição mandou que atendessem: absurdo delírio, fantasia de agonizante, ela tinha direito ao que quisesse. Foi buscar a tina.

Tiraram-lhe a combinação suja, sentaram-na na água morna. Vanjé e Lia que se retirassem para a oficina, deixando-a em companhia de Tição. Nua, limpa, cheirando a sabão, quis que ele subisse com ela para a rede e se deitassem juntos.

Debaixo da rede, imóvel, o focinho entre as patas, Alma Penada.

14

Uivo de morte, o grito de Tição cortou a alvacenta madrugada, transpôs o medo e o luto, acordou o povo: o mesmo sucedera no verão quando a cabeça-d'água pipocou nas cabeceiras e o rio se fez devastação. Que outra provação se anunciava? Não bastava de infortúnio e sofrimento?

A aurora se acendia e os que acorreram viram a febre, desembestada, embarcar no vendaval: queira Deus estivesse farta de matar. Nove mortos, dez com Glória Maria, nada mau: boa parte da população do cu-de-judas. Feitas as contas de somar e de subtrair, dando baixa nos defuntos e nos fugitivos, bem poucos sobravam dos que ali habitavam em permanência. Não perderiam por esperar. A febre sem nome, a que matava até macacos, esquadrinhava a capitania do cacau, atenta ia e vinha de um sítio a outro, dava trégua mas não dizia adeus para sempre e nunca mais.

Lia apareceu na frente, correndo em disparada, clamando por socorro, pedindo a ajuda de Fadul. Logo se formou um grupo com tropeiros, putas, moradores, querendo saber. Em passo lento, cazumbi mal-assombrado, Tição cruzava o descampado em direção ao rio, seguido pelo cão Alma Penada. Nos braços estendidos conduzia o corpo de Diva, vestido com a luz da barra da manhã. Sozinha não a deixaria ir: no fundo das águas, no leito do rio se estendem terras de Aiocá. Sacrilégio! Defunto se enterra em cemitério e aos vivos cabe chorar e recordar.

Vanjé tropeçou no pé-de-vento e caiu na lama antes de alcançar Castor e lhe suplicar respeito para com a morte e sua circunstância. Bernarda apareceu e a ajudou a levantar-se. Calçada com as alpercatas do diabo, Coroca corria no redemoinho. No céu, visagens se dissolviam em farrapos

de nuvens. Depois da desgraça, o vitupério.

Fadul mal teve tempo de enfiar as calças. Precipitou-se para tomar a frente do ferrador de burros e impedir-lhe o passo. Ia gritando:

— Que é isso, Tição, tu tá maluco?

Castor Abduim não susteve a marcha, tampouco se apressou, prosseguiu andando. Não era o ferreiro Tição, bom moço, por todos estimado, era uma alma do outro mundo. Rosnou numa voz sem timbre, ruim de se escutar:

— Arreda!

Um círculo foi se apertando em torno dele, o povo disposto a impedir o sacrilégio. O turco chegou mais perto, o círculo se fechou.

— Vamos vestir ela, botar na rede, fazer o enterro.

— Arreda!

Nos olhos o vazio da morte, Tição tentou atravessar, esbarrou em Fadul. Em torno o povo, pronto para intervir: impotente contra a febre, não iria permitir o ultraje.

Fadul ergueu a mão disforme, fechou o punho e desferiu o soco antes que o povo avançasse e fosse tarde. Vanjé, Bernarda e Lia recolheram o corpo. Tição se ergueu para matar e morrer. Mas quem ele encontrou postada em sua frente foi Coroca, a mãe da vida:

— Tu se esquece, desgraçado, que tem um filho pra criar?

O REISADO DE SIA LEOCÁDIA PEDE LICENÇA AO POVO DE TOCAIA GRANDE PARA DANÇAR: QUILARIÔ! QUILARIÁ!

1

Estava Castor Abduim entregue ao trabalho de ferrar a égua Imperatriz, montaria de estimação do coronel Robustiano de Araújo, serviço delicado, pois o animal, além de passarinheiro, tinha os cascos frágeis, quando os latidos de Alma Penada, inesperados e festivos, despertaram-lhe a atenção. O cão levantara as orelhas, pusera-se de pé abanando a cauda, e partira célere ao encontro de um viandante. Alma Penada não era de índole expansiva. Apegado ao dono, reservava para ele suas efusões, não vivia a correr atrás e a saltar em torno de desconhecidos. No fim da tarde de verão um fogaréu queimava o céu de Tocaia Grande, fulguração de vermelhos e amarelos.

Entregando a Edu a pata da égua para que o rapazola completasse o serviço com o puxavante, Tição, fixando a vista, enxergou a silhueta de um vivente, esbatida contra as luzes e as sombras do pôr-do-sol. No pensamento do ferrador de burros perpassou uma ideia fugaz e absurda: ia por fim tirar a limpo o mistério que cercava a aparição de Alma Penada em Tocaia Grande. Decorridos tantos anos, alguém vinha por ele, disposto, quem sabe, a reavê-lo.

Vago perfil de mulher, envolto em luz e em poeira, o vulto se abaixou, largou no chão a trouxa de viagem para melhor receber e retribuir os afagos do cão. Naquele preciso momento, sem enxergar-lhe as feições nem o contorno da figura, o negro soube de quem se tratava: só podia ser ela e mais ninguém. Desde que partira, jamais dera notícia. Tição manteve-se parado, à espera, sem manifestar reação qualquer que fosse: morto por dentro, vivo apenas na aparência. Ao menos assim corria no arraial: a verdadeira alma penada na oficina era o ferreiro e não o cão. Passo maneiro, corpo sacudido, o bamboleio dos quadris, Epifânia se aproximou, o rosto sério. Comedida nos modos, sem espalhafatos, não arreganhava os dentes, não se desfazia em dengue. Nem parecia aquela lambanceira e atrevida, luxenta, que virava a cabeça dos homem e perturbava a paz. Parou diante de Tição, o atado sob o braço, o cachorro saltitando em redor:

— Vim tomar conta do menino. Andei sumida, tava amigada. Trasantonte encontrei Cosme, ele me contou. Fiquei sentida.

A voz serena e firme: — Cadê ele, o meu menino? Não vou embora nem que tu mande.

Sem esperar resposta, andou para a porta da oficina, seguida por Alma Penada, entrou casa adentro. Lavado em sangue, o sol afogava-se no rio.

2

Em companhia da neta Aracati, cujos quinze anos não haviam festejado devido à febre que grassara no inverno, sia Leocádia percorreu a meia légua que mediava entre as plantações dos estancianos e as do povo de Vanjé. Valente andarilha apesar do fardo da idade a lhe vergar os ombros, a moleca devia aligeirar o passo para acompanhá-la.

Iam as duas conversando sobre assuntos insólitos naquelas capoeiras. Discutiam trajes de pastoras, pastoras de estrelas conforme davam a perceber, e se referiam a personagens cujos nomes e títulos ressoavam estranhos e sedutores: Dona Deusa, Besta-Fera, Caboclo Gostosinho. Esses e outros seres espantosos, ademais de lindas pastorinhas de presépio, desfilariam em breve nas brenhas de Tocaia Grande, sob as ordens de sia Leocádia. Começara o verão, barrufos de chuva lavavam o céu, enxaguavam o sol, dias belos e cálidos, corações alevantados. Sia Leocádia partira em obrigação de gentileza: ia ouvir a opinião dos vizinhos mas a resolução estava tomada e ninguém a faria desistir. Assim dissera à sua gente: — Não vou passar mais um ano sem botar o reisado na rua.

Com os olhos fundos, dois buracos na cara cavada, esquadrinhara parentes e aderentes para observar a reação de cada um. Doninha, mulher de Vavá, baixou os olhos e Sinhá desviou a vista, mas ninguém levantou a voz para se opor. O genro Amâncio não podia deixar de meter o bedelho. Achava-se engraçado, considerou em tom de zombaria: — Adonde vosmicê viu rua por aqui?

— Nós vai dançar do lado de lá.

Do lado de lá designava igualmente qualquer das duas margens, a do casario ou a das plantações, dependendo da posição de quem falasse. Amâncio prosseguiu com a troça:

— E do lado de lá tem rua? Vosmicê pensa que nós ainda vive em Estância?

— Nós vivia na roça, perto de Estância, agora nós vive perto de Tocaia Grande. Eu sei que é diferente, tu não precisa me dizer. Tem uma coisa melhor, outra pior, a rua é pior, a terra é melhor. Quando nós veio não trouxe só o corpo. Quando nós veio, o reisado veio com a gente, eu trouxe ele na cacunda. E agora ele vai dançar pro povo daqui, tu queira ou não. —

Dirigia-se ao genro ou a todos os presentes? — Se tu tá em contra, tu não precisa sair, arranjo outro Jaraguá. Ninguém é obrigado, só sai quem quiser.

— Nanja eu! Não tá aqui quem falou. Quem manda é vosmicê.

Era ela quem mandava, a matriarca. Não questionavam suas decisões, e quanto a Amâncio, ninguém mais apegado ao reisado do que ele. Na figuração do Jaraguá não havia quem lhe levasse a palma, Besta-Fera arruaceiro e assustador. Falava por falar, conversa-fiada, da boca para fora: tem quem seja assim. Sia Leocádia encerrou a conversa antes que alguma mulher, Doninha, Sinhá ou outra tola qualquer, lembrasse os mortos:

— O povo daqui vai endoidar. Tu já pensou?

No ano anterior, recém-instalados em Tocaia Grande, nem tinham podido cogitar do reisado. Em Estância, durante mais de quarenta anos, o Reisado de Sia Leocádia, vindo da roça, disputara com os da cidade os aplausos da população. Não era o mais rico nem o maior, mas era o mais alegre e influído. Em fausto e luzimento nenhum se atreveria a comparar-se ao Reisado da Família Alencar que, a mais das posses, tinha leitura e tutano. Dona Aglaé e seu Alencarzinho ensaiavam o ano inteiro e até nos livros estudavam cada passo e cada verso para cumprir à risca o enredo e a dança. Ainda assim, competindo com a fortuna e o saber, o Reisado de Sia Leocádia fazia bonito: quando despontava na entrada da cidade, acendia as lanternas das pastoras e a Senhorita Dona Deusa empunhava o estandarte, o povo acorria a saudá-lo e, entre palmas e vivas, o acompanhava à Praça da Matriz. Sia Leocádia calçava sapatos e usava travessa no cocuruto de cabelos brancos.

A avó e a neta disfarçavam a estirada comentando acerca da saída do reisado. Em Tocaia Grande não poderia ser igual a Estância, faltava de um tudo, a começar pelo bombo, indispensável: teriam de se contentar com sanfona e cavaquinho. Onde as praças, as ruas largas, iluminadas por lampiões a querosene, os sobradões e as casas com duas salas de frente: numa, o presépio armado, a outra aberta para a dança, as mesas postas com fartura para receber as pastoras e a figuração? Em Estância os festejos começavam com a missa do galo na noite de Natal e se prolongavam até o dia dos Reis Magos: a Lira no palanque tocando dobrados, marchas e xotes, em cada esquina um dançarás. Mas Estância ficara nas quebradas do mundo quando os trabalhosos roçados foram substituídos por verdejantes campos de cana-de-açúcar. Em Tocaia Grande, nem lampiões de querosene nem sobrados coloniais ou casas com

duas salas de frente e presépio armado: três e meia dezenas de habitantes, afora as putas estradeiras, os tropeiros no pouso do barracão, alugados vindos das fazendas fazer feira e consolar a rola. Nem por isso o Reisado de Sia Leocádia seria menos caprichado e influído.

Quando passaram em frente ao criatório de Altamirando, a neta quis saber: — Não vai falar com sia Clara, vó?

— Primeiro nós vai falar com Vanjé, depois com os outros. Se ela quiser, o reisado vai ser de nós e dela.

3

Tempo de atropelo, ainda não decorrera ano e meio da chegada dos estancianos a Tocaia Grande, parecia um século. Sia Leocádia resumia, coberta de razão: ali desfrutaram do melhor, padeceram do pior. Terra devoluta, virgem e fértil — em Estância a terra, cansada, tinha dono —, proteção de parente rico, ajuda de bons vizinhos, compatriotas de Sergipe, facilidades de toda espécie. Mas enfrentaram também, em curto prazo, a desgraça e a morte.

A desgraça da enchente. Destruíra por completo o que haviam conquistado com esforço insano, no momento em que se preparavam para colher os frutos iniciais: ficaram ao desabrigo e as viçosas plantações se transformaram em lama. Nem bem se recompunham e a febre, ou seja, a morte, acampara em Tocaia Grande.

Atacara de preferência os sergipanos. Os grapiúnas revelavam-se mais resistentes ao contágio e havia quem se gabasse de possuir corpo fechado; até podia ser verdade. Dos dez enterrados pela febre, nove no cemitério de Tocaia Grande, um no de Taquaras, seis eram sergipanos e Clementina viera de pertinho, das Alagoas na outra margem do rio São Francisco. Dois da família de Vanjé o marido Ambrósio e a filha Diva, amásia de Tição; dois do clã de sia Leocádia, o rapazola Tancredo e o molecote Manozinho; das quatro putas que bateram a bota, uma única, Dinair, nascera e se criara nas roças de cacau; Caetana procedia de Buquim, Glória Maria, de Itaporanga.

Sinha Leocádia estava habituada a conviver com a morte. Entre filhos e filhas, genros e noras, netos e bisnetos já rezara por quatorze: com os dois falecidos em Tocaia Grande perfaziam dezesseis. Mortes penosas aquelas duas, pois o lugar era desvalido e de tal febre não se conhecia nem o nome, apenas se dizia que matava até macaco. O mocinho e o menino, ai, meu Deus, se acabando, botando a vida pela boca e pelas tripas, coisa medonha de se ver.

O reisado não deixara de sair e de dançar nas ruas nem sequer por ocasião da morte de Fortunato, marido de sia Leocádia, chefe da família, que entregou a alma enquanto trabalhava na roça, sem soltar um ai, sem ter dado aviso de doente. Durante um ror de anos figurara o Caboclo Gostosinho e, de acordo com o povo de Estância, nem o próprio seu Leonardo do reisado dos Alencar se comparava com ele no recitativo da partilha do boi:

Meu boi berrante
Morreu de quebrante

Com a falta de Fortunato, a figuração do Caboclo Gostosinho deixara de ser exclusividade desse ou daquele. Cada ano sia Leocádia escolhia um dos homens da grei para assumir o posto e recitar a partilha. Quase chegando à casa da velha Vanjé, Aracati atreveu-se a perguntar: — Quem vosmicê pensa, vó, para dançar o Caboclo dessa vez?

Engraçado: sia Leocádia vinha cogitando naquele problema: — Vou fazer tudo pra que seja seu Tição. Inté parece que ele se enterrou junto com a mulher.

— Acho bonito, vó, tanto sentimento. Vosmicê não acha?

— Rapaz moderno, coberto de luto que nem viúva velha, acho bonito não.

Luto, maneira de falar. Cobrir-se de preto, da cabeça aos pés, era regalia de rico nas cidades e nas casas-grandes das fazendas. O luto do povo era tristezas e quebranto, agoniando o peito, não se exibia nos trajes, chamava-se nojo e durava pouco. Na canseira da vida, cadê tempo e sossego para saudade e choro?

4

Seu Carlinhos Silva modificou o aspecto do depósito de cacau, por fora e por dentro, ampliando-o inclusive com duas novas construções. Uma lhe servia de residência e escritório, a outra para alojar os cabras: antes dormiam em esteiras junto ao cacau estocado, banhavam-se no rio e faziam as necessidades no mato. Com a reforma ganharam cama de lona e cagatório. Bem se dizia que seu Carlinhos tinha uma parte de gringo, cheio de novehoras. Casinhas fizera logo duas: a dos cabras e a dele, reservada para seu uso exclusivo, trancada à chave.

Houve quem estranhasse vê-lo um dia no depósito, às voltas com Lupiscínio e Zinho, traçando planos, contratando empreitadas, dando

ordens. Mas a notícia logo se espalhou: o coronel Robustiano de Araújo cedera o depósito à firma Koifman & Cia. O motivo para a decisão do Coronel iam buscá-lo na morte de Gerino, vitimado pela febre que não respeitara sua condição de grapiúna.

Devido a tantos enterros em tão pouco tempo, não se fez referência na ocasião ao vulto do velório de Gerino, capaz de superar os de Ção e de seu Cícero Moura e de emparelhar com o de Merência: quatro inexistentes sentinelas. Perversa, a febre matava e ainda por cima impedia recordação e alabança.

O Coronel construíra o depósito quando, tendo tido uma desavença com os suíços de Weltman & Scherman a quem vendia suas safras, se passara para os alemães de Koifman & Cia que, para agradá-lo, propuseram receber o cacau seco em Tocaia Grande, a meio caminho entre a Fazenda Santa Mariana e a estação de Taquaras. Entregara o depósito à guarda de Gerino, cabra provado, sério e fiel, que o acompanhara durante as lutas, bom na repetição, inútil na lavoura e na criação de gado.

As casas exportadoras, quase todas alemãs e suíças, uma única brasileira — a menor e a mais ladrona, segundo os maldizentes —, travavam uma batalha de manha e de prestígio nas diversas áreas da região cacaueira a fim de ganhar e garantir a freguesia dos fazendeiros. Dos pequenos, facilitando-lhes adiantamentos por conta do cacau a ser entregue, dos grandes oferecendo-lhes comodidades e vantagens. Devido a seu Cícero Moura e, sobretudo, a seu Carlinhos Silva, Koifman & Cia ampliara seus negócios nos limites do rio das Cobras, acaparando boa parte da produção da zona. Com o objetivo de facilitar a vida dos cacauicultores, em especial dos menores, libertando-os da obrigação de entregar o produto na matriz de Ilhéus ou na filial de Itabuna, diminuindo o percurso das tropas e a despesa, seu buna, diminuindo o percurso das tropas e a despesa, seu Carlinhos propôs a Kurt Koifman, patrão e ex-parente, o estabelecimento de um depósito em Tocaia Grande, localidade bem situada e de futuro, para ali receber e estocar o cacau, a exemplo do que já faziam com as safras do coronel Robustiano de Araújo.

O fazendeiro, ainda abalado com a morte do insubstituível Gerino — cabra de confiança igual a ele só mesmo seu irmão Nazareno e esse não largava do pé do Coronel, Deus seja louvado! —, ao tomar conhecimento do projeto, propôs ceder seu depósito à firma, negócio vantajoso para ambas as partes. Assim foi feito e, em consequência, seu Carlinhos Silva instalou-se em Tocaia Grande com armas e bagagens, solução cômoda e prática: ia a Ilhéus uma vez por mês apresentar o relatório.

Além de cama de casal, trouxe da cidade escrivaninha e estante com livros, a maioria em língua de gringo. Aos que se admiravam ao ver cama de casal em casa de solteiro, respondia amável e desbocado: solteiro, sim, punheteiro, não. Pessoa dada, de natureza cordial, quando não estava viajando para comprar cacau, gostava de cavaquear com o povo, interessado em toda espécie de besteira: receitas de mezinhas e garrafadas, simpatias para curar asma e tísica, histórias de abusões, ditos e provérbios, acontecidos miúdos e tolos. Com um toco de lápis tomava notas numa caderneta: se vê de um tudo nessa vida. Por essas e outras, Bráulio, um dos guardas do depósito, dizia que seu Carlinhos era uma pessoa interessante. Bráulio ouvira a palavra numa pensão de putas em Itabuna e a incorporara a seu minguado vocabulário, usando-a com parcimônia, quando tinha de explicar o inexplicável: interessante!

Escutando sia Leocádia desdobrar o projeto do reisado, seu Carlinhos Silva aplaudiu a ideia com entusiasmo e se colocou às ordens: em que podia ser útil? Sia Leocádia aproveitou para citar a grave questão do bombo: sem bombo, reisado não era a mesma coisa. Seu Carlinhos comprometeu-se a obter com Koifman & Cia a doação do instrumento: fique descansada, não será por falta de bombo que o reisado deixará de sair. Em troca fez um pedido: desejava assistir os ensaios, teria permissão? É claro que sim, bastaria comparecer ao barracão onde seriam realizados, três dias por semana. Em Estância, cada ensaio era uma festa com namoro, cantoria e dança. Às vezes, dava casamento.

5

O capitão Natário da Fonseca devolveu a palha e o fumo a Espiridião, guardou o punhal no cinto, transmitiu ao coronel Boaventura Andrade a embaixada de sia Leocádia:

— Sia Leocádia mandou dizer que conta como sem falta com vosmicê para o reisado.

Recado urgente: não se esqueça, Capitão, de falar com o primo. O Coronel sorriu, se recordando: — Velha disgramada! Inda me lembro do reisado dela. Nunca vi gente mais festeira que a de Estância.

— Ela disse que o pai de vosmicê fazia figuração de Mateus e era bom de dança.

— O velho Zé Andrade era da pá virada. Saía em reisado, tocava trombone, pintava o diabo. Até morrer.

Até morrer. Na varanda da casagrande, o coronel Boaventura Andrade demorou o olhar nos dois cabras, Natário, seu braço direito, Espiridião, seu

cão de guarda. Tanto um quanto outro tinham arriscado a vida a seu serviço. Não estaria ali, conversando, não fossem eles. Natário por duas vezes, Espiridião por uma, ao menos, atiraram antes que jagunços a mando dos inimigos completassem com êxito o trabalho contratado a peso de ouro. Jurado de morte durante o decênio das lutas sem quartel quando coronéis e jagunços construíram e asseguraram a riqueza com o dedo no gatilho. Em Estância, o velho José Andrade, trombonista da Lira Estânciana, se divertira até morrer. Na varanda da casagrande o coronel Boaventura Andrade, milionário e poderoso, refletia sobre o destino das criaturas.

Em Ilhéus e em Itabuna pululavam bacharéis, raça velhaca e suspeita; funcionavam Lojas Maçônicas e Associações Comerciais; o colégio das ursulinas formava professoras; circulavam jornais, alguns todas as semanas, remexendo na política, ocupação asquerosa e necessária; nos cabarés exibiam-se dançarinas; fundavam-se hospitais; todas as semanas desembarcavam dos navios da Bahiana conferencistas em busca de dinheiro, os divertidos contavam anedotas, os maçantes declamavam poesias; e até um grêmio literário fundaram em Água Preta por ocasião de recente visita do filho do coronel Emílio Medauar, o tal que escrevia versos e fora colega de Venturinha na Faculdade de Direito. Vagabundos os dois no Rio de Janeiro, gastando dinheiro a rodo, o escrevinhador ao menos dava aos pais motivos de ufania e vinha tornar-lhes a bênção, no São João e no ano-novo, pondo Água Preta em polvorosa: os letrados e as moças. Bom filho, devotado aos pais. O seu, nem isso. Devotados eram Natário e Espiridião.

Tanta grandeza nas cidades, luxo e pompa nos bangalôs e palacetes, discursos, artigos de fundo, recitativos, conferências, dança dos sete véus e mil outras sublimidades: toda essa vanglória se tornara possível porque Natário, Espiridião e a facinorosa laia dos jagunços, Boaventura Andrade, Emílio Medauar e a gloriosa grei dos coronéis haviam empunhado os trabucos e partido para a conquista da mata: cada palmo de roça custara uma vida, por assim dizer. Os notáveis discursavam e escreviam sobre civilização, progresso, ideias liberais, eleições, livros e outras bobagens, palavrório e enrolação. Se eles, coronéis e jagunços, não houvessem desbravado as matas e plantado a terra, o eldorado do cacau, tema das perorações e dos ditirambos, nem em sonhos existiria.

Ouvindo Natário falar a respeito dos estancianos, o Coronel pousou sobre os dois cabras o olhar afetuoso e sentiu no peito estima e gratidão. Envelhecera, já não era o mesmo pai-d'égua, tampouco o manda-e-faz autoritário, senhor de baraço e de cutelo, a ordenar na política e na justiça,

na Intendência e nos cartórios de Itabuna. Se ainda mantinha as rédeas do poder, e as mantinha curtas para evitar tramóias, era porque apesar de tudo conservava a esperança de ver o filho de regresso para assumir o mando e lhe permitir descansar em paz.

O velho Zé Andrade, homem pobre, músico amador, se divertira até morrer, não abrira mão de nada que a vida lhe oferecia, tanta coisa.

— Diga a Leocádia que estou muito velho para dançar reisado.

— Ela disse que vosmicê fosse ao menos pra assistir. Pra se divertir um pouco.

6

Para divertir a velhice do Coronel bem poucas coisas a vida oferecia. Duas delas, porém, eram consolação e bálsamo: o cacau e a moça Sacramento.

A visão e o cuidado das roças de cacau, espetáculo sublime, doce tarefa, jubilosa. Viera de completar, em companhia de Natário, a inspeção da entressafra, roça a roça, as antigas e as novas, cada qual mais florida e carregada naquele verão glorioso, perfeito na medida da chuva e do calor. Para compensar o prejuízo das inundações no ano anterior. Floração excepcional, fartura e vigor dos bilros, aqueciam o coração.

Atravessara também as roças da Boa Vista, os cacauais não faziam diferença para os da Atalaia, o mesmo trato, o mesmo viço de dar gosto. Natário fora recompensado, se não na medida do merecimento — por duas vezes lhe salvara a vida —, ao menos possuía um pedaço de terra plantado de cacau: trabalhador e sabido, acabaria rico. Já Espiridião não tinha onde cair morto; guardava seus teréns num quarto sem janelas na puxada aos fundos da casagrande. Sono leve, ouvido fino, dormia na sala guardando o quarto e o descanso do patrão.

Nunca abrira a boca para reclamar, nada quisera nem pedira. Chegara à Fazenda da Atalaia na alvorada da luta, em companhia de uma filha pequena: a mãe morrera tísica, botando sangue pela boca durante a seca no sertão de Conquista. Por disposição do Coronel e não por rogo do pai, a menina Antônia, cria da casagrande, cursara o colégio das ursulinas em Ilhéus: única negra retinta no rol das alunas mais ou menos brancas. Professora diplomada, esforçava-se por alfabetizar meninos na pequena escola de Taquaras. Usava óculos, não se casara, criava passarinhos. O negro Espiridião tinha pela filha verdadeira veneração, tratava-a com cerimônia, só faltava chamá-la de senhora e quando se referia ao seu nome acrescentava os títulos: minha filha, a professora dona Antônia.

Espiridião sentado no degrau da varanda, Natário na ponta do banco, entre os dois cabras o Coronel refletia sobre a vida, a velhice e as poucas alegrias que lhe restavam. Da cozinha chegava a voz de Sacramento entoando modinha brejeira:

Azulão é pássaro preto
Rouxinol cor de canela
Quem tem seu amor de frente Faz ronda,
faz sentinela.

Venturinha folgava no Rio de Janeiro, esbanjando. Dona Ernestina, sua santa esposa, rezava e fazia promessas em Ilhéus; Adriana, sua rapariga, em vias também de santidade, não saía das sessões espíritas; esposa e amásia, cada uma com suas mazelas e devoções: o seu povo, o lado rico. Na fazenda, onde se demorava sempre mais, Natário, Espiridião, Sacramento, também gente dele, o outro lado. Para que não morresse solitário, a vida lhe dera a moça Sacramento. Pena tivesse tardado tanto.

Sacramento silenciou a cantiga, apareceu na varanda com o bule de café acabado de passar, quente e oloroso. Enquanto o sorvia em pequenos goles, soprando na xícara, o Coronel pigarreou e disse: — Espiridião vai querer uma cachacinha...

— Só ele? — Brincou a moça, familiar dos hábitos do fazendeiro.

— Acho que Natário é bem capaz de aceitar. Que me diz, compadre?

— Se for para acompanhar vosmicê, aceito com prazer.

O Coronel riu confortado, sentia-se entre os seus. A simples presença da moça, igual a visão das roças de cacau, aquecia-lhe o coração. Sacramento recolheu as xícaras, voltou com a garrafa e os copos. Copos de pé, cálices finos e frágeis, neles não cabia mais do que uma gota de cachaça. Quando Sacramento se debruçou para servir, o Coronel enxergou, no vão do decote da bata, a curva e o volume dos seios e os sentiu contra as costas da mão, levantada de propósito. O desejo embaciou-lhe os olhos, queimou-lhe o peito de mistura com o trago de aguardente.

Na varanda da casagrande o Coronel refletia sobre a vida, a velhice, as poucas alegrias, as muitas misérias a que o homem está sujeito: com o passar da idade vai aumentando a distância entre o desejo e a tesão, entre o pensamento ardente querendo vadiar e o pau murcho, pururuca, recusando-se a subir. Natário e Espiridião respeitavam-lhe os silêncios, entre eles nunca se fizera necessário esperdiçar palavras para que se entendessem: o Capitão até adivinhava.

Festa de reisado, brincadeira para gente moça, que diabo ele e Leocádia tinham a ver com caboclos e pastoras? Ela com o pé na cova, ele à

beira da broxura: à beira? Velha disgramada, querendo morrer na folia. Gente forte, não se deixavam abater: tinham perdido dois na epidemia, um rapaz e um menino. Também o velho Zé Andrade folgara até morrer.

As roças de cacau, seu reisado. A moça Sacramento, sua pastora, sua Senhorita Dona Deusa. Tudo quanto lhe restava. Emborcou o cálice de cachaça, ordenou, entre severo e brincalhão:

— Deixe a garrafa aí, sua sumítica. Isso não é trago que se ofereça a Espiridião.

Voltou-se para Natário, a voz cansada: — Diga a Leocádia que não garanto ir, o mais certo é que não vá. Até que gostaria. Mas ou bem Ernestina vem pra cá ou eu vou passar as festas em Ilhéus. Prometer pra não cumprir não é de meu agrado.

A tarde morria sobre as roças de cacau. No ribeirão, o coaxar de um sapo em agonia na boca de uma cobra. Na sala, Sacramento, a moça do Coronel, acendeu a placa de querosene.

7

Lavado em sangue, o sol afogava-se no rio. Filho de Xangô, com uma banda de Oxóssi e outra de Oxalá, o negro Castor Abduim ficara parado, sem ação, perto da porta da oficina por onde se enfiara a negra Epifânia à procura do menino. Meu menino, ela dissera. Nuvens vermelhas corriam pelo céu, luz e sombra confundiam-se numa atmosfera de emboscada, aviso de ameaça, anúncio de perigo. Que fazer? — perguntava-se Castor: — Como enfrentá-la e dizer não?

Eis que um vento, abrupto e abrasador, soprou do oriente, agitou as águas do rio, cruzou a mata e no centro do descampado, entre o barracão e o armazém do turco, se estendeu, denso mantel de poeira, e cortou o mundo em duas partes, a de cima e a de baixo: numa a luz do dia, o calor da vida; na outra as sombras da noite, o frio da morte. E em seguida esse mantel de claridade e trevas separadas já não era remoinho de poeira e sim uma aparição gigantesca e apavorante. A parte de baixo imersa na noite, vestida de farrapos sujos de vômito e soltura, as pernas e os braços presos em correntes imundas de ferrugem, a parte de cima refulgindo em lume, ateada em chamas.

A figura completa, com a cabeleira de ouro puro, o manto de estrelas e a coroa de conchas azuis, só veio a se mostrar mais adiante, quando o horizonte se vestiu de púrpura e o egum, enfim liberto, nele mergulhou e partiu para sempre e nunca mais. Não era coisa desse mundo.

O negro Tição Abduim viu-o surgir do vazio, espaventoso, crescer no ar,

rodopiar no vento, levantar-se numa espiral que tocava o céu. Encolheu-se no medo, curvou-se no respeito, fechou os olhos para evitar a cegueira e pronunciou a saudação dos mortos: epa babá! Mastigando frases em nagô, o egum lhe ordenou abrir os olhos e se aproximar para ouvir o que ele tinha a lhe dizer. Fazendo das fraquezas força, o negro andou em sua direção.

Epifânia de Ogum, ekede apta a acolher os encantados pois já cumprira quatorze anos de feita, poderia tê-lo visto com seus olhos de enxergar e de aperceber mas não estava ali, sumira casa adentro em busca de Tovo sem que Tição, tomado de surpresa, a impedisse. Edu, ocupado em limpar com o puxavante os cascos da égua Imperatriz calçados com ferraduras novas, e o vaqueiro, portador da montaria por ordem do coronel Robustiano de Araújo, apenas viram, com os olhos de ver sem enxergar nem perceber, a poeirama levantada pelo inesperado pé-de-vento, espantaram-se com a altura e a força do redemoinho.

Tição adiantou-se ao encontro do babá, arrastando os pés: perdera o controle dos próprios movimentos e, à proporção que se aproximava, sentia crescer um peso no cangote, uma lombeira, um cansaço como se fosse morrer ali mesmo, naquela hora. Era o egum de Diva que se manifestava, motivo imperioso o fizera embarcar no vento de fogo do deserto: vinha do Além para buscá-lo. Já era tempo.

A cabeça nas brumas da vertigem, as pernas lhe faltavam. Com dificuldade conseguiu alcançar um pedregulho e nele se sentar obedecendo ao mando do babá. Encontrou-se nos portões da noite, ainda fechados, diante do egum de Iemanjá, mas só o via da cintura para baixo. Trapos nojentos o cobriam, exalavam o fedor da febre, exibiam sua repugnante porcaria e os pés estavam amarrados com correntes iguais às que ele em menino vira na senzala do engenho: tinham servido para prender os pés dos escravos e lhes impedir a fuga para a liberdade.

Tição não conseguia distinguir-lhe o rosto projetado nas alturas mas reconheceu o marulho da voz de Diva sussurrando-lhe ao ouvido as palavras familiares de dengue e de ternura: meu branco, sou tua preta e aqui estou. Voz sofrida, entrecortada de soluços, lavada em pranto, transbordava mágoa e queixa, amargura. Qual a razão de tão profundo sofrimento? Queres saber? Vou te dizer, escuta! Iniciou a acusação. Perguntou por que Tição não a libertava, não lhe dava a moeda do axexê para pagar o barco da morte, por que a prendia num mundo que já não era o dela e a mantinha amarrada em cadeias de tristeza e de revolta? Eu, que morri na maré da peste, sou obrigada a viver, tu, que estás vivo,

pareces morto, tudo pelo avesso e pelo vice-versa, tudo ao contrário e desconforme. Ai, meu branco, tua preta está cumprindo pena, tu me condenaste, não tenho paz. Para que me queres pesando em teu costado?

Liberta minha morte e guarda em teu coração minha lembrança viva. Por que manténs meus trapos juntos dos teus no caixão de querosene e sobre eles o abebê que um dia cinzelaste para mim com um prego caibral e tua astúcia? Livra-me das cadeias: toma de meus trapos e leva-os para Lia e Dinorá, ainda possuem serventia. Coloca o abebê no peji dos orixás porque agora sou uma encantada, um egum de Iemanjá. Chama Epifânia de Oxum e Ressu de Iansan e dança com elas o meu axexê: até hoje não o dançaste. Liberta minha morte que prendeste em teu peito e volta a viver como vivias antes de me conhecer. Quero escutar teu riso claro e alegre. Não quero teu choro nem teu desespero. Volta a ser Tição, de novo, um homem.

Os soluços cessaram, as queixas, a acusação e o que foi mágoa voltou a ser cálida ternura: meu branco, ai, meu branco, escuta o que te vou dizer. Disse e por três vezes repetiu para que o dito e o repetido se lhe encaixasse na cachola dura e obstinada: fora ela, Diva, sua falecida, sua preta, a mãe de Tovo, quem guiara os passos de Epifânia, levando-a de retorno à oficina para que ela tomasse o menino a seus cuidados. Homem sozinho, nunca soube criar filhos, Tovo não aprendera sequer a rir, mais parecia um bicho-do-mato do que uma criança. Fora ela, Diva, quem enviara Epifânia para ocupar-se de Tovo e também dele, Castor Abduim da Assunção, dantes tição aceso, depois acha de pau sem serventia. Quando morri não te capei, meu branco. Também tu viraste um bicho, uma visagem, um lobisomem. Por que choras se eu quero ouvir teu riso?

Somente então ele viu o rosto luminoso, enxergou a figura completa do egum: liberto das correntes, dos molambos, vestido de luz. Diva, as tranças de menina, Iemanjá, a longa cabeleira, eram as duas e eram uma única, não são coisas de explicar e sim de entender. Diva sobrevoou o rio e o descampado. Com os lábios tocou a face do negro, soprou-lhe a vida pela boca, ressuscitoulhe a estrovenga, e em paz com a morte desapareceu no nada.

Os que viram o negro Tição Abduim sentado numa pedra, os olhos no revérbero de luz a se desfazer em poeira, contam que ele se levantou ainda ausente e executou passos rituais de dança, feitiçarias de macumba. Informado por terceiros, Fadul Abdala veio às pressas do armazém: — Tá sentindo alguma coisa, Tição?

Surpreso, viu o negro sorrir: — Não foi nada não. Tava dormindo e

acordei.

Acordara sorrindo, boas novas.

8

Para Epifânia de Oxum, Tição concebera um abebê dourado em dias de solidão e de morrinha: a solidão, fardo pesado; a morrinha asfixiava. Oxum viera fazer-lhe companhia e o ajudara na tarefa de reunir os que até então viviam indiferentes e distantes, cada um para seu lado, como se o vizinho não existisse. Juntos, os dois malungos romperam a solidão e prepararam a festa, em tempo de encontro e desencontro.

Para Diva de Iemanjá, Castor Abduim forjara um abebê prateado em dias de dúvida e de quebranto: a dúvida, ferida exposta; o quebranto o consumia. Iemanjá viera dos longes de Sergipe no bojo do navio da lua, e ancorara na rede de dormir. Meu branco, minha preta, ai! Na rede o mundo começava e terminava.

Com a morte de Diva, a solidão retornara, outra, diferente. Agora não provinha da carência, do desamparo do lugar: estava dentro do peito de Tição, não em derredor. Não quisera entregar o menino à avó, às tias, recusara a oferta de Zilda: tomo conta dele, crio junto com os meus. Mas a presença do filho não diminuía a ausência de Diva, não consolava: ao contrário, tornava a lembrança mais aguda.

Menino sem mãe, criado à toa. Por vezes Tição sentia-se culpado por mantê-lo junto a si, mas, como separar-se dele? O grito de Coroca, na noite da danação, ainda ressoava em seus ouvidos: tu se esquece, desgraçado, que tem um filho! Para cumprir a obrigação que Diva lhe deixava de herança, o negro Castor Abduim não se matara. Na solidão, ao abandono, três bichos na casa de pedra e cal: Tovo, Tição e Alma Penada. Nas águas do rio, nos braços do pai, Tovo aprendia a nadar; na oficina aprendia a andar, aos tropeços, embolado com o cão. Ganhara um guizo grande, dado por um tropeiro, e o Turco Fadul trouxera-lhe de Ilhéus um pequeno cisne de celulóide que Tovo mordia no despontar dos dentes. Menino sem mãe.

Tição parou à porta da oficina ao escutar um riso de criança, logo renovado, vindo lá de dentro. Ficou parado, atento ao riso de seu filho. Tovo não sabe rir, censurara Diva, parece um bicho-domato e ele, Tição, uma visagem. Era verdade. Acudia ao choro do menino somente para dar-lhe de comer ou limpá-lo do coco. Levavao à mata de manhã, ao rio no fim da tarde. Do mais, o cão se ocupava. Ele, Tição, virara um lobisomem.

Na esteira brincavam os três: Tovo, Alma Penada e Epifânia. Tição acocorou-se junto a eles. Epifânia ouvira dizer que o ferrador de burros já

não era o mesmo que ela conhecera, desaprendera o riso, vivia por viver. Quem inventara tal balela? Ali estava ele, rindo, o Tição de sempre. Ninguém sabia rir com tanto gosto quanto ele.

— Ocê veio pra ficar? De verdade?

— Tu não escutou eu falar? Não vou embora mesmo que tu mande.

Não disse com voz de desafio, disse para que ele soubesse e concordasse. Levantou os olhos para Castor Abduim que um dia fora seu xodó. Jurara a si mesma, soberba e insubmissa, jamais voltar a vê-lo. Mas apenas soubera-o purgando pena, infeliz, um cão danado, e os pés já não lhe obedeceram: ali estava. Mas ainda conservava o brio antigo:

— Não vim ocupar tua rede, tu pode ter tudo que é mulher, não me importa. Se eu tiver de dormir aqui por precisão do menino, durmo com ele na esteira. Não vim na intenção de me amigar com tu e ser madrasta dele, juro por Deus. Só quero que tu deixe eu brincar com ele, me ocupar. Tudo que é menino precisa de ter mãe e tudo que é mulher precisa de um filho, inda que seja uma bruxa de pano ou um homem feito. Tu sabe que eu já tive um filho? Nunca contei, pra quê? Tinha a idade dele, quando morreu.

Também um dia eu quis morrer, Tição.

— Ocê fez bem de vim. Foi ela que trouxe ocê.

— Ela? Possa ser. Soube por Cosme, no caminho. Eu tava indo pra Itabuna, segui avante. Não tinha andado nem meia légua e dei de mim no rumo de Tocaia Grande.

O menino engatinhava buscando o regaço de Epifânia.

— Tovo gosta de ocê. — O negro falou como se estivesse dando as boas-vindas.

— É nome ou apelido?

— O nome é Cristóvão por causa de meu tio. Tovo é apelido que ela botou.

O menino estendeu os braços para o pai. Alma Penada cobriu o focinho com as patas. O negro Castor Abduim da Assunção acabara de chegar em casa, de volta das profundas do inferno.

9

Deus Todo-Poderoso, a Suma Sapiência, apenas ele e mais ninguém poderia saber se o Reisado de Sia Leocádia viria a se transformar com o tempo numa tradição de Tocaia Grande, repetindo o que acontecera em Estância. Seu Carlinhos Silva previu que o mesmo ali sucederia: assertiva de simples mortal, não passava de duvidosa conjetura. Nas ruas de

Estância o reisado desfilara durante mais de quarenta anos: a fabulosa figuração do Boi e do Caboclo, os cordões de pastoras, o azul e o encarnado, a orquestra de sanfona e cavaquinhos, o bombo na marcação. O bombo arrastava a molecada, abria alas, levantava o povo. O que viria a se passar com o Reisado de Sia Leocádia em Tocaia Grande, após aquele ano de triunfo e glória, só Deus sabia, se é que sabia.

Certo e bonito é que houve baticum, arrasta-pé, namoro, xodó, folia à solta enquanto duraram os ensaios, dos meados de dezembro até a antevéspera do Dia de Reis. A véspera e o dia dos festejos dos Reis Magos foram lembrados durante a vida inteira pelos privilegiados que viram sia Leocádia, nas noites de cinco e seis de janeiro, transpor a porta do barracão, calçada de sapatos, alta travessa no cocuruto de cabelos brancos. Atrás dela desembocava o terno de pastoras com todos os figurantes, para dançar no descampado onde o povo aguardava, reunido, e nas casas particulares, a começar pela residência do capitão Natário da Fonseca onde Zilda cozinhara paneladas de quitutes.

Antes, porém, desses incomparáveis sucessos de janeiro, houve a preparação, vinte noites de trabalheira e patuscada durante as quais foram traçados os planos e postos de pé todos os detalhes necessários à saída do reisado. A discussão foi pública — em termos, pois as moças guardavam relativo segredo acerca de pormenores dos trajes de pastora. Quanto às decisões, pode-se dizer terem sido tomadas por aclamação: sia Leocádia unânime decidia, os demais batiam palmas.

De dois em dois dias crescia a animação com o ensaio da música e dos passos de dança, das jornadas e dos recitativos, decorados na ponta da língua. Conforme dissera sia Leocádia ao benemérito seu Carlinhos Silva — obtivera a oferta do bombo —, a festa começava com o primeiro ensaio e se prolongava por quase um mês.

Os presentes à escolha dos figurantes usaram e abusaram do direito de aplaudir as indicações feitas por sia Leocádia: patrona do terno, não admitia controvérsia, ossuda mão-de-ferro. O capitão Natário da Fonseca comentou com o Turco Fadul a parecença com a designação dos candidatos às eleições para Intendente e edis em Itabuna: a assembleia dos políticos aclamando os nomes propostos pelo coronel Boaventura Andrade. Não eram por acaso aparentados, a velha e o fazendeiro?

Reunidos no barracão os interessados e os curiosos, na prática a população inteira, sia Leocádia distribuiu a figuração. A Senhorita Dona Deusa seria a neta Aracati: devido à febre, seus quinze anos tinham passado em brancas nuvens. Vestido de palhaço, ainda uma vez Vavá

triunfaria no papel de Mateus, arrastado e preso pela soldadesca. Amâncio morreria de desgosto se coubesse a outro representar a temida Besta-Fera, também conhecida por Jaraguá e Temeroso. Aurélio carregaria o couro do Boi para que houvesse gente de Vanjé na figuração do reisado. Zinho, Edu, Durvalino, Balbino, Zelito e Jair perfaziam o contingente de soldados que prenderiam Mateus, acusado de matar o Boi. Quanto ao Caboclo Gostosinho, principal elemento masculino, que contracena e dialoga com a Senhorita Dona Deusa, pela manhã sia Leocádia fora à oficina do ferreiro para convidar Castor Abduim a figurá-lo. A seu ver, o Caboclo Gostosinho no desfile do reisado em Tocaia Grande não podia ser outro senão o negro: tinha o porte, a petulância, a picardia. Andava triste mas, quem sabe, o convite o animaria?

Tivesse ido uma semana antes, com certeza receberia redonda negativa. Sia Leocádia aproveitou para oferecer à negra Epifânia um posto de pastora, mas a rapariga agradeceu e declinou da mercê por causa do menino.

10

A contar do primeiro ensaio, melhor dito do encontro inicial para decidir sobre alguns pontos importantes, o Reisado de Sia Leocádia em preparativos para desfilar em Tocaia Grande já não foi idêntico àquele que alegrara a população de Estância durante quatro decênios. Cidade grande e populosa na medida de Sergipe, Estância fora rica e próspera, hospedara o Imperador Pedro II, e sua decadência se revestia de requintes de civilização, enquanto Tocaia Grande não passava de reles lugarejo de putas e tropeiros, com umas poucas dezenas de habitantes. Como poderia ser igual o desfile do terno de pastoras? Apenas parecido e olhe lá. Para Tocaia Grande, mesmo assim, modificado, o Reisado de Sia Leocádia foi um assombro, um xispeteó, um dois-de-julho, maravilha das maravilhas!

Para não mentir dizendo que jamais participara do reisado moça mal-afamada, os mais monarcas se recordavam de Dolores, saltitando no cordão encarnado. Filha de seu Romero, galego e alfaiate, ia para a cama por dinheiro com os patrões da fábrica de tecidos mas não era rapariga de porta aberta, e seu Romero, ademais, costurava de graça o traje de Mateus, difícil mão-de-obra. Mas, tendo ido exercer no castelo de Ninita, em Aracaju, ao voltar a Estância, por ocasião das festas, no propósito exclusivo de sair no cordão encarnado, Dolores encontrou-se substituída, perdera a vez. Não explicaram a razão, não se fazendo necessário.

Em Tocaia Grande, como organizar os grupos de pastoras sem a participação das putas? Para começar, não havia no lugar donzelas em número suficiente para compor os dois cordões de oito pastoras cada um, e, em geral, as casadas ou amigadas apresentavam desculpas: filho, marido ou amásio, e se recusavam. O jeito foi recorrer às raparigas, mesmo porque em Tocaia Grande fazia-se impossível estabelecer limites entre elas e as famílias. Qual o ofício de Jacinta Coroca, diga quem for capaz, pelo amor de Deus; parteira ou mulher-dama? Afamada em uma e outra ocupação, mãos de fada, xoxota de chupeta, ganhava o pão de cada dia na cama de campanha, jamais aceitara dinheiro em pagamento pelos partos. Aparara todos os meninos ali nascidos, inclusive os de Hilda, Fausta e Zeferina, sendo que a filha desta última, desovada na noite da enchente, recebera o nome de Jacinta em honra da comadre, em prova de gratidão. Quem tentasse vetar a presença das putas no pastoril de Tocaia Grande não botaria reisado na rua, para pagar o desaforo.

Pastoras mais lindas, ai! Mais bem trajadas, mais garridas e exultantes! Foi portanto necessário aumentar o número, pois em total, somando

raparigas e donzelas, eram vinte e três as candidatas para compor os dois cordões, de oito pastoras cada um. Sia Leocádia, magnânima, decidiu que existindo um único reisado em Tocaia Grande tais convenções tornavam-se abusivas: por que somente oito? Elevou para doze o contingente do cordão azul e o do encarnado, e para igualar os números, convidou a velha Vanjé e ela não se fez de rogada: pastora em sua idade, só mesmo ali, no cu-do-mundo!

Em Estância cada pastora tinha um nome, tradicional: mudava a pastora, o nome persistia: Borboleta, Andorinha, Papagaio, Belaninha, Marialva, Veludinho, Juriti e Açucena, as oito do cordão azul, e Magnólia, Cuiubinha, Pintassilgo, Gracinha, Ribeirinha, Pitanga, Cordeirinha e Bem-Te-Vi, as oito do cordão encarnado. Acrescentaram-se em Tocaia Grande oito novas alcunhas, escolhidas pelas interessadas, de acordo com sia Leocádia. A velha Vanjé se intitulou de Sergipana, Ressu de Itabunense e Bernarda foi a Ciganinha, e assim por diante até se completar a lista. Se alguém faz questão dos outros cinco nomes para que seja precisa nos detalhes a crônica da apresentação do Reisado de Sia Leocádía em Tocaia Grande, aí vão eles: Graciosa, Baianinha, Atrevida, Florzinha, Girassol.

Houve de um tudo durante os ensaios: riso e choro, namoro, discussão e briga. Por causa da doca Ricardina, a pastora Girassol, Dodô Peroba e o tropeiro Levindo se estranharam, trocaram xingos e desafios, mas não chegaram aos tapas: sia Leocádia exigia ordem e compostura nos ensaios.

Sia Leocádia gabava-se de que em Estância cada saída do reisado era marcada por um casamento. Se em Tocaia Grande aconteceu amigação em vez de casamento, deveu-se ao fato de não existir padre no lugar para celebrar o ato e abençoar os noivos. Zinho, carpina trabalhando por conta própria, tão competente quanto mestre Lupiscínio — fizera a armação da Besta-Fera e a do Boi, melhores que as de Estância, ao ver de sia Leocádia: mais leves e mais seguras —, ao término do reisado se juntou com Cleide, a fogosa e apressada pastora Ribeirinha, filha mais moça de Gabriel e de Sinhá, irmã do falecido Tancredo e de Neneca, outra apressada, que ficara em Sergipe, vivendo com Osíris, à custa de seu Américo: pai é para isso.

Um batalhão de mulheres se encarregou dos trajes das pastoras. A costureira Natalina responsabilizou-se pela vestimenta do palhaço Mateus, pierrô de chita, ornado de pompons, a vistosa calça do Boi e o estandarte. Para compor a figura do Caboclo Gostosinho obtiveram, de empréstimo no curral, jaleco e chapéu de couro. Não havendo fardas para os soldados, os soldados em Tocaia Grande transformaram-se em jagunços, armados até os dentes com clavinotes, garruchas e punhais. Sia Leocádia tomou a si a

confecção da indumentária — metade azul e metade cor-de-rosa — da Senhorita Dona Deusa, sua neta Aracati: a saia, o corpete, o manto e os adornos, muitos. Não tinham podido festejar os quinze anos de Aracati devido à febre que assolara Tocaia Grande durante o inverno. Sia Leocádia tirava a forra no verão.

O verão transformara a lama em poeira e a luz do sol alimentara os cacauais dando vigor à floração e aos bilros nas roças de incomparável formosura. O povo andava alegre, esquecido do ano maldito de enchente e peste: o que passou, passou.

11

Cavalgando ao lado do coronel Boaventura Andrade, Natário o achou muito acabado. Da noite para o dia a velhice se abatera sobre o fazendeiro, acentuando-lhe as rugas, aumentando as cãs e os silêncios.

Acompanhados por Espiridião e pelo tropeiro Joel, iam à estação de Taquaras esperar dona Ernestina que vinha passar as férias na fazenda com o marido. O burro Himalaia, assim nomeado devido à corpulência, acompanhava a montaria do tropeiro, no dorso largo um selim fabricado sob medida para conter as banhas da santa esposa do Coronel.

Vendo-o durante dias seguidos na Atalaia, Natário não se dava conta de quanto o Coronel envelhecera. Mas naquela manhã, os dois animais no mesmo passo, emparelhados, o curiboca pôde comprovar a devastação da idade no rosto flácido do compadre e percebeu-lhe a respiração arfante: teve medo.

Fazendo um sinal a Natário para que o acompanhasse, o Coronel cutucou a égua com a espora e se adiantou. O cabra e o tropeiro guardaram distância conveniente.

— Diga a Leocádia que, com Ernestina na fazenda, não vou poder ir pro reisado. Tenho pena porque Sacramento havia de gostar. Disse a ela pra ir, ficava com a comadre Zilda. Sabe o que me respondeu? Imagine só: disse que não ia não, porque, se fosse, não tinha quem ajudasse Ernestina. É uma boa moça.

Guardou silêncio por um momento como se refletisse sobre a recusa de Sacramento, depois baixou a voz:

— Ouça, Natário, quero lhe pedir uma coisa.

— Às ordens, Coronel.

— Tu nunca me faltou em vida. Quero que não me falte quando eu morrer.

Cismado, Natário ficou alerta: que pedido ia lhe fazer o Coronel? Desejaria na certa arrancar-lhe a promessa de continuar a servir o filho como servira a ele, conservando o título e as obrigações de administrador da Fazenda da Atalaia. Não pretendia tomar tal compromisso. Só ele sabia o prejuízo que significava para a Boa Vista o fato de ter sob seus cuidados as terras do Coronel: plantações, safras, benfeitorias e trabalhadores, tarefa pesada e difícil, responsabilidade imensa. Outro patrão, jamais. O coronel Boaventura Andrade fora o primeiro e único, seria o último. Depois dele ninguém mais haveria de lhe dar ordens. Tenso, esperou.

— Ouça, Natário. Me prometa que quando eu morrer, tu olha por

Sacramento. — Repetiu: — É uma boa moça.

Aliviado de cismas e temores, Natário prometeu: — Se acontecer vosmicê faltar antes de mim, pode ficar descansado pela moça. Gente de vosmicê é o mesmo que fosse minha filha. Zelo por ela.

Andaram um bom pedaço em silêncio. A preocupação desaparecera da face do Coronel, lassa porém serena, a voz tranquila. Assim acontecia sempre que ele tomava uma decisão:

— Suportar abusos de velhos sem ganhar nada com isso! Tu sabe de uma coisa, Natário? Vou comprar uma casa em Itabuna e botar em nome dela.

— Com sua licença, Coronel, acho que vosmicê faz muito bem.

12

Revolteavam as lanternas das pastoras, revoada de vagalumes, na subida que conduzia à residência do capitão Natário da Fonseca no alto da colina, onde o Reisado de Sia Leocádia iniciaria sua exibição na noite de cinco de janeiro, véspera de Reis. Atrás, a população inteira. Apenas uma pessoa não se abalara para apreciar as evoluções do pastoril: o sertanejo Altamirando. Festa para ele resumia-se às aparições de Ção no outeiro das cabras.

Não precisava de mais nada para ir levando a vida.

As duas alas de pastoras com a figuração ao centro ordenavam-se em frente à varanda, no terreno que se estendia até o pé de mulungu. A um sinal de sia Leocádia, iniciaram o Canto da Pedição da Sala, dirigindo-se aos endomingados donos da casa, sia Zilda e o Capitão, à espera na porta de entrada.

Chegou, chegou
Chegou as moreninhas
O Reisado das meninas
Oi que dança mais almofadinha.

Na sala de visitas não havia espaço suficiente para a movimentação do terno: as reinações do Boi, as evoluções da Senhorita Dona Deusa e do Caboclo Gostosinho, as cambalhotas do palhaço Mateus, o corre-corre da Besta-Fera, a entrada dos soldados: vale dizer jagunços. Nem na casa do Capitão, menos ainda nas demais visitadas a seguir. Em todas elas o reisado apresentou uma única jornada, além da pedição da sala, os benditos cantados em honra do menino-Deus:

Bendito louvado seja
Bendito louvado seja
O menino-Deus nascido

Primeiro dançaram juntos os dois cordões, depois separados o encarnado e o azul, iniciando a competição do estandarte e a divisão da assistência em dois partidos. Passaram então à exibição individual das pastoras, uma a uma no centro da sala e, sem querer desfazer de nenhuma delas, pois todas eram lindas e airosas, inclusive sia Vanjé, corta-jaca de primeira, a verdade manda dizer que Bernarda sobressaiu entre as demais. Após arrancar aplausos rodopiando, no repinique da orquestra,

segurando a haste de bambu com a lanterna de papel de seda transparente, a formosa pastora Ciganinha com a outra mão trouxe para a roda uma criança de seus dois anos de idade, se tivesse mais, pouco seria: filho de criação de Zilda, nascido do ventre de Bernarda. Dançaram, mãe e filho, inovações do reisado em terras de Tocaia Grande.

A harmônica e os cavaquinhos puxavam a melodia pobre; o bombo, novo em folha, fazia a marcação. Vestidos de chitão florado e colorido, com rendas, laços e babados, os chapéus de palha ornamentados com folhas e flores de pano, enfeitados com fitas azuis e cor-de-rosa — o azul da Virgem Imaculada, o encarnado da Paixão de Cristo —, as pastoras de Tocaia Grande dançaram e cantaram para o menino-Deus nascido no presépio de Belém e, sabe-se lá por que, achado em Roma:

O menino-Deus nascido
Foi achado lá em Roma
Foi achado lá em Roma
Vestidinho num altar

Terminados os benditos, houve uma pausa na função para o beberete, comezaina farta e gostosa. As garrafas de cachaça passando de mão em mão, bebiam pelo gargalo: os copos e cálices reservados para o licor de jenipapo servido às pastoras. Limpando a boca com as costas da mão, os figurantes do reisado iniciaram o Canto de Despedida, iam folgar em outra casa:

Oi boa tarde
Senhoras, Senhoritas
A minha ida
*Vai fazer vocês chora*r

Acordado pela cantoria e pelo baticum do bombo, o papagaio Vá-Tomar-no-Cu alvoroçou-se no poleiro: sacudia as asas, gritava palavrões enquanto todo o figurá se reunia para entoar as estrofes finais:

Eu vou embora
Pra minha terra
Vou voltar meu pessoal

A última volteada na sala, o reisado acenava adeus:

Quitariô, quilariá
A Estrela-D Alva
Só quilareia lá no mar

Vacilante luz de vagalumes, as lanternas das pastoras na descida da colina, atrás a população de Tocaia Grande, acrescida do capitão Natário da Fonseca, de sia Zilda e dos filhos do casal, os de sangue e os de criação.

13

Dançaram e cantaram, comeram e beberam, folgaram à la vonté, em diferentes casas e locais, homenageando pessoas que haviam concorrido para a saída do reisado: os tamanqueiros Guaraciaba e Elói Coutinho, Guido, Lupiscínio, o Turco Fadul, sia Natalina, dona Valentina e Jucá Neves, donos da Pensão Central, sem esquecer Coroca: a casa de madeira, na Baixa dos Sapos. Concluíram o percurso da amizade no deposito de cacau seco onde, ao som do bombo oferecido por Koifman & Cia, o pastoril agradeceu a seu Carlinhos Silva o apoio e o interesse: o comprador de cacau não perdera um só ensaio, de tudo tomando nota quando não estava batendo coxa nos assustados.

A apoteose, porém, o nunca visto, cujo registro se faz obrigatório, ocorreu no descampado, diante do barracão, no local da feira, já noite fechada. Não faltara um único vivente, à exceção de Altamirando, conforme se contou. Das Dores, sua mulher, esteve presente, mas demorou-se pouco; desde que deixara o sertão não tornara a ver um terno de pastoras: gostava tanto! Vieram os moradores dos dois lados do rio, os do arraial e os dos roçados: velhos, adultos, moços e meninos, os pequeninos da última parição escanchados nas ancas das mães.

Quem visse aquele mundão de gente reunido no descampado poderia até pensar que Tocaia Grande era uma vila populosa, pois das fazendas haviam chegado levas de alugados e mateiros e o tráfego das tropas crescera nas noites de Reis. Putas, nem se fala. Os habitantes do lugar que não participavam do reisado nem por isso mostravam-se menos orgulhosos. Misturados à malta de forasteiros, arrotavam importância e gabolice no louvor do Reisado de Sia Leocádia, ostentação de Tocaia Grande. Em Taquaras um bumba-meu-boi saía à rua nas festas dos Reis Magos. Desanimado e pobre, meia dúzia de pastoras esfarrapadas, figuração de merda: sacos velhos de aniagem fazendo as vezes do couro do Boi, o Vaqueiro esmolambento, a Caapora vestida de folhagem trazida do mato e se acabou. Comparado com o reisado de Tocaia Grande, uma lástima.

Ao desembocar no descampado, os figurantes do pastoril haviam atingido o auge da animação no calor da dança já dançada e dos tragos já emborcados: o suor escorrendo pelos rostos, os pés descalços, negros de poeira, o bodum solto no ar, inebriante.

Montada em seus sapatos comprados na loja de seu Américo, em Estância, a alta travessa no cocuruto da cabeça — coroa inconteste de

rainha! — sia Leocádia equilibrou-se em cima de um caixão de querosene, vazio, trazido do armazém do turco. Com suas ossudas mãos de octogenária bateu palmas e pediu silêncio: o reisado ia iniciar suas jornadas. Balbúrdia, barafunda, gritaria, gargalhadas, dichotes, palavrões, diabruras dos moleques com toda a corda, tremenda barulheira: o rogo de sia Leocádia, velhinha frágil e miúda, mais do que um absurdo, era perda de tempo, tolice sem tamanho.

Pois bem: mal ela bateu palmas e anunciou o começo da função, cessou todo e qualquer bulício, o silêncio foi total, absoluto. Nem o mais leve rumor, apenas as respirações ansiosas, o palpitar dos corações.

14

A apresentação se iniciou com o Canto da Pedição e os benditos, as danças dos cordões e as das pastoras, jornadas já vistas e ouvidas nas casas particulares, nem por isso menos aplaudidas:

Chegou as moreninhas
Oi que dança almofadinha.

Daí em diante tudo foi novidade, encanto e fantasia. Do centro das alas destacou-se o Boi para fazer a sua entrada. Começou por botar a molecada para correr, ameaçando chifrar os mais ousados, enquanto o figura cantava o Canto da Entrada do Boi:

Quem tiver seu boi
Que prenda no curral
Que eu não tenho roça
Pra boi soná

Sem sair do lugar, as pastoras movimentavam os pés nos passos do bailado, obedecendo à orquestra de sanfona, bombo e cavaquinhos. A Senhorita Dona Deusa evoluía com o estandarte — uma face azul, a outra cor-de-rosa. Na azul, em letras cor-derosa, o nome do reisado: na cor-de-rosa, as letras eram azuis, fei tas umas e outras com retalhos de fazenda: REISADO DE LEOCÁDIA BENVINDA DE ANDRADE.

Quem tiver seu boi
Que prenda no mourão
Que eu não tenho roça
Pra boi ladrão.

Os espectadores dividiam suas simpatias entre os dois cordões na disputa do estandarte: a Senhorita Dona Deusa o entregaria, no final, à ala que recebesse, em moedas de vintém e de tostão, maiores provas da preferência do público. Houve quem gastasse até o último dez réis colocando-o no bolso do avental azul ou encarnado dessa ou daquela pastora. Zinho, e Balbino se bateram níquel a níquel até ficarem limpos. Zinho, patrono de Cleide, a pastora Ribeirinha do cordão azul, Balbino sustentando as cores do encarnado na pessoa de Chica, filha de Amâncio, o Temeroso, menina-moça de olhares e requebros de mulher feita, a gentil

pastora Juriti.

O Caboclo Gostosinho foi buscar o Boi e o trouxe de volta ao centro das alas depois de tê-lo levado a reverenciar o Capitão e Fadul, Coroca e seu Carlinhos Silva, sia Natalina, José dos Santos e sia Clara. O palhaço Mateus fez sua entrada, vadiando com os meninos, gracejando com as mulheres, virando cambalhotas, a cara pintada com alvaiade. Dirigiu-se ao Caboclo, propondo comprar-lhe o Boi por três vinténs:

Eu tenho um vintém Jaci me deu dois
Pra comprar de fita
Pra laçar meu Boi

O coro das pastoras respondia:

Oi, iaiâ, oi
O Boi que te dá

Enquanto Mateus cantava sua parte, surgiu da escuridão o Jaraguá, envergando a horrenda vestimenta de Besta-Fera, o corpo escondido numa armação de varas de bambu, revestida de chita, uma carcaça de jumento fazendo as vezes de cabeça. Investia em pragas e bufas, espalhava o povo, dava medo. As pastoras denunciaram-no:

Lá vem o Temeroso
Que bicho feio

Feio e malvado. Saltou sobre o Boi, lutou com ele — o Boi usando os chifres, Jaraguá armado de poderes infernais — em combate tremembundo, conforme comentou Mateus dirigindo-se à assistência. Segurando o Boi pelos cornos, Temeroso o derrubou no chão e, sem piedade, o matou. Riu com os dentes da carcaça do jumento, passou sebo nas canelas, pediu a ajuda do Capeta e sumiu no mundo.

Avisada pelo Caboclo Gostosinho, a Senhorita Dona Deusa entrou em cena e vendo Mateus ao lado do Boi, aflito, mandou prendê-lo, suspeitando fosse ele o matador. Mas as pastoras, que a tudo haviam assistido, proclamaram a inocência de Mateus e reclamaram sua liberdade:

Senhorita Dona Deusa
Venho lhe fazer um pedido
Me solte Mateus

Que ele é meu amigo

Evoluindo entre os cordões, empunhando vaidosa o invencível estandarte do reisado, Senhorita Dona Deusa fez ouvidos moucos à súplica das pastoras, mas elas não desistiram, buscaram novos argumentos, usaram a palavra amor:

Senhorita Dona Deusa
Venho lhe pedir um favor
Me solte Mateus
Que ele é o meu amor

Os olhos de Cleide postos em Zinho; os de Chica, em Balbino; a doca Ricardina com o olho são buscava Dodô Peroba, amestrador de passarinhos. A Senhorita Dona Deusa, tocada pelo amor, atendeu por fim ao rogo das pastoras e colocou Mateus em liberdade:

Já tá solto, já tá solto
Já tá solto, já soltei

15

O lamento do Caboclo Gostosinho sobrevoou as colinas e o rio, ressoou no vale de Tocaia Grande e as pastoras o acompanharam em lamentosa cantilena:

Meu Boi beirante
Morreu de quebrante

Sinal de que o Caboclo Gostosinho e a Senhorita Dona Deusa iam iniciar a partilha do Boi, a jornada mais divertida do reisado, o povo se aproximou e cerrou fila diante do figura. O Caboclo começou por oferecer ao capitão Natário da Fonseca a cabeça do Boi:

A cabeça do Boi
É de seu Capitão

A cada parte mencionada, correspondia o coro das pastoras:

Oi, iaiá, oi
O Boi que te dá

Chegou a vez da Senhorita Dona Deusa reverenciar seu Carlinhos Silva:

O pé do focinho
É do seu Carlinhos

Assim, pedaço a pedaço, o Caboclo Gostosinho e a Senhorita Dona Deusa repartiram o Boi. Para dona Sinhá, ficou a carne da pá; a chã-de-dentro foi para José dos Santos; a tripa mais grossa para dona Coroca; a tripa gaiteira, como sempre sucede, coube às solteiras; o osso corredor quem o ganhou foi Lupiscínio e, a locê de parler, o Caboclo Gostosinho usando a língua franciú de Tição Abduim deu a partilha por terminada:

A tripa do eu
É de seu Fadu

Nunca se riu tanto e tão à la godaça em Tocaia Grande. Para que a felicidade fosse geral, todo o figurá cantou pedindo a ressurreição do Boi.

Quem mais pedia era a Besta-Fera, o Temeroso, o Jaraguá:

Levanta Janeiro, ei Boi
Dança no salão, ei Boi
Pra todo o povão, ei Boi

E o Boi ressuscitou, levantando-se num passo rebolado, Boi muito matreiro e sem-vergonha. Fez reverências aqui e acolá, investiu contra os moleques, correu com eles. Ao Boi se juntaram o Caboclo Gostosinho, o palhaço Mateus, a Besta-Fera, as pastoras e os soldados que vieram de Estância e viraram jagunços em Tocaia Grande; à frente de todos a Senhorita Dona Deusa conduzindo, com justo orgulho, o estandarte do Reisado Grapiúna de Sia Leocádia Benvinda de Andrade. Juntaram-se para cantar a jornada da despedida.

16

Não há bem que sempre dure: nem por ser lugar-comum deixa de ser verdade. O reisado se preparou para partir, as pastoras contaram as moedas a fim de saber que cordão iria ganhar o estandarte das mãos da Senhorita Dona Deusa, a neta Aracati de sia Leocádia. Dodô Peroba, barbeiro e professor de passarinhos, veio depositar um níquel de cruzado, ou seja, quatrocentos réis, no avental de Ricardina: a paixão dos desafios conduz a tais loucuras. A um gesto de sia Leocádia a última jornada teve início:

Eu vou embora
Pra minha terra
Vou voltar meu pessoal

Ainda bem que no dia de amanhã teriam mais, a jornada foi a última da Véspera de Reis, mas a derradeira deveria ser somente no dia em que os Magos, Gaspar, Melquior e Baltazar, levaram ao menino-Deus nascido as oferendas de ouro, incenso e mirra. E naquela Véspera, quando se extinguisse o canto das pastoras e as lanternas, as armações do Boi e do Temeroso e o estandarte fossem recolhidos, o bombo bem guardado no depósito de cacau, então a harmônica e os cavaquinhos na certa iriam convocar os moradores do arraial e os forasteiros para o fovoco comemorativo da apresentação do reisado que se despedia:

Quilariô, quilariá
Quando eu morrer
O mundo pode se acabar

O reisado dançava no meio do povo, o povo dançava misturado com a figuração e a orquestra. No bombo, fazendo a marcação, Jãozé, de Maroim, nos cavaquinhos três estancianos: Gabriel, Tarcísio e Jardelino. E a sanfona, quem a dedilhava? É fácil encontrar a chave da adivinha, aqui vai uma pista: tratava-se de alguém jamais ausente das alegrias e das aflições de Tocaia Grande. Não era outro, e não poderia ser: tocando e dançando ao mesmo tempo, em meio ao rancho de pastoras, feliz da vida, Pedro Cigano, rapaz bonito, entoava o Canto da Despedida:

Quitariô, quilariá
A Estrela-D'Alva
Só quilareia lá no mar

Afastavam-se as lanternas do reisado, cruzaram com um cavaleiro que irrompia das trevas da noite: montado em pêlo, desatinado, vinha a galope, gritando pelo Capitão. Ao chegar diante dele, num pulo abandonou a montaria e foi falando. Era o negro Espiridião:

— Natário! O Coronel estuporou! Morreu na minha vista, sem dizer aqui-del-rei. Esbugalhou os olhos, torceu a cara, entortou a boca e caiu de borco no assoalho. — Falou de um fôlego, talvez querendo livrar-se da visão que trouxera nos olhos e no peito.

O coronel Boaventura Andrade caíra morto na vista de Espiridião que guardava a porta do quarto do patrão e chefe para defendê-lo de qualquer bandido pago por um inimigo para lhe fazer mal. Espiridião não pudera enfrentar com o clavinote a congestão que estava de tocaia, esperando a hora. Na distância, o pastoril cantava adeus:

Quilariô, quilariá
Quando eu morrer
O mundo pode se acabar
Quilariô, quilariá

Zilda rompeu-se num soluço. O capitão Natário da Fonseca, o rosto imóvel, carranca de pedra ou de madeira: com sua licença, que desgraça

mais grande. Coronel! Quilariá, quilariô, o mundo se acabou.

A CIDADELA DO PECADO, O COUTO DOS BANDIDOS

VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO

A TOCAIA GRANDE COM REQUISITÓRIO, CONDENAÇÃO E FORROBODÓ

1

Transportando em dois baús de flandres os sagrados utensílios, as vestes talares, o incenso, a água benta, o vinho de missa e a palavra de Deus, a Santa Missão chegou a Tocaia Grande quando, pesada e espessa, a morrinha do inverno se impunha: chuva fina e deprimente, a lama dos caminhos, perigosos, a claridade dos dias diminuída, o negrume das noites encompridado. Dois frades mendicantes, na faina da catequese, desciam das cabeceiras do rio das Cobras. Na amplidão do vale, ao ritmo do desenvolvimento das roças de cacau, brotavam arruados, cresciam lugarejos, uns mais, outros menos lazeirentos, vivendo todos, sem exceção, na iniquidade e no pecado.

Vinham frei Zygmunt Von Gottershammer e Frei Theun da Santa Eucaristia de percorrer, em dois meses de apostolado árduo e penível, "a extensa província de paganismo e heresia e, ao se aproximarem de Tocaia Grande, montando burros tardos e cautelosos, traziam os corações pejados de piedade e de cólera. De piedade o do jovem frei Theun, holandês de nascimento, noviço consagrado padre em Roma, destinado pela Ordem a missionário no Brasil. De cólera, o de frei Zygmunt, magro e seco, o ar ascético, o dedo em riste, exprobatório, a boca de anátema e condenação. Gotteshammer, ou seja, o Martelo de Deus.

O rosto redondo de frei Theun, sacerdote recente em sua primeira santa missão, acusava o cansaço da interminável travessia das desoladas comarcas carentes de conforto material e desvalidas de assistência espiritual. Faltava-lhes de um tudo, apesar de serem fartas e ricas produtoras de cacau, mercadoria mais valiosa somente o ouro. Vinte anos mais velho do que o companheiro de prédica e com mais de dez na irreligiosidade grapiúna, frei Zygmunt, se estava fatigado, não dava a perceber e prosseguia avante na tarefa de desmascarar e derrotar Belzebu.

Nas margens do rio das Cobras a ausência da ordem e o desprezo pela moral eram totais e absolutos. A missão de instaurar ordem e moral, de implantar o temor de Deus, frei Zygmunt não a recebera apenas do Superior da Congregação que o enviara a pregar e converter naqueles

confins do mundo. Recebera-a direta e inapelável de Cristo Nosso Senhor. Na solidão da cela, em noites indormidas de prece e cilício, flagelava-se com o azorrague para domar o corpo, livrá-lo das seduções do mundo, da idolatria e da luxúria. Ornato único na parede nua, a estampa do Coração de Jesus, o sangue escorrendo do sagrado coração devido aos pecados cometidos contra a glória de Deus, ganhava vida, o sangue se espalhava, salpicando coxas e ventre, nádegas e tronco do monge atormentado. Jesus lhe ordenava partir a combater o pecado a ferro e fogo, até extirpá-lo por completo.

Na opinião de frei Zygmunt não possuía a Santa Madre Igreja santo de maior virtude, mais digno de honraria e devoção do que Torquemada, o inquisidor-mor de Espanha e Portugal: não fora canonizado, injustiça que não o fazia menos venerável. Capitão das hostes da virtude e da doutrina, do exército de Deus, sob sua bandeira inscreveu-se frei Zygmunt e partiu para a luta sem quartel contra os hereges, os depravados e os anarquistas. Sustentava-o a fúria dos iluminados. Iluminado pelo fogo do inferno.

Durante a fatigante travessia, de arruado em arruado, os dois padres haviam tomado conhecimento da fama de Tocaia Grande, negra, sinistra. Sendo o mais próspero lugarejo do vale, nele campeavam a impiedade e a desordem. Ao que se ouvia contar, entre o gentio sem religião e sem lei, sem dogmas e sem códigos — pagãos, amigados, jagunços, marafonas —, existiam negros macumbeiros e árabes maometanos. O nome do lugar já dizia tudo. Traduzido em termos bíblicos, Tocaia Grande significava Sodoma e Gomorra reunidas na danação dos sete pecados capitais.

2

Na esteira dos frades, acompanhante e concorrente, palmilhava a lama, em demanda de Tocaia Grande, o popular sanfoneiro e troca-pernas Pedro Cigano. Onde se anunciava a presença de monges e padres em santa missão de apostolado: prédica, batismo, casamento, confissão, conjura e expiação, chegava, na mesma batida, parte integrante do grandioso evento e ao mesmo tempo sua negação, a sanfona de Pedro Cigano. Para abrilhantar a temporada de forrós com que o povo do lugar iria comemorar batizados e casamentos.

De tanto frequentar santas missões, Pedro Cigano seria capaz de servir de sacristão e ajudar na celebração da missa. Apesar disso, frei Zygmunt, ao avistá-lo atento às palavras candentes do sermão, na primeira fila dos devotos, sentia as tripas se revolverem nas fanáticas entranhas: via a figura de Satanás, em carne e osso, o riso de deboche no rosto alvar. Muito

sofre um missionário em época de desvario e decadência dos costumes, desativado o Santo Ofício, abolida a santa escravidão.

3

Desde que vendera o depósito de cacau para Koifman & Cia, o coronel Robustiano de Araújo espaçara seu trânsito por Tocaia Grande. Contudo, vez por outra, tomava pelo atalho e vinha deitar uma espiada no curral, dar dois dedos de prosa com o árabe Fadul e com o capitão Natário, fazer uma visita ao compadre Castor Abduim, botar a bênção no afilhado.

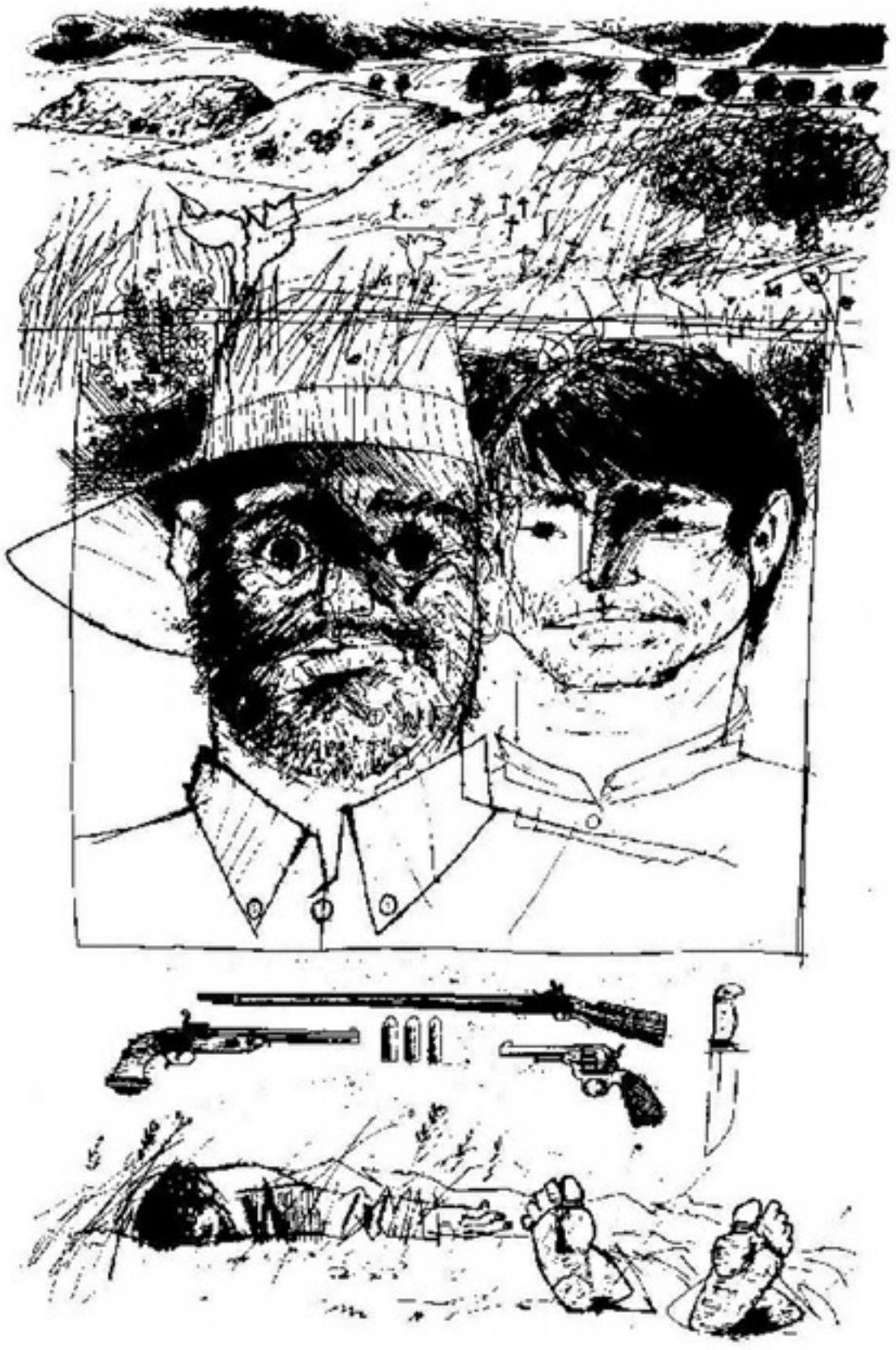
Tinha o negro em grande estima, ajudara-o a estabelecer-se por conta própria. Preocupara-se ao vê-lo murcho, desenxabido, desinteressado de tudo, após a morte da comadre Diva. Não restara nem sombra do rapaz expansivo e expedito a astuciar e promover presepadas e enredos, que animara com sua jovialidade a Fazenda Santa Mariana e com sua inventiva transformara os hábitos do arruado.

A repentina ressurreição do ferreiro alegrara o Coronel. O compadre lhe contara em confiança o episódio do egum, manifestando-se no descampado para lhe ordenar o fim do luto e restituir ao corpo vazio e suicida o gosto de viver. Tocara-lhe a testa, o coração e a estrovenga. Para que Epifânia viesse cuidar dele e do menino, modificara o roteiro da rapariga, guiara-lhe os passos. O egum de Diva, estrela acesa sobre as ondas do oceano, nos longes de Aiocá.

Ao contrário do que sucedia com muitos, o coronel Robustiano de Araújo não buscava esconder o sangue negro que lhe corria nas veias, abundante e poderoso. Branco puro por ser rico, cacauicultor de mais de seis mil arrobas por safra, pecuarista de considerável rebanho de bovinos, sustentáculo da Igreja, sogro de franciú — a filha caçula casara-se com um Laffitte da Companhia de Iluminação a Gás —, nem assim renegava os orixás. Sua mãe, a mulata Rosália, escura e bela, entrara num barco de iaôs para fazer o santo sem saber que estava prenha do patrão, o professor primário Sílvio de Araújo, lindo e pobre, fraco do peito. Oxaguian, ao se apossar da cabeça de Rosália, tornou-se no mesmo passo senhor e dono do nascituro. Para resgatar-lhe o direito à vida, Rosália o recomprou ao encantado, cumprindo obrigações pesadas, pagando preço alto pela carta de alforria, mas teve êxito em seu cometimento, libertou o escravo e deu-lhe hierarquia de filho de Oxaguian. O menino cresceu sadio e forte, ainda moço partiu para a guerra do cacau e dela regressou vitorioso.

Antes de morrer, o pai o perfilhara; nada mais tinha a lhe deixar além do nome da família. O jovem Robustiano se juntou a Basílio de Oliveira na

luta legendária contra os Badarós: rompeu a mata, demarcou terras, enfrentou jagunços. Corpo fechado, protegido de Oxaguian, não sofreu sequer um arranhão. Plantou cacau, elevou rebanhos, casou com moça rica, por sinal uma parenta dos Badarós, a menina Isabel. Não teve filho varão, botou as filhas a estudar no Colégio da Piedade com as boas freiras ursulinas. Seriam professoras primárias como o avô mas não teriam necessidade de lecionar — morenas formosas, herdeiras ricas, não lhes faltariam pretendentes. Assim aconteceu: o médico Itazil Veiga casou-se com a primogênita; a cadete, de nome Kátia, ganhou na loteria, em dia de quermesse para São Jorge, o gringo Jean Laffitte, engenheiro formado nas estranjas. O Coronel contribuía generoso para as festas da Igreja e para as do axé de pai Arolu. Carregava o andor do santo padroeiro nas procissões católicas. Não dançava na roda dos orixás, no candomblé; mas em casa dava de comer a Oxaguian.



4

Certa feita, no verão anterior, o coronel Robustiano de Araújo demorara-se em Tocaia Grande um tempo maior do que a habitual parada de algumas poucas horas para vistoriar o curral e cavaquear com os

amigos. Fizera-o para atender ao convite do capitão Natário da Fonseca por quem sempre demonstrara especial apreço. Prometera-lhe uma visita à Fazenda Boa Vista cuja produção causava espanto e comentários: pedaço de terra mínimo se comparado às glebas da Atalaia ou da Santa Mariana, a colheita, na última safra, ultrapassara as quinhentas arrobas e o Capitão previa dobrar a cifra em poucos anos.

Ao cumprir o prometido — correu a fazenda de ponta a ponta, de roça em roça, examinou as benfeitorias uma a uma, barcaças, estufas, cocho, casas de alugados — o Coronel satisfez uma curiosidade: ficou sabendo o que de fato se passara entre Natário e Venturinha, quando o filho e herdeiro único do falecido coronel Boaventura Andrade tomara por fim posse de suas propriedades. Ouviam-se rumores sobre o delicado assunto, falavam em desentendimento e em troca de palavras ásperas.

Por ocasião do imprevisto falecimento do pai, Venturinha se encontrava na Europa, no início de uma excursão projetada para se prolongar pelos cabarés e randevus das grandes capitais, Londres e Paris, Berlim e Roma. Não chegou a visitar Berlim e Roma, pois a notícia, retransmitida de Londres, o alcançara em Paris, apaixonado e perdulário. Com bastante atraso: havia quase um mês que o Coronel jazia no cemitério de Ilhéus, no Alto da Conquista — cortejo fúnebre interminável, intermináveis discursos ao pé do mausoléu —, e as missas de sétimo dia tinham sido rezadas, estando próximas as de mês: as encomendadas por dona Ernestina e as de Adriana. Inclusive o espírito do Coronel já se encarnara por mais de uma hora no corpo esguio e nervoso da médium Zorávia, na Tenda Espírita Fé e Caridade, solicitando a Adriana missas em intenção de sua alma e esmolas para os pobres, ajudando-o assim a deixar os círculos inferiores do Além onde vagava. Nas ruas das cidades, sobretudo em Itabuna, os maldizentes, a par de tais fenômenos psíquicos, traduziam círculos inferiores por profundas dos infernos. Línguas viperinas, não respeitavam os mortos.

Também se dizia a torto e a direito que a causa imediata da congestão que fulminara o Coronel fora a carta chegada do Rio de Janeiro na qual o filho lhe anunciava a partida para Londres a bordo de um paquete da Mala Real Inglesa. Viagem de estudos com duração prevista de três meses. Solicitava o resgate de duplicata assinada contra um Banco igualmente inglês, empréstimo destinado a financiar a excursão. Viagem decidida de última hora, Venturinha lastimava não ter tido tempo de avisar aos pais com a devida antecedência: quando recebessem a carta já estaria na Inglaterra. Não tendo ainda endereço a comunicar, enviava o do Banco através do qual devia lhe ser remetida, com a natural urgência, forte soma

de dinheiro: sendo quem era não podia fazer na Europa papel feio, de pobre-diabo, sem eira nem beira. Reclamava numerário copioso e rápido: estudos em Oxford e na Sorbonne custavam os olhos da cara.

A carta chegara a Ilhéus e de lá fora remetida para Taquaras. Obedecendo ordens estritas do Coronel, Lourenço, o chefe da estação da Estrada de Ferro, a enviara por um próprio à Fazenda da Atalaia: carta ou telegrama do doutor Venturinha mande em cima das buchas, por um mensageiro a cavalo.

Segundo contava o negro Espiridião, o Coronel mal concluíra a leitura da malfadada epístola. Dera um passo em direção a dona Ernestina estendendo-lhe a folha de papel mas não conseguiu entregá-la, arriara agonizante entre o cabra e a santa esposa, junto aos pés de Sacramento. Como pudera dona Ernestina suportar o acontecido sem cair morta ali também, no mesmo instante, ao lado do marido?

Com um grito atirou-se sobre o corpo inerte, e quando Sacramento conseguiu levantá-la, abraçou-se com a moça, juntas choraram. O marido morto, o filho longe, sozinha e perdida, dona Ernestina encontrou amparo e consolo na devotada e incansável Sacramento. Levou-a consigo no trem especial em que, na manhã seguinte, embarcaram o corpo do falecido para enterrá-lo em Ilhéus. Chegado às pressas, no meio da noite, Natário se encarregara de tomar as providências. O rosto imóvel não deixava transparecer o que sentia, trancado num silêncio duro e opaco.

A partir de então até o desembarque de Venturinha, Sacramento fez companhia a dona Ernestina e chorou com ela a morte do coronel Boaventura Andrade, fazendeiro de cacau, milionário, chefe de jagunços, senhor das sesmarias da Atalaia, mandachuva em Ilhéus e em Itabuna.

5

Se, como era voz corrente e ele próprio, coronel Robustiano de Araújo, pudera constatar, o trato dado às roças da Fazenda da Atalaia fosse idêntico ao dispensado por Natário aos cacauais da Boa Vista, tinha Venturinha razão em demasia ao se aborrecer com a recusa do administrador a se manter no posto. Inabalável recusa, não houve proposta de dinheiro, vantagens outras e diversas capazes de modificar a decisão de Natário. Por que razão? — Perguntou o coronel Robustiano de Araújo, a curiosidade se manifestando entre os louvores ao viço das roças e à floração paradisíaca: nada mais próximo à beleza do Paraíso do que a comovente imagem de uma plantação de cacau carregada de flores e de bilros.

O capitão Natário da Fonseca ouviu a indagação sem mover um único músculo do rosto de curiboca: a face cobreada, os olhos miúdos, nos lábios aquele fio de sorriso que o bacharel e poeta Medauar um dia comparara a um fino corte de navalha. Sorriso enigmático, uns pensavam-no zombeteiro, outros achavam-no amedrontador.

— Vou lhe dizer, Coronel, se tiver paciência pra me ouvir. Vim de Sergipe, era um menino, tinha feito uma estrepolia por lá. Coisa de somenos, o sujeitinho não valia o cartucho que gastei. Trouxe uma apresentação pro Coronel e ele me acolheu.

A égua Imperatriz do coronel Robustiano e a mula preta do capitão Natário iam parelhas em passo lento e cuidadoso na vereda entre os cacaueiros. O Coronel não comentou, o Capitão prosseguiu a narrativa:

— Coronel Boaventura já tava metido nos barulhos, como vosmicê sabe pois andaram juntos. Fez confiança em mim, me entregou uma repetição e me levou com ele. Posso dizer que ele me criou, sempre me tratou como se deve tratar um homem, devo a ele o que sou e o que tenho. Não me lembro de meu pai: comeu os tampos de minha mãe, capou o gato. O pai que conheci foi o coronel Boaventura.

— Mas ouvi ele mesmo dizer que você salvou a vida dele mais de uma vez. Boaventura não lhe fez favor quando mandou botar em seu nome o chão que nós tamos pisando.

— O Coronel me acoitou e me pagava o soldo de jagunço pra velar por ele. Sou ligeiro no gatilho e no pensamento. Só fiz a minha obrigação. Se ele quisesse, podia não ter me dado nem terra nem patente. Não vou dizer a vosmicê que não mereci, mereci bem merecido, só que ele não tava obrigado a reconhecer pois havia o couto e a paga.

O Capitão soltara a rédea sobre o cabeçote da sela, deixava a mula ir a locé pela trilha conhecida, ele percorria outros caminhos, os do passado, onde, às vezes, nem trilha havia:

— O coronel Boaventura foi o homem mais valente e o mais direito que conheci e eu não me importava se tivesse de morrer por ele. Foi por isso que mesmo depois de ser possuidor de terra e de ter plantado cacau, não larguei do serviço dele, continuei cuidando da Atalaia. Disse a ele em mais de uma feita: enquanto vosmicê for vivo e me quiser, sou um cabra a seu serviço. Pra depois da morte dele só prometi uma coisa e essa tou cumprindo. Mas nada tem que ver com roça de cacau e com posto de administrador.

— Me disseram que Venturinha ofereceu lhe pagar o que você pedisse.

— Coronel, eu penso que todo homem tem vontade de ser dono de sua

sina. Quando eu comecei a ganhar a vida, acompanhando romeiro lá no São Francisco, ouvi o povo dizer que a sina da gente tá escrita no céu e ninguém pode mudar, mas meu pensar é diferente. Acho que cada criatura tem de cuidar de si e sempre tive vontade de ser dono de mim mesmo. Servi o Coronel por mais de vinte anos: tinha dezessete quando arribei por aqui, já festejei quarenta e dois. Nunca prometi servir à viúva ou ao filho.

Nem nunca ele me pediu.

Olhou para o coronel Robustiano de Araújo, contou:

— Pouco antes dele faltar, um dia nós ia conversando assim como hoje eu e vosmicê e ele me disse que ia me fazer um pedido para eu realizar depois de sua morte. Tive medo que me pedisse pra continuar capataz da Atalaia pois eu ia ter de lhe dizer não. Patrão somente ele e ninguém mais. Felizmente o que ele queria era outra coisa e eu disse sim. Venturinha pensou que eu ia continuar tomando conta da fazenda, estranhou quando eu disse que por nenhum dinheiro. Nem por dinheiro nem por obrigação de amizade. A obrigação se acabou com a morte do Coronel.

Retomou as rédeas, as montarias abandonavam o cacaual, enveredavam pelo caminho que conduzia à casa de morada que Natário acabara de construir. O coronel Robustiano ainda não a conhecia. Natário abrandou a voz:

— Gosto muito de Venturinha, quando cheguei na fazenda ele era menino pequeno. Mas é um gostar diferente do que eu sentia pelo Coronel. O Coronel me deu amão, eu não passava de um perseguido da justiça. Agora, só quem manda em mim sou eu, sou eu quem decide o que fazer.

— E Venturinha entendeu seu ponto de vista? Concordou? Soube que não.

— Não perguntei, não quis saber. Ele vai se meter na política, assumir o lugar do pai. Eu disse a ele que se algum dia precisar de mim pra se defender dos inimigos, basta mandar me avisar, ainda tenho boa pontaria. Mas empregado, ele fosse desculpando, nem dele nem de outro qualquer.

Antes de apearem em frente à moradia, o coronel Robustiano de Araújo, a curiosidade satisfeita, encerrou a conversa:

— Se minha opinião pode lhe interessar, Natário, fique sabendo que agiu direito tanto servindo Boaventura como se negando a servir Venturinha. Não tava na medida certa que deve haver entre quem manda e quem obedece. — Mudou de assunto: — Beleza de casagrande. Meus parabéns.

— Casagrande? Uma casinha pra Zilda ficar com os meninos. Ela não passa um mês sem vir na roça.

6

Na Fazenda da Atalaia, as moradas dos trabalhadores — casebres de barro batido ou de madeira — agrupavam-se entre a casagrande e o riachão, margeando a estrada; umas poucas ficavam isoladas, esparsas nas roças mais distantes. Natário fizera questão de passar por todas elas para comunicar a notícia e se despedir, oferecendo os préstimos; mantinha com os alugados e os tropeiros boas relações de trabalho e também de cortesia e alguns eram seus compadres. A noite descera sobre os cacauais e a mata, e apesar do inverno não chovia, naquela noite a atmosfera estava tépida, cariciosa. O Capitão sentia-se dominado por sentimentos opostos: de alívio e ufania, pois deixara por fim de ter patrão, e de pena e nostalgia por abandonar aquela terra onde vivera e labutara por mais de vinte anos.

Em sua peregrinação, notou luz de fifó no barraco do finado Tiburcinho e se admirou: acabara de encontrar sia Efigênia cuidando de Idalício, jovem colhedor de cacau, mordido por uma cobra naquela tarde. Curandeira competente, a velha prestara-lhe socorro. Enchera de fumo de corda a boca sem dentes, boca de ventosa, e a aplicara sobre a picada, no tornozelo do padecente: sugava o veneno e o cuspia, murmurando rezas:

Meu Senhor São Bento
Bata o pau na cobra
Mata essa cobra
Que a cobra é do Cão
Me livre do veneno e da tentação

Idalício queimava de febre mas resistia, a velha conseguira reduzir a quantidade de peçonha, mitigar-lhe o efeito quase sempre mortal. O Capitão a encontrou à cabeceira do doente e ali conversou com ela antes de abandonar a Fazenda da Atalaia. Fez votos para Idalício escapar com vida, talvez conseguisse, graças aos poderes de São Bento e à sabedoria popular da rezadeira. Falaram sobre Sacramento e sia Efigênia lamentou-se: sentia falta da filha cuja demora em Ilhéus, onde cuidava da viúva do Coronel, impedia a realização de planos alimentados desde que ela a soubera possuidora de uma casa de aluguel em Itabuna, prenda do coronel Boaventura Andrade, agradecido e magnânimo.

Da casa adquirida pelo fazendeiro e posta em nome da comborça, escritura lavrada no cartório com todos os itens e todos os conformes, sia Efigênia e Sacramento tinham sabido por Natário, único a par do sigiloso

assunto: o Coronel não desejava que a novidade se espalhasse. O aluguel rendia uns bons cobres mensais, bastante para mãe e filha viverem livres de aflições.

Sia Efigênia sonhava desde então abandonar o trabalho na fazenda para abrir uma quitanda, em Itabuna ou em Taquaras, onde vendesse bananas, frutas-pão, pimentas, jilós e o mais que fosse de guarnecer e temperar.

Estando porém o Coronel em boa saúde e enrabichado pela moleca, a puxa-reza adiara o projeto para quando o fazendeiro enjoasse de Sacramento: xodó de rico sabe-se como é, pode acabar num átimo, da noite para o dia. Não deu para o Coronel enjoar, faltou antes: a morte soprou a congestão em seu cangote e ele caiu duro, a boca torta. Vendendo abóbora e maxixe na quitanda, na influência de Itabuna, Sacramento não tardaria a arranjar outro ricaço que lhe pusesse casa e abrisse conta em loja de fazenda e de sapato. Assim deliberara sia Efigênia, ambiciosa e prática.

Mas dona Ernestina herdara Sacramento junto com as propriedades rurais e citadinas: o latifúndio, as ruas de casas de aluguel em Ilhéus e em Itabuna, o dinheiro a juros, a fortuna imensa. Os sonhos de quitandeira de sia Efigênia viram-se adiados para quando Deus quisesse.

A herança do coronel Boaventura Andrade, tema principal de conversa e disseque-disse nas esquinas e botequins, nas estradas e bodegas, não foi objeto de inventário e divisão. Mais dia menos dia, tudo será dele — dispusera a viúva encomendando missas ao padre Afonso e referindo-se ao filho —, tão logo Deus me chame para a sua companhia. Sendo assim, para que dividir roças e casas, bens maiores e menores, o capital e os juros? Apenas Venturinha desembarcou da Europa, com escalas no Rio e na Bahia, a mãe lhe entregara o mando e o desmando da fortuna. Exclusivo para ela, dona Ernestina reservou um único pertence: a serva Sacramento.

7

De quem seria a sombra que o Capitão via refletida na chama do fifó, em casa do finado Tiburcinho? O que viera fazer no barraco na ausência dos moradores? Coisa boa não seria. Natário empurrou a porta com a mão esquerda, a direita no cabo do revólver. Deu de cara com Sacramento, coberta de poeira: a moça soltou um pequeno grito ao vê-lo mas não era de susto, era de surpresa e de satisfação: — Ai, Capitão! Que bom ver vosmicê! Me disseram que tinha ido embora.

— E tu, que faz aqui? Dona Ernestina lhe dispensou?

Sacramento baixou os olhos para o chão: — Por dona Ernestina eu

nunca ia sair de lá. A coitadinha deve estar pensando mal de mim, achando que não presto. Escapuli sem dizer nada pra ela, mas como houvera de dizer?

— Tu fugiu da casa do Coronel? Que cobra lhe picou?

— Foi o doutor. Quis me agarrar.

O Capitão não pareceu surpreendido: nos lábios desenhou-se o sorriso álgido, quase imperceptível.

— Venturinha?

— Como digo a vosmicê. Invadiu o quarto onde eu tava, alterado, sujo de baba, com bafo de bebida. Foi minha sorte. Empurrei ele, caiu no chão, lançando. Não teve força de se levantar. Só fazia dizer que ia me pegar. Fiquei com tanto medo que nem juntei minhas coisas. Fui apanhando à toa, até achar o lenço onde tinha amarrado um dinheirinho, e fui esperar o trem na estação. De Taquaras me toquei a pé pra ver Mãe e falar com vosmicê.

O Capitão não comentou, apenas os olhos fizeram-se mais apertados, na mesma medida do sorriso. Sacramento elevou a vista e o fitou de frente: — Me agarrou, me derrubou, me bateu e me mordeu. Se ta duvidando, veja. — Mostrou os braços com nódoas roxas, no pescoço sinais de chupões e de dentadas.

Perdurou o silêncio de Natário. Quem sabe, pensou Sacramento, ele não achasse aquelas marcas suficientes para explicar a fuga. Suspendeu a saia até o alto das coxas e as exibiu: manchas negras no lugar onde os joelhos de Venturinha, cidadão alto e corpulento, se haviam fincado na carnação morena e apetitosa. Os olhos do Capitão demoraram-se a espiar, Sacramento baixou a saia mas não baixou a vista: — Como é que eu ia querer me deitar com o filho dele? Deus me livre e guarde! Quando entrou, me ofereceu dinheiro, disse que eu era bonita e mais não sei o quê. Pedi que ele me deixasse em paz e ele falou no Coronel, gritou que sabia tudo e que também queria. Pedi de novo, pelo bem da mãe dele, pela alma do Coronel. Mas ele já tinha tirado o paletó e a calça, foi quando me agarrou. Tava caindo de bêbado, foi minha salvação.

O capitão Natário da Fonseca não pronunciou uma única palavra, somente tocou com a ponta dos dedos o rosto tenso da moça e limpou-lhe uma lágrima na face. Sacramento tomou da mão que a afagava e a beijou: — No trem vinha pensando em vosmicê. Afora Mãe, que não pode fazer nada, só tenho na vida vosmicê.

Baixou então os olhos novamente para o chão: — Inda outro dia me lembrei de vosmicê, me lembrei tanto que lhe vi junto de mim me dizendo

que é que eu devia responder a dona Misete.

O nome soou familiar aos ouvidos do Capitão:

— Conheço uma Misete, uma que tem pensão de rapariga na Ilha das Cobras.

— Me mandou um recado pra eu ir ser mulher-dama em casa dela. Foi aí que me lembrei de vosmicê e vosmicê me dizia que o Coronel não havia de gostar de me ver fazendo a vida. Era melhor ficar de criada na casa de dona Ernestina. Só que, com o doutor morando lá, não pode ser. Tomei o trem, saltei em Taquaras, me toquei praqui. Cheguei inda agorinha, nem sei onde Mãe está. Mas vi vosmicê e isso me basta.

Voltou a fitá-lo para afirmar com a voz serena e firme: — Não é por dinheiro nem a pulso que ninguém vai se deitar comigo. — Um sorriso entre as lágrimas, examinou os braços poeirentos do caminho, tocou os cabelos duros de sujeira, falou baixinho: — Tou precisando de tomar um banho, tou horrorosa. Assim Mãe apareça, vou me lavar no rio.

Natário lhe disse onde Efigênia estava e o que fazia. Entre encabulada e atrevida, Sacramento anunciou: — Entonces vou me banhar agora mesmo, antes dela chegar. Tou imunda, tão feia que vosmicê nem repara em mim.

— Suja ou limpa, tu é bonita como quê. Se o Coronel não tivesse posto o olho em tu, quem ia lhe fazer mulher havia de ser eu.

— Possa ser. Como eu ia dizer não, se eu só pensava em vosmicê?

Andou para a porta, passou junto a ele, os seios túrgidos tocaram o peito do Capitão. Com sua licença. Coronel: ele a seguiu no rumo do ribeirão.

8

Fuad Karan, na mesa do bar, saboreando o arak perfumado, bebida predileta, sorriu para o Grão-Turco, o amigo Fadul Abdala, e declarou, enfático: — Desabou sobre Itabuna, meu Fadul, um cataclisma sexual e vivemos sob seu signo. Atende pela poética e misteriosa invocação de Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum, um verso, vês? — Repetiu elevando, num gesto declamatório, a mão aberta e a voz empostada e redonda: — Veio das taigas siberianas: Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum!

Durante um segundo deteve-se a ouvir o eco da límpida pronúncia do nome altissonante, num evidente aplauso à própria voz: — Já ouviste falar em mulher fatal, meu Fadul? Ludmila Gregorióvna é o espécime perfeito, é o protótipo, o paradigma da mulher fatal, e estamos todos acorrentados aos seus encantos, somos seus escravos, felizes em nossa escravidão.

Fuad Karan sorveu um gole de arak para temperar a garganta. O rosto

irradiando profundo gozo intelectual, Fadul o acompanhou. Embevecido, escutava o boa-vida, um de seus dois corifeus: o outro era Álvaro Faria e habitava em Ilhéus.

— Uma devoradora de homens, meu Grão-Turco. Escuros de preferência, quanto mais afro, mais lhe toca a psique e lhe umedece a vulva. Pertence de direito mas não de fato ao nosso novo mestre e senhor, o doutor Boaventura Andrade Júnior, herdeiro do Reino Unido de Itabuna e Ilhéus. Estamos no reinado de Boaventura II, o Alegre, sucessor de Boaventura I, o Pai-D'Égua.

Para Fadul, desterrado pelo bom Deus dos maronitas nos cafundós de Tocaia Grande, as vindas às ruas agitadas das cidades, para refazer o estoque, resgatar duplicatas vencidas e assinar novas, ir aos bares e cabarés e às pensões de putas, e para ver o mar virar espuma nas praias ilheenses, havia, além do mais, o privilégio da prosa com as duas sumidades, os dois letrados: Álvaro Faria, no porto de Ilhéus, Fuad Karan, no sertão de Itabuna. Pareciam-se os dois no pouco apreço por qualquer trabalho que não fosse pura elucubração intelectual: a conversação, o jogo de pôquer e o comentário das ocorrências locais. Fuad Karan levava discreta vantagem sobre o parceiro no conceito de Fadul, por ser árabe e falar a língua do profeta com mel e tâmaras, com açúcar e anis. A par de todos os acontecidos e de todas as invencionices, Fuad os relatava e analisava com conhecimento e graça.

Fadul ouvia extasiado.

— Bonita? — Voz de cobiça e de apetite, Fadul quis saber.

— Bonita é adjetivo impróprio para definir Ludmila Gregorióvna: digamos bela, de preferência. Quero crer que seja eurasiana, mestiça de eslavo e semita; ainda será nossa parenta distante e disso devemos nos orgulhar. Além de bela, é mística por ser russa, dramática pois é judia, romântica e sensual devido ao sangue árabe. Se tua sorte de Grão-Turco ainda persiste, poderás vê-la durante o dia atravessar a rua para entrar nas lojas e desdenhar do mostruário ou, acompanhada de nosso jovem monarca, reinar à noite no cabaré com a longa piteira de jade e os olhos verdes. — Resumiu seus sentimentos numa expressão em árabe: ia hôhi!

— Como veio parar aqui?

— Trazida por Venturinha, de que outra forma poderia ser?

— E por que veio com o doutorzinho? — Fadul ainda não se considerava bem informado.

— Porque é puta, esse é seu ofício. Disfarça cantando baladas russas. Assassina "O Barqueiro do Volga" com uma perfeição extraordinária. O

irmão, diga-se de passagem, toca balalaica bastante bem: deve-se confessar por ser verdade.

— Será mesmo irmão?

— Andei investigando e concluí que os laços que unem Ludmila Gregorióvna e Piotr Sergueinovitch são realmente de sangue e não de cama. Irmãos por parte de mãe. Quanto a ela ser puta, não a devemos condenar assim sem mais nem menos. Por dinheiro, somente se vende ao nosso bravo Venturinha, aos demais dá de graça pelo prazer da fornicação, e nós sabemos, meu Fadul, que não existe prazer igual, no mundo, ao de fornicar.

— Não existe mesmo.

Os exageros e a retórica de Fuad Karan correspondiam à comoção da cidade ainda sob o impacto da presença embriagadora de Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum: tanto no cabaré quanto na Matriz, recintos animados, sua aparição de neve e fogo, pendurada ao braço de Venturinha, causava sensação, provocava tumulto: todos queriam vê-la, aquecer-se em seu sorriso, morrer no desmaio de seus olhos. No cabaré silenciava a avinhada barulheira, na Igreja rompia o devoto silêncio, aqui e ali ouviam-se ahs! e ohs! de cobiça e entusiasmo e uma chama de desejo se elevava em torno dela como um halo divino, a fulgurante cauda de um cometa.

9

A notícia do falecimento do coronel Boaventura Andrade interrompera os fascinantes estudos de Venturinha na Sorbonne da Place Pigalle, apressando-lhe a volta ao Brasil. Naquela noite, o bacharel encharcou em vodca o remorso e ò desgosto, amarrou o porre de sua vida.

Também Ludmila Gregorióvna, ao tomar conhecimento da tragédia que se abatera sobre seu "paizinho", teve uma crise de nervos, caiu num pranto agoniado, não um chorinho qualquer com duas lágrimas acanhadas: pranto à eslava, com chilique, desvario e orações em russo. Apaixonado até os gorgomilos e os escrotos, o novel europeu decidiu trazer Ludmila para o Brasil em sua companhia, melhor maneira de importar a cultura da Europa no que ela tinha de mais representativo. Acompanhou-a o irmão, Piotr Sergueinovitch, mas o amante, Konstantin Ivanovitch Surkov, ficara em Paris roendo tampa de penico na folclórica expressão do triunfante Venturinha.

O conde e coronel da Guarda Imperial Konstantin Ivanovitch Surkov, parente da família imperial mas em desacordo com o Czar, confidenciara um segredo de estado a Venturinha, le Baron Boaventura Boaventurovitch

como se fizera conhecido nos círculos da imigração eslava: Ludmila Gregorióvna também tinha sangue nobre se bem não o proclamasse devido ao infortúnio que a obrigava a cantar melancólicas baladas nos cabarés parisienses. Fugira da corte em virtude de ignóbeis perseguições do GrandDuc Nikolai Nikolaievitch Romanov, que a queria de concubina.

Tio do Czar Nikolai II, generalíssimo dos exércitos russos, infernava-lhe a vida. Tendo Venturinha estranhado que a requestada não se houvesse entregue a tão poderosa e eminente figura, Konstantin Ivanovitch explicou ao seu querido Boaventura Boaventurovitch que a pequena Ludi, fina e sensível, não suportava o olor de alho do hálito do generalíssimo: os beijos do Grão-Duque causavam-lhe náuseas, sustentavam-lhe a virtude. Por isso acompanhara Konstantin quando o coronel dissidente se exilara em Paris. Relacionamento dramático, não podiam se casar pois ele tinha esposa em Moscou, também prima do Czar, mas haviam jurado amor eterno e cumpriam a jura. Venturinha pagava as contas e o fazia com justificado orgulho: não é todos os dias que se corneia um membro da família imperial de todas as Rússias.

Em La Datcha, cabaré moscovita na Place Blanche, acompanhada pelo irmão Piotr, virtuose da balalaica — Pedrinho, meu irmão!, rogava Venturinha no auge da paixão e da bebedeira, — tange esse teu violão para me fazer chorar! —, Ludmila cantava melodias russas e dançava bailes do Cáucaso exibindo a perfeição das pernas. Em mesa próxima, o conde Konstantin, de antiga estirpe, e Boaventura Júnior, barão recente, aplaudiam, consumindo vodca e conhaque. Ao fim da noite e do espetáculo, Piotr recolhia o escornado Konstantin, deixando aos cuidados do brasileiro, campeão continental da ingestão de aguardente, a tímida e sofrida Ludmila: na cama, impetuosa égua da cavalaria imperial, glória da corte do Czar. Na hora do orgasmo, recitava versos de Pushkin e orações ortodoxas.

A versão de Ludmila acerca dos sucessos de Moscou divergia um tanto quanto da proclamada pelo conde e coronel. Não no que se referia ao Grão-Duque Nicolás, o mastigador de alho: de fato, perseguira-a como um cão danado, obrigando-a a exilar-se em companhia do irmão. Mas era falso que ela se houvesse apaixonado por Konstantin. Aproveitando-se de sua triste condição de fugitiva, emigrada em Paris, ele se impusera em seu leito de artista obtendo-lhe contratos e defendendo-a da cúpida agressão dos frequentadores de La Datcha. Agradecida, ela o aceitara e o tolerava, mas daí a proclamar amor ia uma distância tão grande quanto a que separava a Praça do Kremlin, em Moscou, da Praça Pigalle, em Paris.

Numa e noutra variantes subsistiam hiatos, contradições, espaços em

branco, incongruências, tudo devido ao precário domínio da língua francesa pelos personagens em causa, se bem Ludmila revelasse talento para o cultivo dos idiomas: com Venturinha aprendia palavrões em português e os repetia com adorável pronúncia, entre beijos. De qualquer maneira, alguma verdade devia haver nas espaventosas narrativas, pois quando Ludmila Gregorióvna aceitou acompanhá-lo ao Brasil, o conde e coronel invadira o hotel do brasileiro, ameaçando-o de escândalo e morte, desafiando-o para duelo, adaga em punho.

De Venturinha tudo se podia dizer, menos que fosse medroso. Já se encontrara às voltas, em ocasiões anteriores, com maridos e amantes em fúria e jamais se encagaçara. Baixou o braço no parente do Czar, tomou-lhe a adaga e a guardou como troféu. Terminou por resolver o assunto com educação e generosidade, em francos franceses e libras inglesas, na falta de rublos. Embarcou para o Rio de Janeiro num transatlântico da Chargeurs Reunis, trazendo na bagagem Ludi e Piotr, a balalaica e a adaga, a Rússia imperial.

10

No cabaré, Fadul Abdala comprovou a justeza das palavras exaltadas de Fuad Karan e repetiu a exclamação provinda do fundo da alma: ia hôhi! Teve inclusive pretexto e circunstância para tocar a mão alvíssima da russa com as pontas dos dedos disformes, pois Venturinha, ao avistá-lo e reconhecê-lo, fez-lhe um aceno cordial. Diante do que o turco aventurou-se até a mesa do bacharel para cumprimentá-lo e olhar mais de perto a ruiva fatal que incendiava a cidade de Itabuna e o mar de Ilhéus. Na língua venenosa de Fuad, era dada a pretos: petisco ideal para Tição Abduim, negro habituado a vadiar com gringas.

De regresso a Tocaia Grande, comentou o caso com o capitão Natário da Fonseca e lastimou fosse a russa especialista em negros e em milionários, desinteressada de árabes bodegueiros. O Capitão a conhecera e com ela tratara por ocasião do retorno de Venturinha. Para ele, Venturinha continuava a ser o menino a quem comboiara havia mais de vinte anos, ensinando-lhe a montar e a atirar: a primeira mulher que o moleque conhecera, a sardenta Júlia Saruê, fora-lhe apresentada pelo cabra:

— É um cabeça-de-vento, não pode ver rabo-de-saia. Com essa tal de russa está gastando um bocado de arrobas de cacau. Nem assim deixa de correr atrás das cabrochas, quer comer tudo que é mulher. No fundo não

passa de um meninão.

— Gastar dinheiro pra ser chifrudo...

— Chifre de puta não se leva em conta, Fadul, não é chifre de verdade.

O turco ainda pensou em discutir o assunto mas deixou pra lá: o Capitão era capaz de se ofender, pois gostava tanto de Venturinha, como se o doutorzinho fosse seu parente. Parente próximo, uma espécie de sobrinho sem juízo.

11

O anúncio da iminente chegada da Santa Missão correu como um rastilho de pólvora, causando sensação, exaltando os habitantes de Tocaia Grande, novidade de arromba. Num e noutro lado do rio, foi um deus-nos-acuda.

Na manivela da máquina de costura, Natalina não teve descanso. Encomendas do mulherio em geral e, em particular, das noivas de maio: estavam nos meados de maio, mês das primeiras chuvas e, segundo souberam pelos frades, da Virgem Maria. Noiva digna de usar grinalda e véu, apontava-se uma única: a menina Chica, de namoro firme com Balbino. Vivia em casa dos pais enquanto as demais candidatas a receber a bênção nupcial eram todas elas amigadas, algumas com filhos.

A própria Chica, apesar de moderninha e de continuar no lar paterno, quem se disporia a botar a mão no fogo por sua virgindade? Em Tocaia Grande, como aliás em toda a extensão do país grapiúna, donzelice costumava durar pouco; nas fazendas contava-se uma mulher para dez homens e a flor do cabaço fazia-se colher ainda em botão.

Chica deixava-se ver em companhia de Balbino nos esconsos do rio, nas clareiras da mata, se ainda conservasse os tampos, de duas uma: ou bem Balbino era broxa ou ocorrera milagre. Fosse como fosse, sia Leocádia veio em pessoa encomendar o vestido de noiva da neta e explicou a dona Natalina que o desejava à moda sergipana, com todos os apetrechos e atavios de donzela.

As outras não pediram tanto, contentavam-se com trajes simples, não queriam casar cobertas com trapos velhos. Cleide, também neta de sia Leocádia, prima de Chica, estava de bucho cheio; encomendou um vestido azul da cor do seu cordão de pastoras no reisado, o azul da Virgem Imaculada. Já que se fala nas netas de sia Leocádia e se citou o reisado, registre-se ainda no rol das casamenteiras à espera da Santa Missão a

moça Aracati, que figurara a Senhorita Dona Deusa no desfile. Para surpresa dos parentes, inclusive da avó atenta, logo depois do triunfo na noite de Reis, apareceu em casa de braço dado com Guido, dizendo que iam morar juntos. Haviam os estancianos concorrido com três prenhas na estação dos partos, colaboravam com três noivas na safra dos casamentos.

Amigadas antigas também ordenaram vestidos a dona Natalina ou os costuraram em casa. Abigail trouxe o seu de Taquaras, onde ela e Bastião da Rosa estavam vivendo desde a enchente: os frades iriam até lá mas ela queria se casar em Tocaia Grande, ao mesmo tempo que Isaura, sua irmã: festança em casa de Zé dos Santos e sia Clara. Das fazendas chegaram casais em quantidade, não era sempre que uma Santa Missão aparecia nas bandas do rio das Cobras.

12

Não menos afobados estavam os pais das crianças à espera de batismo. Cerca de uma dezena de pagãos aguardavam em Tocaia Grande a oportunidade de se fazerem católicos romanos, escapando do limbo se morressem infantes, do inferno se chegassem a adultos. Houve uma animação de compadrio, a escolha dos padrinhos gerava discussões e risos. Zilda mandou um recado para Bernarda: escolhesse os padrinhos para Nado pois o menino seria batizado na passagem da Santa Missão.

No leito com Natário, Bernarda trouxe o assunto à baila: — Padrinho já pensou em alguém? — Descansava a cabeça no peito do Capitão, ele lhe tocava os cabelos desnastros.

— Se tu quer, nós faz assim: eu escolho o padrinho, tu a madrinha.

— Pra mim, a madrinha só pode ser comadre Coroca. Devo mais a ela do que a minha mãe, coitadinha.

— Pra padrinho, pensei em Fadu, a gente já se trata de compadre. — Desceu a mão dos cabelos para os seios da afilhada, dos seios para o ventre e brincou com os pêlos do xibiu.

Assim se deu a escolha dos padrinhos do menino Nado, filho de sangue de Bernarda e do capitão Natário da Fonseca, filho de criação de Zilda, madrinha de Bernarda, mulher do Capitão.

13

Vade retro, Satanás! — Exclamou frei Zygmunt Gotteshammer no

momento culminante, da confissão da menina Chica, não tão menina pois ia completar quatorze anos nas vésperas de São Pedro: das noivas de maio a única em condições de usar grinalda e véu na cerimônia do casamento.

Revelando decidido pendor para os detalhes e absurda inocência a respeito do que fosse e do que não fosse pecado venial e pecado mortal, a moleca do cordão encarnado, sem ruborizar-se — o que aliás iria bem com as cores de sua ala —, relatou ao indignado frei Zygmunt as gostosas provações a que a sujeitava o namorado. Balbino tinha morado em Ilhéus e conhecia as invenções das gringas: com elas Chica se comprazira.

Nem por incruenta, foi menos insana a luta que se travou no improvisado santuário entre o santo inquisidor e a mocinha do cordão encarnado. Diante do que, prazenteira, ela lhe narrou: escabrosos lances de dedo e língua, de sodomia — ah, Sodoma rediviva! —, o frade lhe interditara véu e grinalda, os símbolos da virgindade. Mas a noiva, em obstinado preito, reivindicara seus direitos às flores de laranjeira, confeccionadas pelos dedos maneiros de dona Natalina, pois lá dentro da periquita—juro por Deus, seu padre! — Balbino nunca metera, Chica jamais deixara. O demais que tinham praticado servira exatamente para impedir que ele lhe tirasse os tampos: onde o reverendo frei ouvira dizer que tomar no eu era o mesmo que dar a maricotinha? Em Estância as moças casavam donzelas, em sua maioria, mas para aguentar a espera iam tomando nas coxas e no fíofó, que ninguém é de ferro, seu padre.

Frei Zygmunt a expulsou em latim, vade retro, Belzebu! Noutros tempos teria usado o azorrague para exorcizá-la, retirarlhe do corpo os demônios que o habitavam: nos bons tempos da Sagrada Inquisição. Chica foi-se satisfeita, acreditando que o sacerdote a abençoava e com ela se pusera de acordo sobre o vestido de noiva. Rezou três ave-marias e um padre-nosso, pois o bom frei esquecera de lhe dar a penitência.

14

Os frades, com o consentimento de seu Carlinhos Silva, haviam improvisado dois confessionários no depósito de cacau seco, um em cada extremidade do recinto. Não havia a habitual separação entre confessor e confessando, mas as poucas mulheres que foram cumprir o sacramento — o mais importante de todos na sapiente opinião de frei Zygmunt von Gotteshammer — não tinham pejo de olhar o padre na hora de despejar o saco de pecados, não sabiam, as infelizes, o que fosse pudor.

Poucas mulheres, nenhum homem. Igreja e padre são coisas de mulher, diziam os homens, os renegados. Criminosos de morte muitos deles, a começar pelo tal de Capitão, a cuja fama de crueldade e a cujo passado de crimes tinham ouvido medrosas referências nas palmilhadas léguas de chão do rio das Cobras.

Frei Theun e frei Zygmunt haviam reservado o primeiro dia da Santa Missão para um balanço na vida de Tocaia Grande: receber em confissão os pecadores, tomar conhecimento da situação do paganismo e da moralidade do lugar. Tendo sido mínima a procura do confessionário, da penitência e da absolvição — a absolvição na voz de frei Zygmunt von Gotteshammer, o Martelo de Deus, tinha acento de censura e castigo —, saíram os frades a saber de casa em casa, de pessoa em pessoa.

Regressaram à residência de seu Carlinhos Silva, onde estavam hospedados, Theun com o coração carregado de tristeza por ver tão menosprezada a lei de Deus — ah! os pobres infelizes! —, Zygmunt tomado de indignação e de horror, vibrando de cólera sagrada, ao constatar o estado de abominação em que viviam aqueles renegados: réus malditos!

Crianças sem batismo, filhos naturais concebidos no pecado, casais reproduzindo-se como animais, sem o consentimento e a bênção de Deus, a devassidão, o crime, o desconhecimento e a incúria pelas coisas da Santa Madre Igreja. Maior que o casario erguido no núcleo do arraial — duas vielas e um beco —, era a podre aglomeração de casebres de barro batido e de choças de palha na Baixa dos Sapos, o puteiro na suja voz dos habitantes: a ele se referiam com acentuado orgulho, devido a suas dimensões, o maior daquelas bandas.

No outro lado do rio onde plantavam o necessário para a feira semanal, não ia melhor a moralidade, tampouco a devoção. No novo habitat, os piedosos sergipanos, tementes a Deus, ao contacto com a impiedade grapiúna, desleixavam-se das obrigações para com o Senhor, perdiam o temor de Deus e se espojavam na lama dos abomináveis hábitos do lugar.

O árabe que ali comerciava, roubando pobres-diabos, residentes ou passantes, agiota dos piores, um degredado, não era propriamente maometano mas pouco faltava. Longe de ser filho exemplar da Igreja de Roma, pertencia à seita oriental dos maronitas, pouco digna de confiança: para muçulmano faltava pouco. Se vivesse na Espanha, nos bons tempos, não escaparia da espada cristã e abençoada de San Tiago Mata Mouros.

Quanto aos negros fetichistas, à frente o cínico ferreiro, sempre a rir, persistiam na eterna e perversa tentativa de conspurcar a pureza e a

dignidade dos santos canonizados pelo Vaticano, misturando-os e confundindo-os com os demoníacos calungas das senzalas, ofertando-lhes animais em sangrentos sacrifícios. O centro da feitiçaria se encontrava instalado na oficina do ferrador de burros, um réprobo.

Frei Zygmunt Martelo de Deus projetava levantar o ânimo dos fiéis durante os sermões, quem sabe conseguiria levá-los a destruir o ímpio altar erguido por detrás da forja para os monstruosos diabos africanos que os negros, libertos da escravidão através de conjuras e trampas da Maçonaria, chamavam de encantados e procuravam vestir com o manto luminoso dos bemaventurados. Sacrilégio!

15

Repousando do bárbaro — e delicioso! — jantar de frutas e caças, ao fim daquele primeiro dia de Santa Missão, frei Theun lastimou, condoído e compassivo, a sorte daqueles pecadores, vítimas da ignorância e do atraso, cujas almas estavam condenadas ao inferno sem que talvez o merecessem. Era sobretudo a falta dos códigos morais, da rédea das leis, da contenção imposta pelas regras, que os levava à prática de tamanhos erros, a viver em estado de delinquência e culpa.

Seu Carlinhos Silva, falando alemão com fluência e pronúncia de letrado — um mulato sarará, imagine-se! Surpresas a que estão sujeitos frades mendicantes cm Santa Missão —, com voz pacata e afável, assim como quem não quer nada mas vai dizendo as coisas, defendeu o lugar e o povo do lugar. Parecia um professor dando aula na cátedra de Weimar e frei Zygmunt o examinou com os olhos de suspeita. Com razão, pois o mestiço inocentou aquela gentalha de qualquer culpa. Os habitantes de Tocaia Grande — disse ele — ali viviam à margem de ideias preconcebidas, desobrigados das limitações e dos constrangimentos decorrentes das leis, livres dos preconceitos morais e sociais impostos pelos códigos, fosse o código penal, fosse o catecismo. Gente mais ordeira do que a de Tocaia Grande, apesar do nome e dos maus costumes, não havia em toda a região do cacau, no país dos grapiúnas. E sabem por que, meus reverendos? Porque aqui ninguém manda em ninguém, tudo se faz de comum acordo e não por medo de castigo. Se dependesse de seu Carlinhos Silva, jamais essa paz seria perturbada, esse viver feliz do povo de Tocaia Grande que, a seu ver, merecia com certeza o agrado de Deus, do verdadeiro.

— Se vossas reverendíssimas me permitem opinar, eu lhes direi que

aqui se encontra o procurado paraíso natural dos sábios...

Ergueu-se num supetão frei Zygmunt Gotteshamraer, Martelo de Deus, derrubando o prato de flandre, o rosário na mão como se fora um látego levantado contra o pecado e os pecadores e, em especial, contra o herege em sua frente. Em Ilhéus haviamlhe informado que esse mestiço e filho natural fora educado na Alemanha e tinha fumaças de doutor: inimigo da Igreja de Roma, era um infame luterano, talvez ainda mais pernicioso do que os macumbeiros, com certeza mais perigoso do que o maronita. Símbolo do que existia de pior no mundo: arauto das infames ideias da Revolução Francesa, dos enciclopedistas, dos inimigos de Deus e da monarquia, dos petroleiros incendiários, de bomba em punho contra os imperadores e a nobreza, de punhal erguido para de novo rasgar o coração de Jesus Cristo. Além de luterano, anarquista!

16

Os carpinas, Lupiscínio, Guido e Zinho, ergueram no centro do descampado à meia distância entre o rio e o barracão, em frente ao local da feira, um cruzeiro de pau-brasil, monumental, de grande altura, obra de dar na vista, só comparável ao pontilhão. Quem despontasse, vindo das cabeceiras do rio das Cobras ou da estação de Taquaras, de longe nos caminhos avistava o Santo Lenho assinalando a passagem por Tocaia Grande da primeira Santa Missão a estender até aquele fim de mundo a pregação da virtude e a condenação do pecado.

Uma larga plataforma de tábuas corridas foi armada diante do cruzeiro e nela os frades colocaram os materiais e os apetrechos para a missa, a bênção e os sacramentos de batismo e matrimônio. Os frades revestiram-se com os hábitos talares para os ofícios divinos e os sermões.

Frei Theun pregou pela manhã, na eucaristia, Frei Zygmunt pregou à tarde, na hora da bendição. Os habitantes foram unânimes em considerar o sermão de frei Zygmunt por todos os aspectos superior ao do frade holandês. Não havia comparação. Frei Theun, gordote e atarracado, falando português quase sem acento, demorou-se na bondade e na misericórdia de Deus, descreveu o Paraíso, falou de suas belezas e benesses.

Magro e alto, cara cavada, mãos ossudas, misturando ao português termos alemães e expressões latinas, numa pronúncia de cão de caça, o alemão empolgou os ouvintes, pequena multidão ainda maior do que a

reunida pelo Reisado de Sia Leocádia, no verão. Seu tema foi o inferno. Belzebu, o anjo decaído, o pecado e o fogo a consumir os pecadores. Martelo de Deus, como o nome indicava, frei Zygmunt Gotteshammer obteve sucesso quase igual ao de seu Carlinhos Silva com os truques de prestidigitação. Um porreta, frei Zygmunt!

17

Deu-se a coincidência — de coincidências estão cheios os romances, ainda mais a vida — que, no segundo e último dia da Santa Missão, chegou a Tocaia Grande, procedente de Itabuna, em trânsito para a Fazenda da Atalaia, o doutor Boaventura Andrade Júnior, cada vez menos tratado pelo diminutivo familiar de Venturinha. Vinha acompanhado por Ludmila Gregorióvna, sua amante — amante era o termo que o bacharel usava pois indicava fêmea nobre e cara, de alto coturno, dispendiosa, situada em alturas não atingidas por raparigas, mancebas, amásias, comborças, putada reles. Ouriçada cabeleira cor de fogo, perfume forte de almíscar, nos trinques do traje inglês de montaria, calça-culote, égua das estrebarias do Czar da Rússia ou das cavalariças do Rei Salomão, como melhor disse o Turco Fadul, leitor da Bíblia.

Nos tempos dos barulhos, quando os encontros de grupos de jagunços eram acontecimentos corriqueiros e cada goiabeira escondia uma tocaia, os coronéis viajavam acobertados por grupos de cabras, havia sempre a possibilidade de um ataque. Com o fim das lutas, a guarda se reduzira a um homem de confiança, rápido no gatilho. O coronel Boaventura Andrade, cuja vida estivera tantas vezes ameaçada, nos últimos anos fazia-se acompanhar apenas pelo negro Espiridião. Por vezes Natário ia com eles: para conversar com o Coronel, acertar quefazeres, não na qualidade de capanga, como dantes.

Venturinha, porém, não dispensava em suas travessias entre Itabuna e a Fazenda da Atalaia, ou para onde quer que viajasse, um séquito digno de um Basílio de Oliveira, de um Sinhô Badaró, de um Henrique Alves nos áureos tempos.

No comando da patrulha de quatro homens armados até os dentes, um guerreiro celebrizado nas lutas passadas, Benaia Cova Rasa — alcunha feliz, nada é preciso acrescentar. Contei até vinte, depois não contei mais, dizia o presumido Benaia falando dos seus defuntos, daqueles para os quais abrira cova rasa ou funda. Era um cafuzo pequeno e magro, de boca chupada e pouca fala, bom de clavinote, melhor de faca.

Comparecera a três júris por causa da morte do coronel Josafá Peixoto. No primeiro pegou pena de trinta anos, no segundo de dezesseis, no terceiro, defendido por Rui Penalva, advogado célebre, foi absolvido. Posto em liberdade, engajou de soldado no batalhão da Polícia Militar, de onde Venturinha o retirara para ser o chefe de sua guarda pessoal. Seu último feito fora a morte de uma rapariga, chamada Bira, que não o quis receber por estar de balaio fechado devido a promessa feita à Virgem Mãe de Deus. Vestido com a farda de soldado e com a fama torva, ainda levou presos e espancou na cadeia dois pobres caixeiros que descarregavam a natureza com quengas da pensão, além da dona do puteiro, Maria Sacadura.

18

A rogo de Ludmila, Venturinha resolveu demorar-se em Tocaia Grande até a hora da bênção, dos batismos e dos casamentos, do sermão final de frei Zygmunt von Gotteshammer: por nada no mundo perderia aquele espetáculo.

— Nesse caso teremos de viajar à noite, quero dormir na fazenda.

— Voyager dans Ia forêt pendant la nuit, c'est romantique, mon amour.

Mon amour concordou, ganhou um beijo e, em companhia de Piotr e de Cova Rasa, ele e Ludmila almoçaram em casa de Natário e Zilda. Bródio alegre e lauto, comemorativo da passagem da Santa Missão, contou com a presença do compadre Fadul Abdala que envergara o traje de viagem para o batismo de Nado. Dia de festa no Outeiro do Capitão.

Após o cafezinho, Venturinha estendeu-se na rede, na varanda, empunhou o charuto Suerdieck, ficou a conversar com o Capitão e com Fadul. Contratara um agrônomo para substituir Natário na administração da Fazenda da Atalaia e se alongou sobre a competência do fulano, doutor formado: estava fazendo uma revolução nos métodos de trabalho, de plantio e de colheita, prometia triplicar a produção: o que é que Natário achava? Natário não achava nada, não comentou nem pretendeu comparar conhecimentos aprendidos nos livros de estudo com a rudimentar e precária sabedoria de coronéis e de feitores. Apenas em seus lábios transpareceu aquele fio de sorriso, sinal de dúvida ou de descaso, quem sabe?

Veio à baila o nome de Espiridião, Venturinha não compreendia por que o negro, a exemplo de Natário, não aceitara o posto de chefe da guarda

pessoal ora exercido por Benaia Cova Rasa, abandonara a fazenda para viver em companhia da filha professora, em Taquaras. Tratou o velho jagunço de ingrato, do que discordou Natário. Se alguém devia gratidão, não era o negro a Venturinha, e sim o filho do Coronel a quem salvara a vida do pai e lhe guardara o sono durante tantos anos. O bacharel mudou de assunto, ainda menino aprendera a respeitar as opiniões de Natário; se o respeito lhe pesava não dava demonstração. Tampouco o exadministrador falava em tom de reproche ou de cobrança, apenas conversava, a voz neutra, a face imóvel.

Quem cobrou algo a Venturinha foi Fadul, recordando que, de passo por Tocaia Grande, certa feita, o bacharel se declarara pessimista ao extremo em relação ao futuro do lugar, previra-lhe vida curta e mesquinha. Isso aqui não tem futuro, não passará nunca de um chiqueiro. Fadul não esquecera as palavras que o haviam perturbado: se não fosse o trato feito com o bom Deus dos maronitas teria se deixado envolver pelo desânimo. Rindo, Venturinha confessou haver-se enganado em suas previsões:

— Sim, senhor, dou a mão à palmatória. O chiqueiro tomou impulso, cresceu, está com ares de cidade.

Deu-se ao trabalho de expirar que cidade era força de expressão e ele a usava para acentuar o crescimento do arruado se comparado a outros lugarejos da região, porque categoria de cidade propriamente dita não a mereciam nem Ilhéus nem Itabuna, capitais de municípios, nem sequer a Bahia, capital de Estado, quando muito o Rio de Janeiro, se a comparação fosse feita com Paris e Londres. Essas, sim, eram cidades. Que mulheres! Aliás, os dois compadres podiam julgar pela russa que ele conquistara, já tinham visto coisa igual?

Igual nunca tinham visto, nem o curiboca nem o turco. Mas Natário recordou que mulher bonita sempre fora o pão de cada dia, o colchão do leito do bacharel. Naquela ocasião, ia para sete anos, quando renegara de Tocaia Grande, Venturinha, doutor recente, desde então chegado a gringas e a artistas, andava metido com uma argentina, se lembrava?

Venturinha se lembrou, prazenteiro. Adela La Portena, um mulherão, cantava tangos, boa de cama. Junto, porém, de Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum não passava de uma catraia, um rebotalho!

19

Os passos guardados por Benaia Cova Rasa, enquanto Venturinha conversava na varanda, Ludmila e Piotr desceram do outeiro para percorrer Tocaia Grande.

A russa estava adorando aquela viagem a cavalo através das fazendas e dos povoados. Na Fazenda Carrapicho, primeira parada da comitiva, o coronel Demóstenes Berbert recebera Venturinha e sua amante em grande estilo. Sendo solteiro, três guapas mocetonas cuidavam da casagrande e dos caprichos do ricalhaço, quarentão sacudido, com avô francês na mistura do sangue brasileiro. Falando francês com fluência e correção — aprendera com o avô —, apresentara as três graças a Ludmila: a cunhã, a minhota e a malê, suas três Marias, a índia, a branca e a negra. Escolhidas a dedo pelo coronel Demostinho, fino conhecedor, de requintado gosto.

Na selva do cacau, o proprietário da Fazenda Carrapicho era uma avis rara: na casagrande tinha estante de livros, adega de vinhos e, além do gramofone, um piano que ele próprio dedilhava para regalo das três mucamas acocoradas em derredor. Fuad Karan, hóspede frequente, referia-se ao harém do coronel Demostinho, e Álvaro Faria, sequestrado dos bares do porto, permanecéu uma semana na fazenda abatendo garrafas de vinho e de conhaque, portugueses e franceses. Na opinião do letrado ilheense, o coronel Berbert era o único ser de fato civilizado no universo grapiúna.

Na mesa do café matinal — haviam partido de Itabuna na fímbria da manhã com a intenção de chegar à Atalaia ao pôr do sol — o Coronel serviu os manjares da região: os cuscuzes, os mingaus, o requeijão, a coalhada, a banana frita, a fruta-pão, o inhame, o aipim, batatas-doces e o espesso chocolate. Ludmila apreciava a boa mesa, de tudo comia um pouco e a tudo elogiava com a voz escura, pejada de mistério.

Visitaram as roças em plena colheita — o trabalho dos alugados começava às cinco da manhã — e o curral das vacas leiteiras onde, aproveitando-se de uma distração de Venturinha interessado na novilha Sulamita, o coronel Demostinho correra a mão na nobre bunda de Ludmila Gregorióvna e lhe sussurrara, o bafo fazendo cócegas no cangote:

— No dia que quiser, esta casa é sua, assim como uma outra que fica em Ilhéus, em frente ao mar. — Disse em seu melhor francês num murmúrio de brisa matutina.

Ludmila respondeu com um sorriso e um olhar enigmáticos como soem ser sorrisos e olhares de heroínas russas. O bravo Coronel antes de retirar

a mão que sopesava o elegante rabiosque, ferrou-lhe delicado beliscão para recordar-lhe a oferta, concluir o trato.

Inolvidável jornada para os olhos de Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum. A estrada margeava os cacauais: os cocos amarelos refulgiam na luz da manhã, plantação mais bela não existe, nem mesmo o trigal maduro nas estepes. Paravam de fazenda em fazenda para desalterar, aceitando um gole d'água, um cafézinho, provando doce de banana em rodinhas ou de laranja-da-terra, deliciando-se com um copo de suco feito com o mel que cobre os grãos de cacau, invenção dos deuses.

Para conhecer a cantora russa que elas sabiam rapariga do doutor Venturinha, as senhoras dos coronéis abandonavam as cozinhas e os preconceitos e se apresentavam na estica, os vestidos domingueiros enfiados às pressas. Ludmila estendia a ponta dos dedos para o beijo dos fazendeiros, sorria formosa e modesta para as senhoras donas, dizia merci e vous êtes três gentille, Madame.

Um encanto de cantora russa.

Todo aquele trópico ardente e delirante, de coronéis milionários e de miseráveis alugados, de casas-grandes fartas e de casebres de barro, era o oposto e o igual das planuras da Rússia de nobres, de kulakes e de servos. Ludmila Gregorióvna trocava língua com Piotr, seu irmão, expressando a esperança de receber, mais dia menos dia, das mãos dadivosas de paizinho Boaventura ou de outro tão rico quanto ele, a prenda de um campo e de uma aldeia com servos negros. Vivia numa exaltação de descoberta, tudo lhe parecia amoroso e romanesco, com uma pitada de perigo: as serpentes e os bandidos.

A Santa Missão a encantou e foi ela quem estabeleceu a comparação histórica e erudita com o Santo Ofício, demonstrando mais uma vez a Venturinha caído dos quartos de tanta paixão não ser apenas uma fêmea deslumbrante e incontinente: incontinente na cama, tãosomente. Acrescentava à beleza os dotes de inteligência e de cultura: podia dar lições aos bacharéis de Itabuna.

Conquistada por Tocaia Grande, andara no descampado, nas ruelas, atravessara o pontilhão, cruzara a Baixa dos Sapos e se demorara na oficina vendo o ferreiro — busto nu, uma pele sebosa de queixada cobrindo-lhe as partes — bater o ferro na bigorna, fabricando uma pulseira de metal. Quis comprá-la, o negro a ofertou, lembrança pobre e incomparável: faiscava ao sol.

Ao regressar do passeio, os olhos cintilantes, o rosto perolado de suor, a voz cortada de emoção, Ludi perguntou a Venturinha ainda estirado na

rede, prolongando a sesta:

— Esta aldeia é tua, paizinho? Esses gentios são teus servos? — Debruçou-se sobre a rede, os seios arfavam, comoventes: — Se me amasses de verdade, me darias aldeia e servos em penhor de teu afeto.

20

Pronunciado pela manhã, durante a missa, o sermão, emotivo e clemente, de frei Theun da Santa Eucaristia, lastimava o estado de degradação e desregramento em que se comprazia o povo de Tocaia Grande, mas acenava com a caridade de Deus, suprema bondade, cujo coração sangrava de pena pelas desviadas ovelhas de seu rebanho; convidava ao arrependimento e às lágrimas.

Não fossem empedernidos os tocaia-grandenses, o pranto teria corrido solto e alto, as mãos teriam flagelado os peitos pecadores: pecadores, ai, eram todos os habitantes do lugar, sem exceção. Seria piedoso e edificante consignar na crônica dos eventos de Tocaia Grande esse augusto instante de compunção e de penitência da diminuta multidão comprimida em frente à Santa Cruz, que escutava em relativo silêncio as palavras do pregador. Mas, como fazê-lo, se não aconteceram mostras de compunção nem tentativas de penitência? Numa coisa, contudo, estiveram de acordo: o reverendo falava bonito, a voz fervorosa e quente. Ele próprio era um bonito mocetão, na criteriosa opinião das putas.

Não houve choro pela manhã nem ranger de dentes à tarde, medo pânico, durante o sermão de frei Zygmunt, Martelo de Deus a martelar com sua pronúncia de cão de fila, gotteshammer. Frei Theun obteve sucesso com o raparigal: enquanto, envergando em cima da surrada batina a alva sobrepeliz, se movia no altar improvisado e se condoía com o destino dos viventes cuja salvação lhe parecia tão ameaçada, as quengas trocavam comentários de gosto duvidoso e intenção canalha sobre o que elas fariam se tivessem o privilégio de apertar nos braços o roliço frade com cara de bebê chorão. Em troca, frei Zygmunt com o sermão de fogo, de ameaças e de insultos, entusiasmou sobretudo aos homens, frade mais retado!

Choraram apenas algumas criancinhas quando levadas à pia batismal, uma bacia esmaltada, nova em folha, emprestada pelo Turco Fadul, peça cara no estoque de utensílios vendidos no armazém. Fadul, aliás, desempenhou papel de destaque na cerimônia do batizado coletivo, tendo

à sua direita Coroca que conduzia nos braços o menino Nado e, à esquerda, Bernarda, mãe comovida, formosa na saia rodada e na blusa de fustão, na mão uma vela acesa.

Reunidos os pagãos de todas as idades, entre os quais moleques taludos, vindos das fazendas, frei Theun os recebeu no seio da Santa Madre Igreja, fazendo-os cristãos. Foi de um a um, impondo-lhes o sal e o óleo, molhando-lhes as cabeças na bacia cheia de água benta. Declamava as palavras do Credo: creio em Deus Padre Todo-Poderoso. Pais e padrinhos as repetiam num vozear confuso, numa algaravia de feira livre.

Cumprindo promessa feita, o coronel Robustiano de Araújo e a esposa, dona Isabel, amanheceram em Tocaia Grande para testemunhar o batismo de Tovo, filho da finada Diva e de Castor Abduim: ali estavam, presentes, na hora dos santos óleos. A negra Epifânia bordara um pano para a cerimônia e nele envolvera o irrequieto Tovo, declarando-se madrinha de apresentação, conforme o costume. Alma Penada rosnou para o frade e tentou mordê-lo quando o menino abriu no choro ao sentir na boca o sal da sagração. Incidente cômico, provocou risos.

No caminho para a estação do trem, em Taquaras, após o batizado, acompanhados pelo cabra Nazareno, o Coronel e dona Isabel cruzaram com o séquito de Venturinha e por alguns minutos trocaram gentilezas em meio ao lamaçal. Das alturas do selim sobre o burro Mansidão, dona Isabel contemplou a tal sicrana que viera das estranjas trazida pelo filho do falecido coronel Boaventura, saudoso amigo. Não pôde negar-lhe a beleza peregrina, parecia uma estampa da Virgem Maria na fuga para o Egito, modesta e pura. Essas, parecidas com santas, são as piores, comentou dona Isabel com o marido,, ao prosseguir viagem. Quanto ao corpulento bacharel, não passava, a seu ver, de um peralvilho.

21

As noivas de maio, algumas prenhas, outras acompanhadas pelos filhos nascidos na abominação da mancebia, formaram lado a lado na plataforma diante do Cruzeiro, de frente para o altar. Frei Theun ajudou na arrumação dos pares, cada par ladeado pelos padrinhos e madrinhas.

Tição Abduim torneara para as noivas rústicas alianças de metal. Risonho e animado pela manhã, durante o batizado, estivera sério e mudo à tarde, na ciranda dos casamentos, padrinho de Bastião da Rosa e de

Abigail. Epifânia do meio do povo o contemplava, preocupada: sabia que o negro pensava em Diva, com quem estaria se casando se a febre não a houvesse consumido.

Dizer qual a noiva mais bela e mais feliz seria difícil e imprudente; sobre a mais moça porém não havia dúvidas, era a menina Chica com seus quatorze anos incompletos e o xibiu inteiro. A única nessas condições conforme já se informou, inclusive a frei Zygmunt: onde o reverendo ouvira dizer que tomar no eu era o mesmo que dar a maricotinha? E na maricotinha, Balbino, o noivo, nunca pusera a arma, Chica não deixara. Pois bem, não é que na hora do santo sacramento do matrimônio, o frade empombou e exigiu que a pobre retirasse o véu tão lindo e a grinalda onde dona Natalina se superara bordando flores de laranjeira, um mimo? Sia Leocádia que não era de levar desaforo para casa, revoltada, quis brigar, retirar sua gente, abandonar a cerimônia, mas ficou nas ameaças com que brindou frei Zygmunt: não vestisse batina, iria ver. Atendeu aos apelos de frei Theun e chegaram a um acordo — ficou o véu, saiu a grinalda. Chica casou-se debulhada em lágrimas, afirmando em altos brados sua castigada donzelice.

Com os casamentos e a bênção, a Santa Missão chegava ao fim: no dia seguinte, de-manhãzinha, os dois missionários partiriam para Taquaras, lugar maior e menos abjeto. O sermão de frei Zygmunt encerrou a parte religiosa do evento que sacudiu e comoveu Tocaia Grande durante quarenta e oito horas de desvairada animação. O derradeiro lance não contou com a colaboração dos frades; esteve sob direção e controle de Pedro Cigano, sanfoneiro, benemérito cidadão. Para celebrar num único bleforé,.tantos batizados e tantos casamentos, a festa teria de atravessar a noite como de fato atravessou. Compelida por Venturinha, Ludmila Gregorióvna Cytkynbaum partiu para a Fazenda da Atalaia antes do arrasta-pé chegar ao fim. Não antes, porém, de ter dançado a quadrilha francesa dos lanceiros sob o comando de Castor Abduim, o negro Tição, naquele dia submetido a tão diversas emoções. Um etíope da corte do Négus, disse Ludi a Piotr, irmão e confidente. Sentiu-se bem no forró, animado igual aos bailes de sua adolescência camponesa e pobre.

O sermão de frei Zygmunt von Gotteshammer foi o que se chama a chave de ouro, o fecho de diamantes da Santa Missão. As palavras afirmativas e candentes se não medraram no árido terreno das almas safaras de Tocaia Grande, ecoaram em ouvidos certos dando lugar à reflexão, determinando procedimentos, tudo de acordo com os éditos e os bons costumes.

O nome, dado em homenagem ao crime, já diz tudo: eis como iniciou o Grande Inquisidor o seu sermão. Em resumo acusou Tocaia Grande de ser cidadela do pecado, Couto de bandidos. Terra sem lei, nem a de Deus nem a dos homens, território da degradação, da luxúria, da impiedade, do sacrilégio, das imundas práticas do demónio, reino da danação de Satanás, Sodoma e Gomorra reunidas, desafiando a ira do Senhor. Um dia a cólera de Deus irromperá em fogo, castigando os infiéis, destruindo os muros da maldade e da profanação, transformando em cinzas aquele covil de escândalo e de iniquidade. Assim profetizou.

Na hora da bênção, na agonia do crepúsculo, frei Zygmunt Martelo de Deus ergueu a garra adusta, traçou no ar a cruz da excomunhão, amaldiçoou o lugar e os habitantes.

COM A CHEGADA DA LEI A TOCAIA GRANDE,
AQUI SE INTERROMPE, AINDA NO COMEÇO,
A HISTÓRIA DA CIDADE DE IRISÓPOLIS

1

Valhacouto de bandidos, assassinos sem lei e sem rei, clavinoteiros e marafonas — excomungara o enviado de Deus. Urgia pôr um freio à violência e ao deboche, dar cobro à desordem e à vilania: decretaram os sabidórios e os chaleiras. O rumor cresceu em exigência no Fórum, na Municipalidade, na Matriz, no cabaré.

A tradição era o caxixe, a tocaia, a jagunçaria, deles decorriam a propriedade e a lei. À frente de seu exército, o rei montou o cavalo herdado e partiu a impor regra e compasso, autoridade e obediência, onde somente houvera liberdade e sonho.

Do anátema do Inquisidor à marcha dos soldados, foi pequeno o passo, cobrindo justo a distância entre o inverno dos sermões e o verão dos tiros, entre a vida e a morte, entre o homem e o súdito. Inda mais curto foi o tempo de combate: dos recados à ocupação, o que se passou, passou-se em poucos dias.

2

O recado do coronel Robustiano de Araújo alcançou o capitão Natário da Fonseca de volta da Fazenda Boa Vista onde a colheita viera de terminar e a safra, no vigor das roças novas, ultrapassara os cálculos mais otimistas. O Capitão previra chegar um pouco além das seiscentas arrobas, passara das setecentas. Cacaual assim tão bem tratado, antes somente o da Fazenda da Atalaia. Depois nem esse, apesar da assistência do doutor Luiz César Gusmão e das modernas teorias sobre o cultivo do theobroma cacao, árvore esterculiácea — na pernóstica expressão do engenheiro-agrônomo.

Doutor Luiz César Gusmão, com toda sua ciência agronômica, esteve a pique de ser despedido quando Venturinha, o patrão, de retorno do Rio de Janeiro onde fora tomar um rápido banho de civilização em companhia de Ludmila Gregorióvna e do irmão Piotr, deu-se conta da queda de volume da safra se comparada com a do ano anterior. Fez um escarcéu, ameaçou deus e mundo, exigiu explicações. O engenheiro-agrônomo, folheando livros especializados na matéria, explicou que era assim mesmo: os resultados positivos da aplicação de métodos modernos e científicos exigem tempo e paciência. Tempo e paciência, puta que os pariu! —

exprobrou Venturinha, indignado. Mas terminou por se render aos argumentos do doutor Gusmão, um vaselina de primeira, porque, ainda uma vez, Natário recusou-se a tomar conhecimento das propostas renovadas e irrecusáveis para reassumir o posto de administrador.

Venturinha se magoou e se ofendeu com a recusa pois prometera ao cabra, ao Natário do coronel Boaventura, até comissão nos lucros; coisa nunca vista e reprovável na critica e correta opinião dos fazendeiros. A cólera porta ao destempero: Venturinha falou, para quem quisesse ouvir, em deslealdade e usou a palavra traição. Natário não respeitara sequer a memória do chefe e protetor, a quem tudo devia, e, em seguida à sua morte, pusera casa e financiara quitanda para Sacramento, rapariga do Coronel, corneando-o post-mortem, ignóbil felonia. Pronunciava post-mortem e felonia com o mesmo acento doutoral com que o agrônomo se referia ao theobroma cacao, árvore esterculiácea.

3

Ouvi umas conversas, não gostei, se precavenha — essa a mensagem do coronel Robustiano de Araújo, um tanto obscura, trazida pelo cabra Nazareno, homem de fé, que não soube acrescentar detalhes. De início, o Capitão pensou tratar-se dos resmungos despeitados de Venturinha, já lhe haviam chegado às ouças e deles Natário se ria: zanga de menino mandão, quando for a Itabuna puxo-lhe as orelhas, emborcaremos um trago falando de mulheres e o amuo se termina.

Discorrendo, porém, sobre o assunto com Fadul Abdala, surpreendeu-se ao saber que o turco recebera, com pequena diferença de data, um papel escrito por Fuad Karan, vazado em linguagem alegórica, para não dizer poética. O felá planta no oásis um jardim de tamareiras, mas quem colhe os frutos é o zanguil; toma cuidado, meu bom Fadul, pois os frutos começam a sazonar — alertava em rebuscada caligrafia árabe. O bilhete fora confiado ao tropeiro Zé Raimundo, veterano do atalho, para ser entregue, em mãos, ao bodegueiro.

Juntos quebraram a cabeça, Natário e Fadul, pediram o aviso de Castor Abduim, ainda assim não encontraram a chave da adivinha, capaz de expor à luz do entendimento o sibilino significado da embaixada do Coronel, da alegoria do letrado.

— Pra semana vou a Itabuna, tiro isso a limpo. — Disse Natário já então com a pulga atrás da orelha.

Que conversas seriam aquelas que desagradavam ao coronel Robustiano? Precaver-se de quê? Qual o conceito para a charada de

tâmaras maduras em que se esmerara Fuad Karan? Somando o recado e o bilhete, tirado o noves-fora, o desenredo não devia ser coisa de somenos.

Para acompanhar o Capitão, antes compadre de tratamento, agora de verdade, depois do batizado de Nado, para estar com ele em Itabuna no bar, na pensão de Xandu, no cabaré, Fadul decidiu antecipar a costumeira viagem de negócios: encontro com os fornecedores, acertos de contas, renovação de estoque. Na pensão de raparigas, recordaria com Xandu a graça e o dengue de Zezinha do Butiá, o xibiu aquele abismo! Perdida em Sergipe, não dava notícias nem sequer ao sobrinho Durvalino, o Leva-e-Traz.

Se sobrasse tempo, iria a Ilhéus cavaquear com Álvaro Faria e ver o mar que, rapazola, cruzara num lugre de imigrantes para vir do país das tâmaras para as terras do cacau.

4

Não chegaram a empreender a projetada viagem, não houve tempo, os acontecimentos começaram a se desenrolar logo a seguir e se precipitaram em ritmo de tormenta e vendaval.

Acabava o capitão Natário da Fonseca de abancar-se à mesa do almoço quando o filho Peba entrou correndo casa adentro: não vinha pela comida. Afobado, dirigiu-se ao pai:

— Tem dois homens lá fora atirando nos porcos, diz-que são fiscais e já mataram...

O Capitão não esperou que Peba completasse a frase, tomou do cinturão com o parabelo, pendurado na parede ao lado da mesa, despenhou-se pela ladeira. Alcançou o descampado a tempo de ver Altamirando, também ele chamado às pressas, se atracar com um dos dois desconhecidos. Com as armas em punho, gritando ameaças, os dois adventícios tinham feito uma carnificina de porcos, em sua maioria da criação do sertanejo.

Altamirando, um punhal na mão, e o tal sujeito cujo revólver se perdera na queda, rolavam no chão. Ainda distante, Natário nada pôde fazer senão gritar, quando o outro indivíduo visou Altamirando e disparou o trabuco várias vezes: o criador de porcos derreou, um rombo nas costas por onde o sangue em jorro o abandonava. Quase no mesmo instante, o assassino caiu morto com um único tiro do parabelo do Capitão. Chegava gente de todos os lados e Tição Abduim prendeu nos braços o fulano que, tendo se livrado do corpo de Altamirando, tentava se levantar.

Quando o tipo se viu cercado e recebeu os primeiros sopapos, caiu de

joelhos e implorou que não lhe tirassem a vida, pelo amor de Deus, tinha mulher a sustentar e filhos a criar. Ali haviam chegado ele e seu colega, com ordens expressas a executar. Ambos fiscais da Intendência do Município de Itabuna com alçada na cidade, nas vilas e nos arruados: no território do município situava-se o arraial, ou lá o que fosse, de Tocaia Grande. Vinham para fazer valer a ordenança que proibia animais soltos nas ruas: as determinações recebidas do Sargento Delegado mandavam matar todos os bichos de quatro pés que se encontrassem vadios nas artérias, pois não tinham onde os recolher e, mesmo que tivessem, era necessário dar o exemplo. Quem cumpre ordens, não é culpado, seu Capitão. Tenha dó de um pobre pau-mandado.

Soltaram-no por fim, bastante maltratado, e permitiram que montasse no burro em que chegara. Antes, porém, o desarmaram — além do revólver abandonado, portava punhal, navalha e um arsenal de balas —, e o desvestiram, deixando-o nu como viera ao mundo. Na sela do outro animal, amarraram o corpo do finado matador de porcos e por despedida o Capitão recomendou ao apavorado fiscal de ruas:

— Diga a quem lhe mandou que aqui, em Tocaia Grande, forasteiro nenhum põe o pé nem mete a mão. Quem tá mandando dizer é o capitão Natário da Fonseca e a prova tu tá levando. Não esqueça do recado.

5

Finda a arrumação dos teréns indispensáveis para a temporada na fazenda, Zilda veio sentar-se junto a Natário, na varanda. Os filhos, à exceção de Edu, na oficina ajudando Tição, subiam e desciam a ladeira, conduzindo as trouxas e os baús de flandre para o carro de boi, à espera, embaixo. Zilda permaneceu silenciosa durante um bom pedaço, afinal abriu o peito e falou: — Vou a contragosto. Arrepiava carreira, se pudesse.

— Não vejo por quê. Pensei que tu tava contente. Desde que a casa ficou pronta tu só fala em ir pra roça.

— Isso era entonces. Depois que os fiscais apareceram por aqui, perdi a vontade. O que é que ocê acha da vinda deles?

Do alto do outeiro, sentado no banco na varanda de sua residência, o Capitão contemplava Tocaia Grande. Num dia distante, quando nem o cemitério ainda começara, dissera ao coronel Boaventura Andrade ao lhe ensinar a existência do vale desconhecido: "aqui é onde vou fazer minha casa, quando a peleja acabar e vosmicê cumprir o trato". Voltou-se para a mulher, fitoulhe a face em geral serena, naquele instante coberta por uma sombra de inquietação. Zilda nunca fora uma formosura mas tinha os

traços delicados e ainda lhe restavam, no rosto magro, uns laivos de juventude: os anos e os filhos, os que parira e os que adotara, não tinham conseguido quebrá-la, reduzir-lhe a têmpera e a disposição. Levado por Peba, o papagaio Vá-Tomar-no-Cu passou gritando palavrões de protesto. Mesmo nos momentos mais ruins de perigo, durante os barulhos, Natário jamais lhe faltara com a verdade quando Zilda, abandonando a contenção diária, indagava sobre contingências de barulho ou de mulher.

— Pode não ser nada, não passar de saimento do sargento Orígenes, querendo se mostrar, ou do Intendente, o doutor Castro.

O Intendente de Itabuna continuava a ser o mesmo bacharel Ricardo Castro que, dez anos antes, depois de ter servido o coronel Elias Daltro, se passara para o coronel Boaventura Andrade, com armas e bagagens. Suas armas e bagagens eram a subserviência e a ambição: assim sendo, outro melhor para o cargo não podia haver e ele o revezava com Salviano Neves, um parente de dona Ernestina, dentista prático. Eleito e reeleito, quase vitalício, o bacharel Castro, não passando de testade-ferro, apreciava exibir força e poder, arrotar autoridade.

— Quando eu for a Itabuna, vou dizer a Venturinha pra passar um sabão nesses futricas. No tempo do Coronel nenhum deles ia se atrever, viviam na rédea curta, mas Venturinha deixa a coisa correr.

— Ocê acha que foi sem ele saber? — Apressou-se a acrescentar: — Também acho, possa ser até com o intento de intrigar.

O Capitão aprovou com a cabeça. Quem sabe, bem podia ser essa a ideia de Orígenes: doutor Castro era burro demais para pensar nisso. A conversa parecia ter chegado ao rim mas Natário prosseguiu falando. Não queria deixar a mulher, mãe de seus filhos, a par apenas da metade de suas lucubrações: devia-lhe a mesma lealdade que ela lhe devotava. Por vezes não lhe falava desse ou daquele assunto mais jamais lhe escondera fosse o que fosse quando ela abrira a boca para perguntar.

— Pode ser também coisa de mais alcance. Pode ter algum enxerido por detrás do sargento ou do doutor. Tocaia Grande ta crescendo, dantes não valia dois vinténs mas agora deve ter muita gente de olho por causa da política e do movimento. Gente que quer botar a mão aqui. Só que eu não vou deixar.

Tendo esclarecido seu pensamento, deu o discurso por terminado: — Vá sua viagem com os meninos.

— Tou com vontade de não ir.

O Capitão retirou de novo os olhos da paisagem gloriosa na manhã de verão, deteve-se no rosto crispado de Zilda.

— Tu se lembra que na provação da febre tu queria ir pra roça com os meninos e eu disse que não? Não era hora de nós sair daqui, nem eu, nem tu, nem os meninos. Nós ia ficar nem que fosse pra morrer. Agora sou eu que digo: vá e leve eles. No caso presente basta que eu fique.

— Não é mais melhor eu ficar com ocê?

— Quanto tempo faz que nós se juntou? Me diga. O que é que eu fazia entonces? Tu já se esqueceu?

No acento normal, nem raiva, nem exaltação, como se referisse coisas corriqueiras; presa no peito a ternura pela mulher que conquistara à bala no meio da estrada. Custara vida de homem, um peste-ruim. Com ela se casara no padre, aproveitando uma Santa Missão no tempo do onça, fizera-lhe um ror de filhos e, não satisfeita, Zilda tomava os das outras para criar como se fossem dela. Eram todos dele.

— Tu sempre ficou com os meninos, agiu direito. Eu sei me cuidar, meu ofício toda vida foi.esse, o de jagunço, tu sabe muito bem. Vai, leva a molecada, arruma a casa e me espera lá.

— Ocê demora a ir?

— Possa que sim, possa que não. Tenho muito que fazer na roça mas antes vou a Itabuna saber o que é que tá havendo.

Do sopé da colina subia a barulheira das crianças arrumando os trecos no carro de bois. Peba veio avisar que estava tudo pronto para a partida. O Capitão desceu junto com Zilda para botar a bênção nos filhos. Zilda estendeu-lhe a ponta dos dedos, as mãos se tocaram e a de Natário, num gesto muito dele, aflorou o rosto da mulher.

A calma da manhã ensolarada cobria Tocaia Grande, um manto de paz. Os ruídos eram os de sempre, a brisa arrepiava a água do rio, mulheres lavavam roupa cantando modas, porcos fuçavam frutos podres debaixo da jaqueira. Fadul estava na porta do armazém, Durvalino tirava água do poço e se ouvia a pancada do malho sobre a bigorna na oficina de Castor Abduim. Bernarda e Coroca se aproximavam para desejar boa viagem a Zilda e beijar Nado.

No cemitério, uma sepultura a mais, cova rasa igual às outras: a de Altamirando, pastor de cabras e de porcos. Tinhamno enterrado na vizinhança de Ção, adivinhando-lhe a vontade.

6

Nus, devido ao calor, naquele mesmo dia, na boca da noite, estavam o capitão Natário da Fonseca e Bernarda, sua afilhada, seu xodó, na cama a folgar, quando sentiram alguém abrir a tramela e empurrar a porta de

entrada da casa de madeira. Devia ser Coroca voltando do outro lado do rio onde fora de visita a sia Vanjé. Assim pensando, o Capitão quis prosseguir na folia, mas Bernarda duvidou e, num estremeção, saiu debaixo dele. Andava num pé e noutro desde o dia dos fiscais matando porcos, um pressentimento na cabeça, um peso no coração.

Nas sombras do quarto incorporou-se um vulto, vinha gritando da sala:

— Chegou o dia de tu morrer, Natário da Fonseca, capitão de merda!

Visou o Capitão mas quem recebeu o tiro foi Bernarda, que se erguera de súbito, tomando a frente do padrinho. A bala lhe rasgou o peito, atravessando o seio esquerdo, e ela caiu em cima de Natário.

No mesmo instante uma bala, disparada da porta, derrubou o capanga. O negro Espiridião fez-se ver ao lusco-fusco, mas não entrou no quarto, ficou esperando na saleta. Bernarda morria nos braços do padrinho como lhe anunciara a cigana no distante dia em que lhe lera a mão.

— Meu amor... — murmurou, botando sangue pelo peito e pela boca. Pela primeira vez ela lhe dizia meu amor, ao único amor de sua vida. Ainda repetiu antes que a voz se extinguisse: — Meu amor...,.

O sangue de Bernarda cobriu o busto de Natário, escorrendo-lhe pela barriga e pelas coxas. Ele a levantou nos braços, deitou-a sobre a cama e a cobriu com o lençol. O rosto imóvel, as mandíbulas duras, os dentes cerrados, os olhos baços, um fio de navalha, o Capitão demorou um minuto ali parado diante do corpo da afilhada. Dava pena e dava medo.

7

— Dalvino, se lembra dele? — Disse o negro Espiridião empurrando o cadáver com o pé.

Natário lembrava-se muito bem do branquicela, um dos muitos que o tinham jurado de morte nos outroras dos barulhos. Defrontaram-se, então, o cabra engajado nas hostes do coronel Dalton Melo, de Ferradas, ele guardando os passos do coronel Boaventura. Numa pensão de putas, em Itabuna, tiveram ademais uma desavença por causa de mulher mas o desaguisado não prosperara: Dalvino, bêbado, mal se aguentava em pé. A língua grossa de cachaça, reduzira-se a ameaças vãs e a juras de vingança. Uma das raparigas o levou consigo para a cama.

Brancacento, cabelo cortado à escovinha, no queixo, lembrança de tiroteio, um rasgão vermelho. Bom de mira, Dalvino passava por autor de um sem-número de mortes em tocaias armadas por conta de mandantes diversos. Quando o coronel Dalton bateu as botas, consumido pela febre, a que matava até macacos, Dalvino se transformou em franco-atirador,

alugando repetição e pontaria a quem lhe propusesse trabalho e pagamento. Depois sumira, deram-no como morto no sertão de Jequié, de onde viera e para onde voltara. Eis que ressuscitara de repente para aparecer em Tocaia Grande, resolvido a liquidar Natário. Por conta de velhas ameaças, vingança com tamanho atraso, difícil de acreditar. Fora contratado para fazer o serviço, por alguém a par da topografia do arraial e dos hábitos do Capitão, compromissos e amores.

— Taquaras tá assim de jagunços, todo dia chega uma porção, vindo de Itabuna. — Continuou Espiridião: — Se quiser saber pra que, eu lhe digo: tão se juntando para atacar Tocaia Grande.

Achando estranho o repentino afluxo daquela banda de celerados, na estação de Taquaras, Espiridião buscou saber o motivo da curiosa convergência. Há muito não se via tantos clavinoteiros reunidos, sem razão aparente, pois reinava paz na grei dos coronéis, a terra dividida entre os graúdos, e a política andava calma, ainda distantes as eleições. Sem nada que fazer a não ser admirar os conhecimentos da filha, a professora Antônia — vê-la ao quadro-negro ditando contas para os meninos inflavalhe o coração e abria-lhe a boca num riso destampado de gengivas sem dentes —, saíra à cata de informações: por que se concentrava em Taquaras tal quantidade de capangas, alguns de temerosa e merecida fama? Todos armados até os dentes, dinheiro sobrando no bolso: nas pensões corria cachaça à Ia godaça.

A maioria dos colhudos não sabia grande coisa, além do convite transmitido de parte do sargento Orígenes para uma diligência que podia render bons cobres, com garantia de saque e de butim, e a perspectiva de um posto na Polícia Militar, dependendo do comportamento do indivíduo. Engajar na Polícia Militar, com direito a farda e a impunidade, era a ambição maior dos jagunços desocupados. Em Taquaras, local de encontro, receberiam as diretivas no momento azado.

Um ou outro, porém, sabia um pouco mais e o nome de Tocaia Grande foi citado várias vezes. Dalvino, cozinhando um porre monumental na pensão de Mara, no Beco da Valsa, gabola além de bêbado, jactou-se de estar encarregado de incumbência especial, de relevância, a preceder a movimentação da jagunçada. Grato encargo, pois lhe permitiria cobrar-se de agravo antigo. Terminou referindo-se ao nome do Capitão e, a partir daí, Espiridião já não o perdeu de vista. Pôs-se no seu calcanhar, acompanhou de longe o encontro do cabra com o cabo Chico Roncolho, subdelegado de polícia de Itabuna chegado no trem de ferro, e, mantendo boa distância para não ser visto, pisou nos passos de Dalvino quando o cabra tomara o

caminho para Tocaia Grande. O resto do enredo o amigo Natário conhecia.

O negro lastimava apenas não ter atirado antes do miserável, evitando a morte de Bernarda. Mas, da porta enxergava mal o interior do quarto, imerso nas sombras da boca da noite. Temera acertar na moça ou em Natário, só pudera descarregar a arma no clarão do tiro de Dalvino. Uma tristeza, a morte de Bernarda: era a rapariga mais bonita na vastidão do rio das Cobras, nenhuma se lhe podia comparar: uma estampa de folhinha.

8

Jacinta, dita Coroca havia muito tempo, por fim pareceu uma velhinha miúda e acabada, desvalida, como se a idade e o cansaço se lhe tivessem tombado, de vez e de repente, na cacunda. Acocorada ao pé do leito de morte de Bernarda a fitar-lhe o rosto. Leito de morte, cama de campanha onde a formosa exercera o ofício de puta durante tantos anos e durante todos esses anos fora mulher apenas de um homem, o seu padrinho.

Duas vezes comadre. Coroca pegara o menino que ela parira; depois o batizara no altar da Santa Missão. Mais do que comadre, filha, pois quando se encontraram em Tocaia Grande e Coroca a adotara, Bernarda não passava de uma criança agravada pelo sofrimento: o cabaço comido pelo pai; a mãe entrevada na cama; crescidas ela e a irmã caçula, na fome e na porrada. Fosse filha de sangue, concebida em suas entranhas, não seria mais querida.

No decorrer daqueles anos, habitando as duas a mesma casinhota mandada construir pelo capitão Natário da Fonseca, jamais uma má palavra, um gesto abrupto, cisma de qualquer espécie, a menor desconfiança se interpusera na perfeita convivência das comadres. Meu Deus, de agora em diante como iria ser? Coroca abanou a cabeça, não queria pensar.

Não pensava em nada, não recordava o passado, acontecimentos, conversas, projetos, horas tristes e alegres, perigos, sonhos e festas. Estava seca e vazia como se lhe houvessem arrancado coração e tripas, a golpes de punhal. Lavara o corpo de Bernarda e o vestira, penteara-lhe os cabelos escorridos e pendurara-lhe nas orelhas os brincos que o padrinho lhe dera de presente.

Pouco a pouco, o povo foi chegando para a sentinela. As raparigas trancaram os balaios, em sinal de luto.

9

Com meu silêncio eu lhes digo, comadres e compadres: nos tempos de antanho, nesta terra grapiúna onde cresce a lavoura do cacau, a mais bela

e a mais rica de quantas no mundo se plantam e se cultivam, existia uma decência de palavra empenhada, uma nobreza de trato, não se fazendo necessário o uso de papel timbrado ou a apresentação de documento. Os cidadãos, os ricos e os pobres, os coronéis e os jagunços, tinham a mesma estatura na lealdade e no respeito, no brio e na honra. A traição se pagava com a morte.

Muita coisa mudara, por fora e por dentro, desde aquele ontem quando se cruzava a estrada de bacamarte em punho e a confiança entre os lordes e os valentes era moeda preciosa e acreditada. Agora manda outra gente. O rosto de Natário, pedra adusta, não deixava transparecer os amargos pensamentos, não refletia a dor da ausência de quem fora amante e afilhada, quase filha. Mas as comadres e os compadres, fraterno compadrio nascido da diária convivência de homens livres, conheciam-lhe o discurso, o manifesto e o silêncio.

Acontecesse o que acontecesse, honraria a palavra empenhada, tácita e subentendida, cumpriria o compromisso assumido na trajetória das conjunturas e das ocorrências, as grandes e as pequenas, as bem-aventuradas e as malditas, a aliança celebrada pela vida.

10

Espirídião ouvira aqui e ali, nos bancos de cavaco ocioso da estação, nas ruidosas bodegas de cachaça, nas alegres pensões de raparigas, rumores, boatos, diz-que-diz-que sobre o intempestivo e intenso movimento na Intendência, nos cartórios, no quartel da Briosa, na cadeia, nas ruas de Itabuna. As tramas, a acreditar no vozerio, eram várias e diversas.

Referências muitas, porém vagas, não bastavam para que se chegasse a conclusões precisas. O Capitão pensou em se tocar para Itabuna a fim de saber, detalhe por detalhe, o que estava sucedendo, pondo tudo em pratos limpos. Mas os outros três, e logo depois também Coroca, pessoa de bom aviso, desaconselharam tal jornada por imprudente e perigosa: era o mesmo que se meter na toca do inimigo, a ele se entregar de mãos e pés atados.

Na opinião segura e equilibrada de Espiridião, se tinham enviado um jagunço a Tocaia Grande para matar Natário, haveria em cada esquina de Itabuna um bandido a esperá-lo, na tocaia. Fadul Abdala e Castor Abduim concordavam em gênero, número e caso. Espiridião encarregara a filha —

a professora Antônia dava-se com todo mundo, merecia confiança e era respeitada devido ao saber e aos óculos que o atestavam — de obter o máximo de informações e mandar um próprio levá-las em mão, num recado escrito. Para escrever bem explicado, com letras bonitas, não havia duas, a professora Antônia estava sozinha.

Nem assim, contudo, o Capitão desistiria, não fosse a chegada a Tocaia Grande de seu Carlinhos Silva. Estivera em Ilhéus para o relatório mensal, trazia notícias concretas e ordem expressa, ditada por Kurt Koifman em pessoa, de esvaziar e fechar o depósito de cacau e mandar-se de volta para a matriz da firma. Passado o tempo quente que se anunciava, decidiriam sobre a localização do depósito: na dependência dos conformes poderiam até mantêlo em Tocaia Grande.

11

Acompanhada pelos três filhos, Jãozé, Agnaldo e Aurélio, a velha Vanjé parou diante da entrada da varanda, em casa do capitão Natário da Fonseca:

— Licença, Capitão. Queria dar uma palavra a vosmicê.

Sentado num dos bancos de madeira, limpando o parabelo, o Capitão conversava com Fadul e Tição. Armas amontoadas na sala de visita, aos pés do gramofone, chamaram a atenção da sergipana.

— Tome assento, tia Vanjé. — Natário apontou os bancos vazios: — Ocês também. Tem lugar pra todos.

Jãozé voltara de Taquaras de olhos arregalados, as orelhas prenhas com o que vira e ouvira. Fora à feira, em companhia do mano Aurélio, levando, nas cangalhas do burro, um jacá de galinhas e dois caçuás repletos de produtos do roçado: abóboras, chuchus, maxixes, quiabos, jilós, batatas-doces; regressara confuso e alarmado, em marcha batida. Assistira ao insólito tráfego de jagunços, a feira em rebuliço, escutara zunzunzuns de arrepiar.

— Seu Capitão, vosmicê sabe o que Jãozé ouviu dizer na feira de Taquaras? Ele contou pra gente e nem acredito que possa ser verdade.

O Capitão se levantara em busca de canecos, servia cachaça aos recém-chegados.

— Vá falando, minha tia, estou escutando...

Antes de sentar-se, reforçou a dose nos canecos do negro e do turco e

no seu próprio. Deixou a garrafa ao alcance da mão.

— Pois tão dizendo que nós tudo é criminoso, que tamos ocupando terra alheia sem ordem do dono.

— Isso mesmo. — Confirmou o filho: — Que nós é ladrão de terra.

Vanjé retomou a palavra: — Que vão botar nós pra fora, que os donos tão para chegar, não demora.

— Garantidos pelos jagunços... — Jãozé esclareceu.

— Com os jagunços... Os donos de Tocaia Grande, foi o que ele ouviu. Jãozé quis rebater, mas confirmaram o dito: é a lei que vai chegar. Por ser lugar atrasado, aqui não tinha, mas vai ter. É verdade? Me diga, Capitão. Só acredito em vosmicê.

O capitão Natário da Fonseca pousou o parabelo no banco, demorou o olhar na face ansiosa da velha sergipana, logo engoliu o trago de cachaça, com as costas da mão limpou a boca:

— Tem gente querendo que seja assim, minha tia. Se nós deixar, vai ser.

— Troque isso em miúdo, Capitão, não tá chegando pra meu entendimento.

Os três irmãos, assim como Castor e Fadul, acompanhavam em silêncio o diálogo entre a velha e o Capitão, bebericando a cachaça devagar. Havia uma tensão no ar, tão forte e concreta, quase se podia tocá-la com a mão. Jãozé cuspiu, além da porta, uma cusparada grossa.

— Quantos anos faz que vosmicê chegou aqui com o finada Ambrósio e o seu povo? Me responda se entonces a terra tinha dono ou era devoluta? Quando ocês ocupou ela, limpou a capoeira, começou a plantar mandioca, apareceu alguém pra reclamar dizendo que era o dono?

— Ninguém.

— Nem podia, pois nunca teve dono. Quantos anos faz? Agora que tá limpo e plantado, tem casa de farinha, e ocês vende aqui e em Taquaras, botaram olho-grosso em cima. Vosmicê não viu o caso dos fiscais? De quem eram os porcos que mataram? Não eram de Altamirando? Mataram ele também. Diz-que é a lei, que nós tem de obedecer.

Agnaldo abriu a boca, chegou a dizer, com raiva: a lei, merda de lei, mas a Mãe não o deixou continuar: — Espera, meu filho. Capitão, vosmicê disse indagorinha que eles toma conta se nós deixar, não foi? — Repetiu a pedir confirmação: — Se nós deixar?

— Isso mesmo, sia Vanjé. Os homens em Itabuna fizeram um caxixe e tão dizendo que esse casco onde nós assentou Tocaia Grande tem dono, que tinha desde o começo. Essas terras dos dois lados do rio, onde fica os

roçados que ocês plantou, junto com Zé dos Santos, Altamirando e sia Leocádia, e onde tão as casas que nós fez. Os roçados e as casas que a enchente levou e ocês e nós plantou e fez de novo. Essas terras que era de ocês e de nós, dizque agora tem dono e que teve toda a vida. Está escrito e registrado no cartório. Só falta mesmo nós concordar.

— Concordar que eles tome a terra da gente?

— Preste atenção, tia Vanjé, atente no que vou dizer. Ocês também, Jãozé, Agnaldo e Aurélio. Ou bem a gente diz que ta certo e se entrega, faz acordo: ocês rica trabalhando a meação, eu fico pagando foro pelo outeiro, ou a gente briga pra defender o que é da gente.

— Será que vale a pena? — Jãozé cuspiu de novo: — Nunca vi tanto jagunço.

— A briga vai ser feia... — o Capitão percorreu os sergipanos com os olhos miúdos, baixou a voz: — ...o mais certo é que nós perca. Inda assim, Jãozé, sou de opinião que vale a pena e o compadre Fadul mais o amigo Tição pensam o mesmo. Nós decidiu que vai comprar a briga.

Demorou a vista na face da velha, marcada pela vida.

— Tocaia Grande foi nós que fez, nós e vosmicê, tia Vanjé. E mais os finados Ambrósio e Altamirando, a finada Merenda, os defunto que tão no cemitério. Estou mentindo? Enquanto eu viver, ninguém vai abusar de nós.

Agnaldo quis interromper, o Capitão fez um gesto pedindolhe paciência:

— Tou acabando, Agnaldo, depois tu fala. Cada um é livre de fazer o que quiser, minha tia. Assim vosmicê como seus filhos. Fazer trato, ir embora de vez ou pra voltar depois, ou bem pegar no pau-furado.

— Por mim, sei o que vou fazer. Não vai ser como da outra vez que elas não deixaram... — explodiu Agnaldo quase aos gritos.

Vanjé retomou a palavra, não alterou á voz:

— Se lembra, Capitão, quando vosmicê encontrou nós na estrada, corridos de Sergipe? Comigo era pela segunda vez, já tinha acontecido com a terra de meu pai. Sei o pensar de Agnaldo, ele nunca se esqueceu. Não sei dos outros, cada um sabe de si. Mas posso lhe dizer, capitão Natário, a vosmicê que foi um pai pra nós: do proveito dessa terra que era mato fechado quando nós chegou, não vou dar a ninguém nem meia nem terça. A ninguém. E só saio dela morta. Os outros, eu não sei.

— Nós faz o que vosmicê mandar, Mãe. — Jãozé se levantou, não podia deixar os roçados no abandono. — Vamos trabalhar.

— Deus lhe pague, Capitão — disse Vanjé e saiu seguida pelos filhos. Mas Aurélio, o mais moço, que durante o encontro não pronunciara uma única palavra, deixou-se ficar para trás:

— Vosmicê me arranja uma arma, Capitão? Lá em casa, só quem tem é Agnaldo. E eu não sou ruim de pontaria.

11

A lei, comadres e compadres. No cano da repetição, no gatilho dos revólveres, na boca dos clavinotes, a lei se anunciava. Após a enchente e a febre.

Quem quiser pode ir embora, tomar rumo, ganhar a estrada, ficar de longe esperando que o barulho acabe, para voltar de mansinho, o cangote baixo, a fim de receber a canga e obedecer as ordens do senhor. Quem quiser pode capar o gato, botar sebo nas canelas, arrebanhar os teréns e cair fora. Não há mais lugar em Tocaia Grande para os velhacos e os cagões.

Tendo decidido o que fazer, antes de tomar as últimas providências, o capitão Natário da Fonseca, antigo comandante de jagunços, cabra sarado, ora acompanhado de Castor, ora de Fadul, se não dos dois, foi de casa em casa, nas duas margens, e explicou a cada criatura o que estava acontecendo e o que iria acontecer. A muitos, inclusive, por conhecê-los bem, aconselhou a prudência e exortou à fuga; se lhes faltava o destemor, tampouco possuíam as mesmas razões para assumir as armas e resistir. Era mais difícil — ai, muito mais, sem comparação! — do que enfrentar a enchente: mais mortal a lei do a peste.

Só pagava a pena para aqueles que tinham um pacto a honrar. Um pacto com Deus, com o bom Deus dos maronitas, era o caso de Fadul. Ou com a liberdade, era o de Castor. Com a terra ganha com o suor do rosto, no caso de Vanjé. No de Coroca, um pacto firmado com a vida. Ou quando alguém, tendo conquistado mando e autoridade, contraiu obrigações e deve cumpri-las. Era o caso do capitão Natário da Fonseca.

13

Na última noite de expectativa, o bom Deus dos maronitas apareceu em sonho a seu filho Fadul Abdala, como já sucedera em diversas ocasiões anteriores. Viviam em assíduo contacto, trocavam impressões sobre os acontecimentos, o árabe agradecia ou reclamava, conforme fosse, louvando

as providências tomadas pelo Senhor ou acusando-o de desatento e leviano.

Com sua majestosa aparição — nuvem imensa que, para conversar com Fadul, adquiria forma humana, ancião gigantesco, barbudo e metenudo — o bom Deus interrompeu dissoluta noite de bacanal durante a qual o turco começou passando nos peitos a viúva Jussara Ramos Rabat, aliás mulher casada pois revertera a tal condição já fazia tempo, ao tomar marido: um patrício ainda jovem, recém-chegado à região, que assumira com garbo a Loja Oriental e os chifres do saudoso Kalil. Em seguida, o potente Abdala faturou na mesma madorna duas irmãs, ambas casadas e sapecas, com as quais estivera envolvido outrora quando o Diabo andava a tentá-lo com moças núbeis e herdeiras para o afastar de Tocaia Grande. Eram irmãs de Ádma, feia como a necessidade, ruim como o Cão, com quem estivera a pique de casar-se. História dos princípios do arraial, menosprezada na crônica de Tocaia Grande pois os seus lances decorreram em Itabuna; teria sido narrativa curiosa e picaresca com personagens conhecidos tal como Fuad Karan, e com novos figurantes: Adib Barud, o surpreendente garçom do bar, por exemplo — mas é tarde demais para contá-la.

Para completar a esbórnia daquela noite solitária, até a donzela Aruza, sumida do largo leito de colchão de capim e de percevejos, desde que um bacharel a levara ao altar fodida e prenha, apareceu para lhe outorgar o cabaço ainda intacto, e o cabaço de Aruza era o xibiu de Zezinha do Butiá, aquele infinito abismo. Nas últimas noites, quando a espera foi longa e lenta, Zezinha lhe fizera constante companhia.

O bom Deus dos maronitas tocavalhe no ombro, puxava-o pelo braço, retirando-o dos seios e das pregas das mulheres para alertá-lo acerca do perigo a aproximar-se de Tocaia Grande. Abriu os olhos, o Senhor se transformara no varapau Durvalino, seu caixeiro, que lhe informou, exaltadíssimo: — Seu Fadu! Os cabras tão chegando, seu Fadu!

Uma excitação incomum o dominava: indivíduo cuja característica principal era a contínua agitação, imagine-se seu estado.

Fadul pôs-se de pé: — Como tu sabe?

— Foi seu Pedro Cigano que me disse. Ele tá na venda querendo falar com vosmicê e com o Capitão. Só que o Capitão não tá em casa.

Enquanto lavava a cara na bacia de flandre, o turco pediu detalhes, Durvalino contou o pouco que sabia: — Seu Pedro deu com eles vindo pra cá. Se escondeu e seguiu eles até pertinho daqui.

Leva-e-Traz esfregava as mãos, coçava os ovos, não conseguia esconder o nervosismo. Fadul acabava de enxugar o rosto: — Hoje mesmo tu vai

embora.

— Eu? Ir pra onde? Vosmicê tá me despedindo? O que foi que eu fiz?

— Não é bem isso. Tu não fez nada. Eu é que não lhe quero aqui. Não quero que amanhã sua tia me culpe se lhe acontecer alguma coisa.

Durvalino riu nas fuças do patrão: — Tia Zezinha, quando mandou eu vim pra cá, me disse: Lininho, é assim que ela me chama, tu vai ficar com seu Fadu, vai tomar conta dele, tu não arreda pé de junto dele que meu turco é um menino grande, vive se metendo em enrascadas. Enrascada pior do que essa d'agora não pode haver. Como é que vosmicê quer que eu vá embora? O que minha tia houvera de dizer?

Olhou sério para o patrão e arriscou o palpite, adiantou sua opinião sobre todo aquele embeleco em que estavam envolvidos:

— Vosmicê vai ver, seu Fadu, que nós todos vai morrer nas mãos desses jagunços. Não vai sobrar nenhum, vosmicê vai ver!

14

Encostado ao balcão, Pedro Cigano servira-se, por conta própria, do trago matinal para lavar a boca. Passara boa parte da noite se arrastando nos matos, acompanhando a movimentação dos jagunços, vindos de Taquaras, em marcha forçada.

Hábito maquinal, Fadul reparou na baixa dada na garrafa de cachaça pelo corre-mundo. Suspendeu os ombros, o momento não era apropriado para reclamar. Muito provável que a razão estivesse com Durvalino e ninguém escapasse: no estado de guerra em que se encontravam não cabiam as mesquinharias do comércio. Apenas comentou com certa aspereza:

— Tu escolheu uma hora azarada para aparecer. Não podia ser pior.

— Por que o amigo Fadu diz uma coisa dessas? Ficou de mal comigo?

— Quem melhor sabe o porquê é tu que viu os cabras, pois não viu? Tão vindo pra atacar Tocaia Grande, tu não sabe?

— E eu já faltei alguma vez? Se faltei, pode dizer. Quem tava aqui quando Manuelzinho, Chico Serra e Janjão desvastaram tudo? E na enchente, quem saiu à procura de seu Cícero Moura e de Ção, coitadinha dela? E na febre, quem foi buscar remédio? Não sou de me gabar, amigo Fadu, menos ainda de fugir na hora do pega pra capar. Pergunte ao Capitão, que ele me conhece não é de hoje.

Pousou o copo no balcão sebento, coçou a gaforinha:

— Que é que o amigo me diz da gente comer uma lasca de jabá pra quebrar o jejum? Saco vazio não fica em pé e nós precisa forrar a pança antes que comece o tempo quente. — Entregava a harmônica ao turco: — Guarde a sanfona por favor que é pra nós festejar depois.

15

Comprovaram a exatidão das notícias fornecidas por Pedro Cigano, coincidiam com o escrito da professora Antônia, mandado em mão própria, por um seu aluno, o capeta Lazinho, filho de Lourenço, chefe da estação. Acostumado a levar cartas e telegramas ao coronel Boaventura Andrade, na Fazenda da Atalaia, o moleque, montado num burro em pêlo, precedera os jagunços, possibilitando a tomada de providências. Providências urgentes e nem sempre fáceis.

Não fora fácil convencer o negro Espiridião a ir para a Fazenda Boa Vista, mas ele decidiu-se a fazê-lo por amizade a Natário: foi, a rogo do companheiro de tantos anos e de tantas tropelias, guardar-lhe a mulher e os filhos para que o amigo pudesse comandar com mais tranquilidade a defesa de Tocaia Grande. Quando o Capitão lhe falara no assunto, o negro por pouco se melindra:

— Pra roça? Ocê tá me desconhecendo, Natário? Sair daqui, logo agora? Virar um velho frouxo? Nanja eu.

— E tem no mundo quem possa achar que tu é frouxo? — Espantou-se tanto o Capitão que até se pôs a rir, coisa que só de raro em raro acontecia: — Tire isso da cabeça e me ouça, por favor. — Colocou a mão no ombro do negro num gesto afetuoso, para melhor o convencer: — Por que tu veio praqui? Tu não veio por causa de Tocaia Grande, veio pra me ajudar porque nós é como se fosse irmãos. Tou mentindo?

— Tu tá falando a verdade.

— Pois entonces. Tu me ajuda mais se for ficar com Zilda e os meninos, não tem ninguém de confiança pra acudir se for preciso. O que não falta é cabra malvado por aí.

Natário não deu tempo a Espiridião para refletir: — Se aparecer algum cabra rondando por lá, primeiro meta bala, depois mande Peba vim me avisar.

Com a mão sempre pousada no ombro do negro, confiou-lhe sua

provação: — Bem que eu queria que Edu fosse junto, mas ele nem quis ouvir falar. Nunca lhe desobedeci, meu pai, vai ser pela primeira vez, foi o que disse. — Repetia com preocupação e com soberba, contente com a rebeldia do rapaz.

— Tinha de ser, sendo seu filho.

Natário retirou a mão do ombro de Espiridião e, abandonando mais uma vez a reserva costumeira, o prendeu nos braços. Desde a morte de Bernarda, o Capitão parecia outro.

— Diga a Zilda que se guente por lá, não saia da roça por nada deste mundo, faça tento nos meninos e me aguarde.

16

Mais difícil ainda foi convencer a negra Epifânia a partir para a Fazenda Santa Mariana, nas cabeceiras do rio das Cobras, levando Tovo, afilhado de dona Isabel e do coronel Robustiano de Araújo.

Filho de Xangô, o deus da guerra, Tição Abduim tinha um lado de Oxóssi, o caçador, e outro de Oxalá, o pai maior. Epifânia era de Oxum, dona do rio e da faceirice; sendo rainha não aceitava ordens de mortal, qualquer que fosse. Na madrugada, antes do sol raiar sobre os habitantes e os jagunços, o ferrador de burros convocou Ressu para ajudá-los a apresentar o ebó de sangue; sacrificaram quatro galos e destinaram um deles a Iemanjá, dona da cabeça da finada Diva.

Primeiro Iansan montou em seu cavalo, Ressu dançou dança de guerra, partiu para o combate, voltou à frente dos mortos e abriu caminho para o egum no axexé.

O negro estremeceu, cobriu os olhos com as mãos; perseguido, correu de um lado para outro, a boca vermelha de sangue do galo oferecido a Iemanjá. O vento soprou inesperado, a nuvem desceu dos céus e se transformou numa entidade: não era o bom Deus dos maronitas, era a rainha das águas, a senhora do oceano, dona Janaína. Sendo de Oxalá pelo lado direito, o filho de Xangô e de Oxóssi, recebeu Iemanjá, sua mulher. Ela tomou nos braços o menino e o levantou nas mãos. Mostrou-o a todos e, antes de entregá-lo a Oxum, cantou a alegria e a vida.

Ordens do egum, Epifânia outro jeito não teve senão obedecer. Mulher de briga e de convicção, dura na queda, em seus olhos jamais se vira o traço de uma lágrima, nem elevar-se de seus lábios o planger de uma

queixa. Somente nas horas de xodó e de folia, gemia e suspirava: gemidos de júbilo, suspiros de deleite.

Epifânia tentou resistir, não pôde, o egum apontava o caminho da vida com o dedo descarnado. Como já o fizera antes, entregou-lhe o menino, impôs a decisão.

A negra Epifânia partiu chorando, quem a visse não acreditaria. Alma Penada a acompanhou por um bom pedaço de caminho. Depois voltou para junto do amigo que empunhava as armas.

Tição, na despedida, apertara o filho contra o peito: — Diga ao Coronel que faça dele um homem.

17

Por volta das onze horas da manhã, a lei se fez presente na pessoa acanhada e pacata de Irênio Gomes, meirinho da vara criminal no movimentado fórum de Itabuna. Chegou a Tocaia Grande acompanhado por dois soldados da Policia Militar para assim afirmar ou alardear autoridade; impingi-la, se possível. Os soldados armados até os dentes podres, Irênio exibindo no cinto uma pistola ferrugenta, obsoleta.

Sem descer da montaria, ladeado pelos dois recrutas, o oficial de justiça proclamou na praça pública, ou seja no descampado, diante do cruzeiro erigido para a Santa Missão, o édito ditado pelo Doutor Juiz de Direito, e por ele mandado publicar em "A Semana Grapiúna" e apregoar aos quatro ventos.

Ordenava que os cidadãos de Tocaia Grande depusessem as armas e as rendessem à supracitada autoridade, à qual devia entregar-se ao mesmo tempo, pondo-se à disposição da justiça, para responder a processo por crime de morte e comparecer a júri, o indigitado Natário da Fonseca, contra quem fora expedida ordem de prisão.

Tendo terminado o pregão solene, entre mofas e risadas dos assistentes, Irênio Gomes iniciou a retirada. E o fez em paz ou quase, pois o povo reunido para escutar apenas os desarmou, aos três basbaques. Os cidadãos mais exaltados mandaram a lei à merda e o juiz à puta que o pariu.

18

Trocaram-se os primeiros tiros às duas horas da tarde, na casa de farinha, nos limites dos roçados de Zé dos Santos e da velha Vanjé, e os últimos depois da meianoite, nos altos do Outeiro do Capitão: na subida de pedras amontoavam-se os cadáveres como se a guarnição da casa fosse composta por uma data de colhudos. Valiam por um bando mas eram apenas dois, postados atrás do pé de mulungu, desabrochado em flor.

Cerco, ataque e ocupação duraram dez horas e vinte minutos, contados, segundo a segundo, no patacão de níquel do nervoso sargento Orígenes. Entre as três e as quatro horas, ou seja, entre o massacre dos sergipanos e a segunda investida, comandada pelo cabo Chico Roncolho, aconteceu uma trégua. Aproveitada pelos atacantes para completar o cerco e pelos moradores para sepultar seus mortos em covas abertas às pressas, as últimas individuais. Depois já não houve tempo para enterrar ninguém e a fossa na qual, no dia seguinte, atiraram de roldão, indiscriminados, os corpos dos caídos, das duas facções, foi cavada pelos adventícios.

No recrutamento de jagunços, em Itabuna, os beleguins prometeram pândega descomunal, esbórnia sem comparação, butim ilimitado na grande festa comemorativa da vitória. Na falta de putas, a função reduziu-se à comilança e à cachaçada, e de que vale comer e beber sem a animação das raparigas? Somente elas são capazes de apaziguar o coração e remontar o ânimo sujeito às vicissitudes dos combates, o trio do medo apunhalando os quibas, afrouxando a rola. Além disso, apenas o rico saque do armazém; nas residências particulares, bem pouca coisa de valor obtiveram. Os que abandonaram Tocaia Grande antes e durante o ataque levaram consigo o máximo de pertences, autênticos burros de tropa, sobrecarregados. Ainda bem que a máquina de costura de dona Natalina era de mão e não de pé, pois ela a conduziu sobre a cabeça. Dona Valentina e Jucá Neves suaram e arrenegaram, transportando enormes trouxas nas quais salvavam roupas e objetos de cama e mesa da Pensão Central.

Não vale a pena perder tempo falando dos que, por covardia ou avarícia, abandonaram o arraial recusando-se a pegar em armas. Deve-se dizer contudo que nem o Capitão nem Fadul e Castor, seus lugar-tenentes, forçaram a decisão de quem quer que fosse. Nada mais arriscado do que comandar medrosos, quem melhor sabia era Natário.

Os que fugiram, salvaram a vida e alguns teréns, perderam tudo o mais, inclusive o respeito próprio e a consideração alheia, como se, ao desertar dos parentes e vizinhos, adquirissem, no semblante e na alma, as marcas da bexiga negra ou contraíssem lepra. Assim sucede.

Não se inclui nessa cáfila de frouxos aqueles que partiram para cumprir missão ou acompanhar feridos e crianças. Zinho, além de amparar Lupiscínio, seu pai, ferido com gravidade ao fim da tarde, levava o encargo de espalhar a notícia da morte de Natário com o objetivo de afrouxar a vigilância do inimigo, conforme lhe confiara o mesmo Capitão. Jãozé, com o braço na tipóia e o ombro em frangalhos, conduzira em direção às cabeceiras do rio das Cobras uma caravana de mulheres prenhas ou paridas e a filharada. Deixava no cemitério de Tocaia Grande a mãe, os três irmãos, a cunhada e uma das filhas, afora o compadre José dos Santos.

Zinho, Lupiscínio, Jãozé e os demais feridos: Elói, Balbino, Zé Luiz e Ressu figuram assim na lista dos valentes a ser proclamada em alto e bom som para que sejam recordados se para tanto houver ocasião, ensejo e empenho, duvidosa hipótese. Mesmo porque, uma vez ao menos, Durvalino acertara em seus presságios, os que não morreram, sofreram ferimentos: Zé Luiz ficou aleijado de uma perna, um jagunço arrancou um olho de Ressu com o punhal.

Em honra a seu correto raciocínio, abre-se a relação dos destemidos com o nome do popular caixeiro Durvalino Leva-eTraz, inscrevendo-se a seguir, no atropelo da peleja, os.de Lupiscínio, Zinho, Balbino, Guido, o oleiro Zé Luiz, o tamanqueiro Elói, Pedro Cigano, Zé dos Santos, Jãozé, Agnaldo, Aurélio e

Dodô Peroba, que pusera em liberdade os pássaros ensinados. Treze viventes pouco afeitos a armas de fogo e a sarilhos, à exceção do sanfoneiro que já vira de um tudo e já correra de muitos tiroteios.

A eles se juntaram, a partir de certo momento, os estancianos Vavá e Amando que, ao contrário dos demais membros da família, não abriram o chambre, não picaram a mula. O clã se reunira, após a visita do Capitão, e decidiu manter-se à margem do conflito pelo menos enquanto não fossem atacados: o problema da posse da terra e das condições da lavoura discutiriam mais adiante. Sia Leocádia concordara a duras penas, se mordendo por dentro. Diante do sucedido com a gente de Vanjé, os estancianos se dividiram, a maioria arribou, indo se refugiar em fazendas das cercanias.

Sob as ordens de Castor Abduim, de Fadul Abdala e do capitão Natário da Fonseca, somariam dezoito ao todo, mas seria injustiça sem nome e sem medida não contar as mulheres entre os colhudos só por lhes faltarem os ovos. Os ovos, não a valentia: em intrepidez ninguém se comparava com Jacinta Coroca. Além dela, ali deixaram a vida sia Vanjé, a nora Lia, Paulinha Marisca, uma revelação, e sia Leocádia. Cega de um olho, um

lanho na cara, Ressu perdeu as feições de querubim, ficou parecendo uma visagem.

Ainda mais injusto seria esquecer Edu e Nando, devido à pouca idade. Nando chegara a Tocaia Grande menino de onze anos, crescera num adolescente femeeiro, dodói das putas; morrera junto aos seus. Por igual, Mirinho, filho de Tarcísio, neto de sia Leocádia, que, à revelia dos pais e dos tios, veio colocar a esperteza dos irrequietos doze anos à disposição de Natário, tendo sido de real utilidade para espionar os movimentos do inimigo. Capturado numa dessas idas e vindas, mataram-no a sangue-frio, arrancando-lhe as tripas. Edu caiu combatendo ao lado de Fadul: herdara do pai o desassombro e a pontaria.

O balanço final daquelas dez horas de tiroteio, de tocaias e de corpo-a-corpo, de paus-de-fogo e de armas brancas, acusou um total de quarenta e oito mortos, sendo vinte e dois habitantes de Tocaia Grande entre velhos, jovens e crianças, e vinte e seis assaltantes, entre os quais o cabo Chico Roncolho e o facinoroso Benaia Cova Rasa. Nem nos tempos das lutas entre Basílio de Oliveira e os Badarós sucedera tamanho morticínio em tão curto espaço de tempo.

19

De nada adiantaria fazer acusações, assinalar responsabilidades, incriminar esse ou aquele, de qualquer maneira houvessem decorrido os fatos, a desproporção das forças conduziria fatalmente à ocupação final de Tocaia Grande.

O contingente da Polícia Militar, oito homens efetivos e mais de vinte recrutados para garantir e legitimar a operação, sob o comando do cabo Chico Roncolho e do sargento Orígenes, somente efetuou o grande ataque derradeiro depois da notícia da morte de Natário, quando as forças do Capitão estavam reduzidas a seis homens válidos e a uma mulher: Coroca, puta, parteira e lugar-tenente em substituição a Fadul e a Castor, caídos ambos em combate. Os afrontamentos anteriores deveram-se aos jagunços sem uniforme — que tantas túnicas militares não possuía o destacamento —, outros vinte pelo menos: quantos foram encontrados vagando nos caminhos, provocando desordens nos lugarejos, ameaçando deus e o mundo.

A verdade, porém, impossível ocultá-la, manda dizer que o tresloucado

gesto de Agnaldo à aparição dos primeiros capangas determinou a carnificina inicial, marcando a partir daí o caráter cruel da expedição, transformando a luta em matança. Cortando por dentro a capoeira, um grupo de jagunços, chefiados por Felipão Zureta, avançou mais rápido do que os demais e ocupou a casa de farinha. Natário mandou Castor atravessar o pontilhão, à frente de quatro voluntários, Dodô Peroba, Balbino, Zé Luiz e a negra Ressu de Iansan, santa guerreira, com o objetivo de desalojar os invasores ou de, pelo menos, impedi-los de marchar sobre o arraial. Sem esperar que o pelotão se aproximasse, Agnaldo tomou da carabina e se precipitou para a casa de farinha.

Desde os longínquos e humilhantes dias de Sergipe — a expulsão das terras em Maroim, o mourão onde fora amarrado como um boi de abate, os bolos aplicados com a palmatória dos escravos —, Agnaldo sentia a sede da vingança queimar-lhe o peito e a garganta. Bom mesmo teria sido atirar no Senador, mas, à falta dele, os enviados dos outros senhores para manter e renovar a lei iníqua pagariam as culpas.

Adiantou-se atirando com a carabina que, inútil, conduzira ao ombro na travessia dos retirantes. Acertou no arcabouço de um jagunço e em seguida tombou varado de balas, foram os dois primeiros mortos. No passo de Agnaldo, para contê-lo, quem sabe, despenhara-se Lia, sua mulher: recebeu uma descarga à queima-roupa, rolou em cima do corpo do marido. Por detrás dela surgiu Aurélio, na mão a arma que o Capitão lhe dera; não chegou a dispará-la.

Furioso com o ataque imprevisto, Felipão ordenou violenta represália e os cabras a iniciaram se bem não conseguissem completá-la a contento. Não lhes bastando liquidar ou colocar fora de combate Zé dos Santos e Jãozé que estavam armados, mataram a velha Vanjé que acorria aos gritos, o moleque Nando cuja arma era um badogue e uma das gêmeas de Dinorá: mal-equilibrada nos gambitos, a inocente estendia os bracinhos para os clavinoteiros.

Só não acabaram com as duas famílias sergipanas — a de Ambrósio e de José dos Santos — porque o piquete de Castor chegou pelo outro lado e os pegou desprevenidos, pois haviam deixado o refúgio da casa de farinha para matar mais à vontade. Bateram em retirada.

20

Quando o Turco Fadul se viu sozinho, Edu e Durvalino derrubados no

chão, um morto, outro morrendo, sem bala no revólver nem munição no cinto, atirou-se em cima do cabra mais próximo que outro não era senão Benaia Cova Rasa. Com as duas mãos, aquelas mãos disformes com que desapartava barulhos e convencia os mais renitentes, duas tenazes, apertou o pescoço do bandido mas não chegou a estrangulá-lo: recebeu dois tiros dos pistoleiros, um no ombro, outro no pescoço; afrouxou os dedos e arriou. Não o mataram logo: atendendo às ordens de Benaia que, esbaforido e ofegante, respirava com dificuldade, amarraram o gigante e o depositaram no curral onde estavam entrincheirados. Benaia pretendia ocupar-se dele quando a luta arrefecesse.

Por alguns minutos Fadul deixou-se ficar imóvel, juntando forças. Sangrava no pescoço e no ombro mas conseguiu encher o peito de ar e, inflando o tórax, rompeu as cordas de prender bois com que o haviam atado. Num impulso rápido, apossou-se do revólver de um dos cabras e começou a atirar. Mandou dois para o inferno e mais não fez porque Benaia descarregou-lhe no corpo seis balaços. Não podendo acabá-lo a faca, devagarinho, como planejara, Cova Rasa esbravejou, ludibriados e enfurecido.

Assim morreu Fadul Abdala, o Grão-Turco, o Turco Fadul, seu Fadu dos alugados e tropeiros, mascate de extensa tradição, bodegueiro, cidadão insigne do arraial, celebrado pelo tamanho da estrovenga, respeitado pela força bruta, bem-visto pela afabilidade no trato, querido pela natureza franca e solidária: não fora ele quem decretara, em priscas eras, que, em Tocaia Grande, eram todos por um e um por todos.

Nas calendas, fizera um pacto com o bom Deus dos maronitas que ali o trouxera pela mão. Cumpriu sua parte até o fim, apesar de todos os pesares, e na hora de morrer, cobrou do Senhor o desamparo. Numa névoa viu passar diante dos olhos turvos a figura de Zezinha do Butiá, acenando um lenço de ramagens da porta do vagão. Abria a boca mas em lugar de balbuciar uma palavra terna, gritava o grito de Siroca quando ele a descabaçara. Tendo tantas criaturas lindas em quem pensar, foi na moleca que pensou quando rendeu o corpo a Deus, ao bom Deus dos maronitas. Bom Deus? Ache quem quiser, indignou-se antes de vomitar a alma: — Um embusteiro sem palavra, um patife, um bom filho da mãe, que faltou ao trato feito, iá-rára-dínak!

21

Depois de tudo passado, quando a lei já se instalara e se fazia cumprir com o necessário rigor, muitas histórias se contavam pelas estradas, pelos caminhos e atalhos da terra grapiúna, a respeito do assalto e da ocupação de Tocaia Grande. Conforme o noticiário dos jornais, o maior e mais violento combate que ocorrera na região desde o fim das lutas pela posse da terra, lutas que, por coincidência, tinham sido encerradas com a memorável tocaia grande, acontecida no mesmo lugar, de onde o nome.

Nas caatingas do sertão, nos prados de Sergipe, os cantadores empunharam as violas e trovaram os acontecimentos medonhosos, rimando vingança com lambança, cupidez com intrepidez, de um lado covardia e malvadeza, do outro valentia e inteireza, a iniquidade esmagando a liberdade.

Se na imprensa da capital, com argumentos em prol e contra cada folha exibia sua verdade, o contrário acontecia na consonância e na versificação dos mestres do cordel: deu-se a condenação unânime do massacre, numa evidente tomada de posição ao lado do povo de Tocaia Grande. Expuseram às claras as causas da razia — a inveja, a avidez de lucro, a imposição da força. Denunciaram heróis proclamados pelas gazeta da situação, marcaram os vencedores com os estigma da maldade e da violência e defenderam a causa dos vencidos. Subversiva atitude de ignorantes, exposta em rimas de indigência. Com faltas de metrificação e de gramática, as trovas correram mundo, chegando a distantes comarcas da Paraíba e de Pernambuco. Foram uma pequenina luz, um bruxuleio de fifós a alumiar a face obscura.

Alguns nomes viram-se amaldiçoados, outros exaltados nos rimances populares. Os versos falavam de injustiça e intolerância, de hipocrisia e aleive, de sangue e morte, mas também se referiam à beleza e à alegria. A homens de coração leal, que haviam erguido sua casa e plantado uma roça de feijão:

A casa do Capitão
Feita com amor e fé
O roçado de feijão
Da velha sia Vanjé

A "História Verdadeira do Capitão Natário da Fonseca", de autoria de Filomeno das Rosas Alencar, parente pobre dos eruditos Alencar dos estudos folclóricos, descrevia os feitos de Natário. Nem todos seriam verdadeiros como anunciava o autor da narrativa, mas mesmo os inventados estavam na medida do desassombro e da decência do curiboca:

Era um bravo capitão
Era um fero comandante
Pras mulheres, bom amante,
Pros inimigos, a maldição.

Contava como durante o cerco o Capitão era visto em todos os recantos de Tocaia Grande, comandando e combatendo.

Somente ele liquidara uma data de facínoras e, dado por morto, prosseguira derrubando cabras a locé. Com a bala derradeira, na pontaria justa, cobrara ao infiel o preço fatal da traição:

Acertou no tampo da cabeça
Os miolos espalhando pelo chão.

Dudu Matias, violeiro de Amargosa, dedicara inspiração e redondilhas a Pedro Cigano e a Dodô Peroba, "dois menestréis da vida". Relatou com competência a chegada do "rei dos sanfoneiros e do imperador dos passarinhos" ao Paraíso onde, para atender à corte celestial, logo Pedro Cigano

Organizou influído dançarás
E Jesus dançou com Madalena

enquanto Dodô Peroba retirou do peito roto pelos clavinotes pássaro sofre e o ofereceu de presente ao Padre Eterno

Para consolar o Deus Menino E abrandar
a eternidade.

Todos os violeiros, sem exceção, falaram de Fadul, de sua força de gigante, da potência e do tamanho "da rola maior que a enorme palma da mão, menor que o imenso coração", e recordaram Coroca, "abençoada aparadeira de meninos, xibiu de chupeta, quanto mais velha mais gostosa, na briga valera por dois homens, quiçá por três".

Jesus da Mata, natural de Feira de Santana, incomparável no improviso, tangendo a viola na boca do sertão, espalhou dos canaviais do Recôncavo aos cacauais do sul o "ABC de Castor Abduim, dito Tição", em cujas estrofes de pé-quebrado, em seis e sete sílabas rimadas, traçou a saga do negro, personagem de mil amores e incontáveis peripécias.

...Na francesia era um retado
De mucamas e madamas o queridinho
Comeu o bom e o melhor bocado
Dançou quadrilha, xote e miudinho

No exagero próprio dos poetas, afiançou que o negro "baixou o braço em conde e em barão, botou chifres na lordeza e na prelazia". Referiu-se com emoção à morte do ferreiro no tiroteio do pontilhão:

Pelas costas fuzilado
Caiu sem vida negro Tição
O mais grande feiticeiro O mais destro
ferreiro
De toda aquela região.
Morreu na mesma ocasião Alma Penada seu
cão de estimação.

Dudu Matias informava sobre a repercussão universal da morte de Castor:

Foi grande a choradeira
Na corte da França e na Bahia
Pois o capeta não fazia distinção
Comia branca e negra ele comia
Com a maior satisfação Todas elas lhe
servia
Pra acabar com a solidão.

Os versos mencionavam raios e trovões na hora última do negro Castor Abduim da Assunção, adolescente Príncipe de Ébano vadiando no leito da baronesa e da mucama, ferrador de burros, artífice de jóias de latão, filho de Xangô, com um lado de Oxóssi e outro de Oxalá, xodó de Oxum, chamego de Iemanjá. No fulgor dos raios, no ronco do trovão, raios e trovões dos bacamartes, subiram aos céus negro Tição e seu cão Alma Penada que ninguém sabia de onde viera: uma dádiva de Exu, não havia outra explicação.

Subiram aos céus numa labareda e lá podem ser vistos até hoje por negras, mulatas, caboclas, brancas e fidalgas, no rastro da lua, no campo

das estrelas, sobrevoando os canaviais de Santo Amaro e o rio das Cobras, na capitania de São Jorge dos Ilhéus.

22

Quanto aos referidos jornais da Capital, travaram ruidosa polêmica, incruenta porém furibunda: ficou nos anais da imprensa baiana devido aos fulgurantes talentos que dela participaram, plêiade de águias!

No único jornal da oposição, vibrantes plumitivos botaram a boca no mundo, em artigos, sueltos e a pedidos, que respingavam, todos eles, indignação, vergonha e sangue, falando na volta dos tempos ignominiosos quando o sul do Estado era terra de criminosos desnaturados, monstros desalmados, bandidos sem lei. Os três diários governistas, não menos veementes, retrucaram afirmando que, muito ao contrário, o que se dera fora a imposição da ordem e da lei em remanescente valhacouto de bandidos, réus confessos e condenados, trânsfugas fugidos da polícia. Simples, rotineira operação de limpeza que viera pôr termo aos últimos resíduos de uma era de infâmia e barbárie.

23

Apesar da insistência das autoridades superiores, apressadas e levianas, o sargento Orígenes esperou, para ditar as ordens, uma boa meia hora após terem cessado os tiros esparsos vindos do cruzeiro e do barracão, sinal que, feridos ou mortos, os obstinados estavam fora de combate.

A prudência do Sargento era-lhe ditada pelas perdas sofridas. Não previra tantas baixas nas fileiras dos jagunços e dos soldados. Dos oito praças efetivos, restavam-lhe apenas três, cinco haviam tombado, além do cabo Chico Roncolho. Uns quinze cabras — não contara mas o cálculo devia ser bastante exato — tinham entregue a alma a Deus ou ao Diabo. Os tipos de Tocaia Grande, alguns deles tomando das armas pela primeira vez, comportaram-se como profissionais, venderam caro a vida. Por que demônios o fizeram, o Sargento não sabia, mas, sendo do ramo, antigo jagunço, valorizava a façanha. A sorte tinha sido a morte do capitão Natário da Fonseca. Sem ele, o resto ficara fácil.

Prolongando-se a calmaria, marcada a meia hora no cebolão, Orígenes ordenou ao contingente ainda numeroso, apesar das duras perdas, avançar sobre o barracão, com cuidado, devagar, de armas embaladas.

Nunca é demais estar prevenido contra um louco, em todas as partes eles existem e se exibem.

Tivesse apostado, teria ganho. Estavam se aproximando do cruzeiro quando dos esconsos da noite surgiu uma figura estranha, empunhando e agitando uma espécie de bandeira enquanto, com a mão livre, disparava uma garrucha carcomida: tiros ao léu, por isso mesmo perigosos.

Incontinenti, o Sargento comandou fogo e foi obedecido. A descarga derrubou o solitário atirador; a bandeira revolteou sozinha e veio cair aos pés da cruz. Servira de bandeira mas não passava do estandarte de reisado, encarnado e azul. Quem o conduzira e manejara a garrucha fora sia Leocádia que, em lugar de seguir os parentes na retirada, à espera de ver como seria depois, preferira ficar em Tocaia Grande, arriscando a vida. Idosa de oitenta anos, envergara os trajes da Senhorita Dona Deusa, usados no Dia dos Reis Magos pela neta Aracati, empunhara o estandarte e a garrucha e viera desfilar no descampado. Ali ficaram, crivados de bala, a veneranda e influída estanciana — velha broca, murmurou o Sargento — e o invencível estandarte do reisado.

Os jagunços seguiram em frente e ocuparam o barracão. Com o que, o sargento Orígenes Brito, da Polícia Militar do Estado da Bahia, delegado comissionado de Itabuna, deu por cumprida a missão de guerra e passou a organizar, com os cabras indóceis, a guarda de honra para acolher com as vênias devidas as autoridades do município, a egrégia e garrida comitiva ainda à espera na Baixa dos Sapos. Somente depois da cerimônia do triunfo, o Sargento liberaria seus comandados para o saque e a esbórnia.

24

No deslumbre da lua cheia cravada sobre a terra violada, sobre o rio assassinado, sobre a morte desatada, na hora da meianoite, junto ao pé de mulungu, no alto do Outeiro do Capitão, Jacinta Coroca e Natário da Fonseca, ela com a repetição, ele com o parabelo, na tocaia, usufruíam a beleza da paisagem Lá embaixo, jazia Tocaia Grande ocupada pelos jagunços e pelos cabras da Briosa.

— O melhor de tudo — disse Coroca —, não tem nada que se compare, é aparar menino. Ver aquele peso de carne saído de um bucho de mulher, mexer na mão da gente, vivinho. Até dá vontade de chorar. No primeiro que peguei, caí no choro.

O Capitão deixou transparecer nos lábios o fio do sorriso: — Tu pegou

um bocado de menino. Tu virou uma senhora dona.

— Nós mudou e cresceu com o lugar. Tu também, Natário, não é o mesmo cabra ruim de dantes.

— Possa ser. .

Houve um breve silêncio e, vinda do rio, na noite estival, a viração os envolveu numa carícia morna e espalhou no ar o perfume do jasmineiro. Na voz serena de Coroca, o calor e a brisa:

— Nunca vi ninguém gostar tanto de outra pessoa, mulher gostar tanto de um homem, como Bernarda de vancê. — Ficou pensativa por um instante, prosseguiu: — Acho que isso é o amor de que se fala. Sei como é, conheci mocinha nova. Se chamava Olavo, me comeu os tampos, era fraco do peito, morreu botando sangue pela boca. Me lembro como se fosse hoje

Chegou até eles o tropel da comitiva dos notáveis Vinham da desolação da Baixa dos Sapos: nas choças abandonadas pelas raparigas, os jagunços haviam-se entrincheirado, após liquidar Paulinha Marisca, única que ficara de guarda no puteiro. Aprendera a atirar em Alagoas com os vários pistoleiros da família. Na casa de madeira, nos barracos de adobe, o intendente o Juiz o Promotor, o Mandatário e a álacre companhia, a corte altissonante, se abrigaram, aguardando o momento da entrada triunfal.

Despontaram sob a claridade do luar, uma cavalhada de se ver e bater palmas: gordos, fortes, garbosos, bem vestidos, bem dispostos, traziam a lei para implantá-la. Jacinta.Coroca apoiou a repetição no galho da árvore. O capitão Natário da Fonseca repetiu: — Lugar mais bonito pra viver!

— Não há igual. — Concordou Coroca.

Montando um esplendor de égua, no centro do cortejo tendo de um lado o Intendente, do outro a divina Ludmila Gregorióvna, destacava-se o corpanzil do bacharel Boaventura Andrade Júnior, chefe político, mandachuva. A cara aberta em riso.

Natário firmou a pontaria, visando a testa de Venturinha. Em mais de vinte anos, não errara um tiro. Com sua licença, Coronel.

25

E aqui se interrompe em seus começos a história da cidade de Irisópolis quando ainda era Tocaia Grande, a face obscura. O que aconteceu depois — o progresso, a emancipação, a mudança de nome, a comarca, o município, a igreja, os bangalôs, os palacetes, os paralelepípedos ingleses, o intendente, o vigário, o promotor e o juiz, o fórum e a cadeia, a

loja maçônica, o clube social e o grêmio literário, a face luminosa — não paga a pena contar, não tem graça. Até mais ver.

FIM

Este romance foi escrito de déu em déu:
em São Luís do Maranhão, de maio a junho de 1982, em casa de Jean e Eduardo Lago;
no Estoril, em Portugal, em novembro de 1982, no Hotel Estoríl-Sol;
em ltapuã, na Bahia, de março a novembro de 1983, em casa de Rizia e João Jorge;
em Petrópolis, de abril a setembro de 1984, em casa de Gloria e Alfredo Machado.